



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA

Lisana Rodrigues Trindade Sampaio

**Cantigas satíricas do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*: Edição diplomática e estudo dos verbos em perspectiva lexicográfica**

SALVADOR

2018

Lisana Rodrigues Trindade Sampaio

**Cantigas satíricas do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*: Edição diplomática e estudo dos verbos em perspectiva lexicográfica**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de doutor.

Área de concentração: Linguística Histórica.

Orientador: Prof. Dr. Américo Venâncio Lopes Machado Filho

Coorientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Risonete Batista de Souza

SALVADOR

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA

Lisana Rodrigues Trindade Sampaio

**Cantigas satíricas do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*: Edição diplomática e estudo dos verbos em perspectiva lexicográfica**

Tese para obtenção do grau de doutor em Letras

Salvador, 18 de outubro de 2018

Banca Examinadora:

Américo Venâncio Lopes Machado Filho \_\_\_\_\_  
Doutor em Letras, UFBA  
PPGLinC/Universidade Federal da Bahia (orientador)

Risonete Batista de Souza \_\_\_\_\_  
Doutora em Letras, USP  
PPGLinC/Universidade Federal da Bahia

Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda \_\_\_\_\_  
Doutora em Letras, UFBA  
Universidade Estadual de Feira de Santana

Antônia Vieira dos Santos \_\_\_\_\_  
Doutora em Letras, UFBA  
Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal da Bahia

Sandro Marcio Drumond Alves Marengo \_\_\_\_\_  
Doutor em Estudos Linguísticos, UFMG  
Universidade Federal de Sergipe

Para Minha Vó Glorinha, Mainha, Painho e Lane.

## AGRADECIMENTOS

Como vaticina Guimarães Rosa, *Viver é uma perigosa travessia...* E por ter experimentado ao longo desses anos muitos dos perigos das *veredas* acadêmicas, acredito que a gratidão é um exercício necessário nesse momento em que há algo parecido com a chegada...

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter cuidado de mim todo esse tempo. Por ter orquestrado encontros com pessoas fantásticas e por ter me dado forças para continuar essa composição.

Sou sempre muito grata à minha vó Glorinha, responsável pelo meu hábito de sonhar infinitamente e por ser minha grande encorajadora; à minha mãe, meu exemplo e minha maior fonte de cuidado e afeto; à minha irmã, pela fraternidade que construímos todos os dias e pelo seu amor dedicado que me faz mais forte; ao meu pai, que nunca duvida do meu potencial e sempre me motiva a acreditar que tudo de melhor vai acontecer; e aos meus tios, tias, primos e primas, minha grande e maravilhosa família que me inspira a ser melhor e mais presente.

Agradeço cuidadosamente ao meu orientador que há uma década tem investido em meus voos e apontado todos os nortes possíveis no horizonte da busca pelo conhecimento; à minha coorientadora, que segurou a minha mão todas as vezes que vacilei e achei que iria cair e que, afetuamente, me ensinou sobre não desistir e à Doutora Clarinda Maia que atenciosamente me orientou em muitas questões desde o estágio realizado na Universidade de Coimbra, durante quatro meses, no ano de 2017.

Agradeço com todo o meu coração aos meus amigos, responsáveis pelos “encantamentos” do meu mundo e pela minha insistência em seguir sempre adiante construindo sonhos e histórias, que me aqueceram e me suportaram nos meus dias mais difíceis.

Aos queridos do Nêmesis, Djany, Tchemary, Anie, Luquinhas, Ivanzíssimo, Isa, Ingrid, Goretti, Pompílio, Maria, sou profundamente grata pela motivação, amizade e carinho constantes; à Goretti agradeço também o *Abstract*.

Ricardo, Cris, Hugo, Tiago, Maíra, Ari, dona Nanci foram presenças importantes com as quais sempre pude contar ao longo desse processo.

À CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – pelo importante fomento, em forma de bolsa de estudos, com a qual foi possível a dedicação à pesquisa.

Agradeço sinceramente a todos que participaram desse processo direta ou indiretamente... Espero que possam sentir a minha gratidão.

Nada passa, nada expira  
O passado é  
um rio que dorme  
e a memória uma mentira  
multiforme.

Dorme do rio as águas  
e em meu regaço dormem os dias  
dormem  
dormem as mágoas  
as agonias,  
dormem.

Nada passa, nada expira  
O passado é  
um rio adormecido  
parece morto, mal respira  
acorda-o e saltará  
num alarido.

(AGUALUSA, 2017, p. 12)

## RESUMO

A compilação do lirismo trovadoresco galego-português representa um importante legado posteridade, constituindo um conjunto representativo para a análise linguística, histórica e literária, uma vez que os dados depreendidos dessa documentação podem contribuir para o conhecimento de fases pretéritas da língua portuguesa. De rica bibliografia, os muitos estudos produzidos a partir desses *corpora* têm ratificado sua importância e indicado a necessidade de investigação de alguns aspectos que ainda não foram devidamente explorados, sobretudo no que concerne ao léxico, nível de análise linguística em que as mudanças socioculturais se evidenciam mais clara e imediatamente. Nesse sentido, a presente tese de doutoramento concentra-se em dois objetivos principais: o primeiro consiste na apresentação, à comunidade científica, em geral, e ao público interessado por questões históricas, em particular, de uma edição diplomática das *cantigas satíricas* do Cancioneiro da Biblioteca Nacional (ou Colocci-Brancuti), considerando o notório valor testemunhal dessa cópia quinhentista e vocabulário muito específico patente nas composições desse gênero; o segundo, alicerçado na leitura filológica elaborada, da composição de um glossário das formas verbais, finitas e infinitivas patentes nessas cantigas, produzido a partir dos preceitos da Lexicografia histórica, com vistas a contribuir com o trabalho de reconstrução da trajetória da língua portuguesa no período arcaico, objetivo principal do projeto *Dicionário Etimológico do Português Arcaico* (Projeto DEPARC), de longa duração, em andamento na Universidade Federal da Bahia, a que se filia.

Palavras-chave: Cancioneiro Medieval galego-português, cantigas satíricas, português arcaico, edição diplomática, glossário de verbos.



## ABSTRACT

The Galician-Portuguese troubadour lyricism compilation is an important legacy to posterity, comprising an expressive information set for the linguistic, historical and literary analysis, once the data collected from this documental amalgamation can contribute to the further understanding of the Portuguese language and its past stages. With a rich bibliography, the many studies produced based upon these *corpora* have not only ratified the importance but also indicated the need for an investigation related to some aspects that have not yet been explored appropriately, with an especial emphasis on the lexicon, the linguistic analysis level in which sociocultural changes are more clearly and immediately evidenced. Furthermore, this doctorate thesis focuses itself on two main objectives: the first is related to presenting a diplomatic edition of satirical songs – or *cantigas satíricas* – of the *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* (Colocci-Brancuti) – or the *Biblioteca Nacional's* Songbook – to, in general, the scientific community and, particularly, to the public interested in historical issues, considering the high testimonial value of this sixteenth century document and its very specific vocabulary, evident in this genre's compositions; the second, based on elaborated philological readings, focuses on composing a finite and non-finite verbal forms glossary inherent to these songs, produced upon Historical Lexicography precepts, in order to contribute to the reconstruction of the Portuguese language trajectory during the archaic period, such being the main aim of the *Dicionário Etimológico do Português Arcaico* (DEPARC) – archaic Portuguese etymological dictionary – a long lasting project in course at and affiliated to *Universidade Federal da Bahia*.

Key-words: medieval Portuguese songbook, satirical songs, archaic Portuguese, diplomatic edition, verbal glossary.

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO		16
Capítulo I	A LÍRICA TROVADORESCA GALEGO-PORTUGUESA DE TEMÁTICA PROFANA: CARACTERIZAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	22
Capítulo II	O <i>GALEGO-PORTUGUÊS</i> : DO ROMANCE À LÍNGUA LITERÁRIA	36
Capítulo III	EDIÇÃO DAS CANTIGAS SATÍRICAS GALEGO-PORTUGUESAS	65
	Índice das cantigas	64
	Leitura Diplomática	78
Capítulo IV	GLOSSÁRIO DE FORMAS VERBAIS	
	Métodos e técnicas adotados na elaboração do glossário	332
	Nomenclatura	343
CONSIDERAÇÕES FINAIS		415
REFERÊNCIAS		433

## Lista de figuras

Figura 1 – Excerto do fólio 3rC1	27
Figura 2 – Transcrição do excerto do fólio 3rC1	27
Figura 3 – Excerto do fólio 3rC1	28
Figura 4 – Transcrição do excerto do fólio 3rC1	28
Figura 5 – Excerto do fólio 3rC2	28
Figura 6 – Transcrição do excerto do fólio 3rC2	28
Figura 7 – Excerto do fólio 3rC2	29
Figura 8 – Transcrição do excerto do fólio 3rC2	29
Figura 9 – Excerto do fólio 285rC2	29
Figura 10 – Transcrição do excerto do fólio 285rC2	29
Figura 11 – Excerto do fólio 307rC2	30
Figura 12 – Transcrição do excerto do fólio 307rC2	30
Figura 13 – Diagrama sobre a relação entre a Filologia e Linguística histórica, no sentido <i>lato e stricto</i>	52
Figura 14 – Tipologia das edições	54
Figura 15 – Excerto da cantiga de nº 414, do ms. B	57
Figura 16 – Excerto da cantiga de nº 25, do ms. V	57
Figura 17 – Excerto da Edição	57
Figura 18 – Excerto do fólio 36rC2	58
Figura 19 – Excerto do fólio 44rC1	58
Figura 20 – Excerto do fólio 290rC2	59
Figura 21 – Excerto do fólio 35vC2	60
Figura 22 – Nota de rodapé da edição	60
Figura 23 – Fólio 35v	60
Figura 24 – Excerto do Glossário	417
Figura 25 – Excerto do fólio 36rC1	417
Figura 26 – Excerto da edição da cantiga de nº 143 elaborada por Lopes (2011-)	417
Figura 27 – Excerto do fólio 90rC1	417
Figura 28 – Excerto da edição da cantiga de nº 403 (tenção) elaborada por Lopes (2011-)	417
Figura 29 – Excerto da edição da cantiga de nº 403 (tenção)	418
Figura 30 – Excerto da cantiga de nº 786 do Cancioneiro da Vaticana	418

Figura 31 – Excerto da cantiga de nº 1181 do Cancioneiro da Biblioteca Nacional	419
Figura 32 – Excerto da cantiga de nº 1384	419
Figura 33 – Excerto do fólio F280vC2	420
Figura 34 – Excerto do Glossário	421
Figura 35 – Excerto da cantiga de nº 786 do Cancioneiro da Vaticana	422
Figura 36 – Excerto da cantiga de nº 1181 do Cancioneiro da Biblioteca Nacional	423
Figura 37 – Excerto da cantiga de nº 1384	423
Figura 38 – Excerto do fólio F280vC2	424
Figura 39 – Excerto do Glossário	424
Figura 40 – Excerto da cantiga 613	424
Figura 41 – Transcrição do excerto da cantiga 613	424
Figura 42 – Excerto da cantiga de nº 495	425
Figura 43 – Transcrição do excerto da cantiga de nº 495	425
Figura 44 – Excerto da cantiga de nº 1625	426
Figura 45 – Transcrição do excerto da cantiga de nº 1625	426
Figura 46 – Excerto da cantiga de nº 1181	427
Figura 47 – Transcrição do excerto da cantiga de nº 1181	428
Figura 48 – Excerto da cantiga de nº 461	428
Figura 49 – Transcrição do excerto da cantiga de nº 461	428
Figura 50 – Transcrição do excerto da cantiga de nº 143	428
Figura 51 – Excerto da cantiga de nº 488	429
Figura 52 – Transcrição do excerto da cantiga de nº 488	429
Figura 53 – Excerto da cantiga de nº 143	430
Figura 54 – Transcrição do excerto da cantiga de nº 143	430
Figura 55 – Excerto da cantiga de nº 886	430
Figura 56 – Transcrição do excerto da cantiga de nº 886	430

## **Lista de tabelas e quadros**

Quadro 1: Abreviaturas identificadas no Cancioneiro B

61

## Lista de abreviaturas e siglas

<b>ecles.</b>	Eclesiático
<b>F</b>	Fólio
<b>fem.</b>	Feminino
<b>fr.</b>	Francês
<b>cbnp</b>	cancioneiro da biblioteca nacional
<b>F</b>	Futuro
<b>G</b>	Gerúndio
<b>germ.</b>	Germânico
<b>INF</b>	Infinitivo
<b>it.</b>	Italiano
<b>lat.</b>	Latim
<b>masc.</b>	Masculino
<b>PP</b>	Particípio Passado
<b>pl.</b>	Plural
<b>provç.</b>	Provençal
<b>prov.</b>	Provavelmente
<b>R</b>	Reto
<b>s.</b>	Substantivo
<b>sf.</b>	substantivo feminino
<b>sm.</b>	substantivo masculino
<b>V</b>	Verso
<b>v.</b>	Verbo
<b>vulg.</b>	Vulgar

## OBRAS CONSULTADAS

- <sup>a</sup> – ALVES, Adalberto. *Dicionário de arabismos da língua portuguesa*. Lisboa: INCM, 2013.
- <sup>c</sup> – COROMINAS, Joan. *Breve diccionario de la lengua castellana*. Madrid: Gredos, 1954-1957. 4 v.
- <sup>cl</sup> – Academia das Ciências de Lisboa. *Dicionário da língua portuguesa contemporânea*. Lisboa: Verbo, 2001.
- <sup>cp</sup> – COROMINAS, Joan; PASCUAL, José. *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*. Madrid: Gredos, 1991, 6v.
- <sup>g</sup> – CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- <sup>h</sup> – HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1 ed. Objetiva, 2009.
- <sup>m</sup> – MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa: com a mais antiga documentação escrita conhecida de muitos vocábulos estudados*. 6 ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1990. 5v.
- <sup>mf</sup> – MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. *Dicionário etimológico do português arcaico*. 1. ed. Salvador: Edufba, 2013.
- <sup>mg</sup> – GUÉRIOS, Rosário Mansur. *Dicionário Etimológico de nomes e sobrenomes*. São Paulo: Ave Maria, 1981.
- <sup>om</sup> – OLIVEIRA, Corrêa de; MACHADO, Antônio de Moraes. *Textos portugueses medievais*. Coimbra Editora, 1969.
- <sup>t</sup> – TORMO, Teresa García-Sabell. *Léxico francés nos Cancioneiros galego-portugueses*. 1990.
- <sup>v</sup> – VASCONCELOS, Carolina Michäelis de. Glossário do Cancioneiro da Ajuda, *Revista Lusitana* 23, 1992.

## INTRODUÇÃO

Escuto os alicerces que o passado  
tingiu de incêndio: a voz dessas ruínas  
de muros de ouro em fogo evaporado

...  
(MEIRELES, 1989, p. 163).

Como no cenário do fragmento poético ceciliano, os alicerces da história têm sido percebidos pelos homens do presente a partir de ruínas que, malgrado a ação do tempo, insistem em não se evaporar. São como vozes – “estruturando-se como o frio no fundo de um poço” (MEIRELES, 1989, p. 69) – que teimam por remanescer na frágil laje em que a escrita serviu de muro. Seria dizer que as fontes remanescentes documentais, embora fragmentárias, são as únicas testemunhas de que se possa servir o olhar atento e, muitas vezes, obstinado de linguistas e filólogos, para que o passado se evidencie na recomposição da memória.

A investigação linguística em perspectiva histórica tem como intuito reconstituir a trajetória da língua e tem ocupado um lugar proeminente entre os estudiosos que se interessam pela constituição do português. Tal empresa tem contribuído para o conhecimento das sincronias pretéritas que durante muito tempo estiveram encerradas nos espólios documentais que sobreviveram à ação do tempo e dos homens.

O estudo dessa documentação remanescente tem permitindo acompanhar diferentes processos de mudança nos variegados níveis da análise linguística, dentre os quais o léxico – por ser considerado este “o subsistema da língua mais dinâmico” (VILELA, 1994, p. 14) – “nele que se refletem mais clara e imediatamente todas as mudanças ou inovações políticas, econômicas, sociais, culturais ou científicas” (VILELA, 1994, p. 14).

Condicionada ao *corpus* subsistente de períodos pretéritos da língua, a investigação dos processos de mudança, sobretudo aquela que se concentra no mais distante espectro temporal da Idade Média portuguesa, impõe limitações, ao investigador, em razão do desconhecimento pleno das condições de produção dos materiais sobreviventes, que podem, muitas vezes, apenas ser recuperados por inferências e por, notadamente, restarem de um contexto em que uma mínima parcela da sociedade tinha acesso à leitura e à escrita.



É importante registrar que, na língua portuguesa, antes do século XVI, "ainda não se explicitara a norma, os padrões de uso prestigiado, estabelecidos pelos gramáticos" (MATTOS E SILVA, 2006, p. 17), o que explica o inaudito grau de variação encerrado nos códices dessa época.

Partindo da elaboração de edições com garantias do rigor filológico, construídas com o intuito de desenvolver um trabalho lexicográfico em perspectiva histórica, perscrutar o léxico da documentação literária e não literária do período arcaico da língua tem sido – não obstante as dificuldades práticas antes apontadas – uma tarefa que tem, atualmente, despertado o interesse de muitos pesquisadores da língua e que vem contribuindo significativamente para a reinterpretação da história.

Considerando a documentação literária, mormente o *corpus* medieval poético do período arcaico da língua portuguesa, a produção trovadoresca, composta pelos três cancioneiros galego-portugueses – *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* (Colocci-Brancuti), *Cancioneiro da Vaticana* e o *Cancioneiro da Ajuda* – e pelos códices das *Cantigas de Santa Maria*, constitui um conjunto representativo que tem muito servido para análises literárias, fonético-fonológicas, mas, ao que se sabe, pouco para investigações acerca do comportamento morfossintático e semântico daquela língua poética.

Dentre esses, o *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* possui o maior número de composições e, por conseguinte, registra mais de 150 nomes de trovadores e cantigas, além da fragmentária *Arte de Trovar*, inexistentes nos outros cancioneiros, e fornece ainda muitos elementos extratextuais que contribuem para a recomposição do cenário de recolha e compreensão do processo de construção.

Assim, por ser considerado o mais importante dos três principais códices da lírica galego-portuguesa e pelo seu vocabulário muito específico e valor testemunhal, o *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, também conhecido como Colocci-Brancuti, apresenta-se como um conjunto concreto muito profícuo para o projeto de observação e registro das formas verbais do português no período arcaico.

É consabido que toda produção trovadoresca apresenta, fundamentalmente, três gêneros canônicos: *as cantigas de amor*, *as cantigas de amigo* e *as cantigas satíricas*, classificadas como *cantigas de escárnio e maldizer*.

O olhar atento a esses três gêneros permitiu a inferência de que, especialmente em relação às *cantigas satíricas*, sobretudo no que concerne às estruturas verbais, exibem nesse espólio documental um comportamento deveras singular, seja no plano morfológico, seja no plano semântico.

Machado Filho, em vários trabalhos, já havia alertado para a necessidade de inventariação do comportamento gramatical dos verbos no português, chegando a afirmar que essas unidades da língua demonstram “um comportamento flexional bastante prolífico e produtivo na história da escrita” (MACHADO FILHO, 2012, p. 382), apresentando-se como uma importante fonte para a ampliação do conhecimento do processo de constituição histórica da língua portuguesa.

O seu *Dicionário etimológico do português arcaico* (2013) é prova disso, já que resgata formatos morfológicos e valores semânticos bastante prolíficos nesse período da língua, conquanto muito inusitados para os padrões de uso hodiernos.

Sua posição comprova-se, por exemplo, em textos mesmo do século XV, quando a língua já caminhava para uma configuração que viria a representar o português moderno. No *Livro dos Usos da Ordem de Cister*, desse período, editado por Sampaio, em 2013, existem fartos exemplos disso, como no pequeno fragmento abaixo destacado do fólio 73r da obra:

E des aly. | podem os sangrados. tã bem em tempo de liçõ come de laour./  
**iazar | em seos leitos. ou seer no cabidoo.** e na claustra./ ataa que / entrem ao  
coro. Semelhauilmente. o que steuer fora do coro. nõ | lea nem cante.  
(SAMPAIO, p. 161).

Vê-se claramente que os verbos ‘jazer’ e ‘ser’ para além de apresentarem grafias etimologizantes, conservam seus valores originais de ‘estar deitado’ e ‘estar sentado’, respectivamente, que foram posteriormente alterados para ‘estar morto’ e ‘existir’.

Se se utilizassem esses verbos no Imperfeito do modo Indicativo, em terceira pessoa do discurso, por exemplo, haver-se-ia de constatar que seus formatos deveriam ser nesse momento os de *iazia* e *siia*, sendo este último completamente desconhecido na contemporaneidade, já que foi substituído por *era*, derivado do verbo latino *esse*, como se sabe.

Isso prova a importância de se promoverem trabalhos de pesquisa que se voltem ao levantamento, observação e inventariação dessas unidades lexicais para recomposição da história da língua portuguesa.

Foi isso que a princípio motivou o presente projeto de investigação. Uma leitura prévia a esse material revelou formas verbais finitas e infinitivas tais como **oí, jaz, maer** (B143); **avilastes, gaar** (B1585); **emparar** (B1585); **fal** (B 1636); **avém, baralha** (B1645); **terrei, ementam** (B1650) etc, comprovando seu valor histórico-linguístico para a recomposição do cenário dos verbos em uso no período arcaico do português.

Mas não apenas isso. Para se poder concretizar essa tarefa, com recurso às estratégias metodológicas da Lexicografia contemporânea, haveria a necessidade de se dispor de uma versão digital desse *corpus* com vistas a garantir o perfeito processamento dos dados, o que demandou a necessidade de uma nova edição, a despeito da existência de várias leituras já realizadas como as de Machado e Machado (1949-1964), Mercedes Bréa (1996), Lapa (1965; 1970), Lopes (2011-), Ferreiro (2018-).

Nesse sentido, o presente trabalho busca apresentar, no primeiro capítulo, um panorama geral da lírica trovadoresca, tecendo em notas iniciais, uma base teórica para compreensão do *corpus* investigado.

No segundo capítulo, também em linhas gerais, apresenta-se a trajetória sócio-histórica do galego-português, sublinhando seus usos e variantes que o destacam desde que se estabeleceu como romance peninsular até ser eleito como língua literária.

O terceiro e o quarto são capítulos com cariz metodológico, nos quais são tecidas diretrizes adotadas na elaboração da edição diplomática das cantigas satíricas do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* e na construção do glossário de formas verbais patentes nesse *corpus*.

Ratifica-se neste trabalho que o conhecimento do vocabulário específico do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* é, dado o seu valor testemunhal, uma importante empresa para a investigação da constituição histórica do português; o estudo e a sistematização do léxico em perspectiva histórica devem nortear-se pelos pressupostos da lexicografia histórica

Este estudo representa um contributo para as discussões engendradas no âmbito do ensino de língua portuguesa e da constituição do seu léxico, contribuindo para uma das frentes de investigação do Grupo de Pesquisa Nêmesis, da Universidade Federal da Bahia, ao qual se filia.

# **Capítulo I**

## A LÍRICA TROVADORESCA GALEGO-PORTUGUESA DE TEMÁTICA PROFANA: CARACTERIZAÇÃO DO *CORPUS* DE PESQUISA

Cerradas as cortinas do *espetáculo trovadoresco*<sup>1</sup>, o movimento literário, que emergiu no cenário hispânico na virada dos séculos XII e XIII, tornou-se uma difícil “partitura” para os que se dedicam a perscrutar as fases pretéritas desenroladas no ocidente peninsular, uma vez que somente três testemunhos dessa produção conseguiram atravessar os reveses do tempo e transmitir fragmentos desse episódio da história, o *Cancioneiro da Ajuda*, o *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* e o *Cancioneiro da Vaticana*<sup>23</sup>.

Esse movimento cultural que mais tarde ficou conhecido como *Trovadorismo* foi responsável pela elaboração de uma nova concepção de amor (*a fin’amor*, ou amor cortês), pela inauguração de uma maneira original de fazer poesia, e, sobretudo no século XII, pela produção do que se convencionou denominar *lírica trovadoresca*<sup>4</sup> (TAVANI, 2002, p. 9-10).

Exportada pelos próprios trovadores e jograis provençais fora dos confins geopolíticos da Occitânia, como explica Tavani,

essa lírica serviu de modelo a poetas naturais das diferentes regiões da Europa Central e Ocidental: mas enquanto alguns, por contiguidade geográfica, afinidade de estruturas sociopolíticas e analogias entre as respectivas formas de expressão – como no caso dos «lombardos» da Itália Setentrional e dos catalães – adoptaram, juntamente com os parâmetros temáticos e as estruturas técnicas da nova poesia, também a língua dos «mestres», os outros, todos os outros – os *trouvères* franceses, os *Minnesänger* alemães e os trovadores, segréis e jograis hispânicos – tiveram que adaptar o modelo aos hábitos, às exigências e às tradições culturais das sociedades às quais pertenciam (TAVANI, 2002, p. 10).

A inspiração provençal em simbiose com a tradição e língua locais culminou no desenvolvimento de uma lírica muito peculiar para os públicos periféricos. No noroeste

---

<sup>1</sup>Título da obra de Oliveira (1994) (Cf. Referências).

<sup>2</sup>Além desses três cancionários, há também o *Pergaminho Vindel* – descoberto no século XX –, o *Pergaminho Sharer* – descoberto nos inícios dos anos 90 (Cf. Oliveira, 1995) e o *Cancioneiro de Bancroft Library*, “conhecido, no século XIX, como o *Cancioneiro de um Grande d’Hespanha*, que é uma cópia lacunosa do *Cancioneiro da Vaticana*” (BATISTA, 2012, p. 569).

<sup>3</sup>Note-se que o cancionário mariano não é considerado no *corpus* da lírica galego-portuguesa, pois adota-se aqui a posição defendida por Tavani (1986) e Lindeza Diogo (1998) de que “as *Cantigas de Santa Maria* integram outras tradições”.

da Península Ibérica, a lírica galego-portuguesa, produzida nas cortes senhoriais e régias, foi transmitida aos dias atuais por mais de mil e seiscentos textos contidos nos cancioneiros remanescentes (LINDEZA DIOGO, 1998, p. 11).

Concebida originalmente em fólhos individuais por cantiga, essa lírica cortês peninsular era executada para as cortes reais, as quais tiveram notável importância no seu acolhimento e difusão, e para as cortes senhoriais, principais responsáveis pela sua implantação na Península. Conforme esclarece Vieira:

O movimento, representado inicialmente por composições de alguns grandes senhores, teria sido em seguida assimilado e desenvolvido por membros da pequena nobreza, vassallos na corte de algum magnata, o qual exerceria também o papel de mecenas daquela incipiente tendência artística (VIEIRA, 1999, p. 9).

Note-se que a questão da difusão da poética medieval

que é de alguma *praxis* vital de uma classe localizada, pode circunscrever-se entre a socialização e a sociabilidade, a que se subordinam temas e gêneros situáveis no amplo espectro que vai da «idealização erótica» ao «realismo» (LINDEZA DIOGO, 1998, p. 11).

A produção era musicada e classificada em gêneros definidos como *cantigas de amor*, *cantigas de amigo*, *cantigas de escárnio e mal dizer*, *prantos*, *sirventeses*, *tenções* etc. pelos seus próprios agentes que são designados uns por trovadores outros por jograis. A distinção, segundo Lindeza Diogo,

traduz de raiz uma distinção de classe, que por sua vez se traduziu numa distinção do labor artístico: o trovador é nobre e compõe, o jogral não o é e executa. Tal classificação, nobreza à parte, seria posta em causa, e esbater-se-ia mesmo, no decurso da evolução da lírica galego-portuguesa, ou, mais precisamente, em pontos específicos desta (LINDEZA DIOGO, 1998, p. 11).

Entre as cortes régias de Leão, Castela, Portugal e de algumas casas senhoriais de outras regiões, um conjunto vasto e diversificado de *trovadores* produziram essa arte. Além de exercer o papel de incentivadores e protetores desses poetas, homens de poder, como o rei Afonso X e o seu neto D. Dinis, foram, muitas vezes, exponenciais autores de

---

<sup>4</sup>Para um amplo conhecimento dos produtos literários que costumam ser designados como lírica trovadoresca ver Tavani (2002).

cantigas. Nesse cenário, Oliveira (1995, p. 36-61) inclui outras figuras, a exemplo do *segrel* e da *soldadeira*, como agentes dessa manifestação cultural<sup>5</sup>.

Segundo o autor, normalmente, o também expressivo conjunto de *jograis* oriundo de classes menos prestigiadas, ocupava as funções de autores, músicos e instrumentistas, retirando dessa atividade além de reconhecimento, o rendimento econômico. De origem nobre, mas com poucos recursos, o *segrel* também utilizava suas aptidões poéticas e musicais como meio de subsistência (OLIVEIRA, 1995, p. 36).

A figura da *soldadeira*, por sua vez, dificilmente pode ser definida com clareza, visto que os círculos cortesãos peninsulares empregaram esse termo que tanto poderia se referir ao personagem feminino que acompanhava o jogral e o trovador e que integrava esse espetáculo através do canto, da dança ou do acompanhamento instrumental e que vivia do seu salário, quanto à meretriz, questão que se acentua com a ausência de informações sobre as qualidades artísticas da mulher (OLIVEIRA, 1995, p. 55).

Com efeito, essa “diferenciação social do meio trovadoresco deixou marcas profundas, não somente no plano da terminologia, mas também nas próprias composições, particularmente, nas cantigas de escárnio e maldizer, e também na sua tradição manuscrita” (OLIVEIRA, 1995, p. 45, *tradução nossa*)<sup>6</sup>.

Na segunda metade do século XIII, as compilações foram produzidas seguindo normas de organização atentas à condição social dos compositores, o que acabava por evidenciar o que já era visível na imagem que as cantigas de escárnio projetavam sobre a separação entre o trovador e o jogral e, também, sobre a superioridade artística do primeiro, validada pelas maiores exigências da composição perante o canto ou o acompanhamento instrumental, do segundo (OLIVEIRA, 1995, p. 45).

Com o desenvolvimento da história social, nomeadamente no que concerne às investigações desenvolvidas sobre a nobreza medieval peninsular e os esclarecimentos advindos dos dados biográficos de jograis e trovadores, o quadro histórico da atividade trovadoresca tem sido revisto<sup>7</sup>.

---

<sup>5</sup> Para um amplo conhecimento dos agentes culturais do *espetáculo trovadoresco* ver OLIVEIRA (1995).

<sup>6</sup> “a diferenciación social do medio trovadoresco deixou marcas profundas, non soamente no plano da terminoloxía senón tamén nas propias composicións, particularmente nas cantigas de escarnio e de maldicir, e tamén na súa tradición manuscrita” (OLIVEIRA, 1995, p. 45).

<sup>7</sup> Cf. MATTOSO (2000). COMENTAR MAIS UM POUCO!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!



Situam-se, assim, no último quarto do século XII e no primeiro do século seguinte, “os primeiros projetos de adaptação do legado cultural provençal à matriz linguística galego-potuguesa” (OLIVEIRA, 1995, p. 65)<sup>8</sup>.

O registro dessa produção remonta à atividade cultural de D. Pedro Afonso, conde de Barcelos, o qual, ao longo da primeira metade do século XIV, desenvolveu uma vasta tarefa de recolha e organização de textos literários diversos que resultaram na confecção do chamado *Livro de Linhagens do conde D. Pedro*, da *Crónica Geral de Espanha de 1344* e do *Livro das Cantigas*, esta mencionado no seu testamento de 1350, mas, até então, não encontrado.

No entanto, conforme defende Oliveira (1994), a

preservação das cantigas através da escrita surge associada à consciência do provável esquecimento ou desaparecimento das mesmas, caso se mantivessem vinculadas às condições de transmissão da manifestação cultural em que se encontravam inseridas (OLIVEIRA, 1994, p. 13).

Como mencionado, restam apenas três grandes compilações para o conhecimento da canção trovadoresca, os quais são cópias elaboradas em dois diferentes momentos, o primeiro deles, foi copiado no século XIII e representado pelo *Cancioneiro da Ajuda*, e o outro momento pelo *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* e pelo *Cancioneiro da Vaticana*, copiados no início do século XVI, na Itália.

A evidência desse material histórico tem, há muito, derivado diferentes hipóteses acerca das suas origens, conhecidas como teoria arabista, outra que deriva da literatura médio-latina, outra de fonte provençal, como atesta Scholberg (1975, p. 50)<sup>9</sup>.

Assim como a origem dessa rica lírica resta ainda no domínio das especulações, pressupõe-se também que deve ter existido uma poesia galego-portuguesa anterior às composições, que se têm conservado nos códices remanescentes, e a atividade trovadoresca, provavelmente, seguiu florescendo até meados do século XIV (SCHOLBERG, 1975, p. 50).

---

<sup>8</sup> No próximo capítulo sobre o galego-português, os indicadores para o estabelecimento do limite inicial da atividade trovadoresca serão abordados mais atentamente.

<sup>9</sup> Para maior conhecimento do problema das origens cf. Tavani (2002, p. 36-52); Lindeza Diogo (1998); Scholberg (1975).

Gonçalves (1985) resume a *lírica galego-portuguesa* da seguinte forma:

Um grupo de cerca de 1680<sup>10</sup> textos de assunto profano transmitidos por três cancioneiros manuscritos (...), todos eles produzidos numa língua bastante uniforme, o galego-português, num período que vai de finais do século XII à segunda metade do século XIV. Com exceção de alguns que continuam anónimos, os textos dos Cancioneiros profanos são atribuídos a 153 trovadores e jograis: reis, senhores de *alto linhage*, clérigos ou simples filhos do povo que, competindo com a classe nobre, a igualam, muitas vezes, no plano técnico-artístico. A língua poética une, de resto, poetas não apenas galegos ou portugueses, como poderia parecer, mas castelhanos, leoneses ou mesmo extra-peninsulares, que, por «exotismo» ou simpatia profissional, a escolheram para cantar o amor «ou dizer mal de alguém», isto é, para comporem cantigas de amor, cantigas de amigo ou cantigas de escárnio e mal dizer (GONÇALVES, 1985, p. 18-19).

Embora um tanto simplista, uma vez que foi formulada como introdução de uma antologia, a descrição de Gonçalves é razoavelmente ilustrativa para a compreensão geral do cenário trovadoresco.

Ademais, a autora chega a advertir que “a língua uniforme”, a que se referiu acima, não se traduz, efetivamente, nos cancioneiros, em razão dos próprios gêneros das compilações, que se submeteram a copistas que, por vezes, se condicionaram à língua que copiavam, criando, para a história, os problemas de interpretação que, até, hoje persistem.

A repartição por gêneros é uma das “características tipológicas mais imediata e concretamente identificável na poesia lírica galego-portuguesa” (TAVANI, 2002, p. 131). Segundo Tavani, há os gêneros maiores, as *cantigas de amor*, *cantigas de amigo*, *cantigas de escárnio e maldizer* e os gêneros menores, que seriam as *tenções*, *prantos*, *sirventeses* etc.

Para além desses gêneros, o Cancioneiro da Biblioteca Nacional inclui ainda um tratado de poética, comumente, intitulado *Arte de Trovar*<sup>11</sup>, no qual se explicitam os gêneros maiores, dos quais as *cantigas de amor* e *de amigo* são as primeiras, seguidas da distinção entre as *cantigas de escárnio* e *de maldizer*, e das características dos gêneros menores.

Ilustra bem essa questão o excerto a seguir da *Arte de trovar*, com sua respectiva transcrição com vistas à melhor inteligibilidade do texto:

---

<sup>10</sup> Cf. Tavani; D’Heur para conhecimento da questão do número exato de cantigas.

<sup>11</sup>Texto lacunar e pouco preciso que, segundo alguns autores, foi, arbitrariamente, eleito como um fascículo introdutório para o exemplar do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* trabalhado por Colocci (FERRARI, 1979, p. 93).

Figura 1 – Excerto do fólio 3rC1

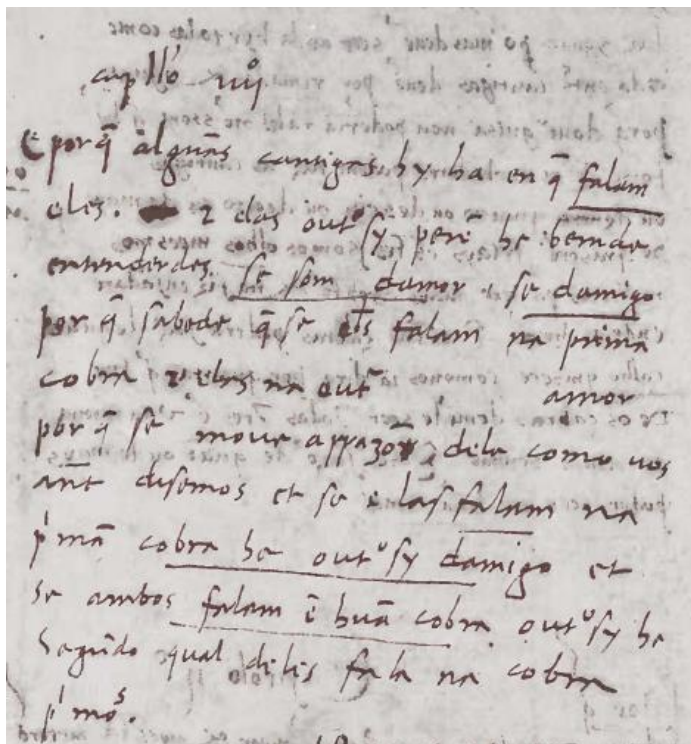


Figura 2 – Transcrição do excerto do fólio 3rC1

Capitulo iiii°  
E porque algumas cantigas hy ha en que falam  
elez e elas outro sy porẽ hi bom do  
enmendardez se som damor so damigo  
por que sabede que se eles falam na prima  
cobra e elas na outra amor  
por que sa maior arrazõ dela como uos  
antes disemos et sa e las falam na  
prima cobra ha outro sy damigo et  
que mã cobra sa outrosy damigo er  
sa ambos falam ẽ hũa cobra outro sy ha  
segũdo qual deles fala na cobra  
primeiros

Note-se que nesse trecho, sublinha-se, nas três primeiras linhas, a interferência da “voz” para a definição das *cantigas de amor* e *de amigo*. Ou seja, é a mediação do que se convencionou chamar de *voz feminina* que irá caracterizar a *cantiga de amigo*, diferentemente da *cantiga de amor*, designada pela *voz masculina* nos primeiros versos.

Nos capítulos seguintes da *Arte de trovar*, apresentam-se as características das *cantigas de escárnio* em contraponto às *cantigas de maldizer*, como reproduzido nos excertos fac-similares e suas respectivas transcrições:

Figura 3 – Excerto do fólio 3rC1

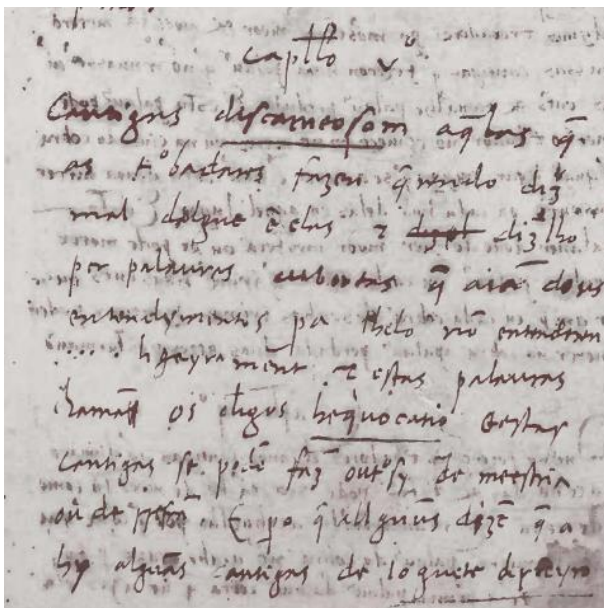


Figura 4 – Transcrição do excerto do fólio 3rC1

capitulo v<sup>o</sup>

Cantigas descarneosom aquelas que / os  
 trobadores fazem querendo dizer / mal dalgue ã  
 elas e dizêlho | por palavras cobertas que aiã dous  
 | entyndimentos pera lhelo nõ entenderen |  
 ligeiramente e estas palauras | chamã os clerigos  
 hequiucatio eestas | cantigas so pode fazer  
 outrosy da maestria | ouver do rrefrã E pero que  
 algũs dizẽ que a | hy algũas cantigas da ioguete  
 darteyro

Figura 5 – Excerto do fólio 3rC2

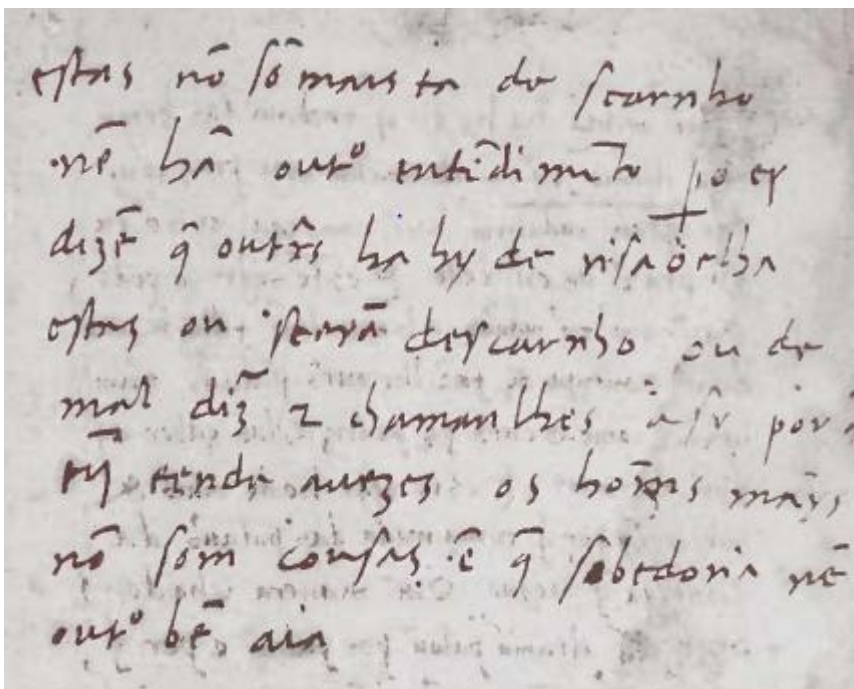


Figura 6 – Transcrição do excerto do fólio 3rC2

Mais nõ sã mais ta do scarnho |  
 nõ hã outro entẽdimẽto pero er |  
 dizẽ que outras ha hy de risabelha |  
 Mas ou seryã descarnho ou de |  
 mal dizer e chaman lhes asy por que / rĩi  
 enda auezes os homẽs mays | nõ  
 som cousas ã que sabedoria nõ |  
 outro bẽ aia

Figura 7 – Excerto do fólio 3rC2

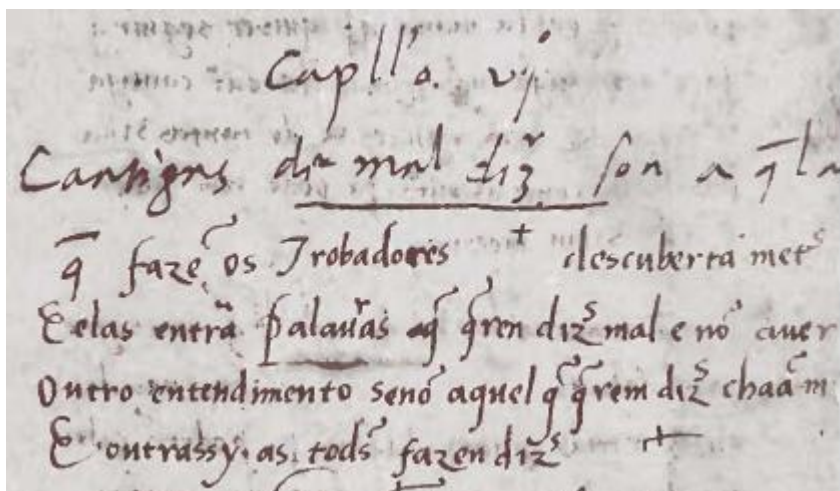


Figura 8 – Transcrição do excerto do fólio 3rC2

Capitulo vi°

Cantigas de mal dizer son aquela | que fazê os Trobadores descuberta metes / E elas entrã palauras aquê queren dizer mal e nõ auer | Outro entendimento senõ aquel que queren dizer chaãmente / E outrassyas todas fazem dizer

As orientações para classificação das *cantigas de escárnio* como «aquelas que os trovadores fazem, querendo dizer mal de alguém», utilizando palavras cobertas no sentido de que haja ambiguidade (denominada pelos «clérigos» de *equivocatio*) e que o entendimento não seja imediato, em contraponto as *cantiga de maldizer* como a cantiga em que o trovador fala mal «descobertamente», garantindo que a ofensa seja compreendida, são categoricamente uma evidência de que esse texto sobre a poética não se constitui como princípio dos cancioneiros profanos.

As rubricas registradas em todo códice B evidenciam que o terceiro gênero canônico era identificado como *cantiga de escárnio e maldizer*, como ilustrado nos excertos a seguir:

Figura 9 – Excerto do fólio 285rC2

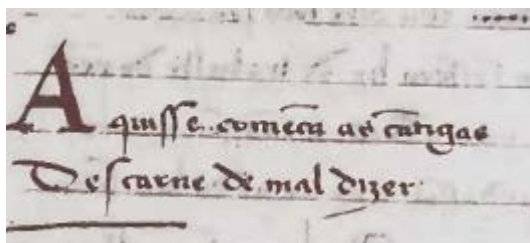


Figura 10 – Transcrição do excerto do fólio 285rC2

Aquisse comêca as cãtigas  
Descarne de mal dizer

Figura 11 – Excerto do fólio 307rC2

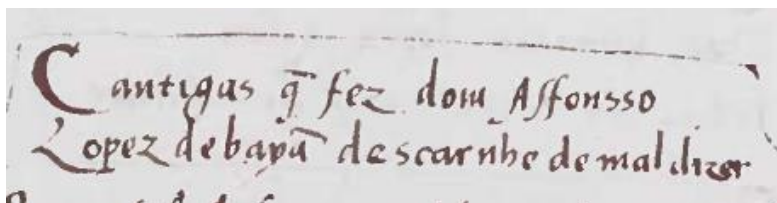


Figura 12 – Transcrição do excerto do fólio 307rC2

Cantigas que fez dom Affonso  
Lopez de bayã de escárnio de maldizer

A imprecisão da adoção da terminologia *escárnio* e *maldizer* torna-se ainda maior se os demais gêneros forem observados mais atentamente.

Como explicam Lanciani e Tavani,

tanto as cantigas de amor como as de amigo sempre se reconhecem como tais em função de um número finito e bem caracterizado de conotadores; por isso, quase sempre é possível (e, na maioria das vezes, bastante cómodo) agrupá-las em conjuntos orgânicos que, embora sejam muito vastos, apresentam-se claramente marcados, mesmo se contrastados por fórmulas bem precisas [...]. Pelo contrário, quando se fala de cantiga de escárnio e maldizer, faz-se uma referência ambígua a um coacervo de textos frequentemente muito diversos entre si, desde o canto a temas e modulações tonais (LANCIANI; TAVANI, 1995, p. 7. *Tradução nossa*)<sup>12</sup>.

Nesse sentido, advoga-se que em lugar dos termos vacilantes *escárnio* e *maldizer*, para os textos que definitivamente não sejam de amor ou de amigo, empregue-se a terminologia *gênero satírico*, a qual englobaria todos os textos que elaborem uma crítica dirigida a alguém, ou movida pelos mais diversos personagens e acontecimentos sociais, com o intuito de provocar a troça, fazer uma denúncia, combater um comportamento.

A anterior adoção terminológica desse gênero que causou, historicamente, uma imprecisão justifica-se, provavelmente, pela insegurança classificatória dos estudiosos desse material, em função ainda das oscilações presentes nessa tradição manuscrita devido a atitudes equivocadas dos compiladores da coleção primitiva. Por essa razão, todas as poesias líricas galego-portuguesas que não são classificáveis dentro do registro

<sup>12</sup>tanto as cantigas de amor como as cantigas de amigo sempre se reconecen como tales en función dun número finito e ben caracterizado de connotadores; por isso resulta case sempre posible (e as mais das veces bastante cómodo) agrupalas en conxuntos orgânicos que, malia seren moi vastos, preséntanse sen embargo claramente marcados, mesmo se diría que contrastados por fórmulas ben precisas (...) Pola contra, cando se fala de cantiga de escárnio e maldicir, faise ambigua referencia a un coacervo de textos con frecuencia moi diversos entre si en canto a temas e modulacións tonais (LANCIANI; TAVANI, 1995, p. 7).

amoroso foram agrupadas sob a etiqueta *escárnio e maldizer* (LANCIANI; TAVANI, 1995, p. 8).

Feitos esses esclarecimentos, selecionaram-se como *corpus* de pesquisa 403 (quatrocentas e três) cantigas, de um total de 1664 (mil seiscentas e sessenta e quatro) cantigas patentes no *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*. Dentre essas selecionadas, 19 (dezenove) foram subclassificadas: 15 (quinze) como *tenção* (142, 144, 403, 465, 969, 1052, 1072, 1181, 1315, 1512, 1550, 1551, 1573, 1615, 1624) e 4 (quatro), como *sirventeses morais* (480, 871, 887, 896) e as restantes 384 (trezentos e oitenta e quatro) consideradas prototipicamente *cantigas satíricas*.

Enquanto a *tenção* pode ser definida como a «cantiga satírica dialogada», na qual dois trovadores disputam, entre estrofes (cobras), uma posição sobre algum tema, o *sirventês moral* é representado pelas composições que refletem aspectos gerais ou particulares do comportamento social, moral, político ou literário.

Como já referido, a escolha pelo gênero satírico apoiou-se, sobretudo, na observação da riqueza lexical desse gênero, representado por mais de um quarto do total das cantigas remanescentes. Assim, o recorte do gênero em um dos cancioneiros fundamenta-se em sua alegada representatividade e completude em comparação com os demais manuscritos.

Ao editar as *cantigas de escárnio e maldizer*, Lapa seleciona, em sua primeira edição, datada de 1965, 428 (quatrocentas e vinte e oito) textos, e na segunda, publicada em 1970, 431 (quatrocentas e trinta e uma), o que evidencia incerteza do autor quanto à classificação de algumas cantigas. O estudioso português assinala, ainda, que “se deixara guiar para a escolha por considerações de largueza” e que “bastava que mostrassem uma ponta de humor, inconformidade ou displicência, para poderem aspirar um lugar em sua coletânea” (LAPA, 1965, p. VII).

As cantigas satíricas, conforme atesta Lapa, em sua edição das *Cantigas D’escarnho e de Mal Dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses* (1965),

não tinham só os olhos postos no ideal; também fitavam as realidades quotidianas, com os olhos de ver; e a argúcia e o engenho que punham na casuística do amor, sabiam emprega-los outrossim na descrição e repreensão dos ridículos e mazelas dos contemporâneos (LAPA, 1965, p. VII).

Considerando, ainda, que “a poesia satírica dos trovadores desconhecia, muitas vezes, o eufemismo e preferia chamar as coisas pelos próprios nomes” (LAPA, 1965, p. VII), por ser peculiar à sátira querer comunicar a troça ou o insulto feito, observou-se que a riqueza lexical dessas cantigas e que a documentação linguística fornecida por esse conjunto da lírica apresentam dados fundamentais para o conhecimento do léxico da época, razão por que se elegeu essa produção para o desenvolvimento do trabalho ora apresentado<sup>13</sup>.

Por ser o *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* (B) o que possui maior número de composições, registra mais nomes de trovadores, contém a fragmentária *Arte de Trovar*, fornece muitos elementos extratextuais que contribuem para a recomposição do cenário de recolha e compreensão do processo de construção, além de apresentar um vocabulário muito específico, confere-se-lhe um notório valor testemunhal que define a opção por investigar essas *cantigas satíricas* patentes no códice referido.

Esse cancionero, talvez por ter sido copiado na Itália, no início do século XVI, tenha apresentado os tipos de problemas que os editores enfrentaram e ainda têm enfrentado na decodificação de muitos vocábulos ou estruturas frasais, uma vez que se tratava de uma língua desconhecida para o copista, que se baseava em um exemplar provavelmente lacunoso, com textos mal conservados.

Inobstante todos os trabalhos que já foram produzidos sobre esse material histórico, que se consubstancia na vasta lista de referências desenvolvidas a partir das composições da lírica profana galego-portuguesa, há de se concordar com Chartier que “gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas e, outras se extinguem.” (CHARTIER, 1999, p. 77), ou seja, com o desenvolvimento das ciências e o refinamento do método, observou-se que havia no campo bibliográfico desses *corpora* outras possibilidades de investigação como a que agora se apresenta.

Partindo de tal premissa e considerando as reflexões desenvolvidas, durante o mestrado, no processo de registro dos itens lexicais patentes no *Livro dos Usos da Ordem de Cister, de 1415*<sup>14</sup>, o que representou uma modesta contribuição à primeira fase do

---

<sup>13</sup> Para um amplo conhecimento das cantigas satíricas conferir Lanciani e Tavani (1995).

<sup>14</sup> Dissertação de mestrado disponível no endereço: [http://www.usp.br/nehilp/arquivosdonehilp/NEHiLP\\_7.pdf](http://www.usp.br/nehilp/arquivosdonehilp/NEHiLP_7.pdf), acesso em 25/05/2016.



projeto DEPARC – *Dicionário Etimológico do Português Arcaico*, cuja primeira publicação data de 2013, constatou-se que havia uma demanda específica de investigação da documentação poética do português arcaico.

Notou-se, assim, que não havia uma edição desse material que pudesse ser processada nos programas informatizados, os quais, significativamente, têm contribuído para a precisão nas análises linguísticas. Verificou-se também que, embora algumas leituras até então realizadas fossem acompanhadas por glosas, não existia glossários temáticos, devidamente sistematizados sob a ótica da Lexicografia histórica.

No decorrer da construção do trabalho de pesquisa prévio, de cariz lexicográfico, elaborado a partir da edição do manuscrito cisterciense, antes referido, a análise de itens de algumas categorias lexicais, notadamente dos verbos, sobretudo a identificação de formas finitas verbais que seriam irreconhecíveis hoje por falantes do português, despertou o interesse no conhecimento mais aprofundado do comportamento desses vocábulos em períodos recuados na história da língua.

Serve de excelente exemplo disso o produtivíssimo verbo de ligação *ser* que, no português arcaico, ainda exibia o hiato etimológico *seer*. Como se sabe, o padrão conjugacional desse verbo funda-se por originar-se de dois verbos distintos do latim clássico, os verbos *sēdēre* ('estar sentado') e *esse* ('ser'), que confluíram em apenas um verbo na passagem do latim para o português. Formas variantes finitas como *fuy* e *sivi*, para a primeira pessoa do Presente do Indicativo, disputam a preferência de uso dos falantes da época, da mesma forma que *era* e *sia*, do Imperfeito do Indicativo; ou mesmo *fosse* e *sevesse*, do Imperfeito do Subjuntivo (Cf. MACHADO FILHO, 2013).

Os exemplos acima arrolados indicam a necessidade de se melhor investigar a morfologia flexional dos verbos no período arcaico, para que a poesia – por se tratar de um espaço linguístico em que a busca por recursos estilísticos manifesta-se ainda com maior intensidade – poderia oferecer-se como excelente *corpus* de manifestação do inusitado.

Arquitetou-se, pois, o interesse de propor uma investigação que objetivasse elaborar uma edição das cantigas satíricas de um dos cancioneiros medievais portugueses, para além da construção de um glossário das formas verbais atestadas nesse recorte de um

testemunho da lírica trovadoresca, disponibilizando um novo texto para análises linguísticas, literárias e, inclusive, histórica.

Evidentemente, é também um intento desta investigação, contribuir na ampliação do acervo documental e bibliográfico do Projeto DEPARC e do Grupo de Pesquisa Nêmesis, ambos voltados para a investigação da constituição histórica do português, como a construção de um glossário de formas verbais, finitas e infinitivas, atestadas no *corpus* analisado.

## **Capítulo II**

## O GALEGO-PORTUGUÊS: DO ROMANCE À LÍNGUA LITERÁRIA

Sabe-se que as línguas românicas derivaram do contato das variedades do latim faladas “pelas legiões romanas e pelos comerciantes, pelos colonos latinos e pelos funcionários de todas as regiões do império” com as línguas dos povos que habitavam a Península, conhecidos como iberos, celtiberos, lusitanos e celtas (MEIER, 1948, p. 7) e que, embora os romanos tenham desembarcado nesse território no século III a.C., somente dois séculos depois o noroeste peninsular foi romanizado.

Tais fatos, conjugados com a “longa e persistente autonomia” da província romana da *Gallaecia*, asseguraram que no noroeste da Península Ibérica “perdurassem hábitos linguísticos pré-romanos e, por outro, que o latim resistisse às inovações, apresentando uma feição nitidamente conservadora” (MAIA, 1986, p. 883).

Como esclarece Maia:

Em consequência da reforma administrativa de Augusto, o Noroeste hispânico, que abrangia a zona compreendida entre o Douro e o mar Cantábrico e que, a oriente, tinha como limite o rio Navia, foi separado da Lusitânia e integrado na Tarraconense, a antiga Hispania Citerior. No ano de 216, é criada por Caracalla a Hispania Nova Citerior Antonina, que compreendia o Noroeste de Portugal, a Galiza, as Astúrias e a parte da Cantábria; um pouco mais tarde, no fim do século III, o imperador Diocleciano fez da *Gallaecia* uma província autónoma que abrangia os territórios acabados de referir. A constituição da *Gallaecia* romana no Ocidente peninsular apoiava-se, porém, numa base étnica indígena: efectivamente, o Noroeste galego-asturiano, constitui desde época pré-romana, uma nítida unidade cultural (MAIA, 1986, p. 883).

Considerando as outras áreas hispânicas, nota-se que havia no noroeste peninsular uma situação propícia para a formação de um espaço com certa unidade linguística.

A partir do século V, com as invasões germânicas, sobretudo, com a dominação dos suevos que constituíram o seu reino nessa região, reforça-se a autonomia linguística e cultural desse território.

Durante o domínio germânico, enquanto os suevos constituíram seu reino na Península durante mais de um século, o isolamento e estabilidade da região foram mantidas, o que

também favoreceu o desenvolvimento de tendências evolutivas das variedades do latim falado que já se manifestavam desde o período romano.

Segundo Faraco, diversas tendências

contribuíram para separar os falares ibero-românicos ocidentais dos demais falares da Península. Incluem-se nessas tendências, entre outras, a queda das consoantes /-l-/ e /-n-/ intervocálicas (*salire* > *sair*; *dolore* > *door* > *dor*; *periculu* > *perigoo* > *perigo*; *corona* > *corõa* > *coroa*; *manu* > *mão*; *luna* > *lũa*); e a convergência dos grupos consonantais iniciais latinos /pl-/, /cl-/, /fl-/ para a consoante palatal africada /ʃ/: *pluvia* > *chuva*; *clave* > *chave*; *flamma* > *chama* (FARACO, 2016, p. 16).

De acordo com Maia, a “autonomia idiomática e cultural do noroeste da Península acentua-se com o domínio suevo; a Galiza foi mesmo o núcleo do reino suevo” (MAIA, 1986, p. 884).

Após as invasões dos povos germânicos, o Império Romano foi desmembrado e termos como *romanus* e *Romania* “perderam o seu significado político, mantendo-se, porém, com um significado civilizacional e linguístico” (CASTRO, 1991, p. 69). O mesmo ocorre com o adjetivo *romanicus*, equivalente popular desses termos, que passa a ser usado não só para se referir ‘ao cidadão de Roma’, como também “ao habitante dessa nova entidade, herdeira de Roma, que era a România” (CASTRO, 1991, p. 69).

Com a confluência de outros eventos sociohistóricos, como a invasão e ocupação de quase toda a Península Ibérica empreendidas pelos árabes, a estrutura do noroeste peninsular modifica-se mais uma vez (MEIER, 1948, p. 29), visto que, nessa altura, “entre as duas metades da antiga *Gallaecia* nasce o reino de Astúrias, o primeiro estado da Reconquista” (MAIA, 1986, p. 884).

O processo de retomada dos territórios ibéricos aos invasores árabes, decorrido a partir do século VIII, conhecido como Reconquista, ocasionou a expansão dos falares setentrionais para o sul da Península e “teve grandes repercussões no destino dos falares românicos do noroeste, porque dele resultou o seu espraiamento por toda faixa ocidental e sua progressiva diferenciação centro-meridional” (FARACO, 2016, p. 16-17).

Como esclarece Teyssier:

A invasão muçulmana e a Reconquista são acontecimentos determinantes na formação das três línguas peninsulares – o galego-português, a oeste, o castelhano, no centro e o catalão, a leste. Estas línguas, todas três nascidas no Norte, foram levadas para o Sul pela Reconquista. Nas regiões setentrionais, onde se formaram os reinos cristãos, a influência linguística e cultural dos muçulmanos tinha sido, evidentemente, mais fraca que nas demais regiões. No Oeste em particular, a marca árabe-islâmica é muito superficial ao norte do Douro, ou seja, na região que corresponde hoje à Galícia e ao extremo norte de Portugal. A medida que se avança para o Sul, ela vai se tornando mais saliente, sendo profunda e duradoura do Mondego ao Algarve. Foi na primeira destas regiões, ao norte do Douro – tendo talvez como limite extremo o curso do Vouga, entre o Douro e o Mondego –, que se formou a língua galego-portuguesa, cujos primeiros textos escritos aparecem no século XIII (TEYSSIER, 2007, p. 6-7).

O termo composto *galego-português* é assumido por diversos estudiosos que se dedicam à compreensão do processo histórico de formação da língua portuguesa, para designar uma primeira fase do período arcaico da língua portuguesa, visto que

o grupo originário de falares românicos no noroeste constituiu a matriz de onde emergiram posteriormente o galego e o português modernos. Em razão disso, têm-se usado – desde o surgimento da linguística histórico-comparativa, no século XIX, e, em especial, da romanística (ou filologia românica) e desde a chegada desse novo paradigma científico aos meios acadêmicos de Portugal e da Espanha – termos compostos para fazer referência àquele grupo de falares tais como galaico-portugalense, galaico-português, galécio-português, português-galego ou, mais frequentemente, galego-português (FARACO, 2016, p. 14).

Em algumas propostas de periodização linguística do português, elaboradas com o intuito de abordar questões circunscritas no complexo fluxo da história da língua, pode-se observar a dicotomia galego-português/português para esse período, haja em vista que, conforme sumariza Mattos e Silva:

Leite de Vasconcelos limitava-se no início do século XX a designar esse período pela expressão única de *português arcaico*. Já Carolina Michäelis de Vasconcelos, com base na documentação literária medieval portuguesa, subdivide esses três séculos: o *período trovadoresco* até 1350 e o período do *português comum* ou *prosa histórica*. Essa posição foi aceita por Serafim da Silva Neto na sua *História da língua portuguesa*. L. F. Cintra opõe ao *português antigo*, do século XIII às primeiras décadas do XV, o *português médio*, daí até as primeiras décadas do século XVI. Outros estudiosos do português, como Pilar Vázquez Cuesta, fazem a mesma delimitação temporal, mas adotam a designação de *galego-português* e de *português pré-clássico* (MATTOS E SILVA, 2006, p. 23).

Registre-se que no que concerne ao lugar do galego no processo de formação da língua portuguesa, como defendem Lagares e Monteagudo, este não é apresentado de forma

clara, enquanto alguns autores “oscilam entre simplesmente ignorar a sua existência histórica ou bem considerá-la a um fardo do qual é preciso se libertar para delimitar as origens “puras” do português dentro das fronteiras de Portugal” (LAGARES, 2012, p. 18-19), outros acabam “camuflando-o sob a denominação de «português arcaico»”<sup>15</sup> (MONTEAGUDO, 2012, p. 39, *tradução nossa*), o que sinaliza uma questão sociopolítica dessa discussão.

Além do caráter diacrônico e sociopolítico, evidencia-se também a face diatópica dessa questão. Conquanto os estudos mencionados por Mattos e Silva, como o de Carolina Michäelis de Vasconcelos e o de Serafim da Silva Neto, tenham sido elaborados a partir da documentação literária, é preciso observar na documentação escrita não literária remanescente, a diferenciação da língua falada no período “em que haveria uma unidade galego-portuguesa” refletida nesses registros.

Maia, em 1986, desenvolveu um estudo a partir da cuidadosa edição e análise de 136 documentos notariais produzidos no território da Galiza, no período compreendido entre 1255 e 1506, e mais 31 documentos notarias, das regiões do Minho e do Douro (Noroeste de Portugal), situados entre 1282 e 1416.

Em suas conclusões, a autora assevera que, a seu ver, parece

não poder contestar-se a existência, durante o período medieval, sobretudo durante os séculos XIII e XIV, de uma comunidade linguística, de uma unidade linguística fundamental, em toda a sua vasta zona do Noroeste peninsular que se estendia desde o Douro até o mar Cantábrico. Isso não exclui, evidentemente, a existência de variações não só de natureza diatópica – entre as duas áreas situadas a norte e a sul do Minho, assim como no interior de cada uma das regiões –, como de caráter diastrático, umas e outras, aliás, inevitáveis em qualquer língua (MAIA, 1986, p. 891).

O monumental estudo desenvolvido pela linguista portuguesa contribuiu significativamente para o conhecimento dessa língua medieval comum ao território atualmente dividido, além de mapear na documentação analisada a variação, o “polimorfismo”<sup>16</sup> dos registros da Galiza e do Noroeste de Portugal, reafirmando que, mesmo tendo em conta que não se deve projetar uma ideia moderna de língua sobre o

---

<sup>15</sup> “clamufllándoo baixo a denominación de ‘portugués arcaico’” (MONTEAGUDO, 2012, p. 39).

<sup>16</sup>Embora interprete as variações existentes nos *corpora* estudados a partir das tendências diatópicas, a autora salienta que “o polimorfismo caracteriza, de maneira geral, a língua dos documentos medievais e,

passado, toda realidade humana, sobretudo a expressão sociocomunicativa, é dotada de heterogeneidade, de variação, seja no espaço ou entre estratos sociais.

Esse estudo revelou também que, a partir de meados do século XIV, e sobretudo durante os séculos XV e XVI, se acentuaram as divergências entre a língua de Portugal e da Galiza.

Como ocorreu com todas as variantes românicas, o romance galego-português permaneceu na oralidade até o século IX, pelo menos. A partir de então, começaram a figurar nos documentos escritos, em um latim considerado bárbaro algumas formas da língua falada, o que resultou “de uma situação de diglossia, caracterizada pelo uso dos dois idiomas, o romance do Noroeste hispânico e o latim, cada um com a sua função própria e bem determinada” (MAIA, 1986, p. 84).

Naturalmente, com o passar dos anos e o desenvolvimento sociopolítico da região, os documentos em latim deixaram de ser compreendidos pelo povo que os ouvia, já que somente uma ínfima parcela da população tinha o domínio da leitura e da escrita, e, para conhecimento de todos, os escribas liam em voz alta os contratos, testamentos, atos de compra e venda, arrendamentos etc.

Nessa conjuntura, o uso da língua vulgar acabaria por se tornar um imperativo em detrimento do prestígio da língua latina e o uso do romance galego-português escrito começa a representar uma demanda urgente.

A partir do século IX, é provável que traços dessa variante românica já aflorassem em documentos escritos no tradicionalmente chamado *latim bárbaro*, “isto é, latim notarial ou tabeliônico, veiculado na área românica antes das línguas românicas se tornarem oficiais” (MATTOS E SILVA, 2006, p. 21-22).

Todavia, só por volta de 1170, é possível observar que “os primeiros sintagmas escritos em galego-português surgem” integrados em documentos particulares escritos em um latim de oficiais pouco letrados de alguns mosteiros do litoral norte de Portugal (MIRANDA, 2012).

O caráter fragmentário do que Mattos e Silva convencionou chamar de *documentação remanescente* (MATTOS E SILVA, 2006, p. ) permite apenas interpretações dos dados

---

muito particularmente, a língua dos documentos pertencentes ao período das origens” (MAIA, 1986, p.



sócio-históricos e linguísticos para uma aproximação do momento inaugural da língua portuguesa. Nesse sentido, a farta bibliografia produzida sobre a questão do galego-português tem levantado diversas questões e alterado significativamente o panorama conhecido.

Note-se que até fevereiro de 1957, acreditava-se que o *Auto das Partilhas* [1192] e o *Testamento de Elvira Sanches* [1193] eram considerados os documentos mais antigos escritos.

Nessa altura, Avelino de Jesus da Costa (1979), apoiado em argumentos de natureza linguística, mostrou que o *Auto de Partilhas* e o *Testamento de Elvira Sanches* eram, na verdade, eventuais cópias tardias de versões latinas situadas entre finais do século XIII e início do século XIV<sup>17</sup>. A *Notícia de Torto* [1214] e o *Testamento de Afonso II* [1214] são, desde então, considerados os documentos não literários mais antigos escritos em língua portuguesa conhecidos<sup>18</sup>.

No que concerne à documentação literária, conforme Teyssier (2007, p. 27), os mais antigos registros do galego-português são as três compilações da poesia lírica peninsular – o *Cancioneiro da Ajuda*, o *Cancioneiro da Vaticana* e o *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* – seguidos de produções da prosa literária.

Embora seja necessário ter em consideração que enquanto os documentos notariais e oficiais supramencionados sejam registros do século XIII, os cancioneiros remanescentes são cópias tardias elaboradas entre o fim do século XIII (*Cancioneiro da Ajuda*) e o começo do século XVI (*Cancioneiro da Biblioteca Nacional* e o *Cancioneiro da Vaticana*), provavelmente, de uma compilação do século XIV, deve-se, em tempo, ressaltar que a documentação linguística fornecida por esse conjunto da lírica medieval galego-portuguesa, como sublinha Mattos e Silva (2006, p. 37), é riquíssima e seus dados são essenciais para o conhecimento do léxico da língua da época.

---

892).

<sup>17</sup> Posição reforçada, mais tarde, por Prof. Doutor L. F. Lindley Cintra com dados gráficos e filológicos. Cf. Costa (1979, p. 4).

<sup>18</sup> Mattos e Silva (2006, p. 21) defende que os primeiros textos escritos inteiramente em romance, ou língua vulgar, datam do século XIII e que, embora possa se reconhecer traços da futura variante românica na documentação anterior a esse período, consta nesse espólio um latim bárbaro com evidências da inabilidade de alguns copistas, ou escribas, de escreverem no latim que, nesse momento, restringia-se ao uso notarial ou tabeliônico. Ademais, convém registrar que Ana Maria Martins tem proposto o recuo da datação dos documentos mais antigos para 1175, com base na *Notícia de Fiadores*, mas ainda sem aceitação geral (Cf. MARTINS, 1999).

É preciso avaliá-los, portanto, “considerando as possíveis modificações linguísticas ao longo do tempo” (MATTOS E SILVA, 2006, p. 36), sem perder de vista também que esses códices do século XVI foram copiados na Itália e o manuscrito da Biblioteca Nacional teve especial atenção do humanista Ângelo Colocci.

A adoção do galego-português por um núcleo que, tendo como padrão a poesia occitânica, inaugurou a poesia trovadoresca, e segundo Miranda (2012), é, “aparentemente, o que há de mais paradoxal, já que o fenômeno terá ocorrido a muitos quilômetros para leste dos territórios onde se falava esta língua, que eram Galiza e Portugal” (MIRANDA, 2012).

Segundo o autor, essa atividade não parece ser anterior a 1190, visto que o único texto que chegou integralmente até os dias atuais narra fatos políticos e militares relacionados com a ida do rei Sancho VII de Navarra ao território que estava sob o domínio muçulmano. É atribuída ao trovador Joan Soares de Paiva, nobre português exilado juntamente com outros membros da corte portuguesa da época, desde 1171, por conta de questões políticas suscitadas pelo desastre de Badajoz que acabaram por levar os filhos de D. Afonso Henriques ao poder (MIRANDA, 2012).

Identificada como cantiga de nº 1330bis, na edição ora apresentada, é texto poético satírico do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, no qual são narrados acontecimentos ocorridos nas proximidades das terras de “los Cameros”, onde provavelmente o trovador também se encontrava. Miranda (2012) ainda sinaliza que, nessa mesma localização, situava-se Ruy Dias de los Cameros, senhor dessa região, também na condição de trovador (MIRANDA, 2012).

À época da redacção do texto, esta personagem, que virá a ter uma grande importância na corte castelhana de Afonso VIII a partir de 1201, fazia oscilar a sua fidelidade entre a Navarra, Castela e Leão, num trajecto típico de um senhor feudal acompanhado do seu poderoso grupo. Joan Soares de Paiva e Ruy Diaz de los Cameros eram, além disso, parentes – já que ambos descendiam de ramos diferentes dos galegos Trastámara –, e esse facto deve ser suficiente para justificar a opção pelo galego-português, e não pelo castelhano, por parte de homens que actuavam num território em que a língua dominante era a última, não a primeira (MIRANDA, 2012).

Assim, o uso do castelhano para os senhores de los Cameros, de origem navarra, representaria uma ligação direta com o poder régio dominante na região onde se situavam. “O galego-português, em contrapartida, seria a língua que exprimiria as

solidariedades familiares e vassálicas com os grupos restantes da nobreza senhorial implantados a ocidente”, fato que justificaria a opção literária por essa língua (MIRANDA, 2012).

O galego-português foi, assim, instituído como língua do poder de grandes grupos senhoriais em fase de afirmação, acabando por se tornar uma “convenção plenamente assumida e compreendida”, embora tal percepção se limitasse “aos grupos mais poderosos, os únicos capazes de dispor de um poder efetivo”. Em relação ao valor simbólico e convencional do galego-português, vale ressaltar que “os grupos senhoriais ibéricos com maior autonomia e com uma dinâmica social própria (ou seja, independente das políticas régias) se situavam a Norte e, sobretudo, a ocidente, em regiões onde o castelhano tinha uma presença menos intensa” (MIRANDA, 2012).

Afirmando o valor simbólico do uso do galego-português, seu prestígio e força no período e na produção trovadoresca, Lopes (2011-) afirma que,

O período que medeia entre os séculos X e XIV constitui, pois, a época por excelência do Galego-Português. É, no entanto, a partir de finais do século XII que a língua falada se afirma e desenvolve como língua literária por excelência, num processo que se estende até cerca de 1350, e que, muito embora inclua também manifestações em prosa, alcança a sua mais notável expressão na poesia que um conjunto alargado de trovadores e jograis, galegos, Portugueses, mas também castelhanos e leoneses, nos legou (LOPES, 2011-).

O galego-português cultivado no movimento trovadoresco pode ser definido como “uma linguagem literária, de feição artística, que resulta de uma estilização e não de uma reprodução da linguagem falada na Galiza e na zona de Entre-Douro-e-Minho” (MAIA, 1986, p. 3).

O “instrumento de que se serviam os trovadores era uma língua estilizada, que pairava por cima das variações dialetais” (SILVA NETO, 1986, p. 215) e, portanto, não pode ser enquadrada em nenhuma categoria territorializante, uma vez que os “cultores da lírica medieval” não pertenciam apenas aos territórios da Galiza e de Portugal, mas procediam das mais diversas áreas da Península Ibérica e, muitas vezes, o galego-português não era a primeira língua desses trovadores, utilizada apenas para a participação nessa imponente manifestação cultural (LAGARES, 2008, p. 75).

A condição de espetáculo do movimento trovadoresco que contava com a participação de todas as camadas sociais, transitando entre o popular e o erudito, reforça a ideia de que “apesar de possuir características retóricas ou discursivas peculiares”, a língua das cantigas, certamente, não era tão distante da língua falada normalmente, “porque isso impediria a comunicação” e, nesse sentido, não deve ser tomada como uma “variedade extremamente afastada e artificial” (LAGARES, 2012, p. 23), mas como uma

*koiné*, nem tão artificiosa que não pudesse ser entendida por seus receptores, cortesãos reais e de paços senhoriais da Galiza e do norte de Portugal e, ao mesmo tempo, o suficientemente diferente das diversas variedades locais a ponto de poder se identificar um gênero com uma tradição particular (LAGARES, 2012, p. 23).

Ante o exposto, defende-se que o estudo da documentação linguística do Cancioneiro profano fornece dados essenciais para o conhecimento do léxico, além de subsídios para a investigação da morfologia, tanto nominal quanto verbal, dada a sua riqueza.

## **Capítulo III**

## EDIÇÃO DAS CANTIGAS SATÍRICAS GALEGO-PORTUGUESAS

Diante da documentação remanescente, o pesquisador, à guisa de um arqueólogo da língua, deve cautelosamente recuperar, por meio do trabalho filológico, a língua registrada nesse espólio, interpretando o seu processo de constituição histórica a partir dos dados depreendidos desses textos.

No âmbito dos estudos linguísticos, assume-se que a Filologia seja uma ciência dedicada aos aspectos da materialidade, produção, transmissão e recepção do texto, e, conforme assevera Mattos e Silva (2008, p. 14), “parece integrar-se melhor como uma das formas de abordar a documentação escrita, tanto literária como documental”.

De forma muito ampla, Auerbach define a Filologia como “o conjunto das atividades que se ocupam metodicamente da linguagem do Homem e das obras de artes escritas nessa linguagem” (AUERBACH, 1972, p. 11). Essa definição é muito próxima da que se encontra em Telles, para quem essa ciência “se ocupa da linguagem do homem”, e, “portanto, com a sua forma de expressão viva, variável. Ocupa-se também com as obras de arte (os textos literários) plasmados nessa linguagem” (TELLES, 2016, p. 22).

A generalidade das definições acima, assim como o senso comum de se associar a Filologia à “ciência do texto” tem criado uma certa imprecisão de existirem outras áreas das ciências da linguagem que operam sobre esse mesmo objeto teórico, a exemplo da Linguística Textual.

Nesse sentido, opta-se por definir a Filologia como ciência ou técnica que tem por objeto teórico a edição textual.

É assim Filologia uma ciência interpretativa que estabelece uma íntima relação com a Linguística Histórica, já que

para obter conhecimentos sobre a língua de épocas anteriores e para explicar processos históricos de mudança, carece de dados registados nos textos escritos: para a investigação em perspectiva diacrônica, é absolutamente necessária uma consistente infra-estrutura filológica e uma sólida preparação por parte do investigador que lhe permita uma interpretação dos textos escritos que constituem o seu *corpus* de análise adequada (MAIA, 2012, p. 537).

A fixação, anotação e preparação do texto para análises linguísticas devem ser realizadas, observando “certas normas capazes de assegurar que fique intacta a fase linguística espelhada na obra” (SILVA NETO, 1956, p. 22), com *rigor filológico* e com o objetivo claro de servir a estudos dessa natureza (MATTOS E SILVA, 2008, p. 15).

Historicamente, a edição de textos está relacionada à necessidade que os povos de cultura escrita sentiram, ao longo do tempo, de preservar as obras que encerram seus patrimônios espirituais dos estragos causados pelo tempo e pelos homens, como explica Auerbach:

Tal necessidade se fêz sentir já na época dita helenística da Antiguidade grega, no terceiro século a. C., quando os eruditos que tinham seu centro de atividades em Alexandria registraram por escrito textos da antiga poesia grega, sobretudo Homero, dando-lhes forma definitiva. Desde então, a tradição da edição de textos antigos se manteve durante tôda a Antiguidade; teve igualmente grande importância quando se tratou de constituir os textos sagrados (AUERBACH, 1972, p. 11).

No que respeita aos tempos modernos, a edição de textos é uma criação da Renascença, dos séculos XV e XVI, pois aos humanistas interessava, “antes do mais, encontrar os manuscritos que ainda existissem, compará-los em seguida e tentar dêles extrair a redação do autor”. “A partir dos humanistas, estabeleceu-se pouco a pouco um método rigoroso de constituição”, o qual consistia, sobretudo, em copiar e classificar os manuscritos encontrados (AUERBACH, 1972, p. 11-13).

Hoje, é possível fotografar, copiar ou digitalizar mecanicamente esses manuscritos, o que elimina o eminente risco de erro dos copistas e aumenta a segurança e divulgação dos textos antigos.

Todavia, para lidar diretamente com as imagens dos manuscritos, é preciso compreender sua história e suas peculiaridades codicológicas, interpretar corretamente sua escrita, baseando-se nos preceitos de outra ciência filológica, a Paleografia, que se firmou como disciplina auxiliar da edição de textos, com o fito de habilitar os pesquisadores a decifrar os caracteres, as abreviações em uso e qualquer indício material que possa contribuir para a recuperação mais fidedigna possível do passado distante (AUERBACH, 1972, p. 17). É de mais ainda fundamental importância esse conhecimento para o trabalho de transcrição e restabelecimento de textos.

O desenvolvimento e a especialização da prática de edição de textos têm, ao longo dos anos, culminado em um notável número de publicações a respeito dos critérios adotados em cada tipo de edição.

Ao publicar as *Normas gerais de transcrição e publicação de documentos e textos medievais e modernos*, Pe. Avelino de Jesus Costa (1993, p. 12-13) sintetiza sua posição de eminente filólogo, registrando que os critérios adotados podem ser reduzidos a três: o conservadorismo rígido, a modernização pura e simples e a conciliação.

Embora não estabeleça uma tipologia, mas um comportamento editorial genérico diante dos *corpora*, o autor caracteriza o primeiro como a reprodução dos documentos com todas as abreviaturas e particularidades, como uma tentativa de “fidelidade absoluta” (COSTA, 1993, p. 11). O segundo, utilizado para “tornar os textos em português medieval e moderno acessíveis à juventude e ao público em geral”, baseia-se na “transcrição para o português actual, no que concerne à linguagem, ao uso de maiúsculas e minúsculas, à pontuação etc” (COSTA, 1993, p. 12). Por fim, o autor apresenta um último critério, adotado para

evitar os graves inconvenientes resultantes dos sistemas anteriores”, trata-se de uma posição intermédia, “que procura facilitar a leitura e compreensão das fontes diplomáticas e narrativas ou jurídicas, resolvendo-lhes as abreviaturas e outras dificuldades, mas respeitando-lhes rigorosamente o texto, sem nada lhe acrescentar, alterar ou suprimir, sem previamente advertir o leitor, no caso de ser indispensável introduzir algum retoque (COSTA, 1993, p. 13).

Embora apresente Costa diretrizes que deveriam ser tidas apenas como “conselhos para ajudar estudiosos e investigadores” (COSTA, 1993, p. 9), a tipologia que constrói para o labor filológico da edição textual, reduz-se a uma classificação meramente indicativa, que, na prática, culmina em um certo grau de imprecisão.

No conhecido manual intitulado *Introdução à crítica textual*, Cambraia (2005) estabelece e diferencia os tipos fundamentais de edição textos, em dois grandes grupos, determinados de acordo com o número de testemunhos disponíveis. Tem-se, assim, a seguinte classificação:

Um primeiro grupo designado *Edições monotestemunhais*, as quais, como sugere a terminologia empregada, são baseadas em apenas um testemunho e, de acordo com o



grau de mediação realizada pelo filólogo na fixação da forma, podem ser subdivididas em quatro subtipos:

**1.1 Edição fac-similar** (também conhecida como *fac-similada* ou *mecânica*): “baseia-se, em princípio, no *grau zero de mediação*, porque, neste tipo, apenas se reproduz a imagem de um testemunho através de meios mecânicos, como fotografia, xerografia, escanerização, etc” (CAMBRAIA, 2005, p. 91).

**1.2 Edição diplomática:** com um *grau baixo de mediação*, “faz-se uma transcrição rigorosamente conservadora de todos os elementos presentes no modelo, tais como sinais abreviativos, sinais de pontuação, paragrafação, translineação, separação vocabular, etc” (CAMBRAIA, 2005, p. 93).

**1.3 Edição paleográfica:** “(também chamada eventualmente de *semidiplomática*, *paradiplomática* ou *diplomático-interpretativa*), (...) no processo de reprodução do modelo, realizam-se modificações para o tornar mais apreensível por um público que não seria capaz de decodificar certas características originais, tais como os sinais abreviativos” (CAMBRAIA, 2005, p. 95).

**1.4 Edição interpretativa:** “como na paleográfica, fazem-se operações como o desenvolvimento de abreviaturas e conjecturas, mas, além disso, o texto passa por um forte processo de uniformização gráfica e as conjecturas vão além das falhas óbvias, compreendendo que aproximem o texto do que teria sido a sua forma genuína” (CAMBRAIA, 2005, p. 97).

Os quatro tipos de edição indicados por Cambraia têm sido os que comumente são mais referidos na área de edições de textos. Observa-se, entretanto, que existe um evidente problema no que se refere à definição das edições por ele proposta.

Uma edição paleográfica define-se muito mais propriamente por seu alto grau de conservação, antecedendo nesse aspecto a denominada edição diplomática, que, mesmo sendo de verve conservadora, interfere mais no texto do que aquela, já que, por

exemplo, pressupõe desenvolvimento de abreviaturas e redistribuição da mancha textual, conquanto devidamente sinalizados.

Nesse sentido, considerando que a edição diplomática seja, em nível de intervenção, menos conservadora do que a edição paleográfica, há de se registrar a discordância da hierarquia determinada por Cambraia (2005, p. 88-107), em seu trabalho.

Ainda segundo esse autor, o segundo grupo de tipos de edição trataria das que têm por base espólios politemunhais, ou seja, as que se concentram em duas ou mais versões de um mesmo texto, subdivididas em *crítica* e *genética*.

**2.1 Edição crítica:** “*caracteriza-se pelo confronto de mais de um testemunho, geralmente autógrafos, no processo de estabelecimento do texto, com o objetivo de reconstituir a última forma que o autor lhe havia dado*” (CAMBRAIA, 2005, p. 104).

**2.2 Edição genética:** elaborada “*através da comparação de mais de um testemunho, só que geralmente autógrafos e/ou idiográficos (os chamados *originais*), e almeja-se registrar todas as diferenças entre as redações preliminares de um texto e a forma final dada por seu autor*” (CAMBRAIA, 2005, p. 104-105).

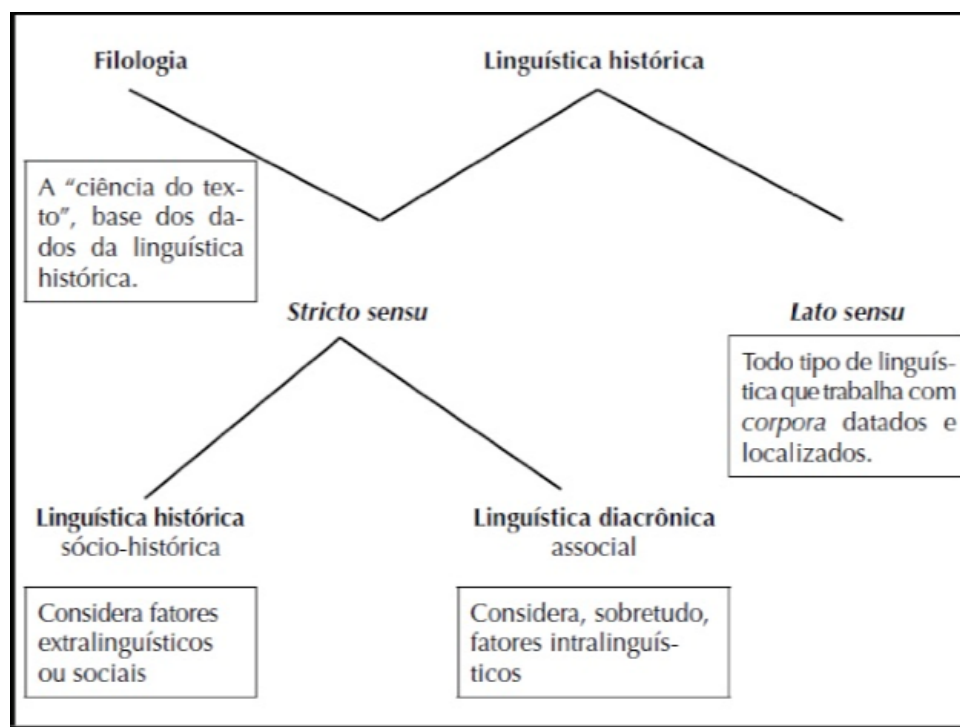
Esses tipos de edição têm sido o ponto em que, provavelmente, se têm bifurcado, na contemporaneidade, os trabalhos de Linguística Histórica e de Filologia *stricto sensu*, permitindo a individualização de cada uma enquanto área do conhecimento, haja vista interessar mais à Linguística Histórica, como material de consumo, cada uma das edições monotestemunhais feitas isoladamente, mesmo em casos em que a fortuna documental exiba diferentes versões de um mesmo documento, diferentemente daquela que tem cada vez mais se especializado nas chamadas crítica textual ou genética, em razão do próprio escopo do trabalho.

Nessa perspectiva, a edição crítica tradicionalmente adotada para textos que possuam mais de um testemunho, ou de tradição plural, em que, por meio de operações filológicas como: *recensio*, *collatio*, *emendatio* entre outros, que busca estabelecer uma apresentação com determinadas características gráficas e tipográficas, alinhado com um aparato de variantes organizado com a finalidade de estudar as intervenções autorais (BORGES; SOUZA, 2012, p. 28) é um tipo de análise linguística não aprofundada ao

nível do que se pretende em Linguística Histórica, pois a criação do aparato, de certa forma, mascara os índices linguísticos que lhe tanto interessa.

A relação entre Filologia e Linguística Histórica sempre foi vista por Mattos e Silva como uma relação de contiguidade, como se pode observar no diagrama a seguir:

Figura 13 – Diagrama sobre a relação entre a Filologia e Linguística histórica, no sentido *lato* e *stricto*



Fonte: Mattos e Silva (2008, p. 10)

Conquanto não se concorde com o objeto teórico proposto pela autora para a Filologia, isto é, "a ciência do texto", por considerar ser esta a "ciência da edição", como visto antes, no esteio do que propugna Machado Filho, a indissociabilidade entre as duas, é evidente, pois não existe a Linguística Histórica sem o apoio dos textos editados pela Filologia.

Podem-se utilizar como exemplo as edições existentes das duas únicas versões encontradas do Testamento de Afonso II, de 1214, que se encontram na Torre do Tombo, em Lisboa e no arquivo da Catedral de Toledo. Conforme observa Castro:

Apesar de todas as cópias se afirmarem iguais umas às outras, são diplomas vastamente diversos, no pergaminho, na disposição da página, na letra (pois se

devem a copistas diferentes) e mesmo em elementos linguísticos e textuais. Cada copista usou um código gráfico próprio, sendo possível identificar não só variantes quase sistemáticas entre ambos, como principalmente constantes dentro de cada um, a ponto de permitirem uma caracterização contrastante da atitude linguística dos copistas (CASTRO, 1991, p. 184).

Além das edições crítica ou genética, de tradição plural, Borges e Souza (2012, p. 15-45) estabelecem outros tipos de edição para o estudo de textos com apenas um testemunho. Para os autores, os tipos de edição que caracterizam a prática editorial são identificados "pelo grau de mediação do editor, maior ou menor intervenção no texto que se busca editar" (BORGES E SOUZA, 2012, p. 27-28) e podem ser classificadas como Interpretativa, Paleográfica ou Diplomática, Semidiplomática, Fac-similar, Eletrônica, correspondendo, no geral, ao que outros autores têm considerado sobre a questão.

No entanto, as características que apresentam para cada uma delas divergem em pontos específicos, sobretudo, em relação à proposta de Cambraia (2005) antes vista. Julgam, por exemplo, que a edição paleográfica é equivalente à edição diplomática, de que também se discorda neste trabalho, por considerar que o grau de intervenção de uma não corresponde ao da outra. Também não se percebe a razão de separação entre a edição fac-similar e eletrônica, a que se poderia conjugar sob o rótulo adotado por outros autores de *anastática*. Veja-se que Spina adota essa designação para todo tipo de edição de reprodução mecânica, para além de propor os seguintes rótulos para as edições monotestemunhais:

*Reprodução diplomática*: consiste numa reprodução tipográfica do original manuscrito, como se fosse completa e perfeita cópia do mesmo, na grafia, nas abreviações, nas ligaduras, em todos os seus sinais e lacunas, inclusive nos erros e nas passagens estropiadas (SPINA, 1977, p. 78).

*Transcrição dilomático-interpretativa*, explicando que a transcrição puramente diplomática já constitui uma forma de interpretação do original, pois elimina as dificuldades de natureza paleográfica suscitadas pela escritura; a *transcrição diplomático-interpretativa* (ou *semidiplomática*) vai mais longe na interpretação do original, pois já representa uma tentativa de melhoramento do texto, com a divisão de palavras, o desdobramento das abreviaturas (trazendo letras, que não figuram no original, colocadas entre parênteses) e às vezes até com pontuação.

A edição do *Cancioneiro Colocci-Brancuti* (hoje denominado injustamente *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa*) realizada pelo casal José Pedro Machado e Elza Paxeco Machado (Lisboa, Revista de Portugal, 1949-1964, 8v.) é um exemplo de *transcrição diplomático-interpretativa*. Além dessas, pode-se falar ainda numa transcrição paleográfica, mais perfeita que a própria reprodução fac-similar do manuscrito, porque esta não nos dá conta de certas

particularidades do texto e do material que os procedimentos de um hábil paleógrafo podem denunciar (SPINA, 1977, p. 79).

Há também a recente publicação de Lopes et al. (2017, p. 78-85), na qual, para um exercício filológico são consideradas apenas a edição diplomática, a semidiplomática e a modernizada.

Equacionando a bibliografia conhecida com o que se tem produzido no âmbito do Grupo de Pesquisa Nêmesis, no presente trabalho, assume-se a seguinte tipologia das edições:

Figura 14 – Tipologia das edições

TIPOS DE EDIÇÃO	FAC-SIMILAR	PALEOGRÁFICA	DIPLOMÁTICA	SEMI-DIPLOMÁTICA	INTERPRETATIVA	MODERNIZADA
CRITÉRIOS ADOTADOS						
Desenvolvimento de abreviaturas						
Junção e separação de palavras						
Alteração do uso de maiúsculas e minúsculas						
Alteração da acentuação						
Alteração da pontuação						
Substituição de formas atuais, da gramática e do léxico						

As edições elaboradas a partir de textos de diferentes gêneros apresentadas nas dissertações e teses de doutoramento defendidas no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, da Universidade Federal da Bahia, desde quando era conhecido como Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLL), fundado em 1976, têm contribuído para a investigação do processo de constituição histórica português, especialmente para períodos mais recuados da língua, que como se sabe, a exemplo do período arcaico, anseiam por novos *corpora*.

Sobre essa fase da língua, nas últimas décadas, foram elaboradas diferentes edições dos conhecidos manuscritos que compõem a *Divisão de Coleções Especiais da Biblioteca Central da Universidade de Brasília*, os mais antigos documentos escritos em português

presentes no Brasil. Como a edição diplomática do *Livro das Aves*, desenvolvida por Nelson Rossi com a participação de Rosa Virgínia Mattos e Silva e Jacyra Mota, em 1965, a edição crítica dos *Diálogos de São Gregório*, por Mattos e Silva, em 1971 e as edições paleográfica e interpretativa do *Flos Sanctorum*, realizadas por Machado Filho, em sua tese de doutoramento defendida em 2003, ou de um documento existente na Torre do Tombo, em Portugal, com a edição diplomática dos *Diálogos de São Gregório* também produzida por Machado Filho, em seu trabalho de pós-doutoramento (MACHADO FILHO, 2008).

Embora a Filologia, como assevera Cunha (2004, p. 344), tenha mantido com a obra literária uma permanente ligação, apenas as composições em prosa e a documentação não-literária têm sido contempladas nos estudos linguísticos, havendo um notável desinteresse pela produção poética.

No que concerne à documentação literária remanescente, mormente à lírica profana galego-portuguesa, há um número expressivo de edições elaboradas a partir desse espólio.

Todavia as edições realizadas das 1664 cantigas transmitidas pelos únicos testemunhos conhecidos, o *Cancioneiro da Ajuda*, o *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* e o *Cancioneiro da Vaticana*, em sua maioria, têm o intuito de divulgar a produção trovadoresca para um público amplo. Essas edições são elaboradas a partir de um comportamento editorial modernizador, com um maior grau de intervenção no que concerne à regularização de nasais, atualização da pontuação e da acentuação, quebra de linhas e restituição textual.

Tais trabalhos embora estabeleçam alegadamente textos ideais para o conhecimento dos temas das cantigas, dos gêneros literários (cantiga de amor, de amigo, escárnio e maldizer, tenção etc), dos trovadores e do contexto histórico, não deixam transparecer os dados linguísticos que tanto podem contribuir para o conhecimento do léxico da época, dos traços fonéticos, fonológicos e morfológicos – já que a sintaxe é comumente pouco afetada na modernização dos textos.

Entre as edições mais conhecidas, pode-se citar a *edição crítica do Cancioneiro da Ajuda*, elaborada em 1904, por Carolina Michaëlis de Vasconcelos.

Há também as edições das cantigas por trovador: *Les chansons de Pero Garcia Burgalês Troubadour Galicien-Portugais Du XIII<sup>o</sup> Siècle*, de Pierre Basco (1964); *Pero da Ponte: Poesias*, de Saverio Panunzio (1967); *As poesias de Martin Soares*, de Valeria Bertolucci Pizzorusso (1963); *Martin Moya, la poesie*, de Luciana Stegano Picchio (1968); *El cancionero de Joan Airas de Santiago*, de José Luis Rodriguez (1980) e as edições elaboradas a partir dos três grandes gêneros, como a edição das *Cantigas d'Escarnho e Maldizer dos Cancioneiros Medievais Galego-portugueses*, de Manuel Rodrigues Lapa, cuja primeira impressão data de 1965, e a segunda de 1970.

Os muitos estudos realizados ratificam a importância do documento para a investigação da constituição da língua portuguesa por um lado e, por outro, apontam para possibilidade de outras incursões, sobretudo, no que concerne aos estudos sistemáticos que promovam o registro do léxico patente nesses *corpora* de acordo com os preceitos da Lexicografia Histórica, pois a observação e a sistematização do léxico dessas coletâneas trovadorescas ainda estão na agenda de investigações que devam ser empreendidas.

A observação da riqueza dos dados linguísticos desses códices demanda uma singular atenção no tratamento dos textos a fim de preservar todos os aspectos que possam dar pistas para a investigação e registro da língua patente nas cantigas trovadorescas.

Quanto à edição de textos medievais, de uma forma geral, tem-se preconizado que “o critério idôneo é o da leitura dos manuscritos, conservando as palavras tais como aparecem neles, sem alterá-las de forma alguma”<sup>19</sup> (LORENZO, 1988, p. 77, tradução nossa).

Corroborando com essa assertiva, a posição de Maia (1986) de que a transcrição de textos antigos, quando destinada a estudos de caráter linguístico, deve ser “extremamente fidedigna e cuidadosa”, permitindo transparecer “os traços fonológicos e fonéticos visíveis nos originais manuscritos” (MAIA, 1986, p. 19).

A partir dessas premissas, optou-se por elaborar uma edição diplomática das cantigas satíricas do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, também conhecido como *Colocci-Brancuti*, ou simplesmente B.

---

<sup>19</sup> “o critério idôneo é o da lectura dos manuscritos conservando as palavras tal como aparecem neles, sem alterales o máis mínimo” (LORENZO, 1988, p. 77).

Produzido no mesmo *scriptorium* do Cancioneiro da Vaticana, o Cancioneiro da Biblioteca Nacional (códice B) tem uma estreita relação com esse códice. De acordo com Tavani,

nos últimos anos, da análise aprofundada de B e do conjunto dos dois cancioneiros, emergiram novos elementos que permitem reconhecer entre B e V um parentesco ainda mais estreito, isto é, a derivação de ambos de um mesmo antecedente. Tudo leva a pensar que no *scriptorium* curial, sobre um único *exemplar* distribuído em cadernos, tivessem trabalhado simultaneamente, por um lado, o copista de V, por outro, os copistas de B (de facto, B é copiado «alla pecia»): as lacunas recíprocas de B e V seriam imputáveis a incidentes de cópia devidos à desordenada e apressada alternância de copistas (extravio de cadernos, ligações mal conseguidas...) (TAVANI, 1993, p. 123).

Esses dois códices apresentam muitas cantigas em comum, com um notável número de variantes que não raro têm contribuído para a reconstituição textual das edições críticas dessas peças líricas, conforme as figuras a seguir:

Figura 15 – Excerto da cantiga de nº 414, do ms. B

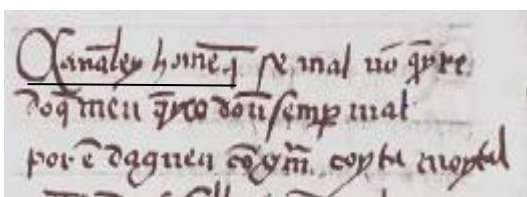
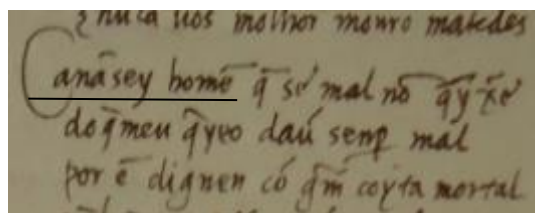


Figura 16 – Excerto da cantiga de nº 25, do ms. V



Embora seja possível ler no manuscrito V ‘Canã sey homẽ que se mal nõ queyxe’, na mesma linha do códice B parece constar a forma ‘Canãley homẽ que se mal nõ queyxe’, o que mesmo sem encontrar um sentido precisa ser registrado a fim de observar os registros da época.

Nas edições consultadas, apontou-se diversas vezes a adoção da estratégia de leitura de itens lexicais de B a partir do manuscrito V, sem quaisquer indicações por parte dos editores, o que parece representar um grave problema para o conhecimento desse espólio.

Diferentemente do foi adotado nas edições existentes, antes referidas, apontaram-se, em nota de rodapé, na edição ora apresentada, algumas ocorrências em que tal estratégia foi identificada a fim de justificar leituras que pareçam ser equivocadas ou que não façam sentido para a compreensão do texto poético.

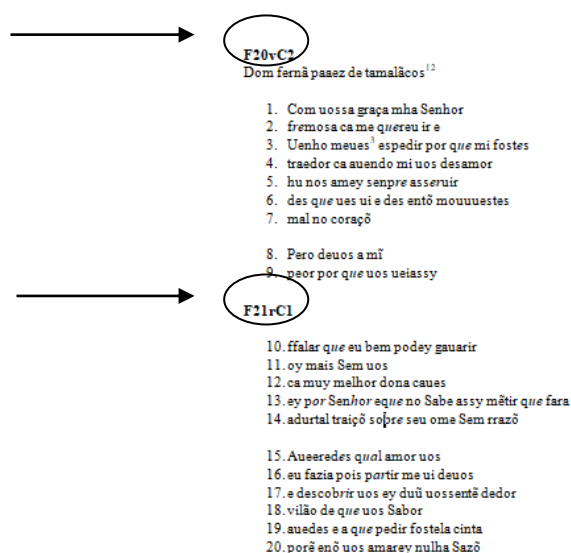


Toda leitura diplomática deste trabalho foi elaborada com base no fac-símile a cores da obra que se encontra disponível no *site* da Biblioteca Nacional de Portugal, no seguinte endereço eletrônico <http://purl.pt/15004/1/>.

Adotaram-se os seguintes critérios editoriais, que, quando se justifique serão comentados e/ou exemplificados, para melhor compreensão das estratégias assumidas:

1. Utiliza-se em toda transcrição a fonte *Times New Roman*, tamanho 12 e nas notas, tamanho 10;
2. os fólhos e colunas em que estão localizadas as cantigas são indicados pelas letras *F* e *C*, cujos reto e verso são indicados por *r* e *v* em negrito, seguindo a numeração que consta no manuscrito, como ilustrado na figura a seguir:

Figura 17 – Excerto da Edição



3. os nomes dos autores, ou daqueles a quem são atribuídas as cantigas, quando aparecem no manuscrito, são transcritos respeitando a grafia patente no códice, registrando-se assim todas as variantes onomásticas (Cf. Figuras 18, 19 e 20).

Figura 18 – Excerto do fólho 36rC2

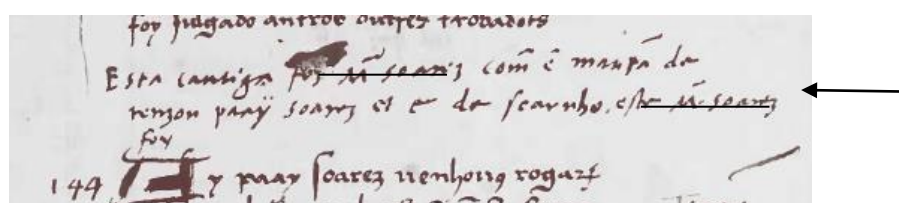


Figura 19 – Excerto do fólio 44rC1

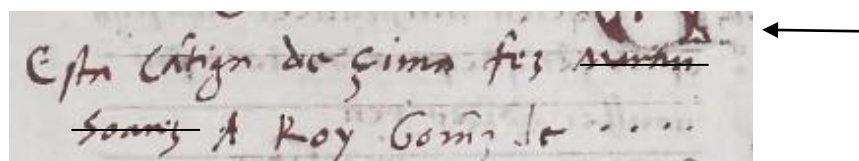
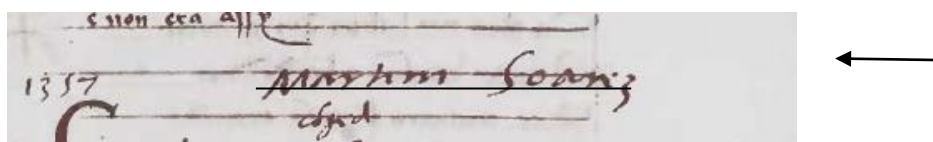


Figura 20 – Excerto do fólio 290rC2

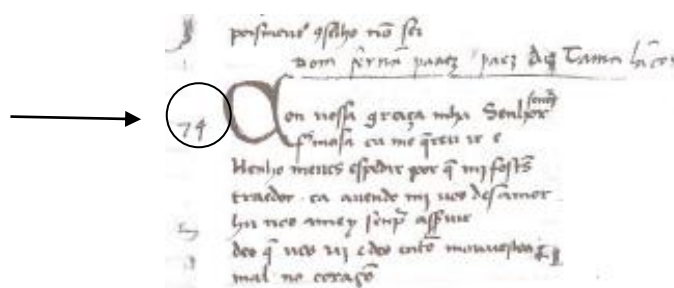


Nas figuras 18, 19 e 20, é possível ler as formas «Martim soares», «Martym Soaris» e «Martim Soariz», respectivamente. Todas essas formas foram registradas antes das cantigas atribuídas a esse trovador, evidenciando a variação de grafias da onomástica patente no *corpus*.

No caso das cantigas em que não constam os nomes dos trovadores, esses são transcritos de acordo com a proposta uniformizadora das edições conhecidas, dentro de colchetes retos; Exemplo: [Afonso X].

4. a numeração das cantigas é indicada em notas de pé de página, logo após o nome do autor, numeradas em arábico, conforme consta no manuscrito ao lado das cantigas:

Figura 21 – Excerto do fólio 290rC2



Há algumas cantigas que receberam a mesma numeração no códice e, por essa razão, recebem o termos ‘bis’ para marcar que se trata de mais uma cantiga com aquele número.

5. as rubricas dos trovadores com informações acerca dos temas das cantigas apresentam-se em notas de rodapé na edição<sup>20</sup>, obedecendo à mesma ordem que aparecem no texto;

Figura 22 – Excerto do fólio 35vC2

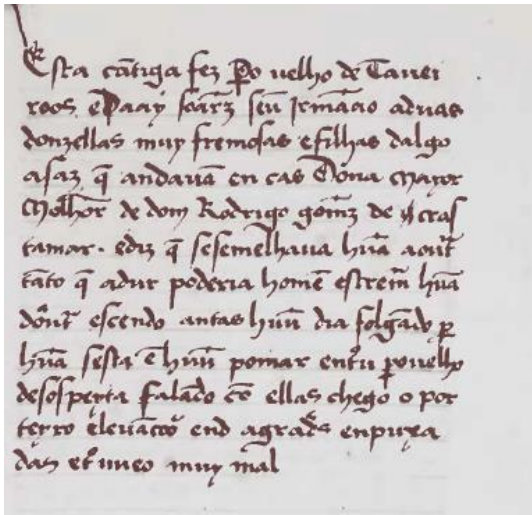
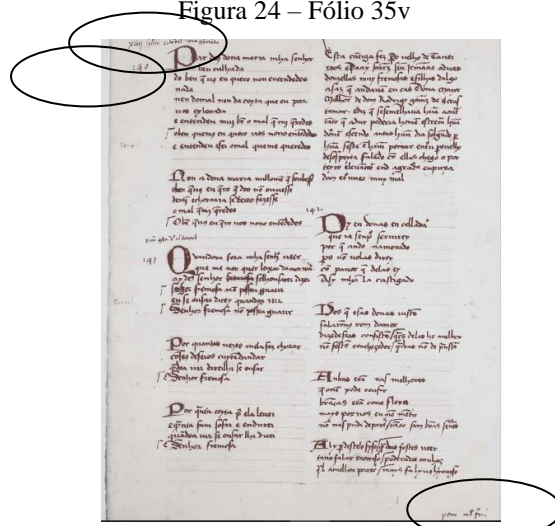


Figura 23 – Nota de rodapé

Esta câtiga fez Pero uelho de Tavei | roos e Paay soarez seu irmão aduas | donzellas muy fremosas e filhas dalgo | asaz que andavã en cas Dona Mayor | Molheor de dom Rodrigo gomez de tras | tamar ediz que se semelhava hũa aoutra / tâto que adur poderia homẽ estremar hũa | doutra eseendo anbas hũu dia folgãdo per / hũa sesta ã hũu pomar entrou pero uelho | de sospeyta falãdo cõ ellas chego o por | teyro elevãto end agradez enpuxa | das etrouueo muy mal.

6. os textos exógenos às cantigas, destacados na figura a seguir, não são transcritos.


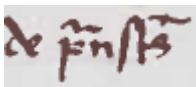


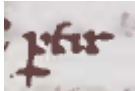

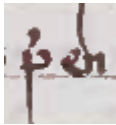

Figura 24 – Fólio 35v

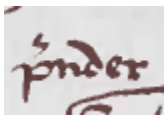

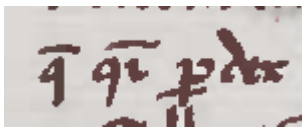

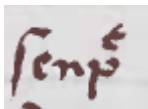



<sup>20</sup> Tal decisão tem por base o fato de que não foram os trovadores os autores das rubricas, mas os copistas que fizeram circular os textos, jograis ou os compiladores. Nesse sentido, essas rubricas só são necessárias quando o entendimento do texto pode ser comprometido pelo desconhecimento da autoria ou do contexto de criação.

7. as quebras de linha do códice são mantidas e indicadas por numeração arábica para facilitar a sua localização (Cf. Figura 9);
8. todas as abreviaturas são desenvolvidas em itálico. Sobre as abreviaturas, vale registrar que os manuais de paleografia disponíveis, como o de Borges Nunes (2009), por exemplo, foram muito úteis para o desdobramento das abreviaturas. Pelas peculiares condições de cópia, nem sempre houve um padrão identificado no códice, o qual também foi sinalizado em nota de rodapé. Todavia foi possível interpretar um notável número de sinais abreviativos como ilustra o quadro abaixo:

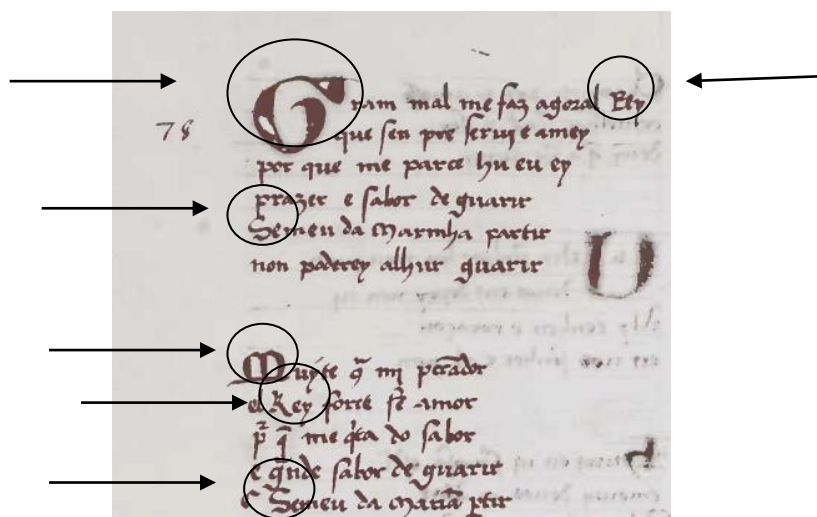
Quadro 1 – Abreviaturas identificadas no Cancioneiro B

	'contra' (cantiga de nº 78)
	'de partistes' (cantiga de nº 142)
	'grande' (cantiga de nº 78)
	'natural' (b142)
	'partir' (cantiga de nº 78)
	'por em' (cantiga de nº 104)
	'por en' (b368bis)
	'por que' (b78)

	'prender' (cantiga de nº 142)
	'quantas' (cantiga de nº 142)
	'que quer perder' (cantiga de nº 104)
	'quita' (cantiga de nº 78)
	'senpre' (cantiga de nº 106)
	'serey' (cantiga de nº 368bis)

9. letras maiores do que as minúsculas, independentemente do seu tamanho, são transcritas como maiúsculas na edição;

Figura 25 – Excerto do fólio 21rC1



10. as vogais e consoantes dobradas são integralmente mantidas, a exemplo de: *riir*, *rroubar*, *ssa*;
11. mantêm-se as vogais orais *u* e *i* (ou *y*) independente do seu valor, consonântico ou vocálico, são transcritas como aparecem no texto;
12. *g* seguido de *a*, *e*, *i*, *o* ou *u* é mantido mesmo se corresponder à fricativa palatal sonora, a exemplo de: *oge*, *tragedes*;
13. as sibilantes (*s*, *ss*, *ç*, *z*) são representadas conforme aparecem no texto, independentemente se corresponderem ou não à sua etimologia;
14. o *s* longo é representado pelo *s* simples em todas as suas ocorrências;
15. O *i* longo é transcrito pelo *j*;
16. *h* e *y* com valor vocálico ‘i’ são mantidos, a exemplo de: *rey*, *amey*, *ey*, *mha*;
17. o ‘h’ inicial, seja etimológico ou não etimológico, é mantido, a exemplo de: *hu*;
18. as vogais nasais são transcritas conforme aparecem no manuscrito, seguidas de *n*, *m* ou acentuadas com o til (~), a exemplo de: *gram*, *senpre*, *hũa*, *rẽ*, *donzela* ~ *dõzela*, *nũca*, *ẽ*;
19. omitem-se na transcrição rasuras, correções e informações paleográficas, considerando os objetivos do presente estudo e a disponibilização da versão fac-similar do Cancioneiro *online* pela Biblioteca Nacional de Portugal;
20. mantêm-se a grafia original das seguintes formas compósitas (por assimilação ou outro processo) e suas variantes, a exemplo de: *desi* ~ *desy*; *todallas*; *todolos*;
21. os elementos de grupos consonânticos latinizantes e latinismos gráficos são mantidos, a exemplo de: *et*; *bona*; *sancta*;
22. não são introduzidas acentuação gráfica nem pontuação.

## Índice das cantigas satíricas patentes no *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*

Para facilitar a identificação mais imediata das cantigas que foram selecionadas como *corpus* desta tese, apresentam-se o número da cantiga, seu respectivo trovador, o fólho e a coluna onde está localizada e a página correspondente no pdf:

Nº DA CANTIGA	TROVADOR	FÓLIO E COLUNA	PÁGINA – PDF
74	Dom Fernã Paaez de Tamalãcos	20vC2	50
78	Dom Fernã Paaez de Tamalãcos	F21vC1	52
104	Johã Soayris Ssomesso	F27rC2	63
106	Johã Soayris Ssomesso	F27vC1	64
142 (tenção)	Pero Velho de Taveiroos, Paay Soarez	F35vC2	80
143	[Martim Soares]	F36rC1	81
144 (tenção)	Martim soares, paay soarez	F36rC2	81-82
145-496	[Afonso X]	F110vC2	250-83
172	Martym Soaris	F43vC2	102
173	Martym Soaris	F44rC1	103
212	[Pero Garcia Buralês]	F58rC2	131-132
213	[Pero Garcia Buralês]	F58rC2	132
214	[Pero Garcia Buralês]	F58vC2	132-133
215	[Pero Garcia Buralês]	F59rC1	133
221	[Pero Garcia Buralês]	F60rC2	135
223	[Pero Garcia Buralês]	F60vC1	136
263	[Rui Queimado]		151
264	[Rui Queimado]		151-152
366	[Fernão Fernandes Cogominho]		194
368	[Rodrigo Anes de Vasconcelos]	F84rC1	195
374	[Pero Mafaldo]	F85rC2	197
403 (tenção)	[Mem Rodrigues Tenoiro, Julião Bolseiro]	F89vC2	206-207
414	[Afonso Sanches]	F91vC2	210-211

415	[Afonso Sanches]	F92rC1	211
416	[Afonso Sanches, Vasco Martins de Resende]	F92rC2	211-212
446	[Airas Veaz]	F97vC2	222
455	O conde don Goncalo Garcia	F99rC2	225-226
457	[Afonso X]	F101rC1	231
458	[Afonso X]	F101rC1	231
459	[Afonso X]	F101rC2	231
460	[Afonso X]	F101vC1	231-232
461	[Afonso X]	F101vC2	232
462	[Afonso X]	F102rC1	233
463	[Afonso X]	F102rC1	233
464	[Afonso X]	F102rC2	233-234
465 (tenção)	[Garcia Perez, Afonso X]	F102vC1	234
466	[Afonso X]	F102vC2	234
471bis	[Afonso X]	F104vC1	238
472	[Afonso X]	F104vC2	238-239
473	[Afonso X]	F105rC1	239
474	[Afonso X]	F105rC1	239
474bis	[Afonso X]	F105rC2	239
475	[Afonso X]	F105rC2	239
476	[Afonso X]	F105rC2	239-240
478	[Afonso X]	F105vC2	240
479	[Afonso X]	F107rC1	243
480 (Sirventês moral)	[Afonso X]	F107rC1	243
481	[Afonso X]	F107vC1	243-244
482	[Afonso X]	F107vC2	244
483	[Afonso X]	F107vC2	244-245
484	[Afonso X]	F108rC1	245
485	[Afonso X]	F108rC2	245
486	[Afonso X]	F108vC1	246
487	[Afonso X]	F108vC2	246
488	[Afonso X]	F109rC1	247
489	[Afonso X]	F109rC1	247



490	[Afonso X]	F109rC2	247-248
491	[Afonso X]	F109vC1	248
492	[Afonso X]	F109vC2	248-249
493	[Afonso X]	F110rC1	249
494	[Afonso X]	F110rC2	249-250
495	[Afonso X]	F110vC1	250
612	Pero larouco	F135rC1	301
613	Pero larouco	F135rC2	301
614	Pero larouco	F135rC2	301
781	Dom affonso Sanches	F167rC2	365
782	Dom affonso Sanches	F167vC1	366
857	[Afonso Pais de Braga]	F180rC2	391
871 (Sirventês moral)	[Airas Nunes]	F185rC1	401
883	[Airas Nunes]	F186vC2	404
885	[Airas Nunes]	F187rC2	405
886	[Afonso Gomes]	F187vC2	406-407
887 (Sirventês moral)	Martim moxa	F188rC1	407
888	Martim moxa	F188rC2	407-408
889	Martim moxa	F188vC2	408-409
896 (Sirventês moral)	Martim moxa	F192rC2	415-416
915	Martim moxa	F197rC1	425
916	Martim moxa	F197rC1	425-426
917	Martim moxa	F197rC2	425-426
922	[Pero Guterres]	F198rC2	427-428
966	[João Airas de Santiago]	F209rC1	449
968	Afonssi anis	F209rC2	449-450
969 (tenção)	pero da pōti e Afonso anes do coton	F209vC1	450
984	pero da Poti	F213rC1	457
1052 (tenção)	[João Airas de Santiago, Rui Martins]	F223rC2	482-483

1072 (tenção)	Bernal Bonaval, Abril Perez	F227rC2	489-490
1099	[Pedro Amigo de Sevilha]	F235rC2	505-506
1171	[Juião Bolseiro]	F250rC2	535
1181 (tenção)	Juyō belseyro, [João Soares Coelho]	F251vC2	538-539
1219	Pedreu Solaz	F259rC1	553
1221	johã baueca, Pedro Amigo de Sevilha	F259vC1	554-555
1300	Steuã da Guarda	F273rC1	581
1300bis	Steuã da Guarda	F273rC2	581-582
1301	Steuã da Guarda	F273vC1	582
1302	Steuã da Guarda	F273vC1	582
1303	Steuã da Guarda	F279rC1	593
1304	Steuã da Guarda	F279rC1	593
1305	Steuã da Guarda	F279rC2	593-594
1306	Steuã da Guarda	F279vC1	594
1307	Steuã da Guarda	F279vC1	594
1308	Steuã da Guarda	F279vC2	594-595
1309	Steuã da Guarda	F280rC1	595
1310	Steuã da Guarda	F280rC2	596
1311	Steuã da Guarda	F280vC1	596
1312	Steuã da Guarda	F280vC2	596
1313	Steuã da Guarda	F280vC2	596-597
1314	Steuã da Guarda	F281rC1	597
1315 (tenção)	Steuã da Guarda, iosep	F281rC2	597-598
1316	Steuã da Guarda	F281rC2	598
1317	Steuã da Guarda	F282rC1	599
1318	Steuã da Guarda	F281rC2	599
1319	Steuã da Guarda	F282rC2	600
1320	Steuã da Guarda	F282vC1	600
1321	Steuã da Guarda	F282vC2	600-601
1322	Steuã da Guarda	F283rC1	601
1323	Steuã da Guarda	F283rC2	601-602
1324	Steuã da Guarda	F283vC1	602
1325	Steuã da Guarda	F283vC2	602-603
1326	Steuã da Guarda	F284rC1	603

1327	Jo fernãdez dardeleyro	F284rC2	603-604
1329	Dom meem Rodrigues de briteyros	F284vC2	604
1330	[Mem Rodrigues de Briteiros ou João Fernandes de Ardeleiro]	F284vC2	605
1330bis	joham soarez de pauha	F285rC2	605-606
1331	Fernão rodrigiz de calheyros	F285vC1	606
1332	Fernão rodrigiz de calheyros	F285vC2	606-607
1333	Fernão rodrigiz de calheyros	F285vC2	607
1334	ffernã paez de talamãcos	F286rC1	607
1335	ffernã paez de talamãcos	F286rC2	607-608
1336/75	ffernã paez de talamãcos	F286vC1	608
1337	ffernã paez de talamãcos	F286vC2	608
1338	Dom lopo lias	F286vC2	608-609
1339	Dom lopo lias	F287rC1	609
1340	Dom lopo lias	F287rC1	609
1341	Dom lopo lias	F287rC2	609-610
1342	Dom lopo lias	F287vC1	610
1343	Dom lopo lias	F287vC1	610
1344	Dom lopo lias	F287vC1	611
1345	Dom lopo lias	F288rC1	611
1346	Dom lopo lias	F288rC2	611
1347	Dom lopo lias	F288vC1	612
1348	Dom lopo lias	F288vC1	612
1349	Dom lopo lias	F288vC2	612
1350	Dom lopo lias	F289rC1	612-613
1351	Dom lopo lias	F289rC2	613
1352	Dom lopo lias	F289rC2	613-614
1353	Dom lopo lias	F289vC1	614
1354	Dom lopo lias	F289vC2	614
1355	Dom lopo lias	F289vC2	614-615
1356	Dom lopo lias	F290rC1	615
1357	Martim Soariz	F290rC2	615-616
1358	Martim Soariz	F290vC1	616
1359	Martim Soariz	F290vC2	616-617

1360	Martim Soariz	F291rC1	617
1361	Martim Soariz	F291rC2	617
1362	Martim Soariz	F291rC2	617-618
1363	Martim Soariz	F291vC1	618
1364	Martim Soariz	F291vC2	618
1365	Martim Soariz	F291vC2	618-619
1366	Martim Soariz	F292rC1	619
1367	Martim Soariz	F292rC1	619
1368	Martim Soariz	F292rC2	619-620
1369	Martim Soariz	F292vC1	620
1370	Martim Soariz	F292vC2	620-621
1371	Nuno Fernādes	F293rC1	621
1372	pero Garcia burgalez	F293rC2	621
1373	pero Garcia burgalez	F293rC2	621-622
1374	pero Garcia burgalez	F293vC1	622
1375	pero Garcia burgalez	F293vC2	622-623
1376	pero Garcia burgalez	F294rC1	623
1377	pero Garcia burgalez	F294rC2	623-624
1378	pero Garcia burgalez	F294vC1	624
1379	pero Garcia burgalez	F294vC1	624
1380	pero Garcia burgalez	F294vC2	624-625
1381	pero Garcia burgalez	F295rC1	625
1382	pero Garcia burgalez	F295rC2	625-626
1383bis	pero Garcia burgalez	F295vC2	626
1384	pero Garcia burgalez	F296rC1	627
1385	Roy <i>queymado</i>	F296rC2	627-628
1386	Roy <i>queymado</i>	F296vC1	628
1387	Roy <i>queymado</i>	F296vC2	628
1388	Roy <i>queymado</i>	F296vC2	628-629
1389	jo lobeyla	F297rC1	629
1390	Don Goncalo anis do vinhal	F297rC2	629
1431	Dom Pedro de Portugal	F298rC1	631
1432	Dom Pedro de Portugal	F298rC1	631-632
1433	Joam de Gays scudeyro	F298vC1	632

1435	[Rui Pais de Ribela]	F298vC2	632
1436	[Rui Pais de Ribela]	F299rC1	632-633
1437	[Rui Pais de Ribela]	F299rC1	633
1438	[Rui Pais de Ribela]	F299rC2	633
1439	[Rui Pais de Ribela]	F299rC2	633-634
1440	Roy prez	F299vC1	634
1441	Pero barroso	F299vC1	634
1441bis	Pero barroso	F299vC2	634
1442	Pero barroso	F300rC1	634-635
1443	Pero barroso	F300rC2	635
1444	Pero barroso	F300rC2	635-636
1445	Pero barroso	F300vC1	636
1446	Pero barroso	F300vC2	636
1448	[João de Gaia]	F300vC2	637
1452	[João de Gaia]	F302rC1	639
1453	Johã baueca	F302rC2	639-640
1454	Johã baueca	F302vC1	640
1455	Johã baueca	F302vC1	640-641
1456	Johã baueca	F305rC1	645
1457	Johã baueca	F305rC2	645-646
1458	Johã baueca	F305vC1	646
1459	Johã baueca	F305vC2	646-647
1460	Johã baueca	F306rC1	647
1461	johã ayras di Sñiago	F306rC1	647
1462	johã ayras di Sñiago	F306rC2	647
1463	johã ayras di Sñiago	F306rC2	647-648
1464	johã ayras di Sñiago	F306vC1	648
1465	johã ayras di Sñiago	F306vC1	648
1466	johã ayras di Sñiago	F306vC2	648
1467	johã ayras di Sñiago	F307rC1	648-649
1468	johã ayras di Sñiago	F307rC2	649
1469	Affonso Lopez de bayã	F307rC2	649
1470	Affonso Lopez de bayã	F307vC1	649-650
1471	Affonso Lopez de bayã	F308rC1	651

1471bis	Affonso Lopez de bayã	F308rC2	651
1472	Ayras perez Vuytoz	F308vC1	651-652
1473	Ayras perez Vuytoz	F308vC2	652
1474	Ayras perez Vuytoz	F309rC1	652
1475	Ayras perez Vuytoz	F309rC2	653
1476	Ayras perez Vuytoz	F309rC2	653
1477	Ayras perez Vuytoz	F310rC1	654
1478	Ayras perez Vuytoz	F310rC2	655
1479	Ayras perez Vuytoz	F310vC1	655-656
1480	Ayras perez Vuytoz	F310vC2	656
1481	Ayras perez Vuytoz	F310vC2	656
1482	Ayras perez Vuytoz	F310vC2	656-657
1483	Ayras perez Vuytoz	F311rC2	657
1483bis	Ayras perez Vuytoz	F311rC2	657
1484	Ayras perez Vuytoz	F311rC2	657
1485	Ioham da Guylhades	F311rC2	657-658
1487	Ioham da Guylhades	F311vC1	658
1488	Ioham da Guylhades	F311vC2	658-659
1489	Ioham da Guylhades	F312rC1	659
1490	Ioham da Guylhades	F312rC1	659
1491	Ioham da Guylhades	F312rC2	659
1492	Ioham da Guylhades	F312vC1	659-660
1493	Ioham da Guylhades	F312vC1	660
1494	Ioham da Guylhades	F312vC2	660
1495	Ioham da Guylhades	F313rC1	661
1497	Ioham da Guylhades	F313rC2	661-662
1498	Ioham da Guylhades	F313vC1	662
1499	Ioham da Guylhades	F313vC2	662-663
1500	Ioham da Guylhades	F314rC1	663
1501	Ioham da Guylhades	F314rC2	663
1502	Ioham da Guylhades	F314rC2	663-664
1503	Ioham da Guylhades	F314vC1	664
1504	Fernã Velho	F314vC2	664-665
1505	Vasco peres pardal	F315rC1	665

1506	Vasco peres pardal	F315rC1	665
1507	Vasco peres pardal	F315rC2	665-666
1508	Vasco peres pardal	F315vC1	666
1509	Vasco peres pardal, [Pedro Amigo de Sevilha]	F315vC2	666
1510	Don Fernã <i>garcia</i> esgarauunha	F316rC1	667
1511	Don Fernã <i>garcia</i> esgarauunha	F316rC2	667-668
1512 (tenção)	Vasco Gil, Afonso X	F316vC1	668
1513	Pero Mafaldo	F316vC2	669
1514	Pero Mafaldo	F317rC2	669
1515	Gil peres conde	F317rC2	669-670
1516	Gil peres conde	F317vC1	670
1517	Gil peres conde	F317vC2	670-671
1518	Gil peres conde	F318rC1	671
1519	Gil peres conde	F318rC1	671
1520	Gil peres conde	F318rC2	671
1521	Gil peres conde	F318vC1	672
1522	Gil peres conde	F318vC1	672
1523	Gil peres conde	F318vC2	672-673
1524	Gil peres conde	F319rC1	673
1525	Gil peres conde	F319rC1	673
1526	Gil peres conde	F319rC2	673-674
1527	Gil peres conde	F319vC1	674
1528	Gil peres conde	F319vC2	674-675
1529	Gil peres conde	F320rC1	675
1531	Gil peres conde	F320vC1	676
1532	Gil peres conde	F320vC1	676
1533	El Rey don Denis	F320vC2	676-677
1534	El Rey don Denis	F321rC1	677
1535	El Rey don Denis	F321rC2	677
1536	El Rey don denis	F321vC1	678
1537	El Rey don Denis	F321vC2	678
1538	El Rey don denis	F321vC2	678-679
1539	El Rey don Denis	F322rC1	679

1540	El Rey don Denis	F322rC2	679
1541	El Rey don Denis	F322rC2	679-680
1542	El Rey don Denis	F322vC1	680
1543	Don Rui gomes de breteyros	F322vC2	680-681
1544	Don Rui gomes de breteyros	F322vC2	681
1545	Johã uaasquiz	F323rC1	681
1546	Johã uaasquiz	F323rC1	681
1547	Johã uaasquiz	F323rC2	681
1548	Johã uaasquiz	F323rC2	681-682
1549	Johã uaasquiz	F323rC2	682
1550 (tenção)	Johã uaasquiz, [Pedro Amigo de Sevilha]	F323vC1	682
1551 (tenção)	Johã uaasquiz, Joan Airas	F323vC2	682-683
1552	Nunes	F324rC1	683
1553	Fernã Soarez	F324rC2	683-684
1554	Fernã Soares de <i>Quinhones</i>	F324vC1	684
1555	Fernã Soares de <i>Quinhones</i>	F324vC1	684
1556	Fernã Soares de <i>Quinhones</i>	F324vC2	684-685
1557	Fernã Soares de <i>Quinhones</i>	F325rC1	685
1558	Affonso meendes de Beesteiros	F325rC2	685
1559	Affonso meendes de Beesteiros	F325rC2	685-686
1560	Affonso meendes de Beesteiros	F325vC1	686
1561	Steuã faia	F325vC2	686-687
1561bis	Mee paiz	F326rC1	687
1572	[Pero Garcia de Ambroa]	F331rC1	701
1573 (tenção)	[Pero Garcia de Ambroa, João Baveca]	F331rC1	701
1574	[Pero Garcia de Ambroa]	F331rC2	701-702
1575	[Pero Garcia de Ambroa]	F331vC1	702
1576	[Pero Garcia de Ambroa]	F331vC2	702
1577	[Pero Garcia de Ambroa]	F331vC2	702-703
1578	[Pero Garcia de Ambroa]	F332rC2	703
1579	Afonso do coton	F332vC1	703
1580	Afonso do coton	F332vC2	703
1581	Afonso do coton	F332vC2	703-704



1582	Afonso do coton	F333rC1	703-704
1583	Afonso do coton	F333rC1	704
1584	Afonso do coton	F333rC2	705-706
1585	Afonso do coton	F333vC1	706
1586	Afonso do coton	F333vC1	706
1587	Afonso do coton	F333vC2	706-707
1588	Afonso do coton	F334rC1	707
1589	Afonso do coton	F334rC2	707-708
1590	Afonso do coton	F334vC1	708
1591	Afonso do coton	F334vC1	708
1592	Diego prezelho	F334vC1	709
1593	pedramigo de Seuilha	F335rC2	709-710
1594	pedramigo de Seuilha	F335rC2	710
1595	pedramigo de Seuilha	F335vC2	710
1596	pero danbroa	F335rC2	710711
1597	pero danbroa	F336rC1	711
1598	pero danbroa	F336rC2	711-712
1599	pero danbroa	F336vC1	712
1600	pero mendez da fonsom	F336vC1	712
1601	Ayras Nunes	F336vC2	712-713
1602	pero darnea	F339rC1	717
1603	Pero Dambrõa	F339rC1	717
1604	fernã del <i>quio</i>	F339rC2	717-718
1604bis	fernã del <i>quio</i>	F339vC1	718
1607	fernã del <i>quio</i>	F340vC2	719-720
1608	Johã Velho	F340vC1	720
1609	[João Velho de Pedrogães]	F340vC2	720-721
1610	Afonso <i>ffernandez</i> Cubel caualeyro	F341rC1	721
1611	<i>stevão</i> fernãdiz Barreto	F341rC2	721-722
1612	Johã Romeu de lugo	F341vC1	722
1613	Fernã <i>rodrigues</i> redõdo	F341vC2	722
1614	Fernã <i>rodrigues</i> redõdo	F341vC2	722-723
1615 (tenção)	[Afonso Anes do Cotom, Pero da Ponte]	F342rC1	723

1616	Affonso Anes do Cotom	F342rC2	723
1616bis	Pero Veuyaez	F345rC1	723-724
1617	Pero Veuyaez	F345rC1	731
1618	Pero Veuyaez	F345rC2	731-732
1619	Pero Veuyaez	F345vC1	732
1620	Pero Veuyaez	F345vC2	732-733
1621	Martin anes morinho	F346rC1	733
1622	Asfonso soarez	F346vC1	734
1623	Caldeiran	F346vC1	734
1624 (tenção)	Paie gomes, [Afonso X]	F346vC2	734-735
1625	Paie Gomez charinho	F347rC1	735
1626	Pero da ponte	F347vC1	736
1627	Pero da ponte	F347vC1	736
1628	Pero da ponte	F347vC2	736-737
1629	Pero da ponte	F348rC1	737
1630	Pero da ponte	F348rC2	737
1631	Pero da ponte	F348rC2	737-738
1632	Pero da ponte	F348vC1	738
1633	Pero da ponte	F348vC2	738-739
1634	Pero da ponte	F349rC1	739
1635	Pero da ponte	F349rC2	739
1636	Pero da ponte	F349rC2	739-740
1637	Pero da ponte	F349vC1	740
1638	Pero da ponte	F349vC2	740
1639	Pero da ponte	F350rC1	741
1640	Pero da ponte	F350rC1	741
1641	Pero da ponte	F350vC1	742
1642	Pero da ponte	F350vC2	742
1643	Pero da ponte	F350vC2	742-743
1644	Pero da ponte	F351rC1	743
1645	Pero da ponte	F351rC2	743-744
1646	Pero da ponte	F351vC1	744
1647	Pero da ponte	F351vC2	744
1648	Pero da ponte	F351vC2	744-745

1649	Pero da ponte	F352rC1	745
1650	Pero da ponte	F352vC1	746
1651	Pero da ponte	F352vC1	746
1653	Pero da ponte	F353rC2	747-748
1654	Pero da ponte	F353vC1	748
1655	Pero da ponte	F353vC1	748
1656	Pero da ponte	F353vC2	748-749
1657	Pero da ponte	F354rC1	749
1658	Pedramigo	F354rC2	749-750
1659	Pedramigo	F354vC1	750
1660	Pedramigo	F354vC2	750
1661	Pedramigo	F355rC1	751
1662	Pedramigo	F355rC2	751-752
1663	Pedramigo	F355vC1	752
1664	Pedramigo	F355vC2	752

## **Leitura Diplomática**

## F20vC2

Dom fernã paez de tamalãcos<sup>2122</sup>

1. Com uossa graça mha Senhor
2. *fremosa* ca me *quereu* ir e
3. Uenho meues<sup>23</sup> espedir por *que* mi fostes
4. traedor ca auendo mi uos desamor
5. hu nos amey senpre asserruir
6. des *que* ues<sup>24</sup> ui e des entõ mouuestes
7. mal no coraçõ
  
8. Pero deuos a mĩ
9. peor por *que* uos ueiassy

## F21rC1

10. ffalar *que* eu bem podey gauarir<sup>25</sup>
11. oy mais Sem uos
12. ca muy melhor dona caues
13. ey por Senhor *eque* no Sabe assy mêtir *que* fara
14. adurtal traiçõ sobre seu ome Sem rrazõ
  
15. Aueeredes *qual* amor uos
16. eu fazia pois *partir* me ui deuos
17. e *descobrir* uos ey duũ uossentẽ dedor
18. vilão de *que* uos Sabor
19. auedes e a *que* pedir fostela cinta
20. porẽ enõ uos amarey nulha Sazõ

## F21vC1

Dom fernã paez de tamalãcos<sup>26</sup>

1. Gram mal me faz agoral Rey
2. que sen pre serui e amey
3. por que me parte hu eu ey
4. prazer e sabor de guarir
5. Se meu da Marinha partir
6. non poderey alhur guarir
  
7. Muyte *contra* mi pecador
8. el Rey forte sã amor
9. por *que* me *quita* do sabor

---

<sup>21</sup> Cantiga n° 74.

<sup>22</sup> No fólio 20vC2, lê-se o nome do trovador antes da cantiga 74.

<sup>23</sup> Provavelmente, 'uos'.

<sup>24</sup> Provavelmente 'uos'

<sup>25</sup> Erro do copista. A forma é 'guarir'.

<sup>26</sup> Cantiga n° 78.

10. e *grande* sabor de guarir
11. e Semeu da *Marinha* partir

### F27rC2

Iohã soayres ssomesso<sup>27</sup>

1. Ogan en muy menta
2. dise do m martim gil
3. uiuen muy gram tormenta
4. dona oraca bril
5. per como aquer cassar seu pay
6. eaquem lho en menta cedo moyra nossa<sup>28</sup>
7. e a ella sese conchora uay
  
8. E disse em muymêta como uos direi
9. ela uiuem tormêta segũdo eu sei
10. per como a *quer* casar seu pay
11. e a *quẽ* lho emêta cedoo mate el Rey
12. eaela ssese cõ chora uay
  
13. El disse ã muymêta Asi meuẽnhã bẽ
14. uiuem tam gram tor tormêta
15. *que quer* perder osem
16. ea *quem* lho emêta cedo moyra *per* em
17. ea ela ssese cõ chora uay

### F27vC1

Johã soayres ssomesso<sup>29</sup>

1. Huã donzela quig eu muy gran bẽ
2. Meus *Amigos* Assy *deus* me perdom
3. eora ia este meu coraçõ
4. Anda *perdudo* e fora desem
5. por hũa dona seme ualha *deus*
6. que depoyis uiro estes olhes *meus*
7. que mha semelha mui mays doutra itẽ
  
8. Por *que* a donzela nũca verey
9. meus *amigos* en quãto eu ia viver
10. por esso *quereu* mui grã ben *querer*
11. a esta dona ã *que* uos faley
12. *que* me semelha a dõzela *que* vy
13. e A dona *seruirey* des aquy
14. pola donzela *que* eu muyto amey

---

<sup>27</sup> Cantiga n° 104.

<sup>28</sup> Lapa (1970) e Lopes *et al* (2011-) leram ‘cedo moira no Sil’.

<sup>29</sup> Cantiga n° 106.

15. Por que da dona sō eu sabedor
16. meus amigos assy veia prazer
17. *que* adonzela en seu parecer

#### F27vC2

18. semelha muyte porēdey sabor
19. dea *seruir pero que* he meu mal
20. Servila ey enō *seruirey* Al
21. por adonzela *que* foy mha senhor

#### F35vC2

Pero uelho de Taveiroos, Paay soarez<sup>303132</sup>

1. Oy<sup>33</sup> eu donas en celladas
2. que ia senpre *seruirey*
3. por *que* ando namorado
4. *pero* nō uolas direy
5. cō pauor *que* delas ey
6. Asy mhã la castigado
  
7. Dos *que* esas donas uistes
8. falarōnos rem damor
9. dizede seas consistes *quantos* delas he melhor
10. nō fostes concheçedor *quãdoas* nō de *partistes*
  
11. Anbas erã nas melhores
12. *que* omē pode cousir<sup>34</sup>
13. brãcas erã come flores
14. mays por uos eu nō mētir
15. nō nas pudi *departir* tãto sam bōas *senhores*
  
16. Aly *perdestelo* syso *quãdo* as fostes ueer
17. tano falar enorriso poderades *conheçer*
18. *qual* amehor *parecer* mays *falynos* hyouyso

#### F36rC1

Martym soares<sup>353637</sup>

<sup>30</sup> Cantiga n° 142 (tenção).

<sup>31</sup> Os nomes dos trovadores constam na anotação que antecede a cantiga n°142.

<sup>32</sup> Nessa altura, consta a seguinte anotação: Esta cântiga fez Pero uelho de Tavei | roos e Paay soarez seu irmãoo aduas | donzellas muy fremosas efilhas dalgo | asaz *que* andavã en cas Dona Mayor | Molheor de dom Rodrigo gomez de tras | tamar ediz *que* sesemelhava hũa aoutra / tãto *que* adur poderia homē *estremar* hũa | doutra eseendo anbas hũu dia folgãdo *per* / hũa sesta ã hũu pomar *entrou* *pero* uelho | de sospeyta falãdo cō ellas chego o por | teyro elevãto end agradez enpuxa | das etrouueo muy mal.

<sup>33</sup> Embora no manuscrito pareça constar a forma ‘Oy’, acredita-se que houve um erro do copista e a forma correta seja a primeira pessoa do pretérito perfeito do verbo ver: ‘Vi’.

<sup>34</sup> Verbo do provençal (TORMO, 1990)

<sup>35</sup> Cantiga n° 143.

<sup>36</sup> A grafia do nome do trovador consta na anotação que antecede a cantiga n° 143.

1. Pero non fuy a ultra mar
2. muyto sey eu a terra bem
3. per soeyreanes *que* ã uem
4. segũdo lheu oy cõtar
5. diz *que* marcelha iaz alem
6. domar eAcre iaz aquem
7. e pom ror tes<sup>38</sup> loguy arar<sup>39</sup>
  
8. E as iornadas sei eu bem
9. comolhi eiry oy falar diz *que* podir
10. quẽ bem andar de belfurada santarẽ
11. Sen outro dia madurgar eir anoguy
12. rol iã tar emaer a Jherusalem
  
13. E diz *que*uyo hũu judeu *que* uyo prender
14. *nostro* senhor eaueredes hi grã saborseuolo
15. cõtar cuydomeu diz *que*he iudeu pastor
16. *natural* de rrocamador e *que*ha nome dona
17. dreu
  
18. Dossepulcro uos direy *per* hu andou
19. calho oy adom soeyro bem asy como mel
20. dise uos direy de satẽ<sup>40</sup> tres legoas he
21. *equatro* ou cõco deloule e belselffurader o<sup>41</sup> iaz
22. loguy
  
23. Peri<sup>42</sup>an dou *nostro* ssenhor daly diz el *que* foy
24. romeu edepoys *que* lho soldan deu operdom

### F36rC2

25. ouue grã sabor desse tornar efoylhy greu
26. dandar coyra egalisteu cõtorquis do õperador

### F36rC2

*Martim* soares, paay soarez<sup>434445</sup>

---

<sup>37</sup> Nesta altura consta a seguinte anotação: Esta cantiga fez Martym soares a | hũ Cavaleyro *que* era chiofa dor *que* dezia *que* | uĩiha doutra Mar.

<sup>38</sup> Somportes, segundo Lopes *et al* (2011-)

<sup>39</sup> Lopes *et al* (2011-) lê o final do verso 7 como: ‘a par’, no entanto, não parece ser o que consta no manuscrito B.

<sup>40</sup> Lopes *et al* (2011-) leem ‘Santarém’, no entanto, no manuscrito não há indicação de abreviatura.

<sup>41</sup> Belfurado (Lopes *et al*, 2011-).

<sup>42</sup> ‘Per u’ (LOPES *et al*, 2011-).

<sup>43</sup> Cantiga n° 144 (tenção).

<sup>44</sup> As grafias dos nomes dos trovadores constam na anotação que antecede a cantiga n° 144.

<sup>45</sup> Nessa altura, consta a seguinte anotação: Esta cantiga fez *Martim* soares come ã maneira | de tẽçom cõ paay soares e he descarnho | este *Martim* soares foy de Riba de limha ã *Portugal* / e *trobou* melhor ca todolos *que* trobarõ e ali | foy julgado antros outres trovadores.



1. Ay paay soarez uenhouos rogar
2. por hũ meu *homem que nõ quer servir*
3. *queo* façamos mi e uos lograr ã guisa *que*
4. possa *per* hy guarir *pero* seranos graue de
5. fazer ca el nõ sabe cantar nõ dizer rẽ *per*
6. *que* se pague del *queno* uir
  
7. Maram<sup>46</sup> soarez nõ possui osmar
8. *que* nolas gentes *querã* consentir denos tal
9. homẽ fazermos porar<sup>47</sup> ã rograria ca hu
10. for pedir algũ uerao vilãser *triste* roso
11. e torpe sã saber e *auer*ssa denos e del *tiir*<sup>48</sup>
  
12. Paay soares ohomem deseiu *triste* e nojoso
13. e torpe sem mester *per*faremos nos
14. de cuydumeu jograr seen deuos a
15. juda ouuer calhe daredes uos esse sayo
16. e porrey lheu nome rograr<sup>49</sup> sisom e
17. contal nome gualroi *per* hu *quer*
  
18. Marã<sup>50</sup> soarez a mi ha greu de lho sa
19. iõ dar e poys *que* lho der nõ diga el *quelho*
20. nulhomẽ deu e seo el *per* uentura *disser*

### F36vC1

21. muy bẽ say eu o *quelhe* dirã entõ
22. confunda *deus quem* te deu esse dom
23. nõ *aquem* de fezo lograr ne *segneur*<sup>51</sup>
  
24. Paay soarez denhũ por razõ de poiar
25. ja ovilãao grodõ de si posface
26. del *quem quisier*

### F110vC2

[Afonso X]<sup>5253</sup>

<sup>46</sup> Embora pareça constar aqui forma ‘Maram’, acredita-se que houve um erro do copista para o que deveria ser Martim, uma vez que se trata de uma tenção entre Martim Soares e Paio Soares de Taveirós.

<sup>47</sup> Aqui também parece ter ocorrido alguma interferência no momento de cópia e, apesar de constar a grafia ‘porar’, acredita-se que seja o verbo ‘poiar’.

<sup>48</sup> ‘viir’ (Lopes *et al*, 2011-).

<sup>49</sup> ‘jograr’ (Lopes *et al*, 2011-).

<sup>50</sup> Como dito na nota 17, trata-se de um provável erro do copista para a grafia ‘Martim’.

<sup>51</sup> Segundo Tormo (1990), ‘segneur’ é um termo do provençal “utilizado pelos trovadores para designar a um home a Deus” (TORMO, 1990, p. 314).

<sup>52</sup> Cantiga nº 145/496.

<sup>53</sup> Essa cantiga de Afonso X que foi deslocada para a setor do Reis, no Cancioneiro B. O início estava p. 250 da edição fac-similar, cantiga nº 496, mas o final estava na p. 83 da referida edição, antes das cantigas de Paay Soares de Taveyros, antes da cantiga nº 145. Nesse fólio, as estrofes da primeira coluna

1. Quê de guerra leou caualeyres
2. e assa terra foy guardar
3. dinheyres nõ uẽ al mayo
  
4. Quem da guerra se foy
5. cõ maldade assa terra foy
6. cõprar erdade nõ uẽ al mayo
  
7. O que da guerra sse foy
8. cõnemiga pero nõ ueo
9. quande preitesia nõ uen al mayo
  
10. O que tragia opano de linho
11. pero nõ ueo polo sam
12. Martinho nõ uẽ al mayo
  
13. O que tragia opondom
14. cinco ene dedo sen pedra
15. oinço<sup>54</sup> nõ uẽ al mayo
  
16. O que tragia opondon
17. senoyto Eassa gẽte nõ daua
18. pam coyto nõ uẽ al maio

### F37rC1

19. O que tragia opondon
20. ssem sete eçĩta ancha emuy grã
21. topete nõ uẽn al mayo
  
22. O que tragia opondom
23. sen tenda *per* quãta gora sey
24. dessa fazenda nõ uen al mayo
  
25. O *que* sse foy cõmedo
26. dos Martinhos essa terra
27. foy beuer los vyõs
28. nõ uen al mayo
  
29. O que cõmedo fugiu
30. da frõteyrapero *tragia* pendõ
31. sen caldeira nõ uẽ al mayo

---

vêm cortadas por um traço diagonal. Na presente edição, optou-se por editá-la inteiramente na seguindo a ordem numérica, ou seja, logo após a cantiga nº 144.

<sup>54</sup> Inço é registrado em AGCunha como um correspondente a ‘resto’. A leitura ‘viço’ também é possível. No entanto, a leitura gráfica parece mais adequada com a forma ‘inço’, adotada nesta edição.

32. O que rroubou os
33. Mouros mal ditos cassa terra
34. foi rroubar cabritos nõ uẽ al mayo
  
35. O que daguerra sefoy
36. con espanto cassa terra
37. ar foyarmar manto nõ vẽ
  
38. O que daguerra se foy
39. con grã medo contra saterra
40. espargendo uedo nõ uẽ
  
41. Oque tragia pendon de cardaco
42. macar non ueo en mes demarconõ uẽ

### F37rC2

43. O que da guerra foy
44. por reqreudo macar
45. en burgos fez pintar
46. scudo nõ uẽ al

### F43vC2

Martym Soaris<sup>5556</sup>

1. Pois boas donas som desẽparadas
2. enulho *homem* nõ nas *quer* defender
3. nonas quereu leixar estar *quedadas*
4. mays *querem* duas *perforça* prẽder
5. outres ou quatro quaaes mẽ escolher
6. pois nõ aui ia *per* quẽ seiam uengadas
7. netas de Conde quereu cometer
8. que me seram mais pouca coomhadas

### F44rC1

9. Netas de conde uyuuas nõ donzela
10. essa *per* rrem nõna *quereu* leixar
11. nõlhe ualrra sesse chamar mesella
12. nõ de carpir muyto nõ de chorar
13. came non aui porem a desfiar
14. seu linhagem nem deitar a castela
15. e ueeredes *meos* filhos andar
16. netos de gede partir ensousela

---

<sup>55</sup> A grafia do nome do trovador consta na anotação registrada após a cantiga nº 172.

<sup>56</sup> Cantiga nº 172.

17. Se eu netas de conde sem seu *grado*
18. *tomar* etanto comeu uyuo for
19. nũca poreu serey desafiado
20. nẽ pararey mha natura peyor
21. antes farey meu linhaiem melhor
22. *oque* ende de gueda mais bayxado
23. e ueeredes pois meu filho for
24. neto de gueda cõ conde miscrado<sup>57</sup>

#### **F44rC1**

Martym Soaris<sup>58</sup>

1. Poys noney de dona el vira
2. seu amor e ey sa ira
3. esto farei sen mentira
4. poys me vou de santa uya
5. morarei cabo da maya
6. en doyro antro porto e gaya

7. Se creuesseu *Martin* syra

#### **F44rC2**

8. nũca meu dali partira
9. du mel disse *quea* vira
10. enssanhoane e enssaya
11. morarey cabo da maya

#### **F58rC2**

[Pero Garcia Burgalês]<sup>59</sup>

1. Iohana dixeu sancha e Maria
2. en meu catar cõ *gram* coyta damor
3. epero todas tres nẽ aqual *quero* melhor
4. nẽ qualmi faz ora por ssy morrer
5. de Joana de Sancha ede Maria
6. Tantouui medo *quelhi* pesaria
7. *que* nõ dixi *qual* era ma senhor
8. de todas tres nena *por que* morria
9. nena *que* eu ui parecer melhor
10. de *quãtas* donas ui emays ualer
11. entodo bẽ nona *quigi* dizer
12. tantouui medo *quelhi* pesaria

---

<sup>57</sup> Nessa altura consta a seguinte anotação: Esta cãtiga de çima fez Martim | Soariz a Roy Gomez de | teyros *que* era ifançõ | *ricomem* por *que* rrousan | dona Eluira Anes filha do dõ | joã *perez* da Maya e de dona | Guymar Meendiz filha del | conde Meendo.

<sup>58</sup> Cantiga n° 173.

<sup>59</sup> Cantiga n° 212.

13. E *pero* mays tolher nome podoia
14. do*queme* tolhe *peromey* pauor
15. tolhemo corpo *que* a nũca dia
16. est nẽ noyte *que* aia sabor
17. demĩ nen dal *que* mha mays atolher
18. nũ ueiela *que* morra *pera* ueer
19. *que* estomayos *que* me poder tolher podia
  
20. E pora *questeu* uiuer nũ *queria*
21. Per bõa fe ca uyuo na mayor

### F58vC1

22. coita do mũdo bẽ *desaque*l dia
23. *que* a nũ ui ca nũ ouui sabor
24. epoisme ueiental coyta uiuer
25. *deus* me confonda se uiuer *queria*
  
26. E a esta dona mi tolher poder
27. de Rogar a *deus* e fez mi *perder*
28. pauor de morte *que* anteu auya

### F58rC2

[Pero Garcia Buralês]<sup>60</sup>

1. Ora ueieu quefiz mui *gram* folia
2. por *que* dixi ca *queria* *gram* ben
3. Joana ou Sancha *que* dixi ou Maria
4. ca por *aquesto* *que* eu dixaly
5. mho soube logunha dona desy
6. daquesuats tres *que* porela dizia
  
7. E por *quateu* esto dixi dema
8. Morta *prender* *per* bõa fe *por* en
9. *por* *que* dixi ca *queria* *gram* bẽ
10. Johana ou Sancha *que* dixou Maria
11. Ca *por* *aquesto* *que* en foy dizer
12. Mouue o *gram* bẽ *quelheu* *queriassaber*
13. Esta dona *que* ante nũ sabia
  
14. Ar nũ soubera *quelhi* bẽ *queria*
15. esta dona se nũ *por* meu mal sẽ
16. *por* *que* dixi *que* *queria* *gram* bẽ
17. Joana

---

<sup>60</sup> Pelo contexto e pela organização do fôlio, é possível identificar nessa altura o início da cantiga n° 213, não numerada no manuscrito.

18. ou Sancha *que* dixou Maria
19. edesque soubesta dona *por* mi
20. calhi *queria* bẽ senpre desi
21. me *quis* gram mal mayor nõ poderia

### F58vC2

22. Por mui *gram* bẽ *quelhi quis* todauya
23. des *que*auí *queme* soube por en
24. *por que* dixi ca *queria gram* bem
25. Joana ou Sancha *que* dixou Maria
26. edesque ouesta dona poder
27. do mui *gram* bem *quelheu quero* saber
28. nõca mar *quis* ueer *desaque*l dia

### F58vC2

[Pero Garcia Buralês]<sup>61</sup>

1. Que muytas quemandã pregũ
2. qual esta dona *que quero* gram
3. se e Joana se Sancha se quen
4. se Maria mays mays en tam coytadando
5. euydanden hũa destas tres que ui
6. polo meu mal que sol nõ lhis torni
7. nenlhis filo se nõ dequanden quãdo
  
8. E uoume doutras gẽtes alongando
9. *por* tal *que* me nõ *pregũtem por* en
10. *per* bõa fe ca nõ *por* outra rem
11. euamelas ameu pesar chamado
12. *epregũtã* dome apesar demĩ
13. *qual* est a dona *queme* faz assi
14. *por* si andar en *gram* coyta *que* ando
  
15. Porẽ todome deuia ecordado
16. *que* sem ouuvesse *daquesta* seer
17. de nõca hir tal *pregũta* fazer
18. ca *perquen* seria castigado
19. castigarssen pelo seu coraçõ
20. *qual perassy* nõ *quisesse que* nõ
21. desseddaoutre nõca
22. *per* leu<sup>62</sup> grado

### F59rC1

---

<sup>61</sup> Cantiga n° 214.

<sup>62</sup> Provavelmente, 'seu'.

23. E facomeu deles marauilhado
24. poys me nõ ã cõsselho de poer
25. Por *que* morrê tâ anyto por ssaber
26. A dona paz *que* eu ãdo coytado
27. nõ lhesa digo por esta razõ
28. ca por dizer lha se *deus* me perdõ
29. nõ me porrã conselho mal pecado

30. Elas na me gram pesar dizer
31. no *quelhes* nõca prol nõ a dauer
32. *per que* destoruã mi *deus* meu cuydado
33. May lõ *qui* uay tal *pregũ* ta faz
34. *deus* lo lexxe moller grã bem *querer*
35. *equeer* serã doutrẽ *pregũ*tado

### F59rC1

[Pero Garcia Burgalês]<sup>63</sup>

1. Os *que* me uãmui gram pesar dizer
2. no *quelhis* nunca prol nai dauer
3. *per que* destoruam mi de meu cuydado
4. maylo *que* uay tal pergunta fazer
5. deulo leixa molher gram ben *querer*
6. e *que* ar seia doutrem preguntado

### F60rC2

[Pero Garcia Burgalês]<sup>64</sup>

1. Ia nõ ey oy mays por*quetemer*
2. nulha rrem *deus* ca bẽ sey endel ia
3. ca me nõ pode nõca mal fazer
4. mentreu viuer *pero* grã poder a
5. poys *que* me cedo tolheu *quanto* bẽ
6. eu atẽdia no mũdo e porẽ
7. ssey eu came nõ pode mal ffazer
  
8. Ca tan bẽa *Senhor* me foy tolher
9. qual el ia ã nõ mũdo nõ fara
10. nõ ia eno mũdo par nõ pode auer
11. E quẽ *aquesta* vyu ia nõ ueera
12. tam mãssa e tã fremosa de bõssem
13. ca esta nõ menguaua nulha rren
14. de quãto ben dona deuy auer
  
15. E poys tan bõa *Senhor* fez morrer

---

<sup>63</sup> É difícil precisar se a cantiga de n° 215 faz parte ou não da composição de n°214.

16. ja eu bêssey *que* me nõ fara mal
17. E poys eu del nõ ey mal aprender
18. E grã coyta *que* ey me nõ ual
19. por ela poys *que* mha fez morrer *deus*
20. Elsse veia en poder de judeus
21. Como sse uyu ja outra uez prender
  
22. E todomẽ *que* molher ben *quiser*
23. E mesto oyr camen nõ disser
24. nõca ueia de quãto ama *prazer*

### F60vC1

[Pero Garcia Burgalês]<sup>65</sup>

1. Nunca deus quis nulha cousa *grambẽ*
2. nen de coytado nõcasse doeu
3. Pero dizen que coytado vyueu
4. ca sse ssel del doesse doersia
5. de mi que faz muy coytado viuer
6. A meu pesar poys que me foy tolher
7. quãto bem eu eno mun da tendia
  
8. Mais en quãteu ja uiuo for poren
9. Nõ creerey *que* o Judas uendeu
10. Nen *que* poz uos nacruz morte predeu
11. Nen *que* filhest desancta Maria
12. E outra cousa uos *quero dizer*
13. ca ffoy coitado nõ *quero creer*
14. Cado coytada doerssa ueria
  
15. Aynda *uos* del direy outra rren
16. Poys *quanto* ben Auia me tolhe
17. E *quantel* senpre no mundentẽdeu

### F60vC2

18. deque eu muy grã pesar prenderia
19. per bãa ffe daly mho fez prender
20. Por esto nõ *quereu per el creer*
21. e *quanto* perel *criue fiz folia*
  
22. Esse el *aqui* ouuessa uiuer
23. elheu poren podesse mal *fazer*
24. Per boa fe degrado lho faria

---

<sup>64</sup> Cantiga n° 221.

<sup>65</sup> Cantiga n° 223.



25. Mais mal pecado nõ ey ã poder
26. enõ lhy possoutraa guerra fazer
27. Mais por torpe tenheu *que* perel fia

### **F68rC2**

[Rui Queimado]<sup>66</sup>

1. Preguntou Joham Garcia
2. Da morte de que morria
3. edixilheu toda uya
4. a morte desto xemata
5. guyo mar affonssso gata
6. esta dona *que* me mata
  
7. Poyo *que* mouue pregũtado
8. de*que* era tã coytado
9. dixilheu este recado
10. A morte desto xemata
11. Guymar affonssso gata
  
12. E dixilheu bõo uos digo
13. a coita *que* ey comigo
14. *per* boa fe meu amigo
15. A morte destoxe mata

### **F68rC2**

[Rui Queimado]<sup>67</sup>

1. Poys *que* eu ora morto for
2. Sei bẽ cadira mha senhor
3. Eu soo guyo mar affonssso
  
4. Poys souber mui bẽ camorri

### **F68vC1**

5. por ela sey *que* dira
6. eu soo guyomar affonssso
  
7. E poys eu morrer filhaua
8. entõ o so*que*ixo e dira
9. eu soo guyo mar affonssso

### **F83vC2**

[Fernão Fernandes Cogominho]<sup>68</sup>

---

<sup>66</sup> Cantiga de n° 263.

<sup>67</sup> Cantiga de n° 264.

1. cherom mora preguntar
2. *Meus* amigos por que perdi
3. O seu dixilhis assy
4. Ca o non pody ays negar
5. A mha sobrinha mi tolheu
6. O seu por que ando sandeu
  
7. Quen bem quiser meu coraçõn
8. Saber *pera* que en ssandeci
9. *Pregunte*me ca bem logui
10. Lhi direy eu assy enton
11. A mha sobrinha

#### **F84rC1**

[Rodrigo Anes de Vasconcelos]<sup>69</sup>

1. Preguntey hũa don en como uos direy
2. Senhor filhastes orden et ia por en chorey
3. Ela enton me disse eu ão uos negarey
4. De comeu filhes<sup>70</sup> ordem assy *deus* me *perdom*

#### **F84rC2**

5. Fez mha filhar mha *mader*<sup>71</sup> mays o *que* lhe farey
6. Tragerlhy eu os *panos* mays non coracon
  
7. Dixeu *senhor* fremosa *morrerey* com pesar
8. Poys uos filhastes ordẽ e uos hã de gardar
9. Ela enton me disse quero uos en mostrar
10. Como *serey* guardada se ão venhame mal
11. Esto por que *chorades* ben *deuedes* cuydar
12. *Tragerey* en os
  
13. E dixeu *senhor* mha tã gram pesar ey ã
14. por que filhastes ordẽ que *morrerey* *per* em
15. Er *diffenda* logo assi me veba ren
16. Como *serey* guardada diçer uolo quereu
17. Se em *trouxe*r os *panos* non dedes *per* en e rem
18. Ca derrey o *contrayro* ena coraçõn meu

#### **F85rC2**

[Pero Mafaldo]<sup>72</sup>

---

<sup>68</sup> Cantiga n° 366bis.

<sup>69</sup> Segunda cantiga de n° 368 nesse mesmo fólio, por isso, seguindo o que fez Lopes *et al* (2011-), cantiga n° 368bis.

<sup>70</sup> No manuscrito parece constar a forma ‘filhs’, provavelmente, um erro do copista para a forma ‘filho’.

<sup>71</sup> De ‘madre’.

1. Dejeu<sup>73</sup> as jentes andar reuoluendo
2. E mudando aginha os corações
3. Do que põe aiure sy ay uaroes
4. E iameu aqesto uou aprendendo
5. Cora cedo mais appenderey
6. Aquê *poser* preyto mentrilhoey
7. E asy yrey melhor guarecendo
  
8. Caueieu ir melhor aomẽtireyro
9. Cao que diz uerdade aoseu amygo
10. E *por* aqesto o iureo digo
11. Que ia mays nunca seia uerdadeyro
12. Mais mentirey e firmarey<sup>74</sup> logal
13. Aquê quero bem querreylhe mal
14. Casy guarey come caualeyro
  
15. Pois que meu *pres* nẽmha onrra nõ *crece*
16. porque me quigy teer auerdade
17. Vedelo que farey par caridade
18. Poys que ueyo que masy acaece
19. Mentirey ao amigo eao senhor
20. E poiar a meu *prez* e meu ualor
21. Com mẽriza poys cõ uerdade deçe

### **F89vC2**

[Mem Rodrigues Tenoiro, Julião Bolseiro]<sup>75</sup>

1. Iuyão *quero* contigo *fazer*
2. se tu *quise* res hũa entencõ
3. et *quereyte* na *primeyra* razõ
4. hũa punhada muy grãde poer
5. e no rostre chamarte rrapaz
6. muy maor creo *que* assy faz

### **F90rC1**

7. boa entencõ *quena* *fazer*
  
8. Meen *rrodriguiz* muy sen meu prazer
9. afarey uoscassy deus me *perdom*
10. cavos auey de chamarco chõ
11. poys *que* en apunhada receber
12. desy *trobar* uos ey muy mal assaz
13. i atal entẽcõ se auez *praz*

---

<sup>72</sup> Cantiga de nº 374 (Sirventês moral).

<sup>73</sup> Lopes *et al* (2011-) propõem a leitura ‘Vejeu’, no entanto, no manuscrito consta ‘Dejeu’.

<sup>74</sup> Provavelmente, ‘firmarei’.

<sup>75</sup> Cantiga nº 403 (tenção).

14. afarey uosco muy sem meu prazer

15. Iuyão poys tigo cometar<sup>76</sup>

16. fuy direyтора oque te farey

17. hũa punha da grande te darey

18. desy quereyte muy toz couces dar

19. na garganta porte fe rir peor

20. que nũa uylão aia sabor

21. doutra tençõ começo começar

22. Meen rrodriguiz quereym enparar se

23. se deus me ualha como uos dyrey

24. coreyfe noioso uos chamarey

25. poys que eu apunhada retadar<sup>77</sup>

26. desy direy pois soaz coutes for<sup>78</sup>

27. lexademora por nostro senhor

28. ca asy se sol meu padra enparar<sup>79</sup>

29. Iuyão pois que teu filhar

30. pedes tabe lez r que cassastare a que

31. des couces te possetrerey

32. Mea rrodriguiz semen trosquiar

33. ou seme fano ou seme encostar

34. ay trouador iaueos nõ tornarey

### F91vC2

[Afonso Sanches]<sup>80</sup>

1. Poys que uos per hy mays de ualer cuydades

2. mal uos quereu conselhar mha senhor

3. pera sempre fezerdelo peyor

4. querouos eu dizer como facades

### F92rC1

5. amadaquel que uos tem eu desdém

6. e leyxade mĩ que uos quero bem

7. nũa uos melhor fusenchedes

8. Aluos er quero dizer que faredes

9. poys que uos la mal ey de conselhar

---

<sup>76</sup>A forma que consta no manuscrito ‘cometar’ não faz sentido. Provavelmente, aqui consta o verbo ‘começar’.

<sup>77</sup>Para Lopes *et al* (2011-), consta aqui a forma ‘recadar’.

<sup>78</sup>Em sua edição, Lopes *et al* (2011-) interpreta esse trecho como ‘sô (sob) os coices for’. No entanto, não parece ser o que consta no manuscrito.

<sup>79</sup>Provável erro do copista para o que deveria ser ‘padre enparar’.

<sup>80</sup>Cantiga n° 414.

10. poys *per* hy mays cuydades acabar
11. assifaze de como uos fazedes
12. fazede bẽ senpre *aquem* uos mal fez
13. e matade mĩ *senhor* pois uos *praz*
14. e nũca uos molhor mouro matedes
  
15. Canãley<sup>81</sup> homẽ *que* se mal nõ *queyxe*
16. do*que* meu *queyxo* dau*er* sempre mal
17. por ã digueu cõ *quem* coyta mortal
18. *aquel que* uos filhou nũca uosleixe
19. e moyra eu por uos come arazõ
20. e poys ficar des cõ el desentõ
21. cocaruos edes cõ A mãado peixe
22. Do *que* dirã poys se *deus* uos *perdon*
23. por uos *senhor* *quantos* no mundo som
24. teade<sup>82</sup> todoz e fazeden dhũ feyxe<sup>83</sup>

### F92rC1

[Afonso Sanches]<sup>84</sup>

1. Conhocedes adonzela
2. por *que* trobei *que* avia
3. nome dona biringela
4. uedes camanhã *perfia*
5. ecousa tam desguisada
6. des *que* ora foy casada
7. chamãlhe dona charia

### F92rC2

8. Dal andora mais noiado
9. sse *deus* me de mal defenda
10. estandora segurado
11. hũu *que* maa morte *prenda*
12. E odemo come cedo *quisla* chamar
13. per seu nome echamoulhe dona ousenda
  
14. Pero se tem *per* fremosa
15. mays *que* sela poder pedespola uirgẽ gloriosa
16. hũu homẽ *que* podeo e deseardo seia na forca
17. estandogerroulhaloda
18. echamoulhe dona gondrode
  
19. E *pera* *deus* opoderoso

<sup>81</sup>No ms. V, pode-se ler: ‘Ca nã sey’.

<sup>82</sup>Lopes *et al* (2011-) sugere ‘atade’.

<sup>83</sup>O último verso: ‘conhocedes a donzela’ pertence a cantiga que vem a seguir (nº 415).

<sup>84</sup>Cantiga nº 415.

20. *que* fez esta *senhor* minha
21. dal andora mais noioso
22. dodemo dhũa menynha
23. dacolo bem decamora
24. hu lhe *quis* chamar *Senhora*
25. chamoulhe dona gotĩnhã

### **F92rC2**

[Afonso Sanches, Vasco Martins de Resende]<sup>85</sup>

1. Uasco martĩiz poys uos trabalhades
2. etrabalhastes de trobar damor
3. de*que* agora por vostro *senhor*
4. *quero* saber de uos *que* mho digades
5. dizedemho ca bem uos estara
6. pois uos esta or *quertalhastes* ia
7. morreo *per deus* por *que* trobades
  
8. Afonso sanchez uos *pregũtades*
9. *equerouos* eu *fazer* sabedor
10. eu trobo etrobey pola melhor
11. das *que* deus fey<sup>86</sup> estobẽ ora des

### **F92vC1**

12. esta decuraçõ nõ me salrra
13. eatẽde rei seu ben semhofara
14. euos alde mĩ saber nõ querrades
  
15. Uasco *martĩs* uos nõ rrespondedes
16. nõ et<sup>87</sup> entendo asi ueja prazer
17. *per que* troba des *que* ouuy dizer
18. e *que* aquela *per que* trobadauedes
19. e *que* amastes uos mais doutra rrem
20. *que* uos morreo Agrã tenpaporem
21. pola mora trobar non deuades
  
22. Afonso sanchez poĩs nõ entendedes
23. *equal* guysauos en fuy rresponder
24. A mĩ emculpa nõ deuẽ poer
25. mais auos seo saber nõ podedes
26. eu trobo pola *que* mẽ poder tem
27. euẽce tadas<sup>88</sup> deparecer bem

---

<sup>85</sup> Cantiga n° 416 (tenção).

<sup>86</sup>No ms. V, pode-se ler claramente a forma 'fez'. Em B, consta 'y'.

<sup>87</sup>No ms. V, consta 'er' que corresponderia a 'também', 'igualmente', no uso atual.

<sup>88</sup>Provavelmente, 'todas'.

28. pois uuahẽ amõ como dizedes<sup>89</sup>
29. Uaasco *martís* poïs uos morreo *por quẽ*
30. *senpre* tratastes marauilhomẽ
31. pois uos morreo como nõ morredes
32. Afonso Sanches vos sabede bem
33. *que* uiua he ecõ *prida* dessem
34. apor *que* trobe sabeloedes

### F97vC2

[Airas Veaz]<sup>90</sup>

1. Conprar quereu fernam furado
  2. muo *que* ui andar muy gordo no mercado
  3. mais trage itẽ<sup>91</sup> o aluaraz<sup>92</sup> ficado
  4. fer nã fura do no olho docon
  5. eanda ben pera *com que* fere du nhã
  6. edizeme que traie hũa espũlha
  7. fernã fur ado no olho do cuir<sup>93</sup>
- 
8. E dom fer nã furado *daquel* muu
  9. cree de bem *que* era eu pagado
  10. senõ *que* ten oaluaraz ficado fernã
  11. furado no olho docuu e cacurre<sup>94</sup>
  12. ueio *que* rrabeia e tem espũlha
  13. de carne sobeia fernã furado
  14. noolho do cuu

### F99rC2

O conde don Goncalo *Garcia*<sup>9596</sup>

1. Leuarona codorniz de casa
2. de dõ rodrigo mais quẽ disesea fiz
3. *aquesto que* Eudico
4. *que* guarde bẽ mha senhor
5. ca ia eutreedor
6. sesse ela *quer* hir migo

<sup>89</sup> Verso de difícil leitura. Lopes *et al* (2011-) recompõem o verso, propondo a leitura: ‘pois viva é, ca nom como dizedes’, apresentando elementos que não constam no códice.

<sup>90</sup> Cantiga n° 446.

<sup>91</sup> Item de difícil leitura. Para Lopes *et al* (2011-), ‘já’.

<sup>92</sup> Etimologia árabe. Corresponde à parte em que não há pêlo na anca do burro.

<sup>93</sup> Talvez seja a forma ‘cuir’ francesa, correspondente a couro.

<sup>94</sup> Para Lopes *et al* (2011-), consta aqui o item ‘caçurro’, correspondente a ‘manhoso’, ‘escoicinhador’.

<sup>95</sup> Cantiga n° 455.

<sup>96</sup> Embora haja antes da cantiga a identificação do trovador como ‘o con don Gar’, optou-se pela grafia presente na anotação registrada no fôlio a seguir.

7. Fiiz *que* ñõ *sequer* guardar
8. ñẽ sol ñõ he reusado
9. mais faz mela asy andar
10. ca *uos* sey namorado
11. mais *querante* molher
12. E uẽ forçado
13. fiz ñõsse quer guardar
14. ñõ he pensado
15. elerxame *Assos* andar cabossos namorado
16. pero
17. *qui* queyra volõme
18. eu enfforcado

### F101rC1

[Afonso X]<sup>97</sup>

1. Mester auia dom Gil
2. hũn ffal conçoio hor nil
3. Que non uoasse
4. ne migalha ñẽ filhasse
  
5. Hũu galguilio uil
6. Que hũu lebor demil
7. Non ffilhasse
8. Mays rabeiassse e ladrasse
  
9. E podengo deiribo de Sil
10. Que cufiasse hum *moravidil*
11. Que lhi meiasse
12. A don gil *quando* lebor aichasse
  
13. Osas dũn joudaril<sup>98</sup>
14. Que desssen *per* sseu quadril
15. Dom gil *quando* lebor leuãtasse.

### F101rC1

[Afonso X]<sup>99</sup>

1. Achey Sanchans encaual gada
2. E dixeu por ela cousa guisada

### F101rC2

3. Ca nunca ui dona peyor talhada
4. E *quige* iurar que era mostea

---

<sup>97</sup> Cantiga n° 457.

<sup>98</sup> Trecho de difícil leitura. Lopes *et al* (2011-) propõem: ‘Osas d’uum joubaril’ como uma leitura conjectural, entendendo ‘joubaril’ como ‘pescador de sardinha’ (‘xouba’, em galego).

<sup>99</sup> Cantiga n° 458.



5. E via caualgar per ùa aldeya
6. E quige iurar que era mostea
  
7. Via caualgaro emuhisse Secudeyro<sup>100</sup> enõ
8. Hia mignor hũu caualeiro
9. Santiguey me disse grã foy o palheyro
10. Onde cayregarã tam gram Mostea
11. Via caualgar per hũu a aldeia
12. E quige iurar que era mostea
  
13. Via caualgar indo pela rrua
14. Muy ben uistida en cima da mua
15. E dixeu ay velha ffududãcua
16. Que me semelhades ora mostea
17. Via caualgar per hũa aldeya
18. E quige iurar que era mostea

### F101rC2

[Afonso X]<sup>101</sup>

1. Penhoremos o dayã
2. na cadela polo cam<sup>102</sup>
  
3. Poys que me ffoy el ffurtar
4. Meu podengue uilo negar
5. E quante ameu cuydar
6. Destes renhos<sup>103</sup> pesar lham
7. Cao quereu penhorar
8. Na cadela polo cam
9. Penhoremos edayam
  
10. Mandoumel ffurtar aluor

### F101vC1

11. O meu pedengo melhor *que* auia esabor
12. Depenhoralhey de *primeira* e filarlhey a mayor
13. Sacadelo polo tam
14. Penhoremos e dayam
  
15. Pero queirey mha uiir
16. Com el se *consentirem*
17. Mays sseo el non *comprir*

<sup>100</sup> Trecho de difícil leitura. Lapa (1970) propõe: ‘Via-a cavalgar com um seu scudeiro’. No entanto, não parece ser o que consta no manuscrito.

<sup>101</sup> Cantiga nº 459.

<sup>102</sup> Os versos 1 e 2 dessa cantiga estão anotados antes da numeração, no entanto, pelo contexto, é possível afirmar que pertençam à cantiga seguinte.

<sup>103</sup> Lopes *et al* (2011-) propõem a leitura ‘penhos’, correspondente a ‘objetos penhorados’. No entanto, não parece ser o que consta no manuscrito.

18. Os seus penhos ficarmhã
19. E queireyme bem Servir
20. Dacadela polo cam
21. Penhoremos odayam
22. Na cadela polo cam

### F101vC1

[Afonso X]<sup>104</sup>

1. Mardey ao perrigueyro quẽ te desça<sup>105</sup>
2. Semelha pedro Gil na caluareça
3. E non ui mha Senhor
4. muy gram peça Milia<sup>106</sup>
5. Nen sencha fernandiz *que* muytamo
6. Antolhaxe me Riso *pertirguer* echamo
7. Milia nẽ sancha fernandiz *que* muytamo
  
8. Medeydo pertygueyro eando soo
9. Quesse melha pero gil non ffeyoo
10. E non uy mha *senhor* ondey grandõo
11. Milia nẽ sancha fernandiz *que* muytamo
12. Antolhareme riso do *pertiguer* echamo
13. Milia nẽ sancha *que* muytamo
  
14. Medey do *pertigueyro* tal *que* meio

### F101vC2

15. Quese melha pero gil ne uedeio
16. E nõ uimhã *senhor* ondey deseio
17. Milia nen sancha *que* muytamo
18. Antolhaxeme riso do *pertiguerio* chamo
19. Milia e sancha fernandiz *que* muytamo

### F101vC2

[Afonso X]<sup>107</sup>

1. Direyuos eu dun Rycomende coma
2. prendi *que* come mandou couzer
3. O uil omen meio rrabo de carneyro
4. Meyo rabo de carneyro
5. Assy como caualeirou
  
6. E outro meio filhou
7. E peitealo mandou

<sup>104</sup> Aqui começa outra cantiga, sem numeração, identificável apenas pelo contexto. Cantiga nº 460.

<sup>105</sup> Lopes *et al* (2011-) propõem a seguinte leitura para o verso: ‘Med’hei do pertigueiro que tem Deça’.

<sup>106</sup> O ‘M’ inicial não parece muito claro. Somente pelas outras ocorrências foi possível ler o antropônimo Milia.

<sup>107</sup> Cantiga nº461.

8. Aocolo o atou
9. Ental queo ñ aolhassen
10. que non uisse eo catasse
  
11. E poys alt oliou<sup>108</sup> estendeusse
12. e bucigiou por huna uelha enuiou
13. que o ueese escaētar dolho mao
14. de manear
  
15. Auelha e dissatal daquesto foy
16. en que dal de que me comestes muy mal
17. e ecomeçou de ryr muyto del e *escarnir*
18. Nuncauos dissassy ffiida mester a y
19. Dom *Afonso* dissa tal façaxo quē faz oal

### F102rC1

[Afonso X]<sup>109</sup>

1. Tanto sey deuos Rycomē poys fordes
2. Nalcaria euir dela azeytona
3. Ledo sseeredes e sse dia pisaredes
4. As oliuas conos pees ena pia
5. ficaredes por estroso
6. Por huntade por lixoso
  
7. Bem ssey que sseer edes ledo
8. pois fordes non exaraffe
9. e uir des as apeytonas<sup>110</sup>
10. Que foram de dom xacaffe
11. torceredes as alias
12. Como quer que outrē baffe
13. ficaredes por astroso
14. por huuntado por lixoso
  
15. Poys foy *deus* nal caria
16. E uirdes os pōobares euides
17. E uirdes as az eytonas
18. iazer per esses larares
19. filhadas e *des* pia com esses
20. ca canhares
21. ficaredes por astroso

### F102rC1

[Afonso X]<sup>111</sup>

---

<sup>108</sup> Lopes *et al* (2011-) propõem a seguinte leitura para esse verso: ‘E pois ali o liou’. No entant, não parecer ser o que consta no códice.

<sup>109</sup> Cantiga n°462.

<sup>110</sup> Embora conste ‘apeytonas’ no manuscrito, é provável que seja um erro do copista para ‘azeitona’.

<sup>111</sup> Cantiga n°463.

1. Se me graça ffez este papa
2. De roma poys que eres panos
3. da mha reposte toma
4. Que leu assel os cabos
5. E dessa mi a loma<sup>112</sup>
6. Mais doutra *guisa* me foy el vêdela galdrara

### F102rC2

7. Qui sera eu assy ora desta nosso papa
8. Que me thalasse melhor *aquesta* capa
  
9. Sem el *graça* fez esse cõ osseus cardeaes
10. Quilh eu desse *que* mos talhais iguaaes
11. Mais uedes en que ui en el maos sinaes
12. *que* do *que* me furtou foy cobril asa capa
13. quisera eu assy deste nosso papa
  
14. Se *com* os cardeaes *comque* faca *seus* conselhos
15. possesse que guardasse uos de maos *conselhos*
16. fez a *gram* mercee ca nõ furtar *com* eles
17. E panos dos *cristãos* meter sosa capa
18. qui sera eu assy deste nosso papa

### F102rC2

[Afonso X]<sup>113</sup>

1. Dom rodrigo moordomo *quebem* por elrey a mesa
2. quando dissa don anrique
3. Poys a uosso padre pesa
4. Non lhi des o castello esto *uos* digo de chão
5. E daruos ei em aiuda
6. Muyto coitefe uilão
  
7. E dos poldrancos de campos
8. Leuarei grandes companhas
9. E daruos ei en aiuda todelos
10. de ual de canas e dessi *pera*
11. Meu corpo leuarei ta *guisamento*
12. Que nunca em nêhũ tempo
13. Troux o tal pero sarmento
  
14. Levarei fernando telles

### F102vC1

15. Com gran peca de peca de peres
16. Todos caluos essen lancas ecõ *grandes*

<sup>112</sup> Lopes *et al* (2011-) propõem a leitura ‘soma’.

<sup>113</sup> Cantiga nº464.

17. capatou es e *quem* estes mataaren
18. creede ben sen dultanca
19. que ia mays en esto mundo
20. Nuncauera uinganca

### F102vC1

[Garcia Perez, Afonso X]<sup>114</sup>

1. Hũa preguntar *quer* ael Rey fazer
2. Quesse sol ben eaposto uistir
3. Por que foi el *pequena* ueira trager
4. veerlh an bom pan *equeremos* riir
5. Eu egoncalo *martiiz* que he
6. home muit aposto *per* bõa fe
7. E ar quereloemos en cousir
  
8. Garcia *perez* uos ben cosecer
9. podedes nũa deprã foi falquir<sup>115</sup>
10. Enquerer en pena ueira trager
11. Velha en corte nẽ na sol cobrir
12. Pero de tanto bem a saluarey
13. Nunca fuy dela en corte paguey
14. mais ostas guerras nos fazẽ bulir
  
15. Senhor mui ben meus fostes saluar
16. de penaueira que trager uos ui
17. E poys deuos aqueredes deitar
18. Se me creuerdes faredes assi
19. Mandade loguest enom aia hi al
20. Dota loguen hũu muradal
21. Ca peyior pena nũa desta ui

### F102vC2

22. Garcia *perez* non sabedes dar
23. Bon conselho bon conselho *per* *quantouos* oi
24. Poys que me uos con soshades<sup>116</sup> deitar
25. Ental logar esta *pequena* cassi
26. Offezesse faria mui mal
27. E muito tenh ora mui uos ual
28. Endala en ahũ coteif aqui

### F102vC2

[Afonso X]<sup>117</sup>

1. Don gõçalo poys queredes ir daqui

---

<sup>114</sup> Cantiga n°465 (tenção).

<sup>115</sup>A leitura sugerida por Lopes *et al* (2011-) é ‘falir’.

<sup>116</sup> Provavelmente, ‘solhades’.

<sup>117</sup> Cantiga n° 466.

2. *pera* servilha por ueredes voss amigo
3. E nõ o tenh amarauilha
4. Contaruos ei as iornadas legoa
5. Legoa milh emilha
  
6. Eir podedes alibira
7. E torceredes ia *quanto* e depoys ir aal cala
8. Se pauor e sã espãto
9. Que vos aiades di *perder*
10. A garnacha nenno<sup>118</sup> mãto
  
11. E hũa cousa sei eu deuos
12. E tenho *per* mui gram brio
13. E poren uolo iuro muita firma e affio
14. *que* senpre auedes amorreg<sup>119</sup> em inuerno ã istio
  
15. En poren uolo rogo
16. E uolo dou en conselho
17. Que uos entrate a seruilha

### F103rC1

18. uos catedes no espelho
19. E non dedes nemi galha
20. *por* *muite* de johan coelho
  
21. Por que *uos* todos amassem sempre
22. vos muito punhastes
23. Bõos talhas en espanha metestes
24. Poys hi chegastes
25. E *quasse* cõuosco filhou sempre
26. *uos* del gaanhastes
  
27. Sem esto fostes cousido
28. Sempre muit e mesurado
29. De todas cousas cõprido
30. E a poster ben talhado
31. E nos feitos ardido
32. E muito auẽturado
  
33. E poys que uossa fazenda
34. Teedes ben alumeada
35. O queredes ben amiga
36. fremosa e ben talhada
37. Non facades dela capa
38. Ca non e cousa *guisada*

<sup>118</sup> No manuscrito parece constar *neuno*... ou havia um problema no exemplar para cópia ou o copista se equivocou. Lopes *et al* (2011-) leem ‘nen’o’.

<sup>119</sup> Aparentemente o copista errou ao grafar o ‘r’ final e, por isso, a grafia que parece constar ‘amorreg’ não faz sentido. Provavelmente, é ‘a morrer’.

39. E poys que sodes aposto
40. E fremoso caualeiro
41. Gardadeuos de seerdes
42. Escatimoso ponteyro

### F103rC2

43. Ca dizen que baralhastes
44. Con johan colheiro
  
45. Con aquesto que auedes
46. Mui mais ca outro compristes
47. Hu quer que mão metes
48. Tas guarecêdo ensaistes
49. A quem quer que cometestes
50. Sempre mal oescarnistes
  
51. E não me tenhades *por* mal se em nossas
52. Armas tengo que foi das suas spadas
53. Que andauamia em hũu mango
54. Ca *vos* oi dizer com estas petei e frango
  
55. Ear oi uos eu dizer *que aqui* quer *que* chegassen
56. Con esta uossa espada *que* nũcasse *trabalhassem*
57. Jamais deo *guacerem* seo ben não agulhassem
  
58. E *por* esto chamamos nos o das duas espadas
59. *por* que sempre as tragedes agudas
60. E a moadas *com que* fendedes as penas
61. Dando *grandes* espadadas

### F104vC1

[Afonso X]<sup>120</sup>

1. Por que lhy rogaua que perdoasse
2. Pero danbroa que o non matasse
3. Nen fosse contra el desmesurada
4. E dissela por *deus* não me roguedes
5. Ca direyuos de min o que y entendo
6. Se hũa uez assanhar me fazedes
7. Saberedes quaes peras eu uendo

### F104vC2

8. Ca Rogades cousa desguisada
9. E non sey eu quem uolo outorgasse
10. De perdar<sup>121</sup> quẽ no mal deestasse

---

<sup>120</sup> A cantiga satírica nº 471 vem logo após uma espúria, cantiga datada de época posterior e, por isso, aqui é numerada como cantiga nº 471bis (LOPES *et al.*, 2011-).

11. Comel fez amĩ estando em sa pousada
12. E poys veio que meus conhocedes
13. Demy a tanto uos irey dizendo
14. Se hũa uez a Sanhar me fazedes
  
15. E semeu quisesse seer uiltada bem acharia
16. Quẽ xe me uiltasse mais semeu taes no
17. Mais se meu taes nõ escarmõtasse
18. Cedo meu *preyto* non seeria nada
19. E em ssa prol nõca me uos faledes
20. Casse eu ssoubesse morrer ardendo
21. Se hũa uez assanhar me ffazedes
  
22. E por esto e grande mha nomeada
23. Ca non foy tal quessee migo falhasse
24. Que eu en mui bem non castigasse
25. Ca sempre fui temuda e dultada
26. E rogouos que me non affiquedes
27. Daquesto mais ide massy soffrido
28. Se hũa uez assanhar me fazedes
29. Saberedes *quaes* peras eu uendo

#### **F104vC2**

[Afonso X]<sup>122</sup>

1. Pero que ey ora mẽgua de conpanha
2. Nẽ pero garcia nẽ Pero despanha
3. Nen Pero galengo nõ ira começo
  
4. E bem uolo iuro *pera* santa Maria

#### **F105rC1**

5. Que pero despanha nen Pero *garcia*
6. Nen Pero galego nõ iran cõmeço
  
7. Nunca cinga espada cõ bõa baynha
8. Se *pero* despanha nẽ pero galya
9. Nen pero galego ffor ora cõmeço
10. Galego Galego outrem ira começo

#### **F105rC1**

[Afonso X]<sup>123</sup>

1. Don ayras poys me rogades
2. Que uos dia meu conselho

---

<sup>121</sup> Provavelmente, ‘perdoar’.

<sup>122</sup> Cantiga de nº 472.

<sup>123</sup> Cantiga de nº 473.



3. Direyuolo eu conçelho
4. Por ben tenheu que uaades
5. Muy longe demi
6. E mui com meu grado
  
7. E por eu bem cõ Selhar
8. Non deuos con estar peyor
9. Ca uos concelheu o melhor
10. Que uaades ora morar
11. Muy longe demi
12. E muy cõ meu grado
  
13. Conselho uos dou damigo
14. E ssey seos uos fezerdeos
15. E me daquesto creudez<sup>124</sup> morardes
16. Hu uos digo muy longe de mi
17. E mui com meu grado

### **F105rC1**

[Afonso X]<sup>125</sup>

1. Don meendo uos ueestes
2. Falar migo noutro dia

### **F105rC2**

3. E na fala que fezeistes
4. Perdi eu do que tragia
5. Ar queredes falar migo
6. E non querey eu amigo

### **F105rC2**

[Afonso X]<sup>126</sup>

1. Don meendo don meendo
2. Por *que*utora eu entendo
3. *quem* leua obayõ ñ leixa a Sela
  
4. Amigo de souto mayor
5. Daquesto soon Sabedor
6. *quem* leua obayo ñ leixa a Sela
  
7. Don meendo de caudarey
8. Per quanteu deuos *apre*sey
9. *que* leua obayo non leixa a Sela

### **F105rC2**

---

<sup>124</sup> Provavelmente, a forma ‘creverdes’ abreviada.

<sup>125</sup> Cantiga de nº 474.

<sup>126</sup> Essa cantiga também é numerada 474 (por isso: 474bis).

[Afonso X]<sup>127</sup>

1. Falauã duas ir manas
2. Estando ante ssa tya
3. E dissa hũa aoutra nacy
4. En graue dia
5. E nunca casarey
6. Ay mha ir mana
7. Se me non casa del Rey

### **F105rC2**

[Afonso X]<sup>128</sup>

1. Non quereu donzela fea
2. Que a mha porta pea
3. Non quereu donzela fea
4. E negra come caruon

### **F105vC1**

5. Que antha mha porta pea
6. Nen ffaca come Sison
7. Nen quereu
  
8. Non quereu donzela fea
9. E uelosa come cam
10. Que anta mha porta pea
11. Non faca come alermã
12. Non quereu donzela fea
13. Que anta mha porta pea
  
14. Non quereu donzela fea
15. Que abranços os cabelos
16. Que anta mha porta pea
17. Nen faca cõmecamelos
18. Non quereu donzela fea
19. Que anta mha porta pea
  
20. Non quereu donzela fea
21. Veelha de ma coor
22. Que anta mha porta pea
23. Nen faca y peyor
24. Non quereu donzela fea
25. que anta mha porta pea

### **F105vC2**

[Afonso X]<sup>129</sup>

---

<sup>127</sup> Cantiga de n° 475.

<sup>128</sup> Cantiga de n° 476.

1. Ioham *rodriguiz* ueio uos queixar

### F107rC1

[Afonso X]<sup>130</sup>

1. Ui hũu coteyffe de muy grã granhõ
2. Consseu por pôto mais non dalgom
3. E conssas calças uelhas
4. de branqueta
5. E dixe logo poilas guerras ssom
6. Dy que coteyffe pera a carreta
  
7. Dy hũu coteyffe mal ualdi
8. Cõsseu *por* pôto nũca peor ui
9. Canõ *quer deus que* ssel ã outro meta
10. Edixe pois las guerras
11. Ay *que* coteiffe pera a carreta
  
12. Ui hũu coteyffe mal guisade uil
13. Cõseu per ponto todo depauil
14. Eo cordõ douro tal por ioeta
15. E dixe pois sse uay o *aguail*
16. Ay *que* coteyffe pera carreta

### F107rC1

[Afonso X]<sup>131</sup>

1. Non me posso pagar tanto
2. do tanto das aues nẽ desseu ssom
3. Nẽ damor nẽ damicõ
4. Nẽ dar mas ca ey espanto
5. por *quanto* muy per igosas ssom
6. Come dũ brõ galeon
7. *que* mha lõgue muyta gya
8. Deste demoda canpynha
9. huos alacraes ssom
10. Ca dentro no coraçõ
11. Senty *delles* a espinha
  
12. E uiro par deus lo santo
13. *que* manto nõtra gery nẽ granhõ

### F107rC2

---

<sup>129</sup> Cantiga de nº 478. No cancionero B, só há o primeiro verso dessa cantiga. Nas edições de Lapa (1970) e de Lopes *et al* (2011-), podem-se ler as duas últimas estrofes presentes no cancionero V (V61) e ter um melhor entendimento.

<sup>130</sup> Cantiga de nº 479.

<sup>131</sup> Cantiga de nº 480 (Sirventês moral).

14. Nẽ terrey damor rrazõ
15. Nẽ darmas por *que quebrãto*
16. E chanto nẽ delas toda sazõ
17. Mais tragerey hũu dormõ
18. E hirey pela marinha
19. Uendenda zeite effarinha
20. Effugirey dopocõ
21. do alacrar ca eu nõ
22. Lhy ssey outra meezinha
  
23. Nen de lançar ataulado pagado
24. Nõ ssõ se *deus* mãpar adeo nẽ deba fordar
25. Eandar de noide armado ssen grado
26. offaco razolda
27. Camais me pago domar
28. *que* de sseer caualrõ
29. ca eu foy ia marmheyo
30. *Equero* moy mais *guardar*
31. do alacra e tornar ao *que* me ffoy *primeiro*
  
32. E direyuos hũu Recado
33. Pecado Iaia<sup>132</sup> mei podẽganar
34. *que* me faca ia ffalar
35. En armas ca nõ me dado
36. do ado me deas eu rrazõar
37. pois las nõ ay a *prouar* ante *querandir*
38. Sinlheyro ehir com mercaddeyro
39. algũa terra buscar
40. hu me nõ possam culpar
41. Alacra negro nẽ ueiro

### F107rC2

[Afonso X]<sup>133</sup>

1. Joham rrodriguiz foy desmar abalteyra
2. ssa midida per *que* colha ssa madeyra
3. Edisse sse benqueredes ffazer

### F107vC1

4. de tal midida
5. A deuedes atolher<sup>134</sup>
6. E nõ meor per nulha maneira
  
7. E disse esta e amadeyra *terceyra*
8. E demais nõna dey eu auos silhey<sup>135</sup>

<sup>132</sup> Embora conste no manuscrito, a forma ‘ia ia’ não parece fazer sentido. Lapa (1970) propõe ‘nunca’.

<sup>133</sup> Cantiga de nº 481.

<sup>134</sup> ‘Atolher’ tem aqui o sentido de ‘diminuir’.

<sup>135</sup> No manuscrito da Vaticana aparece a forma silheyra.

9. E pois *que* ssem compasso ademeter
10. Atan longa
11. deue toda sseer
12. Pera tras pernas das caleyra
  
13. A maior moniz dey ia outra tamanha
14. Effoya ela tolher lego sem sanha
15. E Mari ayras fezeo logo outro tal
16. E alue la *que* andou em portugal
17. E ia y as tolherõ na mōtanha
  
18. E disseesta e amidida despanha
19. Canõ de lombardia nẽ da lamanha
20. E por *que* e *grossa* nõ uos seia mal
21. Ca delgada pera gata rrẽ nõ ual
22. E desto muy mais sey eu caboudanha

### F107vC1

[Afonso X]<sup>136</sup>

1. Ansur moniz muytouue grã
2. pesar quandouos uy deytar aos porteyros
3. Vilana mente dantros escudeyros
4. E dixelhis logo se *deus* mampar
5. Per boa fe fazedelo muy mal
6. Ca dom anssur ome el meos ual
7. Ven dos de villanssur de fferr eyra
  
8. E da outra parte uem dos descobrir ede tantos

### F107vC2

9. Mais nõ dos de ciznerros
10. mais de lauradores e de caruoeyros
11. E doutra ueo foy dos destorar
12. E daz euedar e muy natural
13. Hu iaz seu padre sa madre outrotal
14. E ia ra el credos seus herdeyros
  
15. E Sem esto er foy el gaanhar mais
16. Ca os seus auoos *primeiros* e *comprou* fouces terra
17. E breyros e uilar de *racer*<sup>137</sup>
18. Ar foy *comprar* pera seu corpe diz ca nõ lhen cal
19. De uiuer pobre ca *quem* xa ssy ffal
20. falecer lha todos seus *companheyros*

<sup>136</sup> Cantiga de nº 482.

<sup>137</sup> Trecho de difícil leitura. Parece constar um sinal de abreviatura no final da última palavra. Essa cantiga aparece também no códice da Vaticana, o que permite inferir que se trata de um provável erro de cópia do topônimo: ‘Vilar de Paos’.

**F107vC2**[Afonso X]<sup>138</sup>

1. Senhor iustica uiimes<sup>139</sup> pedir
2. *que* nos facades effaredes bem
3. da gris furtarã tanto que porẽ
4. Nõ lhy leyxarõ que possa cobrir
5. Pero atanta prendi dũ iudeu
6. *que* este ffurto ffez hũu Romeu
7. *que* ffoy ia outros es carnir
  
8. E tanho *que* uos nõ ueo mentir
9. pelos sinaes *que* nos el disse ca eno
10. Rosto trage nõ tam *por* deyto
11. dessendel en cobrir
12. esse *aquesto* ssoffredes bem lheu
13. *querram* aoutrossy furta lo sseu
14. de *que* pode muy gray dano uĩr
  
15. E romeu *que* *deus* assy *quer* sseruir
16. Por leuar tal furta
17. Jelus alem esol nõ cata

**F108rC1**

18. como gris nõ ten nũca cousa
19. de *que* sse cobrir catodo quanto
20. Al despendeu et deu dali foy toda*questo*
21. ssey eu e quãtel foy leuar eustir

**F108rC1**[Afonso X]<sup>140</sup>

1. Fuy eu poer a mão noutrodia
2. a hũa soldadeyra notono
3. E dissemela tolhedala do
4. Ca nõ e esta de nostro *senhor*
5. Payxõ mais exe de mẽ pecador
6. Por muyto mal *que* me lheu merecy
  
7. Hua uos comecastes entendi
8. Bẽ *que* nõ era de *deus* *aquel* ssom
9. Caos pontos del no meu coraçõ
10. sse fficarã de *guisa* *que* loguy
11. cuidey morrer e dixassy
12. *deus* *senhor*

---

<sup>138</sup> Cantiga de n° 483.

<sup>139</sup> Não está claro.

<sup>140</sup> Cantiga de n° 484.

13. Beeito seias tu *que* sofredor
14. Me fazes deste mateyro *pera* ti
  
15. Quiserameu fogir logodali
16. E nõ uos foramuy sem rrazõ
17. Cõmedo de morrer e cõ al nõ
18. Mais nõ pudi tã grã coita soffrer
19. E dixे logẽ tõ *deus*meu *senhor*
20. Esta paixõ ssoffro *por* teu amor
21. Pola tua *que* soffesti<sup>141</sup> por mi
  
22. Nunca delo dia en *que* naçy
23. fuy tan coitado se *deus* me perdõ

### F108rC2

24. E cõ pauor *aquesta* oracõ começey
25. Logo e dixе *adeus* assy
26. fel razedõ biuisti *senhor*
27. por mĩ mais martesta *questo* peior
28. *que* por ti beuo nem *que* acevi
  
29. E por en ay *ihesu crispto* se nõ
30. Em iuizo *quando* ante ty ffor
31. nõbre chesto *que* por ty padeçi

### F108rC2

[Afonso X]<sup>142</sup>

1. Pero da ponta *feito* gran pecado
2. Deseus cantares *que* el foy furtar
3. A cõta *que*quanto el lazerando
4. Ouue grã tempo elxos *quer* lograr
5. E doutros muytos *que* nõ sey contar
6. Por *que*ojando uistido eonrrado
  
7. E porem foy cotõ mal dia nado
8. pois pero da ponte erda seu *trobar*
9. e mui mais lhi ualera *que* trobado
10. nõca ouuessel assy *deus* manpar
11. pois *que* sse de quãtel foy lazedo
12. sserue dom pedro enõ lhi da em *grado*
  
13. E com *dereito* seer em fforcado
14. deue dõ pedro por *que* foy filhar
15. a cotõ pois lo ouue soterrado
16. sseus cantares enõ *quis* en dar

<sup>141</sup> Embora esteja grafado ‘ssoffesti’ aqui é provavelmente a forma ‘sofreste’.

<sup>142</sup> Cantiga de nº 485.

17. hũu sseo pera ssaalma *quitar*
18. *sequer* do *que* lhy auia en *prestado*
  
19. E porende grã traedor prouado
20. *dequesse* ia nũca pode *ssaluar*

### F108vC1

21. *come quem* asseu amigo iurado
22. *beuendo* cõ ele *offoy* *matartodo*
23. *polos cãtares* del *leuar*
24. *come equé* *ojanda* a *arruffado*
  
25. E pois nõ a quẽ no poren *rretar*
26. *queyra* *seera* *oy* *mais* *por* *mĩ* *rretado*

### F108vC1

[Afonso X]<sup>143</sup>

1. Dom ffoãao quãdogano *qui* chegou
2. *primeyrament* *evyu* *uolta* e guerra
3. tam grã Sabor ouue *dir* *assa* *terra*
4. *que* *loguẽtõ* *por* *ada* *il* *filhou*
5. seu *coraçõ* *eel* *ffez* *lhy* *leyxar*
6. *polo* *mais* *toste* *daguerra* *longar*
7. *prez* e *esffor* *co* e *passou* *asserra*
  
8. En esto *ffez* *come* de *bõo* *ssem*
9. en *filhar* *adail* *que* *conhucia*
10. *que* *estes* *passos* *mais* *ben* *Sabia*
11. e *el* *guardes* *loguentõ* *mui* *bẽ* *deles*
12. *efez* *lide* *destro* *leixar* *lealdade*
13. de *Seestro* *leixar* *lidar*
  
14. O *adail* *emuy* *Sabedor* *queo* *guiou*
15. *peraque* *la* *carreyra* *por* *que* *fez* *desginar*<sup>144</sup>
16. *dafronteyra* e *ental* *guerra*
17. *leixar* *seu* *Senhor* *edireiuos* *al* *quelhi* *ffez*
18. *leixar* *bẽ* *que* *pudera* *fazer*
19. *por* *ficar* e *fezeo* *poer*
20. *aalen* *atala* *ueyra*
  
21. Muyto *foy* *ledo* *Se* *deus* *me* *perdon*

### F108vC2

22. quã *dosse* *viu* *daqueles* *passos* *fora*
23. *que* *uos* *ia* *dixe* *dissem* *essa* *ora*

---

<sup>143</sup> Cantiga de nº 486.

<sup>144</sup> Provavelmente, ‘desguiar’.



24. *pera deus* ada il muytey grã rrazõ
25. *dessenpreẽ* uos mha fazenda leixar
26. ca nõ me moua deste logar sseia
27. mais nõca cuydey passar lora
  
28. E ao demo uou acomendar
29. prez deste mûdo e armas e lidar
30. canõ erogo de*que* omen chora

### F108vC2

[Afonso X]<sup>145</sup>

1. Pero da ponte parouos Sinal
2. per ante odemo do fogo Infernal
3. por *que* com *deus* o padre Spiritual
4. mĩguar *quisestes* mal per descreestes
5. E ben ueiagora *que* ca trobar uos ffal
6. pois uos tam loutã prazõ cometestes
  
7. E poys rrazõ tam descomunal fostes
8. fylhar e *que* tã pouco ual pesarmia
9. eu Se uos pois abem
10. Sal ante odiabo *aque* obedee cestes
11. ebem veiora *que* trobar uos ffal
  
12. Uos nõ *trobades* come proençal
13. Mais come bernardo de bonaua
14. e *pero* ende nõe *trobador natural*
15. poys *que* o del edo demaprendestes
16. eben ueja gora *que* trobar uos ffal
  
17. E poren dom pedre Vila rreal
18. en maaõ ponto uos tãto beuestes

### F109rC1

[Afonso X]<sup>146</sup>

1. Citola vi andar sse *quey* xando
2. de *quelhi* non dam ssas *quitacoes*
3. Mays des *que* oy ben ssas Razoes
4. enaconta foy mentes parando
5. logo tentey *que* nõ dissera Rem
6. aera ia *quite* de todo bẽ poren
7. faz mal dandar ssa ssy *queyxando*
  
8. E *queixassemele* muitas
9. de *vegadas* dos *escriuaes*
10. edes *despensseyros*

---

<sup>145</sup> Cantiga de n° 487.

<sup>146</sup> Cantiga de n° 488.

11. Mais pois beem acontas e afficadas
12. logo lhi mostrã bẽ do *qui* ue
13. *quite* epero digo lheu *que* mal he
14. de *que* no el *quitou* muytas uegadas
  
15. E por leuala *quitacõ* dobrada
16. se *queyxo* e catey hu iazia e nõ padrõ
17. e achei *que* auia de todo bem
18. ssa *quitacõ* leuada poren
19. faz mal *que* nõ pode peor
20. Mais tanta elde*quita* con
21. Sabor *que* a nega pero xa leua dobrada

### F109rC1

[Afonso X]<sup>147</sup>

1. Que rouos ora muy bem
2. com sselhar Meester iohã ssegũdo mẽ sã
3. *que* matar *preeytaia* des con alguẽ
4. nõ *queyrades* cõ el eu uos entrar
5. Mais dada outrem *que* tenha
6. por uos ca uossa onrra e todos nos
7. aquestos nos auemos per amar
  
8. E pero ssea *quiserdes* teer nõna te

### F109rC2

9. mha *des* per Rem antelrey edirem
10. sora<sup>148</sup> por *que* o ey por *que* nõca uolo uei
11. fazer *que* uolo nõ ueia teer assy
12. *que* pero uos el Rey queira
13. dessi ben uingar non a en do poder
  
14. Eaynda uos consselharey al
15. por *que* uos amo de coraçõ
16. *que* nõca uos en dia dacensso
17. tenhades nen en dia denatal
18. nõ doutras festas denostro*Senhor*
19. nen de seus Sãtos ca ey gran pauor
20. de uos uiir muy toste deles mal
  
21. Nen entrar na egreia nõ uos
22. con Selheu deteer uos
23. cauos nõ amester casse peleia
24. sobrela ouuer oarceb*ispo* uossamigue
25. meu *aqueo* feito do Sagrado iaz

<sup>147</sup> Cantiga de nº 489.

<sup>148</sup> Tanto no manuscrito da Biblioteca Nacional quanto no da Vaticana aparece ‘direm sora’. Lopes *et al* (2011-), na tentativa de recuperar o sentido, propõem a leitura: ‘e direi-vos ora o hei’.

26. e a *que* pesa domal sse ssy ffaz
27. e *querra que* seja quãto auedes seu
  
28. E polamor de *deus*
29. esta dem paz
30. eleyxade maa uoz
31. ca rrapaz Sol nõma deua teer nẽ judeu

### F109rC2

[Afonso X]<sup>149</sup>

1. Comeu en dia de pascoa *quer* ia bẽ comer
2. Assy *queria* bõ Som ligure de dizer
3. *pera* meestre johã
  
4. Assy comeu *queria* comer de bõ Salmõ
5. assy *queria* auanagelhe mui pequena payxõ

### F109vC1

6. *pera* Meestre johã
  
7. Assy como *queria* comer
8. *que* me soubesse bem assy *queria* bõ Som
9. de Seculorum amẽ
10. *pera* Mestre johã
  
11. Assy comeu beueria bom
12. vyõ dourens assy *queria* bem
13. Som decũ typo tens<sup>150</sup> *pera* Meestre johã

### F109vC1

[Afonso X]<sup>151</sup>

1. O genete poys rremete seu
2. alfaraz corredor estremece e esmoreçe
3. o coyteffe com pauor
  
4. Vi coreyses or pelados
5. estar muy mal espantados
6. egenetes *tros quiades* corriãnos arredor
7. tynhãnos mal afficados *perdiãna* color
  
8. Vi coteyffes degram *brio*
9. eno meio do estio estar tremendo
10. Sen *frio* antos mouros dAzamor

---

<sup>149</sup> Cantiga de nº 490.

<sup>150</sup> Lopes *et al*, com base no estudo de Manuel Pedro Ferreira, propõem a leitura *Cunctipotens* (termo latino que denota ‘presença musical’).

<sup>151</sup> Cantiga de nº 491.

11. chiasse delhes raio<sup>152</sup> *que* augua dalquivir maior
12. Vi eu de coteyffes azes
13. cõ infâções iguazes
14. mui peores ca rrapazes
15. eouuerõ tal pauor *que* os seus panos
16. da rraizes tornarõ doutra color

#### F109vC2

17. Vi coteiffes cõ ar minhos
18. conhecedores de vyõs
19. *que* rrapazes dos martinhos
20. *que* nõ tragiã *Senhor* sairõ
21. aos mesquinhos et fezerõ todo opeor
  
22. Vi coteiffes e cochoões
23. com muy longos granhões
24. *que* as barvas dos cabroes
25. ao sondo a tanbor
26. as deitaua dos arcões
27. Antos pees de sseu *Senhor*

#### F109vC2

[Afonso X]<sup>153</sup>

1. De grado *queria* ora Saber
2. destes quetrajen Sayas encordadas
3. em que ssa *per* tam muy poucasuegadas
4. Seo fazen polos uentres mostrar
5. por *quesse* deuã deles apagar
6. Sas Senhores *que* notõe pagadas
  
7. Ay deus seme quisessalguẽ *dizer*
8. por *que* tragem estas cintas Sirgadas
9. muytan chas come molheres *prenhadas*
10. Se cu elles *per* hy gaanhar
11. ben das com *que* nũca Sabẽ falar
12. ergo nas terras sse sse *sobẽ* lauradas
  
13. Encõbrir nõ uolhes ueio fazer
14. cõnas põtas dos mantos *traastornadas*
15. en*que* semelhadas aboys das *afferradas*
16. quando as moscas los ueen coitar
17. den seas cuidan *per* hi dengar
18. *que* seiã delles *per* en namorades

<sup>152</sup> O que consta no manuscrito não parece fazer sentido. Lopes *et al* (2011-) propõem a leitura: ‘e ia-se deles rio’.

<sup>153</sup> Cantiga de nº 492.

### F110rC1

19. Outrossy lhis ar ueio trager
20. as m̃agas mui curtas et es fradas
21. bem come sea dubassem queixedas
22. ousse quisessẽ tortas amassar
23. ou *quita* ofazem por deliurar
24. Sas bestas se fossem aceuadadas

### F110rC1

[Afonso X]<sup>154</sup>

1. Ao dayã de calez euachei
2. liures<sup>155</sup> quelhi leuariã de berger
3. e o *queos* tragia pregũtey
4. por elles e Respondeu mel Senher
5. con estes liuros que uos ueedes dous
6. eco uos outros *que* ele ten dos ssous
7. ffodel per eles quãto foder quer
  
8. Ea inda uos endeu mais direy
9. Matar ual ey muita
10. por quanteu ssa fazenda
11. Sey conos liuros *quetem* nã a molher
12. *aque* nã faca *que* semelhem grous
13. os corvos e asaguias babous
14. per forca de foder sse xel *quiser*
  
15. Ca nã a mais naarte do foder
16. do *que* uos liuros *que* el tem iaz
17. eel atal sabor deos leer
18. *que* nũca noite nẽ dia al faz
19. Essabedarte do foder tam bem
20. *que* cõ vos seus liuros dartes
21. *que* el tem fodel as mouras cada *que* lhipraz
  
22. E mais nos contarey desseu Saber
23. *que* cõ nos liuros *que* el temfaz

### F110rC2

24. Mandaos outrossy todas trager
25. e pois *que* fode per eles assaz
26. sa molher acha *que* odemo tem
27. Assya fode per arte e *per* ssem
28. *que* saca dela odemo maluas

---

<sup>154</sup> Cantiga de nº 493.

<sup>155</sup> Embora conste no manuscrito a forma ‘livres’, provavelmente, trata-se da forma ‘livros’.

29. Econ todesto aynda faz al
30. cono liuros *que* tem per bõa fe
31. Se acha molher *que* aia mal
32. deste fogo *que* de ssam Marçal e
33. assy uai per foder ã cantar
34. *que* fodendo lhi ffaz bem
35. Semelhar *que* e geada ou neue nõ al

### F110rC2

[Afonso X]<sup>156</sup>

1. O que foy passar a Serra
2. e nõ quis sseruir aterra
3. e ora entrara guerra
4. que faroneia
5. pois el ago ratan muito erra
6. mal dito seia
  
7. O *que* leou os *dinheiros* enõ trouxe
8. caualeiros por nõ ir uos *primeiros que* faroneia
9. pois *que* ueo cõ uos prostumeyros
10. mal dito seia
  
11. O *que* filhou grã soldada
12. enũca fez caualgada
13. E por nõ ir agraada
14. *que* faroneia se e rricomẽ
15. ou amesnada maldito seia

### F110vC1

16. O que meteu na taleiga pouca uer
17. e muyto meiga epor nõ *entrar* na ueiga
18. *que* faroneia pois chus mole
19. *que* mateyga
20. maldito seia

### F110vC1

[Afonso X]<sup>157</sup>

1. Domingas eanes ouuessabaralha
2. con hũu genete foy mal ferida
3. enpero ffoy ela ytanar dida
4. *que* ouue depois auencer ssen ffalha
5. edeprã uenceu bõo caua leyro
6. Mais enpero exel tan braceyro
7. que ouuendela de ficar colpada

---

<sup>156</sup> Cantiga de n° 494.

<sup>157</sup> Cantiga de n° 495.

8. Ocolte colheu per hũa malha
9. da loriga *que* era desuencida epesamêde
10. por *que* essa ida deprez *que* ouue
11. mais se *deus* me ualha
12. uêceu ela mais o caualeiro
13. *per* ssas armas e *per* comerarteyro
14. ja semprendela seera sinalada
  
15. E aquel mouro trouxe coro ueite
16. *dous* cõpanhoes en toda esta guerra
17. e de mais a *preço* *que* nũa erra
18. de dar grã colpe cõ seu *tragazeite*
19. e ffoyachar come costa juso
20. e deu lhi poren tal cope dessuso
21. *que* ia achaga nũa uay carrada
  
22. E dizem meges *que* husam tal *preyte*
23. *quea* tal chaga ia mais nũa
24. Sarra sse cõ quãtalaa a en esta terra

#### F110vC2

25. a esca entra ssem<sup>158</sup>
26. nẽ cõ no azeite
27. por *que* acha ha<sup>159</sup> nã uay contra juso
28. Mais uay en rredor come pera suso
29. eporem muyta *que* e fistolada

#### F135rC1

Pero larouco<sup>160161</sup>

1. De uos senhor *quereu* dizer uerdade
2. E nã ia sobra mor *que* uos ey
3. Senhor ebẽ euosa tropidade
4. De quantas outras eno mũdo sey
5. Assy defea come denhatinade<sup>162</sup>
6. Non uos uêce oie se nẽ filha duũ Rey
7. Nẽ uos amo nẽ me perderey
8. Hu uos nã uir por nos de soydades
  
9. E sen uosco na casa seuisse

#### F135rC2

10. Emse uos ea uosa color

<sup>158</sup> Variante gráfica da forma verbal ‘escaentassem’.

<sup>159</sup> No manuscrito, consta ‘a cha há’. Lopes *et al* (2011-) propõem ‘a chaga’.

<sup>160</sup> A grafia do nome do trovador encontra-se registrada antes da cantiga de nº 612.

<sup>161</sup> Cantiga de nº 612.

<sup>162</sup> Item de difícil leitura. Lapa (1970) propõe ‘de maldade’, mas não parece ser o que consta no códice.

11. Seu o mūdo en poder tevesse
12. Nō uos faria de Todo senhor
13. Nen doutra cousa onide<sup>163</sup> sabor ouuesse
14. E dūa rrey sseede sabedor
15. Que nūca ffoy filha dēperador
16. Que de beldade peor esteuesse
  
17. Todos uos dizē senhor cō ãueia
18. *Que* dessamedes<sup>164</sup> elles emi nō
19. Por *deus* uos rrogo *que* esto nom seia
20. Nē ffaçades coussa tāsēn rrazō
21. Amades uos *que* uos mays desseia
22. E bem creede *que* elles todos ssom
23. Esse uos eu *quero* bē de corazō
24. Leuēme des a terra huuos nō veia

### F135rC2

Pero larouco<sup>165</sup>

1. Nō a meu padre aquē peca
2. hūa peca dūtanelho
3. Cō*que* hūtase sa peca
4. Toda coelho<sup>166</sup> e coelho
5. Caa peca nō se especa
6. Husse estre ma douer melho
7. Camuyt aia grã peca
8. Que ffoy semāt aconcelho

### F135rC2

Pero larouco<sup>167</sup>

1. O *que* me deuisar corrudo
2. A ede mays ma meaca
3. Ayda eu fide<sup>168</sup> cornudo seia
4. Por ffeyto que ffaca
5. Eel padre domeu drudo<sup>169</sup>

### F167rC2

Dom affonssso Sanches<sup>170171</sup>

---

<sup>163</sup> Em V, fica claro o ‘omde’, a parte alta do “d” tem mais tinta, o que sugere um pingo de “i”. Então, faz sentido a leitura ‘onde’.

<sup>164</sup> Aqui, ‘medes’ corresponde a ‘mesmo’; ‘idêntico’.

<sup>165</sup> Cantiga de nº 613.

<sup>166</sup> ‘Cō ello’ corresponde, aqui, a ‘com isso’.

<sup>167</sup> Cantiga de nº 614.

<sup>168</sup> Lopes *et al* (2011-) sugerem que se trate da contração ‘fi (filho) de’ e interpreta a expressão ‘fi de cornudo’ como correspondente a ‘filho do diabo’.

<sup>169</sup> Elemento do provençal. Drudo: amante.

<sup>170</sup> A grafia do nome do trovador consta antes da cantiga de nº 781.

<sup>171</sup> Cantiga de nº 781.



1. Hũu Ricome *Aqui* hũu trotador
2. trotou<sup>172</sup> oganaqui<sup>173</sup> em cas del Rey
3. Assẽetando mutras mĩ catey
4. vyo seer en hũu logar peyor
5. ergime dixi uiindaca pousar
6. edi semel seedem uosso logar
7. bem seia ca nõ *quero* seer melhor
  
8. Quando mha seentey Assi ueia *prazer*
9. nõ me guardaua eu de tal acayo
10. E *quandoo* uy ergime legencõ<sup>174</sup>
11. a passadacalhe fuy logo *dizer*
12. *que* ssergesse dantre oo<sup>175</sup> cochoes *sseus*
13. E dissemel gradeca uolo *deus*
14. nõ me conppra<sup>176</sup> demelhor sseer
  
15. E

### F167vC1

Dom affonso Sanches<sup>177</sup>

1. Affonsa fonses baticar *queredes*
2. uoso *criade* cura non auedes
3. *que* chamem *clerige* ensto fazedes
4. Aquãteu cuydo muy maaõ isecado
5. casẽ *clerigo* Aueredes
  
6. A fõnz fansas nõca batiçado

### F180rC2

[Afonso Pais de Braga]<sup>178</sup>

1. Ora entendeu quãto me dizia
2. a mha sseñhor ca era *guisado*
3. ca inda lheu muyto graçeria
4. o de *que* lhy nõca ouuera *quãdo*
5. pola amor esseruir doado
6. como ffez ora Sancha Garcia *que*
7. me ffez o tornar ondey ya

### F185rC1

[Airas Nunes]<sup>179</sup>

<sup>172</sup> Embora constem no manuscrito V as formas *trobador* e *trobou*, em B, pode-se ler apenas *trotador* ou *trotou*. Talvez variantes gráficas.

<sup>173</sup> Aqui, Ogano corresponde a ‘neste ano’; ‘neste período’; ‘há tempos’; ‘hoc anno’.

<sup>174</sup> Provavelmente, ‘logo entõ’.

<sup>175</sup> Talvez um s final: ‘os cochoes’.

<sup>176</sup> Lopes *et al* (2011-) acreditam que conste aqui o item ‘comprira’, no entanto, pela forma registrada pode-se ler apenas o que parece ser o subjuntivo do verbo *cumprir*.

<sup>177</sup> Cantiga de nº 782.

<sup>178</sup> Cantiga de nº 857.

1. Porqueno mūdo mengou a uerdade
  2. punhey hū dia dea hyr buscar
  3. e hu por ela fuy *pregūtar*
  4. diserō lodes<sup>180</sup> alhurla buscade
  5. cadê tal *guisa* se for aperder
  6. *que* nō podemos ã nouas auer
  7. nē ia nō anda na yr maydade
- 
8. Nos moesteyros dosfrades negrados
  9. ademādey e diserōmassy
  10. nō *bos que* des uos auerdada*qui*
  11. ca muy tos anos auemos passados
  12. *que* nō morou nosco *per* bōa fe
  13. e dal auemos mayores coidados

### F185rC2

14. E en cistel hu uerdade soya
  15. senpremorar diserōme *que* nō
  16. moraua hy auya grā sazō
  17. nē frade dy iaa nō conhocia
  18. nē obbade utrosy no estar
  19. sol nō *queria que* fally *per* ousar<sup>181</sup>
  20. e ainda ia fora dabadia
- 
21. En ssam tyago seede albergado
  22. en mha pousada chegarō
  23. romeos *pregūteyos* e diserō *per deos*
  24. muyto leuadelo caminherrado
  25. outro caminho cōuē abuscar
  26. ca nō sabē *aqui* dela mādado

### F186vC2

[Airas Nunes]<sup>182</sup>

1. Desfiar enuiaron ora
2. ffilhos dedom ffernando del
3. Rey de castela
4. E disse
5. El Rey
6. logo hide ala dom Vela desfiade
7. e mostrate por mĩ esta Razom
8. sse quiserem por cābho do Reino
9. de leom ffilheu porē nauarra

---

<sup>179</sup> Cantiga de nº 871 (Sirventês moral).

<sup>180</sup> Provavelmente, ‘todos’.

<sup>181</sup> Lopes *et al* (2011-) propõem que esse verso seja lido como: ‘sol nom queira que foss’i pousar’. Leitura que se aproxima mais do registro da Vaticana do que do manuscrito da Biblioteca Nacional.

<sup>182</sup> Cantiga de nº 883.

10. ou o Reino de leom darangom
11. Ainda lhes ffazede outra *preitessia*
12. dar lhes ei *por* cãbho *quanto* ei

### F187rC1

13. en loubardiia
14. Eaquesto lhes ffaço por partir
15. perffia effaço gram dito<sup>183</sup> ca<sup>184</sup>
16. ca *meus* ssobrinhos som se *quiserem* por<sup>185</sup>
17. E ueedora amigos sse prendeu
18. engano effared deguissa *quiser*
19. ia ssem Meudano sse quisserem tr
20. egoa dadelha por hũu Ano ou
21. torgo apor mĩ et por eles dom
22. Gaston sse quisser mpor

### F187rC2

[Airas Nunes]<sup>186</sup>

1. O meu senhor obispo na rondela
2. hũu dia de noyte cõ grã medo
3. de desonrra fogia eu hyndo
4. mhaguisãdo por hyr cõ el mha uia
5. Achey hũa companha assaz braua
6. et crua *qua* *queme* decerõ logo de cima da
7. mha mua
8. Azemela e cama leuauãna por ssua
9. E des *que* eu naçera nũca ãtrara ãlide
10. *pero* *que* ia fora cabo uale dolide
11. escouar doas muytas fezerõ ã molide
12. E ali me lancarõ amĩ afalcatrua
13. Ataaos *sergenos*<sup>187</sup> canõ gem befua<sup>188</sup>
14. Alime desbulharõ do tabardo e des panos
15. e nõ ouuerom uergonhades cabelos ca nos
16. uẽ me derõ per ende grãs nẽ adianos
17. leixarõme *qual* fuy nado no meyo delarria
18. e hũu rapaz tinheso<sup>189</sup> *que* ade parẽ staua
19. chamouã minha nona uelha fududancua<sup>190</sup>

<sup>183</sup> Provavelmente, ‘direito’.

<sup>184</sup> A repetição do ‘ca’ é um provável erro do copista.

<sup>185</sup> Refrão omitido.

<sup>186</sup> Cantiga de nº 885.

<sup>187</sup> Um provável erro do copista. Deve ser ‘sergentos’.

<sup>188</sup> Em V, pode-se ler ‘gente befua’.

<sup>189</sup> Em V, consta a forma ‘tinhoso’ que faz mais sentido.

## F187vC2

[Afonso Gomes]<sup>191192</sup>

1. Martĩ moya a mha alma
2. se *perca* polo foder se uos pecado auedes
3. nẽ por boos filhos *que* fazedes
4. mays auedes pecado pola herua
5. *que* comestes *que* uos faz uiuer
6. tam grã *tempo que* podedes saber
7. muy bẽ *quando* naceu adã e eua

## F188rC1

8. Nem outrossi dos filhos baruados
9. nũ uos acho hy *per* percador
10. se nũ dos *tempos* grãdes traspassados
11. *que* acordades e sodes pastor
12. dizede morase ueiades *prager*<sup>193</sup>
13. de *que tempo* podiades ser
14. *quandes* tragou ali o almãçor
  
15. De *profacar* as gẽtes sandias
16. nũ auedes porque uos embargar
17. nẽ por *que* filhardes ã uos pesar
18. cao nũ dizẽ senõ cõ *perfia* dizedemora
19. se *deus* uos *perdom* *quanto* naçestes uos
20. Anta sazõ *que* em car nũ *deus* ã santa
21. Maria

## F188rC1

Martim moxa<sup>194195</sup>

1. Per como achamos na *santa scriptura*<sup>196</sup>
2. oante *Crispto* ora leera na cirã<sup>197</sup>
3. casse nũ guarda cregoa<sup>198</sup> nem postura
4. et cada parte ueio de uoluer guerra
5. e fazer mal cõmẽgua de justica
6. e na gẽte tã grade acobica

---

<sup>190</sup> Embora não haja uma numeração, Lopes *et al* (2011-) indica que aqui é limite final desta cantiga e que as estrofes a seguir pertencem a outra composição, de amor, também atribuída a Airas Nunes (B883/885).

<sup>191</sup> Cantiga de nº 886.

<sup>192</sup> Nesta altura, consta a seguinte numeração: Aº Gomez jogar de Sarria | fez esta cantiga a *Martim moxa*.

<sup>193</sup> No ms. V, pode-se ler ‘prazer’. Talvez seja a lição correta.

<sup>194</sup> Cantiga de nº 887 (Sirventês moral).

<sup>195</sup> A grafia do nome do trovador registrada antes da cantiga de nº 887 apresenta uma anotação final de difícil leitura.

<sup>196</sup> Na V, há a forma ‘scriptura’.

<sup>197</sup> Lopes *et al* (2011-) propõem ‘o anti-Cristo será na terra’. No entanto, não parece ser o que consta no manuscrito.

<sup>198</sup> Provavelmente, ‘tregoa’.

7. *que* nõ ha hi cõselho nõ mesura
8. Canõ leyxam spital nõ egleſia
9. romeu nõ dona nõ ome fidalgo

### F188rC2

10. nõ omẽ fidalgou nõ homẽ
11. dondẽ por bõo *que* será
12. *que* nõ desonrrẽ por leuar del aga<sup>199</sup>
13. forc molheres e roub caminha
14. e nõ demẽ nõ
  
15. Perdesse
16. *porque* nõ nõ h homẽs *que* es defenda
17. nõ laur vinhas nõ laur herdades
18. nõ artẽe peru se paga renda
19. *perdẽssas* aoras
  
20. *prez* e e mesura nõsom ecedade

### F188rC2

Martim moxa<sup>200</sup>

1. Uos *que* soedes ẽ corte morar
2. destes *privados* *queria* saber
3. se lhes h *apriuãca* muyto durar
4. caos nõ ueio dar nõ *despender*
5. Ande os ueio tomar e pedir
6. e o*que* lhes nõ *quer* dar ou *seruir*
7. nõ pode rem cõ el Rey adubar

### F188vC1

8. Destes *privrad* nõ sey nouelar
9. senõ *que* lhes ueio muy gram poder
10. er grãdes rendas casas guaanhar
11. e ueio as gentes muytos ẽ*prouecer*
12. cõ *proueza* da terra soyr<sup>201</sup>
13. e ha el Rey sabor de os ouuir
14. mays eu nõ sey *que* lhe u *conselhar*
  
15. Sodes de corte nõ sabedes rẽ
16. ca mester faz atodomẽ *que* de
17. poys a corte por algo uẽ
18. Ca sse dar nõ *quer* par
19. Castegasse<sup>202</sup> *pensse* de dar nõ sse

---

<sup>199</sup> Há aqui um borrão que impossibilita a leitura.

<sup>200</sup> Cantiga de n 888 (tenção).

<sup>201</sup> Provável erro do copista.

20. e se nõ der nõ deu nõ pode
21. dutar al ca os *priuados querẽ que* lhes dẽ

### F188vC2

Martim moxa<sup>203</sup>

1. Amygos cuydeu *que nostro* senhor
2. non *quer* no mũdo ia mẽtes ra<sup>204</sup>
3. cãõ ueio cadadia tomar
4. detem em mal edemal em peyor
5. ca ueio boos cadadia descer
6. eueio maaos sobreies poder
7. porem nõ ey damha morde pauor
  
8. O mũdo todauesas uegir
9. *equetas* cousas no mũdo som
10. aauesas andam sydeus mi *perdon*
11. porẽ nõ denãta morta fogir

### F189rC1

12. quẽ sabe obẽ *que* soya seer
13. e ueey o mũdo outra guysa correr
14. enõsse pode de morte partir
  
15. Os *que* morrerã *metrera* melhor
16. am muyta *deus que* agradecer
17. casabem ia *quenõan* de morrer
18. nen er atẽdem *que* ueiam peyor
19. como oiatẽdem os *queuyuos* son
20. eporẽ tenheu *que* faz sem rrazõ
21. quẽ deste mũdo ha grã sabor
  
22. E po rẽ tenheu *quehe* muy melhor
23. demorrer homẽ mêtrelhi bem for

### F192rC2

Martim moxa<sup>205</sup>

1. Per quanteu ueio
2. Perco me deseyo
3. Ey coyta e pesar
4. sse andou seio
5. O cor mestã teio

---

<sup>202</sup> Outra possibilidade de leitura seria ‘Cortegasse’. Os espaços sugerem que o texto estava incompleto.

<sup>203</sup> Cantiga de nº 889 (Sirventês moral).

<sup>204</sup> Item de difícil leitura. Para Lopes *et al* (2011-), há aqui a expressão ‘parar mentes’ que corresponde a ‘prestar atenção’. Como há uma mancha no código, é possível que a interpretação tenha sido feita com base no registro da Vaticana, no qual é possível ler ‘mentes parar’ com clareza.

<sup>205</sup> Cantiga de nº 896 (Sirventês moral).

6. Que me faz cuydar
7. Ca poys franqueza
8. Proezauenceu escassez a
9. Non sey que pensar
10. Veia uoleza
11. Maleza
12. Per essa soteleza
13. O mundo tornar

14. Ja de uerdade

### **F192vC1**

15. Nen de lealdade
16. Non ouço falar
17. Ca falssissade
18. Mentira e maldade
19. Nonhis da logar
20. Estas son nadas
21. E criadas e auēturadas
22. Equereu reynar
23. As uossas fadas
24. Iradas
25. For chegadas
26. *per* esto fadar

27. Louuamyares
28. E *prazenteares*
29. Am *prez* e poder
30. E *uos* logares
31. Hu nobres
32. Falares
33. Soya dizer
34. Veia *ongados*
35. *Deytados*
36. Do *mundeixerdados*
37. E *iasse* perder
38. Veia *chegados*
39. *Loados*
40. *Amados*
41. Os de mal dizer

42. Pela *crerizia*
43. *per* *quesse* soya

### **F192vC2**

44. Todo bem *reger*
45. *Paz* *cortesia*
46. *Solaz* que *auia*

47. Fremoso poder
48. Quandalegera
49. Veuya
50. No munde fazia
51. Muytalgue *prazer*
52. Feysse ssa uya
53. E dizia
54. Cadadia
55. Ey de falecer

56. Dar que ualya
57. *Compria*
58. Seu tenpo
59. Fogia *perssir* asconder

### F197rC1

Martim moxa<sup>206</sup>

1. En muyto andando che guey alogar
2. Hu lealdade nen manha nen Sem
3. Nen crezeria non ueio preçar
4. Nen podomi de senhor gaar irem
5. Se non loar quanto lhy uir ffazer
6. E lou sinar e rem nem lhi dizer
7. Pero lhi ueia os al Se mear
  
8. E quen ally comeu cheguey chegar
9. Se mentirenẽ *teuer* mal por bem
10. Quitar ssa en comeu ui min quitar
11. Mays no come deu ui quitar alguen
12. Nen *quer* nẽ como non quero dizer
13. E ui alhur quen mêtiral seer
14. Non quer nen pode nen bom *preez* leixar
  
15. Mentraly foy tal Som nõ uya Sanar
16. Muytas uezes eno sonho ui *quer*
17. Vi abubela a czeca filhar
18. E abubela *crista* que tem
19. E a cerzeca que quer dizer
20. Ou como pade bubela prender
21. Este sonho que non pode Soltar

### F197rC1

Martim moxa<sup>207</sup>

1. Maestra çenço dereyto faria
2. ElRey deuos dar muy bon soldada

---

<sup>206</sup> Cantiga de n° 915 (Sirventês moral).

<sup>207</sup> Cantiga de n° 916.



## F197rC2

3. Porque fezeistes hũa caualgada
4. Sem seu mandada roda noutro dya
5. Sem sa ajuda et sem seu *dinheiro*
6. Fostes ala matar hun caualeyro
7. Por que soubestes que o desseruya
  
8. Esse elrey fose ben conselhado
9. Maestratêço daquestes *dinheiros*
10. Quelho demo leua nos *caualleiros*
11. Partilos hya uosco *per* meu grado
12. Ca non foy tal que a roda entrasse
13. Que *caualleiro* da mha matasse
14. Se non uos que hyades desarmado
  
15. E do *serviço* que lhauedes *fecto*
16. Maestraçêço non uos enfadedes
17. Tornad alar ben barataredes
18. Et matadoutro quando *uerdes* geyto
19. Ca sse elRey sabe uossa demanda
20. Et ouuer paz deste execõ ã que anda
21. Arcediagon sodes logo *feito*
  
22. E dissellRey noutro dia estando
23. Hulha falarõ en uossa fazenda
24. Que uos quer dar ardom ã encomẽda
25. Por que dizem que sodes do sseu bando
26. Mays se hy iouuer algũu homẽ fraco
27. Dos uossos poos leuadũ grãssaco
28. Et hysilha o castelo liurando

## F197rC2

Martim moxa<sup>208209</sup>

1. De martin moya pos ffacam as gentes

## F197vC1

2. E dizenlhe pol mal que he cassado
3. Non lho dizen se non es mal dizentes
4. Cao veyeu assaz humor dyn nhado
5. E moy gran capa de coro trager
6. E os que lhe mal buscam por foder
7. Non lhe uaam iamear o seu pecado
  
8. E faca del agente sandya
9. E nõno fazem senõ com meyza

---

<sup>208</sup> Cantiga de n° 917.

<sup>209</sup> Nesta altura, consta a seguinte anotação: ‘Esta cantiga fez Martim afon’.

10. Cao veyeu no coro cada dya
11. Vestir capa et sobre peliza
12. E moyto faza ely moy melhor
13. Diz se por foder elle pecador
14. Non an eles y a *fazer* iustica

### F198rC2

[Pero Guterres]<sup>210</sup>

1. Todos dizen que *deus* nũca pecou
2. Mais mortalmẽte o ueieu pecar
3. Calhe ueieu muytos desenparar
4. Seus uassalos que muy caro comprou
5. Ca os leyxa morrer cõ grandamor
6. Desenparados de ben de senhor
7. E ia com estes mĩ desenparou
  
8. E mayor pecado mortal non sey
9. Ca o que eu ueio fazer a *deus*
10. Ca desanpara os uassalos seus
11. En muy gram coyta damor *qual* eu ey
12. E o senhor que acorrer non quer
13. A seus uassalos quandolhe mester
14. Peca mortal poys e tan alto Rey

### F198vC1

15. Todo senhor de mays rey natural
16. De uos uassalos de morta partir
17. E acorelhes cada que os uir
18. Estar ã coyta mays *deus* non e tal
19. Ca os leyxa con gram damor morrer
20. E pero pode non lhes quer ualer
21. Et assi faz gram pecado mortal

### F209rC1

[João Airas de Santiago]<sup>211</sup>

1. Meu senhor Rey de castela
2. Venhome uos querelar
3. Eu amey hunha donzela
4. Por que mouuistes trobar
5. E con quen se foy casar
6. Por quanteu dela ben dixi
7. Quer mora por en matar
  
8. Fiador pera *dereito*
9. Lhi quix *perante* uos dar

---

<sup>210</sup> Cantiga de n° 922.

<sup>211</sup> Cantiga de n° 966.

10. El ouue deun despeyto
11. E mandoume desafiar
12. Nonlheu sey ala morar
13. Venhauos que men paredes
14. Ca non ei *quem* menparar
  
15. Senhor *pera* santa Maria
16. Mandadante uos chamar
17. Ela emĩ alguu dia

### F209rC1

18. Mandadeuos razar
19. Sessela demĩ queixar
20. De nulha ren que dissesse
21. Emssa prison querentrar
  
22. Semi iustiça non ual
23. Ante Rey tan iusticeyro
24. Hirmey ao de Portugal

### F209rC2

Afonssi anis<sup>212</sup>

1. As mhas iornadas uedes quaes son
2. *Meus amigos* metedi femenca
3. De castra burgos e enda palença
4. E de palença sayr mar cairyon
5. E enda castro edeus mi de consselho
6. Ca uedes pero uos ledos semelho
7. Muytanda tristomeu coraçon
  
8. E a dona que massy faz andar
9. Casade ou uyo uou solterya
10. Ou conque *negue*<sup>213</sup> ou imĩga ou freyra
11. E ar<sup>214</sup> sse guardẽ que ssa *por* guardar
12. Ca ma fazenda uos digueu sem falha
13. E roga *deus* que maiudemi ualha
14. E nuncas ualha que mi mal buscar

### F209vC1

15. E nonuos ouseu dela mays dizer
16. De como
17. Non a hi tal que logo non
18. que eu sen parecer
19. Non

---

<sup>212</sup> Cantiga de n° 968.

<sup>213</sup> Lopes *et al* (2011-) sugerem a leitura ‘ou touqui negra ou monja ou freira’.

<sup>214</sup> Variante de ‘er’.

### F209vC1

pero da pōti e Afonso anes do coton<sup>215</sup>

1. Pero daponte hũ uosso cantar<sup>216</sup>
2. Que uos ogano fesestes damor<sup>217</sup>
3. Fosteuos hy escudeiro chamar
4. Er dizedora tantay gobador
5. Poys uos escudeyro chamastes hy
6. Por que uos queixades ora demi
7. Por meos panos que uos ño quero dar
  
8. Afomso ane se us en pesar
9. Ternadeuos auosso fiador
10. Et de meu hy escudeyro chamar
11. Et por que non poys escudeyro for
12. Et se peçalgo uedes quantahy
13. Non podemos todos guarir assy
14. Come uos que auarides per lidar
  
15. Pero dapōte quẽ ami ueher
16. Desta razon oudoutra cometer
17. Querey uolheu responder sse souber
18. Como trobador deue responder
19. En uossa terra se deus me perdom
20. As mais das jentes lhe tamã segrel

### F209vC2

21. Afomso anes este meu mester
22. Et per esto deueu aguarecer
23. Et per seruir donas quãto poder
24. Mais hũa
25. Enpedir algo non digueu de non
26. A quẽ catêdo que faço razon
  
27. Pero dapõ se deus uos perdom
28. No faldes mays en armas cã ño
29. Uos esta bem esto sabe quen quer

### F213rC1

pero da pōti<sup>218</sup>

1. Poys de mha morte grã sabor auedes
2. Senhor fremosa mays que doutra ren
3. Nuncauos deus mostro que uos queredes

---

<sup>215</sup> A grafia dos nomes dos trovadores encontra-se registrada na anotação que antecede a cantiga de nº 969.

<sup>216</sup> Cantiga de nº 969 (tenção).

<sup>217</sup> Nessa altura, há a seguinte anotação: ‘Esta Tenzon fezerõ pero da Poti e Afonso anes do coton’.

<sup>218</sup> Cantiga de nº 984.

4. Poys uos queredes mha morte por en
5. Rogueu adeus que nunca uos veiades
6. Senhor fremosa o que deseiaades
  
7. Non uos andeu *per* outras galhardias
8. Mays sempraquesto rogaren a *deus*
9. Ental que tolha el do uosso dias
10. Senhor fremosa e enada uos meus
11. Rogueu adeus
  
12. E *deus* sabe que uos ameu muyto
13. E amarey enquanteu uyuo for
14. El me leixante *per* uos trager luyto

### F213rC2

15. Ca uos *por* mi *por* en mha senhor
16. Rogueu adeus que

### F223rC2

[João Airas de Santiago, Rui Martins]<sup>219</sup>

1. Rui martir pois que est assy
2. Que uos iamais quisestes uiuer

### F223vC1

3. En Leo euos ueestes ueer
4. Dize dagora uos hun preit ami
5. R uirauiz assy *deus* perdom

### F223rC2

[Bernal de Bonaval, Abril Perez]<sup>220</sup>

1. Abril Perez muytei eu grã pesar
2. Da gram coyta que uos ueio sofrer
3. Ca uos ueio come uii lazerar
4. E non possami nen auos ualer
5. Ca uos morredes comeu damor
6. E peroxesta mha coyta mayor
7. Dereyto façenme de uos doer
  
8. Don bernaldo querouos *preguntar*
9. Comousastes tal cousa começer
10. Qual comtestes en uosso trovar
11. Que uossa coyta quisestes poer
12. Com a minha que quante mha senhor
13. Don bernaldo que a uossa melhor

---

<sup>219</sup> Cantiga de nº 1052 (tenção).

<sup>220</sup> Cantiga de nº 1072 (tenção).

14. Abril Perez fostesme demandar
15. De tal demanda que resposta non
16. Há hy mester ã couem de prouar
17. O que disestes das donas entom
18. Enmêtemolas e sabelas an
19. E poys lãs souber em julgarnas ham
20. E uença quẽ teuer melhor razon

21. Don bernaldo eu hyria ementar
22. A mha senhor assy *deus* me perdom
23. Se non ouuese medêlhe pesar
24. Eu adyria muy de coracon
25. Ca hũa ren sey eu dela pram
26. Que poys La souberẽ *conhocer*lham
27. Melhoría *quãtas* no mundo ssem

### F223vC1

28. Abril Perez os olhos enganar
29. Nam homẽ das cousas *que* grã bẽ quer
30. Assy *fezerom* uos ameu cuydar
31. E por seer asy comeu *diser*
32. Se uos uistes alguma dona tal
33. Tan fremosa e que tã muyta ual
34. Mha senhor he ca non *outra* melhor

35. Don bernaldo querouos conselhar
36. Ben e creedeme seuos prouguer
37. Que non digades que hides amar
38. Bona dona cauos non e mester
39. De dizerdes de bona dona mal
40. Ca ben sabemos don bernaldo qual
41. Senhor sol sempra *seruir* segrel

### F235rC2

[Pedro Amigo de Sevilha]<sup>221</sup>

1. Don foao en grã curdura
2. Moueu a mĩ preytesia
3. De particom noutro dia
4. Mais fui demalauentura
5. Porque cõ el non party
6. *Que* penas ueyras per di
7. Podera seer cobrado

### F235vC1

---

<sup>221</sup> Cantiga de nº 1099.

8. Per hũu muy grã tẽpo fero
9. Se dissesse partir quero
10. Mays enganoumo pecado
11. Porque cõ el
  
12. Que panos perdi de peso
13. E outros bẽ bas toades
14. *Que* mauyam ia mandades
15. Mays foy homẽ mal a preso
16. Por *que* cõ el

### F250rC2

[Juião Bolseiro]<sup>222</sup>

1. Mal me Tragedes ey filha por *que queraver* amigo
2. E poys eu cõ uosso medo nono eynẽ e comigo
3. Nõ aiades a mha graça
4. E deuos *deus* ay mha filha
5. Filha *que uos* assy faça
6. Filha *que uos* assy faça
  
7. Sabedes casẽ amigo
8. Nunca foy molher uiçosa
9. Epor *que* mho nõ leixades
10. Auer mha filha fremosa
11. Nõ aia delha mha
  
12. Poys eu nõ ey meu amigo
13. Nõ ei rendo *que* deseio
14. Mays poys *que* mi *per* uos ueo
15. Mha filha *queo* nõ veio
16. Nõ aiadela mha
  
17. Per uos perdi meu amigo
18. Porque grã coita padesco
19. E poys *que* mho uos Tolestes
20. E melhor ca uos paresco
21. Nõ aiadela

### F251vC2

Juyõ belseyro<sup>223</sup>, [João Soares Coelho]<sup>224</sup>

1. Johã ssoares de prã as melhores
2. Terras andastes *que* eu nũca ui
3. Dauerdas donas *por* ar entẽdores<sup>225</sup>
4. Muy fremosas quaes sey *que* ha hy

<sup>222</sup> Cantiga de nº 1171.

<sup>223</sup> A grafia do nome do trovador encontra-se registrada antes da cantiga de nº 1181.

<sup>224</sup> Cantiga de nº 1181 (tenção).

<sup>225</sup> No ms. V, há a forma ‘entendedoras’.

5. Fora razõ mays hu fostes achardyrdo
6. Por entendedores filhar
7. Ssenpre quand amas *quã* do tecedores

8. Iuayo outros mays sabedores
9. *Qui* seron ia esto saber de mĩ
10. E en todo trobar may *trobadores*
11. *Que* ta nõ es mays direyto *que* uy
12. Uy boas donas tecer e laurar
13. Cordas e cintas e uilhes *criar*
14. *Per* bõa muy fremosas pastores

15. Iohã soares nũca vi chamada
16. *Molher* amanas terras hu andey
17. Se *per* enparamẽte ou por soldada
18. Non *criou* metemays uos en direy
19. E nas terras hu eu soy auiuer
20. Nunca muy bõa dona uy recee
21. Mays ui tecer algũa lazerada

22. Iuyao por outra uegada
23. Com outro tal trobador ãtemey
24. Fizlhe dizer *que* nõ dez ia nada
25. Comora ty desta tẽcõ farey

### F252rC1

26. Uy boas donas laurar e tecer
27. Cordas e cintas e uilhes teer
28. Muy fremosas pastores na pousada

29. Iohã soares hu soy a uiuer
30. Nõ tecer nẽ har uy teer
31. Berç anto fogadona muy torrades

32. Iuyãõ tu deues entender
33. Que o mal uylã nõ pode saber
34. De fazenda de bõa dona nada

### F259rC1

Pedreu Solaz<sup>226</sup>

1. E nõ esta de nogueyra
2. Affreyra *que* eu *quero* bẽ
3. Mays outra mays fremosa
4. E a *que* mĩ en poder tem
5. E moiro meu pola *freyra*
6. E moyro meu pola *freyra*
7. Mays nõ pola deno gueyra

---

<sup>226</sup> Cantiga de n° 1219.



8. E moyro

### F259rC2

9. Nõ esta de nogueyra
10. A freyra ondeu ey amor
11. Mays outra mays fremosa
12. A *que* mi *quereu* muy melhor
13. E moyromeu pola
  
14. E sse eu aquela freyra
15. Hũu dia ueer podesse
16. Non a coyta nõ<sup>227</sup> mũdo
17. Nẽ pesar *que* eu oouesse
18. E moyromeu pola freyra
  
19. Esse eu *aquela* freyra
20. Veer podessun dia
21. Nẽ huna coyta do mũdo
22. Nẽ pesar *auerya*
23. E moyromeu pola freyra

### F259vC1

johã baueca<sup>228229</sup>

1. Pedramigo *quer* ora hũa rrẽ
2. ssaber de uos sseo ssaber poder
3. Do rraffec ome *que* uay bẽ *querer*
4. muy boa dona de *que* nũca bẽ
5. Atende ia eo boo *que quer*
6. Outrossy bẽ muy rrafece molher
7. *Pero que* lhesta queyra ffazer bẽ
8. Qual destes anbos he depeyor ssemi
  
9. Iohã baueca Todome sse tẽ
10. Cõ muy bõ home *que queromeu* teer
11. Logo cõ el mays por ssẽ conhocer
12. Vos tenhora *que* nõ sabedes quen

### F259vC2

13. ha peor ssẽ epoys uoleu disser
14. Vos uos terredes cõ qual meu teuer
15. E *que* sabedes uos *que* ssey eu quẽ
16. Ora ffeçome de peyor ssẽ
  
17. Pedramigo *desaqui* etẽcom

---

<sup>227</sup> Consta a forma 'nõ' no manuscrito. Provavelmente, um erro do copista.

<sup>228</sup> A grafia do nome do trovador está registrada antes da cantiga de nº 1221.

<sup>229</sup> Cantiga de nº 1221.

18. Came nõ *quereu* cõ uoscoutorgar
19. Oraffeçome *aque deus quer* dar
20. Entẽdimẽtẽ algũma ssazõ
21. De *querer* bẽ amuy bõa ssenhor
22. Esto nõ nuyda ffazer o peor
23. E quẽ *molher* rrafec agrãssazõ
24. *Quer* bẽ nõ pode ffazer sse mal nõ

25. Iohã baueca ffora darrazõ
26. Ssodes *que* mante fostes *pregũtar*
27. Ca muy bõ home nõca pode ssar
28. De ffazer bẽ assy *deus* me perdom
29. Eorrafecome *que* uay seu amor
30. Enpregar hu desasperadoffor
31. Esteffaz mal assy *deus* me perdõ
32. Este sandeo e estoutro nõ

33. Pedramigo rrafecome nõ uy
34. *Perder* per muy bõa dona sseruir
35. Mays uilho *senpre* loar e gracir
36. E o muy bõ home poys cõ cabossy
37. *Molher* rrafecce sse nõ paga dal
38. E poys el entende obẽ e o mal
39. E por esto nõna *queta* dessy
40. Quante melhor tanteeyra mays hy

### F260rC1

41. Iohã baueca desguãden naci
42. Estou y *ssenpre* eoy despartyr
43. Do muy bõ home delhabẽ ssayr
44. *ssenpre* o *que* ffaz mays geede *per* mi
45. Do rrafecç ome *que* ssa comunal
46. Nõ *quers*seruir e sserue ssenhor tal
47. Por *que* o tenha por leu e *por* uil
48. Quẽtela he melhor tãteeyra mays hy

49. Pedramigo esso nada nõ ual
50. Ca o *que* ouro sseru enõ al
51. Diz arento ssemelha desy
52. E parta ssesta tençõ *per* aqui

53. Iohã baueca nõ tenho por mal
54. Desse *per* tyr poys ouro sseruatal
55. *Que* nõca pode ualer mays *per* hy
56. E Julguẽnos da tẽcõ *per* aqui

### F273rC1

Steuã da Guarda<sup>230231</sup>

<sup>230</sup> A grafia do nome do trovador está registrada antes da cantiga de nº 1300.

1. A hũ corretor aque vy uender
  2. Panos *que* conhoçi
  3. Cõ penas veira dissassy
  4. Da molher sson de dõ foam<sup>232</sup>
  5. E dissemel uêdes quãã
  6. El e aquesta sa molher
  7. Anno mester ano mester
8. E disseu ficara ã cos

### F273rC2

9. Sem estes panos do *vergros*<sup>233</sup>
  10. Mays poys *que* os Tragedes uos
  11. Auender e par sseu Talam
  12. Edissemel sey eu de prã
  13. Per ela quãto uos disser
  14. Ano mester anno mester
15. E disseu graue de creer
16. *Que* elã cõ mēgua dauer
17. Mãdē caes<sup>234</sup> panos uēder
18. Por *quē* pouco por eles dam
19. E dissomel *per* Tomestam<sup>235</sup>
20. E *aquesta* ssa molher
21. Annomester annomester

### F273rC2

Steuã da Guarda<sup>236</sup>

1. Dũa grã uinha *que* tẽ ã valada
  2. Aluar rrodig<sup>237</sup> *muito* nõ podauer *prol*
  3. Vedes por *que* ca el nõ cura sol
  4. Dea *querer per* sseu tẽpo cauar
  5. E a mays dela iaz por adubar
  6. Pero *que* tẽ amourisca podada
7. El tẽ tẽde *que* a tẽ adubada
8. Poys lha podarõ e tẽ ssẽ rrazõ
9. Ca tã mēgrado ficou *otracom*<sup>238</sup>

---

<sup>231</sup> Cantiga de nº 1300.

<sup>232</sup> Variante de ‘fulano’.

<sup>233</sup> Leitura difícil. Lopes *et al* (2011-) sugerem o termo ‘vergrós’, um tipo de tecido.

<sup>234</sup> Consta ‘caes panos’. Provavelmente, ‘taes’.

<sup>235</sup> No ms. B, lê-se claramente ‘tomestam’. Lopes *et al* (2011-) sugerem a leitura ‘com’estam’. No entanto, não parece condizer com o que está registrado no códice.

<sup>236</sup> Cantiga também de nº 1300 (1300bis).

<sup>237</sup> Lê-se assim no manuscrito. Lopes *et al* (2011-) sugerem ‘Rodriguiz’, mas não parece ser o que consta no códice.

<sup>238</sup> Provavelmente, ‘terçom’.

10. *Que* a cepa nõ pode bẽ deytar
11. Ca en tal tenpo a mãdou poder
12. *Que* sêpre lhe ficou deçepada
  
13. Se nõ de cabo nõ for rrechãtada<sup>239</sup>
14. Nẽ hũ *proueyto* nõ poden dauar

### F273vC1

15. Ca *per* a ly *peru* a fez creer
16. Ja endo nẽbr esta *pera* ssecar
17. E mays valiria ia *pera queymar*
18. *Que* de iazer como iaz mal parada

### F273vC1

Steuã da Guarda<sup>240</sup>

1. Aluar uegeu agrauar
2. Porque ssessêtaqui mẽguadãdar
3. E tẽ *que* lhya melhor alẽmar
4. *Que* lhe vay aquy hu naceu e criou
5. E por estodiz *quesse quer* tornar
6. hugrã tenpa seruiu e affanou
  
7. Tẽ el *que* faz dytẽ se *queixar*
8. Poys lhe nõ ual *servir* e afanar
9. Nẽ podaqui cõsselho *per* calcal
10. Comalẽmar *per* servir *per* calcou
11. Porẽ *quer* ssyr a seu tenpo passar
12. Hu grã tenpa servyu e affanou

### F273vC1

Steuã da Guarda<sup>241</sup>

1. A molher daluar rroiz<sup>242</sup> tomou
2. Tal *queixume* quãdo sel foy daquẽ
3. E alezou<sup>243</sup> *que* por mal nem por ben
4. Des*que* veo nũcassael chegou
5. Nẽ *quer* chegarse des tẽca<sup>244</sup> nõ he
6. Iurãdolhe ante *que* aboa fe
7. Nõna er lexe comalexou
  
8. E o catiuo *per* poder *que* a
9. Nõna pode desta seyta party

---

<sup>239</sup> ‘Plantada novamente’.

<sup>240</sup> Cantiga de nº 1301.

<sup>241</sup> Cantiga de nº 1302.

<sup>242</sup> Embora conste no manuscrito ‘aluar rrois’ deve ser uma referência a ‘Alvar Rodriguis’.

<sup>243</sup> Provavelmente, é o verbo ‘leixar’ conjugado que reaparece no último verso dessa mesma estrofe.

<sup>244</sup> No manuscrito da Vaticana, lê-se ‘se del certa non he’.

10. Nõ *per* meacas nẽ pela ferir

### F273vC2

11. Ela *por* en nehũa rrẽ nõ da  
12. Mays sea *quer* desta sanha tyrar  
13. A boã fe lhecõuẽ aiurar  
14. *Que* anõ lexe en ne hũ tempo ia

### F279rC1

Steuã da Guarda<sup>245246</sup>

1. En preyto que dom foã ha  
2. Con huu meestre ha gran caston  
3. E o meestre pressopom  
4. O de que odereyt esta  
5. Tan coitaro *prequanteu* ui  
6. Que selh outrẽ non acorri  
7. O meestre de queera<sup>247</sup>  
  
8. Mais se de cae<sup>248</sup> quen sera  
9. Que ia dereyto nen razon  
10. For demandar nen deffenson  
11. En tal meestre que non da  
12. En sseu feit ajuda dessy  
13. Mais leuara *per quant* oy  
14. *Que* lh o deirito sosteira  
  
15. Ca o meestre entende ia  
16. Se de caer *quelh* e caiom  
17. Antr os que leterados som  
18. Onde *uergonha* prendera  
19. Derrar seu dereyto assi  
20. E *quem* esto uir des ali  
21. Por mal andanteo terra

### F279rC1

Steuã da Guarda<sup>249250</sup>

1. Hun caualeiro me dissen baldom  
2. Que me queria poer eiceiçom  
3. Mui agrauada come home criui  
4. E dyxylhenton comouos direi

---

<sup>245</sup> Cantiga de nº 1303.

<sup>246</sup> Nesta altura, consta a seguinte anotação: ‘Esta cantiga da çima foi feita a hũ | Mestre de leys *que* era manco dũa | perna e çopegava dela muito’.

<sup>247</sup> Verbo decair.

<sup>248</sup> No manuscrito da Vaticana lê-se a forma infinitiva do verbo ‘decair’. Aqui lê-se ‘decae’.

<sup>249</sup> Cantiga de nº 1304.

<sup>250</sup> Nesta altura, consta a seguinte anotação: ‘Esta cantiga foi feita ia hũ caualeiro *que* lhe | apoianham *que* era puto’.

5. Semha poserdes tal uola porrei
6. Que assencades ben atao aui

### F279rC2

7. E disser o mel eiceicõ tenh eu ia
8. Tal que uos ponha que uos custara
9. Mais *quanto* ual queste meu muu
10. E dixilh eu poilo ã tenh en al
11. Semha poserdes porreiuola tal
12. Que assencades
  
13. Tal eiceicon uos tenh eu de poer
14. Dissel a mĩ *per* que do vossauer
15. uos custe tanto que *fiquedes* mui
16. E dixilh eu coracon de judeu
17. Semha poserdes tal uos *porrei* eu
18. Que assencades

### F279rC2

Steuã da Guarda<sup>251</sup>

1. Meu tano<sup>252</sup> fiz portal iuiz pedir
2. Qual mha reinha madre del Rei *deu*
3. Hun caualeiro oficial seu
4. Pois mẽ ã ual dante tal iuiz ir
5. Ca se non y eleuomeu uogado
6. Sempre me diz que esta en bargado
7. De tal guisa que me non podoir
  
8. Por tal iuiz nunca ia mais sera
9. Desanbargad este preyto que ey
10. Nen areinha nen seu filh el Rei
11. Perolhemanden nunca moira
12. Caia me disse que me non *compria*
13. Dir perdant el pois moume ã podia
14. Mentre bargad esteuer com esta

### F279vC1

15. Mais aremha pois que certa for
16. De qual iuiz e na sa casa ten
17. Terra por razon esto sei eu bem
18. De poer hi outro suiz<sup>253</sup> melhor
19. E assi poseu auer meu dereito
20. Pois que di for este iuiz tolheiro
21. E me derẽ qual quar<sup>254</sup> ouer oidor<sup>255256</sup>

---

<sup>251</sup> Cantiga de nº 1305.

<sup>252</sup> Provavelmente, ‘dano’.

<sup>253</sup> Provável erro do copista, deve ser a forma ‘juiz’.

**F279vC1**Steuã da Guarda<sup>257</sup>

1. Pois a todos auorrece
2. Este iogar auorrado
3. De tal molher e marido
4. Que a mĩ rason parece
5. De *trager* por seu pedrolo
6. O filho doutro no colo
  
7. Pois a la *trage* camisa
8. Desirgo tam bem laurada
9. E uai a cada pousada
10. *Por* algo non esen *guisa*
11. De *trager*
  
12. Como pero da arrura<sup>258</sup>
13. foi da molher ajudado
14. Non he mui des *aguisado*
15. Pois lh esta faz tal ajuda
16. De *trager*

**F279vC1**Steuã da Guarda<sup>259</sup>

1. Dise mojasi hun home
2. Vai se da qui hun ricome
3. Dixlh eu per comel come

**F279vC2**

4. Poys que meu fique en lixlya<sup>260</sup>
5. Ia que se uay oricome
6. Uaron uaase ora boa
  
7. Ddisemel per leyrea
8. Se uay caminho de sea
9. Dixilh eu per comel cea
10. Poys eu fiquen *stremadura*
11. Se uay caminho de sea
12. El uaasen boa uëtura

---

<sup>254</sup> Provavelmente, ‘qualquer’.

<sup>255</sup> Na Vaticana, lê-se, claramente, ‘outr’oidor’ (outro ouvidor).

<sup>256</sup> Nesta altura, consta a seguinte anotação: ‘Esta *cantiga* foi feita a hũ iuiz *que* nõ ouuia bẽ’.

<sup>257</sup> Cantiga de nº 1306.

<sup>258</sup> Em V, ‘Arruda’.

<sup>259</sup> Cantiga de nº 1307.

<sup>260</sup> Provável erro do copista para a forma ‘Lisboa’.

13. E dissemel este caminho
14. se uay dãtre doyro e miho
15. Dix eu poys beuo bon uiho
16. Aqui hu com he non conto
17. Se uay antre doyre mïho
18. Senher uaasen ponto

### F279vC2

Steuã da Guarda<sup>261</sup>

1. Pois teu preyt anda iuntãdo
2. Aquel que he do teu bando
3. Dime douror<sup>262</sup> com ou quando
4. Lhe cuydas fazer enmenda
5. Por quant andel trabalhando
6. Com apostara fazenda
7. Pois cõmuytos ha taralha<sup>263</sup>
8. Porte iũtar prol sem ffallha
9. Di douror<sup>264</sup> ssy deus ty ualha
10. Selhe cuydas dar merenda
11. Por quantel porty trabalha
12. Com apostara fazenda<sup>265</sup>

### F280rC1

13. Pois anda tam afficado
14. Por teu præeyto auer iũtado
15. Dy douror cabo casado
16. Que prol tem hy ou quegenda<sup>266</sup>
17. O que toma tal cuydado
18. Com apostara fazenda<sup>267</sup>

### F280rC1

Steuã da Guarda<sup>268</sup>

1. Pois que tepreças dauer sem cõprido
2. En trobar bem e en bona razon
3. Non faz mester aty ffernã chãcom

---

<sup>261</sup> Cantiga de nº 1308.

<sup>262</sup> Em V, ‘doutor’.

<sup>263</sup> Embora conste a forma ‘taralha’, faz algum sentido a leitura de Lopes *et al* (2011-) como ‘baralha’ (briga).

<sup>264</sup> Provavelmente, ‘doutor’.

<sup>265</sup> O termo ‘fazenda’ não se refere necessariamente a propriedade. Pode estar ligado a posse de bens ou reputação.

<sup>266</sup> Lopes *et al* (2011-) sugerem que seja a forma ‘quejendo’ (qual, que tipo).

<sup>267</sup> Nessa altura, consta a seguinte anotação: ‘Esta cantiga foy feita ahũu douror | Doutor *que* meteu por seu mesegeyro | Mesegeyro *pera* iũtar seu casa mẽto | Hũn home *que* na leigo e casado | E fora ante ffrade preegador | E o quese sal da ordem chamãlhe apostata | Esta cantiga he a de cima’.

<sup>268</sup> Cantiga de nº 1309.



4. Dir entencar com torpe a mutido<sup>269</sup>
5. Nen te leares come quẽ ssem gana
6. E de palauras torpes edoaffana
7. E depos ffaça seer espargando
  
8. Ca sempre *contam* por ensy vidade
9. Ao pastor *precarsse* de gram ssem
10. Nen gran saber porẽdacy<sup>270</sup> cõuem
11. En *quanto* estãpastor<sup>271</sup> didade
12. Poi gentam<sup>272</sup> alta razon ousas
13. Que punhes senpre antras cousas
14. Seeres partido de torpidade

## F280rC2

15. Non entendas que ffates hy cordura
16. Dires asy come torpe entencar
17. A treuendote que sabedes trobar
18. Ante metes hy teu *feito* e muetura
19. Porem non queiras seer enganado
20. E ntal razon mays sey senpra cordado
21. Deseeres parado de loucura
  
22. E pois enal es mãsse mesurado
23. Non entences se quer seras loado
24. Non que tu es *partido* de brauura<sup>273</sup>

## F280rC2

Steuã da Guarda<sup>274</sup>

1. Bispo senhor Eu dou *adeus* bon grado
2. Por que uos ueiem priuaçã entrar
3. Del Rey a que praz dauer des logar
4. No seu conselho mais doutro prelado
5. E por que eu douoso talan sey
6. Qual prol dauossa priuãca teirey
7. Rogo *adeus* que seiades priuado
  
8. Dobrendo<sup>275</sup> de quantal auedes
9. Fazedo senpre quantal Rey prouguer
10. Poys queuos el por priuado asy quer

<sup>269</sup> Trecho de difícil leitura. O item ‘mutido’ não faz sentido. Lopes *et al* (2011-) sugerem ‘avorrido’, o que não parece ser o que consta no manuscrito.

<sup>270</sup> Em V, ‘poren da ty’.

<sup>271</sup> ‘Pastor’ aqui corresponde a ‘jovem’.

<sup>272</sup> Na mesma cantiga, em V, há ‘pois entam’.

<sup>273</sup> Nessa altura consta a seguinte anotação: ‘Esta *cantiga* foy feita a hũu galego que se preçava de trobar | E nõ o sabya bẽ e meteusa maneira de Tenzõ cõ da *stevam* | da *guarda* e *stevam* da *guarda* lhi fez esta *cantiga* e el andaua sempre a | *partido* e nõca lhi entendeu a *cantiga* nõ lhe soube a | ella *trauar*’.

<sup>274</sup> Cantiga de nº 1310.

<sup>275</sup> Lopes *et al* (2011-) leem ‘do [pre]bendo’ (renda do bispado). Parece ser: ‘do brendo’.

11. E poys *quenes* altos *fectos* sabedes
12. E quant en sise en conselho iaz
13. Vero senhor pois desto alRey *praz*
14. Fyo *per deus* que priuado seredes
  
15. Per este papa *quan* douy daria
16. Que non tiredes *grados* prol e *gram* bem

#### F280vC1

17. Quandel souber que pelo uosso ssem
18. El Rey *deuos* mays doutro *vero* fia
19. E poys *uos* elRey *aquesta* logar da
20. Bispo senhor hu outra rem nõ ha
21. Vos seeredes priuado aoudaia
  
22. Deste uosso beneficio
23. Con officio quem douydara
24. Que nõles Alcem em outra cõtya

#### F280vC1

Steuã da Guarda<sup>276</sup>

1. Donzela *que* quer *poser* femẽça
2. En qual uos sodes ede que logar
3. E no *pareçer* que *uos deus* quis dar
4. Entender pode *quan* te mha crẽça
5. Que poys *uos* quexe iũtar casamẽto
6. Non podauer hy nõ hũn *partimento*
7. Se non se for *per* uosa *negrigẽça*
  
8. E quem bem uir ouoso cõtenente
9. E as *feyturas* eo parecer
10. Que nos auedes ben podentender
11. En tod aquesto *quante* meu çiente
12. Que ben aly hu uos casar queredes
13. Nõsse partira que hy non *casedes*
14. Se non perseerdes uos hy *negrigẽte*
  
15. Ca sey eu outra non de tal doayro
16. Nen de tal logar *come* uos de pram
17. *com* aguça que tomou de talan
18. De casar cedo non ouuy cõtrayro
19. Poren uos *compre* secasar cuydades

#### F280vC2

20. De *negrigente* que sodes seiades
21. Muy agucosa sem outro des uayro

---

<sup>276</sup> Cantiga de nº 1311.

**F280vC2**Steuã da Guarda<sup>277</sup>

1. Ruy goucaluys *pero uos* Agrauece
2. Por que uos toanou em uoso cantar
3. Iohanne *anes* uegeu el queyxar
4. De qual deosto lhy deuos eecrece
5. hu lly fostes trobar de mal dizes
6. Em tal guysa *queue* bem pode entender
7. Quen quer omal que alho parece
  
8. Poren partideste feito decedo
9. Ca de mal *dizer* non tirades prol
10. E como sem Johane *anes* dol
11. Jadeuos perderi *uergonha* e medo
12. Ca entedel que se deua sentyr
13. De mal *dizer* que asseu olho uyr
14. Que pode loga *certar* consseu dedo
  
15. Poys sodes entendude uysta
16. Sabede agora cator tal razõ
17. Per que uenha este *feitar* a perdom
18. E por parades melhor acõquista
19. Outrogad ora senhor que *uos* pram
20. Se mal *dizer* nouoso cantar iaz
21. Ouco poedes todo uossa uista

**F280vC2**Steuã da Guarda<sup>278</sup>

1. Disogel Rey pois dom foao maysual
2. Seendo poure ogran bem fazer
3. Que lheu fiz senpre ofaz en sandecer

**F281rC1**

4. Semel Ren que *meos* amigos ental
5. Que me queyxa ia mal malhy farey
6. Paderer e desen sandece ley
  
7. Poys enroleza non ssal de seu sem
8. E obem ffazer oderna sandeu
9. Por poder o que non padeceu
10. Pero amigos diz que me quer bem
11. Que me
  
12. Poys lhi *deus* atal uento deu

---

<sup>277</sup> Cantiga de n° 1312.

<sup>278</sup> Cantiga de n° 1313.

13. Que en pobreza dodo<sup>279</sup> seu sem ha
14. E com bem ffazer sandicelhi da
15. Pero mel quer bem secem *primeu*
16. Que me<sup>280</sup>

### F281rC1

Steuã da Guarda<sup>281</sup>

1. Poys cata peiu mespeie cossas razoes dengano
2. E me quer meter adano
3. Per en dantes que mo deyte
4. Deytar quero eu do danya<sup>282</sup>
5. O matigui a dom marra
  
6. Poys metenda detal pouo
7. Per que uaga esperado
8. En como home de recado
9. Enuesaera dano nono deitar *quero eu*

### F281rC2

10. E poys el *adeus* primeyras
11. Quei demy leuar *porme*
12. Come engador judeu
13. Enuesaera de jayueras
14. Deytar quero eu<sup>283</sup>

### F281rC2

Steuã da Guarda, iosep<sup>284</sup>

1. Vos dom iosep venho eu *preguntar*<sup>285</sup>
2. Poys pelos uossos judeus talhadores
3. vos he calhada agrades emcores
4. Quanto inda hun judeu adedar
5. Per qual fazam dom feham judeu
6. A que ia talha foy posto no seu
7. Seseu ssa sempre deuosco reytar
  
8. Steua daguarda pode quitar
9. Qual judeu quer dereytar es senhores

<sup>279</sup>Deve ser ‘todo’, ‘dodo’ não faz sentido.

<sup>280</sup>Nesta altura consta a seguinte anotação: ‘Esta *cantiga* foy feita a hũum *que* fora privado del Rey | e que e stava muy ben do amor del Rey | apoynhalhe *que* era mui leuãtado com bom | do mal metade caaz uaz quando elRey | nõ fazia pancatado tornaua muy manso | ir muy corda et muy muiamado’.

<sup>281</sup> *Cantiga* de nº 1314.

<sup>282</sup> Embora não faça sentido, consta no manuscrito ‘do danya’. Lopes *et al* (2011-) leem ‘todavia’.

<sup>283</sup> Nesta altura consta a seguinte anotação: ‘Esta *cantiga* foy feita ahũu escudeyro *que* auia nome | Macia *que* era escudeiro do meestre dalcantara | et ueera ael Rey deportugal com suas preitesias | et daualhe a êtêder *que* leuaria do meestre da | cantara mui grã algo e andaualy com | metira et pera levar del algo’.

<sup>284</sup> *Cantiga* de nº 1315 (tenção).

<sup>285</sup> A grafia do nome do trovador consta no primeiro verso da *cantiga*.

10. Mays natalha gracias nẽ amores
11. Nũlhy faram os *queham* detalhar
12. E dom foam ia *peruezes* deu
13. *Ve* o que talhanso comeu de *per* domeu
14. E dara mays e queyrasse lutar

### F281vC1

15. Dom iosep tenho por sem razon
16. Poys iaffan uos quẽ talha igualdade
17. hudo sem deu quantolhi foy talhado
18. Queper senhores ara defensom
19. Venom peytar comoutro peytador
20. Como peyta qual quer talhador
21. Quantolhy talhã sem eseufacom<sup>286</sup>
  
22. Steua daguarda *pertal* auro
23. Qual vos dizedes foy ia demandado
24. E foy per el seu freyte desputado
25. Assy que dura na desputacom
26. E do talho non ten o melhor
27. Caden gran peca mays poys seu senhor
28. Lha peyta quinta ual tal *quitacom*
  
29. Jadam fem por mal *que* mi quer dizer
30. Que nego quantey por non peyter nada
31. E de com he mha fazẽ da postada
32. Vos dom esteua sodes em bem fazer
33. Que nũca ffoy demha tassa negado
34. Mays sabudo e certo apregoado
35. Quanteyna terra mouil erraz
  
36. Dom iosep ia eu certo fiz
37. Que deuisse non he ceusa negado
38. Mays he tan teito e apreado
39. Come ovi nho forte em olhariz

### F281vC2

40. Eel queria deuos dese apreyoado
41. Ceuos auer assy espeytado
42. Comogel pelo maior juyz

### F281rC2

Steuã da Guarda<sup>287</sup>

1. Martim gil hun homem uil
2. Se quer de uos querellar

<sup>286</sup> No manuscrito da Vaticana é possível ler ‘escusaçom’.

<sup>287</sup> Cantiga de nº 1316.

3. Queo mandastes atar
4. Cruamête ahum esteo
5. Dandolha coutes ben uil
6. E aquesto martigil
7. Parece atodos muy feo
  
8. Nom no posso enden partir
9. Pero *que* ia roguey
10. Quesse non queyxende al Rey
11. Case sente tam mal Peyto
12. Que non cuyda em guarir
13. E matimgil *quem* non uir
14. Parece muy lay de feyto
  
15. Tancruamête entre mal
16. Diz que foy ferido entom
17. Que teedes hy caion
18. Zel desto non guarece
19. E aquesto feyto tal
20. Martim gil tan desigual
21. Eia muy peyor parece

### F282rC1

Steuã da Guarda<sup>288</sup>

1. Aluar rodrigiiz da preco desforco<sup>289</sup>
2. A est inffant mouro pastor mho
3. E diz que pero parece menino
4. Que pararsse quer atodal uororo
5. E maestaly que ueias prazer
6. O aluar rodrigiz punha de saber
7. Se fode ia este mouro tam moto
  
8. Diz que per manhas e *per* seu senbrate
9. Sabel demouro que home comprido
10. E *pera* passar e *pera* perassar to doyrindo
11. E que sabe que tal he seu talante
12. E maestrali que moiras en fe
13. daluar rodrigiz sal ora como he
14. e se fode ja este moiro infante
  
15. El diz do mouro que sabe *queteno*
16. Sen coracom esse parar afeito
17. Por que o tria elhi sabogeito
18. Pero parece de corpo pequeno
19. E maestraly saby ora bem
20. Daluar rodrigiz poylo asy tem

<sup>288</sup> Cantiga de nº 1317.

<sup>289</sup> Nessa altura, consta a seguinte anotação: ‘Esta *cantiga* a hũum escudeyro *que* / Auya nome *Martimgil* e era hom | Muy feo’.

21. Se fode ia

### **F281rC2**

Steuã da Guarda<sup>290</sup>

1. Do que eu qui gi per sabedoria
2. Daluar rodrigiz seer sabedor
3. E deste inffant mouro muy pastor
4. Ja end eu sey saber querya

### **F282rC2**

5. Per maestrali deque aprendi
6. Que lhi dissaluar rodrigiz asi
7. Que ia tempo ha que o mouro fodia
  
8. Comel guedou de frio et defame
9. Este mouro poilo ten en poder
10. Maylo deuera guardar de foder
11. Poys com el sempre alberga e come
12. Ca maestrali uira per ssa fe
13. Que ia daluar rodrigiz
14. Certe he que fode moro como fode outromẽ
  
15. A la garde total *prol* em seu seo
16. Aluar rodrigiz que porem tirar
17. Daqueste mouro que nõ quis dar
18. De seu foder a que tam moro ueo
19. Ca maestrali diz que diaz ha
20. Que sabe daluar Rodrigiz que ia
21. Fodeste mouro acar alho cheo

### **F282rC2**

Steuã da Guarda<sup>291</sup>

1. Dizem senhor que huu nosso parête
2. Vos uem fazer de seus *seruicos* conta
3. E dizeruos en maneyra de fronta
4. Que uos seruiu come leal seruente
5. E se nos el aqesto uen frontar
6. Certa reposta lhy deuedes dar
7. Hun deser que nos seruyo lealmête

### **F282vC1**

8. Ca se *uos* el quer fazer entendente
9. Que *uos* *seruiu* sem outra encoberta
10. Per sa conta quen poer por certa

---

<sup>290</sup> Cantiga de n° 1318.

<sup>291</sup> Cantiga de n° 1319.

11. En tal razo a *quanche* meu gente
12. Certa resposta deue aleuar
13. Deuos senhor poys non hede negar
14. Hu *diser* que uos
  
15. E poys el cuyda *fazer uos* creente
16. Que uos *seruiu* come home de parage
17. Non compriu aqui resposta *per* message
18. Mays uos senhor conledo contenête
19. Lhy dheuedeslhy y logo atornar
20. Certa resposta seria mays coydar
21. Hu *diser* que uos *seruiu* lealmente

### F282vC1

Steuã da Guarda<sup>292</sup>

1. En tal perfia qual eu nũca uy
2. Vi eu dom ffoam cousa madrestar
3. E por que os vi ambos perfiar
4. Cheguey mael e dixlhy loguy
5. Vencedeuos a quanto uos disser
6. Ca perfiar des nom uos he mester
7. Con uossa madre perfiar assy
  
8. E dissemel *sempresto* ouuemos *dissir*
9. En e mha madre en nosso solaz
10. De *perfiarmos* eno queuos praz

### F282vC2

11. E quando meu de *perfiar* scusso
12. Assamhasse e diz me o que nos direy
13. Senom perfias eu te mal direy
14. Que seias *sempre* maldito econffusso
  
15. E dixeu senhor nõuos esta ben
16. De *perfiardes* mays estauos mal
17. Cauos amades dissel nẽ mi cal
18. Poyllo ela por sa prol assy ten
19. Caselheu digal tenho de fazer
20. Por ben ou mal tanto ma de *dizer*
21. Nenna auia perfiar me conuem
22. E *parauoas* non am de falacer
23. Mays tanto aue *mos* de noyte asseer
24. Que he meyada ou muy preto em

### F282vC2

Steuã da Guarda<sup>293</sup>

---

<sup>292</sup> Cantiga de nº 1320.

<sup>293</sup> Cantiga de nº 1321.



1. Se uos dom foãoo dizedes
2. Que de uerades de casar
3. Con molher de mayor logar
4. Que etca que uos teedes
5. Dizedes hy cam uos pram
6. Ca *pera* uos per boa fe
7. E ela que dan bõa he
8. Filhaldalgo he bem assam
  
9. Como quer eu uos tenhades
10. Que com ben fazerde senhor
11. Deuerades casar melhor senhor

### F283rC1

12. Nunca digades case filha pados<sup>294</sup> en os
13. Molher pero uos tam hogral
14. Pera ela que tanto ual
15. Filhaldalgo e *perauos*
  
16. Poys sodes tambien casado
17. Non deuedes hy al dizer
18. Mays *adeus* muyto gradecer
19. Casamento tan onrado
20. Ca *pera uos* poys que *uos* dam
21. Gram *preco* dome de bon sem
22. E eha hu ha todo bem
23. Filhaldalgo

### F283rC1

Steuã da Guarda<sup>295</sup>

1. O coracon do maruy
2. Que uos atesta bem cobre
3. Compena ueyra tam nobre
4. Alfaya con peleyteyro diretora
5. Calualron qual uola
6. Postou assy
  
7. Tal caparon uos conuem
8. Con tal pena que tragaaes
9. Mays dos *dous* meesteyraees
10. Me dizado que *uos* digo
11. Caualeyra meu amigo
12. Caluola postou tãbem

---

<sup>294</sup>Lopes *et al* (2011-) propõem a leitura ‘ca se filharedes en cos | muher pera vos tam igual’. Não parece ser o que consta no manuscrito.

<sup>295</sup> Cantiga de nº 1322.

## F283rC2

13. Doque he mays sabedor
14. De caparon enpenado
15. Mi dadagora precado
16. E no seia en cuberto
17. De como uos sodes cepto
18. Caluola<sup>296</sup>

## F283rC2

Steuã da Guarda<sup>297</sup>

1. Ia martin uaasquez da estrologia
2. Perdeu feuzo polo gram dengano
3. Dos planetas per que ueo adapno
4. E que tam muyto ante sacreuia
5. Cao fezero semprol odrinhar
6. Por egreia que lhe nõ querem dar
7. E per que lhe defesa rogaria
  
8. E per esto per que antel viuia
9. Lhe defeso desque foy ordinhado
10. Oy mays se ten el por desasperado<sup>298</sup>

## F283vC1

11. Da prol do mester e da clerizia
12. E az planetas o conacon fol
13. Sen egreia nen capela de prol
14. E sen o mester per que guarecia
  
15. E ia degrado el renũcaria
16. Las ordys *per* quanteu ey apriso
17. Por lhe non seer sen mester defeso
18. Nen er ficar en tanta peioria
19. Como ficar por deuaneador
20. Coroado e do que he peor
21. Perder a prol do mester *que* auia
  
22. E na coroa que da par queria
23. Leixa crecer acento catelo
24. E a uezes a cobre cõ capelo
25. O que antel muy da unidos faria
26. Mays del quandel esperança *perdeu*

---

<sup>296</sup> Nessa altura aparece a anotação: ‘Esta *cantiga* foy feita a hũu Vila Rico | que avia nomi Roy fafez et fezeo el Rey | dom *Afonso* filho del Rey dõ Denis caualeyro | Arrogo do *Miguel* uiuas eleito de viseu seu *priuado* *per* que casou cõ hũa cosa *sobrinha* E era | caluo eel ego ffor hũu cayissas grada da’.

<sup>297</sup> *Cantiga* de nº 1323.

<sup>298</sup> Nessa altura, aparece a anotação: ‘Esta *cantiga* de Cima foron feitas ahũu jogar *que* se *prezaua* | de strologo e el nõ sabia nada effoyssse cercear | dizẽdo *que* aueriaegreia e e soay coroa e a cima | ficon cerzeado e nõ ouue egreia et fezeronlhe | estas *cantigas* porem’.

27. Das planetas desi logentendeu
28. Que per cerca prol non tirarias
  
29. E no seu liuro per que a predeo
30. Astrologia logi prometeo
31. Que nunca per el mays estadaria<sup>299</sup>

### F283vC1

Steuã da Guarda<sup>300</sup>

1. Com aueoo amerlin demoirer
2. Per seu gram saber que el foy *mostrar*
3. Atal molher queo soubenganar
4. Per essa guisa sse foy cofonder

### F283vC2

5. Martim uasqueez *per quanto* lheu oy
6. Que ontẽ mort hũa molher assi
7. A *quem* ostrou por seu mal sen saber
  
8. E tal coyta diz que lhe faz sofrer
9. No curacon que se quer afogar
10. Nen er pode hũa non uyr durar
11. Entornadi ofaz *esmorecer*
12. E per saber que lhel *mostrou* otem
13. Tan coytado que amoirer conuem
14. De morte estrayã que ha padecer
  
15. E o quelhe mays *graue* de temer
16. Per aquelo quelhel foy *ẽsinar*
17. Dun que sabe que opedẽ sarar
18. Ental logar hu conuẽ datender
19. A tal morte de *qual* mon<sup>301</sup> merlim
20. Hudara uozes fazendo ssa ffon
21. Ca non podel tal morte estraocer

### F283vC2

Steuã da Guarda<sup>302</sup>

1. Ora he ja *Martim* uaasquez certo
2. Das planetas que tragia erradas
3. Mars e saturno mal aventurados
4. Cuio poder trar enssi e cuberto
5. Ca per mars foy mal chaga de peleia

---

<sup>299</sup> Provavelmente, 'estudaria'.

<sup>300</sup> Cantiga de nº 1324.

<sup>301</sup> Embora Lopes *et al* (2011-) proponha a leitura 'de qual morreu Merlim', não parece ser o que consta no manuscrito B.

<sup>302</sup> Cantiga de nº 1325.

6. E *per* saturno cobrou tal egreia
7. Sem prol nã hũa en logar debro<sup>303</sup>

### F284rC1

8. Outras planetas de boa uẽtura
9. Achou per uezeo esseu calandayro
10. Mays das outras que lhandã ã *conguayro*<sup>304</sup>
11. Cuiio poder eynda sobrel dapa<sup>305</sup>
12. Per hũa delas foy muy mal chagado
13. E pela outra cobrou priorado
14. Hu ren lazeyra em logar de cara
  
15. El tapou barua e fez gran coroa
16. E cerceou seu topete spartido
17. E os cabelos cabo do oydo
18. Cuydandauer perhy Egreia boa
19. Mays satuno lha guisade tal renda
20. Hu non ha *pera* nen vio doferendo
21. Nende herdade nulho *pera* bon pa<sup>306</sup>
  
22. E poys el he prior de tal *priuenda*
23. Conuem que leixa cusa e atenda
24. A capelã ygualdassa pessoa

### F284rC1

Steuã da Guarda<sup>307</sup>

1. Pero el Rey ha defeso
2. Que muy non filhe peyto
3. Do que per antel ha preyte
4. Vedes oque ey apreso
5. Que uos ajudar quer do alho
6. Faz barata dalg e dalho

### F284rC2

7. Pero que cousa he certa
8. Que el Rey pos tal defesa
9. Ond abon juiz non pesa
10. Dizen que per encoberta
11. Que uos ajudar quer do alho
12. Faz barata

---

<sup>303</sup> Pode ser um erro do copista. Lopes *et al* (2011-) propõem a leitura ‘deserto’.

<sup>304</sup> No manuscrito V, é possível ler: ‘em contrayro’. No entanto, não é o que consta no manuscrito.

<sup>305</sup> No manuscrito V, consta ‘sobrel dura’, o que faz mais sentido do que está posto em B.

<sup>306</sup> No ms. V, consta ‘nã de milho *pera* boroa’, o que faz mais sentido. No entanto, não é o que consta em B.

<sup>307</sup> Cantiga de nº 1326.

13. Pero en tod ome cabe
14. En que assen etordura
15. Quessagar de tal pestura
16. Uedes que diz quen ossabe
17. Queno ajudar quer do alho
18. Faz barata dalg e dalho
  
19. Enprata ou en retalho
20. Ou endobrias eu lusalho

### F284rC2

Jo fernãdez dardeleyro<sup>308</sup>

1. O que seya no pauyo
2. Que me fez perder pauya
3. De que meu nada nom fio
4. Almer fez cousa per fia
5. Denoyte per muy *gram feyor*
6. Que tangese en pella frya
7. Mays aynda mendeu ryo
8. Como fendel nũca ria<sup>309</sup>

### F284vC1

9. Nem hũas gracias nom rendo
10. A quenlhy deu tan *gram Renda*
11. Per que meu del nom defendendo
12. Nem acho *que* me defenda
13. E poys que eu ão enmẽdo
14. Non me faz outra emenda
15. Ao demo en comendo
16. Que o aia en commenda
  
17. Coyda melantar amato
18. Mays oque me del maia mata
19. Tem que no meu del
20. iaz hi *gram* barata
21. zenda desato
22. Por quanto ata
23. Mays ode que meu
24. Del Rey queror<sup>310</sup> my non cata
  
25. Que mha de poer norao<sup>311</sup>
26. Esto diz que uya naraa

---

<sup>308</sup> Cantiga de nº 1327.

<sup>309</sup> Nesta altura consta a seguinte anotação: ‘Esta *cantiga* a hũu comẽdador *que* ouuerã | sas palauras cõ este escudeyro *que* lhy esta | *cantiga* ffez por *que* o moueo a paz del *queycume* | a e Rey et fezlhi *per* der a terra *queo* tĩnha e | auya nome pauya’.

<sup>310</sup> Provável erro do copista. No manuscrito, consta ‘queror’, mas provavelmente era a forma ‘querer’.

<sup>311</sup> Lopes *et al* (2011-) sugerem leituras como ‘no pão’ (v. 25) e ‘na paa’ (v. 26).

27. E poren quanto tem daao
28. E a mha lauoyra daa
29. Mays poys eu no acha uaao
30. Ameu feoo sempre uaa
31. Sa fazenda enponto maaao
32. E el muyto em ora maa

### **F284vC2**

Dom meem Rodrigues de *briteyros*<sup>312</sup>

1. Pero collos edeytado
2. Da tera pellos meirinhos
3. Por que britou os caminhos
4. Mays desseu padrey gram doo
5. Non ha mays dun filho soo
6. E ficou delle lancado
  
7. E foyssel morar afranca
8. E dessemparou sa terra
9. Canon *quiscomel* Rey queira
10. Mays lacoyta dessa madre
11. Por que ficou aseu *padre*
12. Del nosseu nocoracom *alanca*<sup>313</sup>

### **F285rC1**

13. E foyssel moirar acoyta
14. Que he tirã muyte *squiua*
15. *Nucoydamos* que nom uyua
16. E sseu padre esseu linhaien
17. *Dalanca* que del trage
18. Todos *cuydamos* que moyra
  
19. E el se foy certamẽte
20. Por que non podia
21. Na tirã guarir hun dia
22. Caeu asseu padre ouuyelho
23. Que *alança* dosseu filho
24. E *nocoracom* asente

### **F284vC2**

[Mem Rodrigues de Briteiros ou João Fernandes de Ardeleiro]<sup>314</sup>

1. Huu sangrador de leira
2. Me sangou esco myo dya
3. E vedes que me fazia
4. Indou *sancta* ay auea

---

<sup>312</sup> Cantiga de nº 1329.

<sup>313</sup> Nesta altura consta a seguinte anotação: ‘Esta *cantiga* foy feita ahũu escudeyro ir detaado | *que* auya’.

<sup>314</sup> Cantiga de nº 1330.

5. Foy me no cuu apalpar
6. Al fodido hira sangrar
7. Sangrador en tal logar
  
8. Este sangrador amiga
9. rraz hũa nona sangria
10. Ondemeu non pecebia
11. Filhoume bela barriga
12. Comecou asofal diar
13. Al fodido hua sangrar
14. Sangrador en tal logar

### F285rC2

15. E tal sangrador achedes
16. Amiga se uos sagrades
17. Quandouos non *percantades*
18. Selho consentir queredes
19. Queirauos e le prouar
20. Al fodido hira sangrar
21. Sangrador en tal logar
  
22. Quen tal jogo que jogar
23. Com sa may uaa joguetar

### F285rC2

joham soarez de pauha<sup>315316317</sup>

1. Ora faz osto senhor de Navarra
2. Poys en proencest el Rey daragon
3. Non lham medo de pico nen de marra
4. Tarrcona *pero uezinhos* son
5. Nen am medo delhis poer bozon
6. E rursam<sup>318</sup> muyten dura eda ira
7. Mays se *deus* trago senhor de moncon

### F285vC1

8. Bem mi cuydeu que acunca lhis uarra
  
9. Selhe bon rey uairela escudela
10. Que de pampolona oystes nomear
11. Mal ficara a que stoutrẽ todela
12. Que al non a que olhus alcar

<sup>315</sup> Cantiga também de nº 1330 (por isso, 1330bis).

<sup>316</sup> A grafia do nome do trovador encontra-se na anotação que antecede a cantiga numerada 1330bis.

<sup>317</sup> Nesta altura consta a seguinte anotação: ‘Aquisse comêça as câtigas | Descarne de maldizer | Esta cantiga e de maldizer | E fezea johan soarez de pauha | Al Rey don Sancho de Navarra | *por* quelhi toubar tessa tirã | E nõlhi deu elRey ende dereyto’.

<sup>318</sup> Lopes *et al* (2011-) sugerem ‘rir-s’am’.

13. Ca uerra hi o bon Rey seiornar
14. E destruyr ara burgo destela
15. E ueredes nauarrus lazerar
16. E o senhor que os todos taudela
  
17. Quandel Rey sal de todala estreã
18. El essa oste todo seu poder
19. Ben soffren hy de trabalhe de pena
20. Ca uam a furte tornãssen correr
21. Guardassel Rey come de bon saber
22. Que y non filhe luz en terra alhea
23. E ondessal hyssar torna iazer
24. Ou iantar ou se non aa cêa

### F285vC1

Fernão rodrigiz de calheyros<sup>319320321</sup>

1. Dunha donzela enssanhada
2. Coo eu marauilhado
3. De como foy razoada

### F285vC2

4. Contra mi noutro dia
5. Comi disse que queria
6. Seer ante mal talhada
7. Que auer corpo delgado

### F285vC2

Fernão rodrigiz de calheyros<sup>322323</sup>

1. Agora oy dunha dona falar
2. Que quero ben *peroa* mĩ ca in
3. Portan muyto que fez por se guardar
4. Por molher que nũca fora guardada
5. Por se guarda de maa no meada
6. Filhousse pos o uela sobressy
  
7. Ainda dal o fez mui melhor
8. Quelhi deuemos mays agradecer
9. Que nunca endouue seu padre sabor
10. Nẽ lho mandou nunca poys *que* foy nado
11. E a pesar dele seno sen grado

<sup>319</sup> A grafia do nome do trovador encontra-se na anotação que antecede a cantiga de nº 1331.

<sup>320</sup> Cantiga de nº 1331.

<sup>321</sup> Nessa altura, consta a seguinte anotação: ‘fernam rodriguiz calheyros entendia | En hũa donzela e *tragiã* a esta donzela | Preyto dea casaren con fernã roiz corpadel | Gado e ela disse queo non queiria | E poresto fez este cantar fernã e diz assy’.

<sup>322</sup> Cantiga de nº 1332.

<sup>323</sup> Nessa altura, consta a seguinte anotação: ‘Outrossy fez outra cantiga | A outra dona aque dauã *preço* | Com hun peon que auya | Nome bela e diz assy’.



12. Non quer uela de sobresse tolher

**F285vC2**

Fernão rodrigiz de calheyros<sup>324 325</sup>

**F286rC1**

1. Vistes o caualeyro que dizia
2. Que iohan moniz era mentia
3. Ca johan iohannes o acharon
4. E a tomaronlhi quanto tragia
5. E foy de gram uentura aquel dia
6. Que escapou queo non enforcaron

**F286rC1**

ffernã paez de talamãcos<sup>326 327</sup>

1. Iograr sacco non tenheu *que* fez razon
2. Queuos pos nom iograr euos deu don
3. Mays guisado fora saque iograr non
4. Assy deus manpar
5. Vosso nome uos dira
6. Quenuos chamar
7. Saque non iograr
  
8. Rodrigairas uolo disse fez mal sen
9. Poys quenos ão citolades milha ren
10. Arauede nume saque sera ben
11. Assy *deus* manpar

**F286rC1**

12. Vosso nome uos dira
  
13. Quenuos saco chamar praza auos
14. E dirauolo ben lhen que uos encos
15. Vir tiralos na digões apos uos
16. Assy *deus* manpar
17. Vosso nome uos dira
  
18. Quẽuos auos chamou iograr aprã mẽtiu
19. Ca vejeu *que* citolar non uos oyo
20. Ne nos uossos nadigões nouos uyu

---

<sup>324</sup> Cantiga de nº 1333.

<sup>325</sup> Nessa altura, consta a seguinte anotação: ‘Ar fez estoutro cõtra a hũn caualeiro que | Dizia que era filho duu home | E faz iasse chamar *per* seu nome | E de poys achar que era filho | Doutrẽ edissassy vistes’.

<sup>326</sup> Cantiga de nº 1334.

<sup>327</sup> Nessa altura, consta a seguinte anotação: ‘Don ffernã paez de talamãcos | fez este contar de mal dizer | A hun iogar que chamauã iogar | saco e era mui mal feyto E poren | roboulhi que mays grisadera | De seer saco ca iograr’.

21. Assy deus menpar
22. Vosso nome *vos* dira

### **F286rC2**

ffernã paez de talamãcos<sup>328</sup>

1. Iograr sac eu entendi
2. quando ta medida ui
3. Que sen pautiras daqui
4. Ca desmesura pedes
5. Como uees uaytassy
6. Poys tu per sacco medes
  
7. Gram medida e de pram
8. Pero que dele muytã
9. Saque non cho daram
10. Ca desmesura pedes
11. Hu fores receartam
12. Poys tu per sacco meder<sup>329330</sup>

### **F286vC1**

ffernã paez de talamãcos<sup>331</sup>

1. Non sey dona que podesse
2. Valela quẽ eu amey
3. Nen que eu tanto quisesse
4. Por senhor das que eu sey
5. Sea cinta non presesse
6. De que nulheu despaguey
7. E por esto a canbey
  
8. Pero nhora dar quisesse
9. Quanteu dela deseiey
10. E mha quel amor fezesse
11. *Pera* que a sempre guardey
12. Credo que lho non quisesse
13. Tam muytome despaguey
14. Dela poyla cinta achey
  
15. Nen ar sey prol que mouesse
16. Seu ben aluos direy
17. Sea *per* atal teuesse
18. Quando maela torney
19. Juro que non fezesse

---

<sup>328</sup> Cantiga de nº 1335.

<sup>329</sup> Nessa altura, consta a seguinte anotação: ‘Outrossy fez estas cantigas a | huna abbadessa sa coymãa | enque entendia epassou *per*aquele | moesteyro huu cautro e leuaua hũa | cinta e deulha *per*que era *pera* ela | e *per*en troboulhi estes cantares’.

<sup>330</sup> No manuscrito, parece constar ‘a meder’, mas, provavelmente, é um erro do copista e a forma deveria ser: ‘medes’.

<sup>331</sup> Cantiga de nº 1336.

20. Ca tenho que baratey
21. Ben poisme de la quirey

### **F286vC2**

22. Ca muyto *per* ei amessey
23. Com melhor senhor e sey
24. Demi que a seruirey

### **F286vC2**

ffernã paez de talamãcos<sup>332</sup>

1. Quandeu passay per dormaa
2. Preguntey por mha coyrmaa
3. A salua e pacao
4. Disseron non e aqui essa
5. Alhur buscade uos essa
6. Mays e aqui a abbadessa
  
7. Preguntey *per*caridade
8. Hũ e daqui saluidade
9. Que sempramou castidade
10. Disseron non e aqui

### **F286vC2**

Dom lopo lias<sup>333334335</sup>

1. Da esteyra vermelha cantarey
2. E das mangas do ascar farey
3. E da sela quelheu ui rengelhosa
4. Que ialhogano regeu antel Rey
5. Ao zeuron e poys ante ssa esposa

### **F287rC1**

6. Da esteira cantarey desaqi
7. E das mangas grossas do ascari
8. E o brial eu mantaruoley hy
  
9. E da sela quelheu rengelhosa

### **F287rC1**

Dom lopo lias<sup>336</sup>

---

<sup>332</sup>Cantiga de nº 1337.

<sup>333</sup>Cantiga de nº 1338.

<sup>334</sup> A grafia do nome do trovador encontra-se após a anotação que antecede a cantiga de nº 1338.

<sup>335</sup> Nesta altura consta a seguinte anotação: ‘Don lopo lias trobou a hũus eaoutros | de lemos e eram quatro irmaos e andauã | sempre mal guysadus e poren troboulhis | estas cantigas’.

<sup>336</sup>Cantiga de nº 1339.

1. Tercer dia ante natal
2. de leçla<sup>337</sup> lhy foy dar
3. Hun brial amha senhor bela
4. Cao zeuron rengilha sela
5. E a brial amha senhor bela
6. E ao zeuron rengilha sela
  
7. Sey eu hun tal caulron
8. Que lhi talhou en ianeyro
9. Hun brial amha senhor bela
10. E ao zeuron rengilha sela
  
11. Filoulho manto caente
12. E talhoulho en benauête
13. Hun brial amha senhor bela
14. E ao zeuron

### **F287rC1**

Dom lopo lias<sup>338</sup>

1. En mentar queren do brial
2. Que o infancon por natal
3. Deuassa molher ezez mal
4. A gram traycom a matou
5. Quelhi noia ueyro talhou
6. Brial elho manto leuou

### **F287rC2**

7. O infancon cão daluam
8. De muytos e o meziã
9. Se for dantel Rey lhi dirã
10. Ca fremosa dona matou
11. Que lhi no ianeiro
12. Brialesta
  
13. Brialhesta uayte daqui
14. Hu for lopo lias e dy
15. Que faça hi cobras *prami*
16. Ao que a dona matou
17. Quelhi
  
18. Benta iudaram dorzelhon
19. Quantos trobadores hy son
20. A escarnir o infacon
21. Ca fremosa dona matou
22. Quelhi

---

<sup>337</sup> Trecho de difícil leitura. Há um ‘c’ e algum tipo de correção que não é facilmente identificável, talvez um ‘s’.

<sup>338</sup> Cantiga de nº 1340.

**F287rC2**Dom lopo lias<sup>339</sup>

1. A mi quer mal o infancon
2. A mui gram corte sen razon
3. Por trobadores dorzelhon
4. Que lhi cantam aseu brial
5. E pesamen e emi mal
6. Que lhe scarniron seu brial
7. Que era noue de cendal
  
8. Quantos oien galiza son
9. Ata en terra de leon
10. Todos com obrial colhõ

**F287vC1**

11. Dizen e fazeno mui mal
12. E pesamen e emẽ mal
  
13. Esseu irmão o zeuro
14. Que lhi quer um gram mal de coracõ
15. Pera que lhi rengo selegon
16. Esselhi rengenõ mencial
17. E pesamen

**F287vC1**Dom lopo lias<sup>340</sup>

1. En este son de negrada farey hũ cantar
2. Dunha sela cauterllada liada mui mal
3. Este a sela pagada e direy do brial
4. Todos colham colham colham
5. Con aquel brial de seuilha
6. Que adusso infancon
7. Aqui por marauilha
  
8. En este son denegrada
9. Hun cantar farey
10. Dũa sela cauterllada
11. Quem antel Rey
12. Este a sela pagada
13. E do brial direy
14. Todos colhon colhã colhan
  
15. Logo fuy marauilhado
16. Polo ascari

---

<sup>339</sup>Cantiga de nº 1341.

<sup>340</sup>Cantiga de nº 1342.

17. E assy fui espantado
18. Polo soceri
19. Vi endo brial talhado

### **F287vC2**

20. E dixilheu assy
21. Todus colhon

### **F287vC1**

Dom lopo lias<sup>341</sup>

1. Desto son os zeuroes
2. De uentura minguada
3. Erguenssenos arcoes
4. Da sela cauterllada
5. E dandus nadigoes
6. E dissa ben talhada
7. Maa sela tragedes
8. Por quea non odedes
9. Maa sela leuades
10. Porque a non atades
  
11. Desto son os zeuroes
12. De uentura filhada
13. Ergensse nos arcoes
14. Da sela come podrida
15. E dan dos nadigões
16. E disselha uelida
17. Maa sela tragedes
  
18. Direyuos que lhauẽo
19. Endia dessa uoda
20. Ao lançar de touço
21. Da sela regelhosa
22. Feruido cuabouço
23. E disselha fermosa
24. Maa sela tragedes

### **F287vC1**

Dom lopo lias<sup>342</sup>

1. Os zeuroes foro buscar<sup>343</sup>
2. Rodrigo polo matar
3. Mays ouuylhs el cantar
4. As selas por que guariu
5. Polas selas quelhoyo

---

<sup>341</sup>Cantiga de nº 1343.

<sup>342</sup>Cantiga de nº 1344.

<sup>343</sup> Há uma mancha que pode ser uma abreviatura para a forma ‘forõ’.

6. Renger por essas guaryo
7. Nonlhis guarira per ren
8. A torto quelhis ten
9. Mays rengerom *pera* seu bem
10. As selas *por que* guariu
11. Nonlhis podera guarir
12. Caos non uira uiir
13. Mays oyulhes el garnir
14. As selas per que guariu
15. Polas selas que oyu
16. Reger *pera* essas gariu
17. E fforõlhi *meter* ciada<sup>344</sup>
18. Polo prander
19. Mays oyulhis el renger
20. As selas *pera* que guariu
21. Polas selas que oyu
22. Renger *pera* essas guariu

### **F288rC1**

Dom lopo lias<sup>345</sup>

1. Ora tenho guysado
2. De machar ozeuron
3. Non anden caualgado
4. Nen trager selegon
5. Nen sela mal peccado

### **F288rC2**

6. Nen lhoyrey o son
7. Ca ia non traga sela
8. De que rim<sup>346</sup> abela
9. A sela cauterllada
10. Que rengeu na ciada
11. Val mi sancta maria
12. Poys a sela non ouço
13. A que renger soya
14. Ao lancar do touco
15. Matarssemia hun dia
16. Quele ouayras louco
17. Ca ia non tra

### **F288rC2**

---

<sup>344</sup> Pode ser ‘cilada’.

<sup>345</sup> Cantiga de nº 1345.

<sup>346</sup> Lopes *et al* (2011-) leem ‘riu’.

Dom lopo lias<sup>347</sup>

1. Sela aleyuosa en mao dia tem
2. Por teu cantar ia Rodrigo perdi
3. Riussel Rey emha esposa demi
4. Leixar te quero mha sela poren
5. E hirey enouso e baratarey ben
  
6. Sela aleyuosa polo teu cantar
7. Perdi Rodrigae nono possachar
8. E *pera* ende te quero leixar
9. Leixor<sup>348</sup> te quero mha sela *pera* en
  
10. De soy mays non tragerey
11. Esteos nen arcões semi ualhades
12. E uencerey os enmingos meus
13. Leixar te quero mha sela *pera* en

**F288vC1**

Dom lopo lias<sup>349</sup>

1. Ao lancar do pao
2. E na sela deu do cuu mao
3. E quebroulha sela
4. Cassy dissa bela
5. Rengeu lha sela
  
6. Ao lançar do touço
7. Deu do cuabouco
8. E que broulha sela
9. Cassy dissa bela

**F288vC1**

Dom lopo lias<sup>350</sup>

1. Ayras moniz o zeuron
2. Lexado selegon
3. E tornadao albardar
4. Andaredes hy melhor
5. Cana sela rengedor
6. Andaredes hy muy ben
7. E nonuos rengerá per ren
  
8. Tolhedhelho peytoral
9. Apartadelho ata fal
10. E nõ uos rengerá per ren

---

<sup>347</sup>Cantiga de nº 1346.

<sup>348</sup> Está assim. Provavelmente, 'leixar'.

<sup>349</sup>Cantiga de nº 1347.

<sup>350</sup>Cantiga de nº 1348.



11. Andaredes h<sup>351</sup>
12. Podedes en bafordar
13. E o taulado britar
14. E nonuos rengerá por ren
15. Andaredes hi muy melhor
16. Ca na sela rengedor

### F288vC2

Dom lopo lias<sup>352</sup>

1. O infancon ounatal
2. Cregea comigo des natal
3. Que agora oytedes
4. Quelhi non dissesse mal
5. Da sela nen do brial
6. Mays aquel dia uedes
7. Ante que fossunha legoa
8. Comecey aqieste cantar da egoa
9. Que non andou na tregoa
10. E porenhi cantey
  
11. Non neguen que tregoa dey hi
12. Ao brial a sazón
13. E aa rengelhosa ede prã andarõ hi
14. As mangas do ascari
15. Mays non a rabricosa
  
16. Ante que hũa legoa comecei
17. Aqieste cantar da egoa
18. Que non andou na tregoa
19. E porenhi cantarey
  
20. Dey eu ao infancon
21. E a seu brial tregoa
22. Ca mha pedia
23. E ao outro zeuron
24. A que rengo selegon
25. Mays logo naquel dia
26. Ante que fossunha legoa
  
27. Do infançon uilã
28. Affamado come tã

### F289rC1

29. E a cauterllada e o seu brial dalũa
30. Tregoa lhy dey endepram

---

<sup>351</sup> Provavelmente, 'hy'.

<sup>352</sup> Cantiga de nº 1349.

31. E pois lha ouui dada
32. Ante que fossunha legoa

### F289rC1

Dom lopo lias<sup>353 354</sup>

1. Muitomi praz dimha ren
2. Que fez dona marmha non
3. Quer aseu marido ben
4. E souassa pastor mha fogir
5. Mal ala quen non seruir
6. Dona fremosa que forgir
  
7. Ela fazendo melhor
8. A *deus* seia *gracido*
9. Molheremha tam pastor
10. Saber a seu marido
11. Fogir mal aia que non *seruir*
  
12. Qual e meu saber
13. *Auerem* anbos guarir
14. E ben toste mha senhor
15. beirassa uossa tirã guarir
16. Mal aia quen non *seruir*

### F289rC2

Dom lopo lias<sup>355 356</sup>

1. A dona fremosa do soueral
2. A demi *dinheyros* per preytatal
3. Que behessam hu non ouue ssal
4. Hun dia talhado acas dedon coral
5. E e peruirada
6. Ca non fez en nada
7. E baratou mal
8. Ca desta negada
9. Sera penhorada
10. Que dobro mal
  
11. Semela creuer cuydomeu darlhey
12. O melhor conselho que oieu sey
13. Demi meu auer e *gracilhoey*
14. Se mho non der penhoralaey
15. En mho ten forcado

---

<sup>353</sup>Cantiga de nº 1350.

<sup>354</sup> Nessa altura, há a seguinte anotação: ‘Outrossy fez este cantar de mal dizer | Aposto ahũa dona que era um | Meninha enmui fermosa efogui ao | Marido e el prazialhi’.

<sup>355</sup>Cantiga de nº 1351.

<sup>356</sup> Nessa altura, há a seguinte anotação: ‘Outrossy trobou ahũa dona que non auya | prez de mui salua e el disse quelhi dera | de seus *dinheyros para* preytatal que fezesse | Por el alguma cousa e *pero* non quis *pera* el | fazer nada e *pera* en fez estes cantares de | mal dizer’.

16. Edo corpalongado
17. Nonlhey sofrerey
18. Mays polo meu grado
19. Dar mha ben dobrado
20. O sinal quelheu dey

### **F289rC2**

Dom lopo lias<sup>357</sup>

1. Adona debaguyn

### **F289vC1**

2. Que morano soueral
3. Dez e sey soldos a demi
4. E deylhos en per preytatal
5. Que mhos ardesse
6. Ondal non fezesse
7. Se non vehesse falar
8. Migen encas don coiral
  
9. Saben eu moiraz e en siluez
10. Meu preyte sen enõlhis pes
11. Que a de mĩ mays a dãmes
12. Huu sol de doos e dez etres
13. De mays diria
14. Que tercer dia
15. Encas de don cuiral o burges

### **F289vC1**

Dom lopo lias<sup>358 359</sup>

1. Escudeyro poys armas queredes
2. Dizedora con quen comedes
3. Don Fernande comer mi eu sol
4. Ca assy fez sempre anol
  
5. Poys armas tanto deseiaades
6. Buscadante com quẽ comhades
7. Don Fernande

### **F289vC2**

Dom lopo lias<sup>360 361</sup>

---

<sup>357</sup>Cantiga de nº 1352.

<sup>358</sup> Cantiga de nº 1353.

<sup>359</sup> Nessa altura, consta a seguinte anotação: ‘Esta cantiga fez como respondeu | hun escudeyro que non era bem | fidalgo E queria seer cautro e el | nono uinha *por dereyto* e dissassy’.

<sup>360</sup> Cantiga de nº 1354.

<sup>361</sup> Nessa altura, consta a seguinte anotação: ‘Esta cantiga fez a hũa dona fremosa | que a casaron seos parentes mal *pera* / *dinheyros*’.

1. Semel rey dessalgo ia miria
2. Pera mha terra de bon grado
3. Esse chegasse compraria
4. Dona fremosa de gran mercado
5. Ca ia uenden adeos louuado
6. Como uenderon dona luzia
7. En orzelon ora noutro dia
  
8. Eu cuytado non chegaria
9. Pera comprar corpo tã bẽ talhado
10. E astroso que a uendia
11. *por* que mi non enuyon mandado
12. Fora de cachas en carregado
13. Enque conprara dona luzia
14. En orzelhon do que a uendia

### F289vC2

Dom lopo lias<sup>362 363</sup>

1. Quen olouuesse guysade podesse
2. Huu cantar fezesse

### F290rC1

3. A *quẽ* mhora eu sey elhi dissesse
4. E poye pouco ualuesse
5. Non desse ren que nã trouxesse
6. Ley ten cas del Rey
  
7. Ca poys o omrado nã e nẽ graado
8. Doado faz leyto dourado
9. Depos ssy trager etẽ poupado
10. Quanta e negado pecado
11. O *tragenganado*
12. Quelho faz fazer
  
13. Ca nunca el dessen aver den ren
14. Esto sey em bem que lhestes vesse ben
15. De mio todeu poys que lhi pelo no teu
16. Muyto lhe *greu* quando lho pedalguem
  
17. E mantenente *perdo* contenente
18. Verdadeiramente
19. E uayssasconder efazsse doente
20. E nosso mal non sente
21. E fugantagente pola non ueer

---

<sup>362</sup> Cantiga de nº 1355.

<sup>363</sup> Nessa altura, consta a seguinte anotação: ‘Este cantar fez ensson dũ destor | e fezeo a hun infacon de Castela | que tragia leyto dourado e era | mui rico e *guis*asasse mal e era | muytescasso’.

### F290rC1

Dom lopo lias<sup>364 365</sup>

1. A dona maria soydade
2. A dona maria soydade
3. Ca *perdeu* aquel iograr

### F290rC2

4. Dizendo del ben e el nono achou
5. Que nen hu *preyto* del fosse mouer
6. Nen ben nen mal e tristesse tornou

### F290rC2

Martim Soariz<sup>366 367 368</sup>

1. Caualeyro con uossos cantares
2. Mal auilastes os trovadores
3. E poys assy per uos son uencudos
4. Busquen per al seruir sas senhores
5. Ca uos ueieu mays mays das gêtes gaar
6. De uosso bando por uosso trovar
7. Ca non eles que son trovadores
  
8. Os aldeyaos eos concelhos
9. *todos* auedes *por* pagados
10. tam bêsse chamã *por* uossos quites
11. Como sse fossem uossos comprados
12. *Por* estes cantares que fazedes damor
13. Enquelhis achã os filhos sabor
14. Eos mancebos que teen soldados
  
15. Ben quisto sodes *dos* alffayates
16. Dos pelyteyros e *dos* medores
17. Do uosso bandoson os toupeyros
18. E os iograres *dos* atambores
19. *Por* quelhis cabe nas troubas uosso son

### F290vC1

20. Pera atanbores ar dizen que non
21. Achan no mūdoutros sões melhores

---

<sup>364</sup>Cantiga de nº 1356.

<sup>365</sup> Nessa altura, consta a seguinte anotação: ‘Estoutro cantar fez a huna dona | casada que auya preço cõ hũu | seu homẽ que auya nome ffranco’.

<sup>366</sup> A grafia do nome do trovador encontra-se registrada após a rubrica que antecede a cantiga de nº 1357.

<sup>367</sup>Cantiga de nº 1357.

<sup>368</sup> Nessa altura há a seguinte anotação: ‘Estoutro cantar fez de mal dizer | a hun caualeiro que cuydauã que troubaa | muy ben e que fazia muy bõos sões | e non era assy’.

22. Os trobadores eas molheres
23. De uossos catares son noiados
24. A hũa por que en pouco daria
25. Pois um dos outros fossen loados
26. Ca eles non sabem *quixi* nẽ fazer
27. Queren bon son e bõo de dizer
28. Eos cantares *fremosos* e rimados
  
29. E todaquesto e mao de fazer
30. A quen uos sol fazer desiguados

### F290vC1

Martim Soariz<sup>369 370</sup>

1. Nostro senhor comeu ando coyado
2. Con estas manhas *que* mi quisestes dar
3. Son muy *gram* putanheyra fficado
4. E pagome muytodos dados iogar
5. Desy ar ey muy *gram* sabor de morar
6. Per estas ruas e uyienda partado
  
7. Podera meu ben se fossauengoso
8. Caer en bon preze onrrado seer
9. Mays pagomeu deste foder astroso
10. E destas tauernas edeste beuer
11. E poys eu iamays non posso ualer

### F290vC2

12. quero mandar *pera* seia uicoso
  
13. E poys eu entendo *que* ren non ualho
14. Nen ey por outra bonbada<sup>371</sup> catar
15. Non quereu perder este fo destalho
16. Nen estas patas nen estentẽcar
17. Nen querer per outras fronteiras andar
18. Perdendo uice dandomi *gram* trabalho
  
19. Ainda eu outras manhas auya
20. per que eu non posso ia muyto ualer
21. Nuncauos entro nataffalaria
22. Que lhi non aia algun *prey*taluoouer
23. *Pera* que ei poys en *gram* coyta seer
24. E fugir guarir na putaria
  
25. E poys quandome ueien meu lezer

---

<sup>369</sup>Cantiga de nº 1358.

<sup>370</sup> Nesta altura, há a seguinte anotação: ‘Esta outra cantiga fez a Affonseanes | do coton foy de mal dizer aposto en que | mostrada dizendo mal dessy as mãhas | que o outauya e diz assy’.

<sup>371</sup> No manuscrito V, ‘bondad’a catar’.

26. Merendo logo epoys nen<sup>372</sup> mha uya
27. E leixi putas demi ben dizer
28. E de mhas manhas e demha folya

### F290vC2

Martim Soariz<sup>373 374</sup>

1. Hun caualeyro se conprou
2. Pera quitar sse de ia en
3. Hu iazia pre se custou
4. Pouco pero non mercou ben

### F291rC1

5. Ante tenho que mercou mal
6. Ca deu por ssy mays ca ñõ ual
7. E tenho que fez hy mal sen
8. Tan pouco sobel de mercar
9. Que nunca en tan pouco ui
10. Casse quitou desse comprar
11. E tan gran dengano *porsy*
12. Que pero sar queixa uender
13. Ja nunca podera ualer
14. O meyo do *por* que den *por* ssy
15. Desse comprar ouuel sabor
16. Tan grande quesse non guardou
17. De mercar mal e fez peyor
18. *Por* quessante non conselhou
19. Ca diz agora ssa Molher
20. Que este mercado nono quer
21. Caber poys el tan mal mercou

### F291rC1

Martim Soariz<sup>375 376</sup>

1. Ouualbardar cauale seendyro
2. E cuydaua caualeyro
3. Seer quandoeu soubestas nouas *primeyro*
4. Marauylheyme nono quis creer
5. Fiz dereyto ca non ui fazer

### F291rC2

---

<sup>372</sup> Deve ser 'uou'.

<sup>373</sup> Cantiga de nº 1359.

<sup>374</sup> Nesta altura, há a seguinte anotação: 'Esta outra cantiga fez a hum caualeyro | Que foy catiuo eden por sse quitar | Mayor auer que pode que tinham | os homees que non ualia el tanto'.

<sup>375</sup> Cantiga de nº 1360.

<sup>376</sup> Nesta altura, consta a seguinte anotação: 'Esta outra feza a hun escudeyro de | pequeno logo e diz iãlhi albardar | e fezlhestes cantares descarnhe | De mal dizer e dissassy'.

6. desque naci dalbardar caualeyro

### **F291rC2**

Martim Soariz<sup>377</sup>

1. Quandalbardar fogia daalen
2. Orracayras o ascondeu mui ben
3. E el na archa fez lhi atal ren
4. Per que nunca hy outrascondera
5. per quanti fez albardar
6. Nunca ia oyracayras hy antrascondera
  
7. Polo guarir muyto fostes de mal
8. Sen e chamou sempre non
9. moyrabaldar e el demayslhi fez
10. a arca tal per que nunca hy
11. Outrascondera per quanti fez ia

### **F291rC2**

Martim Soariz<sup>378 379</sup>

1. Pero perez se remeteu
2. Por dar hunha ponhada
3. E nona deu mays recebeu
4. Hunha grando relhada
5. Ca errou essa que quis dar
6. Mays nono quis o outro irar
7. De cima da queixada
  
8. Ouuera el gran coracon
9. De seer uïgado
10. E do seu punho dũ peon

### **F291rC1**

11. Que o a desonrrado
12. E non lhi deu cao errou
13. Pero perez ficou cõ seu rostro britado

### **F291vC1**

Martim Soariz<sup>380 381</sup>

1. Foy acitola ten perar

---

<sup>377</sup>Cantiga de nº 1361.

<sup>378</sup>Cantiga de nº 1362.

<sup>379</sup> Nesta altura, consta a seguinte anotação: ‘Esta outra fez a huu escudeyro que | era peleyador epero hu cuydaa | el ferir feriam el’.

<sup>380</sup>Cantiga de nº 1363.

<sup>381</sup> Nesta altura, consta a seguinte anotação: ‘Outrossy fezeistes cantares | aposto a hun iograr que dizia lopo | e çitolaua mal e cantaua peyor | esson estes’.



2. Lopo que citolasse
3. E mandaron lhago dar
4. Ental que a leixasse
5. E el cantou logenton
6. E ar deronlhoutro don
7. Ental quesse calasse
  
8. Hua citola tenperou
9. Logo lho don foidado
10. Que a leixasse el cantou
11. E dissiumsseu malado
12. Ar delhalga quen pesar
13. Nonsse calendoado
  
14. E consselheua enben
15. Aquen el don pedisse
16. Disselho logue per ren
17. Seu cantar non oy sol
18. Ca este ay meu senhor
19. O iograr braada dor
20. Que nunca bon son disse

### **F291vC2**

Martim Soariz<sup>382</sup>

1. Con alguen e qui lopo desfiado
2. A meu cuydar calhi uyron trager
3. Hun citolon muy grande sobarcado
4. Con que el sol muyto mal a fazer
5. E poylo ora assy uyron andar
6. Non mi creades seo non sacar
7. Contra alguen quefoy mal dia nado
  
8. Por que ueen atal desaguisado
9. Nono *preçam* neno *querem* temer
10. Mays tal passa cabo del e segurado
11. Que selhi lopo cedo non morrer
12. Ca lhi queira deante citolar
13. E poys guarra amote sen grado
  
14. E poyslhi lopouuer acolado
15. Se hi alguen chegar polo *prender*
16. Diz que e mui corredor afficado
17. E de mays se cãsar ousse caer
18. E hi alguen chegar polo filhar
19. iura que alçara a uoz a cantar
20. Que non aia que dulte mal peccado

### **F291vC2**

---

<sup>382</sup>Cantiga de n° 1364.

Martim Soariz<sup>383</sup>

1. Lopo iograr es garganton
2. E sees tristao comer
3. *Pero doos nolos* per razon
4. Tenheu dech*us* homẽ sofrer
5. Mays uas no citolon rascar

### F292rC1

6. Desy ar filhasta cantar
7. E estes uolos quatro son
  
8. Come uerde fouce legon
9. Cuydas tu hi a guarecer
10. *Pera uolos* mays non e sazon
11. Dech*os* querer homẽ sofrer
12. Ca hiras hun dia cantar
13. Hucho faram todo quebrar
14. Na cabeça o citolon

### F292rC1

Martim Soariz<sup>384</sup>

1. Foy huu dia lopo iograr
2. A cas dun infancon cantar
3. E mandoulhele por don
4. Dar tres hi couces na guargara
5. E foylhescassamen cuydar
6. Segundo comel canta
  
7. Escasso foy o infacon
8. Ensseos couces partir entõ
9. Ca non dena lopenton
10. Mays de tres na guargãta
11. E mays *merece* o iograron
12. Segundo comel

### F292rC1

Martim Soariz<sup>385 386</sup>

### F292rC2

1. Ioham Fernandiz hun mourestaqui
2. Fugide dizen que uolo auedes

---

<sup>383</sup>Cantiga de nº 1365.

<sup>384</sup>Cantiga de nº 1366.

<sup>385</sup>Cantiga de nº 1367.

<sup>386</sup>Nesta altura, consta a seguinte anotação: ‘Esta outra cantiga fez descarnho | a hun que diziã iohan fernandiz | E semelhaua mouro e iogauãlhêde | e dissassy’.

3. E fazedora tanto por mi
4. Se *deus uos* ualha que o mooredes
5. Cauolo hyram da pousada filhar
6. E se uos uirdes no mouro trauar
7. Sey eu *deus* que *uos* assanharedes
  
8. Leuado moure hideuos daqui
9. Poyla seu donentregar nõ queredes
10. E uirarey en que uolo non ui
11. En tal que uos cõ o mourescapedes
12. Ca ey paur direu uosco trauar
13. E queromãteu *por* uos peiurar<sup>387</sup>
14. Ca uos *pera* mouro mao peleiedes
  
15. Si quer meacãuos agoraqui
16. *Por* este mouro que uosco traiedes
17. E uirã quesseuos achã assy
18. Mourascondudo comestascondedes
19. Seo quiserdes huu porque parar
20. Cauolo hirã soo mãto cortar
21. De *guisa* que *uos* sempreoeredes

### F292rC2

Martim Soariz<sup>388 389</sup>

1. Pero rodriguiz da uossa molher

### F292vC1

2. Non creades mal queuos home diga
3. Ca entendeu dela que benuos quer
4. E quen endal disser dira nemiga
5. E direyuos enque lho entendi
6. En outro dia quandoa fodi
7. Mostrouximi muyto por uossa miga
  
8. Poys *uos deus* deu boa molher leal
9. Non tenhades *per* nulha iograria
10. *Deuos* nulhome dela dir mal
11. Ca lhoy eu iurar en outro dia
12. *Cauos* queria melhor doutra ren
13. E por ueerdes *cauos* quer *gram* ben
14. Non sacou endemia que a fodia

### F292vC1

Martim Soariz<sup>390 391</sup>

<sup>387</sup> Em B está grafado assim. Em V, há uma abreviatura que autoriza a leitura ‘periurar’.

<sup>388</sup> Cantiga de nº 1368.

<sup>389</sup> Nesta altura, consta a seguinte anotação: ‘Esta outra cantiga fez a pero rodriguez | Grougelete dessa molher que auya | prez quelhi fazia corto’.

1. Hunha donzela iaz aqui
2. Que foy egano hua doã seyr
3. E nolhi soube daterra sayr
4. E a dona caualgou ecolheu
5. Dom caralhote nas maas erẽ
6. Poyslo apreso ca esta mui bem
7. E non quer delas mãos abrir
  
8. E poys adumha caralhote uyu
9. Antressas mãos ouuẽ gram sabor
10. E dizeste olfasso treedor
11. Que mogano dessionrou et feriu
12. Paz me cõ el pero tregoa lhi dey

### F292vC2

13. Que onõ mate mas *tro*saquiley
14. Come *quem* trosquia falso treedor
  
15. Alra dona molher mui leal
16. Poys que caralhote ouuẽ seu poder
17. Muy ben soube *oque* del fazer
18. E mete no logo en huu *carcel* atal
19. Hu *muytos presos* iouueron assaz
20. E nunca hi tam forte *preso* iaz
21. Que em saia maos demorrer

### F292vC2

Martim Soariz<sup>392</sup>

1. Iohan Fernandes *que* mal talharon
2. Essa saya *que* tragedes aqui
3. Que nunca eu peyor talhada uy
4. E *sequer* muyto uola escotaron
5. Ca lhi talharõ cabo do giron
6. Muyt iecorta si *deus* me *perdom*
7. *Pera* que lhi cabo degiron talharom
  
8. E poys que *uos*lhi thalarõ atanto
9. Soo giron uola thalarõ mal
10. Iohan Fernandez ardireyuos al
11. Poys que dela non tragedes o mãto
12. Saya tam curta nõ *conuẽ* auos
13. Ca muytas uezes ficades encos
14. E faz *uos* peyor talhado ia *quãto*

---

<sup>390</sup>Cantiga de nº 1369.

<sup>391</sup> Nesta altura, consta a seguinte anotação: ‘Esta outra cantiga fez descarnho a | hũa donzela e diz assy’.

<sup>392</sup>Cantiga de nº 1370.

### F293rC1

15. Non uos uestides de saya *guisado*
16. Poys que acerta queredes *trager*
17. Ante fazedes hi uosso prazer
18. Ca na corta sodes uos mal talhado
19. E a longa estaruos ya ben
20. E a mui corta senher nõ *conuẽ*
21. A uos que sodes cortes e casado

### F293rC1

Nuno Fernãdes<sup>393 394</sup>

1. De longas uyas muy lõgas mêtiras
2. Este ueruantig auer dadeiro
3. Ca huu ricom achei eu mêtireyro
4. Hindo de uale dolide *pera* toledo
5. Achei sas mentiras
6. Entrat aol medo
7. Esa repost eseu pousadeiro
  
8. Aquestasson asque el ãuiaua sen
9. As outras que cõ el ficarom
10. De que paga osque oaguardarom
11. A gram sazon ede mais *seus* amigos
12. Pagara delas e *seus* en inimigos
13. Ca tal est el *que* nunca lhi menguaron
  
14. Nen mĩ gurã ca mui ben as barata
15. De mui grã terra *que* ten ben parada
16. De quelhi non tolhe milhome nada
17. Gra *dereit* e ca el nunca erra
18. Dalhis mêtiras enpaz e enguerra
19. A *seus* caualeiros *por* sa soldada

### F293rC2

pero Garcia burgalez<sup>395 396 397</sup>

1. Dunha cousa soo marauilhado
2. Que nunca ui a outre contecer
3. De pedro boo que era arrizado
4. E vaz mancebossaz *pera* uyuer
5. E foy doente nonsse confessou
6. Deulho peer e peeu eficou

---

<sup>393</sup> A grafia do nome do trovador encontra-se registrada antes da cantiga de nº 1371.

<sup>394</sup> Cantiga de nº 1371.

<sup>395</sup> A grafia do nome do trovador encontra-se registrada antes da cantiga de nº 1372.

<sup>396</sup> Cantiga de nº 1372.

<sup>397</sup> Nessa altura, consta a seguinte anotação: ‘Pero Garcia fez estas cantigas | e son descarnhe de mal dizer’.

7. Seu auer todo mal desenparado
8. E *pero* auya hun filho barnado
9. De barragaa nono uyo colher
10. Tanto oteuo peer aficado
11. Que o non pode *per* ren receber
12. E ren de seu auer nẽ lhi leixou
13. Ca peeu cedeo filho ficou
14. Poys que seu padre peeu mal pecado
15. Pero tanto que sel sentio coitado
16. Quandolhi deu alança do peer
17. Loguel ouue *pera* seu filheamado
18. Calhi queria leixar seu auer
19. Essa herdadeo filho tardou
20. E peeu entramẽte ficou
21. Seu filho mal ca ficou exerdado

### F293rC2

pero Garcia burgalez<sup>398</sup>

1. Pero me uos donzelas mal queredes
2. Por queuos amo conselhar uos ey

### F293vC1

3. Que poysuo<sup>399</sup> uos entoucar nã sabedes
4. Que facades quantouos eu direy
5. Buscade quen uos entonque melhor
6. E uos correga polo meu amor
7. As feyturas eo cos que auedes
8. Esse esto fazerdes aueredes
9. Assim ualha ami *nostro* senhor
10. Bon parecer ebon talhe seredes
11. Fermosa muyte de bõa coor
12. Se cada quessa touca torcer
13. Se logouverdes quẽ *vos* correger
14. As feyturas muy ben parecedes
15. Ay mha senhor *por deus* enque creedes
16. poys que *por* al nõuos ousou rogar
17. Poys senpratouca mal posta tragedes
18. Creedemi do queuos conselhar
19. En uez deuola correger alguen
20. Correga uolas feyturas mui ben
21. E o falae e senon non faledes

---

<sup>398</sup>Cantiga de n° 1373.

<sup>399</sup>No manuscrito V, consta ‘ que *vos* vos entoucar nã sabedes’, o que faz mais sentido.

### F293vC1

pero Garcia burgalez<sup>400</sup>

1. Maria balteyra por que logades<sup>401</sup>
2. Os dados poys aeles descredes
3. Hunhas nouas uos direy que sabhades
4. Con quantos uos conhecem uos perdedes
5. Cauos direy quelhis ouco dizer
6. Que uos non deuedes a descreer
7. Poys dona sodes e iogar queredes

### F293vC2

8. Esseuos daquesto nã castigades
9. Nullome non sey cõ que ben estedes
10. pero muytas boas maneyras aiades
11. Poys ia daquesto tam gram prazerauedes
12. Seuolo oyr terrauolo a mal
13. Bonome enũca cõ el iogaredes
  
14. E nunca uos dona *per* mi creades
15. *per* este descreer que uos fazedes
16. Se en gram uergonha poys nã entrades
17. Algũa vez cõ tal home marredes
18. Ca sonharedes uos dados enton
19. Esse descreerdes se *deus* mi *perdom*
20. *per* sonho mui gram uergonça aueredes

### F293vC2

pero Garcia burgalez<sup>402</sup>

1. Fernam Diaz este que andaqui
2. Foy hunha uez daqui a ultramar
3. E quanto bon maestre podachar
4. De castoar pedras *per* quantoy
5. Todolos foy *prouar* o pecador
6. E *pero* nunca achou castoador
7. Quelho olho soubessen castoar
  
8. E *pero* mui beo maestacheu hy
9. Qual no mūdoutro nã poden saber
10. De castoar pedras ede fazer
11. Mui bon lauor de castõ outrossy
12. *Perolho* olho amesurou enton

### F294rC1

---

<sup>400</sup>Cantiga de nº 1374.

<sup>401</sup> Provavelmente, 'jogades'.

<sup>402</sup>Cantiga de nº 1375.

13. Tan estreito lhi fez endo caston
14. Que lhy non pody o olho caber
  
15. Ca don Fernando conteceulhassy
16. Dun maestre que cõ el baratou
17. Camboulho olho que daqui leuou
18. E disselhi que era de casy
19. Destes maos cõtrafeytos delpoy
20. E metelhun *grandolho* de boy
21. Aqual mayor que el nõ mandachou
  
22. Olho de cabra lhi quis hy meter
23. E nonlhi pode no caston fazer
24. E con seu olho de boy xi ficou

### F294rC1

pero Garcia burgalez<sup>403</sup>

1. Fernandescalho leixei mal doenta
2. Con olho mao tan coyadassy
3. Que non guarra cuydeu tã mal se sente
4. per quantoieu de don Fernando ui
5. Calhi ui *grandolho* mao auer
6. E non cuydo quepossa guarecer
7. Destolho mao tante mal doente
  
8. E o maestree lhi disse dormistes
9. Con aquesto lho mao eporen
10. Don Fernando non sei seuolo oystes
11. Quêsse non guarda nono *percan* ren
12. Poren uos quereu hũa ren dizer ia
13. Se guarides marauilha sera
14. Destolho mao uelho que teedes

### F294rC2

15. Ca conhosqueu mui ben que uos auedes
16. Olho mao maesto con cadaixon
17. E deste mal guarecer non podedes
18. Tam cede direyuos *pera* que nom
19. Ca uos queredes foder e dormir
20. *por* esto sodes mao de guarir
21. Destolho

### F294rC2

pero Garcia burgalez<sup>404</sup>

1. Fernandescalho ui eu cantar ben

---

<sup>403</sup>Cantiga de n° 1376.

<sup>404</sup>Cantiga de n° 1377.



2. Que poucos outros ui cantar melhor
3. E uylhe sempre mentre foy pastor
4. Muy boa uoz euyo catar ben
5. Mays ar direyuos *per* queo perdeu
6. Ouue sabor de foder e fodeu
7. E *perdeu* todoo cantar poren
  
8. Nonsse guardou de foder e mal sen
9. Fel el non poderia peor
10. E anhas<sup>405</sup> gentes *por* eu desamor
11. *per* bõa uos que *perdeu* cõmal sen
12. vos de cabeça quexilhi tolheu
13. Ca fodeu tanto que lhenrrouquece
14. A uoz eora ia non canta ben
  
15. E a don ffernando conteceu assy
16. De mui bõa uos quesoya auer
17. Soubea *per* auoleza perder
18. Ca fodeu moce non canta ia assy
19. Ar fodeu poys mui *gram* descudeyro

#### F294vC1

20. E ficou ora se *deus* mi *perdom*
21. Con a peyor uos que nõca ui
  
22. E ora ainda muy *gram* dinfançõ
23. Si quer foder *que* nunca foy sazon
24. Que mays quisesse foder poylo em ui

#### F294vC1

pero Garcia burgalez<sup>406</sup>

1. Don fernando peromi mal digades
2. Querouos eu ora desenganar
3. Ca oucas gentes deuos posfaçar
4. De caualgar de queuos non guardades
5. Cavalgades pela sestaqui
6. E caualgades de nouytoytrossy
7. E sospeytam que por mal caualgades
  
8. Mays rogouos que mi creades
9. Do queuos ora conselhar
10. Se queredes com as gentes estar
11. Don fernando melhor ca nõ estades
12. Sinher forcade uosso coracon
13. E non caualgades tan sen razon
14. Si quer *por* uossas bestas que matades

<sup>405</sup> Não faz sentido. Provável erro de cópia.

<sup>406</sup>Cantiga de nº 1378.

**F294vC1**

pero Garcia burgalez<sup>407</sup>

1. Que muitoui de fernam diaz praz
2. Que fez el Rey don affonso meyrinho
3. E non cata parente nen uezinho
4. Con sabor de teela terra en paz
5. Seo pode por mal feytor saber

**F294vC2**

6. Vay sobrel esseo pode colher
7. Na mao logo del iustiça faz
  
8. E porque a don fernando grã prez
9. Das gentes todas iusticeyro
10. O fez el Rey meyrinho des viveyro
11. Ata cayron on doutro nũca fez
12. E sse ouue de mal feitor falar
13. Vay sobrel enõlhi podescapar
14. E fal lhi mal iogo *pera* hũa uez
  
15. E cuydara del que no uir aqui
16. Que o uir andar assy calado
17. Ca non sabe *parte* nen mendado
18. Del tal iustiça *fazer* qua lheu ui
19. Leixou agente adormecer enton
20. E trasnoytou sobrũ homa leon
21. E fez sobrel grã iustiça logui

**F294vC2**

pero Garcia burgalez<sup>408</sup>

1. Roy queymado moyreu com amor
2. Em *seus* cantares por santa Maria
3. Por hunha dona que gram ben *queria*
4. E por se meter por mays trovador
5. Por quelhela nõ quis ben fazer
6. Fezessel en *seus* cantares moirer
7. Mays Resurgiu de poys ao tercer dia

**F295rC1**

8. Esto fez el *per* hũa ssa senhor
9. Que quer gram ben e mays *uos* e diria
10. *Por* que cuyda que faz hi maestria
11. E *uos* cantares que fez assabor

---

<sup>407</sup>Cantiga de n° 1379.

<sup>408</sup>Cantiga de n° 1380.

12. Demoirer hy e desy dar uyuer
13. Esto faz el quexo pode fazer
14. Mays outromẽ *per* ren nono faria
  
15. E non aia dessa morte pauor
16. Se non ssa morte mays la temerya
17. Mays sabe ben per sa sabedoria
18. Que uyuera desquando morto for
19. E fazẽ sseu cantar morte *prender*
20. Desy ar uiue uedes poder
21. Quelhi *deus* deu mays *que* nõ cuydaria
  
22. E ssemi *deus* ami desse poder
23. Qual oiel a poys morrer de uiuer
24. Jamays morte nõca temerya

### F295rC1

pero Garcia burgalez<sup>409</sup>

1. Nostro senhor que ben alberguey
2. Quanda lagres cheguey noutro dia
3. *Per* hunha e hunha grande que fazia
4. Ca prouga *deus* e o iuyz achey
5. Martin Fernandiz e dissemhassy
6. Pan e uinho carne uende aly
7. En san pauyo contra hu eu huya

### F295rC2

8. En coyta fora qual *uos* eu direy
9. Se non achasso iuyz que faria
10. Ca eu nen hun dieyro non tragia
11. Mays prouga *deus* que o iuyz achey
12. Martin Fernandes sayo a mĩ
13. E mostroumalguergue ta bo ssy<sup>410</sup>
14. En que *compre* quanto mester auya
  
15. Se eu o iuyz non achasse ben sey
16. Como alberguey non albergaria
17. Ca eu errey eia mesco recia
18. Mays o iuyz me guaryo que achey
19. *Pero* que eu tardi o conhoci
20. Conoceumel e sayo *contrami*
21. E om ilhouximi e mostroumha uya

### F295rC2

pero Garcia burgalez<sup>411</sup>

---

<sup>409</sup> Cantiga de n° 1381.

<sup>410</sup> Lopes *et al* (2011-) transcrevem ‘cabo sy’ com o sentido de ‘junto a si’.

<sup>411</sup> Cantiga de n° 1382.

1. Maria negra ui eu en outro dia
2. Hir rabialcada per hunha calreyra
3. E pregunteya como hya senlheyra
4. E por aqeste nome que auya
5. E dissemelanton ey nomassy
6. Por aqeste sinal conque naci
7. Que trago negro come hunha caldeyra
  
8. Dixilheu hume dela *partia*
9. Esse sinal e susona maleyra
10. E dissemela daquesta maneyra
11. Comeu auos direy a foyssa uya
12. Este sinal se *deus* mi *perdom*

### F295vC1

13. E negro ben come hun caruon
14. E cabeludo aderredor da caldeira
  
15. A grandes uozes lhi dixeu hu se hya
16. Que *uos* direyadon ffernan de meyra
17. Desse sinal ou e de pena ueyra
18. De como e feyta a Johan danbia
19. Tornousse ela e dizia moutra vez
20. Dizedelhis ca *chus negro* e ca pez
21. E ten sedas deque faram peneyra
  
22. E dixilheu enton dona Maria
23. Como uos sodes molher arteyra
24. Assy soubestes dizer comarteyra
25. Esse sinal que *uos* non parecia
26. E disseme la *per* este sinal
27. Nomey de negro e muitoutro mal
28. Ey per hy *preço* de peydeyra

### F295vC2

pero Garcia burgalez<sup>412</sup>

1. Dona Maria negra ben talhada
2. Dizem que ssodes demi namorada
3. Se meu ben queredes por *deus* amiga
4. Que moy sorrabedes
5. Se me ben queredes

### F296rC1

6. Poys en tanto por uossa morey *fecto*

---

<sup>412</sup>Há nesse fólho duas cantigas de nº 1383, no entanto, só a segunda é classificada como cantiga de escárnio e maldizer. Por isso, Lopes *et al* propõem que seja numerada como cantiga de nº 1383bis.

7. Aly hu uos migo talhastes preyto
8. Se me ben queredes
  
9. Por non auir amĩ ssoa ssinlheyra
10. Nenha cõuosca uossa cauilha
11. Se me ben queredes
  
12. Poys meu por uos depeydes uaso
13. Aly hu uos migo ralhastes prazo
14. Se me ben queredes

### F296rC1

pero Garcia burgalez<sup>413</sup>

1. Maria negra des uentuyrada
2. E por que quer tantas pissas cõprar
3. Poys lhe naamãa no querẽ durar
4. E lhassi moirẽ aa malfada
5. E nuncaralho grande quẽ cõprou
6. Oonte ao seuã oesfolou<sup>414</sup>
7. E outra pissa ten ia amormada
  
8. E ia ela e probe tornada
9. Comprado pissas uedes *que* uentuyra
10. Pisa que compra poucolhe dura
11. Sel que amete nassa poussada
12. Calhi conuem que ali moirã ãtom
13. De polmoeyra ou de torzilhon
14. Ou per forca fica ede aaguada
  
15. Muyto *pera* uentuyra mengada
16. De tantas pilas no ano *perder*
17. Que compra caras poys lhe uã moirer

### F296rC2

18. E este pola casa molhada
19. E que as mete na estrabaria
20. Poys lhe morreu auelha sandia
21. Per pilas<sup>415</sup> sera ã terra deytada

### F296rC2

Roy *queymado*<sup>416 417</sup>

1. O demo mouuera oia leuar

---

<sup>413</sup>Cantiga de nº 1384.

<sup>414</sup> Talvez ‘seirã’, mas no ms. está grafado seuã.

<sup>415</sup> Correspondente ao ‘órgão sexual masculino’. Termo ainda usado em algumas regiões.

<sup>416</sup> A grafia do nome do trovador encontra-se registrada antes da cantiga de nº 1385.

<sup>417</sup>Cantiga de nº 1385.

2. A hunha porta dun caualeyro
3. Por saber nouas eo porteyto<sup>418</sup>
4. Foylhi dizer que queiria iantar
5. E el tornou logo ssa uya
6. Con *dous* cães grandes que tragia
7. Que na porta moueram dematar
  
8. E começauaos el dairicar
9. De trala porta dun seu celeyro
10. Hun mui gram cã negre outro ueyro
11. E começauãssami de tocar
12. Encima da besta enque hya
13. E iurandeu par santa Maria
  
14. Tres cães erã grandes no logar
15. Mays non sayo o *gram* fareleyro
16. Mays os *dous* que sayrõ *primeyro*
17. Nonlhis cuydei per ren ascapar
18. *Pero* iuraua que non queria
19. Aly decer tantemi ualia
20. Como sse dissessala querentrar
  
21. E dixeu logo poys men *partia*
22. Sey meu que assy conuydaria

### F296vC1

23. O coyteffe peydeyrêsseu logar

### F296vC1

Roy *queymado*<sup>419</sup>

1. Don esteuam en granden tençon
2. Foy ia oraqui por uosso preyto
3. Oy dizer por uos que a feyto
4. Sodes cego mays dixeu que mui ben
5. Oydes cada *queuos* chamalguen
6. Vedes como tiueu uossa razon
  
7. E muytous eu oie mal sen
8. Dizer por uos que a feyto
9. Sodes cego e dixeu loguenton
10. Esto que sey *queuos* auos auẽ
11. Que nuncauos home diz nulha ren
12. Que non oucades se *deus* mi *perdom*
  
13. Oy dizer *por* uos que a sazõ
14. Que vedes quanto poys me deyto

---

<sup>418</sup> Provavelmente, 'porteiro'.

<sup>419</sup>Cantiga de n° 1386.

15. E dor mesco e dormho ben a feyto
16. Que assy uedes uolo açon
17. E assanheymeu dixi *por* en
18. Cofonda *deus* quen tego chama quẽ
19. Assy ouue come uolo sarmon

### F296vC2

Roy *queymado*<sup>420</sup>

1. Querriagora saber de grado
2. Dun home que sey muy posfa cador
3. De posfaçar atan gram sabor
4. Se soubora el come posfacado
5. E *pero* sabeo ameu coydar
6. E poren acoytar de posfacar

### F296vC2

7. Ca non posfaçar endoado
8. E poylo sabe faz *aguisado*
9. De posfaçar ca nũca ui peyor
10. Caxo deostã el o melhor
11. Faz poys que ia tal e seu pecado
12. Cao deostam que eu nunca ui
13. Home no mundo des quando naçi
14. En posfaçar e tan mal deostado
15. Nonuos e el daquesteu artado
16. Ante tenheu que e ben sabedor
17. De posfaçar damige de senhor
18. E non guardar nen hun home nado
19. En posfaçar e tenholhi *pera* sen
20. De non dizer denẽ hun home ben
21. Ca desto e el detodos ben guardado
22. E diga poys que disser muyto mal
23. Qual cha fezer o compadoutro tal
24. Lhi faz *por* ende seras uĩgado

### F296vC2

Roy *queymado*<sup>421</sup>

1. Don marco veyeu muito queixar
2. Don esteuam de uos ca diz assy
3. Que *pero* foy muy mal doentaqui
4. Queuos nunca quisestes trabalhar
5. Deo ueer neno uistes mais ben

---

<sup>420</sup>Cantiga de n° 1387.

<sup>421</sup>Cantiga de n° 1388.

6. uira queo confonda *deus* poren
7. Se *uos* esto per casa non passar
  
8. Qual desdenlhi uos fostes fazer

### F297rC1

9. Nunca ou tromasseu amigo fez
10. Mays ar farauolo *outra* uez
11. Se mal ouuerdes *nõuos* ar ueer
12. Caxe el home quexa poder tal
13. Ben come uos seus ar ueher mal
14. *Deuos* da dar em pelo na sauer
  
15. Diz que o non guii *nostro* senhor
16. Se *uos* mui cedoutra tal non fazer
17. Nonuos ueer quandouos for mester
18. Poylo non uystes aindar diz peyor
19. Hun ueruã tigo con sanha que a
20. Comolhi cantardes baylaruos a
21. Ca non a *pera* queuos bayle melhor

### F297rC1

jo lobeyla<sup>422 423</sup>

1. Hun caualeyraqui tal entendenca
2. *Qualuos* en agora quero contar
3. Faz hu de ua fazer prazer pesar
4. E sa mesura toda e entença
5. E o quelhi preguntam respondal
6. E o seu ben fazer e fazer mal
7. E todo sen saber e sen sabenca
  
8. E non departen ren de que sse vëca
9. *Pero* lhoutra guysado falar
10. E uerueia hu sse deua calar
11. E nunca diz verdade mays nõ uëça
12. E hu lhi pedeu cousimento fal
13. *Pero* e manssa deua fazer al
14. E hu deue sofrer e ssen sofrëça

### F297rC2

15. Desyer fala sempreu conhocença
16. Que sabe ben seu conhocer mostrar
17. E dorme quando sse deuespertar
18. E meos sabu mete mays femenca
19. E sse cõ *guisa* diz logo ssen sal

<sup>422</sup> A grafia do nome do trovador encontra-se registrada antes da cantiga de número 1389.

<sup>423</sup> Cantiga de n° 1389.



20. E hulha uẽ algũa cousa tal
21. Quelhe mester science sen çiẽça
  
22. E nonlhi fazen mal dequesse sença
23. Ante leixassy o *preyto* passar
24. E os que lhi deuiam apeirar<sup>424</sup>
25. Peirar lhis el *pera* fazer aueença
26. E diz que nen prez nada nõ ual
27. Mays *deus* queo fez tam descomunal
28. Lhy queyra dar *pera* saude doença

### F297rC2

Don Goncalo anis do vinhal<sup>425 426</sup>

1. Amigas eu oy dizer
2. Que lidaron os de mouron
3. Con aquestes delRei enon
4. Possend auerdade saber
5. Se he uiu Omeu amigo
6. Que troux amha touca sigo
  
7. Se me mal non ãstẽuesse
8. Ou non fosse por enfinta
9. Daria esta mha cinta
10. A *quem* nouas dísse
11. Se he uiu omeu amigo
12. Que troux amha touca sigo

### F298rC1

[Pedro conde de Barcelos]<sup>427</sup>

1. Mandeï pedir noutrodia
2. Hun alao apaay varella
3. Pera hũa mha cadela
4. E dissell que mho daria
5. E per como mh oel da
6. Eu ben cuydo que uerra
7. Quand aqui ueer messya
  
8. O outrossy pero marmho
9. Dous sabuios mha mandado
10. La da terra de comdado
11. E disse me hun sseu minmho<sup>428</sup>
12. Que bem certo ffosseu disto

<sup>424</sup> No manuscrito da Vaticana, consta a forma ‘peitar’, o que sugere um provável erro do copista.

<sup>425</sup> A grafia do nome do trovador encontra-se registrada antes da cantiga de número 1390.

<sup>426</sup> Cantiga de nº 1390.

<sup>427</sup> Cantiga de nº 1431.

<sup>428</sup> Talvez fosse ‘meirinho’, alguém que trabalhava para o personagem Pedro Marinho. No entanto, não é o que consta no manuscrito.

13. Poys ueer o antre cristo
14. Verra cõ el *per* caminho
  
15. Eu nõ foy homẽ dississo
16. Hu mas promessas faziã
17. Duuydando ca que ueria
18. E entolhaxe me nisso
19. De queo foy duuidades
20. Poys *ia* ssey *que* uerrã quando
21. fforjudas no paraisso<sup>429</sup>

### F298rC1

Dom Pedro de Portugal<sup>430 431</sup>

1. Martin
2. Vasques noutro dia

### F298rC2

3. Hu *estaua em* lixboa
4. Mandou ffazer grã coroa
5. Cauyo *per* estrologia
6. Que aueria igreja
7. Grande qual la el desseia
8. De mil libras en ualia
  
9. E diz *que* uio nastrela
10. Pero *que* a non domande<sup>432</sup>
11. Dauer igreja mui grande
12. Ca non igreja mesrela<sup>433</sup>
13. Cada pequena nõ cura
14. Ca *lhe seria* loucura
15. Del *auer* curar dela
  
16. E diz *que* uio nalmia
17. Que *aueria* sã cõcêda<sup>434</sup>
18. Igreja de mui gran randa<sup>435</sup>
19. E nõ ca nõ pequena enuia<sup>436</sup>
20. E *por que* *lhe* uai tardando

<sup>429</sup>Nessa altura consta a seguinte anotação: ‘Esta cantiga foy fata | A estes Caualeiros *que* aqui uy conta | Que *prometerõ* hun alaanoo et | Sabugos seccũdo Aqui e *por* escrito e | *pero que* lhes enuiarõ pedar nõ os qui | so po dar eoconde fez lhis por | sta ca’.

<sup>430</sup> Logo abaixo da cantiga de nº 1432, está assinado ‘Dom Pedro de Portugal’, a quem é atribuída a autoria da cantiga na anotação do fólho seguinte.

<sup>431</sup>Cantiga de nº 1432.

<sup>432</sup> Do verbo ‘demandar’. Provável erro do copista.

<sup>433</sup> Provável erro do copista. No ms. V, consta ‘messela’.

<sup>434</sup> Para Lopes *et al* (2011-), ‘contenda’.

<sup>435</sup> Provável erro do copista, pela rima é possível inferir a forma ‘renda’.

<sup>436</sup> Pelo contexto e pela rima, aqui deveria constar uma forma em –va. Lopes *et al* (2011-) sugerem para o primeiro verso ‘e na lua’ e para o quarto verso da estrofe a forma ‘e nua’.

21. El uaisse muito agrauãdo
22. *Por que* lhe nõ dã ñe huã
23. El acercou<sup>437</sup> na espera
24. Qual planeta te por *certa*<sup>438</sup>
25. Que lh oucorga<sup>439</sup> sã Referca<sup>440</sup>

### F298vC1<sup>441</sup>

Joam de Gays scudeyro<sup>442 443 444</sup>

1. Vosso pay na Rua ant aporta
2. Sua ueddo cos ay caualeyro
3. Ant assa pousada
4. En sayapertada uedelo cos
5. En meyo da praca
6. En saya de barara<sup>445</sup>
7. Vedelo cos ay caualeyro<sup>446</sup>

### F298vC2

[Rui Pais de Ribela]<sup>447</sup>

1. A donzela de biscaya
2. Aĩdamha preyto saya
3. De noyte ou lunar

### F299rC1

4. Poys magora assy desdenha
5. Aĩdamha preito uenha
6. De noytou lũar

<sup>437</sup> Talvez seja a forma ‘acertou’. A grafia da letra ‘t’ é imprecisa.

<sup>438</sup> A forma ‘certa’ é também uma inferência. No ms. V, consta a forma ‘doa’.

<sup>439</sup> Para Lopes *et al* (2011-), ‘outorga’.

<sup>440</sup> Para Lopes *et al* (2011-), ‘referta’.

<sup>441</sup> Nesta altura, consta a seguinte anotação: ‘Esta cantiga susu escrita | que se comeca *Martimua asquez* noutro dia | foz o Conde a hũu jugrar | Que auya nome *Martim* uaasquez | Et prauasse que sabya destelosia | Et non sabia en nada e colheu | uaydade na mano ca auya dauer | *Eigreia* de mil libras ou demil | E *quinhêtas* e mandou *fazer coroa* | Et rosouabarua e foyse aalendoyro | Et nõ ouue ñemigalha E onconde | foy lhi esta damiga’.

<sup>442</sup> O nome do trovador está grafado antes da anotação que antecede a cantiga de nº 1433.

<sup>443</sup> Cantiga de nº 1433.

<sup>444</sup> Nesta altura consta a seguinte anotação: ‘Dix hũma damiga de vilano | A pee dhuna Torre bayla corpo | Probo uedes ocos ay caualeyro | E Joam de’.

<sup>445</sup> Lopes *et al* (2011-) leem como ‘saia de baraça’, o que corresponde a uma saia amarrada por uma corda.

<sup>446</sup> Nesta altura, há a seguinte anotação: ‘Esta cantiga *seguiu* | Joam de gaya pera quella | De cima de Uilaanos *que* diza | Refrom uedes lo cos ay caualeyro | Et fezea a hũu vilano *que* foy | Al fayate dobispo dom domingos’.

<sup>447</sup> Cantiga de nº 1435.

7. Poys dela sōo maltreyto
8. Aĩdami uenha a preyto
9. De noytou luar

### **F299rC1**

[Rui Pais de Ribela]<sup>448</sup>

1. Preguntadun ricome
2. Muy rico que mal come
3. Por queo faz
  
4. El de fame de sede
5. Mata home beno sabede
6. Pre queo faz
  
7. Mal come faz nemiga
8. Dizedelhi que diga
9. *Pero* queo faz

### **F299rC1**

[Rui Pais de Ribela]<sup>449</sup>

1. Hun Ricomas hun Ricomas
2. Que de maos iantares faz
3. Quanta carne manda cozer
4. Quando me uay pola ueer
5. Sessante muyto non merger
6. Sol non pode ueer hu iaz
7. hun Ricomas hun ricomas
8. Que de maos iantares faz
  
9. Quẽ uee qual coziã tẽ
10. De Carne sessy nõ detẽ
11. Non podera estremar bẽ
12. Sexest carne se pescaz

### **F299rC2**

13. hun ricomas hun Ricomas

### **F299rC2**

[Rui Pais de Ribela]<sup>450</sup>

1. Comendador humeu quyter
2. Deuos euos encomendey
3. A ma molher per quanteu sey
4. Quelhi uos fezestes damor

---

<sup>448</sup>Cantiga de nº 1436.

<sup>449</sup>Cantiga de nº 1437.

<sup>450</sup>Cantiga de nº 1438.

5. Tenhades vos comendador
6. Comendado de mo mayor
  
7. Ca muytoa fostes *seruir*
8. Non uolo posseu *grarir*
9. Mays poyla uos fostes *comprir*
10. De quantela ouue sabor
11. Tenades uos comedador
  
12. Et lizeruos *querunha rē*
13. Ela pre seruidasse tē
14. De uos epoyos *que uos quer bē*
15. Como quer amī ou melhor
16. Tenhades uos comendador

### F299rC2

[Rui Pais de Ribela]<sup>451</sup>

1. Maria genta
2. Maria genta
3. Da saya cintada
4. hu masestes esta noyte
5. Ou quen *pos* ceuada
6. Alua abriadesmala
  
7. Albergamos en entrana carreyra
8. E rapazes cō amores furtã ceueyra
9. Alua abra
  
10. Hu en maiaquesta noyte *ouuy* grã Cena

### F299vC1

11. E rapazes cō amores furtã auea
12. Alua a

### F299vC1

Roy prez<sup>452</sup>

1. Meu senhor se uos a prouguer
2. Comendador da demi mha molher
3. Eseuola en outra uez arder
4. Demi deus muyta de maa uētura
5. Somendador da demi mha molher
6. Que uos dey e fazede mesura
  
7. De fazer selhos me mester
8. Comendador dade ma molher

---

<sup>451</sup>Cantiga de n° 1439.

<sup>452</sup>Cantiga de n° 1440.

9. Et daruos ei outra dalanquer
10. Enque percaedes acaentura
11. Comendador da de ma molher

### F299vC1

Pero barroso<sup>453454455</sup>

1. Pero Lourenço conprastes
2. Hunas casas e mercastes
3. Delas mal *pero* catastes
4. Antas casas e poren
5. Por deus nos uos enganastes
6. Que as non catastes ben
  
7. Poys uos ño derõ hy orto
8. *per* entrada de morto
9. Uos tenhogueu mays conorto
10. Eide uos *per* huna rẽ
11. *Quesse* iaz en uosso torto

### F299vC2

12. Que as ño catastes ben
  
13. Se uos come home *dereito*
14. As Paredes e o teyto
15. Catassedes grã proueito
16. Uos ouuera a meu sen
17. Uos sofrendo despeito
18. Que as ño catastes bẽ
  
19. Poys non vistes hy cortinha
20. Nen paaço ñe cozã
21. Rependestes uos agiã
22. Mays ora *que* *prol* uos tẽ
23. A pagar e a farinha
24. Poylas non catastes bẽ

### F299vC2

Pero barroso<sup>456</sup>

1. Moyreu aqui da de soryã
2. E dizen ca moyro damor
3. E aueria grã sabor
4. De comer se Teuesse pam

---

<sup>453</sup> A grafia do nome trovador está registrada na anotação que antecede a cantiga de nº 1441.

<sup>454</sup> Cantiga de nº 1441.

<sup>455</sup> Nesta altura, consta a seguinte anotação: ‘Cantigas de Pero | barroso son descarnhe | de mal dizer’.

<sup>456</sup> Nesse altura, identifica-se outra cantiga pelo contexto, pois não há numeração e, por essa razão, é numerada cantiga 1441bis.

5. E *amigos* direyuo*s* al
6. Moyreu que en portugal
7. Moyreu don ponço de bayam
  
8. E quantos mesta mi dicã
9. Que nõ posso mer damor
10. De lhis *deus* tâ grã sabor
11. Comendeu ey e uerã
12. Que a grã coita de comer
13. Quẽ dinheiros non podauer
14. De *queo* cõpre non lho dam

### F299vC2

Pero barroso<sup>457</sup>

1. Sey eu hun Ricome se *deus* mi pardon

### F300rC1

2. Que trajalferez etrage pendon
3. E con Todestassi mi uenha ben
4. Non podel Rey saber *per* nulha ren
5. Quandosse uay nen sabe *quando* uen
  
6. E trage tenda e Trage *manar*
7. Essa *cozinha* hu faz seu iantar
8. E con Todesto se mi uenha ben
9. Non podel Rey saber *per* nulha ren
  
10. Trage reposte trage scança
11. E trage *caqueteyro* *que* lhi da pan
12. E con Todesto se mi uenha ben
13. Non podel Rey *per* nulha ren
  
14. Trage seu leyte seu cobertol
15. E iograrete de *que* a sabor
16. Et con Todesto se mi uenha ben
17. Non podel Rey *pe* nulha ren

### F300rC1

Pero barroso<sup>458</sup>

1. Hun Ricome *que* oieu sey
2. Que na Guerra non foy aqui
3. Ven mui sanhudo e diz assy
4. Como *uos* agora direy
5. Diz que ten terra qual pediu
6. Mays por quea nunca seruyu

---

<sup>457</sup>Cantiga de n° 1442.

<sup>458</sup>Cantiga de n° 1443.

7. A muy gram querela del Rey
8. El ueo sse *deus* mi pardon
9. Desde *ue* uyu que era paz
10. Ben lhi uenha se ben faz
11. Pero mostra el tal razon
12. Diz *que* ten Terra qual pediu

### F300rC1

13. Mays *por quea* nũca *seruiu*
14. Contra el Rey anda muy felon
  
15. Pero na guerra nũ fez ben
16. Nen mal *que* non *quis* hy uiir
17. Cũ corta del Rey non seruir
18. Pero mostra el hũa ren
19. Diz *que* tẽ terra qual pediu
20. Mays *pera quea* nũca *seruiu*
21. Al Rey *quer* mui grã mal *pera* en
  
22. Sanhudo uẽ contra el Rey ia
23. Ca hu foy mester non chegou
24. E mays de mil uezes iurou
25. Que da terra non sayra
26. Diz *que* ren terra qual pediu
27. Mays *pora que* nũcaa *seruiu*
28. Al Rey *quer* muy grã mal *pera*en

### F300rC2

Pero barroso<sup>459</sup>

1. Chegou aqui don foam
2. E ueo mui ben guysado
3. Pero non ueo ao mayo
4. Por non chegar endoado
5. Demos lhi nos unha maya
6. Das *que* fazemos no mayo
  
7. Per boa fe ben guysado
8. Chegou aqui don foã
9. Pero nũ ueno no mayo
10. Mays *pero* non chegar ã uano
11. Demoslhi nos hũa maya
12. Das *que* fazemos no mayo

### F300vC1

---

<sup>459</sup>Cantiga de n° 1444.



13. Por *que* veo ben guysado
14. Con Tenda et con reposte
15. Pero ño ueo e no mayo
16. Nen ueo a Pintecoste
17. De mos lhi nos hũa maya
18. Das *que* fazemos no mayo
  
19. Poys trage reposte tenda
20. En *que* sse tenha uiçoso
21. Pero ño ueno no mayo
22. *Pre* ño ficar perdidoso
23. De mos lhi nos hũa mays
24. Das *que* fezemos no mayo

### F300vC1

Pero barroso<sup>460</sup>

1. Meu senhor direyuos ora
2. Pela careira de mora
3. Huuos ia pousastes fora
4. E con uosco os de touros
5. Pero*que* alguẽ chora Trageno
6. Ou re o mouro
  
7. Pero ñuos custou nada
8. Mha yda ño mha tornada
9. Gradades cõmha espada
10. E cõmeu caualo louro
11. Ben da uila de graada
12. Tragueu o oure o mouro
  
13. Meu senhor *que*uos semelha
14. Do *que* xeuo scapa pilha
15. E uos anda na orelha
16. Rogido cõme abe souro

### F300vC2

17. Roy gomez de telha
18. Traio oure o mouro

### F300vC2

Pero barroso<sup>461</sup>

1. Pero danbro sedeus mi pardon
2. Nõuos Trobey da terra doultra mar
3. Uedes por *que* era ca non achei
4. Razon por *que* uos dela podeste Trobar

---

<sup>460</sup>Cantiga de n° 1445.

<sup>461</sup>Cantiga de n° 1446.

5. Poys hy non fostes mays trobaruos ey
6. De muytas cousas *queuos* eu direy
7. Do *que vos* non sabedes guardar
  
8. Se *deus* mi ualha uedes *por que* ñ
9. *Vos* Trobei daci nẽ desse logar
10. *Por que* ñ uirõ quãtos aqui son
11. Que nũca uos passastes alen mar
12. E da terra hu ñ fostes ñ sey
13. Comouos Trobey mays saberuos ey
14. As manhas *que* uos auedes contar

### F300vC2

[João de Gaia]<sup>462463</sup>

### F301rC1

1. Come asno no mercado
2. se uendeo un Caualeyro
3. De sanhoana taneyro
4. Tres uezes este prouado
5. Pero seoieste dia
6. Lhou trem der mayor contia
7. ficara cõ el degrado
  
8. El ffroy conprado Tres uezes
9. O gano de Tres senhorhes
10. E bee saben os melhores
11. Cã no ha mays dessex messes
12. Ca eltẽ *quetodauya*
13. A de poiar encontia
14. En panes ou em tornesses
  
15. Se mays senhores achara
16. Ca os três *queo comprarom*
17. Ossex messes ñ passarom
18. Quel co mays ñ ficara
19. Mays estaxe emsa *perffia*
20. Enpoiando cadadia
21. Cael ñ se dessenpara

### F302rC1

[João de Gaia]<sup>464</sup>

---

<sup>462</sup>Cantiga de nº 1448.

<sup>463</sup>Nesta altura, há a seguinte anotação: ‘Esta *cantiga* foy feita a hũ cavaleyro *que* auia | nome ffernã vaasquez pimêtel *que* foy primeiro uasalo | do comde dõ pedro poys *partiusse* dele e | ffoyse *pera* dõ jo dalbo *quer que* son | *sobrinho* en de poys *partiusse* da don joã | *affonso* et ffoyse parao Inffante dom *affonso* | *ffilho* del Rey dõ denis *que* de pois | ffoy Rey de Portugal | E todo esto ffoy ã ssex messas’.

<sup>464</sup>Cantiga de nº 1452.

1. Eu cõuidey hũ Prelado
2. A iantar se bẽ me uenha
3. Dizel en este *meus* narizes
4. De color de berẽgenha
5. Vos auedelos *alhos uerdes*
6. E matrimades cõ eles
  
7. O iantar esta *guisado*
8. Et por *deus* amigo
9. Tyuos dizel en este meus
10. Narizes color de figos cofeynos
11. vos auedes
  
12. Comede migue daruos ey
13. Hũa grã Garca parda
14. Dizel en estes *meus* narizes
15. Color de roza
16. Dastarda uos a uedez
  
17. Comede migue dirãnos
18. Cantares de *martim* moxa
19. Dizel en este *meus* color
20. Descarлата roxa uos auedes
  
21. Comede migue daruos e
22. Ey tenporaano figo maduro

### **F302rC2**

23. Dizel ã estes *meus* narizes
24. Color de morece scuro
25. Vos auedes
  
26. T *deus* migue comeredes
27. Muitas boas assadigas
28. Dizel ã estes *meus* narizes
29. Color de moras maduras uos auedes<sup>465</sup>

### **F302rC2**

Johã baueca<sup>466 467</sup>

1. Bernal fendudo querouos
2. Dizer o que facades
3. Poys uos querem dar

---

<sup>465</sup> Nesta altura consta a seguinte anotação: ‘Esta cantiga foy seguida | Per hũa baylada que diz | Vos auedelos olhos uerdes | E matarmedes cõ eles | Et foy fata a hũu *tempo* | De uiseu natural daragõ | Que era tã cardeo com | Cada hũa destas cousas | Que cõda en esta cantiga | O mays e apoinhã lhe *que* sse | Pagaua do uinho’.

<sup>466</sup> A grafia do nome do trovador está registrada na mergem direita do fõlio, antes da cantiga de nº 1453.

<sup>467</sup> Cantiga de nº 1453.

4. Armas e dona saluage chamar
5. Se uos cõ touros ladacaecer
6. Ssoffredeos ca todos ferrã uos
7. E dando colbes en uos
8. Canssaran e aueredes
9. Poys uos auancer
  
10. E ali logo ssa lide auoluer
11. Verram uos delles deãte

### F302vC1

12. Colpar de sy os outros
13. Por vos non errar
14. A querrem uos por alhur cometer
15. Mays sofrede feirã per hu
16. *Quer* casse uos *deus* en armas
17. Bem *fezer* ferindo
18. En vos en elles de caer
  
19. Pero coma mui grã gente
20. A seer muytas uezes
21. Vos am a derrobar
22. Mays sempre uos auedes a Trobar
23. E elles ãmays a en fraquecer
24. Pero non quedaram
25. De uos ferir de todas partes
26. Mays
27. Moyrerã en vosso poder

### F302vC1

Johã baueca<sup>468</sup>

1. Huum escudeyro ui oia
2. ruffado por tomar penhor
3. A mayor garcia por dinheyros
4. Poucos que lhy deuya
5. Et dissela poylo uiu denodado
6. Senher uos no mha ffrontedes assy
7. Essera gord hun Judeu aqui
8. Con que barate daruos ey rrecado
  
9. De uossos *dinheiros* de muy bõ grado
10. E tornada *qui* ao meio dia
11. E entando uerra da Judaya
12. A qual Judeu cõ *que* ey baratado
13. E hũ mouro *que* a *que* de chegar
14. Con *que* ey outrossy de baratar

---

<sup>468</sup>Cantiga de n° 1454.

### F302vC1

15. E encomo *quer* fareyuos eu pagado
16. E o mouro foy alogaly chegado
17. E cuydousse *que* el pagaria
18. Diuida uelha *que* ela diuia
19. Mays disso mourasal nõe
20. Penssado Que uos paguedes
21. rem domeu *auer* meos deu *carta*
22. Sobre uos faz ca hũ Judeu
23. Auedes enganado
  
24. E ela disse fazede uos qual
25. *Carta* *quiserdes* sobre mĩ poys dal
26. Non possauer *aquel* homẽ pagado
  
27. E o mouro loga carta notou
28. Sobrela e sober quãtolha chou
29. E pagouna e lexoulho Tralado

### F302vC1

Johã baueca<sup>469</sup>

1. Mayor garcia ssenpro y dizer
2. Por quen *quer que* podesse
3. Guisar dassa morte sse bem
4. Maen ffeSTAR que non
5. Podia perdudo seer
6. E ela diz por sse de mal partir
7. Que en quantouuer *per* queo cõprir
8. Que nõ queria ssem cle rigo uiuer
  
9. Ca diz *que* nõ sabu xa de morrer
10. E por aquesto se *quer* Traballar
11. A como *quer* desse desto pagar
12. *Guisar* ediz *que* a ben per hu
13. A fazer com o que tẽ

### F305rC1

14. Desseu sse da lhur nõ *deus*
15. Outres *clerigos* hũa sazõ
  
16. E a mayor garcia por nõ perder
17. Sua alma quando esso oio
18. Foy buscar *clerigo*
19. Et nonssa treueu albergar
20. E ia Tres *clerigos* pagados tem

---

<sup>469</sup>Cantiga de n° 1455.

21. Que sse hũu delles sabede uos bem
22. Que a ñõ pode a morte tolher

### F305rC1

Johã baueca<sup>470</sup>

1. Pero danbroa prometeu
2. De pram *que* fosse Romeu
3. De sancta maria
4. E acabou assy ssa Romaria
5. Coma cabouado frume Iordan
6. Caentonce ata mopilier
7. Chegou eora per Rocaua
8. Les passou etornousse
9. Do poio de Roldam
  
10. E poys
  
11. Ca poys aqui cheguey ia ñõ
12. Dirã *que* ñõ foy

### F305rC2

13. en buscar senõ de *que* podesse
14. Poys chufar e acha qui
15. O corno de rroldam

### F305rC2

Johã baueca<sup>471</sup>

1. Pero danbroa ssodes may ordomo
2. Etrabalhar ssa de uos enganar
3. To albergueyro mays destarmêtar
4. Lo auedes E direyuos eu
5. Como sseuos mentir do *que*
6. Vosco poser Tseia<sup>472</sup> de uos
7. E deues como quer
8. Ebritalhos narizes no maino
  
9. A de uosso
  
10. E
  
11. E poys mercadelo al lego cedo
12. Vos a mostrar rroupa

### F305vC1

---

<sup>470</sup>Cantiga de nº 1456.

<sup>471</sup>Cantiga de nº 1457.

<sup>472</sup> Embora pareça constar no códice, a forma ‘Tseia’ não faz sentido, provavelmente, ‘seja’.

13. Que uos dara esse poys
14. Virdes que uola non darde
15. Ssarraria porta uosso quedo
16. E desses uosses narizes
17. Loguifito seu cuu *quebran*Tadassy *que*
18. Ja senpre aya despanoes medo

### F305vC1

Johã baueca<sup>473</sup>

1. Estauam oge duas soldadeyras
2. Dizendo bẽ a grã pressa dessy
3. E uyu a hũa delas as olheiras
4. Dessa conpanheira
5. Et dissassy *que* en rrugadas
6. Olheiras Teendes Et dissa
7. outra nos comar ueedes desses
  
8. E
  
9. em esse uosso Rostro
10. E dessy disse loutra uez
11. Ja uos doita uedes
12. Mays toma daquestes pelhe
13. Neeredes Todaldas uossas
14. Ssobrãcelhas ueiras
  
15. E anbas elas erã cõpanheyras
16. E dissa hũa en iogo outrossy
17. Pero uos anbas ssomos mui tarteiras
18. Melhor conhosqueu uos cauos min
19. E disse *utra* uos *que* conhocedes
20. A mĩ tã bem por *que* nõ ãtẽdedes

### F305vC2

21. Como ssom couas essas caaueyras
  
22. E de poys Tomarã ssenhas
23. Maseyras ebanhoronsse
24. Eloauã ssaly *equis deus que*
25. Nas palauras *primeiras* que
26. Ouuerã que chegasseu aly
27. E dissa ãa mole uentra uẽdes
28. E dissa outra euos malo ascõdedes
29. As cecas *que* semelhã ceuadeyras

### F305vC2

---

<sup>473</sup>Cantiga de n° 1458.

Johã baueca<sup>474</sup>

1. Don Bernaldo pesame
  2. Que Tragedes mal
  3. Aguadeirẽ esse balandrao
  4. Ea qui dura muito tẽpo mao
  5. E uos e esto mẽtes nõ metedes
  6. E consselhoues *que* catedes al
  7. Quene conbrades ca esse nome tal
  8. Que uos uos ssoel muyto nõ molhedes
- 
9. E quẽ uos poys uir la
  10. Saya molhada
  11. Bẽ lheu terra *que* e cõ escacesa
  12. E eu uos ouue sempre grã largueza
  13. Marauilha *sera* se uos *guardar* hũu dia
  14. Poder *deus* de uos molhar
  15. Sso hũa muy boa capa dobrada
- 
16. E don Bernaldo uel en
  17. Esta guerra de *quanto* uolo uosso
  18. home almete Aued ãa
  19. Capa dũu Capoyrete

### F306rC1

20. Pero capa nũca ssauos bense rra
21. Ar *queredes* uos nos cras acolhereca
22. valgar e non pode seer
23. *Que* uos nõ molhedes en essa terra

### F306rC1

Johã baueca<sup>475</sup>

1. Par*deus* amigos grã Torto Tomey
  2. E de logar onde in eu nõ cuydey
  3. Estandalo anta porta del Rei
  4. Preguntando por nouas da fronteyra
  5. Per hũa uelha *que* deostey
  6. Deostoumora Maria balteyra
- 
7. Veedora seme deuo queixar
  8. Deste peyto canõ pode prouar
  9. Que me lhe oiste nulhomẽ chamar
  10. Senon seu nome *per* nulha maneyra
  11. E polanela *que* foy deostar
  12. Deostoumora Maria balteyra

---

<sup>474</sup>Cantiga de n° 1459.

<sup>475</sup>Cantiga de n° 1460.



13. Muyto uos deue desober uha tal
14. Pesar amigos e direiuos al
15. Sey muy bem *que* lhes ta bem
16. Ssal Todos iremos *per* hũa carreira
17. Ca por *que* dixe dũa uelha mal
18. Deostoumora Maria balteyra

### F306rC1

johã ayras di Sñago<sup>476 477</sup>

1. Pero garcia me disse
2. Que mha senhor cõ el uisse
3. E dixelheu *que* nõ oysse
4. A pero garcia grã me dey
5. De dona Maria *que* uos mataria
  
6. Dissemel auẽtureos os corpos

### F306rC2

7. Et ala en Termos dixelheu
8. Nõno faremos Ay pero garcia
9. Gran me dey de dona
10. Maria que vos mataria
  
11. Dissemel en *tremos* ante
12. Que dona Maria iante
13. Dixeu ideuos deante
14. Ay pero garcia grã medey
15. De dona maria *que* uos mataria
  
16. Mal cognoscedes dona
17. Maria ay Pero Garcia

### F306rC2

johã ayras di Sñago<sup>478</sup>

1. Quando chaman Johanayras
2. Re edor bem cuydeu logo
3. Per boa ffe que chaman
4. Mays a nostro senhor
5. Irogo que a tal demo
6. O Tome per que ue tolham onome
  
7. Veen Joanayras
8. Chamando pera qui Todeo via
9. E en quando chaman

---

<sup>476</sup> A grafia do nome do trovador está registrada antes da cantiga de nº 1461.

<sup>477</sup> Cantiga de nº 1461.

<sup>478</sup> Cantiga de nº 1462.

10. Mays Iroqueu a *santa maria*
11. Que a Tal demo o tome
12. Per que Jholam o nome

### **F306rC2**

johã ayras di Sñago<sup>479</sup>

1. Dizem que ora chegou
2. Dom beeyto muyta legre
3. Pera ssa molher
4. Com sas merchandias
5. De monpiler mays dizer

### **F306vC1**

6. Querora rahum preyto ia *deus*
7. No me leixe entrar ssobre mar
8. Se polo custo queria filhar
9. O mercado que
  
10. E por hũu destes uosses
11. Miradores ueo aqui bem
12. Guisado es tel vez
13. Con ssas merchandias *que* ala fez
14. Mays dizen *que* ouue maos agoiros
15. E ar dizen *que* marcou atan mal
16. Que nũca andaram seu cadal
17. Casselhi danarã muy mal os coyres

### **F306vC1**

johã ayras di Sñago<sup>480</sup>

1. Don beeyto home duro foy
2. Beyar pelo obscuro a ma senhor
  
3. ome honra auenturado foy
4. Beyar pelo furado a ma senhor
  
5. Vedes que grã desventura
6. Beiiou pela fende dura a ma senhor
  
7. Vedes que moy grande boto foy
8. Beiiar pelo bureco a ma senhor

### **F306vC1**

johã ayras di Sñago<sup>481</sup>

---

<sup>479</sup>Cantiga de n° 1463.

<sup>480</sup>Cantiga de n° 1464.

<sup>481</sup>Cantiga de n° 1465.

1. Hu con don beeyto
2. A es *preytos* ueeron cuspirõ as donas
3. E a ssy disseron ta lhou
4. Don beeyto aqui o ffeyto
  
5. E poys *que* ouueron ia feita ssa uoda

### F306vC2

6. Cuspirõ as donas e diz
7. Dona toda talhou
8. Dom Beeito a qui offeito
  
9. Todas sse da casa cõ coyta
10. Sayã e hiã cospindo Todas
11. Et diziã Talhou dom
12. Beeito a qui o ffeyto

### F306vC2

johã ayras di Sñago<sup>482</sup>

1. Ay justiça mal fazedes
2. Que nõ que que nõ queredes ora
3. Dereyto filhar de mor da cana
4. Por que foy matar Joan uayras
5. Ca fez muy sen rason
6. Mays sse dereyto *queredes* fazer
7. Ela asoel deuedes ameter
8. Cao manda oliuro de leon
  
9. Calhi *quera* grã bẽ edesy
10. Funcalhi chamaua sonõ senhor
11. E quando lhel *queria* muy melhor
12. FFoyo ela lego matar aly
13. Mays justiça poys
14. Tan gran Torto fez
15. Medeaya soele hũa vez
16. Cao manda edereyto assy
  
17. E quando mays Joaneyras cuydou
18. Que ouue sse de da cana ben
19. Foyo ela lego matar por en
20. Tãto *que* el en seu poder entrou
21. Mays iustiça poys *que* a sy e ia
22. Metãna so el ex padecerã

### F307rC1

23. A quẽ a muy grã Torto matou

---

<sup>482</sup>Cantiga de n° 1466.

24. E quẽ nos anbos uir iazer dira
25. Beeyto seya aquel *que* oJulgou

### **F307rC1**

johã ayras di Sũaago<sup>483</sup>

1. Hũa dona nõ digeu qual
2. Non aguyrou ogano mal
3. Polas oytauas de natal
4. Hia por ssa missa oyr
5. E un coruo carnacal
6. E nõ quys da casa sayr
  
7. A dona muy de coracõ
8. Oyra ssa missa entõ
9. E foy *por* oyr o sarmon
10. E uedes *que* lho foy partir
11. Ouue sigũ coruacaron
12. E nõ quis da casa sayr
  
13. A dona disse *que* sera
14. E hi o clerigues ta ia
15. Reuestide maldizermal
16. E mal *dizer*ma semena Igreja nõ uyr
17. E disso coruo qua ca
18. E nõ quys da casa sayr
  
19. Nunca taes agoyros ou
20. Des aquel dia que nacy
21. Coma astano oima qui
22. E ela quys prouar dessir

### **F307rC2**

23. A que o a muy grã Torto matou
24. E ouue coruo sobre ssy
25. E non quys da casa sayr

### **F307rC2**

johã ayras di Sũaago<sup>484</sup>

1. Dom *pero* nunez era ãcornado
2. Eiass a sanriag albergar
3. E o aguyro sol el bem catar
4. Ca muytas uexes louua façanado
5. E indo dacas ao celeyro
6. Ouu hũa coruo uiaraçe faceyro

---

<sup>483</sup>Cantiga de n° 1467.

<sup>484</sup>Cantiga de n° 1468.

7. De *que* dom *pero* ñ foy rrem pagado
8. E poys lo el ouue muyto catado
9. Diz desto coruo ñ posso escapar
10. Que del ñ aya scarnho a Tomar
11. Cõ grã perda de *que* ey guanhado
12. O da mayor parte de *que* ouuer
13. Per uenturo ou do corpo damolher
14. Segũdeu ey eagoyro prouado
15. E tornousse cõtra seu gasalhado
16. E diz amiga muytei grã pesar
17. Come ñ de dãno guardar
18. Deste coruo *que* ueio tã chegado
19. A uossa casa poys filha per ffia
20. E corveiaqui sêpre o mays do dia
21. E diz

### F307rC2

Affonso Lopez de bayã<sup>485 486 487</sup>

1. Oy daluelo *que* era casado
2. Mays nono creo se *deus* mi pardon

### F307vC1

3. E querouos mostrar razon
4. Que entendades que digo recado
5. Ca lhoy eu muytas uezes iurar
6. Que can pastor ñ podia casar
7. E por encreo *que* ñ e casado
8. Sabia meu caxera esposado
9. Mays a dũano ñ dıgueu denõ
10. Carai mostrou el bẽ seu coraçõ
11. Per quanto el ami auya jurado
12. Que mentra tã pastor fosse rome
13. Que ñ casaria per boa fe
14. Mays esposousse anda esposado
15. Esseus parêtes Teẽ por guysado
16. *Que* sse casa ssay grã sazõ
17. Os *quelho* dizẽ dizelhis el entõ
18. Do *que* dizedes non seo pagado
19. Came non paledes tanto coitar
20. Que eu tã pastor *quisesse* casar

<sup>485</sup> A grafia do nome do trovador encontra-se registrada na anotação que antecede a cantiga de nº 1469.

<sup>486</sup> Cantiga de nº 1469.

<sup>487</sup> Nesta altura, consta a seguinte anotação: ‘Cantigas *que* fez dom Affonso | Lopez de bayã descarnhe de maldizer’.

21. Mays casarey quãdouuer *guisado*
22. Demy coytardes fazedes mal sen
23. Ca nõ podedes ia *per* nulha rẽ
24. Que per mi seya o *preito* iũtado

### F307vC1

Affonso Lopez de bayã<sup>488 489</sup>

1. Seriaxi dõ belpelho ã hũa sa maysõ
2. Que chamam longos õdeles todos son
3. Per porta lhẽtra martin de farazon

### F307vC2

4. Escudacolo ã *que* se min capon
  5. Que foy ia poleyr ã outra sazõ
  6. Cauaagudo *que* semelha for
  7. En cima de lun uelho se legõ
  8. Sen estribeyras e cõ roto bardõ
  9. Nẽ porta loriga nẽ porta lorigõ
  10. Nen geolheiras quaes de ferrosõ
  11. Mays trax *per* ponto roto sã algodõ
  12. Cuberturas dun uelho zarelhon
  13. Lancha depinhe de bragal o pẽdon
  14. Chapel de ferro *quexilhy* muy mal põ
  15. E sobarcadun uelho espadoiro
  16. Cuytel cachao cinta sã farzilhõ
  17. Duas esporas destrás ca se estrás nõ sã
  18. Maca de fuste *quelhy* pẽde do arcon
  19. A dõ bel pelho moueu esta razon
  20. Ay meu senhor assy *deus* uos *perdon*
  21. Hu e Joanaranha o uosso cõpanhon
  22. E uossal ferez *que* uos teno pẽdon
  23. Se e a *qui* saya desta mayson
  24. Ca ia outros Todos ã bastosõ
- 
25. Estas oras chega Johã de froyaon
  26. Caualo uelho cacurre alaxam
  27. Sinaes porca eno arçõ dauã
  28. Cãpo uerde uinqueyreo cã
  29. E no escudataes lhacharam
  30. Cerrame cĩte calcas de roã
  31. Sa catadura semelha dũ iayã
  32. Ante dõ bel pelho se uay aparelhã
  33. E diz senhor nõ ualrredes hũ pã

---

<sup>488</sup>Cantiga de nº 1470.

<sup>489</sup> Nesta altura, consta a seguinte anotação: ‘*aquisse* começa a gesta *que* fez | Don Asfonso lopez a don | Meendo e a seus uassalos de mal dizer’.

34. Se os *que* sō ã basto sexiuos assy uã
35. Mays hidaeles caxeuos nō irã

### F308rC1

36. Achalos edes escarmētaran
37. Uyngada casa en*que* uos meiadã
38. Que digã todos *quantos* pognos ueirã
39. Que tal cãselho deu Johan de froya
40. Eoy
  
41. Don Affonsso lopez de bayã
  
42. Esto perdido chegou *pero* ferreira
43. Caualo brãco uermelho na peteira
44. Escu da colo *que* foy dũa masseyra
45. Sa lança torta dũ ramo de cerdeyra
46. Capelo de ferro oanassal na Trincheyra
47. E furaden cima da moleyra
48. Tragna osa e hũa geolheyra
49. Estrebeyrando uay de muy grã maneyra
50. E achou bel pelho estãden hũa eyra
51. E diz aqui estades ay uelho de matreyra
52. Venha pacha cho e dõ ro cabreyra
53. *Peradar* amĩ ade anteyra
54. Ca ia uos tarda essa gête da beyra
55. E moordome o sobrimho de cheira
56. E meen *sapero* e dõ martim de meyra
57. E lopo gato esse filho da freyra
58. Que nō a *antre* nos melhor lâça *por* peydeyra
59. E oy

### F308rC1

Affonsso Lopez de bayã<sup>490</sup>

1. En arouca hũa casa faria
2. Atantei grã sabor dea fazer
3. Que ia mays custa nō recearia
4. Nen ar daria rẽ por men auer
5. Ca ey pedrysos e pedra e cal
6. E desta casa nō mi mĩgua al

### F308rC2

7. Senõ madeyra noua *que* queria
  
8. E quẽ mha desse sêprelho *seruyria*
9. Cami faria hy muy grã praxer
10. De mi fazer madeyra noua auer

---

<sup>490</sup>Cantiga de n° 1471.

11. *Enque* Laurassunha peça do dia
12. E poys hir logo a casa madeira
13. E thelhala epoys *que* a telhar
14. E dormir ã ela de noyte de dia
  
15. E *meus* amigos por *santa* maria
16. Se madeyra noua podessauer
17. Loguesta casa hiria fazer
18. E cobrila e descobrila hya
19. E reuoluela se fosse mester
20. Esse mhami a Abadessa der
21. Madeyra noua estolhi faria

### **F308rC2**

Affonso Lopez de bayã<sup>491</sup>

1. De eu ora el Rey seus dio
2. Abel pelho que mostrasse
3. En Alardo caualeyros
4. E poy Ricomen ficasse
5. E pareceo o sarilho
6. Con ssa sela de badaria
7. *Qual* Ricomon tal uassalo
8. *Qual* concelho Tal campana

### **F308rC2**

Meen Rodriguiz Tenoyro<sup>492 493</sup>

1. Don esteuam achei noutre dia
2. Muy sanhudo de *pos* hun seu homir
3. E sol nõ lhi podum passo fogir
4. A quel seu home *depos que* el hya

### **F308vC1**

5. E filhoo hy pelo cabecon
6. E feriuo muy mal dun grã baston
7. Que na outra mao destra Tragia
  
8. E don esteuã assy dizia
9. A Nos quelho nõ leixassemos ferir
10. Mays *querouos* ora de scobrir
11. Comeste uilano migo uyuya
12. Mays era eu seu ca era el meu
13. E muytã daua maos en *pos* el en
14. Ca el *pos* mi *pero* ximel *queria*

---

<sup>491</sup>Cantiga sem número, pelo contexto percebe-se que não é uma continuação das cantigas 1471 e 1472 registradas no mesmo fólio, por isso, cantiga de 1471bis.

<sup>492</sup> A grafia do nome do trovador encontra-se registrada antes da cantiga de nº 1472.

<sup>493</sup>Cantiga de nº 1472.



15. E o vilão entõ respõdia
  16. Comagora podedes oyr
  17. Muy grã mal fazedes êcõssentir
  18. A estome torto *que* mi fazia
  19. Ca delo dia ã *queo* eu sey
  20. Senpre aagrã coita deãtelhãdey
  21. E el senpre deante me metia
- 
22. E ueedora por sancta maria
  23. Se ey poder de co el mays guarir
  24. Came nõ possun dia del partir
  25. Demi dar golpe de *que* morreria
  26. Dũ grã pao *que* achou nõ sey hu
  27. Feyra cõ el sol *qual* home desuya

### F308vC1

Ayras perez Vuytoz<sup>494 495</sup>

1. Dom esteuã eu eyri comi
2. En cas del Rey nõca uistes
3. E contareyuolo jantar aqui
4. Caxa home de falar hy sabor
5. Nen uirõ nunca ia outro tal pan
6. Os uossos olhos nõ ar ueeram

### F308vC2

7. outro Tal uynho qual eu hy beuy
  8. Nen uistes nõca se *deus* mi perdon
  9. Melhor iantar e cõtaruoloeu
  10. A dez *anos que* non uistes capõ
  11. Qual eu hy ouue nõ uistes a tal
  12. Lonbo de uinhe dalhos ede sal
  13. Qual mhami deu hy hũ de criaçon
- 
14. Nõ uistes nõca nulhome comer
  15. Comeu comi nõ uistes Tal iãtar
  16. Nõ uistes mays uicosome seer
  17. Do *que* eu seui en nõ hũ logar
  18. Ca amĩ nõ minguaaua nulha rã
  19. E mays uycosome de comer bẽ
  20. Nõ uistes nõ auedes de ueer

### F308vC2

Ayras perez Vuytoz<sup>496</sup>

---

<sup>494</sup> A grafia do nome do trovador encontra-se registrada antes da cantiga de nº 1473.

<sup>495</sup> Cantiga de nº 1473.

<sup>496</sup> Cantiga de nº 1474.

1. Dom esteuam tã de mal talam
2. Sodes *que* nã podeades de peyor
3. Que ia por home *que* uos faça amor
4. Sol nã catades Tal *preço* uos dam
5. E seruhauos home quãto poder
6. Seus desuya quam poucoxi quer
7. Hydes logome Trager come can

8. E tã mal dia uosco tãtãffan
9. E Tanta coita cõuoscaleuar
10. Poys nã auedes *por* honra catar
11. Mal seruiço faz homẽ uos de prã
12. Ca se auendela besta mester
13. Se uola home Toste nã Trouxer
14. Queredes home Traier come can

### F309rC1

15. E dõ esteuã poys sodes tã
16. Sanhudo *que* nã catades *por* quẽ
17. Uos faz *seruiço* poys vos sanha uẽ
18. Os *que* uos *seruẽ* nõuos *seruirã*
19. Ca seus sanha como sol *por* ser
20. Nã cataredes home nẽ molher
21. Que nõ *querades* Trager come cã

### F309rC1

Ayras perez Vuytoz<sup>497</sup>

1. Don Bernaldo por *que* nõ ãtãdedes
2. Camanhescarnho uos fazẽ aqui
3. Ca nunca mays escarnidome ui
4. Ca uos andades aqui hu uiuedes
5. Ca escanhe *pera* mui bõ segrel
6. Ao *quexassy* uã foder a molher
7. Como vos foden esta *que* Traiedes
  
8. E don Bernaldo seo nõ sabedes
9. Querouos ã dizer quãtãdoy
10. Molher Traiedes comeu aprendi
11. Queuos fodẽ ede *que* ficaredes
12. Cõ mal escarnho seus enprenhar
13. Dalgun rapaz euos depoy leixar
14. Filho doutro *que* *por* uosso criedes
  
15. Mays semelhaxe *que* uos vos nõ *querades*
16. Quexiuos foda a molher assy
17. Ca se nõ fugiriades daly

---

<sup>497</sup>Cantiga de n° 1475.

18. Duuola foden don Bernal e uedes
19. Nõ e *marauilha* dexiuos foder
20. A molher mays fodem uos do auer
21. Caxiuos fodẽ mal de quãtauedes

### F309rC2

Ayras perez Vuytoz<sup>498</sup>

1. Poys que dõ gomez cura *queria*
2. Con boas aues ãteprander mal
3. Ca bẽ cõ outras nõlhi de *deus* al
4. Erguestes coruos *per* que sel fia
5. E con qual coruel soubessey escolher
6. O leixesse mal andante seer
7. *Deus* ca depoyz em bẽ Tornaria
  
8. Comel sabe dagorria
9. Se ouesse bõ coruo carnacal
10. O cornelha ou *aguia* caudal
11. A tal qual xe dõ gomez
12. ley leixasse *deus* perder
13. A herdade o *corpe* o auer
14. Catadoxel depoyz cobriã
  
15. E poys sabel Toda legoria
16. Dagoyro *quando* dassa casa ssal
17. Se ouessel hũa cornelha Tal
18. Qual xa dom gomez cõssinaria
19. Cõ atal uissel a casa arder
20. E lhi leixasse *deus* morte *prender*
21. Sem *confissom* ca poys ssar poiria
  
22. E cõ bõ coruo fossel poys caer
23. Eno ficassẽ poder
24. Do diaboo capoyz sar poiria

### F309rC2

Ayras perez Vuytoz<sup>499 500</sup>

### F309vC1

1. A lealdade da bezerra *que*
2. Pela beira muyto anda
3. Bẽ *he que* a *nostra* denhamos
4. Poys *que* uolo papa manda

---

<sup>498</sup>Cantiga de nº 1476.

<sup>499</sup>Cantiga de nº 1477.

<sup>500</sup> Nesta altura, consta a seguinte anotação: ‘Esta *outra* cantiga e de maldizer | *Dos que* derõ os castelos come | Non deuiam al Rey don Affonso’.

5. Nõ Ten Sueyro bezeira
6. Que Torte en uender mõi santo
7. Ca diz *que* nõca *deus* diss
8. A san pedro mays de Tanto
9. Quẽ Tu legares en Terra
10. Erit ligatum ni celo
11. Porẽ diz ca nõ e Torto
12. De uender homo castelo
  
13. E porẽ diz *que* nõ ffez torto
14. O *que* uendeu marialua
15. Calhe diss oarcebispo
16. Hu uesso *per que* sse ssalua
17. Estote fortes ni bello
18. Et pugnate cõ serpente
19. Porẽ diz *que* nõ he Torto
20. Quẽ faz Tray cõ mête
  
21. O *que* uendeu leyrea
22. Muyto tẽ *que* fez dereyto
23. Ca ffez mandado do papa
24. E confirmoulho esleyto
25. Super istud caput meũ
26. Et super ista mea capa
27. Dade o castello ao conde
28. Poys uolo manda o papa
  
29. O *que* uẽdeu faria

### **F309vC2**

30. *Per* remiir *seus* pecados
31. Se mays Teuesse mays daria
32. E disserõ *dous* prelados
33. Tu antẽ *domine* dimitte
34. A *qual* *quesse* cofonde
35. Bẽ esmollou enssa uida
36. Quẽ deu Santarẽ ao Conde
  
37. Offereceu Martim diaz
38. Aa cruz *queoos* confonde
39. Couylhaã a pero diaz
40. Sortelha e disso Conde
41. Centuplũ accipiatis
42. De mano do padre sancto
43. Diz fernã diaz bẽmeste
44. *Por queo* feri mõi *santo*
  
45. Ofereceu trãcos ao Conde
46. Roy bezerro

47. falou êton don soeyro  
 48. *Per* sacar seu filho deiro  
 49. Non potest filia mea  
 50. Sine patre suo facere quidquam  
 51. Saluos son os Traydores  
 52. Poys ben ysopados ficam
53. O *queo* fereceu cintra  
 54. Fez come bõ caualeiro  
 55. E dissolhio legado  
 56. uesso do salteyro  
 57. Sagitte pontetis acute  
 58. E foy hy ben acordado  
 59. Melhor e de seer Traedor

### F310rC1

60. ca morrer escõmugado
61. E quando o comde a castelo  
 62. Chegou de celorico  
 63. Pachequêton o cuytelo  
 64. Tirou e disse lhũu *bispo*  
 65. Mitte gladium ã uagmã  
 66. Cõ el nõ uos en peescas  
 67. Diz pachezo alhurc onde  
 68. Peede huuuos digam crescas
69. Mal disse don ayras sogã  
 70. A hũa uelha noutro dia  
 71. Disselhi pero soarez  
 72. huu uesso per clerizia  
 73. Non uetala bõ batricõ  
 74. Scandit confusio ficum  
 75. Non foy Soeyro bezerra  
 76. Al cayre de Celorico
77. Saluos son os Traedores  
 78. *Quantos* os castellos derõ
79. Super ignẽ eternũu  
 80. Et diuinitatis opem  
 81. Saluo e quẽ Trae castelo  
 82. A *preyto queo* ysopen

### F310rC1

Ayras perez Vuytoz<sup>501</sup>

1. Don esteuan diz *que* de samor

---

<sup>501</sup>Cantiga de nº 1478.

2. A cõ el Rey e sey eu ca menti
3. Ca nunca uyu prazer poys foy aqui
4. O Conde nẽ ueera mêtrelí for

### F310rC2

5. E per quanteu de sa fazêda say
6. Porque nõ uêao reyno el Rey
7. Non uee cousa ondaia sabor
  
8. Cõ arte diz *que* nõ *quer* al Rey bẽ
9. Ca sey eu del ca ia nõ ueera
10. Nunca prazer seo cõde Reyna
11. Ca bẽ quite de uee nulha rẽ
12. Don esteuã ondaia grã prazer
13. Deste ia el bẽ quite de ueer
14. Mêtro cõdassy ouuer santarẽ
  
15. Por *que* uos diz el *que quer* al Rey mal
16. Ca ren nõ uee assy de mi pardon
17. Que el mays ameno seu coraçõ
18. Nẽ ueera nõca e direyuos al
19. Poys *quessagora* o Reyno partiu
20. Prazer poys nõca dõ esteuã uyu
21. Nen ueera iamays ã Portugal

### F310rC2

Ayras perez Vuytoz<sup>502</sup>

1. A Fernam diaz eaqui como uistes
2. E anda ã preyto desse casar
3. Mays non podõ casamẽto chegar
4. Dome o sey en *que* sabe come
5. E por auer casamenta la fe
6. Dome nõca uos tã grã coyta uistes
  
7. E porendanda uestide loucano
8. E diz *que* morre *por* outra molher
9. Mays este casamento *que* el *quer*
10. Dome o sey eu *que* lho nõ darã

### F310vC1

11. E pre este casamẽto el deprã
12. Dome atal coita nõca uiu *cristão*
  
13. Ca destorga ata san fagũdo
14. Dona *que* a de don fernando torto
15. Ca *por* outro casamẽto ãda morto

---

<sup>502</sup>Cantiga de n° 1479.

16. Domeo sey eu *queol* sabe ia
17. E se este casamêtel ñ a
18. Doma tal coyta nũca foy no mũdo

### F310vC1

Ayras perez Vuytoz<sup>503</sup>

1. Don fernando ueiouos andar ledó
2. Con deantanca *que uos* deu el Rey
3. Adeantado sodes eo sey
4. De sam fagundo edesturas douedo
5. E poys *uos deus* ora tanto bẽ fez
6. Punhade dir adeantunha uez
7. Ca atraaqui fostes sẽpra derredo
  
8. Ca fostes sempre deauanturado
9. Mays poys *uos* ora *deus* tanto bẽ deu
10. Don fernando cõsselharuos *quereu*
11. Nõ *uos* el Rey meteu ẽ tal poder
12. Sinher *queredemi* desto creer
13. A deantyde come adeantado
  
14. E poys sodes ora tã bõ andante
15. Bẽ ora dome do uosso logar
16. Dessolho mao de *uos* ar *quebrar*
17. E ñ andar comãdaua des ante
18. Ca *somos* oie ñ *seremos* cras
19. E poys punhastes sẽpra dir atras
20. A punhadagora dir adeante

### F310vC2

Ayras perez Vuytoz<sup>504</sup>

1. Ioham soarez *pero* uos teedes
2. Que Trobades eesta terra bẽ
3. Querouos ẽ cõselhar hunha rẽ
4. A qui fazedesso *que* en sabedes
5. Ca aqui teen uos por sabedor
6. De trobar mays nos Trobamos melhor
7. Ben entẽdemus comoo fazedes
  
8. E sseuos de trobar sabor auedes
9. A qui Trobade faredes hi sen
10. E no beote cabo sãtarã
11. Ca uossos iuyzes *que* nos *queredes*
12. Ca bẽ Trobamos descarnhe damor
13. Mays auedes de Trobar sabor
14. Martim aluele *aqui* cõ *que* trobedes

---

<sup>503</sup>Cantiga de n° 1480.

<sup>504</sup>Cantiga de n° 1481.

15. E por Trauar no *que* nã conhocedes
16. Non dariamus nos nada porẽ
17. Ca *uos* direy o*que* *uos* auen
18. E estes iuyres *que* uos dizedes
19. Cantar iulgamus de bõ Trobador
20. Mays cantar dama uẽ de tecedor
21. nũca iulgamos uolo saberedes

### F310vC2

Ayras perez Vuytoz<sup>505</sup>

1. Coyreola sodes a de antado
2. En cas de Rey doma*que* ssy fezer
3. e caeredes en este mester
4. Seme creuerdes *que* estaguysado
5. Se algũ home uirdes mal fazer
6. Non lho leixedes a uosso poder
7. Anteo uos faze danosso grado

### F311rC1

8. E sse souberdes hu cõtagẽ dado
9. Que *quer* alguen poder o*que* trazer
10. Sabedu e de quẽuolo disser
11. E lo guyde uosso passo calado
12. E non leixedes hi nada perder
13. Se nã a uos ca uosso poder
14. Ante uos hy ficade desbragado
  
15. E todauya seedacordado
16. Se algũ home peleiar *quiser*
17. Aqui cõ outrẽ seia cimo *quer*
18. *Aqui* punhadeu seer esforcado
19. E quẽ *qui* ser a peleia uoluer
20. Loguẽtrady ea uosso Poder
21. Vos sayden cõ o rostro bricado
  
22. E poys Todestouos eu ey cõselhado
23. Conselhous *que* Tragades molher
24. Destas daqui se peyor nã ueeyer
25. A *que* achardes hi mays de mercado
26. Esse tal molher poderdes Trager
27. Sera mui bẽ e punhadẽ poder
28. Ca per hy e uosso *preytacabado*

### F311rC1

Ayras perez Vuytoz<sup>506</sup>

---

<sup>505</sup>Cantiga de n° 1482.

<sup>506</sup>Cantiga de n° 1483.



1. Don Martim galo est acostumado
2. Delhi daren algo todos de grado
3. E dizem *que* he bẽ enpregado
4. Sol que podessẽ acalantalo
5. Ben merecaldo don martin galo
6. Quando quiser câtar por leixalo
  
7. Ben entendele coma *grauece*

### **F311rC2**

8. E por dar lhalgo nono gradece
9. Ca el tẽ *que* maylo merece
10. Ca o mereca senhor uassalo

### **F311rC2**

Ayras perez Vuytoz<sup>507</sup>

1. Ia hu sachou cõ Torpes*que* fezerõ
2. Muy bẽ de uestir elo golho derom
3. E el baratou mui bẽ esfilhado
4. Ja hu sachou cõ Torpes martĩ galo
5. Cao ueio uestide de caualo
  
6. Ia hu sachou cõ torpes na carreya
7. Cao ueiandar cõ capa ãdagueyra
8. Esse nõ dômao demo por uassalo
9. Ja hu sachou martin galo

### **F311rC2**

Ayras perez Vuytoz<sup>508</sup>

1. Iohã nicholas sõbe guarecer
2. Demortun homassy per sa razõ
3. Que foy iulgadaforo de leon
4. Que nõ deuya de mor tastorcer
5. E succurrensassy cõ esta lei
6. Que nõ deue iustiça fazer Rey
7. En home *que* na mão colher
  
8. E poys el uyu *que* deuya prander
9. Morta *quel* homassi disselhentõ
10. Pono *que* fez aleyue trayçon
11. E cousa ia per *que* deua morrer
12. Dizede vos se a terra leixar
13. Que me nõ achen hi a Justiçar

<sup>507</sup>Aqui começa outra cantiga, sem numeração, identificável apenas pelo contexto, por isso, também numerada como cantiga de nº 1483bis.

<sup>508</sup>Cantiga de nº 1484.

14. Se podera en mi Justiça fazer

### F311rC2

Ioham da Guylhades<sup>509 510</sup>

1. Ay dona fea fostesuos *queixar*

### F311vC1

2. Que *uos* nũca louuẽ meu cãtar
3. Mays ora quero fazer hũ cantar
4. En *que uos* loarey toda uya
5. E uedes comouos *quero* loar
6. Dona fea uelha e sandya
  
7. Dona fea se *deus* mi pardõ
8. Poys auedes tã grã coraçõ
9. Queuos enloe ã esta razõ
10. Vos quero ia loar toda uya
11. E uedes *qual* sera a loaçõ
12. Dona fea uelha e sandia
  
13. Dona fea nũca *uos* eu loey
14. En meu trobar pero muyto trobey
15. Mays ora ia hũ bõ cãtar farey
16. En*que uos* loarey toda uia
17. E direyuos comouos loarey
18. Dona fea velha e sandia

### F311vC1

Ioham da Guylhades<sup>511</sup>

1. Hun caualo nõ comeu
2. A sex meses nõ sergeu
3. Mays pougadeus *que* choueu
4. E creceu a erua
5. E per cabossy pareu
6. E iasse leua
  
7. Seu dono nõ lhi buscõ
8. Ceuada neno ferron
9. Maylo bõ tenpo tornou
10. E creceu a erua
11. E paceu e arcizon
12. e iasse leua

### F311vC2

---

<sup>509</sup> A grafia do nome do trovador encontra-se registrada antes da cantiga de nº 1485.

<sup>510</sup> Cantiga de nº 1485.

<sup>511</sup> Cantiga de nº 1487 (não há registro da cantiga de nº 1486).

13. Seu dono ñ lhy *quis* dar
14. Ceuada neno ferrar
15. Mays cabo dũ lamacal
16. Creceu a erua
17. E pareu e arrizon
18. E iasse leua

### F311vC2

Ioham da Guylhades<sup>512</sup>

1. Eluyra lopez *que* mal uos sabedes
2. Uos guardar sēpre daqueste peon
3. Que pouasa uos*que* a coraçõ
4. De pousar uos*que* uos ñõlhêrêdedes
5. Ey muy grã medo dexiuos colher
6. Algur senlheira e seus foder
7. O engano nũca lho *prouaredes*
  
8. O Peon sabe sēpra uos iazedes
9. E ñõ uos sabedes dele guardar
10. *Siquer* poedes cada logar
11. Uossa maeta e *quanto* traiedes
12. E dizedora se *deus* uos pardon
13. Se de noyte uos foder peon
14. Contra *qual* parte demãdaredes
  
15. Direyuos como ficaredes
16. deste peon *que* traiedes assy
17. Uosco pousanda *qui* etaly
18. E uos ia quãto *que* ar dormiredes
19. E o peon se coraçõ ouuer
20. De foder foderuos a se *quiser*
21. E nũca del o uossaueredes
  
22. Ca uos diredes fodeumo peon

### F312rC1

23. E el dira bona dona eu ñõ
24. e nulas prouas *quelhi* daredes

### F312rC1

Ioham da Guylhades<sup>513</sup>

1. Eluyra lopez aqui ñõtro dia
2. Se *deus* mi ualha *prende*u hũ caiõ
3. Deytou na casa sigo hun peon

---

<sup>512</sup>Cantiga de n° 1488.

<sup>513</sup>Cantiga de n° 1489.

4. Essa mueta e quãto tragia
5. Pos cabo dessy e adormeceu
6. E o peon leuãtousse fodeu
7. E nũca ar sõe de cõtrahu sua
  
8. Atelheu dixi *que* mal sã faria
9. *Quesse* nõ *queria* de la guardar
10. Sigo na casa o hya iehtar
11. E dixilheu quẽ tolhendauerria
12. Ca *uos* direy do peon como fez
13. Abriu a porta e fodeu hũa uez
14. Nũa soube del sabedoria
  
15. Mal sse guardou e *perdeu* quãtauya
16. Casse nõ sõba catiua guardar
17. Leixoo sigo na casa de albergar
18. E o peon fez *que* dormya
19. Eleuã touso peon Traedor
20. E comoxem de mal sabedor
21. foudeu a Toste foy logo ssa uya
  
22. E o Peon uiron ã satarẽ
23. E nõ sse nẽ *poren* rẽ
24. Mays leuo demo *quato* tragia

### F312rC1

Ioham da Guylhades<sup>514</sup>

1. Martin iograr *que* grã cõsa
2. Ja sempre cõ uosco pouasa

### F312rC2

3. Vossa molher
  
4. Vedes mandar morrẽdo
5. E nos iazedes fodendo
6. Vossa molher
  
7. Domeu mal nõ *uos* doedes
8. E morreu euos fodedes
9. Uossa molher

### F312rC2

Ioham da Guylhades<sup>515</sup>

1. Martin iograr ay dona maria
2. Jeytasse uosco ia cacadia

---

<sup>514</sup>Cantiga de n° 1490.

<sup>515</sup>Cantiga de n° 1491.

3. E lazeromeu mal
4. Andeu morrêde morrêdo seio
5. E el tẽ sêpro cono sobeio
6. E lazeromeu mal
7. Damha lazeira pouco se sente
8. fodel bon come iaz caente
9. Elaxeromeu mal

### F312rC2

Ioham da Guylhades<sup>516</sup>

1. Pardeus infançõ *queredes perder*
2. A terra poys nõ temedes el Rey
3. Ca ia britades seu degre de sey
4. Quelho faremus mui cedo saber
5. Cauos mandaron a capa de pram
6. Trager dous a uos eprouaruos an
7. Queuola uirõ Tres auos Trager
8. E prouaruos a das carnes quẽ *quer*
9. Que duas carnes uos mandam comer
10. E non *queredes* uos dunha cozer

### F312vC1

11. E no de *quãdo* nõ aia mester
12. Nẽ ia da capa nõ ey a falar
13. Ca bẽ Tres auos a uymos andar
14. No uosso cole deue ssa molher
15. E fara el Rey corte este mes
16. E mãdam uos in façõ chamar
17. E uos *queredes* a capa leuar
18. E prouarã uos *pero que* uos pes
19. Da uossa capa e de uosso guardar
20. Encas del Rey uos *prouaremos* nos
21. Que ã *quatranos* e passa a *per* tres

### F312vC1

Ioham da Guylhades<sup>517</sup>

1. Lourenço iograr as mui grã sabor
2. De citolares ar *queres* cantar
3. De sy ar filhaste loga Trobar
4. E teestora ia por trobador
5. E por todesto hunha rẽ ci direy

---

<sup>516</sup>Cantiga de n° 1492.

<sup>517</sup>Cantiga de n° 1493.

6. *Deus* me confonda se oieu hy sey
7. Destes maestros qual fazes melhor
  
8. Iohã *garcia* soosabedor
9. *Demeus* mesteres se *por* deãtar
10. E uos andades *por* mhos desloar
11. *Pero* nõ sodes tã desloador
12. *Que* cõ uerdade possades dizer
13. *Que meus* mesteres
14. Nõ sey bẽ fazer
15. Mays uos nõ sodes hi conhocedor
  
16. Lourenço ueio tagora *queixar*
17. Pola uerdade *que quero* dizer
18. Metesme ia *por* de mal conhocer

### F312vC2

19. Mays eu nõ *quero* tigo peleiar
20. E *teus* mesteres conhocertos ei
21. Edos mesteres uerdade direy
22. Esse *que* foy cõ os lobos arar
  
23. Iohã *garcia* no uosso trobar
24. Acharedes muyto *que* correger
25. E leixade mi *que* sei bẽ fazer
26. Estes mestres *que* fuy comecar
27. Ca no uosso trobar seymeu come
28. Mays *que nos meus* ẽ *que* mides trauar
  
29. Ves Lorẽcora massanharey
30. Poys mal i ẽtenças e todo farey
31. O çitolon na cabeça *quebrar*
  
32. Iohã *garcia* sedeus mi *perdon*
33. Mui *gram* uerdade digueu na tẽçõ
34. E uos fazedo *que* uos semelhar

### F312vC2

Ioham da Guylhades<sup>518</sup>

1. Muyto te ueio Lourẽço *queixar*
2. Pola ceuada epolo beuer
3. *Que* to nõ mando dar a teu prazer
4. Mays ento *quero* fazer melhorar
5. Poys quetagora citolar oy cãtar
6. Mando *que* to dẽ assy
7. Bẽ como o tu sabes merecer

---

<sup>518</sup>Cantiga de n° 1494.

8. Iohã *garcia* seus en pesar
9. De *queme queixon* uosso poder
10. O melhor *que* podedes hy fazer

### F313rC1

11. Nõ mi mãdedes a cevada dar
12. Mal neno uinho *que* mi nõ dã hy
13. Tã bẽ comeu sempre mereci
14. Cauos seria *grave* de fazer
  
15. Lourenço amĩgraue nõ sera
16. De te pagar tanto *que* mi *quiser*
17. Poys ante mi fezisti teu mester
18. Mui bẽ entendo ebẽ veio ia
19. Comote pague logoo mandarey
20. Pagar a grã uilano *que* ey
21. Se hũ bõ pao na mão teuer
  
22. Iohã *garcia* tal paga achara
23. Enuozo *iograr quãdo* uos ueher
24. Mays outra *que* mester fezer
25. *Que que* men entenda mui bẽ fara
26. *Que* panos ou algo *merecerey*
27. E paga doutro *iogar qualquer*
  
28. Poys lourẽço calatẽ calarmey
29. E toda uya tigo mho *auerey*
30. E do meu filha *quãto* chimeu der
  
31. Iohã *garcia* nõuos filharey
32. Algue mui bẽ uos *citolarei*
33. E conhosco mui bẽ *trobar*
34. Chufar don Lourenço *chufar*

### F313rC1

Ioham da Guylhades<sup>519</sup>

1. Lourenço poys te *quytas* de rascar
2. E *desẽparas* o teu çitolo in

### F313rC2

3. Rogo te *que* nõca digas meu sõ
4. E iamays nõca mi faras pesar
5. Ca per *trobar queres* ia *guarecer*
6. E farás mora *deseios* perder
7. Do Trobador *que* *trobou* do iuncal

---

<sup>519</sup>Cantiga de n° 1495.

8. Ora cuydeu trobar e dormir
9. *Que* perdi sempre casa *que* te ui
10. Rascar no çepe tanger
11. E nõ dormir mays poilo *queres* ia de ti partir
12. Poys guarecer per Trobar
13. Lourẽco nõca iras a *lograr*
14. Hu tu nõ fças a gêtes riir
  
15. E ue Lorẽco *sedeus* mi pardon
16. Poys *que* mi tolhes do çepe pauor
17. E de câtar farey<sup>teu</sup> *sempre* mor
18. E tenho *que* farey mui grã razõ
19. E direy ti *qual* amor teu farey
20. Jamays nõca teu câtar oyrey
21. *Que* en nõ riia muy de coraçon
  
22. Ca ues Lourẽço muyto mal aprendy
23. Doteu rascar edo cepe de ti
24. Mays poys tẽ *quitas* tudo ti *perdon*

### F313rC2

Ioham da Guylhades<sup>520</sup>

1. Ora quer Lorẽco guarir
2. Poys quesse quyta de rascar
3. E ia guariria a meu cuydar
4. Se ora ouesse *que* uestir
5. E ia nullome nõ sse tẽ por deuedor deo ferir

### F313vC1

6. Essesse quysesse partir
7. Comosse partiu do rascar
8. Dũ pouco *que* a de trobar
9. Poderia mui bẽ sayr
10. De todo *porssse* *quitar* en
11. Ou nono feirã *poren* os *queo* nõ *queren* oyr
  
12. E seria conhocedor
13. Desseu trobar *por* nõ fazer
14. Os outros errados seer
15. E el guarria mui melhor
16. Sen trobar e sã çitolon
17. Poys *perdeu* a uoz eo sõ
18. *Por que* o feria peyor

### F313vC1

Ioham da Guylhades<sup>521</sup>

---

<sup>520</sup>Cantiga de n° 1497 (não há o registro da cantiga de n° 1496).

<sup>521</sup>Cantiga de n° 1498.



1. Nunca tã grã torto ui
2. Comeu preudo dun Infançon
3. E quãtos ena terra son
4. Todolo teẽ por assy
5. O Infançon cada que quer
6. Vaysse deytar conssa molher
7. E nulha rẽ non da por mi

8. E ia me nũca temera
9. Ca sẽpre me teuẽdesdẽ
10. Desy ar *quer* assa molher bẽ
11. E ia sempy filhos fara
12. Si quer tres filhos *que* fiz hy
13. Filha os todos *perassy*
14. O demo leuo *que* menda

### F313vC2

15. En tã grã coita uyuo oieu
16. Que nõ poderia mayor
17. Uaysse deitar cõ mha senhor
18. E diz do leyto *que* e seu
19. E deytassa dormir en paz
20. Desy se filhou filha faz
21. Nono *quer* outorgar por meu

### F313vC2

Ioham da Guylhades<sup>522</sup>

1. Dona ouroana poys ia besta auedes
2. Outro cõselhar auedes mester
3. Vos sodes muy *fraquelinha* molher
4. E iamays Caualgar nõ podedes
5. Mays cada *que* quyserdes caualgar
6. Mandade sempre besta chegar
7. A hun caralho de que caualguedes

8. E cada *que* uos andardes sãlheira
9. Seuola besta mal ensselada andar
10. Guardadea dexiuos derramar
11. Ca pela besta sodes soldadeira
12. E par *deus graueuos* foy dauer
13. E punhade sempre guarecer
14. Ca em talho sodes de peydeyra

15. E nõ moredes muyto na rua
16. Este cõsselho filhade de mĩ
17. Ca perderedes logui o roçin

---

<sup>522</sup>Cantiga de n° 1499.

18. E nõ faredes hi uossa *prol* nõ huã
19. E mẽ trouuerdes a besta de prã
20. Cada hu fordes *todos uos* farã
21. onrra doutra puta fududancua

### F314rC1

22. Esse ficardes en besta mñar
23. E *uuos* cõselho senpra ficar
24. Ante cõ munacho nouo ca em mña

### F314rC1

Ioham da Guylhades<sup>523</sup>

1. A dõ foam *quer* eu grã mal
2. E quera ssa molher grã bẽ
3. Gram sazõ a que mestauem
4. E nõca hy ia farey al
5. Ca desquandeu sa molher ui
6. Se pudi sempre serui
7. E sempre ele busquey mal
  
8. Querome ia maenfestar
9. E pesara muytalguẽ
10. Mays se *quer que* moira *por* em
11. Dizer *quereu* do mao mal
12. E bẽ *daquem* mui boã for
13. Qual no a no mũdo melhor
14. Quero ia maenfestar
  
15. De parecer e de saber
16. E de boãs manhas auer
17. Ela nona pode uençer
18. Dona no mũa meu cuydar
19. Ca ela fez nostro senhor
20. E el fez odemo mayor
21. E o demo o faz falar
  
22. E poys *ambos* a taes sõ
23. como eu tenho no coraçõ
24. os julga *qual que* pode ual

### F314rC2

Ioham da Guylhades<sup>524</sup>

1. Par *deus* Lourenco mui desaguysadas
2. Nouas oy agora qui dizer
3. Mhas tenções qui seram desfazer

---

<sup>523</sup>Cantiga de n° 1500.

<sup>524</sup>Cantiga de n° 1501.

4. E *que* ar fossê *per* ti anparadas
5. Joham soarez foy edilhassy
6. Que louueudo nas mays nũca *per* mi
7. Metreu uyuer seram amas loadas
  
8. Esse eu fosse hu *forom* escançadas
9. *Aquestas* nouas de *que* ti faley
10. Lourenco *gram* uerdade ti direy
11. Todalas nouas forã acaladas
12. Mays a mĩ eati poseu bẽ defender
13. Ca nũca eu donas mãdey teçer
14. Nẽ trobey nũca polos maladas
  
15. Cordas o cintas muytas ey eu dadas
16. Lourenca donas e elas a mĩ
17. Mays pero nũca cõ donas teçi
18. Nẽ trobey nũca *por* amas onrradas
19. Mays *que* me criarõ darlhis ey
20. *Sempren que* uyuã euestylas ey
21. Eserã donas demi sempramadas
  
22. Lourẽço dilhe *que* sẽpre trobey
23. *Por* boãs donas e sẽprestranhey
24. Os *que* trobauã *por* amas mamadas

### **F314rC2**

Ioham da Guylhades<sup>525</sup>

1. Don foam disse que partir *queria*
2. Quantolhi derom e o *que* auya

### **F314vC1**

3. E dixilheu *que* o bẽ conhoçia
4. Castanhas eixidas e uelhas *per* souto
  
5. E dissomel quãdo falaua migo
6. Aiudar *quero* senhor e amigo
7. E dixilheu esseo ueruantigo
8. Castanhas saydas
  
9. E dissomel estender *quereu* mão
10. E *querandar* ia custos e loucão
11. E dixillheu esso ay don foão
12. Castanhas saydas

### **F314vC1**

Ioham da Guylhades<sup>526</sup>

---

<sup>525</sup>Cantiga de n° 1502.

<sup>526</sup>Cantiga de n° 1503.

1. Oy eu estar noutro dia Infanções
2. Con hun rycome posfacãdo
3. De quen mal come
4. E dixe *que* os ouuya
5. Cada casa fauas lauam
  
6. Posfaçauã dũ escasso
7. foyos eu ascuytãdo
8. Eles *forom* posfacãdo
9. E diximeu passen passo
10. Cada casa
  
11. Posfacauã dencolheito
12. E de uil e de spantoso
13. E enssa tirã lixoso
14. E dizen entõ *dereyto*
15. Cada

### F314vC2

Fernã Velho<sup>527 528 529</sup>

1. Maria perez se maenfestou
2. Noutro dia
3. Ca por pecador se sētiu
4. E loga nostro senhor pormeteu
5. Polo mal en*que* andou
6. Que teuessun cleriga seu poder
7. Polos *pecados* quelhi faz fazer
8. O demo con *quexela* sēprandou
  
9. Maen festousse ca diz *quessachou*
10. Pecador muyte porē
11. Rogador foy loga*deus* ca te ue *por* melhor
12. De guardar a el cao *que* aguardou
13. E *mentre* uyua diz *que quer* teer
14. Hũ clérigo cõ *que* sse defender
15. Possa do demo *que* sē *preguardou*
  
16. E poys *que* bē *seus* *pacados* catou
17. Dessa mor touue ela grã pauor
18. E desmolnar ouuela grã sabor
19. E loguēton hũ clerigo filhou
20. Edeulha cama en*que* sol iazer
21. E diz *queo* terra *mentre* uyuer
22. E esta fara todo *por deus* filhou

<sup>527</sup> A grafia do nome do trovador está registrada antes da cantiga de nº 1504, após uma breve anotação.

<sup>528</sup> Cantiga de nº 1504.

<sup>529</sup> Nesta altura, consta a seguinte anotação: ‘ffernam uelho fez esta cantiga | Descanhe de mal dizer’.

23. E poys *quiseste preyto* começon
24. Anteles *ambos* ouue *grandamor*
25. Antrela *senpro* demo mayor

### F315rC1

26. Ata *que* sse balteyra *cõfessou*
27. Mays poys *que* uyo o clerigo caer
28. Antreles *ambos* ouuya *perder*
29. o demo *desquessela* *cõfessou*

### F315rC1

Vasco peres pardal<sup>530 531</sup>

1. Vedes agora *que* mal a uẽtura
2. De don fernando *que* nõ podauer
3. fisico *quelhora* possa tolher
4. Aqueste mal *que* a de caẽtura
5. *Pero* dizẽ os *fisicos* a tal
6. Queo *guarriã* mui bẽ deste mal
7. *Quenlho* corpo metessa uentura
  
8. E deste mal sempre mui coytado
9. E nõ *guarria* ca del *senõ* ouuer
10. Home *quelhi* de *quantolhe* mester
11. Mays *aquesto* tẽ el mui *desguysado*
12. Ca *pero* *muytos* *fisicos* a aqui
13. Se lho *corpo* nõ *auẽturam* hy
14. Nõ *guarra* ia ca *iaz* *desacordado*
  
15. E *pesamende* par *santa maria*
16. Deste seu mal *camĩ* dizẽ *que* nõ
17. Pode *guarir* sẽ *maestresunhõ*
18. O nõ *guarrisse* *maysuos* *endiria*
19. *Jalhi* non pode *nulha* rẽ *prestar*
20. *Selho* *maestre* non *aumentar*
21. O *corpo* *caxamui* grã *maloutia*

### F315rC1

Vasco peres pardal<sup>532</sup>

1. De qual engano *predemos*
2. Aqui nõ *sabel* *Rey* parte

### F315rC2

3. Como *leua* *quantaemos*

<sup>530</sup> A grafia do nome do trovador encontra-se registrada antes da cantiga de nº 1505.

<sup>531</sup> Cantiga de nº 1505.

<sup>532</sup> Cantiga de nº 1506.

4. De nos balteyra *per arte*
5. Ca xe mui mal engano
6. Se lhalguen ño da cõselho
7. O *que* tẽ colo mercado
8. Se lhi por el dam folhelho
  
9. Balteyra comouos digo
10. Nos engana todestano
11. E ño a mesura sigo
12. Mays par fe sen malengano
13. Non Teiria *porguysada*
14. Cousa se el Rey *quiseste*
15. De molher cono nen nada
16. Vender seo ño ouuesse
  
17. E ssomos mal enganados
18. Todos desta merchãdia
19. E nũca hymos uĩgados
20. Mays mande *santa maria*
21. *Que* prenda hy mal ioguete
22. o dambrõa *que* a fode
23. E ela por *que* promete
24. Cono poylo dar ño pode

### F315rC2

Vasco peres pardal<sup>533</sup>

1. Don anssur *per* qual seruiço fazedes
2. Al Rey *per* comeu ouço razoar
3. Nunca foy home de uosso logar
4. Que mays poiaste ca uos poiaredes
5. Ca poys el Rey o dereyto catar
6. Sey que uos non podedes eirar
7. Que a muytalto logar non poiedes

### F315vC1

8. Quyçay de poys uos ar baixaruos edes
9. Ca uymos melhores ca uos baixar
10. Mays huã uez *quer* uos el Rey alçar
11. Engram talho poylo *seruida* uedes
12. Mays quãto ouuerdes punhadeno dar
13. E sse desto ño *quiserdes* minguar
14. Poysuõs alçaren alcado seredes
  
15. E don anssur pola fe *que* deuedes
16. Poysuõs el Rey assy *quer* encimar
17. Como dizen se per uos ño ficar
18. Per uos ño fique e assy poiaredes

---

<sup>533</sup>Cantiga de nº 1507.

19. A mui grã talhu auedes destar
20. E se uos aly hunhades poiar
21. Nũca depouys malandante seredes

### F315vC1

Vasco peres pardal<sup>534</sup>

1. Senhor don Anssur se uos *querelou*
2. Por couces muytos *que* lhi for dar
3. Mays por *deus* mandadora iustiçar
4. Porendaquel *que* os couces leuou
5. Cao foy ferir hũ home mui uil
6. Mays por hun couce den ora aqui mil
7. A don anssur poys gram torto tomou
  
8. E ssenhor nũca don anssur cuydou
9. Seen do uos na terra eno logar
10. *Quel*hos couces nõ mandassen dobrar
11. Mays agora ia *quel*ho seelar
12. E uos mandadelhos mil couces dar
13. Ca bẽ os *aque* el os outros deu
14. Os alcaydes mays poys *que* uos achou

### F315vC2

15. Por *deus* mãdadagora uos porẽ
16. *Por* hũ couce *que* mil couces lhi dẽ
17. Poys don anssur *per* iustiça hy mĩgou
  
18. E ayras ueaz nono selou
19. E poysseu ueo *querelar* assy
20. Caes mil couces leuou ora daqui
21. Que diga poys cõmeu *dereyto* uou

### F315vC2

Vasco peres pardal, [Pedro Amigo de Sevilha]<sup>535</sup>

1. Pedramigo *quero* de uos saber
2. Hunha cousa *que* uos ora direy
3. E uenhouos preguntar por *que* sey
4. Que saberedes recado dizer
5. De balteyra *que* ueia *que* andar
6. E ueiolhi muytos esco mũgar
7. Dizede quenlhi deuyendo poder
  
8. Vaasco perez quãteu aprender
9. Pudi desto bẽ uolo cõtarey
10. Este poder ante tẽpo del rey

---

<sup>534</sup>Cantiga de n° 1508.

<sup>535</sup>Cantiga de n° 1509 (tenção).

11. Don fernando ialhi uyrõ auer
12. Mays nõ auya poder de soltar
13. Mays nõ auya poder de soltar
14. Mays foy poys hu patriarcha buscar
15. Fidescallola *quelhi* fez fazer
  
16. Pedramigo seymeu esto mui bẽ
17. *Que* balteyra nõca home soltou
18. E uilheu muytos *que* escõmũgou
19. *Que* lhi peycarõ grandalgo *por* en
20. Queos soltasse direyuos en al
21. Fidescallola nõ a poder tal

### F316rC1

22. Per *qual* soltergo seus presos *que* tẽ
  
23. Vaasco perez bẽ de meca uẽ
24. Este pode e poylo outorgou
25. O patriarcha desy malleuou
26. Sobressy quãtosse fez ã iaen
27. E en eixares husse fez muyto mal
28. Eporẽ mẽte escomunhõ qual xi *quer* meter
29. E *qual quer* saca en
  
30. Pedramigo estouos creo eu
31. Queo poder *que* deus en roma deu
32. Que o balteyra tal de meca tẽ
  
33. Vaasco perez axen meca sã poder
34. E o *que* deus en roma deu
35. Diz balteyra *que* todo nõ e rẽ

### F316rC1

Don Fernã *garcia* esgarauunha<sup>536 537 538</sup>

1. Nenguenmim *que* uistes mal doante
2. De mao mal on douuera morrer
3. En puga mano en el e caente o achey
4. Muyte mandeylhi fazer
5. Mui boa cama e adormeceu
6. E *espertousse* cobriusse peeu

### F316rC2

7. E or ia mays guarido se sête

<sup>536</sup> A grafia do nome do trovador entre a anotação e o início da cantiga de nº 1510.

<sup>537</sup> Cantiga de nº 1510.

<sup>538</sup> Nesta altura, consta a seguinte anotação: ‘Don Fernã *garcia* esgarauunha | fez estas cantigas descarnhe | De mal dizer’.



8. Acheyo eu iazer desacordado
9. *Que* ño cuydey *que* podesse guarir
10. E poys eu ui *que* era mal coyado
11. Mandeyo bẽ caentar e cobrir
12. E desquessel bẽ coberto sentiũ
13. Estornudou tres peydos e guariũ
14. Ja quãto mays e e mays arrizado
  
15. Achey eu mal doente hu iazia
16. Desacordado todo cõ o mal
17. E ño cuydaua *que* guareceria
18. Mays a mercee de *deus* quãto ual
19. *Que* hussa gẽte del desasperou
20. Feriu tres peydos e determinhou
21. E conheceu ca ia ño conhoçia
  
22. Deste mal ño cuydei *que* guarecesse
23. Pero mãeilhi fazer huã rẽ
24. *Que* aquel dia *per* rẽ ño comesse
25. Esse deytasse esse cobrisse bẽ
26. E el deytousse e cobriussenton
27. E peeu bẽ e ouue coracõ
28. Poys de beuer e dixeu *que* beuesse

### F316rC2

Don Fernã *garcia* esgarauunha<sup>539</sup>

1. Esta ama cuie ioham coelho
2. Per bõas manhas *que* soubapreder
3. Cada hu for achara bõ conselho
4. Ca sabe bẽ fiar e bẽ tecer
5. E talha mui bẽ bragas e camisa
6. E nũca uistes molher de ssa guysa

### F316vC1

7. *Que* mays limpha uida sabha fazer
  
8. Ante oie das molheres preçadas
9. *Que* nos sabemos en nosso logar
10. Ca lau abẽ e faz boãs *queyiadas*
11. E sabe bẽ moer ea massar
12. E sabe muyta de boã deiteyra
13. Esto ño digueu por bẽ *que* lhi *queyra*
14. Mays *porque* estassy a meu cuydar
  
15. Esseu marido de crastar uerrões
16. Nõ lhachã par de burgos a carrhõ

---

<sup>539</sup>Cantiga de n° 1511.

17. Nê ela deca par galiões
18. Fremosamêtassy *deus* mi pardon
19. Todesto faz e cata bẽ argueyro
20. E es câta bẽ *perolhe per* calheyro
21. Essabe muyta bõa escantaçon
  
22. Nõ acharedes en todo castela
23. *Graças a deus* de *que* mhagora praz
24. Melhor uentrulho nê melhor morçela
25. Do *que* a ama cõ ssa mão faz
26. E al faz bẽ como diz seu marido
27. Faz bõ souriçe laua bẽ transsido
28. E deyta bẽ galinha choca assaz

### F316vC1

Vasco gil, [Afonso X]<sup>540541542</sup>

1. Rey don Alfonso se *deus uos* pardõ
2. Destouos uenho preguntar

### F316vC2

3. Quer ora punhade demidar
4. Tal recado *que* seia cõ razõ
5. Quen da seu mãto *quelho* guardalguẽ
6. Elho nõ datal qual o deo porẽ
7. Que mãda o liuro de leon
  
8. Dõ vaasco eu fuy ia clerizõ
9. E degreda soya estudar
10. E nas escolas hu soya *entrar*
11. *Dos maestres* aprendi tal liçõ
12. Que mãto *doutrem* nõ filhe *per rẽ*
13. Mays seo meu melhor faço bẽ
14. E nõ soõ *por* aquesto ladron
  
15. Rey dõ Alfonsso ladrõ por atal
16. En nulha terra nõca chamar ui
17. Nê uos senhor nono oystes a mĩ
18. Ca seo dissesse diria mal
19. Ante tenho por traieydor
20. *Sedeus* mi ualha nõca ui melhor
21. Quẽ assy torna pena de çendal
  
22. Dõ vaasco dizeruos *quereu* al
23. *Daquesto preito que* eu aprendy
24. Oy dizer *que* traieytou assy

<sup>540</sup> A grafia do nome do trovador encontra-se entre a anotação e o início da cantiga de nº 1512.

<sup>541</sup> Cantiga de nº 1512 (tenção).

<sup>542</sup> Nesta altura, consta a seguinte anotação: ‘Vasco gil fez esta câtiga | Edescarnhe de mal dizer’.

25. Ja hũa uez hũ rey ẽ Portugal
26. ouue hũ dia de traieytar sabor
27. E por se meter por mays sabedor
28. Fez caualeyro do espital

### F316vC2

Pero mafaldo<sup>543544545</sup>

### F317rC1

1. Maria Peres ondeu mui coytado
2. Por uos de pram mays ca outra rẽ
3. E uos cuydades *que* ey de uos bẽ
4. Que eu nõ ey deuos mao pecado
5. Ca mi fazedes uos en guisa tal
6. Bẽ mha senhor *que* deploys emeu mal
7. E de tal bẽ nõ soo eu pagado
  
8. Dauer de uos bẽ
9. Andeu alongado
10. Pero punhades uos enmho fazer
11. Quanto podedes o uosso poder
12. De mays fostes ogana meu mãdado
13. *Por* mi fazerdes bẽ e amor
14. E cõ tal bẽ quallheu entõ senhor
15. ouui de uos mal dia eu fui nado
  
16. En hũa noyte o tiue chegado
  - a. Dissentõ comagora uos direy
17. Bõ gradadeus caia agora auerey
18. o ben *por que* andaua en cuydado
19. E uos enton guysastemho assy
20. *Que* mi ualuera muyto mays a mi
21. Jazer mortou seer enforcado
  
22. E sse muytaquesto mha de durar
23. Vosco senhor deuyama matar
24. Antou seer ao demẽcomẽdado

### F317rC2

Pero mafaldo<sup>546</sup>

1. Pero danbroa aueredes pesar
2. Do *que* uos ora *queremos* fazer
3. Os trobadores *queremos* poer
4. Que se nõ faça tão mal cãtar

<sup>543</sup> A grafia do nome do trovador encontra-se entre a anotação e o início da cantiga de nº 1513.

<sup>544</sup> Cantiga de nº 1513.

<sup>545</sup> Nesta altura, consta a seguinte anotação: ‘Pero Malfaldo fez estas câtigas | Descanhe de mal dizer’.

<sup>546</sup> Cantiga de nº 1514.

5. Nẽ ar chameuos *per* nẽ hũ amor
6. Quelhaiamos nullome trobador
7. Senõ *aquel que* souber trobar
  
8. E pesar a uos muyteu beno soy
9. Do *que uos* eu direy *per* boã fe
10. Polo uilano *que* uilão e
11. Pon ora assy ensseu degredel Rey
12. *Quesse* nõ chame fidalgo *per* ren
13. Se nõ os dentes lhi *quin* ten poren
14. E diz assyo escarmẽtarey
  
15. Ar pesarauolo *que uos* disser
16. Este pesar e pesar cõ razõ
17. Ca mãda el Rey *que* sse demandar dõ
18. O uilano ou sesse chamar segrel
19. E iograria nõ souber fazer
20. Quelhi nõ de home seu auer
21. Mays *quelhi* filhẽ todo quãtouuer

### F317rC2

Gil peres conde<sup>547 548</sup>

1. Jograr tres cousas auedes mester
2. *Pera* cãtar de*que* se paguẽ en
3. E doyre uoz e aprenderdes ben
4. Que de uosso nõ podedes auer

### F317vC1

5. Nẽ ãprestado nẽ endou poder
6. Nõ a de dar uolome nẽ molher
  
7. Se hũa destas nũca bõ segrel
8. Uymos en espanha nẽ dalhur nõ uẽ
9. Essen outras *que* a todos cõuen
10. Seer sã nois uos iograr traier
11. Nõ uos ueieste cõprar nẽ uẽder
12. Nono podome *peroxe* *quiser*
  
13. Buscade *per* hu como ou onde *quer*
14. Aiades este iograr se uos ten
15. Prol de trobar tem terriauos *por* seu
16. Furcar del *aquino* sabe fazer
17. Desto podedes guaanhar ou *perder*
18. Tãto *quexome* a uerdade souber

### F317vC1

<sup>547</sup> A grafia do nome do trovador está registrada antes da cantiga de nº 1515.

<sup>548</sup> Cantiga de nº 1515.

Gil peres conde<sup>549</sup>

1. Non trouxestes caualeyros aqui
2. Este rycome nũa na guerra
3. Que ora trage sũa doutra terra
4. Ca ia eu mêtēs meti
5. Nẽ *seus* numes nouos conhosco
6. Calhis dissera bũa dia uosco
7. Mays nẽ hũa eu nũa conhoci
  
8. Nẽ estas armas eu nũa lhas vi
9. Traier na guerra destes sinaes
10. *Que* ora trage nũa trouxe
11. Caes uosco na guerra quãdel Rey foy hy
12. Nũa outros *por que* as ar faria
13. Senũa qua elas ante tragia
14. E ia sobresto cũa muytos departi

### F317vC2

15. Nũa elentũa nũa pareçia assy
16. Na guerra cordo como parece
17. Ca nũa caualcada nũa en sandiçe
18. Nũa fezerom *enque* el non fosse
19. Eas lazeiras *per que* passaua
20. Andandalo tũa pouco daua
21. *Por* elas comese nũa fosse
  
22. Nũa custa nũa a reçeaua
23. Nũa perda nũa me dala hu andaua
24. Nũa de tal home falaroy

### F317vC2

Gil peres conde<sup>550</sup>

1. Tantas minguas acham a dũa foam
2. *Que* ialhas nũa cobrar poderam
3. *Pero quelhi* de todas cartas dam
4. Calhi uiron na guerra *perder*
5. Armas caualos uerdade de pram
6. *Que* ia el esto nũa el podauer
  
7. Mays como ou quẽ e o *que* podera
8. Cobralas mĩguas *qualhachã que* a
9. Preguntade quẽ *quer* uolo dira
10. Como *perdeu* na guerra *que* passou
11. Corpe amigos uerdade *que* ia
12. Nũa podauer el assisse parou

---

<sup>549</sup>Cantiga de nº 1516.

<sup>550</sup>Cantiga de nº 1517.

13. As sas mĩguas maas sō de pagar
14. Mays quẽ lhas poderia ia cobrar
15. Nō uolas *quero* de mays lōgi cōtar
16. Senō da guerra como perdeu hy
17. Senhor parêtes uerdade *quedar*

### F318rC1

18. Nō lhi podẽ esta nẽ ssy nẽ ssy

### F318rC1

Gil peres conde<sup>551</sup>

1. Poys cōta el Rey entodas sas frōteyras
2. Que nẽ en uy las nẽ ã carreyras
3. Que nō chamã galinhas na guerra
4. Ca diz *que* dizẽ as ueedeyras
5. Que sera perdimento da terra
  
6. A cōçelhos eu caualeyros
7. Mãda comer uacas e carneyros
8. Mays nō comhã galinhas na guerra
9. Ca diz *que* dizen os aguyreyros
10. Que sera perdimento da terra
  
11. Comhã porcos frescos e roncinhos
12. Cabritos cachaçe anssariōs
13. Mays nō comhã galinhas na guerra
14. Ca diz *que* lhi dizenos deuynhos
15. Que sera perdimẽto da terra

### F318rC1

Gil peres conde<sup>552</sup>

1. Mha senhor ia eu morrerey ã uosso seruisse porẽ
2. Mi nō e cō mha morte bẽ
3. Por *que* uos nō ficou demi filho
4. Por quantouos serui
5. Que mi criassedes porẽ
  
6. Sẽpreu mha mortadeuynhei
7. *Que* auya a morrer *por* uos
8. E a morrer auemos nos
9. Mays *por que* nō fiz
10. Emende mal

### F318rC2

---

<sup>551</sup>Cantiga de n° 1518.

<sup>552</sup>Cantiga de n° 1519.

11. Hũ filho uosso natal
12. *Que* achasse cõsselhẽuos
  
13. Filha *que* leixasso *que* ey
14. *Quiser* a meu senhor fazer
15. *Que* fosse uosse defender
16. Loyades *por* meu amor
17. Ca poys eu *por* uos morto for
18. *Que* bẽ mi podedes fazer

### F318rC2

Gil peres conde<sup>553</sup>

1. Quẽ nũca sal da pousada
2. *Pera* hyr en caualgada
3. E *quytam* come mesnada
4. Del Rey onde don fernando
5. Ay *deus* aquesta soldada selhar
6. Dam *por* aguylhando
  
7. Quẽ nõ tẽ *aqui* caualo
8. Nẽ alhur nẽ *quer* cõpralo
9. E *quitã* come uassalo
10. Del Rey e dõ fernando
11. Ay *deus* poys ma dã *quit*alo
12. Selha dã *por* aguylhando
  
13. Quẽ nũca trouxe sendeyro
14. Nẽ cõprou armas darmeyro
15. *Quitã* come caualeyro
16. Del Rey ou dedon fernando
17. Ay *deus* tanto bõ dinheyro
18. Selho dã *por* aguylando

### F318vC1

Gil peres conde<sup>554</sup>

1. Hun porteyra en cas del Rey
2. *Que* me conhece onde *quer*
3. *Que* meneia logome ser
4. Ou me diz nõ uos colherey
5. Senpre *por* uos esto farey
6. Cadaque mouerdes mester
  
7. Dizmel *por que* ximi *quer* bẽ
8. *Queredes* cõ el Rey falar
9. E nõ uos leixarey entrar

---

<sup>553</sup>Cantiga de n° 1520.

<sup>554</sup>Cantiga de n° 1521.

10. Como *quer que* mauenha en
11. Seus por meter algũa rẽ
12. Nõ uolo darey recador
  
13. Desde ssa guerra comecou
14. Por *que* seruistes al Rey hy
15. Nõ uos terra a porta assy
16. Comao *que* ora chegou
17. Pero mho Rey nõ mandou
18. Nõ entraredes ia ogy

### F318vC1

Gil peres conde<sup>555</sup>

1. Quytemha mi meu senhor
2. E de num bõ fiador
3. Por mha soldada
4. E hirey eu se el for naca ualgada
  
5. De mho *que* por el perdy
6. E hũ bõ penhor *aqui*
7. Por mha soldada
8. E hirey se el for hy
9. Na caualgada

### F318vC2

10. Sospeytamel e el en
11. Mays *entregue* mũ judea
12. Por mha soldada
13. Esse el for hirey eu
14. Na caualgada
  
15. Esse nõ ficar mey eu
16. Na mha pousada

### F318vC2

Gil peres conde<sup>556</sup>

1. Mentresta guerra foy assy
2. Maueo *que* sẽpre guari
3. Per perde caualo
4. Mays ou mays nõ sey *que* seia de mi
5. Senõ guarir *per* pe de boy
  
6. Quãtos perigos hy passey
7. Per pe de cauale scapey
8. *Que* nõ prix hy caiõ mays oy

---

<sup>555</sup>Cantiga de n° 1522.

<sup>556</sup>Cantiga de n° 1523.



9. Mays nõ sey eu *que* mi farey
10. Se nõ guarir *per* pe de boy
  
11. Por ualer mays e por auer
12. Cõsselhouui de guarecer
13. Per pe de caualo mays oy
14. Mays nõ sey *aqui* mha fazer
15. Senõ guarir per pe de boy
  
16. Laurar lazerar euyuer
17. oy mays guarir *per* pe de boy

### **F319rC1**

Gil peres conde<sup>557</sup>

1. Os uossos mil marauedis senhor
2. *Que* eu nõ ouui *que* serui melhor
3. ou tã bẽ come outra *que* os dã
4. Eyos dauer *ẽquãteu* uyuo for
5. Ou a mha mortou *quãdo* mhos daram
  
6. A uossa mha soldada senhor Rey
7. *Que* eu serui e serue *seruirey*
8. Comoutro *conuẽ quer aqui* a dã bẽ
9. E ya dauer *enquanto* uyuer ey
10. ou a mha mortou *que* farã ẽ
  
11. Os uossos *meus* dinheiros senhor nõ
12. Pudeu auer *pero* seruidos sõ
13. Come outros *que* ande servir
14. Ey os dauer *mentreu* uiuer ou põ
15. Mhos a mha mortou *aque* os uou pedir
  
16. Ca passou tẽpe trastẽpad<sup>os</sup> son
17. ouue auedia *equeromen* partir

### **F319rC1**

Gil peres conde<sup>558</sup>

1. Non e amor *ẽcas* de Rey
2. Cao nõ pod<sup>o</sup> mi achar
3. Aa cea nen ao iantar
4. Aestas oras *obusquei*
5. Nas pousadas *dos* priuados
6. Pregũtey a *seos* prelados
7. Por amor enono achey

### **F319rC2**

---

<sup>557</sup>Cantiga de n° 1524.

<sup>558</sup>Cantiga de n° 1525 (sirventês moral).

8. Teen *que* o ño sabel Rey
9. Que amor aqui ño chegou
10. Que tantogano del leouo
11. E ño ueno neno busquey
12. Nas tendas dos ãfanções
13. E nas dos de criações
14. E dizẽ todos ño sey

15. Perdude o amor cõ el Rey
16. *Por que* nũca en oste uẽ
17. *Per os* xe del algo tẽ
18. Direyuos eu hu o busquey
19. Antestes freyres tẽporyros
20. Ca ia os espitaleiros
21. *Por amor* ño pregũtarey

### **F319rC2**

Gil peres conde<sup>559</sup>

1. Quẽ me podia defender
2. se ño *deus* dun peleiador
3. *Porque* me faz departidor
4. E dizmi ao *que* ey dizer
5. Dizedes neciidade
6. Todesto lhey eu a sofrer
7. E ay *deus* del me guardade *aquina* pousada
  
8. E tã louco *que* tal mi dey
9. *Que* me sacara de meu sã
10. E *que* ueremos a mays en
11. Ante melhi calarey
12. Ca se mal cõtecesse
13. De *que* me lheu bẽ guardarey
14. *Que* lheu esto ño sofresse

### **F319vC1**

15. Darmia grã punhada
  
16. Quãdora diz *que* me ferra
17. *Por que* faley en portugal
18. Oudemi son *natural*
19. Seme *por* esto ferir a
20. oie fosseu ferido
21. *Por que* perdesse medoia
22. *Que* fosse del partido toda esta andada
  
23. Morto sera quẽ maiudar

---

<sup>559</sup>Cantiga de n° 1526.

24. Ca el de tal coracõ e
25. *Que* de caualo *que* depe
26. Casse *querra* migo matar
27. E ia eu lhi fogiria
28. Mays ey medo de macalcar
29. E acalcarssem ia traga besta cãssada
  
30. Se melhor *quiser* enparar
31. Mha fazenda teiria
32. *Per* hi peyor parada
33. Se o matou se me matar
34. De *qualquer* seria deventura mĩguada

### F319vC1

Gil peres conde<sup>560</sup>

1. Ja eu nõ ey por quẽ trobar
2. E ia nõ ey en coraçõ
3. Por *que* nõ ey ia quẽ amar
4. Porẽ mi mingua razõ
5. Ca mi filhou *deus* mha senhor
6. A *que* filhou odemo mayor
7. Quantas cousas que suas sõ

### F319vC2

8. Como lhoutra uez ia filhou
9. A cadeyra hu sua
10. o filhe *por que* mi filou
11. Boã senhor *que* auya
12. E diz el *que* nõ a molher
13. Sea nõ a *pera que quer*
14. Poys tanta boa Maria
  
15. *Deus* nũcamh ami nada dẽ
16. E tolheme bãa senhor
17. *Por* esto nõ creo em el eu
18. Nẽ me tenheu *por* pecador
19. Came fez mha senhor perder
20. Catade *quemi* foy fazer
21. Cõfiandeu no seu amor
  
22. Nũasse *deus* miguauẽiria
23. Se mi nõ der mha senhora
24. Mays como mho corregã
25. Destroyamãte comora
26. Home toda*queste* mal faz
27. E sodoma e gomorra

---

<sup>560</sup>Cantiga de n° 1527.

**F319vC2**Gil peres conde<sup>561</sup>

1. Aja fe *deus* senõ por uossa madre
2. A mui boã santa Maria
3. Fezerauos en pesar hu diria
4. Pola mha senhor *que* mi uos filastes
5. Que uissedes uos *que* mal baratastes
6. Ca nõ sey tã muyto de uosso padre

**F320rC1**

7. Por *que* uos eu a uos esto sofresse
8. Se nõ por ela se lhi nõ pesasse
9. Morrera eu se uos comomhasse
10. A mha senhor *que* mi uos tolestes
11. Se eu uossera *por que* me perdestes
12. Nõ *queriades que* eu mays ualesse
  
13. Dissedemhora *que* bẽ mi fezestes
14. *Por que* crea eu uos nẽ uos *seruha*
15. Senõ grã tortendoade soveruha
16. Comi ceedes mha senhora forcada
17. E nõca uos eu do uosso filhei nada
18. Des*que* fuy nado nẽ uos nõ mho destes
  
19. Fariameu o *que* uos fazedes
20. Lexar uelhas feas
21. Eas fremosas e mãçebas
22. filhalas *por* esposas
23. Quantas *queredes* uos tãtas filhadas
24. Ea mi nõcami nẽ hũa dades
25. Assy partides migo quãtauedes
  
26. Nẽ as *seruides* uos nenas loades
27. E uãsse uos*que* poyslas alo teedes
28. Vestidelas mui mal e governades
29. E metedes uolas tralas paredes

**F320rC1**Gil peres conde<sup>562</sup>

1. Quermhami hunha dona mal
2. Come se lhi quyssesseu bẽ
3. *Per que* ouuesse por mi mal
4. ou eu por ela algũ bẽ

**F320rC2**

---

<sup>561</sup>Cantiga de n° 1528.

<sup>562</sup>Cantiga de n° 1529.

5. Poys lheu ño *quero* mal ñe bẽ
6. *Porque* mha ela aquerrer mal
  
7. Colheu comigo desamor
8. Come solhouuessaamor eu
9. Por *que* ouuesse desamor
10. Dalguẽ por mi ou amor eu
11. Nona desamo ñe amo eu
12. Ela por che mha desamor

### F320vC1

Gil peres conde<sup>563</sup>

1. Dun home sey eu de mui bõ logar
2. Que filha sẽpre hu andar e aqui
3. Alga quẽ *quer* e ño pode per hy
4. Antanda muy mays uyçoso porẽ
5. Per lho nos ño teemos por bẽ
  
6. Eu uos direy del de *que* logar e
7. De mui melhor logar *que* infançõ
8. Ne ca ricome se mui poucos ño
9. Trauãlhi por algo *que* filhou
10. Asseus amigos ea todos pesou
11. Os *que* sabemos deque logar e
  
12. De melhor logar ño pode seer
13. Home do mũdo senõ for Rey
14. De todos logares *que* lheu sey
15. Por ã dizẽ *que* nũca mays ualrra
16. Home *que* filha sempre e *que* nõda
  
17. Ante cuydo *que* sẽpre deçera
18. Doutra e de bondade Dauer

### F320vC1

Gil peres conde<sup>564</sup>

1. Bẽ sabedes senhor Rey
2. Des *que* uy uosso uassallo

### F320vC2

3. Que sẽpre uos agaiardey
4. *Que* a pee *que* de cauallo
5. Sen uossauer e sse dona
6. Mays a tãto uos erey

---

<sup>563</sup>Cantiga de n° 1531.

<sup>564</sup>Cantiga de n° 1532.

7. Nõ foy uosco ã ora bõa
8. E ã terra de cãpou
9. Vos serui e en oliuedo
10. Assy fiz ãbadalhou
11. E outrossi ã toledo
12. Quãdi filhastes corõa
13. Mays atanto me mẽgou
14. Nõ fuy uosco ã ora boã
15. Fostes muy bẽ aguardado
16. De mĩ sãpre hu uos andastes
17. E nũca foy escusado
18. Nẽ uos nũca me escusastes
19. De *seruir per* mha pesõa
20. Mays ãcanto foy errado
21. Non fuy iusco ã ora bõa

### F320vC2

El Rey don denis<sup>565 566</sup>

1. Que melyon *garçia queixoso*
2. ou nõ faz come home deparate
3. Escontra duas meninas *que* traie
4. Contra *que* nõ cata bẽ nẽ fremoso
5. Calhas ueieu trager bẽ desãtano
6. Anbas uestidas de mui mao pano
7. Nũca mays feo ui nẽ mays lixoso

### F321rC1

8. Andan antel chorãdo mil negadas
9. *Por* muyto mal *que* ã cõ el leuado
10. El come home desmesurado
11. Contra elas *que* andam mui coytadas
12. Nõ catarẽ do *que* catar deuya
13. E poylas tẽ sigo noyte dia
14. Seu mal e Tragelas mal lazeradas
15. E poys el sa fazẽda tã mal cata
16. Contra elas *que* faz uyuer tal uyda
17. *Que* uẽ del nẽ doutrem nõ aguarida
18. Eu nõ lho tenho *por* bõa barata
19. Deas trager como traiẽ cõcelho
20. Chorosas emiguadas de cõsselho
21. Cadẽmo leua *pela quexilhen* ata

### F321rC1

<sup>565</sup> A grafia do nome do trovador está registrada antes da cantiga de nº 1533.

<sup>566</sup>Cantiga de nº 1533.

El Rey don denis<sup>567</sup>

1. Tante melyon pecador
2. E tãte fazedor de mal
3. E tante hũ home Infernal
4. Que eu soo bẽ sabedor
5. Quantoo mays posso seer
6. Que nũca podera ueer
7. A façe de *nostro* senhor
  
8. *Tantos* son os pecados seus
9. E tã muyte de mal talã
10. Que eu sũo certo de prã
11. *quantaqueste* amigos meos
12. Que *por quanto* mal ãela
13. Que ia mays nũca ueera
14. En nẽ hũ tẽpa face de *deus*

### F321rC2

15. El fez sempre mal e cuydou
16. E ia mays nũca feço bẽ
17. Eu soũ certo porẽ
18. Del *que* sempren mal andou
19. Que nũca ia poys assye
20. Pode ueer per bõa fe
21. A façe do *queuos* cõprou

### F321rC2

El Rey don denis<sup>568</sup>

1. Joham bolo Jouuen hunha pousada
2. Ben desogano *que* da era passou
3. Con medo do meyrinho *que* lhachou
4. Hunha mua *que* tragia negada
5. Pero diz el *que* se lhi for mester
6. Que prouara ante qual iuyz quer
7. Quea trouxe sempre des*que* foy nada
  
8. Esta mũa podel prouar
9. *Por* sua *quea* nõ poddo me dele leuar
10. Pelo *dereyto* sea nõ forçar
11. Ca morã bẽ cento *naquela* rua
12. *Per que* el podera prouar mui bẽ
13. Que *aquela* mua *que* ora tẽ
14. Que a teue sempre *mentre* foy mua
  
15. Nõnte perdera se ouer bõ vogado

---

<sup>567</sup>Cantiga de n° 1534.

<sup>568</sup>Cantiga de n° 1535.

16. Poys el pode *per* enquisas pōer
17. Comolha uyrō criar e trager
18. Encas sa madru goy el criado
19. E *prouara per* *maestre* Reynel
20. *Quelha* guardou bẽ dez meses
21. O bẽ douze da*quel* çerro *que* traginchado

### F321vC1

El Rey don denis<sup>569</sup>

1. De Joham bolandeu marauilhado
2. Hu foy sã siso dome tã pastor
3. Ele de ligeyro caualgador
4. Que tragia roçin bele loucano
5. E dissemora aqui hun seu vilão
6. Que oauya por mua canbhado
  
7. E deste cabho foy el enganado
8. Dir dar rocin feyte corredor
9. Por hũa muacha reuelador
10. Que nõ sey oiome *que* a tirasse
11. fora da uila *pero* o *prouasse*
12. Sexel nõ for nõ sera tã ousado
  
13. Mays nõ foy esto senõ seu pecado
14. Que el mereceu a *nostro* senhor
15. Hir seu rocim de *que* el grã sabor
16. Auya dar *por* mua mal manhada
17. Que nõ *queria* *pero* mha doada dessen
18. Nẽ andar dela en bargado
  
19. Melhor fora dar o roçin doãdo
20. Ca por tal muacha remusgador
21. *Quelhome* nõ guardara senõ for
22. El *quexa* uay ia *quanto* conhooçendo
23. Mays se el fica *per* quanteu êtendo
24. Sen caiõ dela estauenturado
  
25. Muy mays *queria* besta nõ auẽdo
26. Antyr de peça delencaualgado

### F321vC2

El Rey don denis<sup>570</sup>

1. Joham bolanda mal desbaratado
2. E anda triste faz muytaguisado
3. Ca perdeu *quanta*uya guaanhado
4. E o *quelhi* leixou a madre sua

---

<sup>569</sup>Cantiga de n° 1536.

<sup>570</sup>Cantiga de n° 1537.



5. Hun rapax *que* era seu criado
6. Levoulho roçin eleuoulha mua
  
7. Se el a muã *quisesse* leuar
8. A Iohã bolo o roçin leixar
9. Nõ lhi pesara tãta meu cuydar
10. Nẽ ar semelhara cousa tã crua
11. Mays o rapax *por* lhi fazer pesar
12. Levoulho roçin e leixoulha muã
  
13. A *quel* rapaz *quelho* rocin leuou
14. Selhi leuassa mua *quelhi* ficou
15. A Johã bolo comosse *queixou*
16. Nõ sse *queixar*andamdo pela rua
17. Mays o rapaz *por* mal *que* lhi cuydou
18. Levoulho rocin e leixou lha mua

### F321vC2

El Rey don denis<sup>571</sup>

1. Hu noutro dia don foam
2. Disse hunha cousa *que* eu sey
3. Andandaqui en cas del Rey
4. Bõa razõ mi deu de pram
5. Per*que* lhi trobasse nõ *quis*
6. E fiz mal per*queo* nõ fiz
  
7. Falou cõmigo o *que quis* falar
8. O cõ outros mui sã razõ
9. E do *que* nos hy dissentõ

### F322rC1

10. Bõa razõ mi par foy dar
11. Per *que* lhi *que* lhi troba
  
12. Aly hu comigo falou
13. Do casamento seu e dal
14. En*que* mi falou muyte mal
15. Que de razões hy monstrou
16. Per*que* hi trobasse
  
17. E ssẽpre meu mal acharey
18. *Por que* lheu entõ nõ trobey
  
19. Casse lhentõ trobaraaly
20. Vĩgarame do *que* lhoy

### F322rC1

---

<sup>571</sup>Cantiga de n° 1538.

El Rey don denis<sup>572</sup>

1. Hu noutro dia seue dõ foã
2. A mi começou gram noia crecer
3. De muytas cousas que lhoy dizer
4. Dissel irmey ca ia sse deitaram
5. E dixe uoia uentura aiades *porque uos hides*
6. E me leixades
  
7. E muytẽffadada de seu pallar
8. Seui grã peça semi uala *deus*
9. E *tosqueiauã* estes *olhos meus*
10. E quandel disse hirme *quereu* deytar
11. E dixe uoia uentura aiades
12. *Por que uos hydes* e me leixades
  
13. El seue muyte disse parfiou
14. Ea mĩ creceu grã uyo poren
15. E nõ soubel sexera mal se bẽ

#### F322rC2

16. E quandel disse ia meu deitar uou
17. E dixilheu bõa uentura aiades
18. *Por*

#### F322rC2

El Rey don denis<sup>573</sup>

1. Dissemoiun caualeyro
2. Que iazia feramente
3. Hun seu amigo doante
4. E buscaualhi Torbaga
5. E dixilheu seguramente
6. Comeo praga por praga
  
7. Que el muytas uezes disse
8. Per essa per *que* o come
9. Quantas en nõca dissomẽ
10. E o *que* disse beno paga
11. Ca come erã *que* a fome
12. Comeo praga *por* praga
  
13. Que el muytas uezes disse
14. E iaz ora o astroso
15. Mui doante mui noioso
16. E cõmedo *per* ssy caga
17. Ca come lobo ranhoso

---

<sup>572</sup>Cantiga de n° 1539.

<sup>573</sup>Cantiga de n° 1540.

18. Comeo praga *por* praga

**F322rC2**

El Rey don denis<sup>574</sup>

1. Muy melhor cameu gouerno
2. o *que* reuoluo caderno
3. Governa e dinuerno
4. ouestem bẽ de brou
5. E iaz e no inferno
6. O *que* o guaanhou

**F322vC1**

7. Andam o seu cõ medo
8. E malo despẽdẽdo
9. E baratas fazendo
10. Que el nũca cuydou
11. E iaz no fogardendo
12. *Queo* guaanhou
  
13. O *que* seu mal pecado
14. Foy e desbaratado
15. E anda en *guisado*
16. Quẽ sempro seu guardou
17. E iaz atormẽtado
18. *Queo* guaanhou

**F322vC1**

El Rey don denis<sup>575</sup>

1. *Deus* comora *perdeu* Johã symhon
2. Tres bestas nõ ui de mayor caion
3. Nẽ perdudas nũca tã sã rason
4. Ca teendoas sãas e uyuas
5. E bẽ sangradas cõ sazõ
6. Moyreronlhi toda cõ oliuas
  
7. *Desaque*l dia ã *que* naçi
8. Nũca bestas assy
9. *Perdudas* ui
10. Caas fez antel *sangrar* antessy
11. E *anteque* sayssem *daquel* mes
12. Per comeu a johã simhõ oy
13. Cõ oliuas morrerõ todas tres
  
14. Benas cuydara de morte guardar
15. Todas tres quãdoas fez *sangrar*

---

<sup>574</sup>Cantiga de n° 1541.

<sup>575</sup>Cantiga de n° 1542.

### F322vC2

16. Mays auyalhas o de maleuar
17. Poys se partal caiõ *perderõ*
18. E Johã simhõ *querssora* matar
19. *Por que* lhi cõ oliuas morreron

### F322vC2

Don Rui gomes de breteyros<sup>576 577 578</sup>

1. Joham fernandiz *quer* guerreyar
2. E nõ *quer* uinhas alheas talhar
3. Mays *quer* queymar
4. Ca lhi foy *queimar*
5. Ë sa natura ia hunha uegada
6. E nõ *quer* uinhas alheas talhar
7. *Pero* o tẽ a mays da sua talhada
  
8. Per todoutra guerra os *quer* coitar
9. E nõ *quer* uinhas alheas talhar
10. Mays *querlhela* malada es narigar
11. Pola sua *que* traies narigada
12. E nõ *quer* uinhas alheas talhar

### F322vC2

Don Rui gomes de breteyros<sup>579</sup>

1. Joham fernandiz aqui e chegado
2. Hun freire anda hun mouro buscãdo
3. E anda dele os sinaes dando
4. E diz *que* e cresse mal talado
5. E hideuos des *preyto*
6. Ca atal era o uossanazado
7. *Queuos* eu acheu babtizado

### F323rC1

Johã uaasquiz<sup>580 581</sup>

1. Direyuo ora *que* oy dizer
2. De maria leue assy aia bẽ
3. Pola manceba *que* se desauẽ
4. Dela epoyshaly nõ *quer* uyuer

---

<sup>576</sup> A grafia do nome do trovador encontra-se registrada entre uma breve anotação e o início da cantiga de nº 1543.

<sup>577</sup> Cantiga de nº 1543.

<sup>578</sup> Nesta altura, conta a seguinte anotação: ‘Don Roy gomez de breteyros / fez estas cantigas e sõ descanhe | de mal dizer’.

<sup>579</sup> Cantiga de nº 1544.

<sup>580</sup> A grafia do nome do trovador encontra-se registrada antes da cantiga de nº 1545.

<sup>581</sup> Cantiga de nº 1545.

5. E na moeda uelha uay morar
6. De na maria leue a seu pesar
  
7. Ca atal dona com ela guarir
8. Nõ podaly se mãceba nõ a
9. E uedes *que* oy *amigos* ia
10. Que poys *que* selha mãceba *quer* hyr
11. E na moeda uelha uay morar
  
12. Ca diz *que* morara aly mal e alhur
13. Poila manceba sigo nõ ouuer
14. E contra san *Martinho* morar *quer*
15. Pola mãceba *quexilhora* uay
16. E na moeda uelha uay
  
17. Ca nõ poda mãceba escusar
18. Se na moeda uelha nõ morar

### F323rC1

Johã uaasquiz<sup>582</sup>

1. O *que* ueer quyser ay caualeyro
2. Maria perez leue algũ dinheyro
3. Senõ nõ podera hi adubar prol
  
4. Quena ueer *quiser* ao serãõ
5. Maria perez leualguẽ mão
6. Senõ nõ poderia hy

### F323rC2

7. Todome *que* a hir *queyra* ueer suso
8. Maria perez leualgo de iuso
9. Senõ nõ

### F323rC2

Johã uaasquiz<sup>583</sup>

1. Bẽ vyu dona Maria
2. Leve *que* nõ tragia
3. Rẽ na mha esmolleyra
  
4. Quãdo me deostaua
5. Bẽ uyu ca nõ andaua
6. Rẽ na

### F323rC2

Johã uaasquiz<sup>584</sup>

---

<sup>582</sup>Cantiga de n° 1546.

<sup>583</sup>Cantiga de n° 1547.

1. Maria leue husse maenfestaua
2. Direyuos ora *que* confessaua
3. Soo velhay capelam
  
4. Nõ sey oyeu pecado burgesa
5. De mĩ mays vedelo *que* mi mays pesa
6. Soõ velhay
  
7. Senpreu pequay des*que* fuy fududa
8. Pero direyuos o *per que* perduda
9. Soõ uelhay capelom

### F323rC2

Johã uaasquiz<sup>585</sup>

1. Sancha perez leue uos bẽ *perecedes*
2. E *pero* eu sey *que* mi uos *queredes*
3. Nõximobrida o amor de Maria

### F323vC1

4. Bõ doayrauedes e mãsso falades
5. E *pero* eu sey *que* uos desamades
6. Nonximobrida o amo

### F323vC1

Johã uaasquiz, [Pedro Amigo de Sevilha]<sup>586</sup>

1. Ay Pedramigo uos *que* uos teedes
2. Por trobador agoro ouerey
3. E no *que* uos ora *preguntarey*
4. E no recado *que* mi tornaredes
5. Nos *que* auemos mui bõ Rey por senhor
6. E uolo alhu fazẽ enperador
7. Dizedemhora quanti entẽdedes
  
8. Johã vaasquiz poys me cometedes
9. Dyreyuos eu quanti entẽde sey
10. Poys nos auemos *aquel* melhor Rey
11. Que nõ mũa por *que* etẽdedes
12. Queo seu prez eo seu ualor
13. Todo uosseste poys ãperador for
14. O demo leuo *que* uos hi perdedes
  
15. Ay pedramigo eu nõ perderia
16. Enquãtel Rey podesse mays auer

---

<sup>584</sup>Cantiga de nº 1548.

<sup>585</sup>Cantiga de nº 1549.

<sup>586</sup>Cantiga de nº 1550 (tenção).

17. Enbõa tirã e en grã poder
18. Ca *quantel* mays ouuesse mays valrria
19. Mays perde o Reyne uos perdedes hi
20. Os *que* sã el ficaredes *aqui*
21. Poys *que* ssel for despanha sa vya
  
22. Iohã Vaasquiz eu bẽ cuydaria
23. *Que* o Reyno nõ a *por que* perder
24. Por el Rey nosso senhor mays valer

### F323vC2

25. Ca Rey mũde sesse uay sa uya
26. Ualrra el mays enos perely
27. De mays *quis deus que* tẽ seu filha*qui*
28. *Quesessel* for *aqui nos* leixaria
  
29. Ay Pedramigo poys uos ia uenci
30. Desta tençõ *que* uosco cometi
31. Nnũca ar miga filhedes *perfia*
  
32. Iohã uaasquiz sey *que* nõ e assy
33. Desta tençõ ca errastes uos hy
34. E dizen bẽ quanto dizerdeuia

### F323vC2

Johã uaasquiz, [João Airas de Santiago]<sup>587</sup>

1. Joanayras ora ueieu *que* a *deus*
2. Mui gram sabor *deus* destroyr
3. Poys uos tal cousa fostes cometer
4. *Que* de quãtas molheres nõ mũda
5. De todas uos grã mal fostes dizer
6. Catiue nõ soubestes entender
7. O mui grã mal *que* uos sempren ueyra
  
8. Iohã vaasquiz sãpre u direy ia
9. De molheres moyto mal hu as uir
10. Ca *por que* eu foy endũa *seruir*
11. Sãpre mi grã mal *quis*
12. E *querra* ia *por* grã bẽ *que* lheu sabia *querer*
13. Ca soussora *por* mi pesar fazer
14. Cõ *que* na nõca amou nõ amara
  
15. Iohãayras nõ Tenheu *por* razõ
16. Das molheres todas caerẽ mal
17. Porẽduã soo *que* auos fal

### F324rC1

---

<sup>587</sup>Cantiga de n° 1551 (tenção).

18. Ca deulo sabe *que* e sê razõ
19. Porêdauos hũa tolher osê
20. E dizerdes das outras mal poren
21. Errades uos assy *deus* mi pardon
  
22. Iohã uaasquis todas taes sõ
23. *Que* poys uirê *que* nõ amades al
24. Senõ elas logo uos farã tal
25. *Qual* fez amĩ hũa e todas sõ
26. Aleyuosas equẽ lhis desto bẽ disser
27. Atal prazer ueia daquẽ
28. Que mays amar no seo coracõ
  
29. Iohanayras vos perdestes o sê
30. Ca enas molheres semproue bẽ
31. E auera ia mays *pera* uos nõ
  
32. Iohã vaasquez nõ dizedes rê
33. Ca todos se *queixã* delas porê
34. Senõ uos *que* filhastes *por* en dõ

#### F324rC1

Nunes<sup>588 589</sup>

1. Hun Infacon ha cõuidado
2. Que seia seuiantar loado
3. Par mi mays eu nono ei guysado
4. E direy uos *per que* mhauẽ
5. Ca ia desantaney iurado
6. *Que* nũca diga de mal bẽ
  
7. Dissel poylo iãtar foy dado
8. Loadeste iantar onrrado
9. Dixeu fario de grado

#### F324rC2

10. Mays iurey ãtanẽ iaen
11. Na oste *quãdo* fuy cruzado
12. Que nũca diga

#### F324rC2

Fernã Soarez<sup>590</sup>

1. Ay amor amore de pero cantone
2. Que amor tã saboroso aseu tapone

<sup>588</sup> A grafia do nome do trovador encontra-se registrada antes da cantiga de nº 1552.

<sup>589</sup> Cantiga de nº 1552.

<sup>590</sup> Cantiga de nº 1553.



3. Que amor tã uyçoso e tã sao
4. Que no podesse teer ata o uerão
5. Mays ualiria *que* amor de chorrichão
6. Nê de martin gonçal uez zorzelhone
  
7. Que amor tã delgade tã frio
8. Mays nõ creio *que* dure ata o estio
9. Ca atal era outramor de meu cio
10. *Quesse* botou a pouca de sazone
11. Ay amor amore de pero cantone
  
12. Que amor tã pontoso se cuydades
13. Fazeruos a chorar seo gostades
14. E semelharuos a seo prouades
15. Amor dedon palayo de gordone
16. Ay amor amore de pero cantone
  
17. Que amor tã astroso e tã delgado
18. *Que* no teuessun anosoterrado
19. *Aquel* fora en bõ põta nado
20. Que de poys ouesse del bõa uẽcone
21. Ay amor
  
22. Que amor tã astrose tã pũgẽte
23. Que no podessauer en remordende

### F324vC1

24. Mays ualiria *que* amor dũ meu parête
25. Que mora muyta cerca de leone
26. Ay amor amore *pero* cantone

### F324vC1

Fernã Soares de *Quinhones*<sup>591 592</sup>

1. Don Gylhelme don adam
2. E dõ migueel cairico
3. Pela porta da igreja
4. Que sayu do quyço
5. *Irados* a el Rey
  
6. Eles nũca poys nacerã
7. *Foro* pegureiros
8. Mas *por* hũ home destorga
9. Que perdeu carneyros
10. *IRados* a el Rey
  
11. Deytou hũ frada pacer

<sup>591</sup> O nome do trovador encontra-se registrado antes da cantiga de n° 1554.

<sup>592</sup> Cantiga de n° 1554.

12. Sas bestas *que comprara*
13. E por *que* as non achou
14. Aly hu as deytou
15. Rado

### F324vC1

Fernã Soares de *Quinhones*<sup>593</sup>

1. Lopanaya nõ se uaya
2. Ca senhor sessora vay
3. Elhi frorecer a faya
4. A alguen iogara lay
  
5. Selhi froreço bastage
6. Meu senhor seede sage
7. Que *prendades* dele gage

### F324vC2

8. Ca sessora daqui uay
9. Bẽ fara tã grã domage
10. Come fernande Romayllopanaya
  
11. Se el algur acha freyras
12. ou casadas ou solteyras
13. Filhaxas pelas carreyras
14. Esse *queren* dizer ay
15. Ata lhis faz as olheiras
16. Bẽ come pres de câbray
17. Lopanaya
  
18. Nõsse uaya de seuilha
19. Ca sera grã marauylha
20. Quãtchar seo nõ filha
21. Caassy fez seu pay
22. Ca ia nõ hũ boy nõ trilha
23. En *oscõs* esto ben say
24. Lopanaya

### F324vC2

Fernã Soares de *Quinhones*<sup>594</sup>

1. Contaruos ey costumes e feyturas dũ caualo
2. Que Traiun Infancõ
3. A pees moles e as sedas duras
4. E temo freo e sporas nõ
5. E uelho sesgo nas aguyiaduras
6. E nõ ãcalcaria hun leytõ

---

<sup>593</sup>Cantiga de n° 1555.

<sup>594</sup>Cantiga de n° 1556.

7. E en calearia mil ferraduras
8. De dia enpeca bẽ coma escura
9. Nõ saluãtergo su o bardon
10. Nõ corre senõ pelas mataduras
11. Nẽ traz caal se enas unhas nõ

### F325rC1

12. hu trage mays de cẽ cãterlladuras
13. e as sas reẽs sẽpre magra sõ
14. mays nas *queixadas* a fortes grossuras
  
15. E quãdo lhi deytã as armaduras
16. loguel faz cõtenẽte de foro
17. e sse move *tremenlhas* cõjũturas
18. come doente de longa sazõ
19. a muytespessas as aaugaduras
20. e husa mal se *nos* geolhos nõ
21. en *que* grandes esfoladuras
  
22. Nõ *vos* cãtarey mays en ssas feyturas
23. Mays comeu cro no meu coraçõ
24. Quẽxẽ *gram* gueyra andassa loucas
25. En feuzã daqueste caualo
26. Falacerlhia el nas *queixaduras*
27. E enã paz nõ ar sey eu cochõ
28. Queo *quisesse* traier nas esturas

### F325rC1

Fernã Soares de Quinhones<sup>595</sup>

1. Rey *Judeorum* jhesu Nazareno
2. En*que* grã coytandamus polo leno
3. Ja mays nũca *quedamos* andando uyas
4. Por ãpara comendas ebẽfeytorias
5. Pero *senos* conuydã alguus diaz
6. Nõ uos dam senõ leyta pã e cẽteno
  
7. Nũca ueemos donas nẽ catamos
8. E *himos* antalcaydes euzeyamos
9. Por cõpoer *riquezas* enõ pẽssamos
10. *Quan* pouco sarequeza logro cameno
11. Rey *Judeorum* Jhesu Nazareno

### F325rC2

Affonso meendes de Beesteiros<sup>596 597</sup>

---

<sup>595</sup>Cantiga de nº 1557.

<sup>596</sup> A grafia do nome do trovador encontra-se registrada antes da cantiga de nº 1558.

<sup>597</sup>Cantiga de nº 1558.

1. Don Foao *que* eu sey
2. Que a preco de liuão
3. Vedes *que* fez ena guerra
4. Daquesto soo certano
5. Sol *que* uyu os genetes come boy
6. Que fertauão
7. Sacudiusse reolueusse
8. Alcou rabe foy sa vya a Portugal

9. Dõ Foão *que* eu sey
10. Quẽ a prece de ligeyro
11. Vedes *que* feze na guerra
12. Daquesto sō uerdadeyro
13. Sol *que* uyu os genetes
14. Come bezerro tinireyro
15. Sacoudiusse reolueusse

16. Dõ foão *que* eu sey
17. Quea prez de liueldade
18. Vedes *que* fez naguerra
19. Sabedeo *por* uerdade
20. Sol *que* uyu os genetes
21. Come tã *que* sol de grade
22. Saco

### **F325rC2**

Affonso meendes de Beesteiros<sup>598</sup>

1. Ja lhi nũca pedirã o castelo dõ foam
2. Ca nõ tinha el de pã

### **F325vC1**

3. Se nõ quanto *queria*
4. E foyo uender de prã cõ minguas *que* auya
5. Porquelhides poer culpa nõ teer
6. Ca nõ tiinha *que* comer
7. Senõ *quanto* queria
8. E foyo enton vender
9. Cõ minguas *que* auya
10. Trauanlhy mui sã razõ
11. A home de tal coracõ
12. En fronteyra de Leon
13. Diz cõ aquẽ na terra
14. E foyo uender entõ
15. Cõ mĩguas *que* auya

---

<sup>598</sup>Cantiga de n° 1559.

16. Dirẽ *qual* hu el mays ual
17. Esto *que* diz ca nõ a al
18. Encabo de Portugal
19. Diz cõ *que* no teiria
20. E uendeo entõ mal cõ minguas *que* auya

### F325vC1

Affonso meendes de Beesteiros<sup>599</sup>

1. Oarrays de Roygarcia
2. Que ã leirea tragia
3. Desseynoo E poys veno outro dia
4. E enlinhoo
  
5. Nõuos foy el de mal sã
6. Seruyusse del mui bẽ
7. E desseynoo
8. E poys ueo a *sãctaren*
9. E enlinhoo

### F325vC2

10. Nõ uos foy del mui *mezquinho*
11. Per como diz *cogomõ*
12. Desseynoo
13. E poys morreu dõ *martinho*
14. Enli
  
15. Aindauos eu mays direy
16. *Per* quãteu del ueie sey
17. Dessey noo
18. E poys ueo acas del Rey
19. Enlinhoo

### F325vC2

Steuã faiã<sup>600 601 602</sup>

1. Fernã diaz fazẽ uos ãtender
2. Que casariades desta dona bẽ
3. E nos teemos *que* uos e mal sen
4. Per *quantesto que* uos quero dizer
5. Por *que* a dona e de terra tal
6. Dõ fernando *que per* bẽ nõ *per* mal
7. Nõ poderedes hy hu homauer

---

<sup>599</sup>Cantiga de nº 1560.

<sup>600</sup> A grafia do nome do trovador encontra-se registrada na anotação que antecede a cantiga de nº 1561.

<sup>601</sup>Cantiga de nº 1561.

<sup>602</sup> Nesta altura, consta a seguinte anotação: ‘Stevã Faiã fez esta | cantiga descarnhe de mal dizer | E disassy’.

8. Ante faredes hi nosso prazer
9. Enqueredes cõ Tal dona casar
10. Fernã diaz ca e de logar
11. Que nõ podedes *per* nẽ hũ poder
12. Auer nullo me ca as gẽtes sã
13. De tal *natura* sedeus mi pardõ
14. Que nõ *querã* hi su uos guarecer

### F326rC1

15. Essey dõ fernãdo *per* quãtaprendi
16. Nõ poderedes esta dona auer
17. Ca seos *vassalos* comonço dizer
18. No *querẽ* homestranho sobressy
19. Ca dizẽ *que* sabedes lousinhar
20. Home deãte sabedes buscar
21. Grã mal de tras a *muytos* comoy

### F326rC1

Mee paez<sup>603 604 605</sup>

1. Dizeruos *quero* comoy chufar

### F331rC1

[Pero Garcia de Ambroa]<sup>606</sup>

1. Cauos nõ sedes damor tan forçado
2. como dizedes nen uos ar cõuendeo
3. seerdos nen ar e guisado
4. da*queste* *preyto* sair uos aben nẽno
5. quyrades uos muyto seguir
6. ca damar donas nẽ deas *seruir*
7. nõ saberedes uoiz hi dar rrecado
  
8. Mais daloedes en panos tomar
9. seuolos derem e en uos guardar
10. e en uendelos en *aquel* mercado

### F331rC1

[Pero Garcia de Ambroa, João Baveca]<sup>607</sup>

1. Ioham baueca fe *que* uos deuedes

<sup>603</sup> A grafia do nome do trovador encontra-se registrada na anotação que antecede uma cantiga incompleta e sem numeração.

<sup>604</sup> Aqui, consta a seguinte anotação: ‘Mêe paez fez estas cãtigas de mal dizer’.

<sup>605</sup> Como não há numeração este verso que provavelmente pertence a outra cantiga, numera-se como 1561bis.

<sup>606</sup> Cantiga de nº 1572.

<sup>607</sup> Cantiga de nº 1573 (tenção).

2. que me digades ora huna Rem  
3. que eu nem sey e ssegundo meu ssem  
4. tenheu de pram de nos *que* o ssabedes  
5. epor aquesto uos vin preguntar  
6. cantar damor de quen non sabam  
7. ar *que* me digades porque lho dizedes

8. Pero danbroa uos ã moyredes dizer  
9. cantar esto *creede* ben  
10. senõ diquestes bõos *que* uos fazedes  
11. Ante digo dos que faz *trobador*  
12. *que* troba bem e a coita damor  
13. e uos poresto ã me uos *queyxedes*

14. Ioham baueca Se uos ã qu  
15. os meus cantares dizer antal  
16. edirey uos ora comouos auen  
17. nũca poren *contra* mĩ per dizedes

### F331rC2

18. maislo *que* sabe molher bẽ *querer*  
19. bem quãto sabo de ler  
20. por namorado por *queo* metedes

21. Pero danbroauos mais podedes Saber  
22. demĩ do*que* uos ia dixem os cãtares  
23. *queeu* digo fez *que* agrandamor  
24. Mais pois sanha pendedes  
25. *aqui* ante todos leixeu ateçõ  
26. ca sse *quissessedeus* caber rrazõ  
27. digeu *uerdadẽ*esto ã duuidedes

### F331rC2

[Pero Garcia de Ambroa]<sup>608</sup>

1. Os beesteyros da*questa* fronteyra  
2. pero que cuydam quetiran muy bẽ  
3. *querolhis* eu consselhar hrmã Rem  
4. que ã tiran con Maria balteyra  
5. ca todos quãtos Ali tiram  
6. todos sse dela com mal partiron  
7. assy e Sabedor carteyra

8. Tirou ela cõu beesteyro  
9. destes del Rey *que* sabẽ bem tirar  
10. *eprimeira* uez polo estaẽ cantar  
11. leixousse hy logo *perder*  
12. i *dinheiro* e desy outre poses *quentado*

---

<sup>608</sup>Cantiga de n° 1574.

13. tirou conel eadel leuado
14. quanto tragia tẽno *bragueyro*
  
15. Os beesteyros das dous *queeyrees*
16. tirancon ela epose sinal
17. nẽ os *outros que* tirauam uy mal
18. ecirararam adous dos pepeões

### F331vC1

19. e forõ tirando obeuendo do vyõ
20. o beesteyro comora mininho nõ cãtou
21. quandossa chou uos colhões

### F331vC1

[Pero Garcia de Ambroa]<sup>609</sup>

1. De pero bõo andora espantado
2. de como era ualẽte ligeyro
3. e uiuedoiyre asaz earrizado
4. edisemhagora hũ ca ualeyro
5. *que* oleyxara eyra ao serãa
6. seer anta ssa porta guaride sãa
7. eã te luz acharõno peydeyro
  
8. E come traedor *aqueste* mũdo
9. emmaao *aquem* sse del muyto fia
10. Cade santiaga ta sã fagũdo
11. Mais mindoyro omẽ nõ auia
12. edizẽ todos *quem* no assi uisse
13. iazer pẽdo come sse dormisse
14. iadel mazela nõca *perderia*
  
15. Este era o mais arrizado
16. omede toda esta uossa terra
17. E uiueu *sẽpre* ã exequẽ guerra
18. Mais peeu ora eadeus Loado
19. dizẽ os omẽs edizẽ dereyto
20. *que* peeu bẽ pois peeu ã sseu leyto
21. *pero* nõ peeu bẽ maẽfestado
  
22. El peeu *quãdo* cãtauã os galos
23. epor ssa molher *que* y nõ chegaua
24. nõno ousaua chãger sseus uassalos
25. Mais um deles o *que* el mays amava

### F331vC2

26. *equ*e sempãte muyto bẽ fazya

---

<sup>609</sup>Cantiga de n° 1575.



27. jha sêtom ael chegar nõ podia
28. atã maldizia *que*cheyraua

### F331vC2

[Pero Garcia de Ambroa]<sup>610</sup>

1. Pedi eu o cono a hũa molher
2. e pediu mela cem soldos entõ
3. dixelheu logo muy sê razõ
4. medemãdades mays se uos prouger
5. fazedora e faredes melhor
6. uã soldada polo meu amor
7. ade parte ca nõ ey mays mester
  
8. Fazê soldada do ouro *que* ual
9. muy mays ca o uosso cono de prã
10. fazê soldada de *mel* de pã
11. fazê soldada da carne de sal
12. porê deuedes decono faz
13. soldada ca nõ a de falescer
14. sse retalhardes *quen* uos cõpro oal
  
15. E podedelo uêdereu o ssey
16. toda rretalho por *que* ssaberã
17. *que* rretalhades e cõprar uos am
18. todos del parte como eu coõprey
19. aïda uos dal farey muy melhor
20. sse doê biigo auedes ssabor
21. cõtra orrabo uolo ffilharey

### F331vC2

[Pero Garcia de Ambroa]<sup>611</sup>

1. Sabedes uos meestre ni colao
2. o*que* antano mĩ nõ guareceu
3. *aquel que* dizedes meester Mao

### F332rC1

4. uedes *que* fez per eruas *que* colheu
5. douiuo mort edo cordo sandeu
6. e faz ocega destrax pelo paao
  
7. E direyuos doutra *maestria*
8. *que* aprendeu oganê Monpiler
9. nõ nê ael honre con Malontya
10. de*que* nõ leue omais *que* poder
11. e diz amigo esto te mester

---

<sup>610</sup>Cantiga de n° 1576.

<sup>611</sup>Cantiga de n° 1577.

12. uêa damhalgo doi atercerdia
13. Ca bem ui eu ena ta catadura  
 14. *que* es doen *tequeria* guaryr  
 15. e *aqueste* mal *que* te tanto dura  
 16. ora co *quero* eu muy bẽ de partir  
 17. se dest enuerno mhas asayr  
 18. ia nom guarras meos da caentura
19. E outra rrẽ te direy meu Irmão  
 20. se meu consselho *quiseres* creer  
 21. ou se *quiseres que* em ty meta mão  
 22. dame quãtas e poderes *auer*  
 23. *caesque* eu enty mão meter  
 24. seras guarido quãdo fores são
25. E nõ sabemos delos tenpos dãnt  
 26. tã bõo *meester* pois *aqui* chegou  
 27. *que* tã ben leue seu *preçadeante*  
 28. *per* *Maestrias* grandes *que* husou  
 29. faz *que* nõ fal o *que* nũca falou  
 30. e faz de mando *que* se non levanteo

### F332rC2

[Pero Garcia de Ambroa]<sup>612</sup>

1. Mayor garcia estomizia  
 2. *daque* tãto guarda seu corpo de prã  
 3. *que* ia de noyte nũca ela mã  
 4. como os outros na sua pousada  
 5. E guardasse ia nũca tãto uy  
 6. ca hu mãoir nõ marra cras hi  
 7. desy denoyte nũca dorme nada
8. E cõ todo esto asy he custuyaada  
 9. *que* nõ pode home sabẽ seitulã  
 10. E ã mais de ce logares *auerã*  
 11. deytar mays pouco heysta ficada  
 12. E hu alberga *dereyno aqui* faz  
 13. nũca *ihamẽ* nõ hũu na casa ia  
 14. *queo* ame nõ cate huũ negada
15. E andasela tã des segurrada  
 16. come se nũca hy *prendese* afã  
 17. nõ estasy ca muytos ueu dirã  
 18. *que* bẽ Mil *uezes* metẽ  
 19. ciada Endna *podes* milhomẽ colhere  
 20. Ena mão seia nõ acha *iazer*  
 21. ou *quando* ste ou quãdohe leuatada

<sup>612</sup>Cantiga de n° 1578.

22. du apodera homẽ achar
23. sse nõ quando se *quiser* leuãtar
24. Eu Aose raa ou aa madrugada

### F332vC1

Afonso do coton<sup>613 614</sup>

1. Abadessa oy dizer
2. *que* erades muy Sabedor
3. detodo bẽ e por amor
4. dedeus *quer* edeuos doer
5. demĩ *que* de ogano casey
6. *que* ben uos juro *que* nõ ssey
7. Mais *que* hũu asno de foder
  
8. Came fazem en Sabedor
9. deuos *que* auedes bom sem
10. deffoder e de todo bem
11. enssinademe mais *Senor*
12. como fodacao nõ Sey
13. nẽ padre nẽ madre nõ ey
14. *que* menssyne effiqueypastor
  
15. Esse eu en Sinado uou
16. desi uos senhor deste mester
17. deffoder effoder souber
18. per uos *que* me *deus* aparou
19. cada *que* per ffodes direy
20. *pater noster* e ãmẽtarey
21. aalma de quẽ mẽ ssynou
  
22. E per y podedes gaar
23. mha senhor o Rey no de *deus*
24. per en ssynar os pobres Meus
25. e per enssinar amolher
26. coitada *que* auoz ueer
27. Senõ *que* nõ ssouber anbrar

### F332vC2

Afonso do coton<sup>615</sup>

1. Foy dom ffagundo huĩ dia
2. cõ uidar dous caualeiros
3. pera seu iãtar
4. effoy con elles ssa uaca ençetar
5. e a uaca morreuxe loguẽton
6. edom ffagũdo *quer* ssora matar

<sup>613</sup> A grafia do nome do trovador encontra-se registrada antes da cantiga de nº 1579.

<sup>614</sup> Cantiga de nº 1579.

<sup>615</sup> Cantiga de nº 1580.

7. por *que* matou ssa uaca o caiõ
8. Quãdela uaca auẽ ssy mortachou lo
9. gui stando Milueres jurou
10. *que* nõ morreu por quãtendel talhou
11. ergas sse foy no coytelo poço
12. e dõ fflagundo tedosse messou
13. por *que* mãtou saa uaca
14. Quiseraxel da uaca despẽder
15. tãta *per que* nõ leyxassa *pacer*
16. casse el cuidasse ssauaca *perdey*
17. antexedera assy no edon fflagũdo
18. *quer* pra morrer
19. *por que* matou ssa uaca a queyrõ

### F332vC2

Afonso do coton<sup>616</sup>

1. Ueero magora dizer
2. dũa molher *que quero* bem
3. *queera prenhe* e iacreer
4. nõ lho quingeu per nulha irẽ
5. pero dixeu sse esta ssy
6. oy mays nõ criades *permini*
7. Seanõ enprehou Alguẽ
8. E digouos *que* me grãmal
9. daquesto *que* lhy conteceu

### F333rC1

10. cassõ eu corde leal
11. pero me dã prez de Sandeu
12. Maus uedes deque ey pesar
13. daquel *que* a ffoy enprehar
14. deque cuidã *quexa* ffodeu
15. Pero jurouos *que* nõ sey
16. bem este foro de leõ
17. ca pouca *que aqui* cheguey
18. Mais direyuos hũa rrazõ
19. emha terra per boa fe
20. a todamo lher *que prenhe*
21. lego lhi dizẽ cõ barõ

### F333rC1

Afonso do coton<sup>617</sup>

---

<sup>616</sup>Cantiga de n° 1581.

<sup>617</sup>Cantiga de n° 1582.

1. Fernã gil am *aqui* ameacado
2. duũ sseu rrapaz edoestado mal
3. e ffernã gil teuesse por desonrrado
4. caorra paz emuy sseu natal
5. cae filho duũ vylãao de sseu padre
6. edemais ffoy *criado* de sa madre

### F333rC1

Afonso do coton<sup>618</sup>

1. Marl mateu ir me *quereu* *daquẽ*
2. por *que* nõ possum cono baratar
3. alguẽ que mho daria nõ no tem
4. e algũ *que* o rem non mho *que* dar
5. Marimateu
6. Marimateu
7. tâ deseiosa ches de como cõ eu
  
8. E ffoy *deus* ia de conos anõdar
9. *aqui* outros *queo* nõ am mester

### F333rC2

10. ear fezeos muyto de seiar
11. amĩ et y pero *que* ches molher
12. *Maria* mateu

### F333rC2

Afonso do coton<sup>619</sup>

1. Meestre nicolas ameucuydar
2. e muy bõ ffisico por nõ saber
3. el assy as *gentes* bem guarecer
4. Mais ueiolhi ca pelo *dultramar*
5. etraie *liuros* bẽ de Mon pis ler
6. êlatỹ come qual *clerigo* *quer*
7. entẽde Mais nõno sabe tornar
  
8. E sabe sseus *liuros* Sigo *trager*
9. come *Meester* Sabeos catar
10. essabos *caderno* bẽ cõtar
11. quitai nõ Sabe per elles leer
12. Mais bem uos dirã *quis* quãto custou
13. tedo per conta caellexos *comprou*
14. ora ueede seu grã Saber
  
15. E en bõ põto el tan muyto leeu

---

<sup>618</sup>Cantiga de n° 1583.

<sup>619</sup>Cantiga de n° 1584.

16. ta per opreçã Condes e Rey y
17. e Sabe contar *quata* e *cinquo* et seix
18. per Strolomia *que* aprïdeu
19. e mais uos *queren* dora dizer eu
20. Mays uam a el *que* a Meestrandeu
21. des antãno *que* o ou morrreeu

22. Eoutras artes Sabel muy melhor
23. *que* ey tas donas de *que* uos ffaley
24. dizdas Alas como uos direy
25. *que* xas fezo todas *nostro* Senhor

### F333vC1

26. edos stormentos diz tal Razõ
27. *que* muy bẽ podem eles fazer
28. Som todo *homem que* em Seia ssa

### F333vC1

Afonso do coton<sup>620</sup>

1. Sueyre anes hũu uosso cãtar uos
2. ueo ora hũu jograr dizer
3. etodos fforam polo des ffazer
4. e puyney eude uolo enparar
5. erã uara en*que* era igual
6. edixeu *que* cuydavades enal
7. cauos vyssenpre daquesto *guardar*
  
8. E outro trobador ar *quis* trauar
9. e hũa cobra
10. Mais por uossamor enpareyuo
11. leu nõ uistes melhor
12. *que* a cobra Rimaua e nẽnhũ logar
13. edissel poys *por que* irmou *aqui*
14. edixeu de prã non dissel assy
15. Mais tenho *que* e ha errou *que* lograr
  
16. E amigos outra Rem uos direy
17. polo o grã acãtiga *dizer* igual
18. nõ deuo trobador aperder
19. en por Sueyre Anes uolo ey
20. cadelo dia en *que* el trobou
21. nũca cãtar *igual* fez nẽ rrimou
22. ca todos os *seus* cãtacõ eu ssey

### F333vC1

Afonso do coton<sup>621</sup>

---

<sup>620</sup>Cantiga de n° 1585.

<sup>621</sup>Cantiga de n° 1586.

1. Paay Rengel e outros dous romeus
2. degrã uentura ño vistes mayor

### F333vC2

3. guarecerã ora loado a *deus que* ño
4. morrerõ por *nostro* Senhor en hũa li
5. de *que* ffoy em josaffas e lide ffoy
6. comoje comecras *prenderã* elles
7. terra no al cor
  
8. E bẽnos *quis deus* demorte guardar
9. paey rrẽ gel e outros dous entõ
10. dũa lide *que* ffoy em ultramar
11. *que* ño chegarã *aquela* sazõ
12. euedes ora por *quanto* fficou
13. *que* o dia *que* ssa lide jũtou
14. *prenderã* elles porta mormoio
  
15. De cõmo ño entrarõ ablandiz
16. per *que* poderã na lide sser caos *quis deus*
17. demorte *guareçer* per comagora
18. *que* rregel diz e *guareçerõ*
19. demorte *por* em
20. *que* quãda lide ffoy em Bellem
21. *aportarõ* elles en tamaris

### F333vC2

Afonso do coton<sup>622</sup>

1. Couilheyra uelha Seus ffezesse
2. grandescarnhe *dereyto* ffaria
3. came *buscades* uos mal cadadia
4. edireyos en *que* uol ãtendi
5. ca ñũca uelha *ffududãcua* uy
6. *que* me ño *buscasse* malsse *podesse*
  
7. E ño estũa uelha ñẽ ssom duas
8. Mais ssom vel centas *que* mandam
9. *buscando* mal quãto podem

### F334rC1

10. e mandam miserando eandã me
11. *sempre* deostando
12. *epor* esto pougueu *decoraçon*
13. *adeus que* ñũca meta sse mal ño
14. *antes* mĩ e uelhas *fududacuas*

---

<sup>622</sup>Cantiga de n° 1587.

15. Eyro lanca de morte me ffeyra
16. couy lheyra uelha se uos ffazedes
17. nẽ hũu torto Seme grã mal *queredes*
18. *cadeus* me tolha o corpo quãtey
19. Seeu uelha fuda dacua ssey
20. ege nõ mũdo *aque* grã mal nõ *queyra*

21. E sse me grã mal *queredes* couilheyra
22. uelha digueu *que* ffazedes rrazõ
23. ca uos *querã* grã mal de coraçõ
24. couilheyra uelha e Sabedor
25. des *que* fuy nado *quigeu* Sempre mal
26. a uelha ffududancũ peydeyra

### F334rC1

Afonso do coton<sup>623</sup>

1. Bem me cuydeu eu ayar ia *garcia*
2. en outro dia *quando* uos fudi
3. quemẽ nõ partissem de uos assy
4. como me party ia mã *uaria*
5. uel por *sseruiço* muyto
6. que voz fiz
7. *queme* nõ destes como nomẽ diz
8. Se *que* hũu soldo *que* ceassũdia
  
9. Mais desta *sserey* eu escarmẽtado
10. de mĩca ffoder ia outra tal *molher*
11. Se mẽtalgo na mão nõ poser

### F334rC2

12. canõ ey por *que* ffeda em doado
13. euos Seassy *queredes* foder
14. Sabedes como ideo faz
15. cõ quẽ *teuedes* uistide calcado
  
16. Came nõ uistides neme calcades
17. Nen arr seieu eno uosso casal
18. nẽ medes sobre mĩ poder tal
19. per *que* uos foda Se me nõ pagardes
20. ante muy bem et mays uos em direy
21. milho medo grado *adeus* ea el Rey
22. nõ ey de fforca *que* me uos facades
  
23. E mĩa dona quẽ *pregũta* nõ era
24. euos *por deus* mandade *pregũtay*
25. pol os *naturaes* deste logar

---

<sup>623</sup>Cantiga de n° 1588.



26. sse ffoderã nũca en paz nẽ enguerra
27. ergo sse ffoy por algou por amor
28. hyda dubaruossa prol ay Senor
29. ca uedes grada *deus* Reya na terra

### F334rC2

Afonso do coton<sup>624</sup>

1. OR Aca lopez uy doente hũu dia
2. epreguntey a sse guareceria
3. e dissemla todẽ iogearia Soon
4. uelha e cuyda guarecer
5. edixelheu cuydades grã ffolia
6. caymar uegeu das velhas morrer
  
7. Dixelheu grã ffolia penssades
8. sseper uelhice a guarecer cuidades
9. pero nõ uos digeu *que* nõ uiuades
10. quanto uos *deus* quiser leixar uiuer

### F334vC1

11. mays emuelhiçe nõ uos atreuades
12. cay mar ueieiu das uelhas morrer

### F334vC1

Afonso do coton<sup>625</sup>

1. A hũa uelha *quisera* trobar
2. quandento ledõ ffy *quey* desta uez
3. eueo nũca orraca lopez Rogar
4. edisso massy por *deus que* uos ffez
5. nõ trobedes amilha uelha *qui*
6. al cuydarã que trobades A mĩ

### F334vC1

Afonso do coton<sup>626</sup>

1. Traia gora Marinha Sabugal
2. hũa uelha *que* adusse dessa terra
3. *aqui quer* bem e ella hy *quer* mal
4. effaz lhal go pelo *que* lherra
5. Mais ora *quer* ir Moiros guerrey
6. ar *quer* conssyga uelha leuar
7. Mais uelha nõ e doyta
8. daguerra muyto amado ep

---

<sup>624</sup>Cantiga de n° 1589.

<sup>625</sup>Cantiga de n° 1590.

<sup>626</sup>Cantiga de n° 1591.

**F334vC1**

Diego precelho loguy<sup>627 628</sup>

1. Meu Senhor arcebispo
2. andeu escomũgado *por que* fiz lealdade
3. en ganoumho pecado
4. Soltade may Senhor e Jurarey
5. mandado quẽ seia traedor

**F334vC2**

6. Setraiçõ ffezesse nõca uola diria
7. Mais pois fiz lealdade uel por *sãcta*
8. Maria Soltademay Senor
  
9. Per mha mala uentura tiui hũu
10. castelo en Sousa edeyo asseu don e
11. tenho *que* fiz grã cousa
12. Solta demay senor
  
13. Per *meus* negros pecados
14. tive hũu castelo forte
15. y deyo asseu done ey
16. medo da morte
17. Soltademay Senhor
18. e jurarey mandado

**F335rC2**

pedramigo de Seuilha<sup>629 630</sup>

1. Moytos senfigem que ham guãahado
2. doas das donas aque amor ham
3. etragen çintas que lhys elas dam
4. Mais a mim uay peor mal pecado
5. con sancha diaz que sempre quix bẽ
6. ca uira deus que nõca mi den ren
7. se nõ huũ peyda quel foy sen seu grado
  
8. Case *per* seu grado foseil seerya
9. Mais *daquesto* nõca men fyngirey
10. çã oiuer dadeyramẽte ossey
11. Mays u estaua coydado en al
12. denmh u gra peyde efoylhy depoy mal
13. hu ssa cordou *que* mho dado uya
  
14. Coydando eu *que* melhor se nẽbrasse

---

<sup>627</sup> A grafia do nome do trovador encontra-se registrada antes da cantiga de nº 1592.

<sup>628</sup> Cantiga de nº 1592.

<sup>629</sup> A grafia do nome do trovador encontra-se registrada antes da cantiga de nº 1593.

<sup>630</sup> Cantiga de nº 1593.

15. ela de mĩ por *quanto* a *serui*
16. *poraquesto* nũcalhy ren *pedy*
17. *desy ental que* semĩ no *queyxasse*
18. *effalandolheu* en outra *iaçon*
19. *denmhũ grãperde* deumho
20. *ental som come quen* sende
21. *moy mal logachasse*
  
22. E *poys* ela *detã* *refece* dem
23. *sepeen* deu bẽ *tenho* eu *que* nã
24. *mi desoutro deque* meu *mays* *pagasse*

### F335rC2

pedramigo de Seuilha<sup>631</sup>

1. Non *sey* no mũdo outro *omen*
2. *tan coytado*
3. *comogeu uiuo* de *quatos* eu *sey*

### F335vC1

4. *emeus* *amigos* *pordeus que* *farey*
5. eu *sen* *conselho* des *aconselhado*
6. *camha* *Senhor* nãme *quer* *fazer* bẽ
7. *se* nã *por* *algo* eu nã *lhy* *dourem*
8. *non* *possauer* *quelhy* de *mal* *pecado*
  
9. E *meus* *amigos* *mal* *dia* *foy* *nado*
10. *poys* *esta* *dona* *senpre* *tanta* *mey*
11. *desque* a *ui* *quanto* *uos* eu *direy*
12. *quãteu* *mays* *pudi* nã *ey* *dela* *grado*
13. *ediz que* *senpre* *me* *terra* *ẽ* *uil*
14. *ata* *que* *barate* *hũu* *maravedi*
15. e *mays* *dũ* *soldo* nã *ey* *baratado*
  
16. E *ueiaqui* *outros* eu *desen* *perado*
17. *que* *an* *seu* *bem* *que* *senpreu* *desegey*
18. *por* *senhos* *soldos* e *gran* *pessar* *ey*
19. *por* *quanto* *dizẽ* *que* e *mal* *mercado*
20. *caseu* *podesse* *mercar* *asy*
21. *cõ* *esta* *dona* *queeu* *por* *meu* *mal* *ui*
22. *logou* *seeria* *guaride* *cobrado*
  
23. De *quantafam* *por* *ela* *ey* *leuado*

### F335vC2

pedramigo de Seuilha<sup>632</sup>

---

<sup>631</sup>Cantiga de n° 1594.

<sup>632</sup>Cantiga de n° 1595.

1. Meus amigos tan desauëturado
2. me faz *deus que* nõ sey oieu quem
3. fose nomudẽ peor ponto nado
4. poys mha dona fez *querer* grã ben
5. fea e uelha nõca eu ui tanto
6. e esta dona puta eia quanto
7. por queu moyra migos mal pecado
  
8. Esta dona de pran quitado
9. *meus amigos* por *que perca* meu sem
10. *que iasca* senpre quãdouuer guisado
11. elaecõ todaquesto sedeus mi ualha
12. Jasqeu morendo damor e sem falha
13. polo seu *rostro* uelhe enrrugado
  
14. E desta dona moyto bem diria
15. seui ual

### F335vC2

pero danbroa<sup>633 634</sup>

1. Ora ueieu que est auenturado
2. ia pedramigo e *que* lhe fez *deus* bẽ
3. ca nõ deseiou do mundoutra ren
4. se nõ aquesto *que* ia cobrado

### F336rC1

5. hũa ermida uelha que achou
6. e entrou dentre poys que hi entrou
7. de sayr dela sol nõ e pẽssado
  
8. E poys achou logar tã *aguisado*
9. *enque* morasse *per dereyto* ten
10. de morar hi euedes que lhauẽ
11. cõ a ermide muytacordado
12. ediz *que* sempre querra hy morar
13. eque quer hi as carnes *marteyrar*
14. ca deste mũdo muyta ia burllado
  
15. E nõ sey ey no mũdoutrome nado
16. *que* saby fosse meter emal sen
17. fez seo endẽ *quer* quitar alguẽ
18. ca da ermida tãte el pagado
19. *que* o Jurado *que* nõ saya dy
20. morto nõ uyue sepultura hy
21. tẽ *enque* iusta quando for passado

<sup>633</sup> A grafia do nome do trovador encontra-se registrada antes da cantiga de nº 1596.

<sup>634</sup> Cantiga de nº 1596.

### F336rC1

pero danbroa<sup>635</sup>

1. Oque balteyra ora quer minhar
  2. das desomras *que* no mûdo prendeu
  3. se ben feezzer nõ deu açomeçar
  4. enmi que ando por ela sandeu
  5. mays come çanteu Reyno de leon
  6. hu pres desomras de quãtos hy son
  7. *quelhas* desomras nõ *querẽ* peytar
- 
8. En castela foya desomrar
  9. muyto mal home *que* nõ entendeu
  10. *oque* fazia nõ soube catar
  11. *por* muyta dona *per* esto perdeu

### F336rC2

12. equẽ auinga fazer cõ razõ
  13. destes la uĩgue ca enssa prison
  14. andeu e dela nõ mey denparar
- 
15. E os mouros pensse de os matar
  16. ca de *todos* gram desomra colheu
  17. no corpo ca nõ en *outro* logar
  18. e *outro* tal desomra recebeu
  19. dos mays *quea* no Reyno daragon
  20. edestela uĩga el eu demĩ nõ
  21. poys a sabor delhi uĩgança dar

### F336rC2

pero danbroa<sup>636</sup>

1. Queriagora fazer hun cantar
  2. se eu podesse tal a perdramico
  3. que sse nõ *perdessel* porẽ comigo
  4. nen eu con el *pero* nõ possachar
  5. tal razon en quelho possa fazer
  6. *queme* nõ aia con el de *perder*
  7. e el comigo desque lheu trovar
- 
8. Ca ia *outra* uez quãdo faz entrar
  9. ena ermida uelha pedramigo
  10. *trobeylhendeu* e *perdeussel* comigo
  11. e eu cõ el quãdo uin dultramar
  12. mays ora ia poysmel foy cometer
  13. *outra* razon cuydeu a mouer
  14. *deque* aia *dous* tamanho pesar

---

<sup>635</sup>Cantiga de nº 1597.

<sup>636</sup>Cantiga de nº 1598.

15. Case *per* umescatimatimar
16. nõ uos e el cõtra mi pedramigo
17. e*per* aquesto *perderssa* comigo
18. e eu cõ el capoyleu começar

### F336vC1

19. tal escatima lhi cuydeu dizer
20. *quesse* mil anos no mûdel uiuer
21. *que* ia sempraia de*que* sse uingar

### F336vC1

pero danbroa<sup>637</sup>

1. Se eu no mûdo fiz algum câtar
2. como faz home con coyta damor
3. e por estar melho con sa senhor
4. achome male queromen quytar
5. ca hunha dona que senpre loey
6. en *meus* cantares epor*que* trobey
7. anda morrendo por hun colar
  
8. Mays enme matey *que* fui comecar
9. cõ dona ata uelha sabedor
10. *pero* conor comey *gram* sabor
11. de*que* a ueerey çedo pobrãdar
12. caos *que* guaanhou encas del Rey
13. andandey pedinde *que* lheu dey
14. todolho fazo dengo peytar
  
15. Mays quẽ lhi cuyda nõca ren a dar
16. assy sacheu comeu ou peyor
17. e poyla uelha puta *probe* for
18. nona *queira* poys nullome catar
19. e sera dela como uos direy
20. demo leua guarda *que* lheu sey
21. ergo se guarir *per* alcayota

### F336vC1

pero mendez da fonsom<sup>638 639</sup>

1. Chegou payo demaas Artes
2. con seu çerome de chartes
3. e nõ leeu el nas partes

### F336vC2

---

<sup>637</sup>Cantiga de nº 1599.

<sup>638</sup>A grafia do nome do trovador encontra-se registrada antes da cantiga de nº 1600.

<sup>639</sup>Cantiga de nº 1600.

4. que chegasse a hũu mes
5. edo Inês ao Martes
6. ffoy comendador do cres
  
7. Semelhame busnardo
8. viindem seu ceramen pardo
9. e hu nõ ouuesse Reguardo
10. em nẽ hũu dos des e tres
11. loguue mante tobarado
12. effoy comendador decres
  
13. Chegou per hũa grada
14. descalco grã madrugada
15. husse nõ catauã nada
16. hũu homẽ atam Raffez
17. cobrou manco cõ espada
18. effoy comendador docres

### F336vC2

Ayras nunes<sup>640 641</sup>

1. Achouss ùu bispo *que* eu sey hũu dia
2. cõno deyte sol nõ lhe falou
3. e o *dereyte* se mauilhor
4. effoy ael eassy lhe dizia
5. *que bispo* sedes se *deus* i uos *perdom*
6. *que* possastes ora *per* mĩ e nõ
7. me falastes efostes uossa uia

### F337rC1

8. Ediz obispo nõ uos conhocia
9. Se *deus* me ualha ca des *que* nasi
10. Nũca cõ uosco faley nẽ uos ui
11. E assy *cohocer* nõ uos podia
12. E porẽ seme algur cõuosco achar
13. E uos nõ *conhecer* nẽ uos falar
14. Non mh o *tenhades* uos *por* uilania
  
15. E dil *dereyta* assy *deus* meualha
16. E o *que* assy nõ *quer* fazer
17. Nõ e bispo nẽ ual hũa mealha
18. E uos tal bispo sedes cuidomeu
19. Que nõ *sabedes* *quẽ* me *santo* eu
20. Nẽ ualor dũã palha
  
21. E diz obispo son falha

<sup>640</sup> A grafia do nome do trovador encontra-se registrada antes da cantiga de nº 1601.

<sup>641</sup> Cantiga de nº 1601.

22. por todas
23. Nê *quero* uossa mal nõ uosso bẽ
24. Nê ar êtenco *que* per uos
25. E aqeste ey
26. Nê ma galha

### F339rC1

pero darnea<sup>642 643</sup>

1. Donzela quẽ *quer* entederia
2. que uos muy *fremosa* parescedes
3. a assy he como uos dizedes
4. no mũdo uosso par nõ auia
5. a uun *que* y uosso par ouesse
6. de *parescer* bẽ uẽçer uosya
7. quẽ ameu cun cõçela posesse
  
8. Uos andadades dizẽdẽ concelho
9. que sobre todas parescedes bẽ
10. e cõ todesto nõ uos ueieu ren
11. pero poedes brãqẽ uermelho
12. mays sol *queso* meu cuu dessi pague
13. e poser hũ pouco daluayade
14. rreueersa cõ uosco no espelho
  
15. Donzela uos sodes bẽ talhada
16. seno calho erro nõ *prendedes*
17. ou en essa sayã *que* uos tragedes
18. e pero sodes bem colorata
19. quẽ aomeu cuu posesse orelhas
20. e lhi bẽ figesse as sobrãcelhas
21. de *parescer* nõ uos deuer nada

### F339rC1

Pero Dambrõa<sup>644 645 646</sup>

1. Pero darnea *quando* cõposestes
2. o uosso cuu *que* tã bẽ parescesse
3. e lhi revol e cõçela posestes

### F339rC2

4. que donzela de *parescer* uẽcessse
5. e sobrãcelhas lhi fostes põer

---

<sup>642</sup> A grafia do nome do trovador encontra-se registrada antes da cantiga de nº 1602.

<sup>643</sup> Cantiga de nº 1602.

<sup>644</sup> A grafia do nome do trovador encontra-se registrada antes da cantiga de nº 1603.

<sup>645</sup> Cantiga de nº 1603.

<sup>646</sup> Nesta altura, consta a seguinte anotação: ‘Estotra cãtica fez pero dãbrõa | a pero darnea por estoutra | deçima que fezera’.



6. e todesta amigo soubestes *perder*
7. polos narizes *quelhi* nõ posestes
  
8. E dõ pedro poêdelhos narizes
9. ca uos cõselheu o melhor *que* poss
10. e metrey hũu par de *perdizes*
11. *que* a tã bei cuu come esse
12. ainda *que* o home *queira* buscar
13. *queo* nõ possan a toda a *terra* achar
14. de sã ffaçrãdo ata ssã felizes
  
15. E do pedro os beiços lhes poêde
16. acue cuu *que* so ta bẽ baruado
17. eo granhõ be teu o lhi fazede
18. e faredes o cuu bẽ acusado
19. E pũnhade logo de o encobrir
20. ca sse uelo *deus* ferrã descalho uir
21. ssodes soltearo e seredes casado

### F339rC2

fernã del *quio*<sup>647 648</sup>

1. A hũu frade dizẽ escoralhado
2. effaz paudo quẽ lho uay diz
3. ca pois et ssar arreytare de ffoder
4. cuydeu *que* gaie de pissa rrecado
5. e poys en *prenha* estas cõ *que* iaz
6. e ffaz ffilhos e ffilhas assaz
7. ãnte lhe digueu bẽ encaralhado
  
8. Escaralho nũca eu diria
9. mays *que* traie ante caralhoou ueyte

### F339vC1

10. ao *que* tantas molheres de leyte
11. tẽ ca lhe parirõ *tres* ã hũu dia
12. e outras muytas *prenhadas* *que* tẽ
13. e a tal frade cuydeu *que* muy bẽ
14. encaralhado *per* esto sseria
  
15. Escaralhado nõ pode sser
16. o *que* tantas ffilhas ffez ã Marinha
17. e *que* tẽ ora outra pastor mha
18. *prenhe* *que* ora *quer* encarçer
19. e outras muyas molheres *que* ffode
20. a tal frade bem cuydeu *que* pode
21. encharalhado *per* esto sser

<sup>647</sup> A grafia do nome do trovador encontra-se registrada antes da cantiga de nº 1604.

<sup>648</sup> Cantiga de nº 1604.

**F339vC1**fernã del *quio*<sup>649</sup>

1. A uos dona Abadessa
2. demĩ don ffernãd estio
3. estas doas uos enuyo
4. por *que* ssey *que* ssodes essa
5. dona *que* mereçedes
6. quatro caralhos ffranceses
7. e dous aa prioressa
  
8. Poys ssodes amiga mĩnha
9. nõ *quer* acusta catar
10. *querouos* esto dar
11. ca nõ tenho al tã aginha
12. quatro caralhos de mesa
13. *que* me deu hũa burgesa
14. dous e dous ena baynha
  
15. Muy bẽ uos ssemalharã
16. ca sse *quer* leuã cordõos

**F339vC2**

17. de ssenhos pares de colhõos
18. agora uolos dayam
19. quatro caralhos asnaes
20. ã manguados ã coraẽs
21. cõ *que* calhedes oraans

**F340vC2**fernã del *quio*<sup>650</sup>

1. Dise humn Infante aiz
2. *deante* sa conpanha
3. *que* me daria besta na
4. Fronteyra enõ sera ia murzela
5. nõ ueyra nõ branca nõ uermelha
6. nõ castanha pois amarela nõ
7. parda nõ for A prã ssera abesta
8. ladra dor *quelha* durã do Reyno de bretẽha
  
9. E tal besta como mel Mådada
10. nõ foy homẽ *que* lhe uise assemelhas
11. nõ te *rostro* ne olhos nõ orelhas
12. nõ he gorda nõ magranẽ delcrada

---

<sup>649</sup>Não há numeração, mas pelo contexto é evidente que se trata de outra cantiga, aqui, numerada como 1604bis, conforme o fizeram Lopes *et al* (2011-), em sua edição.

<sup>650</sup>Cantiga de nº 1607.

13. Nẽ he ferrada nẽ e por ferrar
14. Nem foy homẽ *que* a uise ãfrear
15. Nẽ come erua nẽ palha nẽ ceuada
  
16. A tal besta mha mandada este Infãte
17. bẽ uolo uiro amigo sen falha
18. nõ sey e no mũdo *auer que* a nulha
19. nẽ uay a çaga nẽ uay adeante

#### F340vC1

20. E tem uos juro por nostro senhor
21. poys das*que* poys nos morrer mos nõ for
22. nõ e forõ
  
23. Tal rrapaz *quelha* mester desta besta
24. eu cuydo tẽ *que* lho tenho acado
25. *que* yl nẽ coyta nõ a
26. *quer* a seu dono nõ pecato cado
27. nõ nõ ande este nẽ ande
28. edo nẽ uaa deante nẽ aderredo
29. E nũca comha nẽ be ua nẽ uesta

#### F340vC1

Johã Velho<sup>651 652</sup>

1. Lourenço bouçon ouosso uilão
2. *que* senpre uosco sodos trager
3. e grã ladrõ eoi eu dizer
4. *quesse* ocolhe omeirinho na caiõ
5. de tod entod enforcaruolo a
6. ca omeirinho en pouco terra
7. de uos mandar enforcar o uilão
  
8. Por *que* tragedes hũ uilão maao
9. ladrõ *conuosco* meirinho uos he
10. sanhud ebraue cuid eu ala fe
11. *que* uolo mande põer en hũ paao
12. e pois *que* del muitas *querelas*dam
13. selhi *comel* nõ fogides *terram*
14. todos *que* sodes hom auizimaao

#### F340vC2<sup>653</sup>

[João Velho de Pedrogães]<sup>654</sup>

<sup>651</sup> A grafia do nome do trovador encontra-se registrada antes da cantiga de nº 1608.

<sup>652</sup> Cantiga de nº 1608.

<sup>653</sup> Antes da cantiga de nº 1609, há a seguinte anotação: ‘Esta cantiga de cima foi feita a hũ | caualeiro *que* fora uilão e furtaua | aas vezes *per* u andaua’.

<sup>654</sup> Cantiga de nº 1609.

1. Cõ grã coita rogã *quem* andasse
2. Ahũa dona fui eu noutro dia
3. sobre feito dũa capelania
4. edissomela *que* me nõ coitasse
5. ca sobre mim filhei o capelan
6. epoilo sobremĩ filhei de prã
7. mal fazia se onõ andasse
  
8. E dixilh eu emĩ grã fiuza tenho
9. pois *que* enuos filhastes osseufeito
10. de dardes cima a todo seu preito
11. edissela eu de tal logar uenho
12. que poil ocapelan per bõa fe
13. sobre mimfylh e seu feit emmĩ he
14. ajudalei poilo sobre mĩ tenho
  
15. Edixilh eu *que* uos do uoso filho
16. prazer ueiades *que* uos me ajudedes
17. ocapelã *que* uos a mester uedes
18. ediz ela *per* uos marauilho
19. *que* auedes ca poilo eu filhei
20. ia sobre mĩ uerdade uos direi
21. ajudal ei poilo sobre mĩ filho
  
22. E dixilhou nõ *queyrades* sseu dano
23. do capelã nõ *perca* rrẽ *per* mẽgua
24. ã ssa ajuda ã pode lingua

### F341rC1

25. dissela fareyo sen engano
26. caia ã mĩ meteu do sseu bẽ
27. e pois optẽdo *assin* ã mĩ tem
28. sseo nõ ajudai farey meu dano
  
29. E nõ quero e deu outro *escar*
30. mentar *que* me sedo seu polo ajudar
31. *que* dey mẽgua da cousa *que* nõ tenho

### F341rC1

Afonso ffernandez Cubel caualeyro<sup>655 656</sup>

1. De como mhora cõ el Rey aues
2. *querouoleu* meos amigos cõtar
3. el do seu auer rrem nõ me *querdar*
4. nõ er *quer que* eu uyua no alheo
5. eeu nõ ey erda de de meu radre
6. ehũa rouca *que* foy demha madre

<sup>655</sup> A grafia do nome do trovador encontra-se registrada antes da cantiga de nº 1610.

<sup>656</sup> Cantiga de nº 1610.

7. filhoumha efez mhũa robra noseo
8. E noutra *parte* tolheu mhas naturas
9. *enque* eu soya a guareçer
10. e agora ey coytada uyuer
11. e nõ som poucas por *deus* mhas
12. rrancuras
13. come quẽ nõ come cao nõ tẽ
14. selho nõ da tormesura alguẽ
15. ay demo ati dou eu estas medidas
16. Non senfadou e tolheumho testado
17. de *que* me *serviã* tor sam ioam
18. enõ dam del ualya dhũ ram
19. nõ merce mem *sobrele* mal pecado
20. epouys *que* esto tẽ por ben

### F341rC2

21. cast oseu cõnoda
22. e chorara quẽ maldia foy
23. Eora faça el Rey *quãto* poder
24. eeu *seruyley* cando foy mester
25. *per* soo muy seu soldado

### F341rC2

*stevã*o fernãdiz barreto<sup>657 658</sup>

1. Ss teueans *por deus* mãdade a Roy
2. paez logo este dia
3. se quisser hir a *santa* Maria
4. *que* sse nõ uaa pela trydade
5. ca mi dizem *que* lhe ten
6. ffernandade çiaada ffeita pela gaffariia
7. *Santa* Romaria fazer *quiser*
8. comoa senpre fazer soya
9. *Outro* camĩ hocate todauia
10. Cao da triidade nõlhe mester
11. Ca dizẽ *que* fernã dadelhe *quer*
12. meter çiaada pela gafaria
13. Ecada *que* el uẽ asantarẽ
14. senpre alo uay fazer Romaria
15. E da triidade *per* u soya
16. Dir mãdade *que* se *guardel* muy bẽ
17. Cadizẽ *que* fernã dade lhe tem

<sup>657</sup> A grafia do nome do trovador encontra-se registrada antes da cantiga de nº 1611.

<sup>658</sup> Cantiga de nº 1611.

18. ciada feita pelaga fariã

### F341vC1<sup>659</sup>

Johã Romeu de lugo<sup>660 661</sup>

1. Toauia hũu dia en lugo
2. eluira *perez* eluira padrõa
3. todos diziam *que* era muy bõa
4. enõ tenheu *que* dizia mêtira
5. Ante tenho *que* diziã conrrazõ
6. E dom Lopo dissentõ
7. *per* boa fe *que* ia xel melhor uyra
  
8. Ficou ia adona muy bẽ andãnte
9. caalcaxom *quantos* Ali siiam
10. etodos dela muyto bem diziam
11. mays lopo lias este de costãte
12. como foy sem *pre* hũu gram iogador
13. dasse *que* uyra outra uez melhor
14. *quandera* moca em *terras* da infançõ<sup>662</sup>

### F341vC2

Fernã rodrigues redõdo<sup>663 664</sup>

1. Suer fernadiz si ueia plazer
2. ueste bẽ atodo seu poder
3. e outra coussa lhe ueio ffazer
4. *que* ffazem outros pontos no rreinado
5. senpre ã uiuer aa lhe ueio trager
6. e no inuerno capato dourado
  
7. El sse ueste e se calça mui bẽ
8. ã esto mete el o mais do *que* tẽ
9. pero nũca lhe ueio mẽguar ren
10. Ecome se todo ouuesse ã doado
11. hu outros nõ tragem a el cõuuẽ
12. *que* traga senpre çapato dourado
  
13. El se ueste senpre bẽ como *quer*
14. E desi custe o *que* custar poder
15. e nõ creades quẽ *uos* al diser
16. e desto mi ffaco mauilhado

---

<sup>659</sup> Antes da cantiga de nº 1612, há a seguinte anotação: ‘Esta cãtiga de çima fez *Stevam* Fernãdiz | barreto o hũu caualeiro *que* era gafoe | oraua ã Sãtarẽ e soẽ a ir ã romaria | ca sãta Maria com aa mão opa do camiho esta | logo a triindade e estava logo a guisar | aa pardela’.

<sup>660</sup> A grafia do nome do trovador encontra-se registrada antes da cantiga de nº 1612.

<sup>661</sup> Cantiga de nº 1612.

<sup>662</sup> Após a cantiga de nº 1612, há a seguinte a anotação: ‘Esta cãtiga de çima fez Johã Romeu | a hũu caualeiro *que* moraua ã lugado lopo | Lias por *que* era cego dhũu olho’.

<sup>663</sup> A grafia do nome do trovador encontra-se registrada antes da cantiga de nº 1613.

<sup>664</sup> Cantiga de nº 1613.

17. ca ã ãuerno e per qual tẽpo
18. *quer senpre* lhe ueio capato dourado

### F341vC2

Fernã rodrigues redõdo<sup>665</sup>

1. Dom pedro est cunhado del Rei
2. *que* chegou or *daqui* daragom
3. con hũ speto grande de leitom
4. epera *que* uolo perlongarei
5. deu *peror* uassalo desi asenhor
6. faz sẽpre noio nã uiste maior
  
7. Pera se lhi nã poder perceber
8. ia el tiinha *prestes* cabo si

### F342rC1

9. *aque*l aspeto *que* filhou logui
10. *eque* *conpre* deuos mais dizer
11. Deu por uassalo desi assenhor
12. faz senpre noio nã uistes mayor
  
13. Muy ledo seend hu cãtara seos lays
14. a sa lidica pouco lhi durou
15. eo espet ensas mãos filhou
16. epera*que* o *perlongarey* mays
17. deu por uassalo desi assenhor
18. faz senpre noio nã uistes mayor
  
19. Eental *quelhi* nã podessescapar
20. nẽlhi podesse en saluo fogir
21. filhou oespeto ã som desgremir
22. e *que* *compre* deuolo per lõgar
23. Deu por uassalo desi assenhor
24. faz senpre noio nã uistes mayor<sup>666</sup>

### F342rC1

[Afonso Anes do Cotom, Pero da Ponte]<sup>667</sup>

1. Pero da ponte ou eu nã veio
2. bẽ o pram essa cabeça nã
3. he a *que* uos ãta no *per* boa fe leuastes
4. quãdo fomos Agẽe
5. E cuydumeu adormecestes

---

<sup>665</sup>Cantiga de n° 1614.

<sup>666</sup> Antes da cantiga de n° 1615, há a seguinte anotação: ‘Esta cãtiga foi feita a dõ | *Pedro* daragõ *per* hũ caualeiro seu | moordomo *que* feriu endado e foi seguida | doutra cãtiga’.

<sup>667</sup>Cantiga de n° 1615 (tenção).

### F342rC2

6. A
7. P
8. A

### F342rC2

Affonso Anes do Cotom<sup>668 669</sup>

1. A mĩ dam parece nom he
2. des guissado
3. dos maltalhados e nõerrã
4. .y. Joham fernãdes omouroutrosy
5. epero maltalhados semos os
6. omeu uisse pero da ponte en cas
7. semelhar lhya moy reor talhado

### F345rC1

Pero Veuyaez<sup>670</sup>

1. E pero *deus* a grã poder
2. Nono pode Tantouidar
3. Queo peyor possa Tornar
4. Pero bensey que a poder
5. De dar grãdalga dõ foan
6. Mays del seer peyor de prã
7. Doque eia nõ a en poder
  
8. Perolhi *queyra* fazer *deus*
9. Dez tanto bẽ *deus* lhi fez
10. Ja nunca pode peyor prez
11. Auer per rẽ poren por *deus*
12. Como sera peyor *que* e
13. Quẽ peyor e *per* bõa fe
14. De quantos fez nõ fara *deus*

### F345rC1

Pero Veuyaez<sup>671</sup>

1. Marinha ende folegares
2. Tenho eu por desaguysado
3. E soon muy marauilhado
4. De ti por nõ rebentares
5. Cache tapo eu *aquesta* minha boca

---

<sup>668</sup> A grafia do nome do trovador encontra-se registrada antes da cantiga de nº 1616.

<sup>669</sup> Cantiga de nº 1616.

<sup>670</sup> A grafia do nome do trovador encontra-se registrada antes de uma cantiga sem numeração, aqui, numerada 1616bis, conforme o fizeram Lopes *et al* (2011-), em sua edição.

<sup>671</sup> Cantiga de nº 1617.



6. Marinha Todestes
7. Narizes meus
8. Tapo eu marinha os Teus
9. E das mãos as orelhas
10. os olhos dos sobrêcelhas
11. Tapot aoprimeyro sono

### F345rC2

12. Damha pissa o teu cono
13. E mio nõ ueia nêgũu
14. E dos colhões no cũu
15. E como nõ reventas marinha

### F345rC2

Pero Veuyaez<sup>672</sup>

1. Vos *que* pero Tinhoso
2. preguntades segrêdes
3. Del saber nouas certas
4. *Per* mĩ poilas non sabedes
5. Acharlhedes tres sinaes
6. *Per que* oconhosceredes
7. Mays esto *que uos eu* digo
8. Nõ uolo sabhanêgũu
9. Aquel epero tinhoso
10. *Que* traz o toutuco nuu
11. E trays o cãcer no pisso
12. Do alvaraz nocuu
  
13. Lame *por pero* tinhoso
14. Pregûtastes noutro dia
15. *Que uos* dissesseu del nouas
16. E entõ non sabia
17. Mays posta tres sinaes
18. *Que quero* conhoceria
19. Mays
  
20. Vos *que porpero* Tinhoso
21. Mhã aiades pregûtando
22. *Que uos* dissesseu del nouas
23. *Nouos as* quereu citando

### F345vC1

24. Acharledes Tres sinaes
25. Selhes bẽ fordes catando
26. Mays mays esto *que uos eu* digo
27. Nõ nolho sabha nengũu

---

<sup>672</sup>Cantiga de nº 1618.

28. Aquel epero Tinhoso
29. *Que* traz otoubuca uiũ
30. e

### F345vC1

Pero Veuyaez<sup>673 674</sup>

1. Hũa donzela coitando
2. Damor por si em faz andar
3. E en sas feyturas falar
4. *Quero* eu come namorado
5. Oostraguda come foron
6. Barua na *queyxeno* granhõ
7. E ou entre grande inchada
  
8. Cobrancelhas mesturadas
9. Grandes e mui cabeludas
10. Sobre lhos olhos meriudas
11. E as cedas pendoradas
12. E mui grãdes *per* boa fe
13. ha hũ palme meio nõ pe
14. E no cos tres polegadas
  
15. A desta tẽ rugada
16. E os olhos ãcouados
17. Dentes pintos come dados
18. E a calor de passada
19. A tal a for *nõstro* senhor

### F345vC2

20. Muy sã doyte sem sabor
21. Desy muy tabre forçada
  
22. Deue ma

### F345vC2

Pero Veuyaez<sup>675</sup>

1. Por dom foam enssa casa comer
2. Quer bẽ quer mal *que* ay dadubar
3. *Quem* mal cõel uẽ bẽ non sol iantar
4. E del diz nẽ malffaz sou prazer
5. Poys mal uẽ bẽ cõel nũal comeu
6. E del bẽ diz nẽ mal muyte ssandeu
7. Dir mal nẽ bẽ de sseu iantar dizer

---

<sup>673</sup>Cantiga de nº 1619.

<sup>674</sup> Antes da cantiga de nº 1619, há a seguinte anotação: ‘Caldeirõ fez esta cãtiga | descarnhe de mal dizer e diz assy’.

<sup>675</sup>Cantiga de nº 1620.

8. Por enssa casa comer comel *quiz*
9. *Quer* bẽ *quer* mal *quer* radadubar hy
10. Poys bẽ nẽ mal cõel nõ comeu hy
11. *Quem* mal nẽ bẽ cõ el nõ comeu assy
12. E del bẽ diz nẽ mal nõ lhe mester
13. Poys mal nẽ bẽ cõ el nõ comeu sol
14. E del bẽ nẽ mal diz tenheu *por* fol
15. Se mal nẽ bẽ de seu iantar disser
16. Or el comei en sa casa tenheu
17. *Quer* bẽ *quer* mal *quer* grã corapidade
18. *Quem* mal nẽ bẽ del diz *per* bõa fe
19. Nẽ mal nẽ bẽ nõ er tẽ hy de prã
20. E mays *que* a bẽ lhe derrã

### F346rC1

21. ã e bẽ nẽ mal dizer do iantar sseu
22. Hi enssa casa comer cõ usou
23. *Quer* bẽ *quer* mal *quessi* como a el prax
24. *Quem* mal nẽ bẽ del diz sandece faz
25. Poy bẽ nẽ mal do iantar nõ gostou
26. Nẽ mal nẽ bẽ dadubar hy non ha
27. E mayr *quer* bẽ a mal lhe salrra
28. De bẽ nẽ mal dizer hi nõ jantou

### F346rC1<sup>676</sup>

Martin anes morinho<sup>677 678</sup>

1. Ena primeyra rua *que* chegemos
2. Guarnirrosa dom foam mui bẽ
3. Dun panesTranho *que* todos sabemos
4. Dunha ultra peree *que* rrẽ
5. E as calcas seram de o melhor pano
6. Feytas seram de neuoa dantano
7. E no de chufas guarnidos seremus
8. E prometeu mel hũa bona capa
9. Ca nõ destas maas feytas de luyto
10. Mays outra bõa feita degual drapa
11. Cintada ede nõ pouco nẽ muyto
12. E hũa pena nõ destas mizcadas
13. Mays outra bõa de chufas puradas
14. Tarnea daqui nõ hirey sẽ ayapa

<sup>676</sup> Antes do nome do trovador, há a seguinte anotação: ‘Martin aues marinho fez esta | cantiga descarnhe de mal dizer’.

<sup>677</sup> A grafia do nome do trovador encontra-se registrada antes da cantiga de nº 1621.

<sup>678</sup> Cantiga de nº 1621.

## F346rC2

15. Vistelo pontro coor de mêtira
16. *Que* mhâtano prometheu en janeyro
17. *Que* nũca home melhor *aqui* uyra
18. Criado foy en castro mêtireyro
19. E prometeu mũas e armas entõ
20. Nõ destas maas feytas de leon
21. Mays melhores douteyrẽ freixe heyro
  
22. Ca gata lebor mi deu a loriga
23. E toda era de chufas viada
24. E como *quer que* uos endeu el diga
25. Nũ chama home uyu na pousada
26. E crauelada de mēcona
27. E tã louera *que* bẽ de corona
28. A trageria *aqui* hũa formiga
  
29. E prometeu nunulha arma *preçada*
30. Como dizẽ os *que* a conhoçerõ
31. Gualdrapa fariz auya numa espada
32. De mouros nõ sey huxa perderon
33. E pelo pao mi prometeu logui
34. *Que* me pagassa seu poder de nada
  
35. De particõ lebor foy a loriga
36. *Que* mel mandou ede parlla vyada
37. Mays como *quer que* uolo homẽ diga
38. Nũca aa mĩ vyron teer na pousada
39. Bẽ crauelada e de cãponha
40. Desy tã leue *que* bẽ de mōconha

## F346vC1

41. Mha aduria *aqui* hũa formiga

### F346vC1<sup>679</sup>

Asfonso soarez<sup>680 681</sup>

1. Porẽ tareyja lopiz nõ *quer pero* marinho
2. Poxel mãço *querxela* mays menino
3. Nõ casara cõ ele nẽ *polos seus* deueyros
4. E esto sabẽ donas e sabẽ caualeyros
5. Ca *deus* escarmēcados se fazẽ mays ardeyros
  
6. Este orrefrã

---

<sup>679</sup> Antes do nome do trovador, há a seguinte anotação: ‘Asfonso soarez samça fez esta | cantiga descarnhe de mal dizer e diz | assy’.

<sup>680</sup> A grafia do nome do trovador encontra-se registrada antes da cantiga de nº 1622.

<sup>681</sup> Cantiga de nº 1622.

7. Porẽ tareyia lopez nõ *quer* pero *marynho*
8. Peroxel e mãçobo *querxela* mays minino
  
9. Nõ casara cõ ele pola cobrir dal folas
10. Nẽ polos *seus dinheiros* uelhos *que* tẽ nas olhas
11. O *que* *perdeu nos* alhos *quer* cobrar nas cebolas
  
12. Nõ casara cõ ele *por* ouro nõ *por* prata
13. Nẽ *por* panos de seda quãte *por* escarlata
14. Ca dome de capelo de todo mal se cata

### F346vC1

Caldeiran<sup>682</sup> <sup>683</sup>

1. Oos daragon *que* soen donear
2. E catalães cõ eles a perfia
3. Leixados som por donas a lidar

### F346vC2

4. Vanssa cordando *que* era folia
5. E de bulas cuydea rirsẽdia
6. *Que* velhe disse ssaqueste meu cãtar
7. A dona gaya do bon semelhar
8. oo amor qui ca nõ *uos* precaria
  
9. Iantar *quereu* nõ auera hyaldes
10. Dã pago e dos de catalhona
11. *Per* como guardã sas armaduras de mal
12. Cadahũ deles ergo seas sonha
13. Anteze *querẽ* sofrer a uergonha
14. Daqueste segre polos *que* mays val
15. Nõ pararia os dospital
16. De melhor *mente* a lide nõ besonha
  
17. Desto cantarel Rey me descobria
18. dos daragon *quando* vin de galiza
19. En *que* uiuẽ con grã mingü delide
20. Abusque y bẽ aalẽde fariza
21. Nõ se faz cedo *per* farpar peliça
22. Mays *quem* este meu cantar oir
23. A canteyrõ bẽ e poys *que* esbaldir
24. Sessẽ *queixar* busqueme leixa

### F346vC2

Paie gomes<sup>684</sup>, [Afonso X]<sup>685</sup>

---

<sup>682</sup> A grafia do nome do trovador encontra-se registrada antes da cantiga de nº1623.

<sup>683</sup>Cantiga de nº 1623.

1. Dũa pergunta *uos quero fazer*
2. Senhor *que* mi deuedes a fazer
3. Por *que* vehestes iantares comer
4. *Que* nũa home nũa de nosso loguar
5. Comeu esto *que* pode seer

### F347rC1

6. Ca ueiande os herdeyros *queixar*
7. Pae gomez *quero uos responder*
8. *Por uos fazer* a uerdade saber
9. Ouua*qui* reys de mayor poder
10. Con *querer* e en terras gaanhar
11. Mays non quẽ ouuesse mayor prazer
12. de comer *quandolhi* dou bõ iantar
13. Senhor *por* esto nõ digueu de nõ
14. De bẽ iantar des ca he grã razõ
15. Maylos erdeyros faz de Leon
16. *Querrian* uosco por *que* am pauor
17. Dauer sobrelo sen cõ uosco entẽçõ
18. E xe lhis parar outro no peyor
19. Pae gomez assy *deus* mi pardon
20. Mui grã tenpo *que* non foy ã charrõ
21. Nẽ mi derõ meu iantar
22. En monçon
23. E *por* esto nõ são pecador
24. De comer bẽ poymho dã ã doacõ
25. Ca de mui bõo iantar ey grã sabor

### F347rC1

Paie Gomez charinho<sup>686687</sup>

1. Don asfonsso lopez de baiam *quer*
2. Fazer sa casa se el podauer
3. Madeyra noua essemi creer
4. fora bon siso Tanto *que* ouuer
5. Madeyro logo punhena cobrir

### F347rC2

6. o fundamẽto bẽ alte guarir

---

<sup>684</sup> Embora seja uma tenção, antes da cantiga de nº 1624, consta apenas o nome do trovador Pae Gomes. Afonso X só foi recuperado como trovador dessa cantiga pela leitura da edição de Lopes *et al* (2011).

<sup>685</sup> Cantiga de nº 1624 (tenção).

<sup>686</sup> A grafia do nome completo do trovador encontra-se registrada antes da cantiga de nº 1625.

<sup>687</sup> Cantiga de nº 1625.

7. Pode laur *per* hy seo fazer
8. E quãdel a madeyra adusser
9. Guardea bẽ e façaa iazer
10. Enlogar *que* nõ chouha ca torcer
11. Ssia mui Toste nõ ar a mester
12. E sseo laur nõ *quer* escarnir
13. Abrelho fundamentalte ferir
14. E muyto batelo quãto poder
  
15. E poys o fundamẽto aberto for
16. Alte bẽ batudo polo laur
17. En saluo sobrel e poys sa cabar
18. Estara da madeyra sẽ pauor
19. E do *que* diz *que* a resoluera
20. Antesto faça se nõ matarssa
21. Ca este o começo do laur
  
22. E don asfonso poys atal sabor
23. De *fazer* bõa casa começar
24. E deuassy edesy folgar
25. E iazer *quede* quando mester for
26. Descobрила e cobрила podera
27. E resoluela ca todo sofrera
28. A madeyra e seer aly en melhor
  
29. E don asfonsso Todesto fara
30. *Que* lheu cõsselho senõ *perdessa*
31. Esta casa *per* mao laurador

### F347vC1

Pero da ponte<sup>688 689</sup>

1. Eu digo mal comome fadi malho
2. Quanto mays posso *daquestes* fodidos
3. E troba eles ea seus maridos
4. E hũ deles mi pos mui grã espanto
5. Toperou comig esobracou o manto
6. E quis ã mi achantar o caralho
  
7. Andolhes fazẽdo tobras e soos
8. Quanto mays poss eddescarnecẽdo
9. *Daquestes* putos *que* ssanda fodendo
10. E hũ deles denottaseitoume
11. E quis me dar do caralheroume
12. E lançou depos mĩ os colhões

### F347vC1

<sup>688</sup> A grafia do nome do trovador encontra-se registrada antes da cantiga de nº 1626.

<sup>689</sup> Cantiga de nº 1626.

Pero da ponte<sup>690 691</sup>

1. Marinha foca quis saber
2. Comolhia parecer
3. E fui lheu logassy dizer
4. Tanto *que* mela preguntou
5. Senhor nō ouuera nacer
6. Quē uos vyn euos deseiou
  
7. E bēuos podedes gabar
8. *Que* uos nō sabo come par

### F347vC2

9. E nas terras de semelhar
10. De mays dissūm *que* uos catou
11. *Que* nō souuera leuantar
12. Quē uos vyn euos deseiou
  
13. E poys parecedes assy
14. Tã negra oir uos vi
15. *Que* o meu cor senpre desy
16. Nas nossas feytas cuydou
17. E mal dia naceu por ssy
18. *Que* uos vynu e uos deseiou
  
19. Mays *que* fara o pecador
20. *Que* uyu uos e uossa coor
21. E uos nō ouua sen sabor
22. Diz e uolo ey iapoys me uou
23. Iradome *nostro* senhor
24. *Que* uos vynu euos deseiou

### F347vC2

Pero da ponte<sup>692</sup>

1. Marinha criska sabedes filhar
2. E no paaco semprun tal logar
3. En *que* en todos mui bē a penssar
4. Deuos eporē diz oueruātigo
5. Aboy uelho non lhi busques abrigo
  
6. E no inuerno sabedes prander
7. Logar cabo do fago ao comer
8. Ca nō sabedes *quexa* de seer de uos
9. E porē diz o ueruantigo

---

<sup>690</sup> Antes do nome do trovador Pero da ponte, há a seguinte anotação: ‘Pero da ponte fez estas câtigas | descarnhe de mal dizer assim diz.

<sup>691</sup>Cantiga de n° 1627.

<sup>692</sup>Cantiga de n° 1628.



10. Aboy

### F348rC1

11. E no abril quando grã vento faz
12. o abrigo este nosso solaz
13. hu fazedes come boy quando iaz
14. Eno bõ prade dia oueruantigo
15. Aboy uelho

### F348rC1

Pero da ponte<sup>693</sup>

1. Hu dia fui caualgar
2. de burgos contra cairhon
3. e sayu me conuydal
4. No chaminun Infaçõ
5. E tantome conuydou
6. *Que* ouui logo a iantar
7. Con ele mal *que* mi pesou
  
8. Hu meu de burgos parti
9. Logadeus mencomẽdey
10. E loga el prougassy
11. *Que* hũũ Infaçõ achey
12. E tanto me cõuydou
13. *Que* ouuha iantar logy
14. Cõ el mal *que* vi pesou
  
15. Esse eu de corazõ
16. Roguey *deus* baratey bẽ
17. Ca en pouca desazõ
18. A *que* mũ infaçõ uẽ
19. E tanto me cõuidou
20. *Que* omha iantar entõ
21. Cõ el mal *que* ui pesou

### F348rC2

22. E nũca ia assy comerey
23. Comẽtou cõ el comi
24. Mays ou en cõ el topey
25. *Quiserair* e ely
26. A tanto me cõuidou
27. *Que* sen meu grade iantey
28. Con el mal *quem*i pesou

### F348rC2

Pero da ponte<sup>694</sup>

---

<sup>693</sup>Cantiga de n° 1629.

1. Eu bẽ me cuydaua *que* era uoleza
2. Do caualeyro mancebo seer
3. Escasso muyte de guardar auer
4. Mays veiora *que* uel muytescasseza
5. Ca hũu caualeyro sey eu vilam
6. E torpe braue mal barragam
7. Pero Todesto lhen cobrescasseza

### F348rC2

Pero da ponte<sup>695</sup>

1. Marinha lopez uy mays a seu grado
2. Se quiserdes sera bõa molher
3. E sse algum feyto fez desaguisado
4. Nono fara ia mays sedeus
5. E direyuos como se *quer* guardar
6. Querssyr aly encas dõ lopandar
7. hulhi semelha loguar apartado
  
8. E bẽ creede *que* esta partado
9. Pa ela *que* folya non *quer*
10. Ca nõ ueera hy mays nullome nado
11. De mil candeyrus se nõ quiser

### F348vC1

12. E poys se *quer* folya leixar
13. De prã *deus* lhi monstrou *aquel* logar
14. hy pode bẽ Temiir seu pecado
  
15. E poys bẽ *quer* remiir seu pecado
16. Logar achou qual auya mester
17. hu nõ sabera *parte* nẽ mandado
18. De nulhome se dalhur nõ veer
19. *Pero* se pobrou coyado passar
20. *Per* *aquel* porto sabeloa albergar
21. E de mays dalhalberguêdoãdo

### F348vC1

Pero da ponte<sup>696</sup>

1. Noutro dia en carrhon
2. Queria hun salmon uẽder
3. E chegou hy hun Infançõ
4. E tanto *que* o foy ueer
5. Creceulhi del tal coraçõ

---

<sup>694</sup>Cantiga de nº 1630.

<sup>695</sup>Cantiga de nº 1631.

<sup>696</sup>Cantiga de nº 1632.

6. *Que* dissahun seu homẽton
7. Peixota *quero*ieiu comer
  
8. Ca muyta ia *que* nõ comi
9. Salmõ *que* sempre deseiey
10. Mays poys *que* achora aqui
11. Ja custa nõ recearey
12. *Que* oieiu nõ comha de prã
13. Bẽ da peixota e do pã
14. Ca muyta *que* bẽ no cehey
  
15. Mays poys aqui salmõ aqui
16. *Querrey* oieiu mui bẽ cear

### F348vC2

17. Ca nõ sey humho acharey
18. Des*que* me deste logar
19. E do salmõ *que* ora vi
20. Ante *que* o leuẽ daly
21. Vay mha peixota cõprar
  
22. Nõ quereu custa recear
23. Poys salmõ fresco acho sinher
24. Mays *quero* hir bẽ del assuar
25. *Pero* enuyar *por* el outrossy
26. Da balẽa *que* ueiaqui
27. E de poys *quite* quẽ poder

### F348vC2

*Pero* da ponte<sup>697</sup>

1. Dun tal ricome *uos quero* cõtar
2. *Que* noutro dia a segonha chegou
3. De como foy a uila a refeçar
4. Poys o ricome na uila entrou
5. Cao maniar *que* ante dauã hy
6. Por des *soldos* ou por marauedi
7. Loguesse dia cine *soldos* tornou
  
8. Ricome foy *que uos deus* ãuyou
9. *Que uos* nõ *quis* assy desanparar
10. *Que uos* a vila assy refeçou
11. Poylo ricome veno no logar
12. Ca nõca eu tã grã miragre vi
13. Polo açougue refeçar assy
14. Mentro ricome mandara cõprar

### F349rC1

---

<sup>697</sup>Cantiga de n° 1633.

15. Cadeus deuemos graças a dar
16. Deste ricome *que uos* presentou
17. De mays en ano *que* era tã caro
18. Comeste foy *que* ogano passou
19. Ca poys este ricomentrou *aqui*
20. Nunca hy maa careza entrou
21. Mentro ricome na corte morou

### F349rC1

Pero da ponte<sup>698</sup>

1. Quẽ a sesta quiser dormir
2. Conselhaloya razon
3. Tanto *que* iante pensse dir
4. A cozinha do infançon
5. E tal cozinha lha cara
6. *Que* tan fria casa non a
7. Na hoste de quantas hi sã
  
8. Ainda uos eu mays direy
9. Eu *que* huũ dia hi dormi
10. Tã boa sesta nõ leuey
11. *desaque*l dia *que* naci
12. Como dormir en Tal logar
13. hu nũca *deus quis* mosca dar
14. E na mays fria rẽ *que* vi
  
15. E uedes *que* bẽsse *guisou*
16. De fria cozinha teer
17. O Infançõ ca nõ mandou
18. Desogani foga cender
19. E sse vinho gaar dalguen

### F349rC2

20. Alilho esfriarã bẽ
21. Seo frio quiser beuer

### F349rC2

Pero da ponte<sup>699</sup>

1. Garcia lopez del faro
2. Direy uos *que* magrauece
3. *Que* uosso don e mui caro
4. E uosso don era fece
5. E uosso don e mui caro *pera que* no a dauer

---

<sup>698</sup>Cantiga de n° 1634.

<sup>699</sup>Cantiga de n° 1635.

6. O uosso don e rafeca *que* no a de vender
7. Por caros teemos panos
8. *Que* home pedir non ousa
9. E poylos tragẽ doos anos
10. Rafeces sã *por* tal cousa
11. O nosso don e mui caro *pera que* no
12. Esto nũca eu cuydara
13. *Que* hũa cousa senlheira podesse seer cara
14. O uosso dõ emui caro *pera que* no a dauer

### F349rC2

Pero da ponte<sup>700</sup>

1. Sueyreanes este trobador
2. Foy por jantar a cas dũu Infançõ
3. E iãtou mal mays el uingoussẽton
4. *Que* ar aiamos outra del pauor
5. E nõ quis ela vendita tardar
6. E tanto *que* se partiu do jantar
7. Troboulhi mal nũca vistes peyor

### F349vC1

8. E no mũdo sey eu Trobador
9. De *que* ssome mays deuassetemer
10. Dexel mui maas Tres cobras fazer
11. Ou *quatro* aquẽlhi maa barua for
12. Ca *desque* uolhel car na razõ
13. Maas Tres cobras ou *quatro* o sã
14. Deas fazer muyte el sabedor
15. E por esto nõ sey no mũdo Tal
16. home *que* a el deuassa dizer
17. De nõ por lhi dar mui bẽ seu auer
18. Ca Suyreanes nũca lhi fal
19. Razõ *desquẽ* el despagado uay
20. En*que* lhi Trobar tã mal erã lay
21. *Per que* outro sey lhi *quer* mal

### F349vC1

Pero da ponte<sup>701</sup>

1. Quandeu dolide say *preguntay* por ayuar
2. E dissemi logassy *aque que* foy *preguntar*
3. *Senhor* nos creedami *queo* sey
4. Mui bẽ cõtar ã uos contarey

---

<sup>700</sup>Cantiga de n° 1636.

<sup>701</sup>Cantiga de n° 1637.

5. Quanta daqui a cas dō xemino
6. Huu dia mui grãda hy
7. E hũ iantar mui pequeno
  
8. Dissemi hu me del parti
9. Quanto uos bẽ cõselhar
10. A iornada *que* daqui uos oy *queredes* filhar
11. Sera grãde poys desy
12. Cras nõ e rẽ o iantar

### F349vC2

13. Porẽ uos conto quanta
14. Daqui acas don xemeno
15. hũ dia mui grãda hy
16. E hũ iantar mui pequeno

### F349vC2

Pero da ponte<sup>702</sup>

1. Dunha cousa soo *marauilhado*
2. Porquẽ se *quer* home desẽbargar
3. Por posfaçar muyte de ostar
4. E nulhome nõ seer seu pagado
5. En por *aquesto* bẽ uos jurarey
6. *Que* Tã mal corpe no mũdo nõ sey
7. Come o torpe muy desenbargado
  
8. E *que* sse tẽ por desuergonhado
9. *Por dizer* a *quãtos* sempre vyr pesar
10. E pelo mũdo nõ poder achar
11. Nẽ hũ home *que* seia seu pagado
12. Por desãbargado nõ lhi contarey
13. Mays seo vir uedes *que* lhi direy
14. Confonda *deus* a tal desẽbargado
  
15. Cao torpe *que* sẽpranda calado
16. Non o deuẽ *por* torpe a razõar
17. Poys *que* e torpe leixa de falar
18. Mays omal Torpe enuolo mostrarey
19. Quẽ diz mal *dos que* son ã cas del Rey
20. *Pero* se meter *por* mays desẽbargado

### F350rC1

Pero da ponte<sup>703</sup>

1. Dademaluysara pedragudo
2. E oy mays sodes guarido

---

<sup>702</sup>Cantiga de n° 1638.

<sup>703</sup>Cantiga de n° 1639.

3. Vossa molher a bon drudo
4. Barõçinho mui uelido
5. Dade maluissara pedragudo
6. Vossa molher abõ drudo

7. Dademaluysara pedragudo
8. Esto crescauos endo gabo
9. Vossa molher a bõ drudo
10. Que fode ia en seu cabo
11. Dade mal uysara

12. Dademaluysara pedragudo
13. E grã dereito faredes
14. Vossa molher a bon drudo
15. *Que* erda enquantauedes
16. Dademaluy

### F350rC1

Pero da ponte<sup>704</sup>

1. Duu Tal ricome ouceu dizer
2. *Que* est muy ricomassaz
3. de *quantẽ* gram *requeza* iaz
4. Mays esto nõ posseu creer

### F350rC2

5. Mays creo mhal *per* boa fe
6. Quan *damigos* mui probẽ
7. Non pode mui rico seer
8. De mays *quem* a mui grã poder
9. De *fazer* algueo nõ faz
10. Mays de viuer *por que* lhi praz
11. Poys *que* nõ ual nõ *quer* ualer
12. ou *grandestança que* prol lha
13. Ca poys *damigos* mal esta
14. Nõ pode boa estança auer
15. Ca poys home de tal cõuẽ
16. *Por que* todos lhi *querẽ* mal
17. O demos leuo *que* lhi ual
18. Sa *requeza* de mays aquẽ
19. Nõ presta a outrẽ nõ assy
20. De mal conhocer *per* esty
21. Quẽ tal home *por* rico tẽ
22. E *direyuos* del outro rẽ
23. E nõ acharedes en dal

---

<sup>704</sup>Cantiga de n° 1640.

24. Poys el diz *que* lhi ño enchal
25. De dizerem del mal ñe bem
26. Jamays del ño atenderey
27. Bõ feyte sempreo terrey
28. Por cousa *que* ño vay ñe vë
  
29. Mas perolheu *grandauer* sey
30. *Que* a el mys do *que* eu ey
31. Poysseidel ño ajuda rë

### F350vC1

Pero da ponte<sup>705</sup>

1. Don bernaldo poys traiedes
2. cõ uoscunha Tal molher
3. A peyor *que* uos sabedes
4. Se o Alguazil souber
5. A contar uola *queira*
6. E a puta *queixar* sa
7. E uos assanbaruos e des
  
8. Mays nos *que* Todëtêdedes
9. Quanteu tẽ de bõ segrel
10. Pera *que* demo *queredes*
11. Puta *que* ño a mester
12. Ca uedes *que* uos fara
13. En logar uos metera
14. hu vergonha *prenderedes*
  
15. Mays *que* cõsselho faredes
16. Sealguẽ al rey disser
17. Ca molher uosco teedes
18. ea iustificar *quiser*
19. Se ño *deus* ño lhi poderedes
  
20. E uos mêtes ño metedes
21. Seela filho fazer
22. Andando como veedes
23. Cõ algũu peon qual *quer*
24. *Aqual* tenpauemos ia
25. Alguẽ uos sospeytara
26. *Que* no filho partauedes

### F350vC2

Pero da ponte<sup>706</sup>

1. Maria *perez* a uossa cruzada
2. quando ueo da terra dultramar

---

<sup>705</sup>Cantiga de n° 1641.

<sup>706</sup>Cantiga de n° 1642.



3. Assy ueo de pardõ carregada
4. *Que* se nõ podia cõ ele merger
5. Mays furtarlho cada hu uay maer
6. E do *perdon* ia nõ lhi ficou nada
  
7. E o *perdon* e cousa mui preçada
8. E *qui* sse deuya muytaguardar
9. Mays ela nõ a maeta ferrada
10. Ë *que* o guarde nena podauer
11. Ca poys o cadeaden *perder*
12. Senpre maeta andou descadêda
  
13. Tal maeta comosera guardada
14. Poys *que* tapazes albergã no logar
15. *Que* nõ aia seer mui Trastornada
16. Cao logar hu eles an poder
17. Non a pardon *que* ssy possa ascõder
18. Assy sabẽ Trastornar a pousada
  
19. E outra cousa uos *quero* dizer
20. A tal *perdon* bẽsse deuera de *perder*
21. Ca muyto foy cousa mal gaada

### F350vC2

Pero da ponte<sup>707</sup>

1. En almoeda ui estar oiũ ricome distassy
2. Quẽ *quer* hũu ricome cõprar
3. E nõca hy cõprado vi
4. *Que* oquissesse nen en don

### F351rC1

5. Ca diziã todos *que* nõ daria hũ soldo por ssy
  
6. E deste ricome quẽ *quer*
7. Vos poda uerdade dizer
8. Poys nõ a pres nõ hũ mester
9. Quẽ *querra* hi oseu *perder*
10. Ca el nõ faz nõ hũ lauor
11. De*que* nulhomaia sabor
12. Nẽ sabadubar de comer
  
13. E hu for polo uẽder
14. Preguntareno en grã sẽ
15. Ricome *que* sabedes fazer
16. E o ricome disse rẽ
17. Non amo custo nõ misson
18. Mays *queyro* mui de coraçõ

---

<sup>707</sup>Cantiga de n° 1643.

19. Erdade semha nẽ dalguen
20. E poys el dissesta razõ
21. Non ouui molher nẽ barõ
22. *Que* por el dar quisesse ren

### F351rC1

Pero da ponte<sup>708</sup>

1. Mentre magora dal nõ digo
2. Dun meu amigo *uos quero dizer*
3. Amor sen prol epalaura doada
4. De Tal amor nõ ey eu *que fazer*
5. Nẽ outro se nõ ey eu por *que* temer
6. O desamor *que* nõ mha nuzir nada
7. Nõ me Temeu ia de grãdespadada

### F351rC2

8. *Que* del prendauos dias *que* vyuer
9. Nẽ ssar Temel de nulha rẽ doado
10. *Que* eu del leua todo seu poder
11. Nẽ manteheu de nõca del prender
12. Jamays bõ don nẽ bõa espadada
13. E quẽ vyn Terra tã mal ãpregada
14. Nena cuyda nõca mays aueer
15. *Que* nõ merece carta de soldada
16. E dalho demos terra e poder
17. E muytas terras podome saber
18. Mays nõca terrã mal enpregada
19. E o *que* nõ ual podia valer
20. Este merece so terra iazer
21. Mays nõ terra hũa polegada

### F351rC2

Pero da ponte<sup>709</sup>

1. Desueyre direy comolhe de trobar auẽ
2. Nono baralha el mui bem
3. Nẽ *arquer* hy *mereces* meter
4. Mays dest se podel gabar
5. *Que* semeu faço bõ cantar
6. Aele mho soyo *fazer*
7. Pero cousa *que* eu bẽ sey

---

<sup>708</sup>Cantiga de n° 1644.

<sup>709</sup>Cantiga de n° 1645.

8. Nõ sabel muyto de Trobar
9. Mays en Todaqueste logar
10. Nõ posseu Trobador seer
11. Tã uêturade hũa rê
12. Se algũ cantar faz alguẽ

### F351vC1

13. De lhi mui cantado seer
14. Calhi trobã êtê bõ sô
15. *Que* nõ poderiã melhor
16. E por estauemos sabor
17. Delhi sas cantigas cantar
18. Mays aluos *quereu* del dizer
19. Quẽ lhaquesta manha Tolher
20. Bẽ assyo pode matar

### F351vC1

Pero da ponte<sup>710</sup>

1. Os de burgos son coytados
2. *Que* perderõ pedragudo
3. De quẽ porrã por cornudo
4. E disseron os iurados
5. Seia o pedro bodinho
6. *Que* este nosso verinho
7. Tam be come Pedragudo
  
8. E poys *queo* cõcelho
9. Dos cornos a poderado
10. *Que* lhi sayr demandado
11. Faralhel mao *trebhelho*
12. Ca el mêtres hi for cornudo
13. *Queira* hi seer temudo
14. E da vila poderado
  
15. E uedes en*que* grã bryo
16. El *queo deus* a chegado
17. *Pero* seer cornu dalgado
18. En tamanho poderio

### F351vC2

19. home de seu padre filho
20. Por tantome *marauylho*
21. Da esto seer chegado
  
22. E creede *que* en Justiça

---

<sup>710</sup>Cantiga de n° 1646.

23. Podi mays anada la *terrã*
24. Casse nõ dara hi guerra
25. Nẽ mui maa cobiiça
26. Ca el rogo nõca *prende*
27. De *cornos* mays *entẽde*
28. Mui bẽ os *foros* da *terrã*

### F351vC2

Pero da ponte<sup>711</sup>

1. Martin de cornes vi *queixar*
2. De sa molher agrã poder
3. *Que* lhi faz hi a seu cuydar
4. Torto mays eu foylhi *dizer*
5. Falar *quereu* hi seus praz
6. Demo leuo torto *que* faz
7. A grã puta desse foder
  
8. Mays se nos fodes hy de mal sẽ
9. De *que* lha poedes mal prez
10. Ca saluarse podela bẽ
11. *Que* nẽ hũ torto nõuos fez
12. Nẽ Torto nõ faz o tal ful
13. Quandoos *dados* acha algur
14. De os iogar hũa vez

### F351vC2

Pero da ponte<sup>712</sup>

1. Quẽ seu parente vendia

### F352rC1

2. Todo por *fazer* Thesouro
3. Sexe fossẽ *corredura*
4. E podesse prender mouro
5. Tenho *quexo* uẽderia
6. Quẽ sem parente vendia
  
7. Quẽ seu parente vendia
8. Bẽ fidalgue seu sobriõ
9. Se teuessen *santiago*
10. Bõa degade vinho
11. Tenho *quexo* uẽderia
12. Quẽ seu p
  
13. Quẽ seu parẽte uẽdia
14. Polo poerẽ no pao

---

<sup>711</sup>Cantiga de n° 1647.

<sup>712</sup>Cantiga de n° 1648.

15. Se pã sobrepostouuesse
16. E lhi chegassano mao
17. Tenho *quexo* venderia
18. Quê seu parente uêdia
  
19. Quê seu parête vendia
20. Mui fidalgue mui loucão
21. Se caualo copouuesse
22. E lho cõprassê *por* sao
23. Tenho *quexo* uenderia
24. Quê seu parente

### F352rC1

Pero da ponte<sup>713</sup>

1. De fernã diaz estaturao
2. oy dizer nouas de *que* mi praz
3. *Que* e home *que* muyto por *deus* faz

### F352rC2

4. E sse *quer* ora meter ermitão
5. E fara bom feyto seo fazer
6. De mays nũca lhome soube molher
7. Des*que* naceu tante de bõ cristão
  
8. Este tẽ oparaysen mão
9. *Que* sêpre mou cõ seu cristao paz
10. Nẽ nũca amou molher nẽ seu solaz
11. Nẽ desamou fidalgo nẽ vilano
12. E mays uos direy seus prouguer
13. Nunca molheramou nẽ *quis* nẽ *quer*
14. *Pero* cata fal aguyre loucão
  
15. E tã bõ dia foy nado
16. *Que* tã bẽ soubo pecadẽ ganar
17. *Que* nũca *por* molher rẽ *quis* dar
18. E pero metessel *por* namorado
19. E os *que* non conhecemos bẽ
20. Cuydamus del *que* folya mêtẽ
21. Mays el dauer molher nã e pẽssado
  
22. Que ssoiel fossẽ pardeãdo
23. Nẽ sse saberia melhor guardar
24. De nũca ia cõ molher abergã
25. *Pero* nã sse riir delo pecado
26. Ca nũca deu por molher nulha rẽ
27. E *pero* uedes seo vyr alguẽ
28. Terra *que* morre por seer casado

---

<sup>713</sup>Cantiga de n° 1649.

29. E poys en Tal castidade mãten
30. Quandel morrer dyreyuos hũa rẽ

### F352vC1

31. Beati oculy sera chamado

### F352vC1

Pero da ponte<sup>714</sup>

1. Sueyrans nũca eu terrey
2. *Que* uos Trobar nũ etẽdedes bẽ
3. Poys entẽdestes quando uos trobey
4. *Que* de trobar nũ sabia des rẽ
5. Mays o Trobar ondestades melhor
6. Entẽdedes *quando* uos trobar alguẽ
  
7. Entẽdesres hũ dia antel Rey
8. Comouos me terõ en hũ cantar
9. Polo peyor trobador *que* eu ssey
10. Estossa uos nũca pode negar
11. E *por* aquesto marauylhomeu
12. Deste poder *que* demo uolo deu
13. Por uos assy entẽderdes Trobar
  
14. Cauos ui eu *aqui* mui grã sazõ
15. E nũ uos vi *por* Trobador meter
16. E ora nũ uos trobã ã razõ
17. En *que* xi uos possa rẽ asconder
18. Sede mal Trobador enmẽtã hy
19. *Que* nos logo nũ digades a mĩ
20. Foy feita*quel* cantar de mal dizer

### F352vC1

Pero da ponte<sup>715</sup>

1. Quẽ a sa quyser dar
2. A mester cõ *que* sabha guarir
3. A maria domyngadir
4. *Que* a sabera bẽ mostrar

### F352vC2

5. E direyuos *que* lhi fara
6. Ante dũu mes lhamostrara
7. Como sabha mui bẽ ambrar

---

<sup>714</sup>Cantiga de n° 1650.

<sup>715</sup>Cantiga de n° 1651.

8. Ca me lhi ueiẽ ensinar
9. hũa sa filha e nodrir
10. E quẽ sas manhas bẽ cousir
11. Aquesto pode bẽ iurar
12. *Que* de paris a tẽes ata
13. Molher do *seus* dias nõ a
14. *Que* tã bẽ ssacorde danbrar
  
15. E quẽ dauer sabor
16. Nõ ponha sa filha tecer
17. Nẽ a cordas nẽ a coser
18. Mẽtresta mostra *aqui* for
19. *Quelhi* mostrara tal mester
20. *Por que* seia rica molher
21. Ergo selhi mĩguar lauor
  
22. E ssera ã mays sabedor
23. *Por* estas artes *aprender*
24. De mãdo quanto *quiser* saber
25. Sabelo pode mui melhor
26. E poys todesto bẽ souber
27. Guaira assy commo poder
28. De mays guaira *per* seu lauor

### F352vC2

Pero da ponte<sup>716</sup>

1. Dõ Garcia martiiz
2. Saber *queria* deuos hũa rẽ

### F353rC1

3. Dequãdo a *quer* mi grã bẽ
4. E lhi rẽ nõ ousa *dizer*
5. Con medo *que* lhi pesara
6. E nono posso mays sofrer
7. Dizedemi selho dira
8. Ou *que* mandades hy *fazer*
  
9. Pero de ponte responder uos *quereu*
10. E *dizer* meu sã seela pode *per* alguẽ
11. O bẽ *que* lhel *quer* *aprender*
12. Sol nõ lho diga mays seia
13. *Per* al non o podentẽder
14. Este pesar *dizer* lhoa
15. E poy *seruir* e atẽder
  
16. Don Garcia como direy
17. Aquẽ *sempre* mey e *seruy*

---

<sup>716</sup>Cantiga de n° 1652 (tenção).

18. A tal pesar *per que* dessy
19. *Perça quanto* bẽ no mũdey
20. Deu veer ede lhi falar
21. Ca sol viuer nõ poderey
22. Poys mela de ssy alongar
23. E desto iulgueuos el Rey
  
24. Pero de põte iulgarmey
25. Antel Rey *que* digassy
26. Poy *que per* outro nõ *per* mĩ
27. Mha coita nõ sabe *queirey*
28. Diz ela e se sse *queixar*
29. A tã muyto a *seruirey*
30. *Que por servir* cuydacabar

### F353rC2

31. *Quanto* bẽ sẽpre deseiey
  
32. Don Garcia nõ possosmar
33. Como diga neno direy
34. *Aque serui sempre* amey
35. Como direy tã grã pesar
  
36. Pero de ponte se mãpar
37. *Deus* prazmi *que uos* iulguel Rey

### F353rC2

Pero da ponte<sup>717</sup>

1. Eu en Toledo sẽprouço dizer
2. *Que* mui maa de pescade
3. Mays nono creo *per* bõa fe
4. Comi fui eu auerdadẽ saber
5. Ca noutro dia *quandeu* ẽ crey hy
6. Bẽ *uos* iuro *que* tema uida vi
7. A peixota suu leito jazer
  
8. En doãdo bẽ poder auer
9. peixota *que* na quisesse filhar
10. Ca nona vi a nulhome a parar
11. E hũa cousa *uos quero* dizer
12. Tenheu por mui bõa assaz
13. hua peixota su o leyto iaz
14. E sol nulhome nona *quer* prender
  
15. E sse de mĩ *quiserdes* aprender
16. Qual parta dezima ẽ esta sazõ
17. Nõ a hy se lhis uẽ hy salmon

---

<sup>717</sup>Cantiga de n° 1653.



18. Mays pescadoutro *pera* despander

### F353vC1

19. Mui rafece *por uos* eu nõ mêtir
20. Ca ui eu a peixota remanyr hy
21. So hũ leytassy *deus* mi pardon

### F353vC1

Pero da ponte<sup>718</sup>

1. Aos mouros *que* aqui sã
2. Don Aluaro rẽ nolhis dar
3. Mays mandalhis filhar razõ
4. Da cachaca e darlhisa
5. Do alme na cozinh ouuer
6. Mays o mouro *que* mi crever
7. A cachaca nõ filhara
  
8. Mays selha derẽ loguẽton
9. Aos cães a deytara
10. E direyuos por qual razõ
11. Ca nũcaxe lhi coxera
12. E a cachaca non a mester
13. Poys quisse nõ cozer a
14. Quanta lenha nõ mũa
  
15. Nenuos mouros ameu cuydar
16. Poyla uyrẽ nona *querrã*
17. Mays sea *quiserem* filhar
18. Direyuos como lhi farã
19. hylaam logo remolhar
20. Caassy soen adubar
21. A cachaca *quandolha* dã

### F353vC1

Pero da ponte<sup>719</sup>

1. Morte don martin *marcos*

### F353vC2

2. Ay *deus* se e uerdade
3. Sey ca se el e morto morta e torpidade
4. Morta e bauequya
5. E morta neyciidade
6. Morta e couardia e morta e maldade
7. Se don Martinho morto

---

<sup>718</sup>Cantiga de n° 1654.

<sup>719</sup>Cantiga de n° 1655.

8. Sã prez e sã bondade
9. Oy mays maos costumes
  
10. Outro senhor catade
11. Mays nono acharedes
12. De Roma ata cidade
13. Se tal senhor *queredes*
14. A lhulo demandade
15. *Pero* hũ caualeyro say eu por caridade
16. *Que uos* andaria tolher del soydade
17. Mays *que uos* diga ende bẽ verdade
18. Nõ est Rey nẽ conde
19. Mays hex outra podestade
20. *Que* nõ direy *que* direy *que* nõ direy

### F353vC2

Pero da ponte<sup>720</sup>

1. Poys *uos uos* conuydar nõ sabedes
2. Deste marido cõ *que uos* seedes
3. Motraruos *quereu* como *uos* vinguedes
4. Del *que uos* faz cõ mal dia vyuer
5. Maa noyte *uos* mando *que* lhi dedes
6. Poys *que uos* el mal dia auer<sup>721</sup>

### F354rC1

7. Poys *uos deus* deu tamanha ualẽtia
8. De *uos* uingar sse creuerdes ria
9. Deyte marido *que uos* da mal dia
10. Mostraruosey grã dereyta prender
11. Maa noite lhi daua todauya
12. Poys *que uos* mal dia faz auer
  
13. Direyuos eu a negra uerdade
14. Semha creuerdes essenõ leixade
15. Del *que uos* damal dia *uos* vingade
16. Poys *uos* en *deus* deu tamanho poder
17. Oy mays tya negra noyte lhi dade
18. Poys *que uos* el mal dia faz auer
  
19. Por *deus* tya *que uos* fez seer nada
20. Non sse ria poys
21. De *uos* na pousada
22. Este marido *que uos* tẽ coitada
23. Por *que uos* faz mal dia padecer
24. Negra noite lhi dade eescurada

---

<sup>720</sup>Cantiga de nº 1656.

<sup>721</sup> Há aqui a seguinte anotação: Esta cantiga fez Pero da Ponte | ao yfanço dõ Manuel *que* se cõmẽca e morte do *Martim* Marcos e na cobra | segunda o podẽ de entender.

25. Poys *que* uos el mal dia faz auer

### F354rC1

Pero da ponte<sup>722</sup>

1. Don Tisso Perez *queria* ogeu
2. Seer guardado do trelho sseu
3. A per doarlho botou *que* fuy meu
4. Mays ão me possa seu iogo *quitar*
5. E tisso perez *que* demo mhadeu
6. Peror sēpre migo *querer* trebelhar

### F354rC2

7. De Trebelhar mha el grã sabor
8. E eu pesar ãuca uistes mayor
9. Ca ão dormho de noite cõ pauor
10. Came trebelha sēpre aoluar
11. Demo o fez tã trebelhador
12. Por sempre migo *querer* Trebelhar
  
13. Cada *que* pode mal me trebelhou
14. E eu por en sa mha sanhando
15. Non desseu trebelho
16. Nao *que* vezou cõ *que* me uẽ cada noites
17. Por dar erisso perez de mho mostrou
18. Por sempre migo *querer* trebelhar

### F354rC2

Pedramigo<sup>723 724</sup>

1. Elvyra capa velha destaqui
2. *Que* ti vendessun judeu
3. Corretor e ficou
4. Contig outra muy peyor
5. Eluyra capa uelha *que* teu vi
6. Ca *queres* sēpre por dinheiros dar
7. A melhor capa e *queres* leixar
8. A capa velha el vyra perati
  
9. Per*que* te ficassy *deus* ti pardon
10. A capa uelhel vyra *que* trager
11. ão *quer* nulhome mays das auēder
12. Melhor capa velha doutra sazõ
13. El uyra ãuca ti capa darã
14. Ca ficas destas capas *que* ti dã

---

<sup>722</sup>Cantiga de nº 1657.

<sup>723</sup> A grafia do nome do trovador está registrada antes da antiga de nº 1658.

<sup>724</sup>Cantiga de nº 1658.

### F354vC1

15. Cõ as mays husadas no cabeçõ
16. Ca capa uelhel uyra mi pesou
17. Por *que* non e ia *per* a cas del Rey
18. A capa velhel uyra *que* eu sey
19. Muytusa *que* conitgo ficou
20. Ca pa corte sey *que* nõ ual rẽ
21. A capa velheluyra *que* ia tẽ
22. Pouco cabelo ta muytossuson

### F354vC1

Pedramigo<sup>725</sup>

1. Huu Bispo diz aqui por sy
2. *Que* e de conca
3. Bon sey demi
4. *Que* bispo nõ achey de couca
5. Des*que* eu naci *que* dala fosse natural
6. Mays da*queste* mi uenha mal
7. Se nõca tamsẽ conca vi
  
8. E nõca tal mẽtira uy
9. Qual el dissaqui antel Rey
10. Casse meteu por qual direy
11. Por *bispo* de conca logui
12. E dixilheu loguẽton al
13. hu estessa conca bispal
14. De *que* uos falades assy
  
15. E polo Bispo auer sabor
16. *grande* de conca uẽ auer
17. Nonlho *queremos* nos caber

### F354vC2

18. Ca dissouesitador
19. *Que* bispo *per* nõ hũ logar
20. Nõ pode *por* de conca andar
21. *Bispõ* *que* de cõca non for
  
22. Vedes *que* bispe *que* senhor
23. *Quevos* cuydaa *fazer* creer
24. *Que* e de conca mays saber
25. Podedes *que* e chufador
26. *Per* mĩ *que* o fuy asseytar
27. Antel cõca nõ talhador

---

<sup>725</sup>Cantiga de n° 1659.

**F354vC2**Pedramigo<sup>726</sup>

1. Don Steuã oy por uos dizer
2. Dunha molher *que queredes* grã bẽ
3. *Que* e guardada *que* per nulha rẽ
4. Nona podedes amigo veer
5. E al oy de*que* ey grã pesar
6. *Que* quantouuestes todono logar
7. hu ela e fostes hy despender
  
8. E poys ficastes probe sã auer
9. Non veedes ca fezestes mal sen
10. Si *quer* agente agrã mal uolo tẽ
11. Por hirdes Tal molher grã bẽ *querer*
12. *Que* nũca vistes riir nẽ falar
13. E por molher tã guardada ficar
14. *Vos* veieu probe sen conhocer

**F355rC1**

15. E nõ veedes home pecador
16. Qual esto mũdo e estes *que* hi sã
17. Nẽ conhocedes mesquinho *que* nõ
18. Se paguã ia de quẽ faz o peyor
19. E grã sandice do me por oyr
20. Dir despender quanta por seu amor
  
21. E bẽuos façamigo sabedor
22. *Que* andaredes *por* esta razõ
23. *Per* portas alheas mui grã sazõ
24. *Por que* fostes *querer* bẽ tal senhor
25. *Por que* sodes Tornadẽ *pera* pedir
26. Eas guardas nõsse *queren* partir
27. De uos e guardaua poren melhor

**F355rC1**Pedramigo<sup>727</sup>

1. Quẽ mhora *quisesse* cruzar
2. Ben assy podena hyr
3. Ben como foy a ultramar
4. Pero danbroa *deus* seruyr
5. Morar Tanto quantel morou
6. Na melhor rua que achou
7. E dizer venho dultramar
  
8. E tal vyla foy el buscar

---

<sup>726</sup>Cantiga de n° 1660.

<sup>727</sup>Cantiga de n° 1661.

9. De *que* nũca *quiso* sayr
10. Ata *que* pode bẽ osmar
11. Que podia hir e viir
12. Outromẽ de iherusalẽ

### F355rC2

13. E posseu hir se andar bẽ
14. hu el foy Todaquestosmar
  
15. E posseu monpirller morar
16. Ben como el fez *poruos* mẽtir
17. E ante *que* chegao mar
18. Torname possede partir
19. Comel de patenco *nostro deus*
20. Pos morte poderdos *iudeus*
21. E enas Tormẽtas domar
  
22. Essemeu *quiser* enganar
23. *Deus* bẽ o possaqui *comprir*
24. Enburgos casse *preguntar*
25. *Por* nouas benas posso oyr
26. Tã bẽ come el en mõ pirller
27. E dizelas poys a quen *quer*
28. *Que* me por nouas *preguntar*
  
29. E poys endas nouas souber
30. Tã bẽ posseu se mi *quiser*
31. Come hũ grã palmeyro chufar

### F355rC2

Pedramigo<sup>728</sup>

1. Pero danbroa Tal senhor auedes
2. *Que* nõ sey quen se dela nõ pagasse
3. E aindeyuoos eu como sabedes
4. Es contra ela mui de bõa mẽte
5. E dissela fazedemelhen mẽte
6. Ainda oie uos migo iaredes

### F355vC1

7. Por seu amor ca xanda tã coytado
8. *Que* se nos oie migo no iouuerdes
9. Sera sandeu e seo nõ fezerdes
10. Non sse terra de uos por aindado
11. Mays enmẽtademelhi hũa uegada
12. E marrey eu uosquẽ uossa pousada
13. E o catino *perdera* cuydado

---

<sup>728</sup>Cantiga de n° 1662.

14. E ia *que* lhi uos amor demostrastes
15. Semelhora *que* lhi sodes amigo
16. Jazede logo *aquesta* noyte cōmigo
17. E desy poys cras hu *quer que* o veíades
18. Dizedelhi *que* comigo albergastes
19. Por seu amor *equē* me lhēmētastes
20. E nõ Tenha *queo* pouca iudades

### F355vC1

Pedramigo<sup>729</sup>

1. Maria balteyra *que* se *queria*
2. hir ia *daqui* ueome *preguntar*
3. Se sabia *iaque* *daguyraria*
4. Ca nõ podia mays *aqui* andar
5. E dixilheu logenton quantẽ sey
6. Maria *perez* enuolo *direy*
7. E dissela logui *que* mho *gracia*
  
8. E dixeu poysuos hydes uossa uya
9. Aquẽ leixades ouossescolar
10. ou uosso filhe uossa cõpanhã
11. Porẽ uos manden carar<sup>730</sup>
12. *Que* ueíades uos *aguyros que* ey

### F355vC2

13. Como possyr e mays uos en direi
14. A *meus* desto sol nõ *mouerya*
  
15. E dixilheu cada *que* uos deíades
16. *Que* estornudos soedes dauer
17. E dissela *dous* ey benho sabbades
18. E hũ ey *quando quero* mouer
19. Mays este nõ sey eu bẽ departir
20. Mays hũ manda sol *que* nõ mouades
  
21. E dixilheu poys *aguyro* catades
22. Das aues uos ar cõuẽ a saber
23. Vos *que* tam longa carreira filhades
24. Dissela esso uos *queren dizer*
25. Ey fery uelha sãprao sayr
26. E dixilheu bẽ podedes uos hir
27. Cõ feri uelha mays nũca Tornades

### F355vC2

Pedramigo<sup>731</sup>

---

<sup>729</sup>Cantiga de nº 1663.

<sup>730</sup>Embora seja o que parece constar no códice, não faz sentido. Provavelmente, ‘catar’.

1. Johan baueca e Pero danbroa
2. Comecaron de fazer sa tencon
3. E sayronsse logo da razõ
4. Joã baueca e Pero danbrõa
5. E por *que* xa nõ souberon seguyr
6. Nunca *quedaron* poys en departyr
7. Johã baueca e *Pero* danbrõa
  
8. Johã baueca e *pero* danbro
9. Ar foy outra razõ começar
10. Sobre *que* ouuerom de peleiar

---

<sup>731</sup>Cantiga de n° 1664.



## **Capítulo IV**

## MÉTODOS E TÉCNICAS ADOTADOS NA ELABORAÇÃO DO GLOSSÁRIO

Entendido como “o subsistema da língua mais dinâmico”, o léxico “é o elemento mais diretamente chamado a configurar linguisticamente o que há de novo” e, por essa razão, é o nível linguístico mais afetado pelas mudanças ao longo do tempo (VILELA, 1994, p. 14).

Conforme alerta Machado Filho:

A arquitetura histórica do léxico molda-se, pois, em alicerce de grande complexidade, estruturando-se indissociavelmente no fazer sócio-histórico – igualmente como sói ocorrer nos outros níveis formativos de uma língua –, conquanto, se evidencie essa tendência no léxico em dimensão muito mais diáfana do que na morfologia, na sintaxe ou no discurso (MACHADO FILHO, *no prelo*, p. 1. *Tradução do autor*)<sup>732</sup>.

Para conhecer a constituição histórica do léxico da língua portuguesa, têm-se desenvolvido uma série de investigações no âmbito da lexicologia e da lexicografia, nomeadamente em perspectiva histórico-variacional, já que a falta de normalização ortográfica do português na história permite evidenciar diferentes realizações fônicas representadas pelas oscilações idioletais e dialetais dos escribas da época.

Inventariar o léxico patente nos mais diversos *corpora* do português é tarefa de que se ocupa a Lexicografia, habitualmente definida como “a “ciência”, “técnica”, “prática” ou mesmo “arte” de elaborar dicionários, vocabulários, glossários etc (WELKER, 2004, p. 11).

A esse respeito, Welker esclarece que

a *lexicografia* refere-se a duas atividades distintas, as quais, obviamente, resultam em produtos diferentes. Essas duas subáreas costumam ser designadas pelos termos *lexicografia prática* e *lexicografia teórica*.

Na lexicografia prática, a atividade é a elaboração de dicionários, e os produtos são os dicionários.

A *lexicografia prática* não é uma ciência... é uma prática – para a qual se precisa de muita ciência (...) “conhecimento atento e aprofundado de alguma coisa”), pois quem elabora, ou compila um dicionário tem que conhecer não somente fatos linguísticos, principalmente o léxico, como também as maneiras em que esses fatos podem ser apresentados num dicionário.

---

<sup>732</sup> The historical architecture of the lexicon adapts itself in a foundation of great complexity, inseparably in the social-historical making – just as it happens on other formative levels of a language. However, this tendency shows itself in the lexicon in a much clearer way than on morphology, syntax or speech (MACHADO FILHO, *no prelo*, p. 1).

Já na lexicografia teórica, cada vez mais chamada de *metalexicografia*, estuda-se tudo o que diz respeito a dicionários... Seus produtos são os conhecimentos adquiridos e divulgados. (WELKER, 2011, p. 31-32)

Concentrando-se na *lexicografia prática*, deve-se sublinhar que há na elaboração de produtos lexicográficos diferentes áreas de investigação e construção, usualmente, definidas como Lexicografia tradicional e Lexicografia histórica.

Machado Filho explica que a Lexicografia histórica é

um campo de pesquisa deveras idiossincrático, já que, diferentemente da lexicografia contemporânea, a conservação da diversidade de usos da escrita, isto é, o pleno registro da variação gráfica, é muito mais requerido naquela do que nesta, passando essa ideia a se configurar como uma das linhas metodológicas norteadoras do trabalho de pesquisa diacrônico do léxico, nomeadamente no que se refere à construção de dicionários históricos da língua, em especial daqueles que objetivem registrar o período que antecede as novas posturas sociais, comportamentais e linguísticas do período renascentista em Portugal (MACHADO FILHO, 2012, p. 382).

A fundação dessa vertente lexicográfica, ou seja, da Lexicografia histórico-variacional, vem como resposta à pouca atenção que a Lexicografia tradicional tem dado aos formatos lexicais que se dissociam dos padrões linguísticos adotados hodiernamente. Isto é, as realizações lexicais patentes na fala de diferentes dialetos brasileiros não têm conseguido o registro que a história deveria promover, haja visto que,

no que concerne ao léxico, desconhecem-se ou omitem-se, como produtos linguístico-culturais de importância para a compreensão do processo formativo da língua, os formatos morfofônicos dos metaplasmos tão comuns desde a passagem do latim para o português, tais como próteses ou aféreses, epênteses ou sínopes, paragoges ou apócopes, rotacismos etc., muitas vezes desprezados no processo de registro escrito da história linguística do País. Considerando que *verba volant*, é tempo de se evitarem as perdas a que se submetem as línguas naturais, no que concerne às formas linguísticas das minorias no processo de construção das línguas de cultura. [...] mas já seria tempo de se estabelecerem estratégias pontuais que possam reverter, ao menos, parcialmente, a assepsia imposta pela norma-padrão aos formatos linguístico-lexicais dissonantes (MACHADO FILHO, 2014, p. 244).

Para isso, é preciso que o lexicógrafo histórico-variacional desenvolva métodos próprios que referendem atualmente elementos olvidados na passividade do passado.

Tal postura deve ter por escopo o registro de todas as formas observadas nos *corpora* investigados, independente da frequência de uso das unidades lexicais, como têm, até hoje, utilizado os lexicógrafos contemporâneos, isto é, deve-se inventariar toda “variedade das formas gráficas, quer simples, quer compostas ou complexas, ainda

textuais, que possam ocorrer nos *corpora*, mesmo se não lhe for atestado um correspondente morfológico canônico” (MACHADO FILHO, 2012, p. 382).

Em outras palavras, se no levantamento dos dados ocorre uma unidade lexical uma única vez e exclusivamente no feminino plural será esta a forma a compor o lema principal do verbete, evitando-se a canonização morfológica praticada na Lexicografia tradicional, que nesses casos optaria por excluir o item no processo de composição da nomenclatura.

Assim, a composição dos *corpora* deve refletir mais proximamente possível as realizações lexicais pertinentes ao momento histórico em que se inserem, revelando-se-lhes na sua amplitude de variação em sua integridade mais real.

No que concerne à língua falada, em trabalhos realizados na perspectiva sincrônica, sobretudo, em trabalhos de lexicografia variacional sincrônica, as transcrições devem privilegiar grafematicamente as alterações fônicas, sobretudo, metaplásmicas dessas unidades. Quanto à língua escrita, em trabalhos histórico-diacrônicos, os textos devem ter sido transcritos também grafematicamente com as sinalizações de variação de cada uma dessas unidades, razão pela qual se tem optado por edições de caráter mais conservador.

Estabelecendo métodos que distoam significativamente dos ditames tradicionais da lexicografia contemporânea, na Lexicografia histórico-variacional revisita-se o conceito de variante lexical, já que

quando se definem variantes lexicais a questão tem apresentado outros contornos, como se ao léxico só importassem causas de ordem morfológica ou provenientes de fenômenos referentes a um estágio superior na hierarquia taxionômica dos níveis de análise (MACHADO FILHO, 2014, p. 271).

Nessa linha de raciocínio, há de se concordar com Lorente quando defende que “os diversos aspectos do léxico (fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos) sejam representados de maneira integrada” (LORENTE, 2004, p. 27), o que já propugna Machado Filho, em sua discussão sobre o conceito de variante lexical:

Quando relacionado a pesquisas de viés histórico-variacional, variante lexical deve ser entendida como “cada forma diferente de se representar, em um mesmo contexto, um mesmo valor significativo ou funcional, independentemente de as alterações na forma terem origem fonética, fonológica, morfológica ou discursiva (MACHADO FILHO, 2014, p. 274).

Arelado a isso, no que diz respeito ao design estrutural, ou seja a macroestrutura de um produto lexicográfico – como glossários, vocabulários e dicionários –, há a necessidade de um sistema de remissões bastante complexo, senão perdulário, em função da característica volátil, variacional dessas unidades.

No caso dos verbos, cerne do trabalho lexicográfico ora desenvolvido, “por normalmente exibirem um comportamento flexional bastante prolífico e produtivo na história da escrita, podem e devem conformar-se aos ditames tradicionais de lematização” (MACHADO FILHO, 2012, p. 382), conquanto condicionados à estratégia de falsa entrada morfológica quando não identificados os infinitivos no *corpus*.

Note-se que, ao falar sobre a morfologia em dicionários monolíngues, Caluwe e Taeldaman advertem que “cada lexicógrafo tem que tomar uma série de decisões de como descrever e compor uma palavra” (CALWE; TAELEDMAN, 2003, p. 115, *tradução nossa*)<sup>733</sup>.

As decisões tomadas na construção de cada verbete devem nortear-se pelo já mencionado intuito de registrar a variação tão cara a documentação do período arcaico, apresentando estratégias metodológicas que evidenciem para o consulente as formas patentes no *corpus* selecionado e sublinhem o que é meramente remissivo.

No caso da presente pesquisa, optou-se por considerar que se uma unidade verbal só foi identificada em formatos finitos, o lema principal trará indicadores próprios para alertar quanto a não ocorrência do formato canônico. Exemplificando, seria o caso de verbos como *affrontar*, cuja entrada no glossário seria **affront[ar]**, em razão de só ter sido identificada apenas no Imperativo Negativo.

Destarte, na composição da microestrutura, cada uma das informações fornecidas sobre um lema em um verbete corresponde ao que comumente se chama de *item*, que, por sua vez, demanda indicadores próprios para a sua representação, isto é, marcas tipográficas (itálico, negrito etc) e não tipográficas (sinais, símbolos, parêntese etc), normalmente chamados de *indicadores tipográficos* e *não tipográficos*, respectivamente.

---

<sup>733</sup> Each lexicographer has to make a number of decisions on how to describe derived and compound word (CALWE; TAELEDMAN, 2003, p. 115).

Quanto a questão da definição, esta é estabelecida com base no contexto, sempre que possível, utilizando-se, muitas vezes, a estratégia da sinonímia.

Como sublinha Machado Filho, a definição de itens lexicais de períodos recuados “tem-se traduzido como improvável, se se considerar o nível de imprecisão a que se poderia chegar em relação ao próprio nível de conhecimento fragmentário que se tem da sincronia que se pretende (...) caracterizar” (MACHADO FILHO, 2003, p. 21).

Por essa razão, “na impossibilidade de uma solução mais adequada para a codificação da informação semântica” (MACHADO FILHO, 2003, p. 21), reconhecendo que o conhecimento que se pode construir sobre determinadas sincronias é fragmentário, o lexicógrafo histórico-vaciacional deve

optar por recorrer, por vezes, quando necessário e quiçá sem remorso, à estratégia da – com razão, tão combatida pela lexicografia moderna, porém por esta utilizadíssima – definição sinonímica, a partir da observação das acepções contextuais, valendo-se, todavia, de paráfrases lexicográficas, quando possível (MACHADO FILHO, 2012, p. 384).

Além da definição, o étimo ou derivação morfológica de cada item lematizado também foram incluídos na nomenclatura a partir das informações registradas nos dicionários etimológicos mais conceituados, disponíveis.

Indicadas por letra minúscula redonda sobrescrita, seguida de ponto, após o fechamento dos parênteses com a informações etimológicas, foram consultadas as seguintes obras:

<sup>c</sup>. – COROMINAS, Joan. *Breve diccionario de la lengua castellana*. Madrid: Gredos, 1954-1957. 4 v.

<sup>cl</sup>. – Academia das Ciências de Lisboa. *Dicionário da língua portuguesa contemporânea*. Lisboa: Verbo, 2001.

<sup>cp</sup>. – COROMINAS, Joan; PASCUAL, José. *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*. Madrid: Gredos, 1991, 6v.

<sup>g</sup>. – CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

<sup>h</sup>. – HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1 ed. Objetiva, 2009.

<sup>m</sup>. – MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa: com a mais antiga documentação escrita conhecida de muitos vocábulos estudados*. 6 ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1990. 5v.

<sup>mf.</sup> – MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. *Dicionário etimológico do português arcaico*. 1. ed. Salvador: Edufba, 2013.

<sup>mg.</sup> – GUÉRIOS, Rosário Mansur. *Dicionário Etimológico de nomes e sobrenomes*. São Paulo: Ave Maria, 1981.

<sup>om.</sup> – OLIVEIRA, Corrêa de; MACHADO, Antônio de Moraes. *Textos portugueses medievais*. Coimbra Editora, 1969.

<sup>t.</sup> – TORMO, Teresa García-Sabell. *Léxico francés nos Cancioeniros galego-portugueses*. 1990.

<sup>v.</sup> – VASCONCELOS, Carolina Michäelis de. Glossário do Cancioneiro da Ajuda, *Revista Lusitana* 23, 1992.

De acordo com Viaro (2011, p. 99), deve-se ter clareza acerca da distinção entre o étimo e a derivação morfológica, uma vez que:

No étimo, por definição, a *mesma* palavra sofre mudanças fonéticas e semânticas sem nenhum aumento ou decréscimo de elementos de formação (como prefixos e sufixos); já na derivação, trata-se visivelmente de *palavras distintas*. (VIARO, 2011, p. 99).

Utilizadas para reconstituir, ainda que parcialmente, a informação semântica dos itens lexicais, as abonações apresentadas foram extraídas da edição diplomática realizada, considerando como indicador tipográfico importante o negrito em todos aqueles que se caracterizem como lemas. Por esse motivo, no glossário apresentado, as abonações serão feitas por estrofes independente de haver ou não ocorrências repetidas em outros tempos, como no seguinte exemplo (ver figura 24):

Figura 24: Excerto do Glossário

**creer** – v. (< lat. *\*credere*)<sup>h</sup> → descre[er]. ‘acreditar’; ‘tomar por verdadeiro’ || INF [xvi/cbnp/223.60vc1.1-9]: Mais en quãteu ja vivo for poren | Nõ **creerey** que o Judas uendeu | Nen que poz vos nacruz morte predeu | Nen que filhest desanta Maria | e outra cousa uos quero dizer | ca ffoy coitado nõ quero **creer** | Ca do coyada doerssa veria. || IP5 [xvi/cbnp/612.135rc2.1-22]: Todos uos dizẽ senhor cõ ãueia | Que dessamedes elles emi nõ | Por deus uos rogo que esto nom seia | Nẽ ffacades coussa tãsen rrazõ | Amades uosos queuos mays desseia | E bem **creede** que elles todos ssom | Esse uos eu quero bẽ de corazõ | Leuẽme des a terra huuos nõ ueia. || IF1 [xvi/cbnp/223.60vc1.1-9]: Mais en quãteu ja viuo for poren | Nõ **creerey** que o Judas uendeu | Nen que poz vos nacruz morte predeu | Nen que filhest desanta Maria | e outra cousa uos quero dizer | ca ffoy coitado nõ quero **creer** | Ca do coyada doerssa veria. || IPP1 [xvi/cbnp/223.60vc2.1-21]: Aynda uos del direy outra iren | Poys quanto ben Auia me tolhe | E quantel senpre no mundentẽdeu | deque eu muy grã pesar prenderia | per bõa ffe daly mho fez prender | Por esto nẽ quer eu per el **creer** | e quanto perel **criue** fiz folia. || CPI3 [xvi/cbnp/173.44rc1.1-7]: Se **creuesseu** Martin syra | nõca meu dali partira | du mel disse **quea** vira | enssanhoane e enssaya | morarey cabo da maya.

Os modos e tempos são identificados seguindo a ordem e códigos apresentados a seguir:

INF – Infinitivo  
 IP – Indicativo Presente  
 IPP – Indicativo Pretérito Perfeito  
 IPI – Indicativo Pretérito Imperfeito  
 IP+ – Indicativo Pretérito-mais-que-Perfeito  
 IF – Indicativo Futuro  
 C – Condicional  
 CP – Conjuntivo Presente  
 CPI – Conjuntivo Pretérito Imperfeito  
 CF – Conjuntivo Futuro  
 IA – Imperativo Afirmativo  
 IN – Imperativo Negativo  
 G – Gerúndio  
 PP – Particípio Passado  
 INFL – Infinitivo Flexionado

Ao lado desses códigos, exceto nas formas nominais (Infinitivo, Gerúndio e Particípio Passado), consta um algarismo entre 1 (um) e 6 (seis), assinalando a pessoa referente à forma destacada na abonação.

O gênero e o número das formas do Particípio Passado são indicados por duas letras minúsculas: m = masculino ou f = feminino e s = singular; p = plural)



As variantes de natureza gráfica – ou lemas secundários – são inseridas seguidas do sinal til (~) na cabeça do verbete aparecem, além disso, como entradas remissivas. Como ilustrado na figura a seguir:

Figura 25: Excerto do Glossário

**afanar** ~ **affan[ar]**– v. (< lat. \**affanare*)<sup>m</sup>. ‘penar’; ‘trabalhar ativamente’; ‘afadigar(-se)’. || INF [xvi/cbnp/1301.273vc1.1-8]: Tẽ el *que* faz dytẽ se *queixar* | Poys lhe nõ ual *servir* e **afanar** | Nẽ podaquí cõsselho *per* calcal | Comalẽmar *per* servir *per* calcou | Porẽ *quer* ssyr a seu tenpo passar | Hu grã tenpa *servyu* e *affanou*. || IPP3 [xvi/cbnp/1301.273vc1.1-6]: Aluar uegeu agrauar | Porque ssessẽtaqui mẽguadãdar | E tẽ *que* lhya melhor alẽmar | *Que* lhe vay aquy hu naceu e criou | E por estodiz *quesse quer* tornar | hugrã tenpa *seruiu* e **affanou**.  
**affan[ar]** → **afanar**.

No primeiro verbete em que a variação é registrada, todas as formas gráficas são abonadas, como sinalizado seguinte ilustração:

Figura 26: Excerto do Glossário

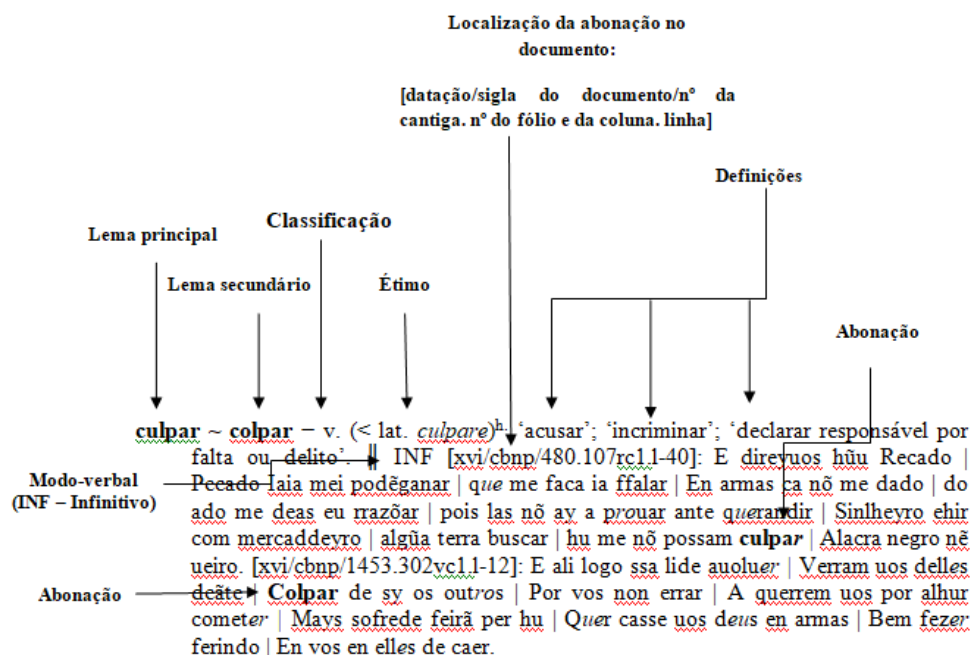
**auer** ~ **ha[ver]**– v. (< lat. *habere*)<sup>h</sup>. ‘ter’; ‘possuir’. || INF [xvi/cbnp/144.36rc2.1-11]: Maram soarez nõ possuẽu osmar | *que* nõ las gentes *querã* consentir denõs tal | homã fazermos porar e *rograria* çã hu | for pedir algũ ueraõ vilãser triste roso | e torpe sã saber e *que*ssa denõs e dal tũr. || IP1 [xvi/cbnp/78.21vc1.1-3]: Gram mal me faz agora Rey | *que* san pra *serui* e amey. | por que me parte hu eu (*ey*) prazer e sabor de *guarir* | Se meu da Marinha partir | nõn poderav alhur *guarir*. IP3 [xvi/cbnp/143.36rc1.1-16]: E diz *que*uyo hũu judeu *que* uyo prender | nõnro senhor *aueredes* hi grã *sabores*uolo. | cõtar cuydomeu diz *que*che judeu pastor | natural de *rocamadõ* e *que*che nome dona | dreu. IP4 [xvi/cbnp/871.18rc1.1-13]: Nos moesteyros dosfrades *negrados* | *ademã*dey e *diserõ*massy. | nõ boç *que* das uõs *auerdadaqui* | çã muy tos anos *uemos* passados | *que* nõ morou nõçoço *per* bõa fa | e dal *uemos* mayores coidados. IP5 [xvi/cbnp/466.103rc2.1-45]: Con aqesto *que* *aueredes* Mui mais çã outro *compristes* | Hu *quer* que mãão metes | Tas *guaracãdo* *aueristes* | A *quem* *quer* que cometastes | Sempre mal oes *caenistes*. IP6 [xvi/cbnp/142.35vc2.1-6]: Oy eu donas *en* calladas | *que* ia sanpre *seruirey* | por *que* ando namorado | *pero* nõ uõlas *diray* | çã pauõ *que* delas *ey*. | Asy mãã la castigado. || IPP3 [xvi/cbnp/143.36rc2.1-24]: *ouue* en sabor desse tornar *afay*lyx grau | dandar *coyra* egalistau *cõtorauis* do *ãperador*. IPP6 [xvi/cbnp/1664.355vc2.1-5]: Johã bauca e Pero danbro | Ar foy outra *razõ* comapar | Sobre *que* *ouuerom* de palaiar. || IF5 [xvi/cbnp/143.36rc1.1-14]: E diz *que*uyo hũu judeu *que* uyo prender | nõnro senhor *aueredes* hi grã *sabores*uolo. | cõtar cuydomeu diz *que*che judeu pastor | natural de *rocamadõ* e *que*che nome dona | dreu. || CF3 [xvi/cbnp/144.36rc2.1-15]: Paay soares *ohomem* *desseu* triste e nõioso | e torpe sem master *per*faremos: nos | de cuydomeu *iojar* *seen* denõs a | jude *ouuer* *palhe* *daredes* uõs esse sayo | e *porrey* lhay nome *rograr* *sisom* e | contal nome *gualroi* *per* hu *quer*.

Em suma, em função do trabalho elaborado, foram utilizados os seguintes indicadores tipográficos e não-tipográficos:

ITENS	INDICADORES TIPOGRÁFICOS	INDICADORES NÃO TIPOGRÁFICOS
lema principal	letra redonda minúscula em negrito	seguida de traço quando não houver lema secundário
lema secundário	letra redonda minúscula em negrito	precedido por til (~) e encerrado por traço (-)
classificação gramatical	letra redonda minúscula	abreviatura encerrada por ponto (v.)
<i>étimo, origem ou processo de formação</i>	<i>letra minúscula em itálico</i>	entre parênteses em que o sinal < indica procedência
‘definição’	letra redonda minúscula	entre aspas simples entre ponto e vírgula e encerrada a última acepção por ponto.
Localização	letra redonda minúscula	entre colchetes, obedecendo à seguinte ordem: século/abreviatura da obra/nº da cântiga.fóliocoluna.linha
Abonações	letra redonda minúscula em negrito	a mancha em destaque em negrito
Remissões	letra redonda minúscula	

A definição macroestrutural revela a seguinte configuração dos verbetes:

Figura 27: Verbetes-chave



Deve-se esclarecer que, embora tradicionalmente utilize-se a sigla B para fazer referência ao Cancioneiro, no trabalho lexicográfico adota-se a sigla cnbp, mantendo-se o padrão dos verbetes do DEPARC, de identificar as obras em que constam as abonações com 4 (quatro) letras.

Adota-se também uma importante estratégia metodológica utilizada no processo de lematização dos verbos, denominada por Machado Filho de *falsa entrada*,

a nomenclatura deveria idealmente comportar não apenas toda a variação detectada nos *corpora*, mas, também, fomentar uma estratégia de "falsas entradas" em português moderno – somente quando estritamente necessárias – devidamente sinalizadas, contudo, com indicadores estruturais, tipográficos e não-tipográficos, como elementos facilitadores de consulta, isto é, nos casos especiais em que a alfabetação pudesse ser comprometida (MACHADO FILHO, 2012, 384).

Ou seja, como o item não consta no *corpus* no formato hoje reconhecido pelo falante, busca-se com essa estratégia permitir a rápida identificação do consulente em sua necessidade de pesquisa.

Como exemplos de falsas entradas apresentadas no glossário elaborado, têm-se:

- [batizar] → baticar.
- [beber] → beuer.
- [cair] → caer.
- [confiar] → cufi[ar].

[**confundir**] → confund[er].

O verbo *olhar*, por exemplo, tão comum no português atual, não aparece no formato contemporâneo nas cantigas estudadas nem na nomenclatura do *Dicionário do Português Arcaico*, construído a partir de um notável conjunto de *corpora* do período. Nos textos satíricos do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, consta apenas a forma finita da sexta pessoa, do Pretérito Imperfeito, do modo Conjuntivo – *aolhassem*<sup>734</sup> – e, por essa razão, na nomenclatura do glossário construído registra-se a *falsa entrada* [**olhar**] para encaminhamento da consulta ao verbete **aolh[ar]**.

Como já referido, nos casos em que o verbo não ocorre no infinitivo no *corpus*, senão em formatos finitos, emprega-se a estratégia de falsas entradas morfológicas a fim de permitir a canonização da unidade, utilizando-se indicadores não tipográficos para marcar exclusivamente morfemas temáticos e modo-temporais.

Figura 28: Excerto do Glossário

[**bocejar**] → **bucigi[ar]**.  
**bucigi[ar]** – v. (< *boca* + *-giar* [< *-jar*])<sup>cl.</sup> ‘bocejar’. || IPP3  
[xvi/cbnp/461.101vc2.1-12]: E  
poys alt oliou estendeusse | e  
**bucigiou** por huna uelha enuiou |  
que o ueese escaëtar dolho mao |  
de manear.

Dado o exposto, constata-se que a adequada integração de natureza remissiva dos lemas secundários, ou seja, dos itens que representam formas variantes, é realizada com o propósito de permitir ao consulente, ao interessado na história do léxico, uma rápida e adequada identificação do processo de lematização.

<sup>734</sup> Cf. Cantiga de nº 461 ou verbete *aolh[ar]*.

## **GLOSSÁRIO**

# A

**abrir** – v. (< lat. *aperire*)<sup>g</sup> ‘abdicar’; ‘destrancar’; ‘separar’. || INF [xvi/cbnp/1369.292vc1.1-7]:

Hunha donzela iaz aqui | Que foy egano hua doã seyr | E nolhi soube daterra sayr | E a dona caualgou ecolheu | Dom caralhote nas maas erẽ | Poyslo apreso ca esta mui bem | E non quer delas mãos **abrir**. || IPP3 [xvi/cbnp/1489.321rc1.1-13]:

Atelheu dixi *que* mal sã faria | *Quesse* nõ *queria* de la guardar | Sigo na casa o hya ieytar | E dixilheu quẽ tolhendauerria | Ca uos direy do peon como fez | **Abriu** a porta e fodeu hũa uez | Nũca soube del sabedoria. IPI5 [xvi/cbnp/1439.299rc2/1-6]: Maria genta | Maria genta | Da saya cintada | hu masestes esta noyte | Ou quen *pos* ceuada | Alua **abriadesmala**. || IA3 [xvi/cbnp/1625.347rc2.1-13]: E quãdel a madeyra adusser | Guardea bẽ e façaa iazer | Enlogar *que* nõ chouha ca torcer | Ssia mui Toste nõ ar a mester | E sseo lauor nõ *quer* escarnir | **Abrelho** fundamentalte ferir | E muyto batelo quãto poder.

**acabar** – v. (< *a-* + *cabo* + *-ar*)<sup>h</sup> ‘realizar’; ‘terminar’. || INF [xvi/cbnp/414.92rc1.1-10]: Aluos er *quero* dizer *que* faredes | poys *que* uos la mal ey de *conselhar* | poys *per* hy mays cuydades **acabar** | assifaze de como uos fazedes | fazede bẽ *senpre* *aquem* uos mal fez | e matade mĩ *senhor* pois uos *praz* | e nõca uos molhor mouro *matedes*. || IPP3

[xvi/cbnp/1456.305rc1.1-4]: Pero danbroa prometeu | De pram *que* fosse Romeu | De sancta maria | E **acabou** assy ssa Romaria | Coma cabouado frume Iordan | Caentonce ata mopilier | Chegou eora per Rocaua | Les passou etornousse | Do poio de Roldam.

**acaecer** – v. (< lat. vulg. *\*accadescere*, der. do lat. *cadere*)<sup>h</sup> ‘acontecer’. || INF [xvi/cbnp/1453.302rc2.1-5]: Bernal fendudo querouos | Dizer o que facades | Poys uos querem dar | Armas e dona saluage chamar | Se uos cõ touros lad**acaecer** | Ssoffredeos ca todos ferrã uos | E dando colbes en uos | Canssaran e aueredes | Poys uos auancer. || IP3 [xvi/cbnp/460.101vc1.1-5]: Pois que meu *pres* nẽmha onrra nõ *crece* | porque me quigy teer auerdade | Vedelo que farey par caridade | Poys que ueyo que masy **acaece** | Mentirey ao amigo eao senhor | E poiar a meu *prez* e meu ualor | Com mẽriza poys cõ verdade deçe.

**acender** – v. (< lat. *accendere*)<sup>g</sup> ‘pôr fogo’; ‘irromper’. || INF [xvi/cbnp/1634.349rc2.1-18]: E uedes *que* bẽsse *guisou* | De fria cozinha teer | O Infançõ ca nõ mandou | Desogani foga **cender** | E sse vinho gaar dalguen | Alilho esfriarã bẽ | Seo frio quiser beuer.

**acertar** – v. (< lat. *accertare*)<sup>cl</sup> ‘encontrar’; ‘achar’. || INF [xvi/cbnp/1312.280vc2.1-5]: Poren partideste feito decedo | Ca de mal dizer non tirades prol | E como sem Johane anes dol | Jadeuos perdi uergonha e medo | Ca entendel que se deua sentyr | De mal dizer que asseu olho uyr | Que pode loga **certar** consseu dedo.

**achar** – v. (< lat. *afflare*)<sup>g</sup> ‘encontrar’; ‘descobrir’. || INF

[xvi/cbnp/495.110vc1.1-19]: E aquel mouro trouxe coro ueite | dous cõpanhoes en toda esta guerra | e de mais a preço que nũca erra | de dar grã colpe cõ seu tragazeite | e ffoyachar come costa juso | e deu lhi poren tal cope dessuso | que ia achaga nũca uay carrada. || IP1 [xvi/cbnp/886.188rc1.1-9]: Nem outrossi dos filhos baruados / nõ uos acho hy per percadador | se nõ dos tempos grãdes traspassados / que acordades e sodes pastor | dizede morase ueiades prager | de que tempo podiades ser | quandes tragou ali o almãcor. IP3 [xvi/cbnp/493.110rc2.1-26]: E mais nos contarey desseu Saber | que cõ nos liuros que el temfaz | Mandaos outrossy todas trager | e pois que fode per eles assaz | sa molher **acha** que odemo tem | Assya fode per arte e per ssem | que saca dela odemo maluas. IP4 [xvi/cbnp/887.188rc1.1-1]: Per como **achamos** na santa scitura | oante Crixto ora leera na cirã | casse nõ guarda cregoa nem postura | et cada parte ueio de uoluer guerra | e fazer mal cõmẽgua de justica | e na gẽte tã grade acobica | que nõ ha hi cõselho nẽ mesura. || IPP1 [xvi/cbnp/493.110rc1.1-1]: Ao dayã de calez euachei | liures quelhi leuariã de berger | e o queos tragia pregũtey | por elles e Respondeu mel Senher | con estes liuros que uos ueedes dous | eco uos outros que ele ten dos ssous | ffodel per eles quãto foder quer. [xvi/cbnp/458.101rc1.1-1]: **Achey** Sanchans encaual gada | E dixeu por ela cousa guisada | Ca nunca ui dona peyor talhada | E quige iurar que era mostea | E via caualgar per ùa aldeya | E quige iurar que era mostea. IPP3 [xvi/cbnp/1661.355rc1.1-1]: Quẽ

mhora quisesse cruzar | Ben assy podena hyr | Ben como foy a ultramar | Pero danbroa deus seruyr | Morar Tanto quantel morou | Na melhor rua que **achou** | E dizer venho dultramar. || C3 [xvi/cbnp/471.104vc2.1-15]: E semeu quisesse seer uiltada bem **acharia** | Quẽ xe me uiltasse mais semeu taes no | Mais se meu taes nõ escarmẽtasse | Cedo meu preyto non seeria nada | E em ssa prol nũca me uos faledes | Casse eu ssoubesse morrer ardendo | Se hũa uez assanhar me ffazedes.

**acomendar** – v. (< a- [> en-] + comendar)<sup>g</sup> ‘mandar ou pedir a alguém que faça algo’; ‘encarregar’; ‘recomendar’. || INF [xvi/cbnp/486.108vc2.1-28]: E ao demo uou **acomendar** | prez deste mũdo e armas e lidar | canõ erogo deque omen chora.

**acorrer** – v. (< lat. *accurrere*)<sup>h</sup> ‘acudir’. || INF [xvi/cbnp/922.198rc2.1-12]: E mayor pecado mortal non sey | Ca o que eu veio fazer a deus | Ca desenpara os uassalos seus | En muy gram coyta damor qual eu ey | E o senhor que **acorrer** non quer | A seus uassalos quandolhe mester | Peca mortal poys e tan alto Rey.

**adormecer** – v. (< lat. *addormiscere*)<sup>g</sup> ‘pegar no sono’; ‘dormir’. || INF [xvi/cbnp/1379.294vc2.1-19]: E cuydara del que no uir aqui | Que o uir andar assy calado | Ca non sabe parte nen mendado | Del tal iustiça fazer qua lheu ui | Leixou agente **adormecer** enton | E trasnoytou sobrũ homa leon | E fez sobrel grã iustiça logui. || IPP3 [xvi/cbnp/1489.321rc1.1-5]: Eluyra lopez aqui nõtro dia | Se deus mi ualha prendeu hũ caiõ | Deytou na casa sigo hun peon | Essa mueta e quãto tragia | Pos cabo dessy e **adormeceu** | E o

peon leuâtousse fodeu | E nũa ar sõe de cõtrahu sua.

**adubar** – v. (< talvez da raiz germ. \**dubb-*, através do fr. *adouber*)<sup>cl.</sup> ‘abastacer’; ‘recuperar’. || INF [xvi/cbnp/888.188rc2.1-7]: Uos *que* soedes ã corte morar | destes *priuados* *queria* saber | se lhes hã apriuãca muyto durar | caos nõ ueio dar ã despender | Ande os ueio tomar e pedir | e o*que* lhes nõ *quer* dar ou *seruir* | nõ pode rem cõ el Rey **adubar**. || CPI6 [xvi/cbnp/492.110rc1.1-21]: Outrossy lhis ar ueio trager | as mãgas mui curtas et es fradas | bem come sea **dubassem** queixedas | ousse quisessẽ tortas amassar | ou *quita* ofazem por deliurar / Sas bestas se fossem aceuadadas.

**aduz[er]** – v. (< lat. *adducere*)<sup>g.</sup> ‘trazer’. || IP1 [xvi/cbnp/1342.287vc1.1-6]: En este son de negrada farey hũ cantar | Dunha sela cauterllada liada mui mal | Este a sela pagada e direy do brial | Todos colham colham colham | Con aquel brial de seuilha | Que **adusso** infancon | Aqui por marauilha. || CF3 [xvi/cbnp/1625.347rc2.1-8]: E quãdel a madeyra **adusser** | Guardea bẽ e façaa iazer | Enlogar *que* nõ chouha ca torcer | Ssia mui Toste nõ ar a mester | E sseo lauor nõ *quer* escarnir | Abrelho fundamentalte ferir | E muyto batelo quãto poder.

**afanar** ~ **affan[ar]** – v. (< lat. \**affanare*)<sup>m.</sup> ‘penar’; ‘trabalhar ativamente’; ‘afadigar(-se)’. || INF [xvi/cbnp/1301.273vc1.1-8]: Tẽ el *que* faz dytẽ se *queixar* | Poys lhe nõ ual *servir* e **afanar** | Nẽ podaqui cõsselho *per* calcal | Comalẽmar *per* servir *per* calcou | Porẽ *quer* ssyr a seu tenpo passar | Hu grã tenpa servyu e affanou. || IPP3 [xvi/cbnp/1301.273vc1.1-6]:

Aluar uegeu agrauar | Porque ssessêtaqui mẽguadãdar | E tẽ *que* lhya melhor alẽmar | *Que* lhe vay aquy hu naceu e criou | E por estodiz *quesse quer* tornar | hugrã tenpa seruiu e **affanou**.

**affan[ar]** → afanar.

**affront[ar]** – v. (< lat. vulg. \**affrontare*)<sup>cl.</sup> ‘enfrentar’; ‘atacar de frente’. || IN [xvi/cbnp/1454.302vc1.1-6]: Huum escudeyro ui oia | ruffado por tomar penhor | A mayor garcia por dinheyros | Poucos que lhy deuya | Et dissela poylo uiu denodado | Senher uos **no mha ffrontedes** assy | Essera gord hun Judeu aqui | Con que barate daruos ey rrecado.

**afogar** – v. (< lat. \**affocare*, do lat. class. *offocare*)<sup>h.</sup> ‘sufocar por submersão’. || INF [xvi/cbnp/1324.283vc1.1-9]: E tal coyta diz que lhe faz sofrer | No curacon que se *quer* **afogar** | Nen er pode hũa non uyr durar | Entornadi ofaz esmorecer / E per saber que lhel *mostrou* otem | Tan coytado que amoirer conuem | De morte estrayã que ha padecer.

**[afrontar]** → affront[ar].

**agrauar** – v. (< lat. *agravare*)<sup>h.</sup> ‘tornar(-se) mais grave’; ‘causar irritação’. || INF [xvi/cbnp/1301.273vc1.1-1]: Aluar uegeu **agrauar** | Porque ssessêtaqui mẽguadãdar | E tẽ *que* lhya melhor alẽmar | *Que* lhe vay aquy hu naceu e criou | E por estodiz *quesse quer* tornar | hugrã tenpa seruiu e affanou. || CP5 [xvi/cbnp/1312.280vc2.1-1]: Ruy goucaluys *pero* uos **Agrauerce** | Por que uos toanou em uoso cantar | Iohanne anes uegeu el queyxar | De qual deosto lhy deuos eecrece | hu lly fostes trobar de mal dizes | Em tal guysa *queue* bem pode entender | Quen *quer* omal que alho parece.



**agulh[ar]** – v. (< *agulha* + *-ar*)<sup>h</sup>. ‘torturar’; ‘provocar’. || CPI6 [xvi/cbnp/466.103rc2.1-57]: Ear oi uos eu dizer *que* aqui quer *que* chegassen | Con esta uossa espada *que* nũcasse *trabalhassem* | Jamais deo *guacerem* seo ben nũ **agulhassem**.

[**ajeitar**] → aieytar.

**aieytar** – v. (< *a-* + *jeito* + *-ar*)<sup>h</sup>. ‘acomodar’; ‘adaptar(-se)’. || INF [xvi/cbnp/1489.321rc1.1-10]:

Atelheu dixi *que* mal sũ faria | *Quesse* nũ *queria* de la guardar | Sigo na casa o *hya* **ieytar** | E dixilheu quẽ tolhendauerria | Ca uos direy do peon como fez | Abriu a porta e fodeu hũa uez | Nũca soube del sabedoria.

**albergar** – v. (< ant. provç. *alberguar*)<sup>cl</sup>. ‘abrigar’. || INF [xvi/cbnp/1455.302vc1.1-19]: E a mayor garcia por nũ perder | Sua alma quando esso oio | Foy buscar *clerigo* | Et nonssa treueu **albergar** | E ia Tres *clerigos* pagados tem | Que sse hũu delles sabede uos bem | Que a nũ pode a morte tolher. || IP4 [xvi/cbnp/1439.299rc2.1-7]:

**Albergamos** en entrana *carreyra* | E rapazes cõ amores *furtã* *ceueyra* | Alua abra. || IPP2 [xvi/cbnp/1662.355vc1.1-18]: E ia *que* lhi uos amor *demostrastes* | Semelhora *que* lhi *sodes* amigo | Jazede logo *aquesta* *noyte* comigo | E desy *poys* *cras* hu *quer* *que* o *veiades* | Dizedelhi *que* comigo **albergastes** | Por seu amor *eque* me *lhẽmõtastes* | E nũ Tenha *queo* pouca *iudades*. || PPSm [xvi/cbnp/871.185rc2.1-21]: En ssam tyago seede **albergado** | en mha *pousada* *chegarõ* | *romeos* *pregũteyos* e *diserõ* *per* *deos* / *muyto* *leuadelo* *caminherrado* | *outro* *caminho* *cõuẽ* *abuscar* | ca nũ *sabẽ* *aqui* *dela* *mãdado*.

**alçar** – v. (< lat. *\*altiare*)<sup>g</sup>. ‘suspender’; ‘elevantar’. || INF

[xvi/cbnp/1330bis.285vc1.1-12]: Selhe bon rey uairela *escudela* | Que de *pampolona* *oystes* nomear | Mal *ficara* a *que* *stoutrẽ* *todela* | Que al non a *que* *olhus* **alçar** | Ca uerra hi o bon *Rey* *seiornnar* | E *destruyr* *ara* *burgo* *destela* | E *ueredes* *nauarrus* *lazerar* | E o *senhor* *que* os *todos* *taudela*.

[**alõg[ar]**] → alongar.

**alongar** ~ **alõg[ar]** – v. (< lat. *a-* + *longo* + *-ar*)<sup>h</sup>. ‘afastar’. || INF [xvi/cbnp/486.108vc1.1-6]: Dom ffoãao *quãdogano* *qui* *chegou* | *primeyrament* *evyu* *uolta* e *guerra* | tam *grã* *Sabor* *ouue* *dir* *assa* *terra* | *que* *loguẽtõ* *por* *ada* *il* *filhou* | seu *coraçõ* *eel* *ffez* *lhy* *leyxar* | polo *mais* *toste* *daguerra* **longar** | *prez* e *esffor* *co* e *passou* *asserra*. || CP3 [xvi/cbnp/480.107rc1.1-7]: Non me posso pagar tanto | do tanto das *aves* *nẽ* *desseu* *ssom* | Nẽ *damor* *nẽ* *damicõ* | Nẽ *dar* *mas* *ca* *ey* *espanto* | por *quanto* *muy* *per* *igosas* *ssom* | Come *dũ* *brõ* *galeon* | *que* *mha* **lõgue** *muyta* *gya* | Deste *demoda* *canpynha* | huos *alacraes* *ssom* | Ca dentro no *coraçõ* | Senty delles a *espinha*.

**amar** – v. (< lat. *amare*)<sup>h</sup>. ‘ter grande afeição’; ‘adorar’. || INF [xvi/cbnp/489.109rc1.1-7]: Que *rouos* *ora* *muy* *bem* | com *sselhar* *Meester* *iohã* *ssegũdo* *mẽ* *sẽ* | *que* *matar* *preeytaia* *des* *con* *alguẽ* | nũ *queyrades* *cõ* *el* *eu* *uos* *entrar* | Mais *dada* *outrem* *que* *tenha* | por uos *ca* *uossa* *onrra* e *todos* *nos* | *aquestos* *nos* *auemos* *per* **amar**. || IP1 [xvi/cbnp/460.101vc1.1-5]: Mardey ao *perrigueyro* quẽ te *desça* | Semelha *pedro* *Gil* na *caluareça* | E non ui mha *Senhor* | *muy* *gram* *peça* *Milia* | Nen *sencha* *fernandiz* *que* *muytamo* | *Antolhaxe* *me* *Riso* *pertirguer* *echamo* | *Milia* *nẽ* *sancha*

fernandiz que muytamo. || IPP1 [xvi/cbnp/78.21vc1.1-2]: Gram mal me faz agoral Rey | que sen pre serui e **amey** | por que me parte hu eu ey | prazer e sabor de guarir | Se meu da Marinha partir | non poderey alhur guarir. || IF1 [xvi/cbnp/984.213rc1.1-13]: E **deus** sabe queuos ameu muyto | E **amarey** enquanteu uyuo for | El me leixante *per* uos trager luyto | Ca uos *por* mi *por* en mha senhor | Rogueu **adeus** que. || CPI6 [xvi/cbnp/466.103rc1.1-21]: Por que uos todos **amassem** sempre | vos muito punhastes | Bõos talhas en espanha metestes | Poys hi chegastes | E **quasse** cõuosco filhou sempre / uos del gaanhastes.

**amassar** – v. (< *a-* + *massa* + *-ar*)<sup>h</sup>. ‘reduzir a massa’; ‘empastar’. || INF [xvi/cbnp/492.110rc1.1-22]: Outrossy lhis ar ueio trager | as mãgas mui curtas et es fradas | bem come sea dubassem queixedas | ousse quisessẽ tortas **amassar** | ou *quita* ofazem por deliurar / Sas bestas se fossem aceuadadas.

**ambrar** – v. (< lat. *ambulare*)<sup>m</sup>. → andar. ‘vaguar’; ‘movimentar as ancas’. || INF [xvi/cbnp/1651.352vc2.1-7]: Quê a sa quyser dar | A mester cõ *que* sabha guarir | A maria domyngadir | *Que* a sabera bẽ mostrar | E direyuos *que* lhi fara | Ante dũu mes lhamostrara | Como sabha mui bẽ **ambrar**.

**ameaç[ar]** – v. (< *ameaça* + *-ar*) ‘causar medo’; ‘anunciar castigo’. || IP3 [xvi/cbnp/614.135rc2.1-2]: O *que* me deuisar corrudo | A ede mays **meaca** | Ayda eu fide cornudo seia | Por ffeyto que ffaca | Eel padre domeu drudo.

**amostr[ar]** – v. (< *amostra* + *-ar*) ‘dar uma amostra’; ‘exibir um exemplo’. || IF3

[xvi/cbnp/1651.352vc2.1-6]: Quê a sa quyser dar | A mester cõ *que* sabha guarir | A maria domyngadir | *Que* a sabera bẽ mostrar | E direyuos *que* lhi fara | Ante dũu mes **lhamostrara** | Como sabha mui bẽ ambrar.

**amp[ar]** → enparar.

**andar** – v. (< lat. *\*ambitare*)<sup>m</sup>. → ambrar. ‘dar passos’; ‘caminhar’; ‘sentir-se ou viver em determinada condição’. || INF [xvi/cbnp/143.36rc1.1-10]: E as iornadas sei eu bem | comolhi eiry oy falar diz *que* podir | quẽ bem **andar** de belfurada santarẽ | Sen outro dia madurgar eir anoguey | rol iã tar emaer a Jherusalem. || IP1 [xvi/cbnp/142.35vc2.1-3]: Oy eu donas en celladas | que ia senpre seruirey | por *que* **ando** namorado | *pero* ão uolas direy | cõ pauor *que* delas ey | Asy mhã la castigado. IP3 [xvi/cbnp/106.27vc1.1-4]: Huã donzela quig eu muy gran bẽ | Meus Amigos Assy **deus** me perdom | eora ia este meu coraçõ | **Anda** perdudo e fora desem | por hũa dona seme valha **deus** | que depoy uiro estes olhes *meus* / que mha semelha mui mays doutra itẽ. || IPP3 [xvi/cbnp/143.36rc1.1-18]: Dossepulcro uos direy *per* hu **andou** | calho oy adom soeyro bem asy como mel | dise uos direy de satẽ tres legoas *he* / equatro ou cõco deloule e belselffurader o iaz | loguy. || IPI3 [xvi/cbnp/466.103rc2.1-53]: E ão me tenhades *por* mal se em nossas | Armas tengo que foi das suas spadas | **Que andauamia** em hũu mango | Ca *vos* oi dizer com estas petei e frango. || G [xvi/cbnp/915.197rc1.1-1]: En muyto **andando** che guey alogar | Hu lealdade nen manha nen Sem | Nen crezeria non ueio preçar | Nen podomi de senhor gaar irem |

Se non loar quanto lhy uir ffazer |  
E lou sinar e rem nem lhi dizer |  
Pero lhi ueia os al Se mear.

**antolh[ar]** – v. (< *ante-* + *olhar*)<sup>m</sup>.  
'parecer'; 'semelhar'. || IPP3  
[xvi/cbnp/460.101vc1.1-18]:

Medey do pertigueyro tal que  
meio | Quese melha pero gil ne  
uedeio | E nõ uimhã *senhor* ondey  
deseio | Milia nen sancha que  
muytamo | **Antolhaxeme** riso do  
*pertiguerio* chamo | Milia e  
sancha fernandiz *que* muytamo.

**aolh[ar]** – v. (< lat. vulg. *\*adocularē*)<sup>h</sup>.  
'dirigir os olhos para'. || CPI3  
[xvi/cbnp/461.101vc2.1-9]: E  
outro meio filhou | E peitealo  
mandou | Aocolo o atou | Ental  
queo nõ **aolhassen** | que non uisse  
eo catasse.

**apalpar** – v. (< lat. *palpare*, com  
prótese)<sup>m</sup>. 'tatear'; 'tocar';  
'acariciar'. || INF  
[xvi/cbnp/1330.284vc2.1-5]: Huu  
sangrador de leira | Me sangou  
esco myo dya | E vedes que me  
fazia | Indou sancta ay auea | Foy  
me no cuu **apalpar** | Al fodido  
hira sangrar | Sangrador en tal  
logar.

**apostar** – v. (< *aposta* + *-ar*)<sup>h</sup>.  
'arriscar'; 'fazer aposta'; 'jogar'.  
|| INF [xvi/cbnp/1308.279vc2.1-  
6]: Pois teu preyt anda iuntãdo |  
Aquel que he do teu bando | Dime  
douror com ou quando | Lhe  
cuydas fazer enmenda | Por quant  
andel trabalhando | Com **apostara**  
fazenda.

**aprend[er]** ~ **append[er]** – v. (< lat.  
*apprehendere*)<sup>g</sup>. 'adquirir  
conhecimento'. || IPP1  
[xvi/cbnp/461.101vc2.1-1,2]:  
Direyuos eu dun Rycomende  
coma | **prendi** que come mandou  
couzer | O uil omen meio rrabo de  
carneyro | Meyo rabo de carneyro  
| Assy como caualeirou. IPP3  
[xvi/cbnp/1323.283vc1.1-31]: E  
no seu liuro per que **a prendeo** |

Astrologia logi prometeo | Que  
nunca per el mays estadaria. IPP5  
[xvi/cbnp/487.108vc2.1-15]: Uos  
nõ trobades come proençal | Mais  
come bernardo de bonauual | e *pero*  
ende nõe *trobador natural* | poys  
*que* o del edo dem**aprendestes** |  
eben ueja gora *que* trobar uos ffall.

|| IF1 [xvi/cbnp/374.85rc2.1-5]:  
Dejeu as jentes andar reoluendo |  
E mudando aginha os corações |  
Do que põe aiure sy ay uaroes | E  
iameu aqesto uou **aprendendo** |  
Cora cedo mais **appenderey** |  
Aquẽ *poser* preyto mentrilhoey | E  
asy yrey melhor guarecendo. || G  
[xvi/cbnp/374.85rc2.1-4]: Dejeu  
as jentes andar reoluendo | E  
mudando aginha os corações | Do  
que põe aiure sy ay uaroes | E  
iameu aqesto uou **aprendendo** |  
Cora cedo mais **appenderey** |  
Aquẽ *poser* preyto mentrilhoey | E  
asy yrey melhor guarecendo.

**arar** – v. (< lat. *arare*)<sup>h</sup>. Para Lopes  
(2011-) denota esforçar-se em  
vão, não comportando o  
significado de 'sulcar'; 'cultivar a  
terra'. || INF  
[xvi/cbnp/1493.312vc2.1-22]:

Lourenço ueio tagora *queixar* |  
Pola uerdade *que quero* dizer |  
Metesme ia *por* de mal conhocer |  
Mays eu nõ *quero* tigo peleiar | E  
*teus* mesteres conhocertos ei |  
Ed2os mesteres uerdade direy |  
Esse *que* foy cõ os lobos **arar**.

**arder** – v. (< lat. *ardere*)<sup>h</sup>. 'queimar';  
'incendiar(-se)'. || INF  
[xvi/cbnp/1440.299vc1.1-3]: Meu  
senhor se uos a prouguer |  
Comendador da demi mha molher  
| Eseuola en outra uez **arder** |  
Demi deus muyta de maa uẽtura |  
Somendador da demi mha molher  
| Que uos dey e fazede mesura. ||  
G [xvi/cbnp/471.104vc2.1-20]: E  
semeu quisesse seer uiltada bem  
acharia | Quẽ xe me uiltasse mais  
semeu taes no | Mais se meu taes

nõ escarmētasse | Cedo meu preyto non seeria nada | E em ssa prol nũca me uos faledes | Casse eu ssoubesse morrer **ardendo** | Se hũa uez assanhar me ffazedes.

**armar** – v. (< lat. *armāre*)<sup>g</sup> ‘aprontar objetos, armas, vestimentas para a guerra’; ‘montar’. || INF [xvi/cbnp/145/496.37rc1.1-37]: O que daguerra sefoy | con espanto cassa terra | ar foy**armar** manto nõ vẽ.

**asconder** ~ **ascõder** – v. (< lat. *abscondere*)<sup>g</sup> ‘encobrir’; ‘ocultar’. || INF [xvi/cbnp/896.192rc2.1-59]: Dar que ualya | *Compria* | Seu tempo | Fogia *perssir* **asconder**. [xvi/cbnp/1642.350vc2.1-17]: Tal maeta comosera guardada | Poys *que* tapazes albergã no lugar | *Que* nõ aia seer mui Trastornada | Cao lugar hu eles an poder | Non a pardon *que* ssy possa **ascõder** | Assy sabẽ Trastornar a pousada.

**assanhar** ~ **asanhar** – v. (< lat. *insaniare*)<sup>g</sup> ‘enraivecer’; ‘excitar-se’. || INF [xvi/cbnp/471.104vc1.1-6]: Por que lhy rogaua que perdoasse | Pero danbroa que o non matasse | Nen fosse contra el desmesurada | E dissela por *deus* nõ me roguedes | Ca direyuos de min o que y entendo | Se hũa uez **assanhar** me fazedes | Saberedes quaes peras eu uendo. [xvi/cbnp/471.104vc2.1-14]: Ca Rogades cousa desguisada | E non sey eu *quem* uolo outorgasse | De perder quẽ no mal deestasse | Comel fez amĩ estando em sa pousada | E poys veio que meus conhocedes | Demy a tanto uos irey dizendo | Se hũa uez **a Sanhar** me fazedes.

**assēet[ar](-se)** – v. (< lat. vulg. \**adsentare*, de *sedere*)<sup>g</sup> ‘apor-se’; ‘sentar’. || IPP1 [xvi/cbnp/781.167rc2.1-8]: Quando mha **seentey** Assi ueia

*prazer* | nõ me guardaua eu de tal acayo | E *quandoo* uy ergime legencõ | a passadacalhe fuy logo *dizer* / *que* ssergesse dantre oo cochoes *sseus* / E dissemel gradeca uolo *deus* | nõ me conppra demelhor sseer. || G [xvi/cbnp/781.167rc2.1-3]: Hũa Ricome *Aqui* hũa trotador | trotou ogana*qui* em cas del Rey | **Assēetando** mutras mĩ catey | vyo seer en hũa lugar peyor | ergime dixi uiindaca pousar | edi semel seedem uosso lugar | bem seia ca nõ *quero* seer melhor.

**atar** – v. (< lat. *aptare*)<sup>h</sup> ‘unir’; ‘amarrar’. || INF [xvi/cbnp/1316.281rc2.1-3]: Martim gil hun homem uil | Se quer de uos querellar | Queo mandastes **atar** | Cruamēte ahum esteo | Dandolha coutes ben uil | E a questo martigil | Parece atodos muy feo. || IPP3 [xvi/cbnp/461.101vc2.1-8]: E outro meio filhou | E peitealo mandou | Aocolo o **atou** | Ental queo nõ aolhassen | que non uisse eo catasse.

**atender** – v. (< lat. *attendere*)<sup>g</sup> ‘esperar’; ‘aguardar’. || INF [xvi/cbnp/1324.283vc2.1-18]: E o quelhe mays *graue* de *temer* / Per aquelo quelhel foy esmar | Dun que sabe que opedẽ sarar | Ental lugar hu conuẽ **datender** | A tal morte de *qual* mon merlim | Hudara uozes fazendo ssa ffon | Ca non podel tal morte estraocer. || IPI3 [xvi/cbnp/223.60vc1.1-7]: Nunca *deus* quis nulha cousa *grambẽ* | nen de coytdado nũcasse doeu | Pero dizem que coytdado vyueu | ca sse ssel del doesse doersia | de mi que faz muy coytdado viuer | A meu pesar poys que me foy tolher | quãto bem eu eno mun da **tendia**.

**atolher** → tolher.

**atreu[er](-se)** – v. (< lat. *attribuere* + *-ar*)<sup>h</sup>. ‘ter ousadia’; ‘ter coragem’.  
 || IA5 [xvi/cbnp/1589.334rc2.1-7]: Dixelheu grã ffolia penssades | sseper uelhice a guarecer cuidades | pero ñ uos digeu *que* ñ uiuades | quanto uos *deus* quiser leixar uiuer | mays emuelhiçe ñ uos **atreuades** | cay mar ueieu das uelhas morrer. || G [xvi/cbnp/1309.280rc2.1-17]: Non entendas que ffates hy cordura | Dires asy come torpe entencar | **A treuendote** que sabedes trobar | Ante metes hy teu feito e muetura | Porem non queiras seer enganado | E ntal razon mays sey senpra cordado | Deseeres parado de loucura.

**auenturar** – v. (< *auentura* + *-ar*)<sup>cl</sup>. ‘arriscar-se’; ‘ousar’. || INF [xvi/cbnp/1505.315rc1.1-20]: E pesamende par *santa maria* | Deste seu mal camĩ dizẽ *que* ñ | Pode guarir sã maestresunhõ | O ñ guarisse maysuos endiria | Jalhi non pode nulha rẽ prestar | Selho *maestre* non **auenturar** | O corpo caxamui grã maloutia.

**auer** ~ **ha[uer]** – v. (< lat. *habere*)<sup>h</sup>. ‘ter’; ‘possuir’. || INF [xvi/cbnp/144.36rc2.1-11]: Maram soarez ñ posseu osmar | *que* nolas gentes *querã* consentir denos tal | homẽ fazermos porar ã rograria ca hu | for pedir algũ uerao vilãser *triste* roso | e torpe sã saber e **auer**ssa denos e del tiir. || IP1 [xvi/cbnp/78.21vc1.1-3]: Gram mal me faz agoral Rey | que sen pre serui e amey | por que me parte hu eu **ey** | prazer e sabor de guarir | Se meu da Marinha partir | non poderey alhur guarir. IP3 [xvi/cbnp/143.36rc1.1-16]: E diz *que*uyo hũu judeu *que* uyo prender | *nostro* senhor eaueredes hi grã saborseuolo | cõtar cuydomeu diz *quehe* iudeu pastor | *natural* de rrocamador e **queha**

nome dona | dreu. IP4 [xvi/cbnp/871.185rc1.1-13]: Nos moesteyros dosfrades negrados | ademãdey e diserõmassy | ñ *bos que* des uos auerdadaqui / ca muy tos anos **auemos** passados | *que* ñ morou nosco *per* bõa fe | e dal **auemos** mayores coidados. IP5 [xvi/cbnp/466.103rc2.1-45]: Con aquesto que **auedes** | Mui mais ca outro *compristes* | Hu quer que mãao metes | Tas guarecẽdo ensaistes | A *quem* quer que cometestes | Sempre mal oescarnistes. IP6 [xvi/cbnp/142.35vc2.1-6]: Oy eu donas en celladas | que ia senpre seruirey | por *que* ando namorado | pero ñ uolas direy | cõ pauor *que* delas ey | Asy **mhã** la castigado. || IPP3 [xvi/cbnp/143.36rc2.1-24]: **ouue** grã sabor desse tornar efoylhy greu | dandar coyra egalisteu cõtorquis do ãperador. IPP6 [xvi/cbnp/1664.355vc2.1-5]: Johã baueca e Pero danbro | Ar foy outra razõ começar | Sobre *que* **ouuerom** de peleiar. || IF5 [xvi/cbnp/143.36rc1.1-14]: E diz *que*uyo hũu judeu *que* uyo prender | *nostro* senhor eaueredes hi grã saborseuolo | cõtar cuydomeu diz *quehe* iudeu pastor | *natural* de rrocamador e *queha* nome dona | dreu. || CF3 [xvi/cbnp/144.36rc2.1-15]: Paay soares ohomem deseiu *triste* e nojoso | e torpe sem mester *perfaremos* nos | de cuydumeu jograr seen deuos a | juda **ouuer** calhe daredes uos esse sayo | e porrey lheu nome rograr sisom e | contal nome gualroi *per* hu *quer*.

# B

**bafordar** – v. (< talvez de *bufurdio* + *-ar*) ‘praticar o bafordo (exercício de armas)’. || INF [xvi/cbnp/480.107rc2.1-24]: Nen de lançar ataulado pagado | Nõ ssõo se *deus* mãpar adeo nẽ **debafordar** | Eandar de noide armado ssen grado | offaco razolda | Camais me pago domar | *que* de sseer caualrõ | ca eu foy ia marmheyo | *Equero* moy mais *guardar* | do alacra e tornar ao *que* me ffoy *primeiro*.

**baixar** – v. (< lat. tardio *\*bassiare*) ‘’. || INF [xvi/cbnp/1507.315vc1.1-9]: Quyçay de poys uos ar baixaruos edes | Ca uymos melhores ca uos **baixar** | Mays huã uez *quer* uos el Rey alçar | Engram talho poylo *seruida* uedes | Mays quãto ouuerdes punhadeno dar | E sse desto nõ *quiserdes* *minguar* | Poysuos alçaren alcado seredes.

**baralh[ar]** – v. (< etimologia desconhecida)<sup>cl</sup>. ‘lutar’; ‘manejar’; ‘exercitar’. || IP3 [xvi/cbnp/1645.351rc2.1-2]: Desueyre direy comolhe de trovar auẽ | Nono **baralha** el mui bem | Nẽ *arquer* hy | *mereces* meter | Mays dest se podel gabar | *Que* semeu faço bõ cantar | Aele mho soyo *fazer*. || IPP5 [xvi/cbnp/466.103rc2.1-43]: E poys que sodes aposto | E fremoso caualeiro | Gardadeuos de seerdes | Escatimoso ponteyro | Ca dizen que **baralhastes** | Con johan colheiro.

**baratar** – v. (< provç. ant. *baratar*)<sup>h</sup>. ‘proceder’; ‘conduzir(-se)’; ‘fazer negócio’. || INF

[xvi/cbnp/1454.302vc1.1-14]: De uossos *dinheiros* de muy bõ grado | E tornada *qui* ao meio dia | E entando uerra da Judaya | A qual Judeu cõ *que* ey baratado | E hũ mouro *que* a *que* de chegar | Con *que* ey outrossy de **baratar** | E encomo *quer* fareyuos eu pagado.

|| IF1 [xvi/cbnp/1346.288rc2.1-5]: Sela aleyuosa en mao dia tem | Por teu cantar ia Rodrigo perdi | Riiussel Rey emha esposa demi | Leixar te quero mha sela poren | E hirey enouso e **baratarey** bem. IF5 [xvi/cbnp/916.197rc1.1-17]: E do *serviço* que lhauedes *fecto* | Maestraçẽço non uos enfadedes | Tornad alar ben **barataredes** | Et matadoutro quando uerdes geyto | Ca sse elRey sabe uossa demanda | Et ouuer paz deste execõ ã que anda | Arcediagon sodes logo feito. || CP3

[xvi/cbnp/1454.302vc1.1-8]: Huum escudeyro ui oia | ruffado por tomar penhor | A mayor garcia por dinheyros | Poucos que lhy deuya | Et dissela poylo uiu denodado | Senher uos no mha ffrontedes assy | Essera gord hun Judeu aqui | Con que **barate** daruos ey rrecado.

**bater** – v. (< lat. *\*battere*, de *battuere*)<sup>g</sup>. ‘dar pancadas’. || IP3 [xvi/cbnp/1625.347rc2.1-8]: E quãdel a madeyra adusser | Guarda bẽ e façaa iazer | Enlogar *que* nõ chouha ca torcer | Ssia mui Toste nõ ar a mester | E sseo laour nõ *quer* escarnir | Abrelho fundamentalte ferir | E muyto **batelo** quãto poder.

**baticar** – v. (< lat. ecl. *baptizare*)<sup>h</sup>. ‘ministrar ou fazer com que (alguém) receba o sacramento do batismo’. || INF [xvi/cbnp/782.167vc1.1-1]: Affonsa fonses **baticar** *queredes* | uoso *criade* cura non auedes | que *chamem* clerige ensto fazedes |

Aquãteu cuydo muy maao  
ssecado | casẽ clericigo Aueredes.

[**batizar**] → baticar.

[**beber**] → beuer.

**beuer** – v. (< \*lat. *bibere*)<sup>g</sup>: ‘ingerir  
líquido’. || INF

[xvi/cbnp/145/496.37rc1.1-27]: O  
*que* sse foy cõmedo | dos  
Martinhos essa terra | foy **beuer**  
los vyõs | nõ uen al mayo. || IP1

[xvi/cbnp/484.108rc2.1-24]:  
Nunca delo dia en *que* naçy | fuy  
tan coitado se *deus* me *perdõ* | E  
cõ pauor *aquesta* oracõ começey |  
Logo e dixe *adeus* assy | fel  
razedõ biuisti senhor | por mĩ mais  
martesta *questo* peor / *que* por ti  
**beuo** nem *que* acevi. || IPP3

[xvi/cbnp/484.108rc2.1-24]:  
Nunca delo dia en *que* naçy | fuy  
tan coitado se *deus* me *perdõ* | E  
cõ pauor *aquesta* oracõ começey |  
Logo e dixe *adeus* assy | fel  
razedõ **biuisti** senhor | por mĩ  
mais martesta *questo* peor / *que*  
por ti beuo nem *que* acevi. || C3  
[xvi/cbnp/490.109rc2.1-11]: Assy  
comeu **beueria** bom | vyõ dourens  
assy *queria* bem | Som decũ typo  
tens pera Mestre johã. || G  
[xvi/cbnp/485.108rc2.1-24]: E  
porende grã traedor prouado |  
dequesse ia nõca pode ssaluar /  
come *quem* asseu amigo iurado |  
**beuendo** cõ ele offoy matartodo |  
polos cãtares del leuar | come  
*eque* ojanda a arruffado.

[**bocejar**] → buciigi[ar].

**bucigi[ar]** – v. (< *boca* + *-giar* [< -  
*jar*])<sup>cl</sup>: ‘bocejar’. || IPP3  
[xvi/cbnp/461.101vc2.1-12]: E  
poys alt oliou estendeusse | e  
**bucigiou** por huna uelha enuiou |  
que o ueese escaẽtar dolho mao |  
de manear.

**bulir** – v. (< lat. *bullire*)<sup>g</sup>: ‘mexer’;  
‘mover’; ‘agitar’. || INF  
[xvi/cbnp/465.102vc1.1-13]:

Garcia *perez* uos ben cousecer |  
podedes nõca deprã foi falquir |

Enquerer en pena ueira trager |  
Velha en corte nõ na sol cobrir |  
Pero de tanto bem a saluarey |  
Nunca fuy dela en corte paguey |  
mais ostas guerras nos fazẽ **bulir**.

**buscar** – v. (etimologia desconhecida)<sup>g</sup>:  
‘procurar’. || INF

[xvi/cbnp/480.107rc2.1-39]: E  
direyuos hũu Recado | Pecado Iaia  
mei podẽganar | *que* me faca ia  
ffalar | En armas ca nõ me dado |  
do ado me deas eu rrazõar | pois  
las nõ ay a *prouar* ante *quer*andir |  
Sinlheyro ehir com mercaddeyro |  
algũa terra **buscar** | hu me nõ  
possam culpar / Alacra negro nõ  
ueiro. || IA5

[xvi/cbnp/871.185rc1.1-4]:  
Porqueno mũdo mengou a  
uerdade | punhey hũ dia dea hyr  
buscar | e hu por ela fuy *pregũtar* |  
diserõ lodes alhurla **buscade** |  
cadẽ tal *guisa* se for aperder | *que*  
nõ podemos ã nouas auer | nõ ia  
nõ anda na yr maydade.

## C

**cab[er]** – v. (< lat. *capere*)<sup>g</sup>: ‘poder ser  
contido’. || IP3

[xvi/cbnp/1357.290rc2.1-19]: Ben  
quisto sodes *dos* alffayates | Dos  
pelyteyros e *dos* medores | Do  
uosso bandoson os toupeyros / E  
os iogares *dos* atambores | Por  
quelhis **cabe** nas troubas uosso  
son | Pera atanbores ar dizen que  
non | Achan no mũdoutros sões  
melhores.

**caer** – v. (< lat. *cadere*)<sup>g</sup>: ‘tombar’; ‘ir  
ao chãõ’; ‘precipitar’. || INF  
[xvi/cbnp/1358.290vc1.1-8]:

Podera meu ben se fossauengoso |  
**Caer** en bon preze onrrado seer |  
Mays pagomeu deste foder

astroso | E destas tauernas edeste  
beuer | E poys eu iamays non  
posso ualer | quero mandar pera  
seia uicoso.

[**cair**] → caer.

**calar(-se)** – v. (< lat. vulg. \**callare*,  
cláss. *calare*, *chalar*)<sup>g</sup> ‘não  
falar’; ‘estar em silêncio’. || INF  
[xvi/cbnp/1389.297rc1.1-10]: E  
non departen ren de que sse vêca |  
Pero lhoutra guysado falar | E  
uerueia hu sse deua **calar** | E  
nunca diz verdade mays nã uêça |  
E hu lhi pediu cousimento fal |  
Pero e manssa deua fazer al | E hu  
deue sofrer e ssen sofrêça. || CPI3  
[xvi/cbnp/1363.291vc1.1-7]: Foy  
acitola ten perar | Lopo que  
citolasse | E mandaron lhago dar |  
Ental que a leixasse | E el cantou  
logenton | E ar deronlhoutro don |  
Ental quesse **calasse**.

**cansar(-se)** – v. (< lat. *campare*)<sup>g</sup>  
‘esgotar(-se)’; ‘fatigar(-se)’. || IF6  
[xvi/cbnp/1453.302rc2.1-8]:  
Bernal fendudo querouos | Dizer o  
que facades | Poys uos querem dar  
| Armas e dona saluage chamar |  
Se uos cõ touros ladacaecer |  
Ssoffredeos ca todos ferrã uos | E  
dando colbes en uos | **Cansaran**  
e aueredes | Poys uos auancer.

**cantar** – v. (< lat. *cantare*)<sup>g</sup> ‘executar  
com voz um trecho ou uma peça  
musical’; ‘entoar’. || INF  
[xvi/cbnp/144.36rc2.1-5]: Ay paay  
soarez uenhouos rogar | por hũ  
meu homem que nã quer seruir |  
queo façamos mi e uos lograr ã  
guisa que / possa per hy guarir  
pero seranos graue de | fazer ca el  
nã sabe **cantar** nã dizer rã per /  
que se pague del queno uir. ||  
IPP3 [xvi/cbnp/1363.291vc1.1-5]:  
Foy acitola ten perar | Lopo que  
citolasse | E mandaron lhago dar |  
Ental que a leixasse | E el **cantou**  
logenton | E ar deronlhoutro don |  
Ental quesse calasse.

**carpir** – v. (< lat. vulg. *carpire*, do lat.  
class. *carpere*)<sup>h</sup> ‘lamuriar’;  
‘prantear’. || INF  
[xvi/cbnp/172.44rc1.1-12]: Netas  
de conde uyuuas nã donzela | essa  
per rrem nãna quereu leixar |  
nêlhe ualrra sesse chamar mesella  
| nã de **carpir** muyto nã de chorar  
| came non aui porem a desfiar |  
seu linhagem nem deitar a Castela  
| e ueeredes meos filhos andar |  
netos de gedede partir ensousela.

**casar** ~ **cassar** – v. (< *casa* + *-ar*)<sup>h</sup>  
‘contrair matrimônio’; ‘unir-se a  
outra pessoa com legitimação  
religiosa e/ou civil’. || INF  
[xvi/cbnp/104.27rc2.1-10]: E disse  
em muymêta como uos direi | ela  
uiuem tormêta segũdo eu sei | per  
como a *quer* **casar** seu pay | e a  
*quẽ* lho ãmêta cedoo mate el Rey |  
eaela sseese cõ chora uay.  
[xvi/cbnp/104.27rc2.1-5]: Ogan en  
muy menta | dise do m martim gil  
| uiuen muy gram tormenta | dona  
oraca bril | per como aquer **cassar**  
seu pay | eaquem lho en menta  
cedo moyra nossa | e a ella sese  
conchora uay. || IF1  
[xvi/cbnp/475.105rc2.1-5]: Falauã  
duas ir manas | Estando ante ssa  
tya | E dissa hũa aoutra nacy | En  
graue dia | E nunca **casarey** | Ay  
mha ir mana | Se me non casa del  
Rey.

**cassar** → casar.

**castig[ar]** – v. (< lat. *castigare*)<sup>h</sup>  
‘punir’; ‘repreender’; ‘advertir’. ||  
CPI1 [xvi/cbnp/471.104vc2.1-24]:  
E por esto e grande mha nomeada  
| Ca non foy tal quesse migo  
falhasse | Que eu en mui bem non  
**castigasse** | Ca sempre fui temuda  
e dultada | E roguos que me non  
affiquedes | Daquesto mais ide  
massy soffrido | Se hũa uez  
assanhar me fazedes | Saberedes  
*quaes* peras eu uendo. || PPMs  
[xvi/cbnp/142.35vc2.1-6]: Oy eu  
donas en celladas | que ia senpre



seruirey | por *que* ando namorado |  
pero ño uolas direy | cõ pauor *que*  
delas ey | Asy mhã la **castigado**.

**cat[ar]** – v. (< lat. *captare*)<sup>h</sup>. ‘olhar’;  
‘observar’. || IPP1

[xvi/cbnp/781.167rc2.1-3]: Hũu  
Ricome *Aqui* hũu trotador | trotou  
ogana*qui* em cas del Rey |  
Assẽetando mutras mĩ **catey** | vyo  
seer en hũu logar peyor | ergime  
dixi uindaca pousar | edi semel  
seedem uosso logar | bem seia ca  
ñõ *quero* seer melhor. || CPI3  
[xvi/cbnp/461.101vc2.1-10]: E  
outro meio filhou | E peitealo  
mandou | Aocolo o atou | Ental  
queo ñõ aolhassen | que non uisse  
eo **catasse**.

**caualgar** – v. (< lat. *caballicare*)<sup>h</sup>.  
‘montar’; ‘andar a cavalo’. || INF  
[xvi/cbnp/458.101rc2.1-5]: Achey  
Sanchans encaual gada | E dixeu  
por ela cousa guisada | Ca nunca  
ui dona peyor talhada | E *quige*  
iurar que era mostea | E via  
**caualgar** per ùa aldeya | E *quige*  
iurar que era mostea.

**cauar** – v. (< lat. *cavare*)<sup>h</sup>. ‘revolver a  
terra’; ‘abrir fenda ou buraco’;  
‘extrair por meio de escavação’. ||  
INF [xvi/cbnp/1300.273rc2.1-4]:  
Dũa grã uinha *que* tẽ ã valada |  
Aluar rrodig *muito* ñõ podauer  
*prol* | Vedes por *que* ca el ñõ cura  
sol | Dea *querer per* sseu tẽpo  
**cauar** | E a mays dela iaz por  
adubar | Pero *que* tẽ amourisca  
podada.

**chamar(-se)** – v. (< lat. *clamare*)<sup>g</sup>.  
‘denominar-se’; ‘nomear-se’. ||  
INF [xvi/cbnp/172.44rc1.1-11]:  
Netas de conde uyuuas ñõ donzela  
| essa *per* rrem ñõna *quereu* leixar  
| nẽlhe ualrra sesse **chamar**  
mesella | ñõ de carpir muyto ñõ de  
chorar | came non aui porem a  
desfiar | seu linhagem nem a  
deitar a Castela | e ueeredes meos  
filhos andar | netos de gede partir  
ensousela. || IPP1

[xvi/cbnp/460.101rc1.1-6]:

Mardey ao *perriqueyro* quẽ te  
desça | Semelha pedro Gil na  
caluareça | E non ui mha Senhor |  
muy *gram* peça Milia | Nen  
sencha fernandiz *que* muytamo |  
Antolhaxe me Riso *per*tirguer  
**echamo** | Milia ñõ sancha  
fernandiz *que* muytamo. || IP4  
[xvi/cbnp/466.103rc2.1-58]: E *por*  
esto **chamamos** nos o das duas  
espadas | por *que* sempre as  
tragedes agudas | E a moadas *com*  
*que* fendedes as penas | Dando  
*grandes* espadadas.

**chegar** – v. (< lat. *plicare*)<sup>g</sup>. ‘atingir o  
termo de uma trajetória’;  
‘alcançar determinado ponto’. ||  
INF [xvi/cbnp/915.197rc1.1-8]: E  
quen ally comeu cheguey **chegar** |  
Se mentirenẽ teuer mal por bem |  
Quitar ssa en comeu ui min quitar  
| Mays no come deu ui quitar  
alguen | Nen *quer* ñõ como non  
quero dizer | E ui alhur quen  
mẽtiral seer | Non quer nen pode  
nen bom *preez* leixar. || IPP1  
[xvi/cbnp/1320.282vc1.1-4]: En  
tal perfia qual eu ñũca uy | Vi eu  
dom ffoam cousa madrestar | E por  
que os vi anbos perfiar | **Cheguey**  
mael e dixlhy loguy | Vencedeuos  
a quanto uos disser | Ca perfiar  
des nom uos he mester | Con uossa  
madre perfiar assy. IPP3  
[xvi/cbnp/486.108vc1.1-1]: Dom  
ffoãao quãdogano *qui* **chegou** |  
*primeyrament* evyu uolta e guerra  
| tam grã Sabor ouue dir assa terra  
| *que* loguẽtõ por ada il filhou | seu  
coraçõ eel ffez lhy leyxar | polo  
mais toste daguerra longar | prez e  
esffor co e passou asserra. IPP5  
[xvi/cbnp/466.103rc1.1-24]: Por  
que uos todos amassem sempre |  
vos muito punhastes | Bõos talhas  
en espanha metestes | Poys hi  
**chegastes** | E *quasse* cõuosco  
filhou sempre / uos del  
gaanhastes. IPP6

[xvi/cbnp/1586.333vc2.1-11]: E bēnos *quis deus* demorte guardar | paey rrē gel e outros dous entō | dūa lide *que* ffoy em ultramar | *que* nō **chegarã** aquela sazō | euedes ora por *quanto* fficou | *que* o dia que ssa lide jūtou | prenderã elles porta mormoio. || IPI3

[xvi/cbnp/1575.331vc1.1-23]: El peeu *quãdo* cãtauã os galos | epor ssa molher *que* y nō **chegaua** | nōno ousaua chãger sseus uassalos | Mais um deles o *que* el mays amava | *eque* sempãte muyto bē fazya | jha sētom ael chegar nō podia | atã maldizia *que*cheyraua. || C3

[xvi/cbnp/1354.289vc2.1-8]: Eu cuytado non **chegaria** | *Pera* comprar corpo tã bē talhado | E astroso que a uendia | *por* que mi non enuyon mandado | Fora de cachas en carregado | Enque conprara dona luzia | En orzelhon do que a uendia. || CPI3

[xvi/cbnp/1354.289vc2.1-3]: Semel rey dessalgo ia miria | *Pera* mha terra de bon grado | Esse **chegasse** compraria | Dona fremosa de gran mercado | Ca ia uenden adeos louuado | Como uenderon dona luzia | En orzelon ora noutro dia. || PPms

[xvi/cbnp/1454.302vc1.1-16]: E o mouro foy alogaly **chegado** | E cuydousse *que* el pagaria | Diuida uelha *que* ela diuia | Mays disso mourasal nōe | Pensado Que uos paguedes | rem domeu auer meos deu *carta* | Sobre uos faz ca hū Judeu | Auedes enganado.

**chorar** – v. (< lat. *plorare*)<sup>g</sup> ‘derramar lágrimas’. || INF [xvi/cbnp/172.44rc1.1-12]: Netas de condē uyuuas nē donzela | essa *per* rrem nōna *quereu* leixar | nēlhe ualrra sesse chamar mesella | nē de carpir muyto nē de **chorar** | came non aui porem a desfiar |

seu linhagem nem deitar a Castela | e ueeredes meos filhos andar | netos de gede partir ensousela. || IP3 [xvi/cbnp/486.108vc2.1-30]: E ao demo uou acomendar | prez deste mūdo e armas e lidar | canō erogo de*que* omen **chora**. IP5 [xvi/cbnp/368.84rc2.1-11]: Dixeu *senhor* fremosa morrerey com pesar | Poys uos filhastes ordē e uos hã de guardar | Ela enton me disse quero uos en mostrar | Como *serey* guardada se nō venhame mal | Esto por que **chorades** ben deuedes cuydar | Tragerey en os. || IPP1 [xvi/cbnp/368.84rc1.1-2]: Preguntey hūa don en como uos direy | Senhor filhastes orden et ia por en **chorey** | Ela enton me disse eu nō uos negarey | De comeu filhes ordem assy *deus* me perdom | Fez mha filhar mha mader mays o *que* lhe farey | Tragerlhy eu os panos mays non coracon.

**chou[er]** – v. (< lat. *plouere*)<sup>g</sup> ‘precipitar chuva’; ‘verter água do céu’. || IPP3

[xvi/cbnp/1487.311vc1.1-3]: Hun caualo nō comeu | A sex meses nō sergeu | Mays pougadeus *que* **choueu** | E creceu a erua | E per cabossy pareu | E iasse leua. || IPI3 [xvi/cbnp/1625.347rc2.1-10]: E quãdel a madeyra adusser | Guardea bē e façaa iazer | Enlogar *que* nō **chouha** ca torcer | Ssia mui Toste nō ar a mester | E sseo lauor nō *quer* escarnir | Abrelho fundamentalte ferir | E muyto batelo quãto poder.

**chufar** – v. (< lat. *sibilare*)<sup>c</sup> ‘zombar’; ‘burlar’. || INF

[xvi/cbnp/1456.305rc2.1-14]: Ca poys aqui cheguey ia nō | Dirã *que* nō foy | en buscar senō de *que* podesse | Poys chufar e acha qui | O corno de rroldam.

**cing[er]** – v. (< lat. *cingere*)<sup>h</sup> ‘envolver’; ‘cobrir’. || CP3

[xvi/cbnp/472.105rc1.1-7]: Nunca **cinga** espada cõ bõa baynha | Se pero despanha nẽ pero galya | Nen pero galego ffor ora cõmeço | Galego Galego outrem ira começo.

[**cingir**] → cing[er].

**citar** – v. (< lat. *citare*)<sup>h</sup>. ‘mencionar’; ‘fazer referência a’. || G [xvi/cbnp/1618.345rc2.1-23]: Vos *que porpero* Tinhoso | Mhã aiades *pregũtando* | *Que uos dissesseu* del nouas | *Nouos* as *quereu citando* | Acharledes Tres sinaes | Selhes bẽ fordes catando | Mays mays esto *que uos* eu digo | Nõ nolho sabha nengũu | Aquel epero Tinhoso | *Que* traz otoubuca uiũ | e.

**citolar** – v. (< *cítola* + *-ar*) ‘tocar a cítola’. || INF [xvi/cbnp/1494.312vc2.1-5]: Muyto te ueio Lourẽço *queixar* | Pola ceuada epolo beuer | *Que* to nõ mando dar a teu prazer | Mays ento *quero* fazer melhorar | Poys quetagora **citolar** oy cãtar | Mando *que* to dẽ assy | Bẽ como o tu sabes merecer. || CPI3 [xvi/cbnp/1363.291vc1.1-2]: Foy acitola ten *perar* | Lopo *que citolasse* | E mandaron lhago dar | Ental *que* a leixasse | E el cantou logenton | E ar deronlhoutro don | Ental *quesse* calasse.

**cobrir** – v. (< lat. *cooperire*)<sup>m</sup>. ‘ocultar algo com alguma coisa ou alguém’; ‘resguardar com uma cobertura’. || INF [xvi/cbnp/465.102vc1.1-10]: Garcia *perez* uos ben cousecer | podedes nũca deprã foi falquir | Enquerer en pena ueira trager | Velha en corte nẽ na sol **cobrir** | Pero de tanto bem a saluarey | Nunca fuy dela en corte *paguey* | mais ostas guerras nos fazẽ bulir.

**coitar** – v. (< provç. *coitar*, prov. do lat. *\*coctare*)<sup>h</sup>. ‘atormentar’; ‘causar sofrimento’. || INF

[xvi/cbnp/492.109vc2.1-16]: Encõbrir nõ uolhes ueio fazer | cõnas põtas dos mantos traastornadas | *enque* semelhantes aboys das *afferradas* | quando as moscas los ueen **coitar** | den seas cuidan *per* hi danganar | *que* seiã delles *per* en namorades.

**colher** – v. (< lat. *colligere*)<sup>g</sup>. ‘apanhar’; ‘coletar’; ‘tirar’. || INF [xvi/cbnp/1379.294vc2.1-6]: *Que* muitoui de fernam diaz *praz* | *Que* fez el Rey don affonso meyrinho | E non cata parente nen uezinho | Con sabor de teela terra en paz | Seo pode por mal feytor saber | Vay sobrel esseo pode **colher** | Na mao logo del iustiça faz. || IPP3 [xvi/cbnp/1369.292vc1.1-4]: Hunha donzela iaz aqui | *Que* foy egano hua doã seyr | E nolhi soube daterra sayr | E a dona caualgou **ecolheu** | Dom caralhoto nas maas erẽ | Poyslo *apreso* ca esta mui bem | E non quer delas mãos abrir. || CP3 [xvi/cbnp/481.107vc1.1-2]: Joham rrodriguiz foy desmar abalteyra | ssa medida *per que colha* ssa madeyra | Edisse sse *benqueredes* ffazer | de tal medida | A *deuedes* atolher | E nõ meor *per* nulha *maneira*. || IA6 [xvi/cbnp/1342.287vc1.1-4]: En este son de negrada farey hũ cantar | Dunha sela cauterllada liada mui mal | Este a sela pagada e direy do brial | Todos **colham colham colham** | Con aquel brial de seuilha | *Que* adusso infancon | Aqui por marauilha.

**colpar** → culpar.

**começar** – v. (< lat. *cominitiare*)<sup>g</sup>. ‘iniciar(-se)’; ‘principiar(-se)’. || INF [xvi/cbnp/403.90rc1.1-21]: Iuyão poys tigo cometar | fuy direyтора *oque* te farey | hũa punha da grande te darey | desy *quereyte* muy toz couces dar | na garganta porte fe rir peor | *que*

nũca uylão aia sabor | doutra tençõ  
comego **começar**. || IPP1  
[xvi/cbnp/484.108rc2.1-24]:  
Nunca delo dia en *que* naçy | fuy  
tan coitado se *deus* me perdõ | E  
cõ pauor aquesta oracõ **começey** |  
Logo e dixे *adeus* assy | fel  
razedõ biuisti senhor | por mĩ mais  
martesta *questo* peor / *que* por ti  
beuo nem *que* acevi. IPP5  
[xvi/cbnp/484.108rc1.1-7]: Hua  
uos **comecastes** entendi | Bẽ *que*  
nõ era de *deus* *aquel* ssom | Caos  
pontos del no meu coraçõ | sse  
fficarã de *guisa* *que* loguy | cuidey  
morrer e dixassy | *deus* senhor.

**com[er]** – v. (< lat. *comedere*)<sup>h</sup>. ‘ingerir  
alimento’; ‘tomar por alimento’.  
|| INF [xvi/cbnp/490.109rc2.1-1]:  
Comeu en dia de pascoa *quer* ia  
bẽ **comer** | Assy *queria* bõ Som  
ligeyro de dizer | *pera* meestre  
johã. || IPP5  
[xvi/cbnp/461.101vc2.1-16]:  
Auelha e dissatal daquesto foy | en  
que dal de *que* me **comestes** muy  
mal | e ecomeçou de ryr muyto del  
e *escarnir* | Nuncauos dissassy  
ffiida mester a y | Dom *Afonso*  
dissa tal façaxo quẽ faz oal.

**cometer** – v. (< lat. *commitere*)<sup>m</sup>.  
‘atacar’; ‘acometer’; ‘perpetrar’.  
|| INF [xvi/cbnp/172.43vc2.1-7]:  
Pois boas donas som desẽparadas |  
enulho *homem* nõ nas *quer*  
defender | nonas *quereu* leixar  
estar *quedadas* | *mays* *querem*  
duas *perforça* prẽder | outres ou  
quatro quaaes mẽ escolher | pois  
nõ aui ia *per* quẽ seiam uengadas |  
netas de Conde *quereu* **cometer** |  
que me seram mais pouca  
coomhadas. || IPP5  
[xvi/cbnp/466.103rc2.1-49]: Con  
aquesto *que* auedes | Mui mais ca  
*outro* **compristes** | Hu *quer* *que*  
mãao metes | Tas *guarecẽdo*  
ensaistes | A *quem* *quer* *que*  
**cometestes** | Sempre mal  
oescarnistes.

**[comprar]** → conprar.

**comprir** – v. (< lat. vulg. *complere*)<sup>g</sup>.  
‘realizar’; ‘completar’; ‘executar’.  
|| IPP5 [xvi/cbnp/466.103rc2.1-  
46]: Con aquesto *que* auedes | Mui  
mais ca *outro* **compristes** | Hu  
*quer* *que* mãao metes | Tas  
*guarecẽdo* ensaistes | A *quem* *quer*  
*que* cometestes | Sempre mal  
oescarnistes. || CP3  
[xvi/cbnp/781.167rc2.1-14]:  
Quando mha seentey Assi ueia  
*prazer* | nõ me guardaua eu de tal  
acayo | E *quandoo* uy ergime  
legencõ | a *passadacalhe* fuy logo  
*dizer* / *que* ssergesse dantre oo  
cochoes *sseus* / E *dissemel*  
*gradeca* uolo *deus* | nõ me  
**conppra** demelhor sseer.

**concelh[ar]** → conselhar.

**[confiar]** → cufi[ar].

**confonder** ~ **confund[er]** – v. (< lat.  
*confundere*)<sup>g</sup>. ‘causar ou sofrer  
perturbação’; ‘confundir’. || INF  
[xvi/cbnp/1324.283vc1.1-4]: Com  
aueoo amerlin demoirer | Per seu  
gram saber *que* el foy *mostrar* |  
Atal *molher* queo soubenganar |  
Per essa *guisa* sse foy **confonder** |  
Martim uasqueez *per quanto* lheu  
oy | Que ontẽ mort hũa *molher*  
assi | A *quem* *ostrou* por seu mal  
sen saber. || CP3  
[xvi/cbnp/144.36vc1.1-22]: Marã  
soarez a mi ha greu de lho sa | iõ  
dar e poys *que* lho der nõ diga el  
*quelho* | nulhomẽ deu e seo el *per*  
uentura *disser* | muy bẽ say eu o  
*quelhe* dirã entõ | **confunda** *deus*  
*quem* te deu esse dom | nẽ *aquem*  
de fezo lograr ne segneur.

**[confundir]** → confund[er].

**conheçer** ~ **conhoc[er]** – v. (< lat.  
*cognoscere*)<sup>g</sup>. ‘ter conhecimento’;  
‘saber’; ‘ter posse da informação’.  
|| INF [xvi/cbnp/142.35vc2.1-17]:  
Aly *perdestelo* syso *quãdo* as  
fostes ueer | tano falar enorriso  
poderades **conheçer** / *qual*  
amelhor *parecer* *mays* falynos

hyouyso. || IP5  
[xvi/cbnp/415.92rc12.1-1]:

**Conhocedes** adonzela | por *que*  
trobei *que* avia | nome dona  
biringela | uedes camanhã *perfia* |  
ecousa tam desguisada | des *que*  
ora foy casada | chamãlhe dona  
charia.

**conhoc[er]** → conhecer.

**conprar** ~ **cõprar** – v. (< lat. vulg.  
*comperare*)<sup>g</sup> ‘adquirir por  
dinheiro ou por algo de valor’. ||

INF [xvi/cbnp/446.97vc2.1-1]:

**Conprar** quereu fernam furado |  
muo *que* ui andar muy gordo no  
mercado | mais trage itẽ o aluaraz  
ficado | fer nã fura do no olho  
docon | eanda ben pera *comque*  
fere du nhã | edizeme que traie  
hũa espũlha | fernã fur ado no  
olho do cuir.

[xvi/cbnp/145/496.110vc2.1-6]:

Quem da guerra se foy | cõ  
maldade assa terra foy | **cõprar**  
erdade nõ uẽ al mayo. || IPP3  
[xvi/cbnp/922.198rc2.1-4]: Todos  
dizen que *deus* nũa pecou | Mais  
mortalmẽte o ueieu pecar | Calhe  
ueieu muytos desenparar | Seus  
uassalos que muy caro **comprou** |  
Ca os leyxa morrer cõ grandamor |  
Desenparados de ben de senhor |  
E ia com estes mĩ desenparou.

**conselhar** ~ **cõselhar** ~ **concelh[ar]** ~  
**consselh[ar]** – v. (< lat.  
*consiliare*)<sup>g</sup> ‘aconselhar’; ‘dar  
conselhos’. || INF

[xvi/cbnp/414.90vc2.1-2]: Poys  
*que* uos *per* hy mays de ualer  
cuydades | mal uos *quereu*  
**conselhar** mha senhor | *pera*  
*sempre* fezerdelo peyor | *querouos*  
eu dizer como facades |  
amada*quel que* uos tem eu  
desdem | e leyxade mĩ *que* uos  
*quero* bem | nũa uos melhor  
fusenchedes

[xvi/cbnp/473.105rc1.1-7]: E por  
eu bem **cõ Selhar** | Non deuos con  
estar peyor | Ca uos concelheu o

milhor | *Que* uaades ora morar |  
Muy longe demi | E muy cõ meu  
grado. || IP1

[xvi/cbnp/473.105rc1.1-9]: E por  
eu bem cõ Selhar | Non deuos con  
estar peyor | Ca uos **concelheu** o  
milhor | *Que* uaades ora morar |  
Muy longe demi | E muy cõ meu  
grado. || IF1

[xvi/cbnp/489.109rc2.1-14]:

Eaynda uos **consselharey** al | por  
*que* uos amo de coraçõ | *que* nũa  
uos en dia dacensso | *tenhades* nen  
en dia denatal | nẽ doutras festas  
denostro*Senhor* / nen de seus  
Sãtos ca ey gran pauor / de uos  
uiir muy toste deles mal. || PPms  
[xvi/cbnp/916.197rc2.1-8]: Esse  
elrey fose ben **conselhado** |  
Maestratẽço daquestes *dinheiros* |  
Quelho demo leua nos *caualleiros*  
| Partilos hya uosco *per* meu grado  
| Ca non foy tal que a roda  
entrasse | *Que* *caualleiro* da mha  
matasse | Se non uos que hyades  
desarmado.

**consentir** – v. (< lat. *consentire*)<sup>g</sup>  
‘permitir’; ‘aprovar’. || INF  
[xvi/cbnp/144.36rc2.1-8]: Maram  
soarez nõ possui osmar | *que*  
nolas gentes *querã* **consentir**  
denos tal | homẽ *fazermos* porar ã  
rograria ca hu | for pedir algũ  
uerao vilãser *triste* roso | e torpe  
sẽ saber e auerssa denos e del tiir.

**consist[ir]** – v. (< lat. *consistere*)<sup>m</sup>  
‘apresentar’; ‘insistir em’;  
‘manter-se’. || IP5  
[xvi/cbnp/142.35vc2.1-9]: Dos *que*  
esas donas uistes | *falarõnos* rem  
damor | *dizedeseas* **consistes**  
*quantos* delas he melhor | nõ  
fostes *concheçedor* *quãdoas* nõ de  
*partistes*.

**consselh[ar]** → conselhar.

**contar** ~ **cõtar** – v. (< lat. *computare*)<sup>g</sup>  
‘relatar’; ‘narrar’. || INF  
[xvi/cbnp/143.36rc1.1-4]: Pero  
non fuy a ultra mar | muyto sey eu  
a terra bem | *per* soeyreanes *que* ã

uem | segũdo lheu oy **cõtar** | diz  
*que* marcelha iaz alem | domar  
eAcre iaz aquem | e pom ror tes  
loguy arar.

[xvi/cbnp/485.108rc2.1-5]: Pero  
da ponta feito gran pecado |  
Desseus cantares *que* el foy furta  
r | A cõta *que* quanto el lazerando |  
Ouue grã tempo elxos *quer* lograr  
| E doutros muytos *que* nõ sey  
**contar** | Por *que* oioando uistido  
e onrrado.

[**convidar**] → cõuidar.

**cõprar** → conprar.

**correger** – v. (< lat. *corrigere*)<sup>m</sup>. ‘dar  
forma correta ou esperada’; ‘por  
em melhor estado’. || INF  
[xvi/cbnp/1373.293vc1.1-13]: Esse  
esto fazerdes aueredes | Assim  
ualha ami *nostro* senhor | Bon  
parecer ebon talhe seredes |  
Fermosa muyte de bõa coor | Se  
cada quessa touca torcer | Se  
logou verdes quẽ *vos* **correger** |  
As feyturas muy ben parecedes. ||  
CP3 [xvi/cbnp/1373.293vc1.1-20]:  
Ay mha senhor *por deus* *enque*  
creedes | poys que *por* al nõuos  
ousou rogar | Poys senpratouca mal  
posta tragedes | Creedemi do  
queuos conselhar | En uez deuola  
correger alguen | **Correga** uolas  
feyturas muy bem | E o falae e  
senon non faledes.

**corr[er]** – v. (< lat. *currere*)<sup>h</sup>. ‘deslocar-  
se com rapidez’. || IPI6  
[xvi/cbnp/491.109vc1.1-6]: Vi  
coreyses or pelados | estar muy  
mal espantados | egenetes *tros*  
*quiades* **corriãnos** | arredor |  
tynhãnos mal afficados *perdiãna*  
color.

**cõselh[ar]** → conselhar.

**cõtar** → contar.

**cõuidar** – v. (< lat. \**convitare*, formado  
sobre *inventare*)<sup>m</sup>. ‘solicitar  
presença ou participação’. || INF  
[xvi/cbnp/1580.332vc2.1-2]: Foy  
dom fflagundo huũ dia | **cõ uidar**  
dous caualeiros | pera seu iãtar |

effoy con elles ssa uaca ençetar | e  
a uaca morreuxe loguẽton | edom  
ffagũdo *quer* ssora matar | por *que*  
matou ssa uaca o caiõ.

**cousecer** – v. (< incoativo de *cousir*)<sup>v</sup>.  
‘criticar’; ‘censurar’. || INF  
[xvi/cbnp/465.102vc1.1-8]: Garcia  
*perez* uos ben **cousecer** | pode  
des nõca deprã foi falquir | Enquerer  
en pena ueira trager | Velha en  
corte nõ na sol cobrir | Pero de  
tanto bem a saluarey | Nunca fuy  
dela en corte paguey | mais ostas  
guerras nos fazẽ bulir.

**cousir** – v. (< provç. *causir*)<sup>l</sup>. ‘ver’;  
‘observar’. || INF  
[xvi/cbnp/142.35vc2.1-12]: Anbas  
erã nas melhores | *que* omẽ pode  
**cousir** | brãcas erã come flores |  
mays por uos eu nõ mẽtir | nõ nas  
pudi *departir* tãto sam bõas  
*senhores*.

**couzer** – v. (< lat. *cocere*)<sup>cl</sup>. ‘cozinhar’;  
‘preparar a comida’. || INF  
[xvi/cbnp/461.101vc2.1-2]:  
Direyuos eu dun Rycomende  
coma | prendi que come mandou  
**couzer** | O uil omen meio rrabo de  
carneyro | Meyo rabo de carneyro  
| Assy como caualeirou.

[**cozer**] → couzer.

**crec[er]** – v. (< lat. *crescere*)<sup>m</sup>. ‘tornar(-  
se) maior’. || IP3  
[xvi/cbnp/374.85rc2.1-15]: Pois  
que meu *pres* nõmha onrra nõ  
**crece** | porque me quigy teer  
*auerdade* | Vedelo que farey par  
caridade | Poys que ueyo que  
masy acaece | Mentirey ao amigo  
eao senhor | E poiar a meu *prez* e  
meu ualor | Com mẽriza poys cõ  
verdade deçe.

**creer** – v. (< lat. *credere*)<sup>cl</sup>. →  
descre[er]. ‘acreditar’; ‘tomar por  
verdadeiro’. || INF  
[xvi/cbnp/223.60vc1.1-9]: Mais en  
quãteu ja vivo for poren | Nõ  
creerey *que* o Judas uendeu | Nen  
*que* poz vos nacruz morte predeu  
| Nen *que* filhest *desanta* Maria | e

outra cousa uos *quero dizer* / ca ffoy coitado ño *quero creer* | Ca do coyhada doerssa veria. || IPP1 [xvi/cbnp/223.60vc2.1-21]: Aynda uos del direy outra rren | Poys quanto ben Auia me tolhe | E quantel senpre no mundentêdeu | deque eu muy grã pesar prenderia | per bõa ffe daly mho fez prender / Por esto ñe *quer* eu per el *creer* | e quanto perel *criue* fiz folia. || IF1 [xvi/cbnp/223.60vc1.1-9]: Mais en quãteu ja viuio for poren | Nõ *creerey que* o Judas uendeu | Nen *que* poz vos nacruz morte predeu | Nen *que* filhest desanta Maria | e outra cousa uos *quero dizer* / ca ffoy coitado ño *quero creer* | Ca do coyhada doerssa veria. || CPI3 [xvi/cbnp/173.44rc1.1-7]: Se *creuesseu* Martin syra | nõca meu dali partira | du mel disse *quea* vira | enssanhoane e enssaya | morarey cabo da maya. || IA5 [xvi/cbnp/612.135rc2.1-22]: Todos uos dizê senhor cõ ãueia | *Que* dessamedes elles emi nõ | Por *deus* uos rrogo *que* esto nom seia | Nẽ ffaçades coussa tãsen rrazõ | Amades uosos *queuos* mays desseia | E bem *creede que* elles todos ssom | Esse uos eu *quero* bẽ de corazõ | Leuẽme des a terra huuos nõ ueia.

[**crer**] → creer.

[**crecer**] → crec[er].

**criar** – v. (< lat. *creare*)<sup>h</sup>. ‘crescer’; ‘formar-se’. || INF [xvi/cbnp/1181.251vc2.1-12]: Iuayo outros mays sabedores | *Qui* seron ia esto saber de mĩ | E en todo trobar may trobadores | *Que* ta nõ es mays direyto *que* uy | Uy boas donas tecer e laurar | Cordas e cintas e uilhes **criar** | *Per* bõa muy fremosas pastores. || IPP3 [xvi/cbnp/1301.273vc1.1-4]: Aluar uegeu agrauar | *Porque* ssessêtaqui mẽguadãdar | E tẽ *que* lhya

melhor alẽmar | *Que* lhe vay aquy hu naceu e **crieu** | E por estodiz *quesse quer* tornar | hugrã tenpa seruiu e affanou.

**cruzar** – v. (< *cruz* + *-ar*)<sup>h</sup>. ‘pôr-se em cruz’; ‘passar transversalmente’. || INF [xvi/cbnp/1661.355rc1.1-1]: Quẽ mhora *quisesse cruzar* | Ben assy podena hyr | Ben como foy a ultramar | Pero danbroa *deus* seruyr | Morar Tanto quantel morou | Na melhor rua que achou | E *dizer* venho dultramar.

**cufi[ar]** – v. (< lat. *\*confidare*, por *confidere*)<sup>g</sup>. ‘depositar ou ter confiança’. || IP3 [xvi/cbnp/457.101rc1.1-10]: E podengo deiribo de Sil | *Que cufiasse* hum moravidil | *Que* lhi meiasse | A don gil *quando* lebor aichasse.

[**cuidar**] → cuydar.

**culpar** ~ **colpar** – v. (< lat. *culpare*)<sup>h</sup>. ‘acusar’; ‘incriminar’; ‘declarar responsável por falta ou delito’. || INF [xvi/cbnp/480.107rc1.1-40]: E direyuos hũu Recado | Pecado Iaia mei podẽganar | *que* me faca ia ffalar | En armas ca nõ me dado | do ado me deas eu rrazõar | pois las nõ ay a *prouar* ante *quer*andir | Sinlheyro ehir com mercaddeyro | algũa terra buscar | hu me nõ possam **culpar** / Alacra negro nõ ueiro. [xvi/cbnp/1453.302vc1.1-12]: E ali logo ssa lide auoluer / Verram uos delles deãte | **Colpar** de sy os outros | Por vos non errar | A *querrem* uos por alhur cometer / Mays sofrede feirã per hu | *Quer* casse uos *deus* en armas | Bem *fezer* ferindo | En vos en elles de caer.

[**cumprir**] → comprir.

**cust[ar]** – v. (< lat. *constare*)<sup>h</sup>. ‘ter determinado valor’; ‘valer’. || IF3 [xvi/cbnp/1304.279rc2.1-8]: E disser o mel eiceicõ tenh eu ia | Tal *que* uos ponha *que* uos **custara** | Mais quanto ual queste

meu muu | E dixilh eu poilo nõ  
tenh en al | Semha poserdes  
porreiuola tal | Que assencades.

**cuydar** – v. (< lat. *cogitare*)<sup>g</sup> ‘pensar’;  
‘achar’; ‘zelar’. || INF  
[xvi/cbnp/368.84rc2.1-11]: Dixeu  
*senhor* fremosa morrerey com  
pesar | Poys uos filhastes ordẽ e  
uos hã de gardar | Ela enton me  
disse quero uos en mostrar | Como  
*serey* guardada se nõ venhame  
mal | Esto por que chorades ben  
deuedes **cuydar** | *Tragerey* en os.  
|| IP1 [xvi/cbnp/143.36rc1.1-14]:  
E diz *queuyo* hũu judeu *que* uyo  
*prender* | *nostro* *senhor* eaueredes  
hi grã saborseuolo | cõtar  
**cuydomeu** diz *quehe* iudeu pastor  
| *natural* de rrocamador e *queha*  
*nome* *dona* | *dreu*.  
[xvi/cbnp/144.36rc2.1-14]: Paay  
*soares* *ohomem* deseu *triste* e  
*nojoso* | e *torpe* sem *mester*  
*perfaremos* nos | de **cuydomeu**  
*jograr* *seen* *deuos* a | *juda* *ouuer*  
*calhe* *daredes* uos esse *sayo* | e  
*porrey* *lheu* *nome* *rograr* *sisom* e |  
*contal* *nome* *gualrroi* *per* *hu* *quer*.  
|| IPP1 [xvi/cbnp/484.108rc1.1-  
11]: Hua uos *comecastes* *entendi* |  
Bẽ *que* nõ era de *deus* *aquel* *ssom*  
| *Caos* *pontos* *del* *no* *meu* *coraçõ* |  
*sse* *fficarã* de *guisa* *que* *loguy* |  
**cuidey** *morrer* e *dixassy* | *deus*  
*senhor*. || CP5  
[xvi/cbnp/414.90vc2.1-1]: Poys  
*que* uos *per* *hy* *mays* de *ualer*  
**cuydades** | *mal* uos *quereu*  
*conselhar* *mha* *senhor* | *pera*  
*sempre* *fezerdelo* *peyor* | *querouos*  
*eu* *dizer* *como* *facades* |  
*amadaquel* *que* uos *tem* *eu*  
*desdem* | e *leyxade* *mĩ* *que* uos  
*quero* *bem* | *nũca* uos *melhor*  
*fusenchedes*.

# D

**dar** – v. (< lat. *dare*)<sup>m</sup> ‘conceder’;  
‘doar’. || INF  
[xvi/cbnp/144.36rc2.1-19]: Marã  
*soarez* a *mi* *ha* *greu* de *lho* *sa* | *iõ*  
**dar** e *poys* *que* *lho* *der* nõ *diga* *el*  
*quelho* | *nulhomẽ* *deu* e *seo* *el* *per*  
*uentura* *disser*. || IP1  
[xvi/cbnp/473.105rc1.1-13]:  
*Conselho* uos **dou** *damigo* | *E*  
*ssey* *seos* uos *fezerdeos* / *E* *me*  
*daquesto* *creudez* *morardes* | *Hu*  
*uos* *digo* *muy* *longe* de *mi* | *E* *mui*  
*com* *meu* *grado* || IPP1  
[xvi/cbnp/481.107vc1.1-8]: *E*  
*disse* *esta* e *amadeyra* *terceyra* | *E*  
*demais* nõna **dey** *eu* *auos* *silhey* |  
*E* *pois* *que* *ssem* *conpasso*  
*ademeter* / *Atan* *longa* | *deue* *toda*  
*sseer* | *Pera* *tras* *pernas* *das*  
*caleyra*. || IPP3  
[xvi/cbnp/143.36rc1.1-24]: *Peri* *an*  
*dou* *nostro* *ssenhor* *daly* *diz* *el* *que*  
*foy* | *romeu* *edepoys* *que* *lho*  
*soldan* **deu** *operdom*. || IF5  
[xvi/cbnp/144.36rc2.1-15]: Paay  
*soares* *ohomem* deseu *triste* e  
*nojoso* | e *torpe* sem *mester*  
*perfaremos* nos | de *cuydomeu*  
*jograr* *seen* *deuos* a | *juda* *ouuer*  
*calhe* **daredes** uos esse *sayo* | e  
*porrey* *lheu* *nome* *rograr* *sisom* e |  
*contal* *nome* *gualrroi* *per* *hu* *quer*.  
|| CF1 [xvi/cbnp/144.36rc2.1-19]:  
Marã *soarez* a *mi* *ha* *greu* de *lho*  
*sa* | *iõ* *dar* e *poys* *que* *lho* **der** nõ  
*diga* *el* *quelho* | *nulhomẽ* *deu* e *seo*  
*el* *per* *uentura* *disser*.

**deãtar** – v. (< *deãte* [> *dian*te] + *-ar*)<sup>cl</sup>.  
‘antecipar’; ‘expor’. || INF  
[xvi/cbnp/1493.312vc1.1-9]: *Iohã*  
*garcia* *soosabedor* | *Demeus*  
*mesteres* *se* *por* **deãtar** | *E* uos  
*andades* *por* *mhos* *desloar* | *Pero*



nõ sodes tã desloador | *Que* cõ uerdade possades dizer | *Que meus* mesteres | Nõ sey bẽ fazer | Mays uos nõ sodes hi conhecedor.

**deca[ir]** – v. (< lat. med. *decadere*, por *decidere*)<sup>cl.</sup> ‘desabar’; ‘ir abaixo’. || IP3 [xvi/cbnp/1303.279rc1.1-8]: Mais se **de cae** quen será | *Que* ia dereyto nen razon | For demandar nen deffenson | En tal meestre que non da | En sseu feit ajuda dessy | Mais leuara *per quant oy* | *Que* lh o dereito sosterra.

**deç[er]** – v. (< lat. *descendere*)<sup>h.</sup> ‘dirigir-se para baixo’; ‘incidir sobre’; ‘decair’. || IP3 [xvi/cbnp/374.85rc2.1-21]: Pois que meu *pres* nẽmha onrra nõ crece | porque me quigy teer auerdade | Vedelo que farey par caridade | Poys que ueyo que masy acaece | Mentirey ao amigo eao senhor | E poiara meu *prez* e meu ualor | Com mẽriza poys cõ verdade **deçe**.

**deest[ar]** ~ **deostar** – v. (< lat. *dehonestare*)<sup>m.</sup> ‘injuirar’; ‘degradar’. || INF [xvi/cbnp/1460.306rc1.1-11]: Veedora seme deuo queixar | Deste peyto canõ pode prouar | *Que* me lhe oiste nulhomẽ chamar | Senon seu nome *per* nulha maneyra | E polanela *que* foy **deostar** | Deostoumora Maria balteyra. || CPI3 [xvi/cbnp/471.104vc2.1-10]: Ca Rogades cousa desguisada | E non sey eu *quem* uolo outorgasse | De perdar quẽ no mal **deestasse** | Comel fez amĩ estando em sa pousada | E poys veio que meus conhecedes | Demy a tanto uos irey dizendo | Se hũa ueza Sanhar me fazedes.

**defender** – v. (< lat. *defendere*)<sup>g.</sup> ‘proteger’; ‘agir em defesa de’. || INF [xvi/cbnp/172.43vc2.1-2]: Pois boas donas som desẽparadas | enulho *homem* nõ nas *quer*

**defender** | nonas quereu leixar estar *quedadas* | mays *querem* duas *perforça* prẽder | outres ou quatro quaaes mẽ escolher | pois nõ aui ia *per* quẽ seiam uengadas | netas de Conde quereu cometer | que me seram mais pouca coomhadas.

**deitar** ~ **deyt[ar]** – v. (< lat. *dejectare*)<sup>m.</sup> ‘colocar para fora’; ‘dispensar’; ‘desfazer-se’. || INF [xvi/cbnp/172.44rc1.1-14]: Netas de conde uyuuas nẽ donzela | essa *per* rrem nõna quereu leixar | nẽlhe ualrra sesse chamar mesella | nẽ de carpir muyto nẽ de chorar | came non aui porem a desfiar | seu linhagem nem a **deitar** a Castela | e ueeredes meos filhos andar | netos de gede partir ensousela. || IPP3 [xvi/cbnp/1489.321rc1.1-3]: Eluyra lopez aqui nõtro dia | Se *deus* mi ualha *prende*u hũ caiõ | **Deytou** na casa sigo hun peon | Essa mueta e quãto tragia | Pos cabo dessy e adormeceu | E o peon leuãtousse fodeu | E nõca ar sõbe de cõtrahu sua.

**[deixar]** → leixar.

**deliurar** – v. (< lat. ecl. *deliberare*, der. do lat. cl. *liberare*)<sup>h.</sup> ‘livrar’; ‘libertar’. || INF [xvi/cbnp/492.110rc1.1-23]: Outrossy lhis ar ueio trager | as mãgas mui curtas et es fradas | bem come sea dubassem queixedas | ousse quisessẽ tortas amassar | ou *quãta* ofazem por **deliurar** / Sas bestas se fossem aceuadadas.

**demãd[ar]** – v. (< lat. *demandare*)<sup>g.</sup> ‘procurar’; ‘requerer’. || INF [xvi/cbnp/1303.279rc1.1-10]: Mais se de cae quen será | *Que* ia dereyto nen razon | For **demandar** nen deffenson | En tal meestre que non da | En sseu feit ajuda dessy | Mais leuara *per quant oy* | *Que* lh o dereito sosterra. || IPP1

[xvi/cbnp/871.185rc1.1-9]: Nos moesteyros dosfrades negrados | **ademãdey** e diserõmassy | nõ *bos que* des uos auerdadaqui / ca muy tos anos auemos passados | *que* nõ morou nosco *per* bõa fe | e dal auemos mayores coidados.

**deostar** → deest[ar].

**departir** ~ **despartyr** – v. (< *de-* + *partir*, por influxo do fr. *départir*)<sup>h</sup>. ‘realizar divisão em partes’; ‘repartir’. || INF [xvi/cbnp/142.35vc2.1-15]: Anbas erã nas melhores | *que* omẽ pode consir | brãcas erã come flores | mays por uos eu nõ mêtir | nõ nas pudi **departir** tâto sam bõas senhores.

[xvi/cbnp/1664.355vc2.1-6]: Johan baueca e Pero danbroa | Comecaron de fazer sa tencon | E sayronsse logo da razõ | Joã baueca e Pero danbrõa | E por *que* xa nõ souberon seguyr | Nunca *quedaron* poys en **departyr** | Johã baueca e Pero danbrõa. || IPP5 [xvi/cbnp/142.35vc2.1-10]: Dos *que* esas donas uistes | falarõnos rem damor | dizedeseas consistes *quantos* delas he melhor | nõ fostes concheçedor *quãdoas* nõ **de partistes**.

**dereytar** – v. (< *de-* ‘intensidade?’ + *reytar* [~ *retar*, talvez do lat. *reputare*]) → *reytar*. ‘calcular’; ‘avaliar’; ‘acusar’. || INF [xvi/cbnp/1315.281rc2.1-14]: Steua daguarda pode quitar | Qual judeu quer **dereytar** es senhores | Mays natalha gracias nẽ amores | Nũlhy faram os *queham* detalhar | E dom foam ia *peruezes* deu | Ve o que talhanso comeu de *per* domeu | E dara mays e queyrasse lutar.

**derrobar** – v. (< lat. *dirupare*)<sup>cl</sup>. ‘deixar cair’; ‘vencer’. || IPP6 [xvi/cbnp/1453.302vc1.1-21]: Pero coma mui grã gente | A seer muytas uezes | Vos am a

**derrobar** | Mays sempre uos auedes a Trobar | E elles ãmays a en *fraquecer* | Pero non quedaram | De uos ferir de todas partes | Mays | Moyrerã en vosso poder.

**[derrubar]** → derrobar.

**desafiar** – v. (< *des-* + *-afiar* [este do lat. \**afidare*])<sup>cl</sup>. ‘provocar’; ‘incitar a duelo, combate’. [xvi/cbnp/966.209rc1.1-11]: Fiador pera *dereito* | Lhi quix *perante* uos dar | El ouue deun despeyto | E mandoume **desafiar** | Nonlheu sey ala morar | Venhaus *que* men paredes | Ca non ei *quem* menparar.

**[desamparar]** → desenparar.

**[descer]** → deç[er].

**descobrir** – v. (< lat. *descooperire*)<sup>m</sup>. ‘conhecer’; ‘passar a ter conhecimento’; ‘evidenciar’. || INF [xvi/cbnp/1472.308vc1.1-10]: E don esteuã assy dizia | A Nos *quelho* nõ leixassemos ferir | Mays *querouos* ora **de scobrir** | Comeste uilano migo uyuya | Mays era eu seu ca era el meu | E muytã daua maos en *pos* el en | Ca el *pos* mi *pero* ximel *queria*.

**descre[er]** – v. (*des-* + *creer* [> *crer*])<sup>h</sup>. → *creer*. ‘não acreditar’; ‘negar’. || IPP5 [xvi/cbnp/487.108vc2.1-4]: Pero da ponte parouos Sinal | per ante odemo do fogo Infernal | por *que* com *deus* o padre Spiritual | mĩguar *quisestes* mal per **descreestes** | E ben veiagora *que* ca trobar uos ffal | pois uos tam loutã prazõ cometestes.

**desei[ar]** ~ **dessei[ar]** – v. (< *desejo* + *-ar*)<sup>h</sup>. ‘ambicionar’; ‘querer muito’. || IP3 [xvi/cbnp/612.135rc2.1-21]: Todos uos dizẽ senhor cõ ãueia | *Que* dessamedes elles emi nõ | Por *deus* uos rrogo *que* esto nom seia | Nẽ ffaçades coussa tãsen rrazõ | Amades uos *queuos* mays **desseia** | E bem creede *que* elles todos ssom | Esse uos eu *quero* bẽ de corazõ | Leuẽme *des* a terra

huuos nõ ueia. || IPP1  
 [xvi/cbnp/1652.353rc2.1-31]:  
 Pero de põte iulgarmey | Antel  
 Rey *que* digassy | Poy *que* per  
 outro nõ *per* mĩ | Mha coita nõ  
 sabe *queirey* | Diz ela e se sse  
*queixar* | A tã muyto a *seruirey* |  
*Que* por *seruir* cuydacabar |  
 Quanto bẽ sẽpre **deseiey**.

[**desejar**] → dese[i]ar].

**desenparar** – v. (< *des-* + *enparar* [<  
*amparar*])<sup>h</sup>. → enparar.  
 ‘abandonar’; ‘não dar amparo’. ||  
 INF [xvi/cbnp/922.198rc2.1-3]:  
 Todos dizen que *deus* nõca pecou  
 | Mais mortalmẽte o ueieu pecar |  
 Calhe ueieu muytos **desenparar** |  
 Seus uassalos que muy caro  
 comprou | Ca os leyxa morrer cõ  
 grandamor | Desenparados de ben  
 de senhor | E ia com estes mĩ  
 desenparou. || IPP3  
 [xvi/cbnp/922.198rc2.1-10]: E  
 mayor pecado mortal non sey | Ca  
 o que eu ueio fazer a *deus* | Ca  
**desenpara** os uassalos seus | En  
 muy gram coyta damor *qual* eu ey  
 | E o senhor que acorrer non quer |  
 A seus uassalos quandolhe mester  
 | Peca mortal poys e tan alto Rey.  
 || IPP3 [xvi/cbnp/922.198rc2.1-7]:  
 Todos dizen que *deus* nõca pecou  
 | Mais mortalmẽte o ueieu pecar |  
 Calhe ueieu muytos desenparar |  
 Seus uassalos que muy caro  
 comprou | Ca os leyxa morrer cõ  
 grandamor | Desenparados de ben  
 de senhor | E ia com estes mĩ  
**desenparou**.

**desfiar** – v. (< *des-* + *-fiar* [este do lat.  
*filare*])<sup>cl</sup>. ‘detalhar’; ‘esmiuçar’. ||  
 INF [xvi/cbnp/172.44rc1.1-13]:  
 Netas de conde uyuuas nõ donzela  
 | essa *per* rrem nõna *quereu* leixar  
 | nõlhe ualrra sesse chamar  
 mesella | nõ de carpir muyto nõ de  
 chorar | came non aui porem a  
**desfiar** | seu linhagem nem deitar  
 a Castela | e ueeredes meos filhos  
 andar | netos de gede partir

ensousela. || IA5  
 [xvi/cbnp/883.186vc2.1-6]:  
 Desfiar enuiaron ora | ffilhos  
 dedom ffernando del | Rey de  
 castela | E disse | El Rey | logo  
 hide ala dom Vela **desfiade** | e  
 mostrade por mĩ esta Razom | sse  
 quiserem por cãbho do Reino | de  
 leom ffilheu porẽ nauarra | ou o  
 Reino de leom darangom.

**desloar** – v. (< *des-* + *loar*)<sup>h</sup>. → loar.  
 ‘depreciar’; ‘criticar’. || INF  
 [xvi/cbnp/1493.312vc1.1-10]: Iohã  
*garcia* soosabedor | Demeus  
 mesteres se *por* deãtar | E uos  
 andades *por* mhos **desloar** | Pero  
 nõ sodes tã desloador | *Que* cõ  
 uerdade possades dizer | *Que*  
*meus* mesteres | Nõ sey bẽ fazer |  
 Mays uos nõ sodes hi conhocedor.

**desmar** – v. (< *desma* [> *dízima*, este,  
 do lat. *decimus, a, um*] + *-ar*)  
 ‘calcular ou aplicar imposto’. ||  
 INF [xvi/cbnp/481.107rc2.1-1]:  
 Joham rrodriguiz foy **desmar**  
 abalteyra | ssa medida *per* *que*  
 colha ssa madeyra | Edisse sse  
 benqueredes ffazer | de tal medida  
 | A deuedes atolher | E nõ meor  
*per* nulha maneira.

**desonrr[ar]** – v. (< *des-* + *onrrar* [>  
*honrar*])<sup>h</sup>. ‘prejudicar(-se),  
 comprometendo a honra’;  
 ‘perder ou fazer perder a honra, a  
 confiança’. || CP6  
 [xvi/cbnp/887.188rc2.1-12]: Canõ  
 leyxam spital nõ egleſia | romeu  
 nõ dona nõ ome fidalgo | nõ omẽ  
 fidalgou nõ homẽ | dondẽ *por* bõo  
*que* será | *que* nõ **desonrrẽ** *por*  
 leuar del aga | forcã molheres e  
 roubã camĩna | e nõ demẽ nõ.

**despender** – v. (< lat. *dispendere*)<sup>g</sup>.  
 ‘gastar’; ‘consumir’. || INF  
 [xvi/cbnp/888.188vc2.1-4]: Uos  
*que* soedes ã corte morar | destes  
*priuados* *queria* saber | se lhes hã  
*apriuãca* muyto durar | caos nõ  
 ueio dar nõ **despender** | Ande os  
 ueio tomar e pedir | e o*que* lhes nõ

quer dar ou servir | nõ pode rem  
cõ el Rey adubar.

**dessei[ar]** → dese[ar].

**desseru[ir]** – v. (*des-* + *servir* [*> servir*])<sup>h</sup>. ‘prejudicar’. || IPI3 [xvi/cbnp/916.197rc2.1-7]:

Maestra çenço dereyto faria |  
ElRey deuos dar muy bon soldada  
| Porque fezeistes hũa caualgada |  
Sem seu mandada roda noutro dya  
| Sem sa ajuda et sem seu *dinheiro*  
| Fostes ala matar hun caualeyro |  
Por que soubestes que o  
**desseruya**.

**destruыр** – v. (< lat. *destruere*)<sup>m</sup>. ‘arruinar’; ‘derrubar’. || INF [xvi/cbnp/1330bis.285vc1.1-14]:

Selhe bon rey uairela escudela |  
Que de pampolona oystes nomear  
| Mal ficara a que stoutrẽ todela |  
Que al non a que olhus alcar | Ca  
uerra hi o bon Rey seiornnar | E  
**destruыр** ara burgo destela | E  
ueredes nauarrus lazerar | E o  
senhor que os todos taudela.

**deuer** – v. (< lat. *debere*)<sup>g</sup>. ‘ter de’; ‘quando seguido de preposição e verbo no infinitivo, exprime conveniência’. || INF [xvi/cbnp/1602.339rc1.1-21]:

Donzela uos sodes bẽ talhada |  
seno calho erro nõ prendedes | ou  
en essa sayã *que* uos tragedes | e  
pero sodes bem colorata | quẽ  
aomeu cuu posse orelhas | e lhi  
bẽ fígesse as sobrãcelhas | de  
parecer nõ uos **deuer** nada. ||  
IP3 [xvi/cbnp/481.107vc1.1-11]: E  
disse esta e amadeyra *terceyra* | E  
demais nõna dey eu auos silhey |  
E pois *que* ssem compasso  
ademeter / Atan longa | **deue** toda  
sseer | Pera tras pernas das  
caleyra. IP5

[xvi/cbnp/368.84rc2.1-11]: Dixeu  
*senhor* fremosa morrerey com  
pesar | Poys uos filhastes ordẽ e  
uos hã de gardar | Ela enton me  
disse quero uos en mostrar | Como  
*serey* guardada se nõ venhame

mal | Esto por que chorades ben  
**deuedes** cuydar | Tragerey en os.

|| IPI3 [xvi/cbnp/1454.302rc2.1-18]: E o mouro foy alogaly  
chegado | E cuydousela *que* el  
pagaria | Diuida uelha *que* ela  
**diuia** | Mays disso mourasal nõe |  
Penssado Que uos paguedes | rem  
domeu auer meos deu *carta* |  
Sobre uos faz ca hũ Judeu |  
Auedes enganado. || IN5  
[xvi/cbnp/416.92vc1.1-21]:

Uaasco *martis* uos nõ  
rrespondedes | nõ et entendo asi  
ueja prazer | *per que* troba *des que*  
ouuy dizer / e *que* aquela *per que*  
trobadauedes | e *que* amastes uos  
mais doutra rrem | *que* uos morreo  
Agrã tenpaporem | pola mora  
trobar non **deuades**.

**deuisar** – v. (< fr. *déviser*)<sup>mf</sup>. ‘supor’. || INF [xvi/cbnp/614.135rc2.1-1]: O  
*que* me **deuisar** corrudo | A ede  
mays ma meaca | Ayda eu fide  
cornudo seia | Por ffeyto *que* ffaca  
| Eel padre domeu drudo.

**deyt[ar]** → deitar.

**dizer** – v. (< lat. *dicere*)<sup>g</sup>. ‘enunciar’;  
‘exprimir’; ‘expor algo a alguém’.

|| INF [xvi/cbnp/144.36rc2.1-3]:  
Ay paay soarez uenhouos rogar |  
por hũ meu *homem que* nõ *quer*  
*servir* | *queo* façamos mi e uos  
lograr ã guisa *que* / possa *per* hy  
guarir *pero* seranos graue de |  
fazer ca el nõ sabe cantar nõ **dizer**  
rẽ *per* / *que* se pague del *queno*  
uir. || IP3 [xvi/cbnp/143.36rc1.1-5]:  
Pero non fuy a ultra mar |  
muyto sey eu a terra bem | per  
soeyreanes *que* ã uem | segũdo  
lheu oy cõtar | **diz** *que* marcelha  
iaz alem | domar eAcre iaz aquem  
| e pom ror tes loguy arar. IP5  
[xvi/cbnp/1572.331rc1.1-3]:

Cauos nõ sedes damor tan forçado  
| como **dizedes** nen uos ar  
cõuendo | seerdos nen ar e  
guisado | *daqueste preyto* sair uos  
aben nõno | quyrades uos muyto

seguir | ca damar donas nẽ deas  
seruir | nõ saberedes uoiz hi dar  
rrecado. IP6

[xvi/cbnp/466.103rc2.1-43]: E  
poys que sodes aposto | E fremoso  
caualeiro | Gardadeuos de seerdes  
| Escatimoso ponteyro | Ca **dizen**  
que baralhastes | Con johan  
colheiro. || IPP3

[xvi/cbnp/104.27rc2.1-2]: Ogan en  
muy menta | **dise** do m martim gil  
| uiuen muy gram tormenta | dona  
oraca bril | per como aquer cassar  
seu pay | eaquem lho en menta  
cedo moyra nossa | e a ella sese  
conchora uay.

[xvi/cbnp/104.27rc2.1-8]: E **disse**  
em muymẽta como uos direi | ela  
uiuem tormẽta segũdo eu sei | per  
como a *quer* casar seu pay | e a  
*quẽ* lho ãmẽta cedoo mate el Rey |  
eaela ssese cõ chora uay. IPP6  
[xvi/cbnp/871.185rc1.1-4]:

Porqueno mũdo mengou a  
uerdade | punhey hũ dia dea hyr  
buscar | e hu por ela fuy *pregũtar* |  
**diserõ** lodes alhurla buscade |  
cadẽ tal *guisa* se for aperder | *que*  
nõ podemos ã nouas auer | nõ ia  
nõ anda na yr maydade. || IF1

[xvi/cbnp/104.27rc2.1-8]: E disse  
em muymẽta como uos **direi** | ela  
uiuem tormẽta segũdo eu sei | per  
como a *quer* casar seu pay | e a  
*quẽ* lho ãmẽta cedoo mate el Rey |  
eaela ssese cõ chora uay.

[xvi/cbnp/142.35vc2.1-4]: Oy eu  
donas en celladas | *que* ia senpre  
seruirey | por *que* ando namorado |  
*pero* nõ uolas **direy** | cõ pauor *que*  
delas ey | Asy mhã la castigado. ||

IA5 [xvi/cbnp/142.35vc2.1-9]:  
Dos *que* esas donas uistes |  
falarõnos rem damor | **dizedeseas**  
consistes *quantos* delas he melhor  
| nõ fostes concheçedor *quãdoas*  
nõ de *partistes*. || G

[xvi/cbnp/1356.290rc1.1-4]: A  
dona maria soydade | A dona  
maria soydade | Ca *perdeu* aquel

iograr | **Dizendo** del ben e el nono  
achou | Que nen hu *preyto* del  
fosse mouer | Nen ben nen mal e  
tristesse tornou.

**do[er](-se)** – v. (< lat. *dolere*)<sup>m</sup>. ‘sentir  
dor’; ‘comover-se’. || INF  
[xvi/cbnp/1579.332vc1.1-4]:

Abadessa oy dizer | *que* erades  
muy Sabedor | detodo bẽ e por  
amor | dedeus *quer* edeuos **doer** |  
demĩ *que* de ogano casey | *que*  
ben uos juro *que* nõ ssey | Mais  
*que* hũu asno de foder. || IPP3

[xvi/cbnp/223.60vc1.1-2]: Nunca  
deus quis nulha cousa *grambẽ* |  
nen de coytdado nũcasse **doeu** |  
Pero dizen *que* coytdado vyueu | ca  
sse ssel del doesse doersia | de mi  
*que* faz muy coytdado viuer | A  
meu pesar poys *que* me foy tolher  
| quãto bem eu eno mun da tendia.

|| C3 [xvi/cbnp/223.60vc1.1-4]:  
Nunca deus quis nulha cousa  
*grambẽ* | nen de coytdado nũcasse  
doeu | Pero dizen *que* coytdado  
vyueu | ca sse ssel del doesse

**doersia** | de mi *que* faz muy  
coytdado viuer | A meu pesar poys  
*que* me foy tolher | quãto bem eu  
eno mun da tendia. || CPI3

[xvi/cbnp/223.60vc1.1-4]: Nunca  
deus quis nulha cousa *grambẽ* |  
nen de coytdado nũcasse doeu |  
Pero dizen *que* coytdado vyueu | ca  
sse ssel del **doesse** doersia | de mi  
*que* faz muy coytdado viuer | A  
meu pesar poys *que* me foy tolher  
| quãto bem eu eno mun da tendia.

**durar** – v. (< lat. *durare*)<sup>mg</sup>. ‘estender-  
se’; ‘aguentar’; ‘resistir’. || INF  
[xvi/cbnp/888.188vc2.1-3]: Uos

*que* soedes ã corte morar | destes  
*priuados* *queria* saber | se lhes hã  
*apriuãca* muyto **durar** | caos nõ  
ueio dar nõ despender | Ande os  
ueio tomar e pedir | e *oque* lhes nõ  
*quer* dar ou *seruir* | nõ pode rem  
cõ el Rey adubar. || CP3

[xvi/cbnp/1553.324rc2.1-8]: Que  
amor tã delgade tã frio | Mays nõ

creo *que dure* ata o estio | Ca atal era outramor de meu cio | *Quesse* botou a pouca de sazone | Ay amor amore de pero cantone.

# E

**ẽganar** → enganar.

**embargar** – v. (< lat. *imbarricare*)<sup>cl.</sup> ‘estorvar’; ‘impedir’. || INF [xvi/cbnp/886.188rc1.1-16]: De profacar as gẽntes sandias | nõ auedes porqueuos **embargar** | nõ por *que* filhardes ã uos pesar | cao nõ dizẽ senõ cõ *perfia* dizedemora | se *deus* uos *perdom* quanto naçestes uos / Anta sazõ *que* em car nõ *deus* ã santa | Maria.

[**ementar**] → enment[ar].

[**ẽmõt[ar]**] → enment[ar].

[**empobrecer**] → ãprouecer.

[**emprenhar**] → enpreñar.

[**encerrar**] → ãsasar.

**ençetar** – v. (< lat. *inceptare*)<sup>h.</sup> ‘cortar o primeiro pedaço de carne’. || INF [xvi/cbnp/1580.332vc2.1-2]: Foy dom fflagundo huũ dia | cõ uidar dous caualeiros | pera seu iãtar | effoy con elles ssa uaca **ençetar** | e a uaca morreuxe loguẽton | edom fflagũdo *quer* ssora matar | por *que* matou ssa uaca o caiõ.

[**encomendar**] → acomendar.

**enfad[ar]** – v. (< lat. *infatuare*)<sup>cl.</sup> ‘causar ou sentir tẽdio’; ‘irritar(-se)’. || IN5 [xvi/cbnp/916.197rc1.1-16]: E do serviço que lhauedes *fecto* | Maestraçẽço non uos **enfadedes** | Tornad alar ben barataredes | Et matadoutro quando uerdes geyto | Ca sse elRey sabe uossa demanda | Et ouuer paz deste execõ ã que

anda | Arcediagon sodes logo feito.

**enfraquecer** – v. (< *en-* + *fraco* + *-ecer*)<sup>h.</sup> ‘tornar-se fraco’; ‘tirar ou perder as forças’. || IPP6 [xvi/cbnp/1453.302vc1.1-23]: Pero coma mui grã gente | A seer muytas uezes | Vos am a derrobar | Mays sempre uos auedes a Trobar | E elles ãmays a **enfraquecer** | Pero non quedaram | De uos ferir de todas partes | Mays | Moyrerã en vosso poder.

**enganar** ~ **ẽganar** – v. (< lat. tard. *ingannare*)<sup>m.</sup> ‘confundir’; ‘mentir’. || INF [xvi/cbnp/492.109vc2.1-17]: Encõbrir nõ uolhes ueio fazer | cõnas põtã dos mantos traastornadas | *enque* semelhadas aboys das afferradas | quando as moscas los ueen coitar | den seas cuidan *per* hi **denganar** | *que* seiã delles *per* en namorades. [xvi/cbnp/480.107rc2.1-33]: E direyuos huũ Recado | Pecado Iaia mei pod**ẽganar** | *que* me faca ia ffalar | En armas ca nõ me dado | do ado me deas eu rrazõar | pois las nõ ay a *prouar* ante *quer*andir | Sinlheyro ehir com mercaddeyro | algũa terra buscar | hu me nõ possam culpar / Alacra negro nõ ueiro.

**enment[ar]** ~ **ẽmõt[ar]** – v. (< *en-* + *mente* + *-ar*)<sup>m.</sup> ‘mencionar’; ‘declarar’. || IP3 [xvi/cbnp/104.27rc2.1-6]: Ogan en muy menta | dise do m martim gil | uiuen muy gram tormenta | dona oraca bril | per como aquer cassar seu pay | eaquem lho **en menta** cedo moyra nossa | e a ella sese conchora uay. [xvi/cbnp/104.27rc2.1-1-1]: E disse em muymẽta como uos direi | ela uiuem tormẽta segũdo eu sei | per como a *quer* casar seu pay | e a *quẽ* lho **ẽmõtã** cedoo mate el Rey | eaela ssese cõ chora uay.

**enparar** ~ **amp[ar]** – v. (< lat. \**anteparare*)<sup>g</sup> → desenparar. ‘proteger’; ‘defender’. || INF [xvi/cbnp/403.90rc1.1-22]: Meen rrodriguiz quereym **enparar** se | se *deus* me ualha como uos dyrey | coteyfe noioso uos chamarey | poys *que* eu apunhada retadar | desy direy pois soaz couces for | lexademora *por* *nostro* *senhor* / ca asy se sol meu padra**enparar**. || CF3 [xvi/cbnp/482.107vc1.1-4]: Ansur moniz muytouue grã | pesar quandouos uy deytar aos porteyros | Vilana mente dantros escudeyros | E dixelhis logo se *deus* **mampar** | Per boa fe fazedelo muy mal | Ca dom anssur ome el meos ual | Ven dos de villanssur de fferr eyra.

**enpregar** – v. (< lat. *implicare*)<sup>h</sup>. ‘fazer uso de’; ‘utilizar’. || INF [xvi/cbnp/1221.259vc2.1-30]: Iohã baueca ffora darrazõ | Ssodes *que* mante fostes *pregũtar* | Ca muy bõ home nũca pode ssar | De ffazer bẽ assy *deus* me perdom | Eoraffecome *que* uay seu amor | **Enpregar** hu desasperadoffor | Esteffaz mal assy *deus* me perdõ | Este sandeo e estoutro nõ.

**enprenhar** – v. (< lat. *impraegnare*)<sup>g</sup>. ‘engravidar’; ‘tornar-se prenhe’. || INF [xvi/cbnp/1581.332vc2.1-13]: E digouos *que* me grãmal | daquesto *que* lhy conteceu | cassõ eu corde leal | *pero* me dã prez de Sandeu | Maus uedes deque ey pesar | *daquel* *que* a ffoy **enprenhar** | deque cuidã *quexa* ffodeu. || IPP3 [xvi/cbnp/1581.332vc2.1-7]: Ueero magora dizer | dãa molher *que* quero bem | *queera* prenhe e iacreer | nõ lho quingeu per nulha irẽ | *pero* dixeu sse esta ssy | oy mays nõ criades *permini* | Seanõ **enprenhou** Alguẽ.

**ensandecer** – v. (< *en-* + *sande(u)* [este, talvez do ár. *sindi*, *sandan*]<sup>a</sup> + -

*cer*)<sup>m</sup>. ‘enlouquecer’. || INF [xvi/cbnp/1313.281rc1.1-3]: Disogel Rey pois dom foao maysual | Seendo poure ogran bem fazer | Que lheu fiz senpre ofaz **en sandecer** | Semel Ren que meos amigos ental | Que me queyxa ia mal malhy farey | Padecer e desen sandece ley. || IP3 [xvi/cbnp/1313.281rc1.1-6]: Disogel Rey pois dom foao maysual | Seendo poure ogran bem fazer | Que lheu fiz senpre ofaz **en sandecer** | Semel Ren que meos amigos ental | Que me queyxa ia mal malhy farey | Padecer e desen **sandece** ley.

**[ensinar]** → êsinar.

**entêd[er]** → entender.

**entecar** – v. (< de *entençõ* [este, do lat. *intentione*]<sup>om</sup>.) ‘disputar’; ‘contender’. || INF [xvi/cbnp/1309.280rc2.1-17]: Non entendas que ffates hy cordura | Dires asy come torpe entencar | **A** treuendote que sabedes trovar | Ante metes hy teu *feito* e *muetura* | Porem non queiras seer enganado | E ntal razon mays sey senpra cordado | Deseeres parado de loucura. || IN2 [xvi/cbnp/1309.280rc2.1-17]: E pois enal es mãsse mesurado | Non **entences** se quer seras loado | Non que tu es *partido* de brauura.

**entender** ~ **entêd[er]** – v. (< lat. *intendere*)<sup>g</sup>. ‘compreender’; ‘perceber’. || INF [xvi/cbnp/1312.280vc2.1-7]: Ruy goucaluys *pero* uos *Agraece* | Por que uos toanou em uoso cantar | Iohanne anes uegeu el queyxa | De qual deosto lhy deuos ecrece | hu lly fostes trovar de mal dizes | Em tal guysa *queue* bem pode **entender** | Quen quer omal que alho parece. || IP1 [xvi/cbnp/474.105rc2.1-2]: Don meendo don meendo | Por *queutora* eu **entendo** | *quem* leua

obayõ nõ leixa a Sela.

[xvi/cbnp/223.60vc1.1-16]: Aynda uos del direy outra rren | Poys quanto ben Auia me tolhe | E quantel senpre no mundentēdeu | deque eu muy grã pesar prenderia | per bõa ffe daly mho fez prender / Por esto nõ quereu per el creer | e quanto perel criue fiz folia. IP5 [xvi/cbnp/416.92vc1.1-22]:

Afonso sanchez poĩs nõ **entendedes** | equal guysauos en fuy rresponder | A mĩ emculpa nõ deuẽ poer | mais auos seo saber nõ podedes | eu trobo pola que mẽ poder tem | euẽce tadas deparecer bem | pois uuahẽ amõ como dizedes. || IPP1

[xvi/cbnp/484.108rc1.1-7]: Hua uos comecastes **entendi** | Bẽ que nõ era de deus aquel ssom | Caos pontos del no meu coraçõ | sse fficarã de guisa que loguy | cuidey morrer e dixassy | deus senhor.

**entrar** – v. (< lat. *intrare*)<sup>g</sup> ‘passar de fora para dentro’. || INF [xvi/cbnp/489.109rc1.1-4]: Que rouos ora muy bem | com sselhar Meester iohã ssegũdo mẽ sẽ | que matar preeytaia des con alguẽ | nõ queyrades cõ el eu uos **entrar** | Mais dada outrem que tenha | por uos ca uossa onrra e todos nos | aquestos nos auemos per amar. || CPI3 [xvi/cbnp/916.197rc2.1-12]: Esse elrey fose ben conselhado | Maestratẽço daquestes **dinheiros** | Quelho demo leua nos caualleiros | Partilos hya uosco per meu grado | Ca non foy tal que a roda **entrasse** | Que caualleiro da mha matasse | Se non uos que hyades desarmado.

**enui[ar]** – v. (< lat. *tardio inuiare*)<sup>g</sup> ‘encaminhar’; ‘remeter’. || IPP3 [xvi/cbnp/461.101vc2.1-12]: E poys alt oliou estendeusse | e bucigiou por huna uelha **enuiou** | que o ueese escaẽtar dolho mao | de manear. || IPP6

[xvi/cbnp/883.186vc2.1-1]:

Desfiar **enuiaron** ora | ffilhos dedom ffernando del | Rey de castela | E disse | El Rey | logo hide ala dom Vela desfiade | e mostrade por mĩ esta Razom | sse quiserem por cãbho do Reino | de leom ffilheu porẽ nauarra | ou o Reino de leom darangom.

**ẽprouecer** – v. (ẽ- [> *em-*] + *proue* [> *pobre*] + *-ecer*)<sup>g</sup> ‘privar-se de recurso’; ‘tornar-se pobre’. || INF [xvi/cbnp/461.188vc1.1-11]:

Destes *privrad* nõ sey nouelar | senõ que lhes ueio muy gram poder | er grãdes rendas casas guaanhar | e ueio as gentes muytos **ẽprouecer** | cõ *proueza* da terra soyr | e ha el Rey sabor de os ouuir | mays eu nõ sey que lhe uã *conselhar*.

**erd[ar]** – v. (< lat. *hereditare*)<sup>g</sup> ‘receber o legado de alguém após a sua morte’. || IP3 [xvi/cbnp/485.108rc2.1-8]: E porem foy cotõ mal dia nado | pois pero da ponte **erda** seu *trobar* | e mui mais lhi ualera que trobado | nõca ouuessel assy *deus* manpar | pois que sse de quãtel foy lazado | sserue dom pedro enõ lhi da em *grado*.

**ergu[er](-se)** – v. (< lat. *\*ergere*, de *erigere*)<sup>m</sup> ‘levantar-se’: ‘pôr-se direito’. || CP3 [xvi/cbnp/781.167rc2.1-10]:

Quando mha seentey Assi ueia *prazer* | nõ me guardaua eu de tal acayo | E *quandoo* uy **ergime** legencõ | a passadacalhe fuy logo *dizer* / que ssergesse dantre oo cochoes *sseus* / E disse mel gradeca uolo *deus* | nõ me conppra demelhor sseer.

**errar** – v. (< lat. *errare*)<sup>g</sup> ‘enganar-se’; ‘cometer erro’. || INF [xvi/cbnp/1453.302vc1.1-13]: E ali logo ssa lide auoluer / Verram uos delles deãte | Colpar de sy os outros | Por vos non **errar** | A



querrem uos por alhur cometer /  
Mays sofrede feirã per hu | Quer  
casse uos deus en armas | Bem  
fezer ferindo | En vos en elles de  
caer. || IP1

[xvi/cbnp/494.110rc2.1-5]: O que  
foy passar a Serra | e nõ quis  
sserir aterra | e ora entrara guerra  
| que faroneia | pois el ago ratan  
muito **erra** | mal dito seia

**ēsasar** – v. (< *ē* [> *en*] + *sasar* [>  
cerrar, este do lat. *serare*).  
'encerrar'. || INF

[xvi/cbnp/1324.283vc2.1-17]: E o  
quelhe mays graue de temer / Per  
aquele quelhel foy esmar | Dun  
que sabe que opedē **sasar** | Ental  
logar hu conuē datender | A tal  
morte de qual mon merlim |  
Hudara uozes fazendo ssa ffon |  
Ca non podel tal morte estraocer.

**esbaldir** – v. (< *es-* + *baldir* [este, do  
ár. *batil*])<sup>a</sup>. 'alegrar-se'; 'ficar  
contente'. || INF

[xvi/cbnp/1623.346vc2.1-23]:  
Desto cantarel Rey me descobria |  
dos daragon quando vin de galiza  
| En *que* uiuē con grã mingu  
delide | Abusque y bē aalēde  
fariza | Nõ se faz cedo per farpar  
peliça | Mays quem este meu  
cantar oir | A canteyrõ bē e poys  
*que* **esbaldir** | Sessē queixar  
busqueme leixa.

**escaent[ar]** – v. (< lat. *\*excalentare*)<sup>h</sup>.  
'esquentar'. || CPI6

[xvi/cbnp/495.110vc2.1-25]: E  
dizem meges *que* husam tal preyte  
| *quea* tal chaga ia mais nõca |  
Sarra sse cõ quãtalaa a en esta  
terra | a **esca entra ssem** | nõ cõ  
no azeite | por *que* acha ha nõ uay  
contra juso | Mais uay en rredor  
come pera suso | eporem muyta  
*que* e fistolada.

**escapar** – v. (< lat. *\*excapare*)<sup>m</sup>.  
'libertar-se'; 'evadir-se'. || INF

[xvi/cbnp/1614.342rc1.1-19]:  
Eental *quelhi* nõ podess**escapar** |  
nēlhi podesse en saluo fogir |

filhou oespeto ã som desgremir | e  
*que compre* deuolo per lõgar | Deu  
por uassalo desi assenhor | faz  
*senpre* noio nõ uistes mayor.

**escarmēt[ar]** – v. (origem  
controversa)<sup>m</sup>. 'punir';  
'repreender'. || CPI3

[xvi/cbnp/471.104vc2.1-17]: E  
semeu quisesse seer uiltada bem  
acharia | Quē xe me uiltasse mais  
semeu taes no | Mais se meu taes  
nõ **escarmētasse** | Cedo meu  
*preyto* non seeria nada | E em ssa  
prol nõca me uos faledes | Casse  
eu ssoubesse morrer ardendo | Se  
hũa uez assanhar me ffazedes.

[**escarnecer**] → escarnir.

**escarnir** – v. (< germ. *sknirnjan*,  
possivelmente por intermédio do  
lat. *\*scarnire* ou *schernire*)<sup>m</sup>.

'tratar alguém, algum lugar, fato  
ou alguma situação com  
escárnio'; 'zombar'; 'fazer troça'.

|| INF [xvi/cbnp/461.101vc2.1-  
17]: Auelha e dissatal daquesto  
foy | en que dal de que me

comestes muy mal | e ecomeçou  
de ryr muyto del e **escarnir** |  
Nuncauos dissassy ffiida mester a  
y | Dom Afonso disse tal façaxo

quē faz oal. || IPP5  
[xvi/cbnp/466.103rc2.1-50]: Con  
aquesto que auedes | Mui mais ca

outro compristes | Hu quer que  
mãao metes | Tas guarecêdo  
ensaistes | A *quem* quer que  
cometestes | Sempre mal

**oescarnistes**.

**escolher** – v. (< lat. *excolligere*)<sup>m</sup>.  
'selecionar'; 'dar preferência'. ||

INF [xvi/cbnp/172.43vc2.1-5]:  
Pois boas donas som desēparadas |  
enulho *homem* nõ nas *quer*

defender | nonas quereu leixar  
estar *quedadas* | mays *querem*  
duas perforça prēder | outres ou

quatro quaaes mẽ **escolher** | pois  
nõ aui ia *per* quē seiam uengadas |  
netas de Conde quereu cometer |

que me seram mais pouca  
coomhadas.

**escomũgar** – v. (< lat. tard.  
*excommunicare*)<sup>m</sup>. ‘amaldiçoar’;  
‘expulsar da Igreja Católica’. ||  
INF [xvi/cbnp/1509.315vc2.1-6]:  
Pedramigo quero de uos saber |  
Hunha cousa *que* uos ora direy | E  
uenhouos preguntar por *que* sey |  
Que saberedes recado dizer | De  
balteyra *que* ueia *que* andar | E  
ueiolhi muytos **esco mũgar** |  
Dizede quenlhi deundo poder.

**escotar** – v. (< talvez de *es-* + *cotar* [>  
*cortar*, este, do lat. *curtare*])  
‘encurtar’. || IPP6  
[xvi/cbnp/1370.292vc2.1-4]:-Iohan  
Fernandes *que* mal talharon | Essa  
saya *que* tragedes aqui | Que  
nunca eu peyor talhada uy | E  
sequer muyto uola **escotaron** | Ca  
lhi talharõ cabo do giron | Muyt  
iecorda si *deus* me perdom | *Pera*  
*que* lhi cabo degiron talharon.

**esfol[ar]** – v. (< lat. *exfoliare* [este, de  
*follis*, ‘fole’, ‘pele’])<sup>cl</sup>. ‘causar  
estragos’. || IPP3  
[xvi/cbnp/1384.296rc1.1-6]: Maria  
negra des uentuyrada | E por *que*  
quer tantas pissas cõprar | Poys  
lhe naamãa no querẽ durar | E  
lhasi moirẽ aa malfada | E  
nuncaralho grande quẽ cõprou |  
Oonte ao seiuã **oesfolou** | E outra  
pissa ten ia amormada.

**esfriar** – v. (< *es-* + *frio* + *-ar*)<sup>h</sup>. ‘fazer  
diminuir a temperatura’; ‘tornar(-  
se) frio, insensível’. || IF6  
[xvi/cbnp/1634.349rc2.1-20]: E  
uedes *que* bẽsse *guisou* | De fria  
cozinha teer | O Infançõ ca nõ  
mandou | Desogani foga cender |  
E sse vinho gaar dalguen | Alilho  
**esfriarã** bẽ | Seo frio quiser beuer.

**esgremir** – v. (< talvez de *esgrima*  
[este, do fr. *escrime*, do germ.  
*\*skirmjan*])<sup>m</sup>. ‘manejar (a  
espada)’; ‘fazer movimentos  
agitados com algum objeto,  
manipulando-o como uma arma’.

|| INF [xvi/cbnp/1614.342rc1.1-  
21]: Eental *quelhi* nõ  
podessescapar | nõlhi podesse en  
saluo fogir | filhou oespeto ã som  
**desgremir** | e *que compre* deuolo  
per lõgar | Deu por uassalo desi  
assenhor | faz senpre noio nõ  
uistes mayor.

**ẽsinar** – v. (< lat. *\*insignare*)<sup>m</sup>.  
‘distinguir’; ‘assinalar’. || INF  
[xvi/cbnp/1324.283vc2.1-16]: E o  
quelhe mays *graue* de temer / Per  
aquele quelhel foy **ẽsinar** | Dun  
*que* sabe *que* opedẽ sarar | Ental  
logar hu conuẽ datender | A tal  
morte de *qual* mon merlim |  
Hudara uozes fazendo ssa ffon |  
Ca non podel tal morte estraocer.

**esmorecer** – v. (< talvez da base *mor-*  
[> *morrer*])<sup>s</sup>. ‘desfalecer’. || INF  
[xvi/cbnp/1324.283vc1.1-11]: E  
tal coyta diz *que* lhe faz sofrer |  
No curacon *que* se quer afogar |  
Nen er pode hũa non uyr durar |  
Entornadi ofaz **esmorecer** / E per  
saber *que* lhel mostrou otem | Tan  
coytado *que* amoirer conuem | De  
morte estrayã *que* ha padecer. ||  
IP3 [xvi/cbnp/491.109vc1.1-2]: O  
genete poys remete seu | alfaraz  
corredor estremece e **esmorece** | o  
coyteffe com paura.

**esparg[er]** – v. (< variante de *asperger*  
~ *aspergir* [este, do lat. *aspergere*  
ou *adspargere*])<sup>s</sup>. ‘espalhar’;  
‘borrifar’. || G  
[xvi/cbnp/145/496.37rc1.1-40]: O  
*que* daguerra se foy | con grã  
medo contra saterra | **espargendo**  
uedo nõ uẽ.

**espec[ar]** – v. (< Etimologia e  
significado obscuros. Talvez do  
lat. *pettiam*, do celt. *pettia*  
‘pedaço’) ‘espedaçar?’. || IP3  
[xvi/cbnp/613.135rc2.1-5]: Nõ a  
meu padre aquẽ peca | hũa peca  
dõtanelho | Cõ*que* hũtase sa peca |  
Toda coelho e coelho | Caa peca  
nõ se **especa** | Husse estre ma

douer melho | Camuyt aia grã  
peca | Que ffoy semãt aconcelho.

**espedir** – v. (< lat. *expetere*)<sup>m</sup>.  
‘reclamar’; ‘reivindicar’. || INF  
[xvi/cbnp/74.20vc2.1-3]: Com  
uossa graça mha Senhor | *fremosa*  
ca me *quereu* ir e | Uenho meus  
**espedir** por *que* mi fostes | traedor  
ca auendo mi uos desamor | hu  
nos amey senpre asseruir | des *que*  
ues ui e des entõ mouestes | mal  
no coraçõ.

**estar** – v. (< lat. *stare*)<sup>g</sup>. ‘permanecer’;  
‘achar-se em determinado estado,  
lugar ou situação’. || INF  
[xvi/cbnp/473.105rc1.1-8]: E por  
eu bem cõ Selhar | Non deuos con  
**estar** peyor | Ca uos concelheu o  
milhor | Que uaades ora morar |  
Muy longe demi | E muy cõ meu  
grado. || CPI3  
[xvi/cbnp/612.135rc2.1-16]: E sen  
uosco na casa seuesse | Emse uos  
ea uosa color | Seu o mûdo en  
poder tevesse | Nõ uos faria de  
Todo senhor | Nen doutra cousa  
onide sabor ouuesse | E dũa rrey  
sseedede sabedor | Que nũca ffoy  
filha dẽperador | Que de beldade  
peor **esteuesse**. || G  
[xvi/cbnp/475.105rc2.1-6]: Falauã  
duas ir manas | **Estando** ante ssa  
tya | E dissa hũa aoutra nacy | En  
graue dia | E nunca casarey | Ay  
mha ir mana | Se me non casa del  
Rey.

**estend[er]** – v. (< lat. *extendere*)<sup>m</sup>.  
‘alargar’; ‘alongar’. || IPP3  
[xvi/cbnp/461.101vc2.1-11]: E  
poys alt oliou **estendeusse** | e  
bucigiou por huna uelha enuiou |  
que o ueese escaẽtar dolho mao |  
de manear.

**estremec[er]** – v. (< *es-* +  
*treme(r)*[este, do lat. *tremere*]<sup>m</sup>. +  
*-cer*) ‘abalar(-se)’; ‘sacudir(-se)’.  
|| IP3 [xvi/cbnp/491.109vc1.1-2]:  
O genete poys rremete seu |  
alfaraz corredor **estremece** e  
esmorece | o coyteffe com pauor.

# F

**falar** – v. (< lat. *fabulãre*)<sup>m</sup>.  
‘exprimir oralmente’;  
‘contar’. || INF  
[xvi/cbnp/142.35vc2/1-17]:  
Aly perdestelo syso *quãdo*  
as fostes ueer | tano **falar**  
enorriso poderades conheçer  
/ *qual* amelhor parecer may  
falynos hyouyso. || IPP1  
[xvi/cbnp/106.27vc1.1-11]:  
Por *que* a donzela nũca  
verey | meus amigos en  
quãto eu ia viver / por esso  
*quereu* mui grã ben *querer* |  
a esta dona ã *que* uos **faley** |  
*que* me semelha a dõzela  
*que* vy | e A dona *seruirey*  
des aquy | pola donzela *que*  
eu muyto amey. IPP6  
[xvi/cbnp/142.35vc2.1-8]:  
Dos *que* esas donas uistes |  
**falarõnos** rem damor |  
dizedeseas *consistes*  
*quantos* delas he melhor | nõ  
fostes concheçedor *quãdo*as  
nõ de *partistes*. || IPI6  
[xvi/cbnp/475.105rc2.1-5]:  
**Falauã** duas ir manas |  
Estando ante ssa tya | E  
dissa hũa aoutra nacy | En  
graue dia | E nunca casarey |  
Ay mha ir mana | Se me non  
casa del Rey.

**falecer** – v. (< lat. *fallescere*,  
incoativo de *falere*)<sup>m</sup>.  
‘falhar’; ‘faltar’; ‘minguar’.  
|| INF  
[xvi/cbnp/896.192rc2.1-55]:  
Todo bem reger | Paz  
cortesia | Solaz que auia |  
Fremoso poder |  
Quandalegera | Veuya | No

munde fazia | Muytalgue  
 prazer | Feysse ssa uya | E  
 dizia | Cadadia | Ey de  
**falecer**. || IF3  
 [xvi/cbnp/482.107vc2.1-20]:  
 E Sem esto er foy el gaanhar  
 mais | Ca os seus auoos  
 primeiros e *comprou* fouces  
*terra* | E breyros e uilar de  
*racer* / Ar foy *comprar* pera  
 seu corpe diz ca nã lhen cal  
 | De uiuer pobre ca *quem* xa  
 ssy **ffal** | **falecer** lha todos  
*seus companheyros*.

**falh[ar]** – v. (< *falha* [este, do lat.  
 \**fallia*]<sup>m</sup>. + *-ar*)<sup>h</sup>. ‘faltar’;  
 ‘malograr’; ‘frustrar’. ||  
 CPI3  
 [xvi/cbnp/471.104vc2.1-23]:  
 E por esto e grande mha  
 nomeada | Ca non foy tal  
 quesse migo **falhasse** | Que  
 eu en mui bem non  
 castigasse | Ca sempre fui  
 temuda e dultada | E  
 rogouos que me non  
 affiquedes | Daquesto mais  
 ide massy soffrido | Se hũa  
 uez assanhar me fazedes |  
 Saberedes *quaes* peras eu  
 uendo.

**fal[ir](-se) ~ ffal[ir](-se)** – v. (<  
 lat. *fallere*)<sup>h</sup>. ‘enganar’. ||  
 IP3 [xvi/cbnp/142.35vc2.1-  
 17]: Aly *perdestelo* syso  
*quãdo* as fostes ueer | tano  
 falar enorriso poderades  
*conheçer* / *qual* melhor  
*parecer* mays **falynos**  
*hyouyso*.  
 [xvi/cbnp/482.107vc2.1-19]:  
 E Sem esto er foy el gaanhar  
 mais | Ca os seus auoos  
 primeiros e *comprou* fouces  
*terra* | E breyros e uilar de  
*racer* / Ar foy *comprar* pera  
 seu corpe diz ca nã lhen cal  
 | De uiuer pobre ca *quem* xa  
 ssy **ffal** | **falecer** lha todos  
*seus companheyros*.

**faronei[ar]** – v. (etimologia  
 obscura. Talvez de *faro*)<sup>m</sup>.  
 ‘intuir?’. || IP3  
 [xvi/cbnp/494.110rc2.1-4]:  
 O que foy passar a Serra | e  
 nã quis *sseruir* aterra | e ora  
 entrara guerra | que  
**faroneia** | pois el ago ratan  
 muito erra | mal dïto seia.

**fazer ~ ffazer ~ fez[er]** – v. (<  
 lat. *facĕre*)<sup>h</sup>. ‘provocar’;  
 ‘ocasionar’. || INF  
 [xvi/cbnp/144.36rc2.1-5]:  
 Ay paay soarez uenhouos  
 rogar | por hũ meu homem  
*que* nã *quer* *seruir* | *queo*  
*façamos* mi e uos lograr ã  
*guisa que* / possa *per* hy  
*guarir* pero seranos graue de  
 | **fazer** ca el nã sabe cantar  
 nẽ dizer *rẽ per* / *que* se  
 pague del *queno* uir.  
 [xvi/cbnp/221.60rc2.17]: Ia  
 nã ey oy mays por*quetemer*  
 | nulha rrem *deus* ca bẽ sey  
 endel ia | ca me nã pode  
 nũca mal fazer | mentreu  
*viuer* pero grã poder a |  
 poys *que* me cedo tolheu  
*quanto* bẽ | eu atẽdia no  
 mũdo e porẽ | ssey eu came  
 nã pode mal **ffazer**. || IP2  
 [xvi/cbnp/484.108rc1.1-14]:  
 Beeito seias tu *que* sofredor  
 | Me **fazes** deste mateyro  
*pera* ti. IP3  
 [xvi/cbnp/78.21vc1.1-1]:  
 Gram mal me **faz** agoral  
 Rey | que sen pre serui e  
 amey | por que me parte hu  
 eu ey | prazer e sabor de  
*guarir* | Se meu da *Marinha*  
*partir* | non poderey alhur  
*guarir*. || IPP1  
 [xvi/cbnp/368.84rc1.1-4]:  
 Preguntey hũa don en como  
 uos direy | Senhor filhastes  
 orden et ia por en chorey |  
 Ela enton me disse eu nã  
 uos negarey | De comeu

**filhes** ordem assy deus me  
perdom | Fez mha filhar  
mha mader mays o *que* lhe  
farey | Tragerlhy eu os  
panos mays non coracon.  
IPP3

[xvi/cbnp/481.107vc1.1-15]:  
A maior moniz dey ia outra  
tamanha | Effoya ela tolher  
lego sem sanha | E Mari  
ayras **fezeo** logo outro tal |  
E alue la *que* andou em  
portugal | E ia y as tolherõ  
na mōtanha.

[xvi/cbnp/483.107vc2.1-6]:  
Senhor iustica uiimos pedir |  
*que* nos facades e ffaredes  
bem | da gris furtarã tanto  
que porẽ | Nõ lhy leyxarõ  
que possa cobrir | Pero  
atanta prendi dũ iudeu | *que*  
este ffurto **ffez** hũu Romeu |  
*que* ffoy ia outros es carnir.  
IPP5

[xvi/cbnp/474.105rc1.1-3]:  
Don meendo uos ueestes |  
Falar migo noutro dia | E na  
fala que **fezestes** | Perdi eu  
do que tragia | Ar queredes  
falar migo | E non querey eu  
amigo. || IF5

[xvi/cbnp/483.107vc2.1-2]:  
Senhor iustica uiimos pedir |  
*que* nos facades e **ffaredes**  
bem | da gris furtarã tanto  
que porẽ | Nõ lhy leyxarõ  
que possa cobrir | Pero  
atanta prendi dũ iudeu | *que*  
este ffurto ffez hũu Romeu |  
*que* ffoy ia outros es carnir.  
|| C3

[xvi/cbnp/916.197rc1.1-1]:  
Maestra çenço dereyto **faria**  
| ElRey deuos dar muy bon  
soldada | Porque fezestes  
hũa caualgada | Sem seu  
mandada roda noutro dya |  
Sem sa ajuda et sem seu  
*dinheiro* | Fostes ala matar  
hun caualeyro | Por que

soubestes que o desseruya.  
|| CP5

[xvi/cbnp/483.107vc2.1-2]:  
Senhor iustica uiimos pedir |  
*que* nos **facades** e ffaredes  
bem | da gris furtarã tanto  
que porẽ | Nõ lhy leyxarõ  
que possa cobrir | Pero  
atanta prendi dũ iudeu | *que*  
este ffurto ffez hũu Romeu |  
*que* ffoy ia outros es carnir.  
|| CF5

[xvi/cbnp/473.105rc1.1-14]:  
Conselho uos dou damigo |  
E ssey seos uos **fezerdeos** /  
E me daquesto creudez  
morardes | Hu uos digo muy  
longe de mi | E mui com  
meu grado. || IA3

[xvi/cbnp/461.101vc2.1-19]:  
Auelha e dissatal daquesto  
foy | en que dal de que me  
comestes muy mal | e  
ecomeçou de ryr muyto del  
e escarnir | Nuncauos  
dissassy ffiida mester a y |  
Dom *Afonso* dissa tal  
**façaxo** quẽ faz oal. || PPms  
[xvi/cbnp/485.108rc2.1-1]:  
Pero da ponta **feito** gran  
pecado | Desseus cantares  
*que* el foy furtar | A cõta  
*que* quanto el lazerando |  
Ouue grã tempo elxos *quer*  
lograr | E doutros muytos  
*que* nõ sey contar | Por *que*  
oiando uistindo eonrado.

**fend[er]** – v. (< lat. *findere*)<sup>h</sup>:  
‘separar’; ‘causar fenda’;  
‘abrir’. || IP5

[xvi/cbnp/466.103rc2.1-60]:  
E *por* esto chamamos nos o  
das duas espadas | por que  
sempre as tragedes agudas |  
E a moadas *com que*  
**fendedes** as penas | Dando  
*grandes* espadadas.

**ferir** – v. (< lat. *ferire*)<sup>m</sup>:  
‘machucar’; ‘provocar  
ferimento’. || INF

[xvi/cbnp/403.90rc1.1-19]:  
 luyão poys tigo cometar |  
 fuy direyтора oque te farey |  
 hũa punha da grande te  
 darey | desy *quereyte* muy  
 toz couces dar | na *garganta*  
 porte **fe rir** peor | *que* nũa  
 uylão aia sabor | doutra  
 tençõ começo começar. || G  
 [xvi/cbnp/1453.302vc1.1-  
 17]: E ali logo ssa lide  
 auoluer / Verram uos delles  
 deãte | Colpar de sy os  
 outros | Por vos non errar |  
 A querem uos por alhur  
 cometer / Mays sofrede  
 feirã per hu | *Quer* casse uos  
*deus* en armas | Bem *fezer*  
**ferindo** | En vos en elles de  
 caer.

**ferrar** – v. (< *ferro* + *-ar*)<sup>h</sup>.  
 ‘colocar ferradura’; ‘marcar  
 com ferro quente’. || INF  
 [xvi/cbnp/1487.311vc2.1-  
 14]: Seu dono nõ lhy *quis*  
 dar | Ceuada neno **ferrar** |  
 Mays cabo dũ lamaçal |  
 Creceu a erua | E pareu e  
 arrizon | E iasse leua. || IP6  
 [xvi/cbnp/1453.302rc1.1-6]:  
 Bernal fendudo querouos |  
 Dizer o que facades | Poys  
 uos querem dar | Armas e  
 dona saluage chamar | Se  
 uos cõ touros ladacaecer |  
 Ssoffredeos ca todos **ferrã**  
 uos | E dando colbes en uos |  
 Canssaran e aueredes | Poys  
 uos auancer.

**fez[er]** → fazer.

**ffal[ir](-se)** → fal[ir](-se).

**ffazer** → fazer.

**ffic[ar]** → fic[ar].

**ffind[ar]** – v. (< lat. *finitare*)<sup>h</sup>.  
 ‘acabar’; ‘por fim’. || IP3  
 [xvi/cbnp/461.101vc2.1-18]:  
 Auelha e dissatal daquesto  
 foy | en que dal de que me  
 comestes muy mal | e  
 ecomeçou de ryr muyto del

e *escarnir* | Nuncauos  
 dissassy **ffiida** mester a y |  
 Dom *Afonso* dissa tal  
 façaxo quẽ faz oal.

**ffod[er]** → foder.

**ffug[ir]** → fugir.

**[ffurtar]** → furtar.

**ficar** ~ **ffic[ar]** – v. (< lat.  
*\*figicare*)<sup>g</sup>. ‘permancer’. ||  
 INF

[xvi/cbnp/495.110vc1.1-7]:  
 Domingas eanes  
 ouuessabaralha | con hũa  
 genete foy mal ferida |  
 enpero ffoy ela ytanar dida |  
*que* ouue depois auencer  
 ssen ffalha | edeprã uenceu  
 bõo caua leyro | Mais  
 enpero exel tan braceyro |  
 que ouendela de **ficar**  
 colpada. || IPP6

[xvi/cbnp/484.108rc1.1-10]:  
 Hua uos comecastes entendi  
 | Bẽ *que* nõ era de *deus*  
 aquel ssom | Caos pontos  
 del no meu coraçõ | sse  
**fficarã** de *guisa que* loguy |  
 cuidey morrer e dixassy |  
*deus* senhor. || CF5

[xvi/cbnp/414.92rc1.1-20]:  
 Canãley homẽ *que* se mal  
 nõ *queyxe* | doque meu  
*queyxo* dauer sempre mal |  
 por ã digueu cõ *quem* coyta  
 mortal | *aquel que* uos filhou  
 nũa uosleixe | e moyra eu  
 por uos come arazõ | e poys  
**ficar des** cõ el desentõ |  
 cocaruos edes cõ A mãao do  
 peixe.

**filhar** ~ **fylhar** – v. (< lat.  
*\*piliare*, cláss. *pilare*,  
 comprovável interferência  
 de *filho*)<sup>g</sup>. ‘pegar’; ‘obter’. ||  
 INF [xvi/cbnp/368.84rc2.1-  
 5]: Preguntey hũa don en  
 como uos direy | Senhor  
 filhastes orden et ia por en  
 chorey | Ela enton me disse  
 eu nõ uos negarey | De

comeu filhes ordem assy  
*deus* me *perdom* | Fez mha  
**filhar** mha mader mays o  
*que* lhe farey | Tragerlhy eu  
os *panos* mays non coracon.  
[xvi/cbnp/487.108vc2.1-10]:  
E poys rrazõ tam  
descomunal fostes | **fyilhar** e  
*que* tã pouco ual pesarmia |  
eu Se uos pois abem | Sal  
ante odiabo *aque* obedee  
cestes | ebem veiora *que*  
trobar uos ffal. || IPP3  
[xvi/cbnp/414.92rc1.1-21]:  
Canãley homẽ *que* se mal  
nõ *queyxe* | do*que* meu  
*queyxo* dauer sempre mal |  
por ã digueu cõ *quem* coyta  
mortal | *aquel que* uos  
**filhou** nũca uosleixe | e  
moyra eu por uos come  
arazõ | e poys ficar des cõ el  
desentõ | cocaruos edes cõ A  
mãaodo peixe. IPP5  
[xvi/cbnp/368.84rc1.1-2]:  
Preguntey hũa don en como  
uos direy | Senhor **filhastes**  
orden et ia por en chorey |  
Ela enton me disse eu nõ  
uos negarey | De comeu  
filhes ordem assy *deus* me  
*perdom* | Fez mha filhar  
mha mader mays o *que* lhe  
farey | Tragerlhy eu os  
*panos* mays non coracon. ||  
CPI3  
[xvi/cbnp/457.101rc1.1-4]:  
Mester auia dom Gil | hũn  
ffal conçoio hor nil | Que non  
uoasse | ne migalha nẽ  
**filhasse**.

**[findar]** → ffind[ar].

**firm[ar]** – v. (< lat. *firmare*)<sup>m</sup>.  
‘confirmar’. || IF1  
[xvi/cbnp/374.85rc2.1-12]:  
Caueieu ir melhor  
aomẽtireyro | Cao que diz  
uerdade aoseu amygo | E  
*por* aquesto o iureo digo |  
Que ia mays nunca seia

uerdadeyro | Mais mentirey  
e **firmarey** logal | Aquẽ  
quero bem querreylhe mal |  
Casy guarey come  
caualeyro.

**foder** ~ **ffod[er]** – v. (< lat.  
*\*futare*) ‘ter relações  
sexuais’. || INF

[xvi/cbnp/493.110rc1.1-7]:  
Ao dayã de calez euachei |  
liures quelhi leuariã de  
berger | e o *queos* tragia  
pregũtey | por elles e  
Respondeu mel Senher | con  
estes liuros que uos ueedes  
dous | eco uos outros *que*  
ele ten dos ssous | ffodel per  
eles quãto **foder** quer. || IP3  
[xvi/cbnp/493.110rc1.1-7]:  
Ao dayã de calez euachei |  
liures quelhi leuariã de  
berger | e o *queos* tragia  
pregũtey | por elles e  
Respondeu mel Senher | con  
estes liuros que uos ueedes  
dous | eco uos outros *que*  
ele ten dos ssous | **ffodel** per  
eles quãto foder quer. ||  
IPP3

[xvi/cbnp/1489.321rc1.1-6]:  
Eluyra lopez aqui nõtro dia |  
Se *deus* mi ualha *prende*  
hũ caiõ | Deytou na casa  
sigo hun peon | Essa mueta  
e quãto tragia | *Pos* cabo  
dessy e adormeceu | E o  
peon leuãtousse **fodeu** | E  
nũca ar sõe de cõtrahu sua.  
[xvi/cbnp/1581.332vc2.1-  
14]: E digouos *que* me  
grãmal | *daquesto que* lhy  
conteceu | cassõ eu corde  
leal | *pero* me dã prez de  
Sandeu | Maus ueedes *deque*  
ey pesar | *daquel que* a ffoy  
enprenhar | *deque* cuidã  
*quexa* **ffodeu**. || G  
[xvi/cbnp/493.110rc2.1-33]:  
Econ todesto aynda faz al |  
cono liuros *que* tem per bõa

fe | Se acha molher *que* aia  
mal | deste fogo *que* de ssam  
Marçal e | assy uai per foder  
ẽ cantar | *que* **fodendo** lhi  
ffaz bem | Semelhar *que* e  
geada ou neue nõ al.

**fogir** → fugir.

**foleg[ar]** – v. (< lat. *follicare*)<sup>g</sup>  
'arfar'. || INFL2

[xvi/cbnp/1617.345rc1.1-1]:  
Marinha ende **folegares** |  
Tenho eu por desaguysado |  
E soon muy marauilhado |  
De ti por nõ rebentares |  
Cache tapo eu *aquesta*  
minha boca | Marinha  
Todestes | Narizes meus |  
Tapo eu marinha os Teus | E  
das mãos as orelhas | os  
olhos dos sobrêcelhas |  
Tapot aoprimeyro sono |  
Damha pissa o teu cono | E  
mio nõ ueia nêgũu | E dos  
colhões no cũu | E como nõ  
reventas marinha.

**fugir** ~ **ffug[ir]** ~ **fogir** – v. (< lat.  
*\*fũgire*, do cláss. *fugere*)<sup>m</sup>.  
'escapar'; 'pôr-se em fuga'.

|| INF  
[xvi/cbnp/1358.290vc2.1-

24]: Ainda eu outras manhas  
auya | per *que* eu non posso  
ia muyto ualer | Nuncauos  
entro nataffalaria | *Que* lhi  
non aia algun *preytaluoluer* |  
*Pera* *que* ei poys en *gram*  
coyta seer | E **fugir** guarir  
na putaria.  
[xvi/cbnp/484.108rc1.1-15]:  
Quiserameu **fogir** logodali |  
E nõ uos foramuy sem rrazõ  
| Cõmedo de morrer e cõ al  
nõ | Mais nõ pudi tã grã  
coita soffrer | E dixeu logê tõ  
*deusmeu senhor* / Esta paixão  
ssoffro *por* teu amor | Pola  
tua *que* soffesti por mi. ||  
IPP3

[xvi/cbnp/145/496.37rc1.1-  
29]: O que cõmedo **fugiu** |

da frõteyrapero *tragia* pendo  
| sen caldeira nõ uẽ al mayo.

|| IF1  
[xvi/cbnp/480.107rc1.2-14]:  
E uiro par deus lo santo |  
*que* manto nõtra gery nê  
granhõ | Nê terrey damor  
rrazõ | Nê darmas por *que*  
*quebrãto* | E chanto nê delas  
toda sazõ | Mais *tragerey*  
hũu dormõ | E hirey pela  
marinha | Uendenda zeite  
effarinha | **Effugirey** dopocõ  
| do alacrar ca eu nõ | Lhy  
ssey outra meezinha.

**furtar** ~ **ffurt[ar]** – v. (< *furto* + -  
*ar*)<sup>h</sup>. 'roubar'; 'apossa-se de

uma coisa alheia'. || INF

[xvi/cbnp/463.102rc2.1-16]:  
*Se com* os cardeaes *comque*  
faca seus conselhos |  
posesse *que* guardasse uos  
de maos conselhos | fez a  
*gram* mercee ca nõ **furtar**  
*com* eles | E panos dos  
*cristãos* meter sosa capa |  
qui sera eu assy deste nosso  
papa.

[xvi/cbnp/459.101rc2.1-3]:

Poys *que* me ffoy el **ffurtar**  
| Meu podengue uilo negar |  
E quante ameu cuydar |  
Destes renhos pesar lham |  
Cao quereu penhorar | Na  
cadela polo cam |  
Penhoremos edayam. || IP6

[xvi/cbnp/1439.299rc2.1-8]:  
Albergamos en entrana

carreyra | E rapazes cõ  
amores **furtã** ceueyra | Alua  
abra. || IPP3

[xvi/cbnp/463.102rc2.1-3]:

Sem el *graça* fez esse cõ  
osseus cardeaes | Quilh eu  
desse *que* mos talhais  
iguaaes | Mais uedes en *que*  
ui en el maos sinaes | *que* do  
*que* me **furtou** foy cobril  
asa capa | quisera eu assy  
assy deste nosso papa. IF6



[xvi/cbnp/483.107vc2.1-3]:  
 Senhor iustica uiimos pedir |  
 que nos facades e ffaredes  
 bem | da gris **furtarã** tanto  
 que porẽ | Nõ lhy leyxarõ  
 que possa cobrir | Pero  
 atanta prendi dũ iudeu | que  
 este f furto ffez hũu Romeu |  
 que ffoy ia outros es carnir.

**fylhar** → filhar.

# G

**gaar** ~ **gaanhar** – v. (< germ.  
 \**waidajan* com possível  
 cruzamento do gót. \**ganan*)<sup>g</sup>  
 ‘lograr’; ‘obter’; ‘conquistar’. ||  
 INF [xvi/cbnp/1357.290rc2.1-5]:  
 Caualeyro con uossos cantares |  
 Mal auilastes os trobadores | E  
 poys assy per uos son uencudos |  
 Busquen per al seruir sas senhores  
 | Ca uos ueieu mays mays das  
 gêtes **gaar** | De uosso bando por  
 uosso trobar | Ca non eles que son  
 trobadores.

[xvi/cbnp/482.107vc2.1-15]: E  
 Sem esto er foy el **gaanhar** mais |  
 Ca os seus auos primeiros e  
*comprou* fouces terra | E breyros e  
 uilar de *racer* / Ar foy *comprar*  
 pera seu corpe diz ca nõ lhen cal |  
 De uiuer pobre ca *quem* xa ssy  
 ffal | falecer lha todos seus  
*companheyros*. || IPP5

[xvi/cbnp/466.103rc1.1-26]: Por  
 que uos todos amassem sempre |  
 vos muito punhastes | Bõos talhas  
 en espanha metestes | Poys hi  
 chegastes | E *quasse* cõuosco  
 filhou sempre / uos del  
**gaanhastes**.

**gaanhar** → gaar.

**gabar** – v. (< fr. *gaber*)<sup>m</sup>. ‘vangloriar-  
 se’; ‘enaltecer as qualidades de’.

|| INF [xvi/cbnp/1627.347vc1.1-  
 7]: E bẽuos podedes **gabar** | *Que*  
 uos nõ sabo come par | E nas  
 terras de semelhar | De mays  
 dissũm *que* uos catou | *Que* nõ  
 souuera leuantar | Quẽ uos vyn  
 euos deseiou.

**[ganhar]** → gaar.

**gardar** → guardar.

**gracir** – v. (< de *graça*, [este do lat.  
*gratia*])<sup>m</sup>. ‘agradecer’; ‘mostrar  
 gratidão’. || INF

[xvi/cbnp/1221.259vc2.1-35]:

Pedramigo rraffeçome nõ uy |  
 Perder per muy bõa dona sseruir |  
 Mays uilho senpre loar e **gracir** |  
 E o muy bõ home poys cõ cabossey  
 | Molher rraffece sse nõ paga dal |  
 E poys el entende obẽ e o mal | E  
 por esto nõna *queta* dessy | Quante  
 melhor tanteeyra mays hy.

**guardar** ~ **gardar** – v. (< lat. med.  
*guardare* < germ. *wardon*)<sup>h</sup>.  
 ‘preservar’; ‘manter’. || INF  
 [xvi/cbnp/145/496.110vc2.1-2]:

Quẽde guerra leuou caualeyres | e  
 assa terra foy **guardar** | *dinheyres*  
 nõ uẽ al mayo.

[xvi/cbnp/368.84rc2.1-5]: Dixeu  
*senhor* fremosa morrerey com  
 pesar | Poys uos filhastes ordẽ e  
 uos hã de **gardar** | Ela enton me  
 disse quero uos en mostrar | Como  
*serey* guardada se nõ venhame  
 mal | Esto por que chorades ben  
 deuedes cuydar | *Tragerey* en os.

|| CP3 [xvi/cbnp/455.99rc2.1-4]:  
 Levarona codorniz de casa | de dõ  
 rodrigo mais quẽ disesea fiz |  
*aquesto que* Eudico | *que guarde*  
 bẽ mha senhor | ca ia eutredor |  
 sesse ela *quer* hir migo. || IA5

[xvi/cbnp/466.103rc1.1-41]: E  
 poys que sodes aposto | E fremoso  
 caualeiro | **Gardadeuos** de  
 seerdes | Escatimoso ponteyro | Ca  
 dizen que baralhastes | Con johan  
 colheiro.

**guarec[er]** – v. (< incoativo de *guarir*)<sup>h</sup>.  
 → guarir. ‘guardar’; ‘defender’. ||

G [xvi/cbnp/374.85rc2.1-7]: Dejeu as jentes andar reoluendo | E mudando aginha os corações | Do que põe aiure sy ay uaroes | E iameu a questo uou aprendendo | Cora cedo mais appenderey | Aquẽ poser preyto mentrilhoey | E asy yrey melhor **guarecendo**.

**guarir** – v. (< fr. *garir* [este, do gót. *warjan*])<sup>m</sup>. → guarecer. ‘proteger’; ‘defender’. || INF [xvi/cbnp/78.21vc1.1-4]: Gram mal me faz agoral Rey | que sen pre serui e amey | por que me parte hu eu ey | prazer e sabor de **guarir** | Se meu da Marinha partir | non poderey alhur **guarir**.

**gued[ar]** → quedar.

**[guerrear]** → guerreyar.

**guerreyar** – v. (< *guerra* + *-eyar* [> *-ear*])<sup>cl</sup>. ‘combater’. || INF [xvi/cbnp/1543.322vc2.1-4]:

Joham fernandiz **quer guerreyar** | E nõ *quer* uinhas alheas talhar | Mays *quer* queymar | Ca lhi foy *queimar* | Ë sa natura ia hunha uegada | E nõ *quer* uinhas alheas talhar | *Pero* o tẽ a mays da sua talhada.

**gui[ar]** – v. (< der. do lat. *\*guidare* [este, do germ. *\*widare*])<sup>m</sup>. ‘dar direção’; ‘indicar o caminho’. || IPP3 [xvi/cbnp/374.85rc2.1-7]: O adail emuy Sabedor *queo* **guiou** | *peraque* la *carreyra* por *que* fez desginar | *dafronteyra* e ental guerra | *leixar* seu *Senhor* edireiuos al *quelhi* ffez | *leixar* bẽ *que* *pudera* *fazer* / por *ficar* e *fezeo* *poer* | *aalen* *atala* *ueyra*.

# H

**ha[uer]** → auer.

**[herdar]** → erd[ar].

**h[ir]** → ir.

**hût[ar]** – v. (< lat. *\*unctare*)<sup>m</sup>. ‘aplicar unto ou óleo’. || CP3 [xvi/cbnp/613.135vrc2.1-3]: Nõ a meu padre aquẽ peca | hũa peca dûtanelho | Cõque **hûtase** sa peca | Toda coelho e coelho | Caa peca nõ se especa | Husse estre ma douer melho | Camuyt aia grã peca | Que ffoyt semãt aconcelho.

**hyr** → ir.

# I

**iãtar** – v. (< lat. vulg. *jantare*, do lat. cl. *jentare*)<sup>h</sup>. ‘fazer a refeição noturna’. || INF [xvi/cbnp/143.36rc1/1-9]: E as iornadas sei eu bem | comolhi eiry oy falar diz *que* *podir* | quẽ bem andar de belfurada santarẽ | Sen outro dia madurgar eir anoguey | rol **iã tar** *emaer* a *Jherusalem*.

**iazer** – v. (< lat. *jacere*)<sup>s</sup>. ‘estar deitado’; ‘estar por terra’; ‘estar estendido’. || INF [xvi/cbnp/1300.273vc1.1-18]: *Ca per* a *ly peru* a fez *creer* | *Ja* endo nẽbr *esta pera* *ssecar* | E mays *valiria* ia *pera queymar* | *Que* de **iazer** como *iaz* mal *parada*. || IP3 [xvi/cbnp/143.36rc1.1-5]: *Pero* non *fuy* a *ultra* *mar* | *muyto* *sey* eu a *terra* *bem* | *per* *soeyreanes* *que* ã *uem* | *segũdo* *lheu* oy *cõtar* | diz *que* *marcelha* **iaz** *alem* | *domar* eAcre *iaz* *aquem* | e *pom* *ror* *tes* *loguy* *arar*. || IF3 [xvi/cbnp/482.107vc2.1-14]: E da outra parte *uem* dos *descobar* *ede* *tantos* | *Mais* nõ dos de *ciznerros* | *mais* de *lauradores* e de

caruoeyros | E doutra ueo foy dos  
destorar | E daz euedar e muy  
natural | Hu iaz seu padre sa  
madre outrotal | E **ia ra** el credos  
seus herdeyros. || CF3  
[xvi/cbnp/916.197rc2.1-26]: E  
dissellRey noutro dia estando |  
Hulha falarõ en uossa fazenda |  
Que uos quer dar ardom ã  
encomẽda | Por que dizem que  
sodes do sseu bando | Mays se hy  
**iouuer** algũu homẽ fraco | Dos  
uossos poos leuadũ grãssaco | Et  
hysilha o castelo liurando.

**iogar** – v. (< lat. *jocare*)<sup>h</sup>. ‘utlizar em  
jogos’. || INF

[xvi/cbnp/1358.290vc1.1-4]:  
Nostro senhor comeu ando  
coytado | Con estas manhas *que*  
mi quisestes dar | Son muy *gram*  
putanheyra fficado | E pagome  
muytodos dados **iogar** | Desy ar  
ey muy *gram* sabor de morar | Per  
estas ruas e uyueda partado.

**ir** ~ **h[ir]** ~ **hyr** – v. (< lat. *ire*)<sup>h</sup>.  
‘avançar’; ‘deslocar-se’. || INF

[xvi/cbnp/143.36rc1.1-9]: E as  
iornadas sei eu bem | comolhi eiry  
oy falar diz *que* pod**ir** | quẽ bem  
andar de belfurada santarẽ | Sen  
outro dia madurgar eir anoguey |  
rol iã tar emae a *Jherusalem*.  
[xvi/cbnp/486.108vc1.1-3]: Dom  
ffoãao quãdogano *qui* chegou |  
*primeyrament* evyu uolta e guerra  
| tam grã Sabor ouue **dir** assa terra  
| *que* loguẽtõ por ada il filhou | seu  
coraçõ eel ffez lhy leyxar | polo  
mais taste daguerra longar | prez e  
esffor co e passou asserra.  
[xvi/cbnp/871.185rc1.1-2]:

Porqueno mũdo mengou a  
uerdade | punhey hũ dia dea **hyr**  
buscar | e hu por ela fuy *pregũtar* |  
diserõ lodes alhurla buscade | cadẽ  
tal *guisa* se for aperder | *que* nõ  
podemos ã nouas auer | nõ ia nõ  
anda na yr maydade. || IP3  
[xvi/cbnp/104.27rc2.1-7]: Ogan en  
muy menta | dise do m martim gil

| uiuen muy gram tormenta | dona  
oraca bril | per como aquer cassar  
seu pay | eaquem lho en menta  
cedo moyra nossa | e a ella sese  
conchora **uay**. || IPP1

[xvi/cbnp/143.36rc1.1-1]: Pero  
non **fuy** a ultra mar | muyto sey eu  
a terra bem | per soeyreanes *que* ã  
uem | segũdo lheu oy cõtar | diz  
*que* marcelha iaz alem | domar  
eAcre iaz aquem | e pom ror tes  
loguy arar. || IPP5

[xvi/cbnp/142.35vc2.1-16]: Aly  
*perdestelo* syso *quãdo* as **fostes**  
ueer | tano falar enorriso  
poderades *conheçer* / *qual*  
amelhor *parecer* mays *falynos*  
hyouyso. || IPI3

[xvi/cbnp/106.27vc1.1-3]: Huã  
donzela quig eu muy gran bẽ |  
Meus Amigos Assy *deus* me  
*perdom* | eora **ia** este meu coraçõ |  
Anda *perdudo* e fora desem | por  
hũa dona seme valha *deus* | que  
depoys uiro estes olhes *meus* / que  
mha semelha mui mays doutra itẽ.  
|| IF1 [xvi/cbnp/480.107rc1.2-

14]: E uiro par *deus* lo santo | *que*  
manto nõtra gerey nõ granhõ | Nẽ  
terrey damor rrazõ | Nẽ darmas  
por *que* *quebrãto* | E chanto nõ  
delas toda sazõ | Mais tragerey  
hũu dormõ | E **hirey** pela marinha  
| Uendenda zeite effarina |  
Effugirey dopocõ | do alacrar ca  
eu nõ | Lhy ssey outra meezinha.

IF6 [xvi/cbnp/472.105rc1.1-18]:  
Pero que ey ora mẽgua de  
conpanha | Nẽ pero garcia nõ Pero  
despanha | Nen Pero galengo nõ  
ira começo | E bem uolo iuro *pera*  
santa Maria | Que pero despanha  
nen Pero Garcia | Nen Pero galego  
nõ **iran** cõmeço. || CP5  
[xvi/cbnp/473.105rc1.1-10]: E por  
eu bem cõ Selhar | Non deuos con  
estar peyor | Ca uos concelheu o  
milhor | Que **uaades** ora morar |  
Muy longe demi | E muy cõ meu  
grado. || CF3

[xvi/cbnp/472.105rc1.1-9]: Nunca cinga espada cõ bõa baynha | Se pero despanha nẽ pero galya | Nen pero galego **ffor** ora cõmeço | Galego Galego outrem ira começo.

**iunt[ar]** – v. (< de *junto* [este, do lat. *unctu-*] + *-ar*)<sup>m</sup>. ‘unir’; ‘reunir’. || G [xvi/cbnp/1308.279vc2.1-1]: Pois teu preyt anda **iuntãdo** | Aquel que he do teu bando | Dime douror com ou quando | Lhe cuydas fazer enmenda | Por quant andel trabalhando | Com apostara fazenda.

**iurar** – v. (< lat. *jurare*)<sup>m</sup>. ‘assegurar’; ‘afirmar definitivamente’. || INF [xvi/cbnp/458.101rc2.1-6]: Achey Sanchans encaual gada | E dixeu por ela cousa guisada | Ca nunca ui dona peyor talhada | E *quige iurar* que era mostea | E via caualgar per ùa aldeya | E quige iurar que era mostea.

**iustificar** – v. (< lat. *justificare*)<sup>h</sup>. ‘tratar com justiça’; ‘legitimar’. || INF [xvi/cbnp/1641.350vc1.1-18]: Mays *que* cõsselho faredes | Sealguẽ al rey disser / Ca molher uosco teedes | ea **iustificar quiser** / Se nõ *deus* nõ lhi poderedes.

## J

[**jantar**] → iãtar.

[**jazer**] → iazer.

[**jogar**] → iogar.

[**juntar**] → iunt[ar].

[**jurar**] → iurar.

[**justificar**] → iustificar.

## L

**ladr[ar]** – v. (< lat. *latrare*)<sup>h</sup>. ‘latir’; ‘fazer voz de cão’. || CPI3 [xvi/cbnp/457.101rc1.18]: Hũu galguilio uil | Que hũu lebor demil | Non ffilhasse | Mays rabeiasse e **ladrasse**.

**lançar** – v. (< lat. *lanceare*)<sup>m</sup>. ‘manejar’; ‘atirar’. || INF [xvi/cbnp/480.107rc2.1-23]: Nen de **lançar** ataulado pagado | Nõ ssõo se *deus* mãpar adeo nẽ deba fordar | Eandar de noide armado ssen grado | offaco razolda | Camais me pago domar | *que* de sseer caualrõ | ca eu foy ia marmheyo | Equero moy mais *guardar* | do alacra e tornar ao *que* me ffoy **primeiro**.

**laurar** – v. (< lat. *laborare*)<sup>m</sup>. ‘trabalhar’. || INF [xvi/cbnp/1181.251vc2.1-12]: Iuayo outros mays sabedores | *Qui* seron ia esto saber de mĩ | E en todo trobar may *trobadores* | *Que* ta nõ es mays direyto *que* uy | Uy boas donas tecer e **laurar** | Cordas e cintas e uilhes *criar* | *Per* bõa muy fremosas pastores.

**lazerar** – v. (< lat. *lazarus* + *-ar*)<sup>m</sup>. ‘penar’; ‘sofrer’. || INF [xvi/cbnp/1330bis.285vc1.1-15]: Selhe bon rey uairela escudela | *Que* de pampolona oystes nomear | Mal ficara a *que* stoutrẽ todela | *Que* al non a *que* olhus alcar | Ca uerra hi o bon Rey seiornnar | E destruyr ara burgo destela | E ueredes nauarrus **lazerar** | E o senhor *que* os *todos* taudela. || G [xvi/cbnp/485.108rc2.1-3]: Pero da ponta **feito** gran pecado | Desseus cantares *que* el foy furtar | A cõta **quequanto** el **lazerando** |

Ouve grã tempo elxos *quer* lograr  
| E doutros muytos *que* ñ sey  
contar | Por *queo*ando uistido  
eonrrado.

**leer** – v. (< lat. *legere*)<sup>g</sup> ‘percorrer com  
a vista’; ‘recolher’. || INF  
[xvi/cbnp/493.110rc1.1-17]: Ca ñ  
a mais naarte do foder | do *que*  
uos liuros *que* el tem iaz | eel atal  
sabor deos **leer** | *que* ñca noite ñ  
dia al faz | Essabedarte do foder  
tam bem | *que* cõ vos seus liuros  
dartes | *que* el tem fodel as mouras  
cada *que* lhipraz.

**leixar** – v. (< lat. *laxare*)<sup>mg</sup> ‘deixar’;  
‘permitir’. || INF  
[xvi/cbnp/172.43vc2.1-3]: Pois  
boas donas som desēparadas |  
enulho *homem* ñ nas *quer*  
defender | nonas *quer*eu **leixar**  
estar *quedadas* | mays *quer*em  
duas *perforça* prēder | outres ou  
quatro quaaes mē escolher | pois  
ñ aui ia *per* quē seiam uengadas |  
netas de Conde *quer*eu cometer |  
*que* me seram mais pouca  
coomhadas. || IP3  
[xvi/cbnp/922.198rc2.1-4]: Todos  
dizen *que* *deus* ñca pecou | Mais  
mortalmēte o ueieu pecar | Calhe  
ueieu muytos desenparar | Seus  
uassalos *que* muy caro comprou |  
Ca os **leyxa** morrer cõ grandamor  
| Desenparados de ben de senhor |  
E ia com estes mĩ desenparou. ||  
IPP6 [xvi/cbnp/483.107vc2.1-4]:  
Senhor iustica uiimos pedir | *que*  
nos facades e ffaredes bem | da  
gris furtarã tanto *que* porē | Ñ lhy  
**leyxarõ** *que* possa cobrir | Pero  
atanta prendi dũ iudeu | *que* este  
ffurto ffez hũu Romeu | *que* ffoy  
ia outros es carnir.

[ler] → leer.

**leuantar** – v. (< lat. *\*levantare*, de  
*levare*)<sup>g</sup> ‘alçar’; ‘erguer’. || INF  
[xvi/cbnp/1627.347vc2.1-11]: E  
bēuos podedes gabar | *Que* uos ñ  
sabo come par | E nas terras de  
semelhar | De mays dissũm *que*

uos catou | *Que* ñ souuera  
**leuantar** | Quē uos vyn euos  
deseiou.

**leuar** – v. (< lat. *levare*)<sup>g</sup> ‘transportar’;  
‘retirar’. || INF  
[xvi/cbnp/483.107vc2.1-16]: E  
romeu *que* *deus* assy *quer* sseruir |  
Por **leuar** tal furta | Jelus alem  
esol ñ cata | como gris ñ ten  
ñca cousa | de *que* sse cobrir  
catodo quanto | Al despendeu et  
deu dali foy todaquesto | ssey eu e  
quãtel foy **leuar** euistir. || IPP3  
[xvi/cbnp/145/496.110vc2.1-1]:

Quēde guerra **leuou** caualeyres | e  
assa terra foy guardar | dinheyres  
ñ uē al mayo. IPP6  
[xvi/cbnp/455.99rc2.1-1]:

**Leuarona** codorniz de casa | de  
dõ rodrigo mais quē disesea fiz |  
*aquesto que* Eudico | *que* guarde  
bē mha senhor | ca ia eutreedor |  
sesse ela *quer* hir migo. || C6  
[xvi/cbnp/493.110rc1.1-2]: Ao  
dayã de calez euachei | liures  
quelhi **leuariã** de berger | e o  
*queos* tragia pregūtey | por elles e  
Respondeu mel Senher | con estes  
liuros *que* uos ueedes dous | eco  
uos outros *que* ele ten dos ssous |  
ffodel per eles quãto foder *quer*. ||  
IA6 [xvi/cbnp/612.135rc2.1-24]:  
Todos uos dizē senhor cõ ãueia |  
*Que* dessamedes elles emi ñ | Por  
*deus* uos rrogo *que* esto nom seia |  
Ñ ffaçades coussa tãsen rrazõ |  
Amades uosos *queuos* mays  
desseia | E bem creede *que* elles  
todos ssom | Esse uos eu *quero* bē  
de corazõ | **Leuēme** des a terra  
huuos ñ ueia.

**lidar** – v. (< *lide-* [*lite-*])<sup>m</sup>  
‘combater’. || INF  
[xvi/cbnp/486.108vc2.1-13]: En  
esto ffez come de bõo ssem | en  
filhar adail *que* conhocia | *que*  
estes passos mais ben Sabia | e el  
guardes loguentõ mui bē deles |  
efez lide destro leixar lealdade | de  
Seestro leixar **lidar**.

**liur[ar]** – v. (< lat. *liberare*)<sup>s</sup>. ‘tornar livre’; ‘libertar’. || G [xvi/cbnp/916.197rc2.1-28]: E dissellRey noutro dia estando | Hulha falarõ en uossa fazenda | Que uos quer dar ardom ã encomẽda | Por que dizem que sodes do sseu bando | Mays se hy iouuer algũu homẽ fraco | Dos uossos poos leuadũ grãssaco | Et hysilha o castelo **liurando**.

[**ligar**] → li[ar].

**loar** – v. (< lat. *laudare*)<sup>s</sup>. ‘louvar’; ‘enaltecer’. || INF [xvi/cbnp/915.197rc1.1-5]: En muyto andando che guey alogar | Hu lealdade nen manha nen Sem | Nen crezeria non ueio preçar | Nen podomi de senhor gaar irem | Se non **loar** quanto lhy uir ffazer | E lou sinar e rem nem lhi dizer | Pero lhi ueia os al Se mear.

**lograr** – v. (< lat. *lucrare*)<sup>h</sup>. ‘enganar’; ‘obter vantagem’. || INF [xvi/cbnp/144.36rc2.1-3]: Ay paay soarez uenhouos rogar | por hũ meu homem *que* nõ *quer* seruir | *queo* façamos mi e uos **lograr** ã guisa *que* / possa *per* hy guarir *pero* seranos graue de | fazer ca el nõ sabe cantar nõ dizer *rẽ per / que* se pague del *queno* uir.

[**louvar**] → loar.

**luitar** – v. (< lat. *luctare*)<sup>cl</sup>. ‘brigar’; ‘participar de combate’. || INF [xvi/cbnp/1315.281rc2.1-14]: Steua daguarda pode quitar | Qual judeu quer dereytar es senhores | Mays natalha gracias nõ amores | Nũlhy faram os *queham* detalhar | E dom foam ia *peruezes* deu | *Ve* o que talhanso comeu de *per* domeu | E dara mays e queyrasse **luitar**.

[**lutar**] → luitar.

# M

**mãd[ar]** → mandar.

**madurgar** – v. (< lat. *maturicare*)<sup>m</sup>. ‘levantar-se ao alvorecer’; ‘matinar’. || INF [xvi/cbnp/143.36rc1.1-11]: E as iornadas sei eu bem | comolhi eiry oy falar diz *que* podir | quẽ bem andar de belfurada santarẽ | Sen outro dia **madurgar** eir anoguey | rol iã tar emaer a *Jherusalem*.

[**madrugar**] → madurgar.

**maer** – v. (< lat. *manere*)<sup>h</sup>. ‘ficar’; ‘pernoitar’; ‘dormir’. || INF [xvi/cbnp/143.36rc1/1-12]: E as iornadas sei eu bem | comolhi eiry oy falar diz *que* podir | quẽ bem andar de belfurada santarẽ | Sen outro dia madurgar eir anoguey | rol iã tar **emaer** a *Jherusalem*. || IPP5 [xvi/cbnp/1439.299rc2/1-4]: Maria genta | Maria genta | Da saya cintada | hu **masestes** esta noyte | Ou quen *pos* ceuada | Alua abriadesmala.

**mandar** ~ **mãd[ar]** – v. (< lat. *mandare*)<sup>m</sup>. ‘ordenar’;

‘encarregar’. || INF [xvi/cbnp/1490.312rc1/1-10]:

Vedes **mandar** morrẽdo | E nos iazedes fodendo | Vossa molher. || IP6 [xvi/cbnp/1492.312rc2/1-9]: E prouaruos a das carnes quẽ *quer* | Que duas carnes uos **mandam** comer | E non *queredes* uos dunha cozer | E no de *quãdo* nõ aia mester | Nẽ ia da capa nõ ey a falar | Ca bẽ Tres auos a uymos andar | No uosso cole deue ssa molher. || IPP3 [xvi/cbnp/459.101rc2/1-10]:

**Mandoumel** ffurtar aluor | O meu pedengo melhor *que* auia esabor | Depenhoralhey de *primeira* e

filarlhey a mayor | Sacadelo polo tam | Penhoremos e dayam. || IA5 [xvi/cbnp/966.209rc2.1-18]:

**Mandade** uos razar | Sessela demĩ queixar | De nulha ren que dissesse | Emssa prison querentrar. || IN5 [xvi/cbnp/1494.313rc1/1-11]: Iohã garcia seus en pesar | De *que*me *que*ixon uosso poder | O melhor *que* podedes hy fazer | Nõ mi **mãdedes** a cevada dar | Mal neno uinho *que* mi nõ dã hy | Tã bẽ comeu sempre mereci | Cauos seria *grave* de fazer.

[**manejar**] → manejar.

**manear** – v. (< it. *maneggiare*)<sup>h</sup>. ‘mover com as mãos’; ‘praticar’; ‘manipular’. || INF [xvi/cbnp/461.101vc2.1-12]: E poys alt oliou estendeusse | e bucigiou por huna uelha enuiuou | que o ueese escaẽtar dolho mao | de **manear**.

**marauilh[ar](-se)** – v. (< de *maravilha*[este, do lat. *mirabilia*])<sup>m</sup>. ‘admirar-se’; ‘espantar-se’. || IP1 [xvi/cbnp/416.92vc1.1-30]: Uaasco *martĩs* poĩs uos morreo por *quẽ* / *senpre* tratastes **marauilhomẽ** | pois uos morreo como nõ morredes.

[**maravilhar(-se)**] → marauilh[ar].

**matar** ~ **mata[ar]** – v. (< lat. *mactare*)<sup>cl</sup>. ‘tirar a vida’; ‘extinguir’. || INF [xvi/cbnp/966.209rc1.1-7]: Meu senhor Rey de castela | Venhome uos querelar | Eu amey hunha donzela | Por que mouuistes trovar | E con quen se foy casar | Por quanteu dela ben dixi | Quer mora por en **matar**. || CP3 [xvi/cbnp/104.27rc2.1-11]: E disse em muymẽta como uos direi | ela uiuem tormẽta segũdo eu sei | per como a *quer* casar seu pay | e a *quẽ* lho ãmẽta cedoo **mate** el Rey | eaela ssese cõ chora uay. || CPI3

[xvi/cbnp/471.104vc1.1-2]: Por que lhy rogaua que perdoasse | Pero danbroa que o non **matasse** | Nen fosse contra el desmesurada | E dissela por *deus* nõ me roguedes | Ca direyuos de min o que y entendo | Se hũa uez assanhar me fazedes. || CF6

[xvi/cbnp/464.102vc1.1-17]: Levarei fernando Telles | Com gran peca de peca de peres | Todos caluos essen lancas ecõ grandes | capatou es e *quem* estes **mataaren** | creede ben sen dultanca | que ia mays en esto mundo | Nuncauera uinganca.

**mei[ar]** – v. (< lat. *mejare*)<sup>h</sup>. ‘urinar’. || IP1 [xvi/cbnp/460.101vc1.1-14]: Medey do pertigueyro tal que **meio** | Quese melha pero gil ne uedeio | E nõ uimhã *senhor* ondey deseio | Milia nen sancha que muytamo | Antolhaxeme riso do pertiguerio chamo | Milia e sancha fernandiz *que* muytamo.

**melhorar** – v. (< lat. *meliorare*)<sup>g</sup>. ‘aperfeiçoar’; ‘transformar positivamente’. || INF [xvi/cbnp/1494.312vc2.1-4]: Muyto te ueio Lourẽço *queixar* | Pola ceuada epolo beuer | *Que* to nõ mando dar a teu prazer | Mays ento *quero* fazer **melhorar** | Poys quetagora citolar oy cãtar | Mando *que* to dã assy | Bẽ como o tu sabes merecer.

**meng[ar]** → mĩguar.

**mengu[ar]** → mĩguar.

**mentir** ~ **mẽtir** – v. (< lat. *\*mentire*)<sup>m</sup>. ‘faltar com a verdade’. || INF [xvi/cbnp/483.107vc2.1-8]: E tanho *que* uos nõ ueo **mentir** | pelos sinaes *que* nos el disse ca eno | Rosto trage nõ tam *poro* *dereyto* | dessendel en cobrir | esse *aquesto* ssfredes bem lheu | *querram* aoutrossy furta lo sseu | de *que* pode muy grav dano uiir. [xvi/cbnp/142.35vc2.1-14]: Anbas erã nas melhores | *que* omẽ pode

consir | brãcas erã come flores |  
mays por uos eu nõ **mêtir** | nõ nas  
pudi *departir* tãto sam bõas  
senhores. || IF1

[xvi/cbnp/374.85rc2.1-12]:

Caueieu ir melhor aomêtireyro |  
Cao que diz uerdade aoseu amygo  
| E *por* aquesto o iureo digo | Que  
ia mays nunca seia uerdadeyro |  
Mais **mentirey** e fimarey logal |  
Aquẽ quero bem querreylhe mal |  
Casy guarey come caualeyro.

**mercar** – v. (< lat. *mercare*)<sup>h</sup>. ‘fazer  
comércio’; ‘negociar’. || INF  
[xvi/cbnp/1359.291rc1.1-8]: Tan  
pouco sobel de **mercar** | Que  
nunca en tan pouco ui | Casse  
quitou desse comprar | E tan gran  
dengano *porsy* | Que pero sar  
queixa uender | Ja nunca podera  
ualer | O meyo do *por* que den *por*  
ssy.

**merrec[er]** – v. (< lat. *merescere*,  
incoativo *merere*)<sup>m</sup>. ‘ser digno de  
receber ou obter algo’. || IPP1  
[xvi/cbnp/484.108rc1.1-6]: Fuy eu  
poer a mão noutrodia | a hũa  
soldadeyra notono | E dissemela  
tolhedala do | Ca nõ e esta de  
nostro *senhor* / Payxõ mais exe de  
mĩ pecador | Por muyto mal *que*  
me lheu **merecy**.

**meter** – v. (< lat. *mittere*)<sup>mg</sup>. ‘colocar(-  
se)’. || INF  
[xvi/cbnp/463.102rc2.1-17]: Se  
*com* os cardeaes *comque* faca seus  
conselhos | posesse que guardasse  
uos de maos *conselhos* | fez a  
*gram* mercee ca nõ furtar *com*  
eles | E panos dos *cristãos* **meter**  
sosa capa | qui sera eu assy deste  
nosso papa. || IPP3  
[xvi/cbnp/494.110vc1.1-16]: O  
que **meteu** na taleiga pouca uer | e  
muyto meiga epor nõ *entrar* na  
ueiga | *que* faroneia pois chus  
mole | *que* mateyga | maldito seia.  
IPP5 [xvi/cbnp/466.103rc1.1-23]:  
Por que uos todos amassem  
*sempre* | vos muito punhastes |

Bõos talhas en espanha **metestes** |  
Poys hi chegastes | E *quasse*  
cõuosco filhou *sempre* / uos del  
gaanhastes. || CP3

[xvi/cbnp/479.107rc1.1-9]: Dy hũu  
coteyffe mal ualdi | Cõsseu *por*  
põto nõca peior ui | Canõ *quer*  
*deus que* ssel ã outro **meta** |  
Edixeu pois las guerras | Ay *que*  
coteiffe pera a carreta.

**mêtir** → mentir.

**[mijar]** → mei[ar].

**mĩguar** ~ **meng[ar]** ~ **mengu[ar]** – v.  
(< lat. *minuare*, do adv. *minus*)<sup>mg</sup>.  
‘diminuir’. || INF  
[xvi/cbnp/487.108vc2.1-4]: Pero  
da ponte parouos Sinal | per ante  
odemo do fogo Infernal | *por que*  
com *deus* o padre *Spiritual* |  
**mĩguar** quisestes mal per  
descreestes | E ben ueiagora *que*  
ca trobar uos ffal | pois uos tam  
loutã prazõ cometestes. || IPP3  
[xvi/cbnp/871.185rc1.1-1]:  
Porqueno mũdo **mengou** a  
uerdade | punhey hũ dia dea hyr  
buscar | e hu por ela fuy *pregũtar* |  
diserõ lodes alhurla buscade | cadẽ  
tal *guisa* se for aperder | *que* nõ  
podemos ã nouas auer | nõ ia nõ  
anda na yr maydade. || IPI3  
[xvi/cbnp/221.60rc2.1-13]: Ca tan  
bẽa *Senhor* me foy tolher / qual el  
ia ã nõ mũdo nõ fara | nõ ia eno  
mũdo par nõ pode auer / E quẽ  
aquesta vya ia nõ ueera | tam  
mãssa e tã fremosa de bõssem | ca  
esta nõ **menguaua** nulha rren | de  
quãto ben dona deuy auer.

**moir[er]** → morrer.

**morar** – v. (< lat. *morare*, por *morari*)<sup>g</sup>.  
‘habitar’; ‘residir’. || INF  
[xvi/cbnp/473.105rc1.1-10]: E por  
eu bem cõ Selhar | Non deuos con  
estar peyor | Ca uos concelheu o  
milhor | Que uaades ora **morar** |  
Muy longe demi | E muy cõ meu  
grado. || IPP3  
[xvi/cbnp/871.185rc1.1-12]: Nos  
moesteyros dosfrades negrados |



ademãdey e diserõmassy | nõ *bos que* des uos auerdada*qui* / ca muy tos anos auemos passados | *que* nõ **morou** nosco *per* bõa fe | e dal auemos mayores coidados. || IF1 [xvi/cbnp/173.44rc1.1-5]: Poys noney de dona el vira | seu amor e ey sa ira | esto farei sen mentira | poys me vou de santa uya | **morarei** cabo da maya | en doyro antro porto e gaya.

**morrer** ~ ~ **moir[er]** ~ **moyr[er]** – v. (< lat. vul. *morere*)<sup>h</sup>. ‘perecer’; ‘falecer’; ‘perder a vida’. || INF [xvi/cbnp/484.108rc1.1-11]: Hua uos comeastes entendi | Bẽ *que* nõ era de *deus* aquel ssom | Caos pontos del no meu coraçõ | sse fficarã de *guisa que* loguy | cuidey **morrer** e dixassy | *deus* *senhor*. || IP1 [xvi/cbnp/1219.259rc1.1-5]: E nõ esta de nogueyra | Affreyra *que* eu quero bẽ | Mays outra mays fremosa | E a *que* mĩ en poder tem | E **moiro** meu pola *freyra* | E moyro meu pola *freyra* | Mays nõ pola deno gueyra | E moyro. [xvi/cbnp/1219.259rc2.1-13]: Nõ esta de nogueyra | A *freyra* ondeu ey amor | Mays outra mays fremosa | A *que* mi *quereu* muy melhor | E **moyromeu** pola. || IF1 [xvi/cbnp/368.84rc2.1-7]: Dixeu *senhor* fremosa **morrerey** com pesar | Poys uos filhastes ordẽ e uos hã de gardar | Ela enton me disse quero uos en mostrar | Como *serey* guardada se nõ venhame mal | Esto por que chorades ben deuedes cuydar | *Tragerey* en os. || CP3 [xvi/cbnp/104.27rc2.1-6]: Ogan en muy menta | dise do m martim gil | uiuen muy gram tormenta | dona oraca bril | per como aquer cassar seu pay | eaquem lho en menta cedo **moyra** nossa | e a ella sese conchora uay.

**mostrar** – v. (< lat. *monstrare*)<sup>m</sup>. ‘revelar’; ‘exibir’. || INF [xvi/cbnp/368.84rc2.1-9]: Dixeu

*senhor* fremosa **morrerey** com pesar | Poys uos filhastes ordẽ e uos hã de gardar | Ela enton me disse quero uos en **mostrar** | Como *serey* guardada se nõ venhame mal | Esto por que chorades ben deuedes cuydar | *Tragerey* en os. || IA5 [xvi/cbnp/883.186vc2.1-7]:

Desfiar enuiaron ora | ffilhos dedom ffernando del | Rey de castela | E disse | El Rey | logo hide ala dom Vela desfiade | e **mostrade** por mĩ esta Razom | sse quiserem por cãbho do Reino | de leom ffilheu porẽ nauarra | ou o Reino de leom darangom.

**mouer** – v. (< lat. *movere*)<sup>g</sup>. ‘deslocar(-se)’; ‘persuadir’. || INF [xvi/cbnp/1356.290rc2.1-5]: A dona maria soydade | A dona maria soydade | Ca *perdeu* aquel iograr | Dizendo del ben e el nono achou | Que nen hu *preyto* del fosse **mouer** | Nen ben nen mal e tristesse tornou. || CP3 [xvi/cbnp/486.108vc1.1-26]: Muyto foy ledõ Se *deus* me *perdon* | quã dosse viu *daqueles* passos fora | *que* uos ia dixeu disse essa ora | *pera* *deus* ada il muytey grã rrazõ | *dessenpreẽ* uos mha fazenda leixar | ca nõ me **moua** deste lugar sseia | mais nõca cuydey passar Lora.

**moyr[er]** → **morrer**.

**mud[ar]** – v. (< lat. *mutare*)<sup>g</sup>. ‘transformar’; ‘alterar’. || G [xvi/cbnp/374.85rc2.1-2]: Dejeu as jentes andar reuoluendo | E **mudando** aginha os corações | Do que põe aiure sy ay uaroes | E iameu aquesto uou aprendendo | Cora cedo mais appenderey | Aquẽ *poser* *preyto* mentrilhoey | E asy yrey melhor guarecendo.

# N

**nac[er]** – v. (< lat. *nascere*, por *nasci*)<sup>g</sup> ‘começar a viver’; ‘originar-se’; ‘surgir’. || IPP1  
[xvi/cbnp.459.105rc2.1-3]: Falauã duas ir manas | Estando ante ssa tya | E dissa hũa aoutra **nacy** | En graue dia | E nunca casarey | Ay mha ir mana | Se me non casa del Rey.

IPP3  
[xvi/cbnp/886.187vc2.1-7]: Martí moya a mha alma | se perca polo foder se uos pecado auedes | nẽ por boos filhos *que* fazedes | mays auedes pecado pola herua | *que* comestes *que* uos faz uiuer | tam grã *tempo que* podedes saber | muy bẽ quando **naceu** adã e eua. || PPms [xvi/cbnp.485.108rc2.1-7]: E porem foy cotõ mal dia **nado** | pois pero da ponte erda seu trobar | e mui mais lhi ualera *que* trobado | nũca ouuessel assy *deus* manpar | pois *que* sse de quãtel foy lazado | sserue dom pedro enõ lhi da em grado.

[**nascere**] → nac[er].

**negar** – v. (< lat. *negare*)<sup>g</sup> ‘dizer não’; ‘desmentir’. || INF  
[xvi/cbnp/459.101rc2.1-4]: Poys que me ffoy el ffurtar | Meu podengue uilo **negar** | E quante ameu cuydar | Destes renhos pesar lham | Cao quereu penhorar | Na cadela polo cam | Penhoremos edayam. || IF1

[xvi/cbnp/368.84rc1.1-3]:  
Preguntey hũa don en como uos direy | Senhor filhastes orden et ia por en chorey | Ela enton me disse eu nõ uos **negarey** | De comeu filhes ordem assy *deus* me perdom | Fez mha filhar mha mader mays o *que* lhe farey |

Tragerlhy eu os panos mays non coracon.

**nomear** – v. (< lat. *nominare*)<sup>m</sup> ‘dar um nome’; ‘pronunciar um nome’; ‘designar’. || INF  
[xvi/cbnp/1330bis.285vc1.1-10]:  
Selhe bon rey uairela escudela | Que de pampolona oystes **nomear** | Mal ficara a que stoutrẽ todela | Que al non a que olhus alcar | Ca uerra hi o bon Rey seiornar | E destruyr ara burgo destela | E ueredes nauarrus lazerar | E o senhor que os todos taudela.

**nouel[ar]** – v. (< *nouela* [> *novela*, este, do it. *novella*] + *-ar*)<sup>h</sup> ‘dar notícias’. || INF  
[xvi/cbnp/888.188vc1.1-8]: Destes privrad nõ sey **nouelar** | senõ *que* lhes ueio muy gram poder | er grãdes rendas casas guaanhar | e ueio as gentes muytos *ẽprouecer* | cõ *proueza* da terra soyr | e ha el Rey sabor de os ouuir | mays eu nõ sey *que* lhe uã *conselhar*.

# O

[**obedecere**] → obedeec[er].

**obedeec[er]** – v. (< lat. *oboediscere*, incoativo de *oboedire*)<sup>g</sup> ‘submeter-se a vontade ou ordem de outrem’. || IPP5  
[xvi/cbnp/487.108vc2.1-10]: E poys rrazõ tam descomunal fostes | fylhar e *que* tã pouco ual pesarmia | eu Se uos pois abem | Sal ante odiabo *aque* **obedee**

**cestes** | ebem veiora *que* trobar uos ffal.

**oir** ~ **o[yr]** – v. (< lat. *audire*)<sup>g</sup> ‘escutar’; ‘perceber os sons através do ouvido’. || INF [xvi/cbnp/1305.279rc2.1-7]: Meu tano fiz portal iuiz pedir | Qual mha reinha madre del Rei deu / Hun caualeiro oficial seu | Pois mẽ nõ ual dante tal iuiz ir | Ca se non y eleuomeu uogado | Sempre me diz que esta en bargado | De tal guisa que me non **podoir**. || IPP1 [xvi/cbnp/465.102vc2.1-23]: Garcia *perez* non sabedes dar | Bon conselho bon conselho *per quantouos oi* | Poys que me uos con soshades deitar | Ental logar esta *pequena* cassi | Offezesse faria mui mal | E muito tenh ora mui uos ual | Endala en ahũ coteif aqui. [xvi/cbnp/143.36rc1.1-4]: Pero non fuy a ultra mar | muyto sey eu a terra bem | per soeyreanes *que* ã uem | segũdo lheu **oy** cõtar | diz *que* marcelha iaz alem | domar eAcre iaz aquem | e pom ror tes loguy arar. IPP5 [xvi/cbnp/1330bis.285vc1.1-10]: Selhe bon rey uairela escudela | Que de pampolona **oystes** nomear | Mal ficara a que stoutrẽ todela | Que al non a que olhus alcar | Ca uerra hi o bon Rey seiornar | E destruyr ara burgo destela | E ueredes nauarrus lazerar | E o senhor que os *todos* taudela.

[**olhar**] → aolh[ar].

**osmar** – v. (< lat. *aestimare*)<sup>mg</sup> ‘estimar’; ‘avaliar’; ‘cogitar’; ‘esmar’. || INF [xvi/cbnp/144.36rc2.1-7]: Maram soarez nõ posseu **osmar** | *que* nolas gentes *querã* consentir denos tal | homẽ fazermos porar ã rograria ca hu | for pedir algũ uerao vilãser *triste* roso | e torpe sã saber e auerssa denos e del tiir.

**outorg[ar]** – v. (< lat. *\*auctoricare*)<sup>cl</sup> ‘autorizar’; ‘conceder’. || CPI3

[xvi/cbnp/471.104vc2.1-9]: Ca Rogades cousa desguisada | E non sey eu *quem* uolo **outorgasse** | De perdar quẽ no mal deestasse | Comel fez amã estando em sa pousada | E poys veio que meus conhocedes | Demy a tanto uos irey dizendo | Se hũa uez a Sanhar me fazedes.

[**ouvir**] → oir.

**o[yr]** → oir.

## P

**padecer** ~ **padeç[er]** – v. (< lat. *\*patescere*, incoativo *pati*)<sup>m</sup> ‘sofrer’; ‘ser vítima de’. || INF [xvi/cbnp/1313.281rc1.1-6]: Disogel Rey pois dom foao maysual | Seendo poure ogran bem fazer | Que lheu fiz senpre ofaz en sandecer | Semel Ren que meos amigos ental | Que me queyxa ia mal malhy farey | **Padecer** e desen sandece ley. || IPP1 [xvi/cbnp/484.108rc2.1-31]: E por en ay ihesu *crispto* se nõ | Em iuizo *quando* ante ty ffor | nõbre chesto *que* por ty **padeçi**. IPP3 [xvi/cbnp/1313.281rc1.1-9]: Poys enroleza non ssal de seu sem | E obem ffazer oderna sandeu | Por poder o que non **padeceu** | Pero amigos diz que me quer bem | Que me.

**pagar(-se)** – v. (< lat. *pacare*)<sup>m</sup> ‘agradar-se’; ‘satisfazer-se’. || INF [xvi/cbnp/480.107rc1.1-1]: Non me posso **pagar** tanto | do tanto das aues nõ desseu ssom | Nã damor nõ damicõ | Nã dar mas ca ey espanto | por *quanto* muy per igosas ssom | Come dũ brõ

galeon | *que* mha lōgue muyta gya  
 | Deste demoda canpynha | huos  
 alacraes ssom | Ca dentro no  
 coraçõ | Senty delles a espinha. ||  
 IP1 [xvi/cbnp/480.107rc2.1-27]:  
 Nen de lançar ataulado pagado |  
 Nõ ssõ se *deus* mãpar adeo nẽ  
 deba fordar | Eandar de noide  
 armado ssen grado | offaco  
 razolda | Camais me **pago** domar |  
*que* de sseer caualrõ | ca eu foy ia  
 marmheyo | Equero moy mais  
*guardar* | do alacra e tornar ao *que*  
 me ffoy *primeiro*. || IPP1  
 [xvi/cbnp/465.102vc1.1-12]:  
 Garcia perez uos ben cousecer |  
 podedes nũca deprã foi falquir |  
 Enquerer en pena ueira trager |  
 Velha en corte nẽ na sol cobrir |  
 Pero de tanto bem a saluarey |  
 Nunca fuy dela en corte **paguey** |  
 mais ostas guerras nos fazẽ bulir.  
 || CP3 [xvi/cbnp/144.36rc2.16]:  
 Ay paay soarez uenhouos rogar |  
 por hũ meu *homem que* nõ *quer*  
*seruir* | *queo* façamos mi e uos  
 lograr ã guisa *que* / possa *per* hy  
 guarir *pero* seranos graue de |  
 fazer ca el nõ sabe cantar nẽ dizer  
 rẽ *per* / *que* se **pague** del *queno*  
 uir.

**par[ar]** – v. (< lat. *parare*)<sup>g</sup> ‘observar  
 detidamente’; ‘reparar’. || G  
 [xvi/cbnp/488.109rc1.1-4]: Citola  
 vi andar sse *quey* xando | de  
*quelhi* non dam ssas *quitacoes* |  
 Mays des *que* oy ben ssas Razoes  
 | enaconta foy mentes **parando** |  
 logo tentey *que* nõ dissera Rem |  
 aera ia *quite* de todo bẽ poren | faz  
 mal dandar ssa ssey *queyxando*.

**par[ir]** – v. (< lat. *parere*)<sup>g</sup> ‘dar à luz o  
 feto’; ‘expulsar do útero depois da  
 gestação’. || IPP6  
 [xvi/cbnp/1604.339vc1.1-11]:  
 Escaralho nũca eu diria | mays *que*  
 traie ante caralhoou ueyte | ao *que*  
 tantas molheres de leyte | tẽ ca lhe  
**parirõ** tres ã hũu dia | e outras  
 muytas *prenhadas que* tẽ | e a tal

frade cuydeu *que* muy bẽ |  
 encaralhado *per* esto sseria.

**partir** – v. (< lat. *partire*)<sup>h</sup> ‘separar’;  
 ‘afastar’; ‘sair’. || INF  
 [xvi/cbnp/78.21vc1.1-5]: Gram  
 mal me faz agoral Rey | *que* sen  
 pre serui e amey | por *que* me  
 parte hu eu ey | prazer e sabor de  
 guarir | Se meu da *Marinha partir*  
 | non poderey alhur guarir. || IP3  
 [xvi/cbnp/78.21vc1.1-3]: Gram  
 mal me faz agoral Rey | *que* sen  
 pre serui e amey | por *que* me  
**parte** hu eu ey | prazer e sabor de  
 guarir | Se meu da *Marinha partir* |  
 non poderey alhur guarir.

**passar** – v. (< lat. *passare*, de *passus*)<sup>g</sup>  
 ‘atravessar’; ‘transportar’. || INF  
 [xvi/cbnp/486.108vc2.1-7]: Muyto  
 foy ledõ Se *deus* me *perdon* | quã  
 dosse viu *daqueles* passos fora |  
*que* uos ia dixẽ disse essa ora |  
*pera deus* ada il muytey grã rrazõ  
 | dessenpreẽ uos mha fazenda  
 leixar | ca nõ me moua deste logar  
 sseia | mais nũca cuydey **passar**  
 lora. || IPP3  
 [xvi/cbnp/486.108vc1.1-7]: Dom  
 ffoãao quãdogano *qui* chegou |  
*primeyrament* evyu uolta e guerra  
 | tam grã Sabor ouue dir assa terra  
 | *que* loguẽtõ por ada il filhou | seu  
 coraçõ eel ffez lhy leyxar | polo  
 mais toste daguerra longar | prez e  
 esffor co e **passou** asserra.

**pe[ar]** – v. (< arc. *\*peio* ~ *\*peo* [>  
*peido*, este, do lat. *peditum*] + -ar)  
 ‘soltar gases’. || IP3  
 [xvi/cbnp/476.105rc2.1-3]: Non  
 quereu donzela fea | *Que* a mha  
 porta **pea** | Non quereu donzela  
 fea | E negra come caruon. |  
 [xvi/cbnp/476.105rc2.1-5]: *Que*  
 antha mha porta **pea** | Nen ffaca  
 come Sison | Nen quereu.  
 [xvi/cbnp/476.105rc2.1-10/13]:  
 Non quereu donzela fea | E uelosa  
 come cam | *Que* anta mha porta  
**pea** | Non faca come alermã | Non

quereu donzela fea | Que anta mha porta **pea**.

**pecar** – v. (< lat. *peccare*)<sup>g</sup>. ‘transgredir os preceitos religiosos’. || INF [xvi/cbnp/922.198rc2.1-2]: Todos dizen que *deus* nũca pecou | Mais mortalmẽte o ueieu **pecar** | Calhe ueieu muytos desenparar | Seus uassalos que muy caro comprou | Ca os leyxa morrer cõ grandamor | Desenparados de ben de senhor | E ia com estes mĩ desenparou. || IPP3 [xvi/cbnp/922.198rc2.1-1]: Todos dizen que *deus* nũca **pecou** | Mais mortalmẽte o ueieu pecar | Calhe ueieu muytos desenparar | Seus uassalos que muy caro comprou | Ca os leyxa morrer cõ grandamor | Desenparados de ben de senhor | E ia com estes mĩ desenparou.

**pedir** – v. (< lat. *petere*)<sup>g</sup>. ‘solicitar’; ‘rogar’. || INF [xvi/cbnp/144.36rc2.1-10]: Maram soarez nõ possui osmar | *que* nolas gentes *querã* consentir denos tal | homẽ fazemos porar ã rograria ca hu | for **pedir** algũ uerao vilãser *triste* roso | e torpe sã saber e auerssa denos e del tiir. || CP3 [xvi/cbnp/613.135vrc2.1-1]: Nõ a meu padre aquẽ **peca** | hũa peca dũtanelho | Cõ*que* hũtase sa peca | Toda coelho e coelho | Caa peca nõ se especa | Husse estre ma douer melho | Camuyt aia grã peca | Que ffoy semãt aconcelho.

[**peidar**] → pe[ar].

**peite[ar]** – v. (< *pente* + *-ear*)<sup>h</sup>. ‘arrumar’; ‘alisar’; ‘por em ordem usando um pente’. || IP3 [xvi/cbnp/461.101vc2.1-7]: E outro meio filhou | E **peitealo** mandou | Aocolo o atou | Ental queo nõ aolhassen | que non uisse eo catasse.

**pelei[ar]** – v. (< talvez do provç. *pelejar* ou do cast. *pelear*)<sup>m</sup>. ‘participar de batalha’; ‘lutar’. ||

CF3 [xvi/cbnp/1482.311rc1.1-16]: E todauya seedacordado | Se algũ home **peleiar** *quiser* / Aqui cõ outrẽ seia cimo *quer* | Aqui punhadeu seer esforçado | E quẽ *qui* ser a peleia uoluer | Loguẽtrady ea uosso Poder | Vos sayden cõ o rosto bricado.

[**pelejar**] → pelei[ar].

**penhorar** – v. (< lat. med. *pignorare*)<sup>cl</sup>. ‘afiançar’; ‘ter como garantia’. || INF [xvi/cbnp/459.101rc2.1-7]: Poys que me ffoy el ffurtar | Meu podengue uilo negar | E quante ameu cuydar | Destes renhos pesar lham | Cao quereu **penhorar** | Na cadela polo cam | Penhoremos edayam. || IA4 [xvi/cbnp/459.101rc2.1-1]:

**Penhoremos** o dayã | na cadela polo cam.

**pensar** ~ **penss[ar]** ~ **pês[ar]** – v. (< lat. *pensare*)<sup>cl</sup>. ‘raciocinar’; ‘refletir’. || INF [xvi/cbnp/896.192rc2.1-9]: Per quanteu ueio | Perco me deseio | Ey coyta e pesar | sse andou seio | O cor mestã teio | Que me faz cuydar | Ca poys franqueza | Proezauenceu escassez a | Non sey que **pensar** | Veia uoleza | Maleza | Per essa soteleza | O mundo tornar. || IP4 [xvi/cbnp/1556.325rc1.1-9]: Nũca ueemos donas nẽ catamos / E himos antalcaydes euozeyamos / Por cõpoer riquezas enõ **pêssamos** / *Quan* pouco sarequeza logro cameno | Rey *Judeorum* *Jhesu* Nazareno. IP5 [xvi/cbnp/1589.334rc2.1-7]: Dixelheu grã ffolia **penssades** | sseper uelhice a guarecer cuidades | pero nõ uos dígeu *que* nõ uiuades | *quanto* uos *deus* *quiser* leixar uiuer | mays emuelhiçe nõ uos *atreuades* | cay mar ueieu das uelhas morrer.

**penss[ar]** → pensar.

[**pentear**] → peite[ar].

**perder(-se)** – v. (< lat. *perdere*)<sup>h</sup> ‘ficar sem a posse de’: ‘deixar de ter’. || INF [xvi/cbnp/104.27rc2.1-15]: El disse ã muymêta Asi meuênã bẽ | uiuem tam gram tor tormêta | *que quer perder* osem | ea *quem* lho ãmêta cedo moyra *per* em | ea ela ssese cõ chora uay. || IPP1 [xvi/cbnp/1346.288rc2.1-2]: Sela aleyuosa en mao dia tem | Por teu cantar ia Rodrigo **perdi** | Riiussel Rey emha esposa demi | Leixar te quero mha sela poren | E hirey enouso e baratarey bem. IPP3 [xvi/cbnp/1356.290rc1.1-3]: A dona maria soydade | A dona maria soydade | Ca **perdeu** aquel iograr | Dizendo del ben e el nono achou | Que nen hu *preyto* del fosse mouer | Nen ben nen mal e tristesse tornou. IPP5 [xvi/cbnp/142.35vc2.1-16]: Aly **perdestelo** syso *quãdo* as fostes ueer | tano falar enorriso poderades *conheçer* / *qual* amelhor *parecer* mays falynos hyouyso. || IF1 [xvi/cbnp/612.135rc1.1-6]: De uos senhor *quereu* dizer uerdade | E ã ia sobra mor *que* uos ey | Senhor ebẽ euosa tropidade | De quantas outras eno mũdo sey | Assy defea come denhatinade | Non uos uẽce oie se ã filha duã Rey | Nẽ uos amo ã me **perderey** | Hu uos ã uir por nos de soydades. || CP3 [xvi/cbnp/886.187vc2.1-2]: Martĩ moya a mha alma | se **perca** polo foder se uos pecado auedes | ã por boos *filhos* *que* fazedes | mays auedes pecado pola herua | *que* comestes *que* uos faz uiuer | tam grã *tempo* *que* podedes saber | muy bẽ *quando* naceu adã e eua.

**perdoar** – v. (< lat. *perdonare*)<sup>g</sup> ‘remir de pena, de ofensa ou de dívida’. || IP3/CP3 [xvi/cbnp/106.27vc1.1-2]: Huã donzela quig eu muy gran bẽ | Meus Amigos Assy *deus* me **perdom** | eora ia este meu coraçõ |

Anda *perdudo* e fora desem | por hũa dona seme valha *deus* | que depouys uiro estes olhes *meus* / que mha semelha mui mays doutra itẽ. [xvi/cbnp/886.187vc2.1-19]: De *profacar* as gẽtes sandias | ã auedes *porqueuos* embargar | ã por *que* filhardes ã uos pesar | cao ã dizẽ senõ cõ *perfia* dizedemora | se *deus* uos **perdom** quanto naçestes uos / Anta sazõ *que* em car ã *deus* ã santa | Maria. || CPI3 [xvi/cbnp/471.104vc1.1-1]: Por que lhy rogaua *que* **perdoasse** | Pero danbroa *que* o non matasse | Nen fosse contra el desmesurada | E dissela por *deus* ã me rogedes | Ca direyuos de min o *que* y entendo | Se hũa uez assanhar me fazedes | Saberedes quaes peras eu uendo.

**perfaz[er]** – v. (< lat. *perficere*)<sup>g</sup> ‘fazer completamente’: ‘terminar’. || IF4 [xvi/cbnp/144.36rc2.1-13]: Paay soares ohomem dese uo *triste* e nojoso | e torpe sem mester **perfaremos** nos | de cuydumeu jograr seen deuos a | juda ouuer calhe daredes uos esse sayo | e porrey lheu nome rograr sisom e | contal nome gualroi *per* hu *quer*.

**pes[ar]** – v. (< lat. *pensare*)<sup>g</sup> ‘causar sentimento de tristeza ou dor’. || IP3 [xvi/cbnp/495.110vc2.1-9]: Ocolte colheu *per* hũa malha | da loriga *que* era desuencida **epesamẽde** | por *que* essa ida deprez *que* ouue | mais se *deus* me ualha | uẽceu ela mais o caualeiro | *per* ssas armas e *per* comerarteyro | ja sempredela seera sinalada. || IF6 [xvi/cbnp/144.36rc2.1-13]: Poys *que* me ffoy el ffurtar | Meu podengue uilo negar | E quante ameu cuydar | Destes renhos **pesar** lham | Cao *quereu* penhorar | Na cadela polo cam | Penhoremos edayam.

**pês[ar]** → pensar.

**pintar** – v. (< lat. \**pinctare*, de \**pinctus*, part. pass. de *pingere*)<sup>g</sup> ‘marcar’. || INF [xvi/cbnp/145/496.37rc1.1-45]: O que da guerra foy | por reqreudo maçar | en burgos fez **pintar** | scudo nõ uẽ al.

**pis[ar]** – v. (< lat. *pinsare*)<sup>cl</sup> ‘por os pés sobre algo’. || IF5 [xvi/cbnp/462.102rc1.1-3]: Tanto sey deuos Rycomẽ poys fordes | Nalcaria euir dela azeytona | Ledo sseeredes e sse dia **pisaredes** | As oliuas conos pees ena pia | ficaredes por estroso | Por huntade por lixoso.

**pod[ar]** – v. (< lat. *putare*)<sup>h</sup> ‘aparar’. || IF5 [xvi/cbnp/1300.273rc2.1-8]: El tẽ tẽde *que* a tẽ adubada | Poys lha **podarõ** e tẽ ssẽ rrazõ | Ca tã mẽgrado ficou otracom | *Que* a cepa nõ pode bẽ deytar | Ca en tal tempo a mãdou poder | *Que* sẽpre lhe ficou decepada.

**pod[er]** – v. (< lat. *potere*)<sup>g</sup> ‘ser capaz de’; ‘ter as condições necessárias para’. || IP1 [xvi/cbnp/144.36rc2.1-7]: Maram soarez nõ **posseu** osmar | *que* nolas gentes *querã* consentir denos tal | homẽ fazermos porar ã rograria ca hu | for pedir algũ uerao vilãser *triste* roso | e torpe sã saber e auerssa denos e del tiir. IP3 [xvi/cbnp/143.36rc1.1-9]: E as iornadas sei eu bem | comolhi eiry oy falar diz *que* **podir** | quẽ bem andar de belfurada santarẽ | Sen outro dia madurgar eir anoguey | rol iã tar emaer a *Jherusalem*. [xvi/cbnp/142.35vc2.1-12]: Anbas erã nas melhores | *que* omẽ **pode** consir | brãcas erã come flores | mays por uos eu nõ mẽtir | nõ nas pudi departir tãto sam bõas *senhores*. || IPP1 [xvi/cbnp/142.35vc2.1-15]: Anbas erã nas melhores | *que* omẽ pode consir | brãcas erã come flores | mays por uos eu nõ mẽtir | nõ nas

**pudi** departir tãto sam bõas *senhores*. || IF1

[xvi/cbnp/78.21vc1.1-6]: Gram mal me faz agoral Rey | que sen pre serui e amey | por que me parte hu eu ey | prazer e sabor de guarir | Se meu da Marinha partir | non **poderey** alhur guarir. || IF5 [xvi/cbnp/142.35vc2.1-17]: Aly perdestelo syso *quãdo* as fostes ueer | tano falar enorriso **poderades** *conheçer* / *qual* amehor *parecer* mays falynos hyouyso.

**poer** ~ **po[r]** – v. (< lat. *ponere*)<sup>g</sup> ‘colocar’; ‘introduzir’. || INF [xvi/cbnp/416.92vc1.1-24]: Afonso sanchez poĩs nõ entendedes | *equal* guysauos en fuy rresponder | A mĩ emculpa nõ deuẽ **poer** | mais auos seo saber nõ podedes | eu trobo pola *que* mẽ poder tem | euẽce tadas deparecer bem | pois uuahẽ amõ como dizedes. || IPP3

[xvi/cbnp/1439.299rc2/1-5]: Maria genta | Maria genta | Da saya cintada | hu masestes esta noyte | Ou quen **pos** ceuada | Alua abriadesmala. || IF1 [xvi/cbnp/144.36rc2.1-16]: Paay soares ohomem deseu *triste* e nojoso | e torpe sem mester *perfaremos* nos | de cuydumeu jograr seen deuos a | juda ouuer calhe daredes uos esse sayo | e **porrey** lheu nome rograr sisom e | contal nome gualrroi *per* hu *quer*.

**poiar** – v. (< lat. *podiare*)<sup>cl</sup> ‘crescer’; ‘aumentar’. || INF [xvi/cbnp/144.36rc2.1-9]: Paay soarez denhũ por razõ de **poiar** | ja ovilãao grodõ de si posface | del *quem quiser*.

**[pojar]** → poiar.

**po[r]** → poer.

**posfaç[ar]** → profacar.

**pousar** – v. (< lat. *pausare*)<sup>g</sup> ‘hospedar-se’; ‘assentar’. || INF [xvi/cbnp/781.167rc2.1-5]: Hũu

Ricome *Aqui* hũu trotador | trotou oganaqui em cas del Rey | Assēetando mutras mĩ catey | vyo seer en hũu logar peyor | ergime dixi uiindaca **pousar** | edi semel seedem uosso logar | bem seia ca nũo quero seer melhor.

**praz[er]** – v. (< lat. *placere*, as formações em *proug-* prendem.se ao lat. *plaguit*)<sup>mg.</sup> ‘agradar’; ‘causar alegria’. || IP3 [xvi/cbnp/414.92rc1.1-13]: Aluos er quero dizer *que* faredes | poys *que* uos la mal ey de *conselhar* | poys *per* hy mays cuydades acabar | assifaze de como uos fazedes | fazede bẽ senpre *aquem* uos mal fez | e matade mĩ *senhor* pois uos **praz** | e nũca uos molhor mouro matedes. || IPP3 [xvi/cbnp/1629.348rc1.1-10]: Hu meu de burgos parti | Logadeus mencomēdey | E loga el **prougassy** | *Que* hũũ Infaçõ achey | E tanto me cõuydou | *Que* ouuha iantar logy | Cõ el mal *que* vi pesou. || CF3 [xvi/cbnp/1440.299vc1.1-1]: Meu senhor se uos a **prouguer** | Comendador da demi mha molher | E seuola en outra uez arder | Demi deus muyta de maa uẽtura | Somendador da demi mha molher | *Que* uos dey e fazede mesura.

**preçar** – v. (< lat. *pretiare*)<sup>mg.</sup> ‘apreciar’; ‘estimar’; ‘prezar’. || INF [xvi/cbnp/915.197rc1.1-3]: En muyto andando che guey alogar | Hu lealdade nen manha nen Sem | Nen crerezia non ueio **preçar** | Nen podomi de senhor gaar irem | Se non loar quanto lhy uir ffazer | E lou sinar e rem nem lhi dizer | Pero lhi ueia os al Se mear.

**prẽder** → prender.

**pregunt[ar]** → **pregũtar**.

**pregũtar** ~ **pregunt[ar]** – v. (< lat. *praecutare*, de *percontari*)<sup>g.</sup> → rresponder. ‘interrogar’; ‘inquirir’.

|| INF [xvi/cbnp/871.185rc1.1-3]: Porqueno mũdo mengou a uerdade | punhey hũ dia dea hyr buscar | e hu por ela fuy **pregũtar** | diserõ lodes alhurla buscade | cadẽ tal *guisa* se for aperder | *que* nũo podemos ã nouas auer | nẽ ia nũo anda na yr maydade. || IPP1 [xvi/cbnp/368.84rc1.1-1]:

**Preguntey** hũa don en como uos direy | Senhor filhastes orden et ia por en chorey | Ela enton me disse eu nũo uos negarey | De comeu filhes ordem assy *deus* me perdom | Fez mha filhar mha mader mays o *que* lhe farey | Tragerlhy eu os panos mays non coracon. IPP5

[xvi/cbnp/416.92rc2.1-8]: Afonso sanchez uos **pregũtades** | equerouos eu fazer sabedor | eu trobo etrobey pola melhor | das *que* *deus* fey estobẽ ora *des* | esta decuraçõ nũo me salrra | eatẽde rei seu ben semhofara | euos alde mĩ saber nũo querrades.

**prender** ~ **prẽder** – v. (< lat. *prehendere*)<sup>cl.</sup> ‘aprisionar’; ‘capturar’. || INF

[xvi/cbnp/143.36rc1.1-13]: E diz *que* uyo hũu judeu *que* uyo **prender** | *nostro* senhor eaueredes hi grã saborseuolo | cõtar cuydomeu diz *que* he iudeu pastor | natural de rrocador e *que* ha nome dona | dreu. [xvi/cbnp/172.43vc2.1-4]: Pois boas donas som desẽparadas | enulho *homem* nũo nas *quer* defender | nonas *quereu* leixar estar *quedadas* | mays *querem* duas *perforça* **prẽder** | outres ou quatro quaaes mẽ escolher | pois nũo aui ia *per* quẽ seiam uengadas | netas de Conde *quereu* cometer | *que* me seram mais pouca coomhadas. || IPP3

[xvi/cbnp/1489.321rc1.1-2]:

Eluyra lopez aqui nõtro dia | Se *deus* mi ualha **prende**u hũ caiõ |



Deytou na casa sigo hun peon |  
Essa mueta e quãto tragia | *Pos*  
cabo dessy e adormeceu | E o  
peon leuãtousse fodeu | E nũca ar  
sõbe de cõtrahu sua.  
[xvi/cbnp/1323.283vc1.1-30]: E  
no seu liuro per que a **prendeo** |  
Astrologia logi prometeo | Que  
nunca per el mays estadaria.

**prestar** – v. (< lat. *praestare*)<sup>h</sup>. ‘render’;  
‘ser proveitoso’. || INF  
[xvi/cbnp/1505.315rc1.1-19]: E  
pesamende par *santa maria* |  
Deste seu mal camĩ dizẽ *que* nõ |  
Pode guarir sẽ maestresunhõ | O  
nõ guarrisse maysuos endiria |  
Jalhi non pode nulha rẽ **prestar** |  
Selho *maestre* non auenturar | O  
corpo caxamui grã maloutia.

**profacar** ~ **posfaç[ar]** – v. (< lat.  
*postfaciare*)<sup>g</sup>. ‘caluniar’;  
‘maldizer’. || INF  
[xvi/cbnp/886.188rc1.1-16]: De  
**profacar** as gẽntes sandias | nõ  
auedes *porqueuos* embargar | nõ  
por *que* filhardes ã uos pesar | cao  
nõ dizẽ senõ cõ *perfia* dizedemora  
| se *deus* uos *perdom* quanto  
naçestes uos / Anta sazõ *que* em  
car nõ *deus* ã *santa* | *Maria*. || IP3  
[xvi/cbnp/144.36vc1.1-24]: Paay  
soarez denhũ por razõ de poiar | ja  
ovilãao grodõ de si **posface** | del  
*quem quisser*.

**promet[er]** – v. (< lat. *promittere*)<sup>g</sup>.  
‘obrigar(-se)’. || IPP3  
[xvi/cbnp/1323.283vc1.1-31]: E  
no seu liuro per que a *prendeo* |  
Astrologia logi **prometeo** | Que  
nunca per el mays estadaria.

**prouar** – v. (< lat. *probare*)<sup>g</sup>.  
‘experimentar’. || INF  
[xvi/cbnp/480.107rc2.1-37]: E  
direyuos hũu Recado | Pecado Iaia  
mei podẽganar | *que* me faca ia  
ffalar | En armas ca nõ me dado |  
do ado me deas eu rrazõar | pois  
las nõ ay a **prouar** ante *querandir*  
| *Sinlheyro* ehir com *mercaddeyro*  
| algũa terra buscar | hu me nõ

possam *culpar* / Alacra negro nõ  
ueiro.

**[provar]** → prouar.

**punh[ar]** – v. (< lat. *pugnare*)<sup>mg</sup>.  
‘esforçar-se’. || IPP1  
[xvi/cbnp/871.185rc1.1-2]:  
*Porqueno* mũdo mengou a  
*uerdade* | **punhey** hũ dia dea hyr  
buscar | e hu por ela fuy *pregũtar* |  
*diserõ* lodes alhurla *buscade* | cadẽ  
tal *guisa* se for *aperder* | *que* nõ  
*podemos* ã nouas *auer* | nõ ia nõ  
anda na yr *maydade*. IPP5  
[xvi/cbnp/466.103rc1.1-22]: Por  
que uos todos amassem *sempre* |  
vos muito **punhastes** | Bõos talhas  
en espanha metestes | Poys hi  
*chegastes* | E *quasse* cõuosco  
filhou *sempre* / uos del  
*gaanhastes*.

## Q

**quedar** ~ **gued[ar]** – v. (< lat.  
*quietare*)<sup>cl</sup>. ‘deter’; ‘parar’;  
‘permanecer’; ‘cessar’. || INF  
[xvi/cbnp/1517.317vc2.1-17]: As  
sas mĩguas maas sõ de pagar |  
Mays quẽ lhas *poderia* ia cobrar |  
Nõ uolas *quero* de mays lõgi cotar  
| Senõ da guerra como *perdeu* hy |  
Senhor parẽtes *uerdade* **quedar** |  
Nõ lhi podẽ esta nõ ssey nõ ssey. ||  
IPP3 [xvi/cbnp/1318.282rc2.1-8]:  
Comel **guedou** de frio et defame |  
Este mouro poilo ten en poder |  
Maylo deuera guardar de foder |  
Poys com el *sempre* alberga e  
*come* / Ca *maestrali* uira per ssa  
Fe | Que ia daluar *rodrigiz* | Certe  
he que fode moro como fode  
*outromẽ*. IPP6  
[xvi/cbnp/1453.302vc1.1-24]: Pero  
coma mui grã gente | A seer

muytas uezes | Vos am a derrobar  
| Mays sempre uos auedes a  
Trobar | E elles ãmays a en  
fraquecer | Pero non **quedaram** |  
De uos ferir de todas partes |  
Mays | Moyrerã en vosso poder.

**queimar** ~ **queymar** – v. (< lat.  
\**caimare*, por *cremare*)<sup>h</sup>. ‘destruir  
pelo fogo’; ‘incinerar’. || INF  
[xvi/cbnp/1543.322vc2.1-4]:  
Joham fernandiz *quer* guerreyar |  
E nõ *quer* uinhas alheas talhar |  
Mays *quer* **queymar** | Ca lhi foy  
**queimar** | Ê sa natura ia hunha  
uegada | E nõ *quer* uinhas alheas  
talhar | *Pero* o tẽ a mays da sua  
talhada. [xvi/cbnp/1300.273vc1.1-  
17]: Se nõ de cabo nõ for  
rrechãtada | Nẽ hũ *proueyto* nõ  
poden *dauer* / Ca *per* a ly *peru* a  
fez *creer* | Ja endo nẽbr *esta pera*  
*ssecar* | E mays *valiria ia pera*  
**queymar** | *Que* de *iazar* como jaz  
mal parada.

**queixar** ~ **queyxar(-se)** – v. (< lat.  
\**quassiare*, este do lat.  
*quassare*)<sup>cl</sup>. ‘lamentar’;  
‘reclamar’. || INF  
[xvi/cbnp/478.105vc2.1-1]: Ioham  
rodriguiz ueio uos **queixar**.  
[xvi/cbnp/1312.280vc2.1-3]: Ruy  
goucaluys *pero uos* *Agraece* |  
Por *que uos toanou* em uoso  
cantar | Iohanne anes uegeu el  
**queyxar** | De qual deosto lhy  
deuos eecrece | hu lly fostes *trobar*  
de mal dizes | Em tal guysa *queue*  
bem pode entender | Quen *quer*  
omal *que alho parece*. || IP1  
[xvi/cbnp/414.92rc1.1-16]:  
Canãley homẽ *que* se mal nõ  
*queyxe* | *doque* meu **queyxo** *dauer*  
*sempre* mal | por ã digueu cõ  
*quem* coyta mortal | *aquel que* uos  
filhou nõca uosleixe | e moyra eu  
por uos come arazõ | e poys ficar  
des cõ el desentõ | cocaruos edes  
cõ A mãado peixe. IP3  
[xvi/cbnp/1313.281rc1.1-5]:  
Disogel Rey pois dom foao

maysual | Seendo poure ogran  
bem fazer | Que lheu fiz senpre  
ofaz en sandecer | Semel Ren que  
meos amigos ental | Que me  
**queyxa** ia mal malhy farey |  
Padecer e desen sandece ley. ||  
IPP3 [xvi/cbnp/1537.321vc1.1-  
15]: A *quel* rapaz *quelho* rocin  
leuou | Selhi leuassa mua *quelhi*  
ficou | A Johã bolo comosse  
**queixou** | Nõ sse *queixar*andamdo  
pela rua | Mays o rapaz *por* mal  
*que* lhi cuydou | Levoulho rocin e  
leixou lha mua. || CP3  
[xvi/cbnp/414.92rc1.1-15]:

Canãley homẽ *que* se mal nõ  
**queyxe** | *doque* meu *queyxo* *dauer*  
*sempre* mal | por ã digueu cõ  
*quem* coyta mortal | *aquel que* uos  
filhou nõca uosleixe | e moyra eu  
por uos come arazõ | e poys ficar  
des cõ el desentõ | cocaruos edes  
cõ A mãado peixe. || IN5  
[xvi/cbnp/1573.331rc1.1-13]: *Pero*  
*danbroa uos nõ moyredes dizer* |  
*cantar esto creede* bem | senõ  
*diquestes bõos que* uos fazedes |  
*Ante digo dos que faz* *trobador* |  
*que* *troba* bem e a coita *damor* | e  
uos poresto nõ me uos **queyxedes**.  
|| G [xvi/cbnp/488.109rc1.1-1]:  
*Citola vi andar sse* **quey xando** |  
*de quelhi non dam* ssas *quitacoes* |  
Mays des *que* oy ben ssas Razoes  
| enaconta foy mentes parando |  
logo tentey *que* nõ dissera Rem |  
aera ia *quite* de todo bẽ poren | faz  
mal dandar ssa ssy **queyxando**.

**querelar(-se)** ~ **querellar(-se)** – v. (<  
talvez do it. *querelare*)<sup>mf</sup>.  
‘queixar-se’. || INF  
[xvi/cbnp/966.209rc1.1-2]: Meu  
senhor Rey de castela | Venhome  
uos **querelar** | Eu amey hunha  
donzela | Por que mouistes *trobar*  
| E con quen se foy casar | Por  
quanteu dela ben dixi | *Quer* mora  
por en matar.  
[xvi/cbnp/1316.281rc2.1-2]:  
Martim gil hun homem uil | Se

quer de uos **querellar** | Queo mandastes atar | Cruamête ahum esteo | Dandolha coutes ben uil | E aquesto martigil | Parece atodos muy feo. || IPP3 [xvi/cbnp/1508.315vc1.1-1]: Senhor don Anssur se uos **querelou** | Por couces muytos *que* lhi for dar | Mays por *deus* mandadora iustiçar | Porendaquel *que* os couces leouo | Cao foy ferir hũ home mui uil | Mays por hun couce den ora aqui mil | A don anssur poys gram torto tomou.

**querellar(-se)** → **querelar(-se)**.

**querer** – v. (< lat. *querere*)<sup>cl.</sup> ‘ter intenção’; ‘pretender’; ‘desejar que algo ou alguém esteja em determinada posição’. || INF [xvi/cbnp/1300.273rc2.1-4]: Dũa grã uinha *que* tẽ ã valada | Aluar rrodig *muito* nõ podauer *prol* | Vedes por *que* ca el nõ cura sol | Dea **querer** *per* sseu tẽpo cauar | E a mays dela iaz por adubar | Pero *que* tẽ amourisca podada. || IP1 [xvi/cbnp/106.27vc1.1-10]: Por *que* a donzela nõca verey | meus amigos en quãto eu ia viver / por esso **quereu** mui grã ben *querer* | a esta dona ã *que* uos faley | *que* me semelha a dõzela *que* vy | e A dona *seruirey* des aquy | pola donzela *que* eu muyto amey. [xvi/cbnp/480.107rc2.1-23]: Nen de lançar ataulado pagado | Nõ ssõ se *deus* mãpar adeo nõ deba ffordar | Eandar de noide armado ssen grado | offaco razolda | Camais me pago domar | *que* de sseer caualrõ | ca eu foy ia marmheyo | **Equero** moy mais *guardar* | do alacra e tornar ao *que* me ffoy *primeiro*. IP3 [xvi/cbnp/104.27rc2.1-5]: Ogan en muy menta | dise do m martim gil | uiuen muy gram tormenta | dona oraca bril | per como **aquer** cassar seu pay | eaquem lho en menta

cedo moyra nossa | e a ella sese conchora uay. IP4 [xvi/cbnp/465.102vc1.1-4]: Hũa preguntar *quer* ael Rey fazer | Quesse sol ben eaposto uistir | Por que foi el pequena ueira trager | veerlh an bom pan **equeremos** riir | Eu egoncalo *martiiz* que he | home muit aposto *per* bõa fe | E ar *quereloemos* en cousir. IP5 [xvi/cbnp/466.103rc1.1-35]: E poys que uossa fazenda | Teedes ben alumeada | O **queredes** ben amiga | fremosa e ben talhada | Non facades dela capa | Ca non e cousa *guisada*. IP6 [xvi/cbnp/172.43vc2.1-7]: Pois boas donas som desẽparadas | enulho *homem* nõ nas *quer* defender | nonas *quereu* leixar estar *quedadas* | mays **querem** duas *perforça* prẽder | outres ou quatro quaaes mẽ escolher | pois nõ aui ia *per* quẽ seiam uengadas | netas de Conde *quereu* cometer | que me seram mais pouca coomhadas. || IPP1 [xvi/cbnp/106.27vc1.1-1]: Huã donzela **quig** eu muy gran bẽ | Meus Amigos Assy *deus* me *perdom* | eora ia este meu coraçõ | Anda *perduto* e fora desem | por hũa dona seme valha *deus* | que depoy uiro estes olhes *meus* / que mha semelha mui mays doutra itẽ. [xvi/cbnp/458.101rc2.1-4]: Achey Sanchans encaual gada | E dixe por ela cousa *guisada* | Ca nunca ui dona *peyor* talhada | E **quige** iurar que era mostea | E via caualgar *per* ãa aldeya | E *quige* iurar que era mostea. || IPI3 [xvi/cbnp/490.109rc2.1-1]: Comeu en dia de pascoa **quer ia** bẽ comer | Assy **queria** bõ Som ligurey de dizer | *pera* meestre johã. || IP+1 [xvi/cbnp/484.108rc1.1-15]: **Quiserameu** fogir logodali | E nõ uos foramuy sem rrazõ | Cõmedo de morrer e cõ al nõ | Mais nõ

pudi tã grã coita soffrer | E dixẽ  
 logẽ tõ *deus* meu *senhor* / Esta  
 paixõ ssoffro *por* teu amor | Pola  
 tua *que* soffesti por mi. || IF4  
 [xvi/cbnp/465.102vc1.1-4]: Hũa  
 preguntar *quer* ael Rey fazer |  
 Quesse sol ben eaposto uistir | Por  
 que foi el *pequena* ueira trager |  
 veerlh an bom pan equeremos riir  
 | Eu egoncalo *martiiz* que he |  
 home muit aposto *per* bõa fe | E ar  
**quereloemos** en cousir. || CP3  
 [xvi/cbnp/489.109rc1.1-12]: E  
 pero ssea *quiserdes* teer nõna te |  
 mha *des* per Rem antelrey edirem  
 | sora por *que* o ey por *que* nõca  
 uolo uei | fazer *que* uolo nõ ueia  
 teer assy | *que* pero uos el Rey  
**queira** | dessi ben uingar non a en  
 do poder. CP6  
 [xvi/cbnp/144.36rc2.1-8]: Maram  
 soarez nõ posseu osmar | *que*  
 nolas gentes **querã** consentir  
 denos tal | homẽ fazermos porar ã  
 rograria ca hu | for pedir algũ  
 uerao vilãser *triste* roso | e torpe  
 sã saber e auerssa denos e del tiir.  
 || CF5 [xvi/cbnp/489.109rc1.1-8]:  
 E pero ssea **quiserdes** teer nõna te  
 | mha *des* per Rem antelrey  
 edirem | sora por *que* o ey por *que*  
 nõca uolo uei | fazer *que* uolo nõ  
 ueia teer assy | *que* pero uos el  
 Rey *queira* | dessi ben uingar non  
 a en do poder.

**queymar** → queimar.

**queyxar(-se)** → queixar(-se).

**quit[ar]** – v. (< fr. *quitter*, do lat.  
*quietare*)<sup>mg</sup>. ‘separar’; ‘afastar’. ||  
 IP3 [xvi/cbnp/78.21vc1.1-9]:  
 Muyte *contra* mi pecador | el Rey  
 forte sã amor | *por que* me **quita**  
 do sabor | e grande sabor de  
 guarir | e Semeu da *Marinha*  
*partir*.

# R

**rabei[ar] ~ rrabei[ar]** – v. (< *rabo* + -  
*ei*ar > *-ejar*)<sup>cl</sup>. ‘mexer o quadril,  
 fazendo movimentos similares ao  
 rabo de um animal’. || IP3  
 [xvi/cbnp/446.97vc2.1-12]: E dom  
 fer nã furado da*quel* muu | cree de  
 bem *que* era eu pagado | senõ *que*  
 ten oaluaraz ficado fernã | furado  
 no olho docuu e cacurre | ueio *que*  
**rrabeia** e tem espũlha | de carne  
 sobeia fernã furado | noolho do  
 cuu. || CPI3  
 [xvi/cbnp/457.101rc1.1-8]: Hũu  
 galguilio uil | Que hũu lebor demil  
 | Non ffilhasse | Mays **rabei**asse e  
 ladrasse.

**[razoar]** → rrazõar.

**rebe[n]t[ar]** – v. (< talvez do lat.  
*\*repentare*)<sup>cl</sup>. ‘explodir’. || IP2  
 [xvi/cbnp/1617.345rc2.1-15]:  
*Marinha* ende folegares | Tenho  
 eu por desaguysado | E soon muy  
 marauilhado | De ti por nõ  
 rebentares | Cache tapo eu *aquesta*  
 minha boca | *Marinha* Todestes |  
 Narizes meus | Tapo eu *marinha*  
 os Teus | E das mãos as orelhas|  
 os olhos dos sobrẽcelhas| Tapot  
 aoprimeyro sono | Damha pissa o  
 teu cono | E mio nõ ueia nẽgũu | E  
 dos colhões no cũu | E como nõ  
**rebe[n]tas** *marinha*. || INFL2  
 [xvi/cbnp/1617.345rc2.1-4]:  
*Marinha* ende folegares | Tenho  
 eu por desaguysado | E soon muy  
 marauilhado | De ti por nõ  
**rebe[n]tares** | Cache tapo eu  
*aquesta* minha boca | *Marinha*  
 Todestes | Narizes meus | Tapo eu  
*marinha* os Teus | E das mãos as  
 orelhas| os olhos dos sobrẽcelhas|  
 Tapot aoprimeyro sono | Damha  
 pissa o teu cono | E mio nõ ueia

nêgũu | E dos colhões no cũu | E  
como nõ rebentas marinha.

**receber** – v. (< lat. *recipere*)<sup>m</sup>. ‘obter’;  
‘passar a ter’. || INF  
[xvi/cbnp/403.90rc1.1-11]: Meen  
rrodriguiz muy sen meu prazer /  
afarey uoscassy deus me perdom |  
cavos auey de chamarco chõ |  
poys *que* en apunhada **receber** |  
desy trobar uos ey muy mal assaz  
| i atal entêcõ se auez *praz* | afarey  
uosco muy sem meu *prazer*.

**reger** – v. (< lat. *regere*)<sup>m</sup>. ‘conduzir’;  
‘guiar’. || INF  
[xvi/cbnp/896.192vc2.1-44]: Todo  
bem **reger** | Paz cortesia | Solaz  
que auia | Fremoso poder |  
Quandalegera | Veuya | No munde  
fazia | Muytalgue *prazer* | Feysse  
ssa uya | E dizia | Cadadia | Ey de  
falecer.

[**remeter**] → rremet[er].

**renũc[ar]** – v. (< lat. *renuntiare*)<sup>g</sup>.  
‘renunciar’; ‘recusar’; ‘abdicar’. ||  
C3 [xvi/cbnp/1323.283vc1.1-15]:  
E ia degrado el **renũcaria** | Las  
ordys *per* quanteu ey *apriso* | Por  
lhe non seer sen mester defeso |  
Nen er ficar en tanta peioria |  
Como ficar por deuaneador |  
Coroado e do que he peor | Perder  
aprol do mester *que* auia.

[**renunciar**] → renũcar.

[**respond[er]**] → rresponder.

**retadar** – v. (< lat. *retardare*)<sup>h</sup>.  
‘protelar’; ‘adiar’. || INF  
[xvi/cbnp/403.90rc1.1-25]: Meen  
rrodriguiz *quereym* enparar se | se  
deus me ualha como uos dyrey |  
coteyfe noioso uos chamarey |  
poys *que* eu apunhada **retadar** |  
desy direy pois soaz couces for |  
lexademora *por* *nostro* *senhor* / ca  
asy se sol meu padra enparar.

[**retardar**] → retadar.

**reuolu[er]** – v. (< lat. *revolvere*)<sup>h</sup>.  
‘revirar’; ‘movimentar’. || G  
[xvi/cbnp/374.85rc2.1-1]: Dejeu as  
jentes andar **reuoluendo** | E  
mudando aginha os corações | Do

que põe aiure sy ay uaroes | E  
iameu aquesto uou aprendendo |  
Cora cedo mais appenderey |  
Aquẽ *poser* *preyto* *mentrilhoey* | E  
asy yrey melhor guarecendo.

[**revolver**] → reuolu[er].

**reytar** ~ **rretar** – v. (< etimologia  
obscura, talvez do lat. *retaliare*,  
com aplicação das regras  
metaplasmas históricas do  
português). ‘retaliar’; ‘exercer  
represália’. || INF  
[xvi/cbnp/1315.281rc2.1-7]: Vos  
dom iosep venho eu *preguntar* |  
Poys pelos uossos judeus  
talhadores | vos he calhada  
agrades emcores | Quanto inda  
hun judeu adedar | Per qual fazem  
dom feham judeu | A que ia talha  
foy posto nosseu | Seseu ssa  
sempre deusco **reytar**.  
[xvi/cbnp/485.108rc2.1-25]: E  
pois nõ a quẽ no poren **rretar** |  
*queyra* seera oy mais *por* mĩ  
rretado.

**riir(-se)** – v. (< lat. *ridere*)<sup>mg</sup>. ‘sorrir’. ||  
INF [xvi/cbnp/465.102vc1.1-4]:  
Hũa *preguntar* *quer* ael Rey fazer |  
Quesse sol ben eaposto uistir | Por  
que foi el *pequena* ueira trager |  
veerlh an bom pan *equeremos* **riir**  
| Eu egoncalo *martiiz* que he |  
home muit aposto *per* bõa fe | E ar  
querelemos en cousir. || IPP3  
[xvi/cbnp/1346.288rc2.1-3]: Sela  
aleyuosa en mao dia tem | Por teu  
cantar ia Rodrigo perdi | **Riiussel**  
Rey emha esposa demĩ | Leixar te  
quero mha sela poren | E hirey  
enouso e baratarey bem.

[**rir**] → riir(-se).

**rogar** ~ **rrog[ar]** – v. (< lat. *rogare*)<sup>g</sup>.  
‘suplicar’; ‘implorar’. || INF  
[xvi/cbnp/144.36rc2.1-1]: Ay paay  
soarez uenhouos **rogar** | por hũ  
meu homem *que* nõ *quer* *seruir* |  
*queo* *façamos* mi e uos lograr ã  
guisa *que* / possa *per* hy *guarir*  
*pero* seranos graue de | fazer ca el  
nõ sabe cantar ã dizer *rẽ* *per* /

*que se pague del queno uir.* || IP1 [xvi/cbnp/471.104vc2.1-26]: E por esto e grande mha nomeada | Ca non foy tal quesse migo falhasse | Que eu en mui bem non castigasse | Ca sempre fui temuda e dultada | E **rogouos** que me non affiquedes | Daquesto mais ide massy soffrido | Se hũa uez assanhar me fazedes | Saberedes quaes peras eu uendo. [xvi/cbnp/612.135rc1.1-19]: Todos uos dizẽ senhor cõ ãueia | *Que* dessamedes elles emi nõ | Por *deus* uos **rrogo** *que* esto nom seia | Nẽ ffaçades coussa tãsen rrazõ | Amades uos *queuos* mays desseia | E bem creede *que* elles todos ssom | Esse uos eu *quero* bẽ de corazõ | Leuẽme *des* a terra huos nõ ueia. || IPI3 [xvi/cbnp/471.104vc1.1-1]: Por que lhy **rogaua** que perdoasse | Pero danbroa que o non matasse | Nen fosse contra el desmesurada | E dissela por *deus* nõ me roguedes | Ca direyuos de min o que y entendo | Se hũa uez assanhar me fazedes | Saberedes quaes peras eu uendo. || IN5 [xvi/cbnp/471.104vc1.1-4]: Por que lhy rogaua que perdoasse | Pero danbroa que o non matasse | Nen fosse contra el desmesurada | E dissela por *deus* nõ me **roguedes** | Ca direyuos de min o que y entendo | Se hũa uez assanhar me fazedes | Saberedes quaes peras eu uendo.

**[rog[ir]** – v. (< lat. *rugire*)<sup>h</sup>. ‘urrar’; ‘bramir’; ‘produzir som estrepidoso’. || G [xvi/cbnp/1445.300vc1.1-16]: Meu senhor *queuos* semelha | Do *que* xeuo scapa pilha | E uos anda na orelha | **Rogido** cõme abe souro | Roy gomez de telha | Traio oure o mouro.

**[roubar]** → rroubar.

**rrabej[ar]** → rabei[ar].

**rrazõar** – v. (< *rrazõ* [> *razão*] + *-ar*)<sup>mf</sup>. ‘ponderar’; ‘usar a razão’. || INF [xvi/cbnp/480.107rc2.1-36]: E direyuos hũu Recado | Pecado Iaia mei podẽganar | *que* me faca ia ffalar | En armas ca nõ me dado | do ado me deas eu **rrazõar** | pois las nõ ay a *prouar* ante *querandir* | Sinlheyro ehir com mercaddeyro | algũa terra buscar | hu me nõ possam culpar / Alacra negro nõ ueiro.

**rremet[er]** – v. (< lat. *remittere*)<sup>cl</sup>. ‘reenviar’. || IP3 [xvi/cbnp/491.109vc1.1-1]: O genete poys **rremete** seu | alfaraz corredor estremece e esmorece | o coyteffe com paur.

**rresponder** ~ **respond[er]** – v. (< lat. *respondere*)<sup>g</sup>. → pregũtar. ‘dizer algo em relação a uma pergunta’. || INF [xvi/cbnp/416.92vc1.1-23]: Afonso sanchez pois nõ entendedes | equal guysauos en fuy **rresponder** | A mĩ emculpa nõ deuẽ poer | mais auos seo saber nõ podedes | eu trobo pola *que* mẽ poder tem | euẽce tadas deparecer bem | pois uuahẽ amõ como dizedes. || IP5 [xvi/cbnp/416.92vc1.1-15]: Uaasco *martis* uos nõ **rrespondedes** | nõ et entendo asi ueja prazer | *per que* troba *des que* ouuy dizer / e *que* aquela *per que* trobadauedes | e *que* amastes uos mais doutra rrem | *que* uos morreo Agrã tenpaporem | pola mora trobar non deuades. || IPP3 [xvi/cbnp/493.110rc1.1-4]: Ao dayã de calez euachei | liures quelhi leuariã de berger | e o *queos* tragia pregũtey | por elles e **Respondeu** mel Senher | con estes liuros que uos ueedes dous | eco uos outros *que* ele ten dos ssous | ffodel per eles quãto foder quer.

**rretar** → reytar.

**rrog[ar]** → rogar.

**rroubar** – v. (< lat. *raubare*, do germ. *raubon*, ‘saquear’)<sup>cl.</sup> ‘furtar’; ‘apropriar-se de bens alheios’. || INF [xvi/cbnp/145/496.37rc1.1-34]: O que rroubou os | Mouros mal ditos cassa terra | foi **rroubar** cabritos nõ uẽ al mayo. || IP6 [xvi/cbnp/887.188rc2.1-13]: Canõ leyxam spital nõ egleſia | romeu nõ dona nõ ome fidalgo | nõ omẽ fidalgo nõ homẽ | dondẽ por bõo *que* será | *que* nõ desonrrẽ por leuar del aga | forcã molheres e **roubã** caminha | e nõ demẽ nõ. || IPP3 [xvi/cbnp/145/496.37rc1.1-32]: O que **rroubou** os | Mouros mal ditos cassa terra | foi rroubar cabritos nõ uẽ al mayo.

[**rugir**] → rog[ir].

## S

**saber** ~ **ssab[er]** – v. (< lat. *sapere*)<sup>h.</sup> ‘conhecer’; ‘estar informado’. || INF [xvi/cbnp/144.36rc2/1-11]: Maram soarez nõ poseu osmar | *que* nolas gentes *querã* consentir denos tal | homẽ fazermos porar ã rograria ca hu | for pedir algũ uerao vilãser triste roso | e torpe sã **saber** e auerssa denos e del tiir. || IP1 [xvi/cbnp/104.27rc2.1-9]: E disse em muymẽta como uos direi | ela uiuem tormẽta segũdo eu **sei** | per como a *quer* casar seu pay | e a *quẽ* lho ãmẽta cedoo mate el Rey | eaela ssese cõ chora uay. [xvi/cbnp/143.36rc1.1-2]: Pero non fuy a ultra mar | muyto **sey** eu a terra bem | per soeyreanes *que* ã uem | segũdo lheu oy cõtar | diz *que* marcelha iaz alem | domar eAcre iaz aquem | e pom ror tes loguy arar. IP3 [xvi/cbnp/493.110rc1.1-19]: Ca nõ

a mais naarte do foder | do *que* uos liuros *que* el tem iaz | eel atal sabor deos leer | *que* nõca noite nõ dia al faz | **Essabedarte** do foder tam bem | *que* cõ vos seus liuros dartes | *que* el tem fodel as mouras cada *que* lhipraz. || IPP5 [xvi/cbnp/916.197rc2.1-7]:

Maestra çenço dereyto faria | ElRey deuos dar muy bon soldada | Porque fezeſtes hũa caualgada | Sem seu mandada roda noutro dya | Sem sa ajuda et sem seu **dinheiro** | Fostes ala matar hun caualeyro | Por *que* **soubestes** *que* o desseruya. || IF5

[xvi/cbnp/471.104vc1.1-7]: Por *que* lhy rogaua *que* perdoasse | Pero danbroa *que* o non matasse | Nen fosse contra el desmesurada | E dissela por **deus** nõ me rogedes | Ca direyuos de min o *que* y entendo | Se hũa uez assanhar me fazedes | **Saberedes** quaes peras eu uendo. || CPI3 [xvi/cbnp/471.104vc1.1-7]: Assy como *queria* comer | *que* me **soubesse** bem assy *queria* bõ Som | de Seculorum amẽ | pera Mestre johã.

**sacar** – v. (< gót. *sakan*)<sup>g.</sup> ‘extrair’; ‘arrebatar’. || INF

[xvi/cbnp/1477.309vc2.1-48]: Ofereceu trãcos ao Conde | Roy bezerro | falou ãton don soeyro | Per **sacar** seu filho deiro | Non potest filia mea | Sine patre suo facere quidquam | Saluos son os Traydores | Poys ben ysopados ficam. || IP3

[xvi/cbnp/493.110rc2.1-28]: E mais nos contarey desseu Saber | *que* cõ nos liuros *que* el temfaz | Mandaos outrossy todas trager | e pois *que* fode per eles assaz | sa molher acha *que* odemo tem | Assya fode per arte e per ssem | *que* **saca** dela odemo maluas. || CF3 [xvi/cbnp/1364.291vc2.1-6]: Con alguen e qui lopo desfiado |

A meu cuydar calhi uyron trager |  
 Hun citolon muy grande  
 sobarcado | Con que el sol muyto  
 mal a fazer | E poylo ora assy  
 uyron andar | Non mi creades seo  
 non **sacar** | Contra alguen quefoy  
 mal dia nado.

**sa[ir]** → sayr.

**sal[ir]** → sayr.

**saluar** – v. (< lat. *salvare*)<sup>mg.</sup> ‘livrar’;  
 ‘resgatar’. || INF

[xvi/cbnp/465.102vc1.1-15]:

Senhor mui ben meus fostes  
**saluar** | de penaueira que trager  
 uos ui | E poys deuos aqueredes  
 deitar | Se me creuerdes faredes  
 assi | Mandade loguest enom aia  
 hi al | Dota loguen hũu muradal |  
 Ca peyior pena nũca desta ui. ||

IF1 [xvi/cbnp/465.102vc1.1-12]:

Garcia perez uos ben cosecer |  
 podedes nũca deprã foi falquir |  
 Enquerer en pena ueira trager |  
 Velha en corte nẽ na sol cobrir |  
 Pero de tanto bem a **saluarey** |  
 Nunca fuy dela en corte paguey |  
 mais ostas guerras nos fazẽ bulir.

**sanar** – v. (< lat. *sanare*)<sup>m.</sup> ‘curar’;  
 ‘tornar sãõ’. || INF

[xvi/cbnp/915.197rc1.1-15]:

Mentraly foy tal Som nã uya  
**Sanar** | Muytas uezes eno sonho  
 ui *quer* / Vi abubela a czeca filhar  
 | E abubela *crista* que tem | E a  
 cerzeca que quer dizer | Ou como  
 pade bubela prender | Este sonho  
 que non pode Soltar.

**sangrar** – v. (< cast. *sangrar*, este do  
 lat. *saguinare*)<sup>m.</sup> ‘verter sangue’.

|| INF [xvi/cbnp/1330.284vc2.1-  
 6]: Huu sangrador de leira | Me

sangou esco myo dya | E vedes  
 que me fazia | Indou sancta ay  
 auea | Foy me no cuu apalpar | Al  
 fodido hira **sangrar** | Sangrador  
 en tal logar.

**sayr** ~ **sa[ir]** ~ **sal[ir]** – v. (< lat.  
*salire*)<sup>mg.</sup> ‘passar do interior para o  
 exterior’. || INF

[xvi/cbnp/1467.307rc1.1-6]: A

dona muy de coracõ | Oyra ssa  
 missa entõ | E foy *por* oyr o  
 sarmon | E uedes *que* lho foy  
 partir | Ouue sigũ coruacaron | E  
 nã quis da casa **sayr**. || IPP6  
 [xvi/cbnp/1664.355vc2.1-3]: Johan  
 baueca e Pero danbroa |  
 Comecaron de fazer sa tencon | E  
**sayronsse** logo da razõ | Joã  
 baueca e Pero danbrõa | E por *que*  
 xa nã souberon seguyr | Nunca  
*quedaron* poys en departyr | Johã  
 baueca e Pero danbrõa. || IF3  
 [xvi/cbnp/416.92vc1.1-13]:

Afonso sanchez uos *pregũtades* |  
*equerouos* eu fazer sabedor | eu  
 trobo etrobey pola melhor | das  
*que* deus fey estobẽ ora *des* | esta  
 decuraçõ nã me **salrra** | eatẽde rei  
 seu ben semhofara | euos alde mĩ  
 saber nã querrades.  
 [xvi/cbnp/1572.331rc1.1-4]:

Cauos nã sedes damor tan forçado  
 | como dizedes nen uos ar  
 cõuendeo | seerdos nen ar e  
 guisado | *daqueste preyto sair* uos  
**aben** nẽno | *quyrades* uos muyto  
 seguir | ca damar donas nẽ deas  
*seruir* | nã saberedes uoiz hi dar  
 rrecado.

**[secar]** → ssecar.

**seelar** ~ **sel[ar]** – v. (< *sela* [este, do lat.  
*sella*] + *-ar*. Talvez o hiato nã  
 etimológico seja decorrente de  
 analogia a *seelar* ‘marcar com  
 selo’, do lat. *sigillare*). ‘colocar  
 assento em montaria’. || INF  
 [xvi/cbnp/1508.315vc1.1-11]: E  
 ssenhor nũca don anssur cuydou |  
 Seen do uos na terra eno logar |  
*Quelhos* couces nã mandassen  
 dobrar | Mays agora ia *quelho*  
**seelar** | E uos mandadelhos mil  
 couces dar | Ca bẽ os *aque* el os  
 outros deu | Os alcaydes mays  
 poys *que* uos achou. || IPP3  
 [xvi/cbnp/1508.315vc1.1-18]: E  
 ayras ueaz nono **selou** | E poys  
 sel ueo *querelar* assy | Caes mil



couces leuou ora daqui | Que diga  
poys cõmeu dereyto uou.

**seer** → ser.

**sel[ar]** → seclar.

**semear** – v. (< lat. *seminare*)<sup>g</sup>  
'produzir'; 'procriar'; 'engendrar'.  
|| INF [xvi/cbnp/915.197rc1.1-7]:  
En muyto andando che guey  
alogar | Hu lealdade nen manha  
nen Sem | Nen crerezia non ueio  
preçar | Nen podomi de senhor  
gaar irem | Se non loar quanto lhy  
uir ffazer | E lou sinar e rem nem  
lhi dizer | Pero lhi ueia os al **Se  
mear**.

**semelhar** – v. (< lat. *\*similiare* por  
*similare*)<sup>g</sup> 'parecer'; 'lembrar'. ||  
INF [xvi/cbnp/493.110rc2.1-35]:  
Econ todesto aynda faz al | cono  
liuros *que* tem per bõa fe | Se acha  
molher *que* aia mal | deste fogo  
*que* de ssam Marçal e | assy uai  
per foder ã cantar | *que* fodendo  
lhi ffaz bem | **Semelhar** *que* e  
geada ou neue nõ al. || IP3  
[xvi/cbnp/106.27vc1.1-7]: Huã  
donzela quig eu muy gran bẽ |  
Meus Amigos Assy *deus* me  
*perdom* | eora ia este meu coração |  
Anda *perduto* e fora desem | por  
hũa dona seme valha *deus* | que  
depoys uiro estes olhes *meus* / que  
mha **semelha** mui mays doutra  
itẽ. || IF3  
[xvi/cbnp/1553.324rc2.1-14]: Que  
amor tã pontoso se cuydades |  
Fazeruos a chorar seo gostades | E  
**semelharuos a** seo prouades |  
Amor dedon palayo de gordone |  
Ay amor amore de pero cantone.

**senti[ir]** – v. (< lat. *sentire*)<sup>g</sup> 'perceber  
sensorialmente, instintivamente  
ou corporalmente'. || IPP1  
[xvi/cbnp/480.107rc1.1-11]: Non  
me posso pagar tanto | do tanto  
das aues nẽ desseu ssom | Nẽ  
damor nẽ damicõ | Nẽ dar mas ca  
ey espanto | por *quanto* muy per  
igosas ssom | Come dũ brõ galeon  
| *que* mha lõgue muyta gya | Deste

demoda canpynha | huos alacraes  
ssom | Ca dentro no coração |  
**Senty** delles a espinha.

**ser** ~ **seer** ~ **sseer** – v. (< lat. *sedere* e  
lat. *esse*)<sup>mg</sup>. Machado Filho (2013,  
p. 585) registra que “por seu  
paradigma de conjugação fundar-  
se em dois verbos distintos do  
latim clássico, expressa, em  
algumas circunstâncias, não  
apenas o sentido de ‘ser’  
(originalmente de *esse*), mas os de  
‘estar’; ‘sentar-se’; ‘estar  
sentado’; ‘ficar’ (originalmente de  
*sedere*)”. || INF  
[xvi/cbnp/144.36rc2.1-10]: Maram  
soarez nõ possui osmar | *que*  
nolas gentes *querã* consentir  
denos tal | homẽ fazermos porar ã  
rograria ca hu | for pedir algũ  
uerao vilã**ser** triste roso | e torpe  
sẽ saber e auerssa denos e del tiir.  
[xvi/cbnp/1645.351rc2.1-11]: Pero  
cousa *que* eu bẽ sey | Nõ sabel  
muyto de Trobar | Mays en  
Todaqueste lugar | Nõ possui  
Trobador **seer** | Tã uẽturade hũa rẽ  
| Se algũ cantar faz alguẽ.  
[xvi/cbnp/480.107rc2.1-23]: Nen  
de lançar ataulado pagado | Nõ  
ssõo se *deus* mãpar adeo nẽ deba  
fordar | Eandar de noide armado  
ssen grado | offaco razolda |  
Camais me pago domar | *que* de  
**sseer** caualrõ | ca eu foy ia  
marmheyo | Equero moy mais  
*guardar* | do alacra e tornar ao *que*  
me ffoy *primeiro*. || IP1  
[xvi/cbnp/106.27vc1.1-15]: Por  
que da dona **sõ** eu sabedor | meus  
amigos assy veia *prazer* | *que*  
adonzela en seu *parecer*. IP3  
[xvi/cbnp/78.21vc1.1-7]: Muyte  
*contra* mi pecador | el Rey forte sã  
amor | *por que* me *quita* do sabor |  
e grande sabor de guarir | e  
Semeu da *Marinha* partir.  
[xvi/cbnp/106.27vc1.1-19]:  
semelha muyte porẽdey sabor |  
dea *seruir* pero *que* **he** meu mal |

Seruila ey enõ *seruirey* Al | por adonzela *que* foy mha senhor. IP5 [xvi/cbnp/466.103rc2.1-43]: E poys que **sodes** aposto | E fremoso caualeiro | Gardadeuos de seerdes | Escatimoso ponteyro | Ca dizen que baralhastes | Con johan colheiro.

[xvi/cbnp/1383bis.295vc2.1-2]: Dona Maria negra ben talhada | Dizem que **ssodes** demi namorada | Se meu ben queredes por *deus* amiga | Que moy sorrabedes | Se me ben queredes. IP6 [xvi/cbnp/480.107rc1.1-5]: Non me posso pagar tanto | do tanto das aues nẽ desseu **ssom** | Nẽ damor nẽ damicõ | Nẽ dar mas ca ey espanto | por *quanto* muy per igosas **ssom** | Come dũ brõ galeon | *que* mha lõgue muyta gya | Deste demoda canpynha | huos alacraes **ssom** | Ca dentro no coraçõ | Senty delles a espinha. || IPP1

[xvi/cbnp/480.107rc2.1-23]: Nen de lançar ataulado pagado | Nõ **ssõo** se *deus* mãpar adeo nẽ deba fordar | Eandar de noide armado **ssen** grado | offaco razolda | Camais me pago domar | *que* de sseer caualrõ | ca eu **foyy** ia marmheyo | Equero moy mais guardar | do alacra e tornar ao *que* me ffoyy **primeiro**. IPP3 [xvi/cbnp/106.27vc2.1-21]:

semelha muyte porẽdey sabor | dea *seruir* pero *que* he meu mal | Seruila ey enõ *seruirey* Al | por adonzela *que* **foyy** mha senhor. [xvi/cbnp/480.107rc2.1-25]: Nen de lançar ataulado pagado | Nõ **ssõo** se *deus* mãpar adeo nẽ deba fordar | Eandar de noide armado **ssen** grado | offaco razolda | Camais me pago domar | *que* de sseer caualrõ | ca eu ffoyy ia marmheyo | Equero moy mais guardar | do alacra e tornar ao *que* me **ffoy** **primeiro**. IPP5

[xvi/cbnp/142.35vc2.1-10]: Dos

*que* esas donas uistes | falarõnos rem damor | dizedeseas **consistes** *quantos* delas he melhor | nõ **fostes** concheçedor *quãdoas* nõ de *partistes*. || IPI6

[xvi/cbnp/142.35vc2.1-13]: Anbas erã nas melhores | *que* omẽ pode consir | brãcas **erã** come flores | mays por uos eu nõ mẽtir | nõ nas pudi *departir* tãto sam bõas *senhores*.

[xvi/cbnp/1612.341vc1.1-9]: Ficou ia adona muy bẽ andante / caalcaxom *quantos* Ali **siiam** | etodos dela muyto bem diziam | mays lopo lias este de costãte | como foy sem *pre* hũu gram iogador | *dasse* *que* uyra outra uez melhor | *quandera* moca em *terras* da *infançõ*. || IP+3

[xvi/cbnp/484.108rc1.1-15]: Quiserameu fogir logodali | E nõ uos **foramuy** sem rrazõ | Cõmedo de morrer e cõ al nõ | Mais nõ pudi tã grã coita soffrer | E dixee logẽ tõ *deus* meu *senhor* / Esta paixõ **ssoffro** *por* teu amor | Pola tua *que* **soffesti** por mi. || IF1

[xvi/cbnp/172.44rc1.1-19]: Se eu netas de conde sem seu *grado* | *tomar* etanto comeu uyuo for | nõca porem **serrey** desafiado | nõ pararey mha natura peyor | antes farey meu linhaiem melhor | *oque* ende de gueda mais bayxado | e ueeredes pois meu filho for | neto de gueda cõ conde **miscrado**. IF3 [xvi/cbnp/1616.345rc1.1-12]:

Perolhi *queyra* *fazer* *deus* | Dez tanto bẽ *deus* lhi fez | Ja nunca pode peyor prez | Auer per rẽ poren *por* *deus* | Como **sera** peyor *que* e | Quẽ peyor e *per* bõa fe | De *quantos* fez nẽ fara *deus*. IF5 [xvi/cbnp/1310.280rc2.1-14]:

Dobrendo de quantal auedes | Fazedo *senpre* quantal Rey prouguer | Poys *queuos* el *por* *priuado* asy quer | E poys *quenes* altos *fectos* sabedes | E quant en

sise en conselho iaz | Vero senhor  
 pois desto alRey praz | Fyo per  
 deus que priuado **seredes**.  
 [xvi/cbnp/462.102rc1.1-7]: Bem  
 ssey que **sseer edes** ledó | pois  
 fordes non exaraffe | e uir des as  
 apeytonas | Que foram de dom  
 xacaffe | torceredes as alias |  
 Como quer que outrê baffe |  
 ficaredes por astroso | por  
 huuntado por lixoso. || C3  
 [xvi/cbnp/471.104vc2.1-18]: E  
 semeu quisesse seer uiltada bem  
 acharia | Quê xe me uiltasse mais  
 semeu taes no | Mais se meu taes  
 ñ escarmêtasse | Cedo meu  
 preyto non **seeria** nada | E em ssa  
 prol ñuca me uos faledes | Casse  
 eu ssoubesse morrer ardendo | Se  
 hũa uez assanhar me ffazedes. ||  
 CP2 [xvi/cbnp/484.108rc1.1-13]:  
 Beeito **seias** tu *que* sofredor | Me  
 fazes deste mateyro *pera* ti. CP3  
 [xvi/cbnp/481.107vc1.1-20]: E  
 disseesta e amidida despanha |  
 Canõ de lombardia ñ da lamanha  
 | E por *que* e *grossa* ñ uos **seia**  
 mal | Ca delgada *pera* gata rrê ñ  
 ual | E desto muy mais sey eu  
 caboudanha. || CPI3  
 [xvi/cbnp/471.104vc1.1-3]: Por  
 que lhy rogaua que perdoasse |  
 Pero danbroa que o non matasse |  
 Nen **fosse** contra el desmesurada |  
 E dissela por *deus* ñ me roguedes  
 | Ca direyus de min o que y  
 entendo | Se hũa uez assanhar me  
 fazedes. [xvi/cbnp/612.135rc1.1-  
 9]: E sen uosco na casa **seuesse** |  
 Emse uos ea uosa color | Seu o  
 mũdo en poder tevesse | Nõ uos  
 faria de Todo senhor | Nen doutra  
 cousa onide sabor ouuesse | E dũa  
 rrey sseede sabedor | Que ñuca  
 ffoy filha dêperador | Que de  
 beldade peor esteuesse. || CF5  
 [xvi/cbnp/462.102rc1.1-8]: Bem  
 ssey que **sseer edes** ledó | pois  
**fordes** non exaraffe | e uir des as  
 apeytonas | Que foram de dom

xacaffe | torceredes as alias |  
 Como quer que outrê baffe |  
 ficaredes por astroso | por  
 huuntado por lixoso. || IA5  
 [xvi/cbnp/466.103rc1.1-41]: E sen  
 uosco na casa seuesse | Emse uos  
 ea uosa color | Seu o mũdo en  
 poder tevesse | Nõ uos faria de  
 Todo senhor | Nen doutra cousa  
 onide sabor ouuesse | E dũa rrey  
**sseede** sabedor | Que ñuca ffoy  
 filha dêperador | Que de beldade  
 peor esteuesse. || INFL5  
 [xvi/cbnp/466.103rc1.1-41]: E  
 poys que sodes aposto | E fremoso  
 caualeiro | Gardadeuos de **seerdes**  
 | Escatimoso ponteyro | Ca dizen  
 que baralhastes | Con johan  
 colheiro.

**seer** → ser.

**seguir** ~ **seguyr** – v. (< lat. *sequere*)<sup>m</sup>.  
 ‘acompanhar’; ‘continuar’. || INF  
 [xvi/cbnp/1572.331rc2.1-5]:

Cauos ñ sedes damor tan forçado  
 | como dizedes nen uos ar  
 cõuendo | seerdos nen ar e  
 guisado | *daqueste preyto* sair uos  
 aben ñeno | quyrades uos muyto  
**seguir** | ca damar donas ñ deas  
*seruir* | ñ saberedes uoiz hi dar  
 rrecado. [xvi/cbnp/1664.355vc2.1-  
 5]: Johan baueca e Pero danbroa |  
 Comecaron de fazer sa tencon | E  
 sayronsse logo da razõ | Joã  
 baueca e Pero danbrõa | E por *que*  
 xa ñ souberon **seguyr** | Nunca  
*quedaron* poys en departyr | Johã  
 baueca e Pero danbrõa.

**seguyr** → seguir.

**seiornar** – v. (< fr. *séjourner*)<sup>m</sup>.  
 ‘persistir’; ‘manter-se no lugar’. ||  
 INF [xvi/cbnp/1330bis.285vc1.1-  
 13]: Selhe bon rey uairela  
 escudela | Que de pampolona  
 oystes nomear | Mal ficara a que  
 stoutrê todela | Que al non a que  
 olhus alcar | Ca uerra hi o bon Rey  
**seiornar** | E destruyr ara burgo  
 destela | E ueredes nauarrus

lazerar | E o senhor que os todos taudela.

**seruir** ~ **sseruir** – v. (< lat. *servire*)<sup>h</sup>. ‘cuidar’; ‘fazer um favor’; ‘assistir’; ‘satisfazer’. || INF [xvi/cbpn/106.27vc1.1-19]:

semelha muyte porêdey sabor | dea **seruir** pero que he meu mal | Seruila ey enõ *seruirey* Al | por adonzela que foy mha senhor. [xvi/cbpn/494.110rc2.1-2]: O que foy passar a Serra | e nõ quis **sseruir** aterra | e ora entrara guerra | que faroneia | pois el ago ratan muito erra | mal dito seia. ||

IPP1 [xvi/cbnp/78.21vc1.1-2]: Gram mal me faz agoral Rey | que sen pre **serui** e amey | por que me parte hu eu ey | prazer e sabor de guarir | Se meu da Marinha partir | non poderey alhur guarir. || IF1

[xvi/cbpn/106.27vc1.1-13]: Por que a donzela nõca verey | meus amigos en quãto eu ia viver / por esso *quereu* mui grã ben *querer* | a esta dona ã *que uos faley* | *que me semelha a dõzela que vy* | e A dona **seruirey** des aquy | pola donzela que eu muyto amey. [xvi/cbpn/106.27vc1.1-19]:

semelha muyte porêdey sabor | dea *seruir* pero que he meu mal | **Seruila ey** enõ *seruirey* Al | por adonzela que foy mha senhor. [xvi/cbpn/106.27vc1.1-20]:

semelha muyte porêdey sabor | dea *seruir* pero que he meu mal | **Seruila ey** enõ *seruirey* Al | por adonzela que foy mha senhor.

[**servir**] → *seruir*.

**so[er]** – v. (< lat. *solere*)<sup>mg</sup>. ‘costumar’; ‘ter por hábito’. || IP3 [xvi/cbpn/1645.341rc2.1-6]:

Desueyre direy comolhe de trovar auẽ | Nono baralha el mui bem | Nẽ arquer hy | mereces meter | Mays dest se podel gabar | *Que semeu faço bõ cantar* | Ae le mho **soyo** fazer. IP5

[xvi/cbpn/1663.355vc2.1-16]: E

dixilheu cada *que uos deicades* | *Que estornudos soedes* dauer | E dissela dous ey benho sabbades | E hũ ey quando *quero mouer* | Mays este nõ sey eu bẽ departir | Mays hũ manda sol *que nõ mouades*. IP6

[xvi/cbpn/1623.346vc1.1-1]: Oos daragon *que soen* donear | E catalães cõ eles a perfia | Leixados som por donas a lidar | Vanssa cordando *que era folia* | E de bulas cuydea rirsẽdia | *Que velhe disse ssaqueste meu catar* | A dona gaya do bon semelhar | oo amor qui ca nõ uos precaria. || IPI3 [xvi/cbpn/871.185rc2.1-14]: E en cistel hu uerdade **soya** | senpremorar diserõme *que nõ* | moraua hy auya grã sazõ | nõ frade dy iaa nõ conhocia | nõ obbade utrosy no estar | sol nõ *queria que fally per ousar* | e ainda ia fora dabadia.

**soff[er]** → *sofrer*.

**soffr[er]** → *sofrer*.

**sofrer** ~ **soffrer** ~ **soffr[er]** ~ **soff[er]** – v. (< lat. *sufferere*, de *sufferre*)<sup>m</sup>. ‘padecer’. || INF

[xvi/cbpn/1072.223rc2.1-2]: Abril Perez muytei eu grã pesar | Da gram coyta que uos ueio **sofrer** | Ca uos ueio come uii lazerar | E non possami nen auos ualer | Ca uos morredes comeu damor | E peroxesta mha coyta mayor | Dereyto façenme de uos doer. [xvi/cbpn/484.108rc1.1-18]:

Quiserameu fogir logodali | E nõ uos foramuy sem rrazõ | Cõmedo de morrer e cõ al nõ | Mais nõ pudi tã grã coita **soffrer** | E dixे logẽ tõ *deusmeu senhor* / Esta paixõ *soffro por* teu amor | Pola tua *que soffesti* por mi. || IP1 [xvi/cbpn/484.108rc1.1-18]:

Quiserameu fogir logodali | E nõ uos foramuy sem rrazõ | Cõmedo de morrer e cõ al nõ | Mais nõ pudi tã grã coita *soffrer* | E dixे

logẽ tõ *deus* meu *senhor* / Esta  
paixõ **ssoffro** *por* teu amor | Pola  
tua *que* **soffesti** por mi. || IPP2  
[xvi/cbnp/484.108rc1.1-18]:

Quiserameu fogir logodali | E nõ  
uos foramuy sem rrazõ | Cõmedo  
de morrer e cõ al nõ | Mais nõ  
pudi tã grã coita soffrer | E dixे  
logẽ tõ *deus* meu *senhor* / Esta  
paixõ **ssoffro** *por* teu amor | Pola  
tua *que* **soffesti** por mi.

**soltar** – v. (< lat. *\*solutare*,  
frequentativo de *solvere*)<sup>m</sup>.  
‘tornar(-se) livre’; ‘desatar(-se)’.  
|| INF [xvi/cbnp/915.197rc1.1-  
21]: Mentrally foy tal Som nõ uya  
Sanar | Muytas uezes eno sonho ui  
*quer* / Vi abubela a czeca filhar | E  
abubela *crista* que tem | E a  
cerzeca que quer dizer | Ou como  
pade bubela prender | Este sonho  
que non pode **Soltar**. || IPP3  
[xvi/cbnp/1509.315vc2.1-17]:

Pedramigo seymeu esto mui bẽ |  
*Que* balteyra nõca home **soltou** | E  
uilheu muytos *que* escõmũgou |  
*Que* lhi peycarõ *grandalgo* *por* en  
| Queos soltasse direyuos en al |  
Fidescallola nõ a poder tal. ||  
CPI3 [xvi/cbnp/1509.315vc2.1-  
20]: Pedramigo seymeu esto mui  
bẽ | *Que* balteyra nõca home  
soltou | E uilheu muytos *que*  
escõmũgou | *Que* lhi peycarõ  
*grandalgo* *por* en | Queos **soltasse**  
direyuos en al | Fidescallola nõ a  
poder tal. || IA2  
[xvi/cbnp/1592.334vc2.1-4]: Meu  
Senhor arcebispo | andeu  
escomũgado *por* *que* fiz lealdade |  
en ganoumho pecado | **Soltade**  
may Senhor e Jurarey | mandado  
quẽ seia traedor | Setraiçõ ffezesse  
nõca uola diria | Mais pois fiz  
lealdade uel por *sãcta* | Maria  
**Soltademay** Senor.

**sorrab[ar]** – v. (< *so-* + *rrabo* [> *rabo*]  
+ *-ar*) ‘andar atrás’. || CP5  
[xvi/cbnp/1383bis.295vc2.1-4]:  
Dona Maria negra ben talhada |

Dizem que ssodes demi namorada  
| Se meu ben queredes por *deus*  
amiga | Que moy **sorrabedes** | Se  
me ben queredes.

**ssab[er]** → saber.

**ssecar** – v. (< lat. *siccare*)<sup>g</sup>. ‘retirar  
água’; ‘esgotar’. || INF  
[xvi/cbnp/1300.273vc1.1-16]: Se  
nõ de cabo nõ for rrechãtada | Nẽ  
hũ *proueyto* nõ poden *dauer* / Ca  
*per* a ly *peru* a fez creer | Ja endo  
nẽbr esta *pera* **ssecar** | E mays  
valiria ia *pera* *queymar* | *Que* de  
*iazer* como jaz mal parada.

**sseer** → ser.

**sseuir** → seruir.

**ssoffr[er]** → sofrer.

## T

**talhar** – v. (< ár. *tala'a*)<sup>a</sup>. ‘romper’;  
‘fender’. || INF  
[xvi/cbnp/1315.281rc2.1-11]:

Steua daguarda pode quitar | Qual  
judeu quer dereytar es senhores |  
Mays natalha gracias nẽ amores |  
Nũlhy faram os *queham* **detalhar**  
| E dom foam ia *peruezes* deu | *Ve*  
o que talhanso comeu de *per*  
domeu | E dara mays e *queyrasse*  
lutar. || IP5

[xvi/cbnp/463.102rc2.1-10]: Sem  
el *graça* fez esse cõ osseus  
*cardeaes* | Quilh eu desse *que* mos  
**talhais** iguaaes | Mais uedes en  
que ui en el maos sinaes | *que* do  
*que* me furtou foy cobril asa capa |  
quisera eu assy deste nosso papa.

**tap[ar]** – v. (< gót. *\*tappa*)<sup>m</sup>. ‘fechar’;  
‘cerrar’. || IP1  
[xvi/cbnp/1617.345rc2.1-5]:

Marinha ende folegares | Tenho  
eu por desaguysado | E soon muy  
marauilhado | De ti por nõ  
rebutares | Cache tapo eu *aquesta*

minha boca | Marinha Todestes|  
Narizes meus | **Tapo** eu marinha  
os Teus | E das mãos as orelhas|  
os olhos dos sobrêcelhas| Tapot  
aoprimeyro sono | Damha pissa o  
teu cono | E mio nõ ueia nêgũu | E  
dos colhões no cũu | E como nõ  
reventas marinha.

**tardar** – v. (< lat. *tardare*)<sup>g</sup>. ‘demorar’;  
‘delongar’. || INF  
[xvi/cbnp/1636.349rc2.1-5]:  
Sueyreanes este trobador | Foy por  
jantar a cas dũu Infançõ | E iãtou  
mal mays el uingoussêton | *Que* ar  
aiamos outra del pauor | E nõ quis  
ela vendita **tardar** | E tanto *que* se  
partiu do jantar | Troboulhi mal  
nũca vistes peyor. || IPP3  
[xvi/cbnp/1372.293rc2.1-19]: Pero  
tanto *que* sel sentio coitado |  
Quandolhi deu alança do peer |  
Loguel ouue *pera* seu filheamado  
| Calhi queria leixar seu auer |  
Essa herdadeo filho **tardou** | E  
peeu entramête ficou | Seu filho  
mal ca ficou exerdado.

**tecer** – v. (< lat. *texere*)<sup>h</sup>. ‘entrançar’;  
‘confeccionar’. || INF  
[xvi/cbnp/1181.251vc2.1-12]:  
Iuayo outros mays sabedores | *Qui*  
seron ia esto saber de mĩ | E en  
todo trobar may trobadores | *Que*  
ta nõ es mays direyto *que* uy | Uy  
boas donas **tecer** e laurar | Cordas  
e cintas e uilhes *criar* | *Per* bõa  
muy fremosas pastores.

**teer** ~ **t[er]** – v. (< lat. *tenere*)<sup>g</sup>.  
‘possuir’; ‘acreditar’. || INF  
[xvi/cbnp/1634.346rc2.1-38]: E  
uedes *que* bêsse *guisou* | De fria  
cozinha **teer** | O Infançõ ca nõ  
mandou | Desogani foga cender |  
E sse vinho gaar dalguen | Alilho  
esfriarã bẽ | Seo frio quiser beuer.  
|| IP1 [xvi/cbnp/223.60vc2.1-27]:  
Mais mal pecado nõ ey ã poder |  
enõ lhy possoutraa guerra *fazer* /  
Mais por torpe **tenheu** *que* perel  
fia. IP3 [xvi/cbnp/446.97vc2.1-  
12]: E dom fer nã furado *daquel*

muu | cree de bem *que* era eu  
pagado | senõ *que* **ten** oaluaraz  
ficado fernã | furado no olho  
docuu e cacurre | ueio *que* rrabeia  
e **tem** espũlha | de carne sobeia  
fernã furado | noolho do cuu. IP5  
[xvi/cbnp/466.103rc1.1-34]: E  
poys *que* uossa fazenda | **Teedes**  
ben alumeada | O queredes ben  
amiga | fremosa e ben talhada |  
Non facades dela capa | Ca non e  
cousa *guisada*. || IF1  
[xvi/cbnp/480.107rc1.2-14]: E  
uiro par deus lo santo | *que* manto  
nõtra gerey nẽ granhõ | Nẽ **terrey**  
damor rrazõ | Nẽ darmas por *que*  
*quebrãto* | E chanto nẽ delas toda  
sazõ | Mais tragerey hũu dormõ |  
E hirey pela marinha | Uendenda  
zeite effarinha | Effugirey dopocõ  
| do alacrar ca eu nõ | Lhy ssey  
outra meezinha. || CP5  
[xvi/cbnp/489.109rc2.1-17]:  
Eaynda uos consselharey al | por  
*que* uos amo de coraçõ | *que* nũca  
uos en dia dacensso | **tenhades**  
nen en dia denatal | nẽ doutras  
festas denostro *Senhor* / nen de  
seus Sãtos ca ey gran pauor / de  
uos uiir muy toste deles mal.

**temer** – v. (< lat. *timere*)<sup>g</sup>. ‘recear’;  
‘sentir medo’. || INF  
[xvi/cbnp/221.60rc2.1-1]: Ia nõ ey  
oy mays por**quetemer** | nulha  
rrem *deus* ca bẽ sey endel ia | ca  
me nõ pode nũca mal fazer |  
mentreu *viuer* *pero* grã poder a |  
poys *que* me cedo tolheu *quanto*  
bẽ | eu atẽdia no mũdo e porẽ |  
ssey eu came nõ pode mal ffazer.

**[temperar]** → tenperar.

**tenperar** – v. (< lat. *temperare*)<sup>m</sup>.  
‘afinar’. || INF  
[xvi/cbnp/1363.291vc1.1-1]: Foy  
acitola **ten perar** | Lopo *que*  
citolasse | E mandaron lhago dar |  
Ental *que* a leixasse | E el cantou  
logenton | E ar deronlhoutro don |  
Ental *quesse* calasse.

**t[er]** → teer.

**tirar** – v. (origem obscura)<sup>m</sup>. ‘retirar’. || IP5 [xvi/cbnp/1312.280vc2.1-9]: Poren partideste feito decedo | Ca de mal dizer non **tirades** prol | E como sem Johane anes dol | Jadeuos perderi uergonha e medo | Ca entedel que se deua sentyr | De mal dizer que asseu olho uyr | Que pode loga *certar* consseu dedo.

**tolher** – v. (< lat. *tollere*)<sup>g</sup>. ‘tirar’; ‘suprimir’; ‘afastar’. || INF [xvi/cbnp/481.107vc1.1-5]: Joham rrodriguiz foy desmar abalteyra | ssa midida per *que* colha ssa madeyra | Edisse sse benqueredes ffazer | de tal midida | A deuedes **atolher** | E nõ meor per nulha maneira. || IP3

[xvi/cbnp/223.60vc1.1-16]: Aynda uos del direy outra rren | Poys quanto ben Avia me **tolhe** | E quantel senpre no mundentêdeu | deque eu muy grã pesar prenderia | per bõa ffe daly mho fez prender / Por esto nõ *quer* eu per el *creer* | e quanto perel *crive* fiz folia. || IPP3 [xvi/cbnp/221.60rc2.1-5]: Ia nõ ey oy mays porquetemer | nulha rrem *deus* ca bẽ sey endel ia | ca me nõ pode nõca mal fazer | mentreu viuer *pero* grã poder a | poys *que* me cedo **tolheu** quanto bẽ | eu atêdia no mûdo e porẽ | ssey eu came nõ pode mal ffazer. IPP6 [xvi/cbnp/481.107vc1.1-17]: A maior moniz dey ia outra tamanha | Effoya ela tolher lego sem sanha | E Mari ayras fezeo logo outro tal | E alue la *que* andou em portugal | E ia y as **tolherõ** na môtanha.

**tomar** – v. (origem incerta)<sup>m</sup>. ‘arrebatar’; ‘tirar’; ‘pegar’; ‘levar’. || INF [xvi/cbnp/172.44rc1.1-18]: Se eu netas de conde sem seu *grado* | **tomar** etanto comeu uyuo for | nõca poreu serey desafiado | nõ pararey mha natura peyor | antes

farey meu linhaiem melhor | oque ende de gueda mais bayxado | e ueeredes pois meu filho for | neto de gueda cõ conde miscrado.

**torc[er]** – v. (< lat. *\*torcere* de *torquere*)<sup>g</sup>. ‘triturar’; ‘pisar’. || IF5 [xvi/cbnp/462.102rc1.1-11]: Bem ssey que sseer edes ledõ | pois fordes non exaraffe | e uir des as apeytonas | Que foram de dom xacaffe | **torceredes** as aliuas | Como quer que outrẽ baffe | ficaredes por astroso | por huuntado por lixoso.

**tornar(-se)** – v. (< lat. *tornare*)<sup>g</sup>. ‘regressar’; ‘retornar’. || INF [xvi/cbnp/143.36rc1.1-24]: Peri an dou *nostro* sseñhor daly diz el *que* foy | romeu edepoys *que* lho soldan deu operdom | ouue grã sabor desse **tornar** efoylhy greu | dandar coyra egalisteu cõtórquis do ãperador. || IP5 [xvi/cbnp/1663.355vc1.1-27]: E dixilheu poys aguyro catades | Das aues uos ar cõuê a saber | Vos *que* tam longa carreira filhades | Dissela esso uos *queren* dizer / Ey fery uelha sãprao sayr | E dixilheu bẽ podedes uos hir | Cõ feri uelha mays nõca **Tornades**.

**trabalh[ar] ~ trebelhar** – v. (< lat. *tripaliare*)<sup>mg</sup>. ‘esforçar-se’; ‘exercer uma atividade’. || INF [xvi/cbnp/1657.354rc1.1-6]: Don Tisso Perez *queria* ogeu | Seer guardado do trelho sseu | A per doarlho botou *que* fuy meu | Mays nõ me possa seu iogo *quitar* | E tisso perez *que* demo mhadeu | Por sãpre migo *querer* **trebelhar**. || G [xvi/cbnp/1308.279vc2.1-5]: Pois teu preyt anda iuntãdo | Aquel que he do teu bando | Dime douror com ou quando | Lhe cuydas fazer enmenda | Por quant andel **trabalhando** | Com apostara fazenda.

**trager** – v. (< lat. *tragere*)<sup>mg</sup>. ‘transportar’; ‘levar para’. || INF

[xvi/cbnp/368.84rc2.1-6]:  
Preguntey hũa don en como uos  
direy | Senhor filhastes orden et ia  
por en chorey | Ela enton me disse  
eu nõ uos negarey | De comeu  
filhes ordem assy *deus* me  
*perdom* | Fez mha filhar mha  
mader mays o *que* lhe farey |  
**Tragerlhy** eu os panos mays non  
coracon. || IPP3

[xvi/cbnp/494.110vc2.1-7]: O *que*  
leuou os *dinheiros* enõ **trouxe** |  
caualeiros por nõ ir uos *primeiros*  
*que* faroneia | pois *que* ueo cõ uos  
prostumeyros | mal dito seja. ||  
IPI3 [xvi/cbnp/145/496.110vc2.1-  
10]: O *que* **tragia** opano de linho |  
pero nõ ueo polo sam | Martinho  
nõ uẽ almayo. || IF1  
[xvi/cbnp/368.84rc2.1-12]: Dixeu  
*senhor* fremosa morrerey com  
pesar | Poys uos filhastes ordẽ e  
uos hã de gardar | Ela enton me  
disse quero uos en mostrar | Como  
*serey* guardada se nõ venhame  
mal | Esto por *que* chorades ben  
deuedes cuydar | **Tragerey** en os.

**trasnoyt[ar]** – v. (< *tras-* + *noite* +  
*-ar*). ‘passar a noite sem dormir. ||  
IPP3 [xvi/cbnp/1379.294vc2.1-  
20]: E cuydara del *que* no uir aqui  
| *Que* o uir andar assy calado | Ca  
non sabe *parte* nen mendado | Del  
tal iustiça *fazer* qua lheu ui |  
Leixou agente adormecer enton |  
E **trasnoytou** sobrũ homa leon | E  
fez sobrel grã iustiça logui.

**trastornar** – v. (*tras-* + *tornar*)<sup>h</sup>.  
‘modificar a ordem’;  
‘desorganizar’. || IPP5  
[xvi/cbnp/1642.350vc2.1-18]: Tal  
maeta comosera guardada | Poys  
*que* tapazes albergã no *logar* | *Que*  
nõ aia seer mui Trastornada | Cao  
*logar* hu eles an poder | Non a  
pardon *que* ssy possa ascõder |  
Assy sabẽ **Trastornar** a pousada.

[**transtornar**] → trastornar.

[**trazer**] → trager.

**trebelhar** → trabalh[ar].

**trem[er]** – v. (< lat. *tremere*)<sup>m</sup>. ‘agitar’;  
‘tiritar’. || IF5

[xvi/cbnp/491.109vc1.1-9]: Vi  
coteyffes degram *brio* | eno meio  
do estio estar **tremendo** | Sen *frio*  
antos mouros dAzamor | chiasse  
delhes raio *que* augua dalquivir  
maior.

**trobar** – v. (< provç. *trobar*, com  
provável origem no lat. vulg.  
*\*tropare*)<sup>m</sup>. ‘compor versos’;  
‘versejar’. || INF

[xvi/cbnp/416.92rc2.1-2]: Uaasco  
martiiz poys uos trabalhades |  
etralhastes de **trobar** damor |  
de*que* agora por vostro *senhor* /  
*quero* saber de uos *que* mho  
digades | dizedemho ca bem uos  
estara | pois uos esta or  
*quertalhastes* ia | morreo *per deus*  
por *que* trobades. || IP1

[xvi/cbnp/416.92rc2.1-10]: Afonso  
sanchez uos *pregütades* |  
*equerouos* eu *fazer* sabedor | eu  
**trobo** *etrobey* pola melhor | das  
*que* *deus* fey estobẽ ora *des* | esta  
decuraçõ nõ me salrra | eatẽde rei  
seu ben semhofara | euos alde mĩ  
saber nõ querrades. || IPP1  
[xvi/cbnp/415.92rc1.1-2]:

Conhocedes adonzela | por *que*  
**trobei** *que* avia | nome dona  
biringela | uedes camanhã *perfia* |  
ecousa tam desguisada | des *que*  
ora foy casada | chamãlhe dona  
charia. [xvi/cbnp/416.92rc2.1-10]:  
Afonso sanchez uos *pregütades* |  
*equerouos* eu *fazer* sabedor | eu  
trobo **etrobey** pola melhor | das  
*que* *deus* fey estobẽ ora *des* | esta  
decuraçõ nõ me salrra | eatẽde rei  
seu ben semhofara | euos alde mĩ  
saber nõ querrades. || IP5

[xvi/cbnp/416.92rc2.1-7]: Uaasco  
martiiz poys uos trabalhades |  
etralhastes de trobar damor |  
de*que* agora por vostro *senhor* /  
*quero* saber de uos *que* mho  
digades | dizedemho ca bem uos  
estara | pois uos esta or



quertalhastes ia | morreo *per deus*  
por *que* **trobades**. || IF1  
[xvi/cbnp/403.90rc1.1-12]: Meen  
rrodriguiz muy sen meu prazer /  
afarey uoscassy deus me *perdom* |  
cavos auey de chamarco chõ |  
poys *que* en apunhada receber |  
desy **trobar** uos **ey** muy mal assaz  
| i atal entêcõ se auez *praz* | afarey  
uosco muy sem meu *prazer*.

# U

**ual[er]** – v. (< lat. *valere*)<sup>h</sup>. ‘ajudar’;  
‘socorrer’. || IP3  
[xvi/cbnp/481.107vc1.1-20]: E  
disseesta e amidida despanha |  
Canõ de lombardia nẽ da lamanha  
| E por *que* e *grossa* nõ uos seia  
mal | Ca delgada pera gata rrẽ nõ  
**ual** | E desto muy mais sey eu  
caboudanha. || IF3 [xvi/cbnp/172.  
44rc1.1-11]: Netas de conde  
uyuuas nẽ donzela | essa *per* rrem  
nõna *quereu* leixar | nêlhe **ualrra**  
sesse chamar mesella | nê de  
carpir muyto nê de chorar | came  
non aui porem a desfiar | seu  
linhagem nem deitar a Castela | e  
ueeredes meos filhos andar | netos  
de gede partir ensousela.  
[xvi/cbnp/485.108rc2.1-9]: E  
porem foy cotõ mal dia nado |  
pois pero da ponte erda seu *trobar*  
| e mui mais lhi **ualera** *que*  
*trobado* | nõca ouuessel assy *deus*  
manpar | pois *que* sse de quãtel  
foy lazado | sserue dom pedro enõ  
lhi da em *grado*. || CP3  
[xvi/cbnp/106.27vc1.1-5]: Huã  
donzela quig eu muy gran bẽ |  
Meus Amigos Assy *deus* me  
*perdom* | eora ia este meu coraçõ |  
Anda *perduto* e fora desem | por  
hũa dona seme **ualha** *deus* | que

depoys uiro estes olhes *meus* / que  
mha semelha mui mays doutra itẽ.

**uêc[er]** → uencer.

**uêd[er]** → uender.

**ueer** ~ **u[er]** – v. (< lat. *videre*)<sup>h</sup>.  
‘conhecer ou perceber algo pela  
visão’. || INF  
[xvi/cbnp/142.35vc2.1-16]: Aly  
*perdestelo* syso *quãdo* as fostes  
**ueer** | tano falar enorriso  
poderades *conheçer* / *qual* melhor  
*parecer* mays *falynos* hyouyso. ||  
IP1 [xvi/cbnp/446.97vc2.1-12]: E  
dom fer nã furado *daquel* muu |  
cree de bem *que* era eu pagado |  
senõ *que* ten oaluaraz ficado fernã  
| furado no olho docuu e cacurre |  
**ueio** *que* rrabeia e tem espülha | de  
carne sobeia fernã furado | noollo  
do cuu. IP5  
[xvi/cbnp/493.110rc1.1-5]: Ao  
dayã de calez euachei | liures  
quelhi leuariã de berger | e o *queos*  
tragia *pregütey* | por elles e  
Respondeu mel Senher | con estes  
liuros que uos **ueedes** dous | eco  
uos *outros* *que* ele ten dos ssous |  
ffodel per eles quãto foder quer. ||  
IPP1 [xvi/cbnp/106.27vc1.1-12]:  
Por *que* a donzela nõca verey |  
meus *amigos* en quãto eu ia *viver* /  
por esso *quereu* mui grã ben *querer*  
| a esta dona ã *que* uos faley | *que*  
me semelha a dõzela *que* **vy** | e A  
dona *seruirey* des aquy | pola  
donzela *que* eu muyto amey. IPP3  
[xvi/cbnp/486.108vc1.1-2]: Dom  
ffoãao quãdogano *qui* chegou |  
*primeyrament* **evyu** uolta e guerra |  
tam grã Sabor ouue dir assa terra |  
*que* loguêtõ por ada il filhou | seu  
coraçõ eel ffez lhy *leyxar* | polo  
mais toste daguerra longar | prez e  
esffor co e passou asserra. IPP5  
[xvi/cbnp/142.35vc2.1-7]: Dos *que*  
esas donas **uistes** | *falarõnos* rem  
damor | *dizedeseas* *consistes*  
*quantos* delas he melhor | nõ fostes  
*concheçedor* *quãdoas* nõ de  
*partistes*. IPP6

[xvi/cbnp/106.27vc1.1-6]: Huã donzela quig eu muy gran bẽ | Meus Amigos Assy *deus* me *perdom* | eora ia este meu coraçõ | Anda *perduto* e fora desem | por hũa dona seme valha *deus* | que depoy **uïro** estes olhes *meus* / que mha semelha mui mays doutra itẽ. || IF1 [xvi/cbnp/106.27vc1.1-8]: Por *que* a donzela nũca **verey** | meus *amigos* en quãto eu ia *viver* / por esso *quereu* mui grã ben *querer* | a esta dona ã *que* uos faley | *que* me semelha a dõzela *que* vy | e A dona *seruirey* des aquy | pola donzela *que* eu muyto amey. || CP3 [xvi/cbnp/106.27vc1.1-16]: Por *que* da dona sõ eu sabedor | meus *amigos* assy **veia** *prazer* | *que* adonzela en seu *parecer*. || CF3 [xvi/cbnp/922.198vc2.1-17]: Todo senhor de mays rey natural | De uos uassalos de morta partir | E acorelhes cada *que* os **uïr** | Estar ã coyta mays *deus* non e tal | Ca os leyxa con gram damor morrer | E pero pode non lhes quer ualer | Et assi faz gram pecado mortal. CF5 [xvi/cbnp/462.102rc1.1-8]: Bem ssey *que* sseer edes ledõ | pois fordes non exaraffe | e **uïr** *des* as apeytonas | Que foram de dom xacaffe | torceredes as alias | Como quer *que* outrẽ baffe | ficaredes por astroso | por huuntado por lixoso.

**uencer** ~ **uêc[er]** – v. (< lat. *vincere*)<sup>g</sup> ‘triunfar’; ‘conquistar a vitória’. || INF [xvi/cbnp/495.110vc1.1-4]: Domingas eanes ouessabaralha | con hũu genete foy mal ferida | enpero ffoy ela ytanar dida | *que* ouue depois **auencer** ssen ffalha | edeprã uenceu bõo caua leyro | Mais enpero exel tan braceyro | *que* ouuendela de ficar colpada. || IP3 [xvi/cbnp/612.135rc1.1-6]: De uos senhor *quereu* dizer uerdade | E nõ ia sobra mor *que* uos ey | Senhor ebẽ euosa tropidade | De

quantas outras eno mũdo sey | Assy defea come denhatinade | Non uos **uêce** oie se nõ filha duũ Rey | Nõ uos amo nõ me perderey | Hu uos nõ uir por nos de soydades. || IPP3

[xvi/cbnp/495.110vc1.1-5]: Domingas eanes ouessabaralha | con hũu genete foy mal ferida | enpero ffoy ela ytanar dida | *que* ouue depois auencer ssen ffalha | edeprã **uenceu** bõo caua leyro | Mais enpero exel tan braceyro | *que* ouuendela de ficar colpada. [xvi/cbnp/495.110vc1.1-12]:

Ocolte colheu per hũa malha | da loriga *que* era desuencida epesamẽde | por *que* essa ida deprez *que* ouue | mais se *deus* me ualha | **uêceu** ela mais o caualeiro | per ssas armas e per comerarteyro | ja semprendela seera sinalada.

**uender** ~ **uêd[er]** – v. (< lat. *vendere*)<sup>g</sup> ‘trocar por dinheiro ou valor’. || INF [xvi/cbnp/1300.273rc1.1-1]: A hũ corretor aque vy **uender** | Panos *que* conhoçi | Cõ penas veira dissassy | Da molher sson de dõ foam | E dissemel uêdes quãtã | El e aquesta sa molher | Anno mester ano mester. || IP2 [xvi/cbnp/1300.273rc1.1-5]: A hũ corretor aque vy uender | Panos *que* conhoçi | Cõ penas veira dissassy | Da molher sson de dõ foam | E dissemel **uêdes** quãtã | El e aquesta sa molher | Anno mester ano mester. || IPP3 [xvi/cbnp/223.60vc2.1-9]: Mais en quãteu ja uiuo for poren | Nõ creerey *que* o Judas **uendeu** | Nen *que* poz uos nacruz morte predeu | Nen *que* filhest *desancta* Maria | E outra cousa uos quero dizer / ca ffoy coitado nõ quero creer | Cado coyhada doerssa ueria. || G [xvi/cbnp/480.107rc2.1-19]: E uiro par *deus* lo santo | *que* manto nõtra gerey nõ granhõ | Nõ terrey

damor rrazõ | Nê darmas por *que*  
*quebrãto* | E chanto nê delas toda  
 sazõ | Mais tragerey hũu dormõ |  
 E hirey pela marinha | **Uendenda**  
 zeite effarinha | Effugirey dopocõ  
 | do alacrar ca eu nõ | Lhy ssey  
 outra meezinha.

**ui[ir]** → u[ir].

**uilt[ar]** – v. (< lat. *vilitare*)<sup>h</sup>. ‘desonrar-se’; ‘tornar-se vil’. || CPI3 [xvi/cbnp/471.104vc2.1-16]: E semeu quisesse seer uiltada bem acharia | Quê xe me **uiltasse** mais semeu taes no | Mais se meu taes nõ escarmêtasse | Cedo meu *preyto* non seeria nada | E em ssa prol nõca me uos faledes | Casse eu ssoubesse morrer ardendo | Se hũa uez assanhar me ffazedes.

**uingar** – v. (< lat. *vindicare*)<sup>m</sup>. ‘obter desforra de’. || INF [xvi/cbnp/489.109rc1.1-13]: E pero ssea quisertes teer nõna te | mha des per Rem antelrey edirem | sora por *que* o ey por *que* nõca uolo uei | fazer *que* uolo nõ ueia teer assy | *que* pero uos el Rey queira | dessi ben **uingar** non a en do poder.

**u[ir]** ~ **ui[ir]** – v. (< lat. *venire*)<sup>h</sup>. ‘encaminhar-se para determinado lugar’. || IP3 [xvi/cbnp/143.36rc1.1-3]: Pero non fuy a ultra mar | muyto sey eu a terra bem | per soeyreanes *que* ã **uem** | segũdo lheu oy cõtãr | diz *que* marcelha iaz alem | domar eAcre iaz aquem | e pom ror tes loguy arar. IP4 [xvi/cbnp/483.107vc2.1-1]: Senhor iustica **uiimos** pedir | *que* nos facades e ffaredes bem | da gris furtarã tanto que porẽ | Nõ lhy leyxarõ que possa cobrir | Pero atanta prendi dũ iudeu | *que* este ffurto ffez hũu Romeu | *que* ffoy ia outros es carnir. || IPP5 [xvi/cbnp/474.105rc1.1-1]: Don meendo uos **ueestes** | Falar migo noutro dia | E na fala que fezeistes

| Perdi eu do que tragia | Ar queredes falar migo | E non querey eu amigo. || IA2 [xvi/cbnp/104.27rc2.1-13]: El disse ã muymêta Asi meu**ênã** bê | uiuem tam gram tor tormêta | *que quer* perder osem | ea *quem* lho ãmêta cedo moyra *per* em | ea ela ssese cõ chora uay.

**uistir** – v. (< lat. *vestire*)<sup>mg</sup>. ‘trajar’. || INF [xvi/cbnp/465.102vc1.1-2]: Hũa preguntar *quer* ael Rey fazer | Quesse sol ben eaposto **uistir** | Por que foi el pequena ueira trager | veerlh an bom pan equeremos riir | Eu egoncalo *martiiz* que he | home muit aposto *per* bõa fe | E ar quereloemos en cousir.

**uiu[er]** → viver.

**[untar]** → hũt[ar].

**uo[ar]** – v. (< lat. *volare*)<sup>g</sup>. ‘mover-se no ar’. || CP3 [xvi/cbnp/457.101rc1.1-3]: Mester auia dom Gil | hũn ffal conço hor nil | Que non **uoasse** | ne migalha nẽ filhasse.

**uoluer** – v. (< lat. *volvere*)<sup>g</sup>. ‘mudar de posição ou direção’; ‘voltar’; ‘engendrar’. || INF [xvi/cbnp/887.188rc1.1-4]: Per como achamos na *santa* *scritura* | oante *Crixto* ora leera na cirã | casse nõ guarda cregoa nem postura | et cada parte ueio de **uoluer** guerra | e fazer mal cõmêgua de justica | e na gête tã grade acobica | *que* nõ ha hi cõselho nẽ mesura.

## V

**[valer]** → ual[er].

**[vencer]** → uencer.

**[vender]** → uender.

**[ver]** → ueer.

[**viltar**] → uilt[ar].

[**vingar**] → uingar

[**vir**] → ui[ir].

[**vistir**] → uistir.

[**vir**] → ui[ir].

**viver** ~ **uiu[er]** – v. (< lat. *vivere*)<sup>h</sup>.  
‘perdurar’; ‘permanecer’. || INF  
[xvi/cbnp/106.27vc1.19]: Por *que*  
a donzela nũca verey | meus  
amigos en quãto eu ia **viver** / por  
esso *quereu* mui grã ben *querer* | a  
esta dona ã *que* uos faley | *que* me  
semelha a dõzela *que* vy | e A  
dona *seruirey* des aquy | pola  
donzela *que* eu muyto amey. ||  
IP3 [xvi/cbnp/104.27rc2.1-3]:  
Ogan en muy menta | dise do m  
martim gil | **uiuen** muy gram  
tormenta | dona oraca bril | per  
como aquer cassar seu pay |  
eaquem lho en menta cedo moyra  
nossa | e a ella sese conchora uay.

[**voar**] → uo[ar].

[**volver**] → uoluer.

**X**

**Z**

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No esteio do que afirmou Mattos e Silva (2006; 2008), crê-se que não é possível apreender a totalidade do passado, mas apenas dele “aproximar-se”, pois por ser a realidade uma interpretação de um ponto de vista, será sempre inapreensível. Os resultados de uma pesquisa sobre as fases mais remotas da língua só se conhecem parcialmente, na mesma dimensão da fragmentariedade do espólio histórico.

As investigações dos códices cancionerísticos têm evidenciado os desafios desse empreendimento, posto que as dificuldades se tornam ainda maiores somadas à complexidade de diversas questões acerca desses códices.

Como já mencionado, essa documentação é de extrema importância para a história linguística do português, pois testemunha as mais antigas manifestações literárias conhecidas e, portanto, cabe ao pesquisador interessado nesses registros assegurar o lugar do que se encontra velado, descrevendo com a acuidade e a precisão possíveis o material disponível para o conhecimento da constituição histórica das línguas.

Nessa perspectiva, a proposta inaugural de realizar a edição integral de um dos cancioneiros para, em seguida, eleger unidades vocabulares para o desenvolvimento de um trabalho em perspectiva lexicográfica foi surpreendida pelas dificuldades encontradas diante das composições patentes no *corpus* selecionado<sup>735</sup>.

A dimensão do manuscrito – 355 fólios de textos líricos, anotados por copistas italianos que tinham pouca familiaridade com a *koiné* galego-portuguesa –, as questões pouco claras a respeito da sua confecção, da tradição da qual deriva, as intervenções pelos acidentes do tempo, a extensa fortuna crítica do movimento cultural que deu origem àquela tradição cultural e codicológica foram algumas das questões que fundamentaram a premência de um recorte para o desenvolvimento da pesquisa.

Além desses pontos, os números grandiosos relativos a essa compilação (mais de 150 autores, mais de 1600 textos), diferentes gêneros, quase dois séculos de produção, as muitas lacunas, dúvidas e desconhecimento sobre os espaços em que as cantigas foram cultivadas, a insegura informação sobre quais foram os seus agentes culturais e/ou quais

foram os responsáveis pelas cópias, como se deu seu processo de transmissão textual também fomentaram a reconfiguração da seleção do *corpus* para a execução do trabalho de pesquisa.

No entanto, como defende Souza<sup>736</sup>, a expressiva quantidade de conjecturas apoiadas em poucos indícios e poucas fontes documentais é a sina de quem se dedica ao estudo do passado, o que justifica o esforço para desenvolver estudos centrados na interpretação dos dados atestados nos *corpora* de períodos recuados no tempo.

O redimensionamento do trabalho de doutoramento, pesquisa com limites temporais determinados, após deparar-se com tantas dificuldades, como a imensa fortuna crítica disponível em diversas línguas, a complexidade do códice, a questão da escrita quinhentista e as dificuldades dos textos poéticos, foi fundamental para a consecução da tese. Decidiu-se, então, que ao invés de editar todo o Cancioneiro, seria mais produtivo fazer um recorte estratégico, selecionando as *cantigas satíricas*, denominadas de *escárnio e maldizer* pela sua riqueza lexical em relação às cantigas dos demais gêneros.

A edição elaborada procurou dar conta da realidade da língua do códice, descartando a possibilidade de emendar o texto para recuperar a rima e o sentido, atitude muito comum nas edições direcionadas aos estudos literários. Nesse sentido, o grande exercício foi a produção desse novo material que tanto servirá de consulta para outros pesquisadores, quanto continuará como foco de interesse na investigação de cunho lexicográfico.

Nessa perspectiva, foi possível observar atentamente, nas partes principais da tese, ou seja, no trabalho de elaboração da edição diplomática das cantigas e de construção do glossário, diversas questões como os desafios de empreender a leitura dessa documentação poética, a distância entre as edições disponíveis e os registros presentes no fac-símile, e a demanda de uma nova edição concentrada no códice a fim de sistematizar os usos linguísticos dessa produção trovadoresca.

No que tange ao trabalho de edição, observou-se, na vasta bibliografia consultada, que há uma obstinada busca pelo sentido de cada cantiga, o que tem culminado em uma

---

<sup>735</sup> As dificuldades que justificam o recorte realizado na investigação do Cancioneiro B foram apontadas pela professora doutora Risonete Batista de Souza, em seu texto de arguição, na qualificação da tese ora apresentada.

<sup>736</sup> Aqui, faz-se referência direta às afirmações da professora doutora Risonete Batista de Souza em suas orientações.

reconstituição textual que tem comprometido o conhecimento dos usos linguísticos da época.

Na mais recente edição dessas cantigas, construída a partir de 2011, por Lopes e sua *equipa*, no projeto *Littera*, desenvolvido na Universidade Nova de Lisboa, notam-se diversas ocorrências em que o texto estabelecido não corresponde ao registro do códice, como exemplificado nas figuras a seguir:

Figura 26 – Excerto do fólio 36rC1

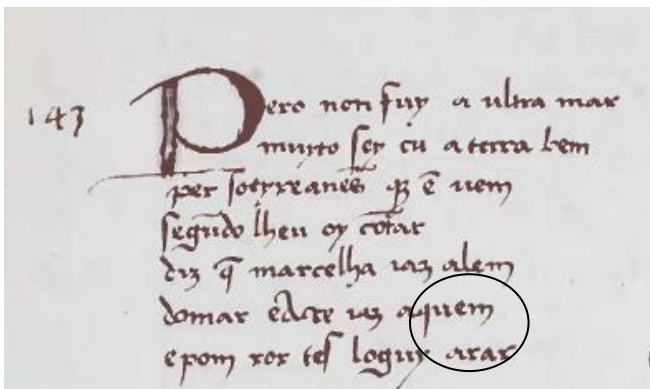


Figura 27 – Excerto da edição da cantiga de nº 143 elaborada por Lopes (2011-)

Pero nom fui a Ultramar,  
 muito sei eu a terra bem,  
 per Sueir'Eanes, que en vem,  
 segundo lh'eu oi contar:  
 5 diz que Marselha jaz alem  
 do mar e Acre jaz aquém,  
 e Somportes log' a par

Como é possível observar nas figuras acima, a leitura proposta corrige o que é julgado como provável erro do copista ou erro do exemplar de cópia, criando para a história dados inexistentes ou deixando de registrar fatos linguísticos e, conseqüentemente, informações sócio-históricas.

Figura 28 – Excerto do fólio 90rC1

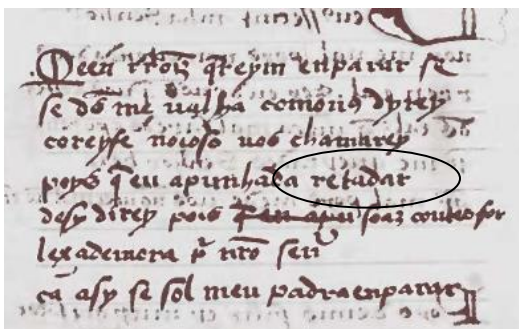


Figura 29 – Excerto da edição da cantiga de nº 403 (tenção) elaborada por Lopes (2011-)

■ - Meem Rodriguiz, quereí-m'emparr,  
 se Deus me valha, como vos direi:  
 coteife nojoso vos chamarei  
 ■ 25 pois que eu a punhada recadar,  
 ■ des i direi, pois só os couces for.  
 ■ "Le[i]xade-m'ora, por Nostro Senhor",  
 ■ ca assi se sol meu padra emparar.

Na transcrição da estrofe apresentada nas figuras acima se manteve o que foi possível ler no códice B, apontando-se em nota soluções interpretativas de propostas por outros editores com o escopo de colaborar para a recuperação do sentido da poesia.

Observe-se, na figura abaixo, a transcrição da referida estrofe:

Figura 30 – Excerto da edição da cantiga de nº 403 (tenção)

22. Meen rrodriguiz quereym enparar se  
23. se *deus* me ualha como uos dyrey  
24. coreyfe noioso uos chamarey  
→ 25. poys *que ea apunhada retadar*<sup>57</sup>  
26. desy direy pois soaz coutes for<sup>58</sup>  
27. lexademora *por nostro senhor*  
28. ca asy se sol meu padra enparar<sup>59</sup>

Embora a falta de logicidade do verso da linha 16 não contribua para a compreensão da cantiga, considerando os interesses da presente pesquisa, não é coerente criar um fenômeno linguístico de uma interpretação equivocada, visto que, no trabalho de investigação linguística, soluções *ad hoc* para resolução de problemas de texto não podem ser admitidas. Nesses casos, é preferível não ter a segurança da leitura do que ter uma leitura engendrada para aproveitar a “materialidade histórica” desses textos poéticos.

Salienta-se, no entanto, que as edições das *cantigas satíricas* elaboradas com intuito de divulgar os temas das cantigas têm contribuído significativamente para a divulgação dessa documentação literária e para o conhecimento das histórias registradas nos motivos desse espólio.

Notou-se, também, na consecução da edição, que um estudo acerca da relevância do códice da Vaticana para a compreensão da cópia do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, é uma investigação que pode contribuir substancialmente para o conhecimento dessas composições.



Em notas de rodapé apresentadas ao longo da transcrição, como na nota de número 211, por exemplo, assinala-se que é o registro da cantiga no Cancioneiro da Vaticana que fornece indícios para a compreensão da cantiga.

Referente à tenção de número 1181, a ocorrência de um trecho similar no manuscrito V parece apresentar uma saída razoável para a compreensão da terceira linha dessa cantiga, vejam-se as figuras a seguir:

Figura 31 – Excerto da cantiga de nº 786 do Cancioneiro da Vaticana

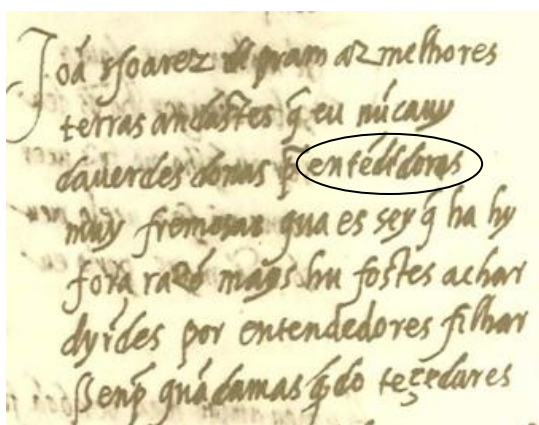
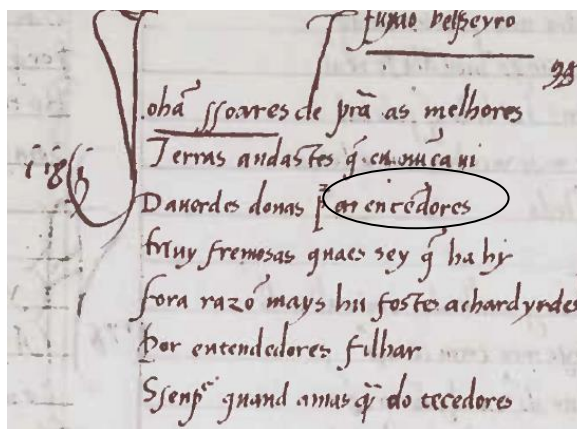


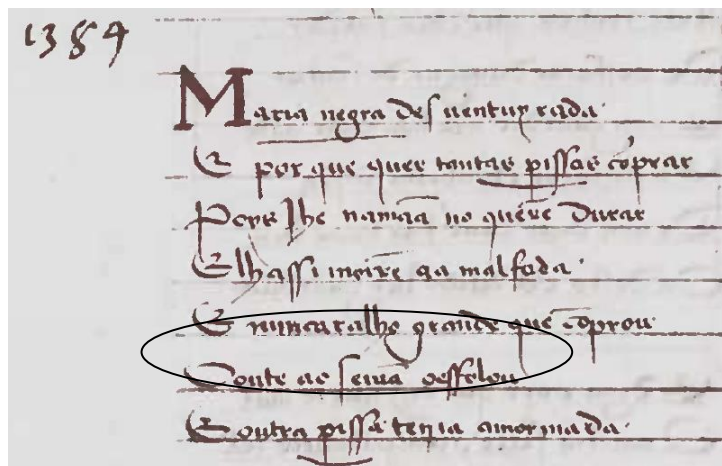
Figura 32 – Excerto da cantiga de nº 1181 do Cancioneiro da Biblioteca Nacional



Embora se apresente na transcrição a leitura: «Dauerdes donas por ar entēdores», indica-se em nota que há a forma «entendedoras» em outro documento, o que sugere uma possibilidade para a compreensão do trecho.

Houve também trechos em que foram anotadas sugestões em relação à grafia patente no *corpus*. Como na leitura da sexta linha da cantiga de número 1384, ilustrada na figura a seguir:

Figura 33 – Excerto da cantiga de nº 1384



Ainda que a leitura estabelecida seja «Oute ao seuã», comenta-se a possibilidade de talvez se tratar de «seirã», mantendo-se o que é possível ler no manuscrito B.

Essa atitude não encontra eco nesta tese, já que toda edição foi construída de acordo com os critérios estabelecidos, seguindo estritamente o registro das *cantigas satíricas* no códice trovadoresco selecionado.

No segundo objetivo da tese, ou seja, na construção do glossário, a sistematização das formas verbais finitas e infinitivas a partir dos preceitos metodológicos da Lexicografia histórica exigiu redobrado cuidado e atenção na recolha e anotação desses itens lexicais no que concerne à apresentação do étimo, definição e determinação do tempo, modo e pessoa verbais.

Embora nas últimas décadas tenha havido um notável avanço tecnológico que passou a fomentar possibilidades de pesquisa antes não vislumbradas, despertando um interesse cada vez maior pelo desenvolvimento de técnicas que garantam o rigor e confirmem a precisão dos estudos elaborados, notou-se, na consecução do trabalho de cunho lexicográfico, que os programas informatizados disponíveis dificilmente serviriam para a construção do glossário em virtude dos seus limites de leitura de caracteres.

Assim, programas como o *WordSmith* que têm contribuído significativamente para a Lexicografia moderna, fragmentador/concordanciador publicado pela Oxford University Press, vêm sendo utilizados em trabalhos de análises lexicais, nos quais além de fragmentar os *corpora* em *wordlists*, apresentam ferramentas para realizar a contagem de frequência, agrupar variações, destacar palavras de acordo com o uso, fornecer estatísticas e concordâncias de forma fácil e flexível (Cf. SARDINHA, 1999), não puderam ser aproveitados na composição do glossário.

O seguro levantamento das formas verbais patente no *corpus* só foi possível a partir de uma leitura atenta e precisa do fac-símile do Cancioneiro da Biblioteca Nacional. Nessa etapa do processo, a análise dos padrões lexicais dos verbos e a identificação das colocações a eles relacionadas, assim como, a avaliação do comportamento morfossintático dos lemas selecionados, modos, tempos e pessoas verbais para definição dos itens abonativos da microestrutura foram realizadas com muita atenção aos textos poéticos.

A identificação de formas verbais que estavam grafadas com fronteiras de espaço, como a do **acertar**, por exemplo, apresentada na figura a seguir, demandou uma leitura cuidadosa das cantigas estudadas, uma vez que se conservaram, na edição elaborada, todos os aspectos grafemáticos e vocabulares.

Figura 34 – Excerto do fólio F280vC2



Buscou-se também, na identificação dos verbos patentes no *corpus*, traçar um contraponto entre a perda de informações que estão no radical (no léxico) e a manutenção de informações morfológicas. Formas como **maer**, **gaar**, **emparar**, entre outras, caíram em completo desuso no português atual e, por essa razão, a recuperação da informação semântica reclama um cuidadoso trabalho interpretativo.

Além disso, a frequência de alguns itens foi um dos fatores que dificultaram a sistematização dessas formas. Alguns verbos ocorreram apenas uma vez, no infinitivo,

como o verbo **ambrar**, e como é comum à poesia, não é possível recuperar com segurança o seu sentido com base em apenas uma ocorrência.

Adotaram-se, então, estratégias remissivas, relacionando os verbos a partir dos seus traços significativos, como ilustrado na figura a seguir:

Figura 35 – Excerto do Glossário

→ **andar** - v. (< lat. *\*ambitare*)<sup>m</sup>. →  
**ambrar** 'dar passos'; 'caminhar';  
'sentir-se ou viver em  
determinada condição'. || INF  
[xvi/cbnp/143.36rc1.1-10]: E as  
iornadas sei eu bem | comolhi eiry  
oy falar diz *que* podir | quẽ bem  
**andar** de belfurada santarẽ | Sen  
outro dia madurgar eir anoguey |  
rol iã tar emaer a *Jherusalem*. ||  
IP1 [xvi/cbnp/142.35vc2.1-3]: Oy  
eu donas en celladas | que ia  
senpre seruirey | por *que ando*  
namorado | *pero* nõ uolas direy |  
cõ pauor *que* delas ey | Asy mhã  
la castigado. IP3  
[xvi/cbnp/106.27vc1.1-4]: Huã  
donzela quig eu muy gran bẽ |  
Meus Amigos Assy *deus* me  
*perdom* | eora ia este meu coraçõ |  
**Anda** *perduto* e fora desem | por  
hũa dona seme valha *deus* | que  
depoys uiro estes olhes *meus* | que  
mha semelha mui mays doutra itẽ.  
|| IPP3 [xvi/cbnp/143.36rc.1.1-18]

Como nem sempre foi possível recuperar, com base em uma única ocorrência, o sentido do verbo, adotou-se, nesses casos especificamente, a solução do trabalho lexicográfico mais recente dessas cantigas, como o exemplo do verbo **arar**, definido por Lopes (2011-), como 'esforçar-se em vão', não comportando o significado de 'sulcar'; 'cultivar a terra', conforme o uso no português atual<sup>737</sup>.

Por questões de métrica, na poesia, às vezes, há o apagamento do morfema número-pessoa e nas ocorrências em que a informação morfológica não é mantida, como em um dos

exemplos da primeira pessoa do Presente do Indicativo do verbo **entender**, no qual só é possível reconhecer esse morfema pelo contexto ou pela explicitação do sujeito.

Figura 36 – Excerto do Glossário

**entender** ~ **entēd[er]** – v. (< lat. *intendere*)<sup>g</sup> ‘compreender’; ‘perceber’. || INF [xvi/cbnp/1312.280vc2.1-7]: Ruy goucaluys *pero uos Agraece* | Por que uos toanou em uoso cantar | Iohanne anes uegeu el *queyxar* | De qual deosto lhy deuos eecrece | hu lly fostes *trobar de mal dizes* | Em tal guysa *queue* bem pode **entender** | *Quen quer omal que alho parece*. || IP1 [xvi/cbnp/474.105rc2.1-2]: Don meendo don meendo | Por *queutora* eu **entendo** | *quem* leua obayō nō leixa a Sela. [xvi/cbnp/223.60vc1.1-16]: Aynda uos del direy *outra* iren | Poys quanto ben Auia me tolhe | E *quantel* senpre no mundentēdeu | *deque* eu muy grã pesar prenderia | per bōa ffe daly mho fez *prender* | Por esto nē *quereu* per el *creer* | e quanto perel *criue* fiz *folia*. IP5 [xvi/cbnp/416.92vc1.1-22]: Afonso sanchez pois nō **entendedes** | *equal* guysauos en fuy *rresponder* | A mī emculpa nō deuē poer | mais auos seo saber nō *podedes* | eu trobo pola *que* mē poder tem | euēce tadas *deparecer* bem | pois uuahē amō como *dizedes*. || IPP1 [xvi/cbnp/484.108rc1.1-7]: Hua uos *comecastes* **entendi** | *Bē* que nō era de *deus* *aquel* *ssom* | Caos pontos del no meu coraçō | *sse* *fficarã* de *guisa* que *loguy* | *cuidey* morrer e *dixassy* | *deus* *senhor*.

Houve também verbos que ocorreram apenas uma vez em uma forma finita, como o verbo **faronei[ar]** que só ocorre no Presente do Indicativo e não está registrado nos dicionários etimológicos, nem latinos, consultados. Há, no entanto, a possibilidade interpretativa de aproximá-lo do verbo **farejar** que não ocorre no *corpus*, mas tem um amplo uso nas variantes lusófonas. Veja-se a imagem abaixo:

Figura 37: Excerto do Glossário

**faronei[ar]** – v. (etimologia obscura. Talvez de *faro*)<sup>m</sup> ‘intuir?’. || IP3 [xvi/cbnp/494.110rc2.1-4]: O que foy *passar* a Serra | e nō quis *sseruir* aterra | e ora entrara guerra | que **faroneia** | pois el ago *ratan* muito erra | mal dito *seia*.

Em alguns desses casos em que não houve mais de uma ocorrência não foi possível ter segurança acerca do registro do item lexical, e, por respeito à história, o verbo não foi inserido na nomenclatura do glossário, uma vez que pode ter-se perdido nos emaranhados dos usos no decorrer dos tempos. Como ocorreu, na cantiga de número 461, na qual houve

<sup>737</sup> Cf. Glossário.

a possibilidade do verbo *liar*, oriundo do latim *ligare*, correspondente a ‘ligar’. Veja-se a figura a seguir:

Figura 38 – Excerto da cantiga de nº 461

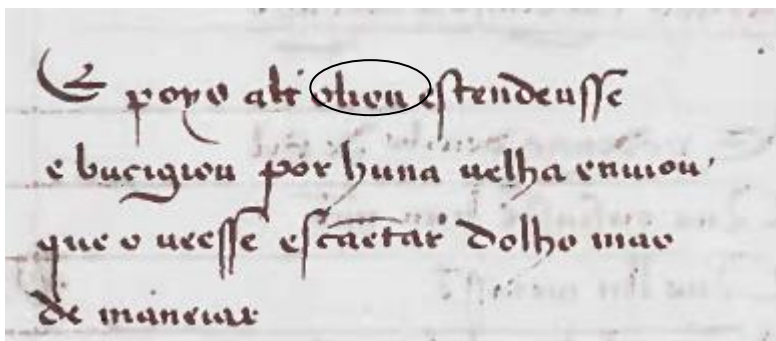


Figura 39 – Transcrição do excerto da cantiga de nº 461

11. E poyos alt oliou estendeusse
12. e bucigiou por huna uelha enuiou
13. que o ueesse escaetar dolho mao
14. de maneuar

No entanto, observando a distribuição da ocorrência, verificou-se que com o item **alt**, como antecedente, a forma **liou** não faz sentido algum. Aventou-se a possibilidade de leitura da forma verbal **altoliou**, próxima da expressão verbal **alto olhar**, na qual **alto** tem o significado de ‘profundamente’. Suspeitou-se ainda que poderia ser um tipo de estrutura que se combinasse com os verbos, tal como **ante-**, resultando em **anteolhar**, como no verbo **antreolhar**, hipóteses que, como mencionado, não puderam ser confirmadas com os dados disponíveis.

O mesmo ocorre com a forma **peca** no trecho apresentado nas figuras a seguir:

Figura 40: Excerto da cantiga de nº 922

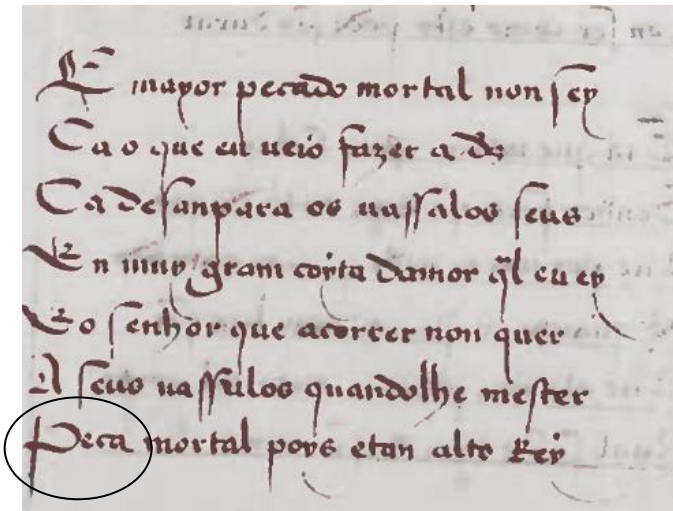


Figura 41: Transcrição do excerto da cantiga de nº 922

8. E mayor pecado mortal non sey
9. Ca o que eu ueio fazer a deus
10. Ca desenpara os uassalos seus
11. En muy gram coyta damor qual eu ey
12. E o senhor que acorer non quer
13. A seus uassalos quando lhe mester
14. Peca mortal poys e tan alto Rey

Ainda que possa se tratar de um provável erro de cópia ou solução para a questão de rima, a incerteza sobre o item inviabiliza o registro lexicográfico dessa unidade.

Na cantiga de número 613, no entanto, observa-se a forma verbal **especa**, provavelmente, a terceira pessoa do Indicativo do verbo **especar** talvez seja oriundo do latim *pettiam*, o qual, por sua vez, vem do celta, *pettia*, que corresponde a ‘pedaço’ e, possivelmente, pode ser definido como ‘despeçar’, significação que parece adequada para a única ocorrência do verbo identificada no *corpus*, ilustrada na figura a seguir:

Figura 42: Excerto da cantiga de nº 613

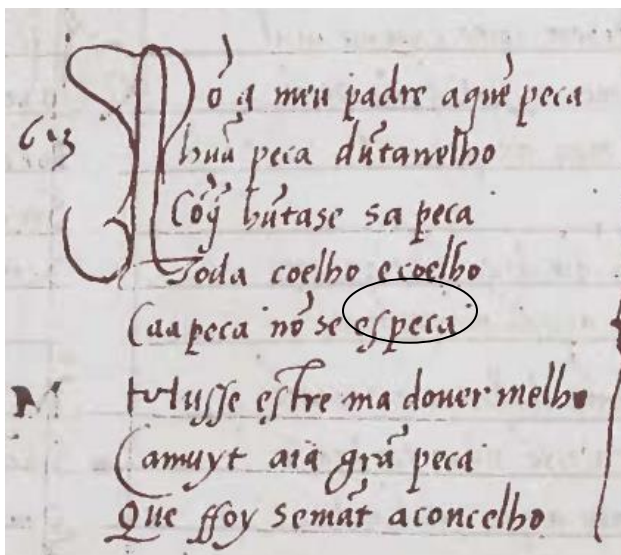


Figura 43: Excerto da cantiga de nº 613

1. Nõ a meu padre aquẽ peca
2. hũa peca dũtanelho
3. Cõ que hũtase sa peca
4. Toda coelho e coelho
5. Caa peca nõ se especa
6. Husse estre ma douer melho

Do mesmo modo, como demonstrado na figura apresentada a seguir, verifica-se a ocorrência singular da variante da primeira pessoa do Pretérito Perfeito do Indicativo do verbo **quedar** grafada com o que parece corresponder à oclusiva velar sonora (g), registrada na nomenclatura do Glossário construído:

Figura 44 – Excerto da cantiga de nº 1318

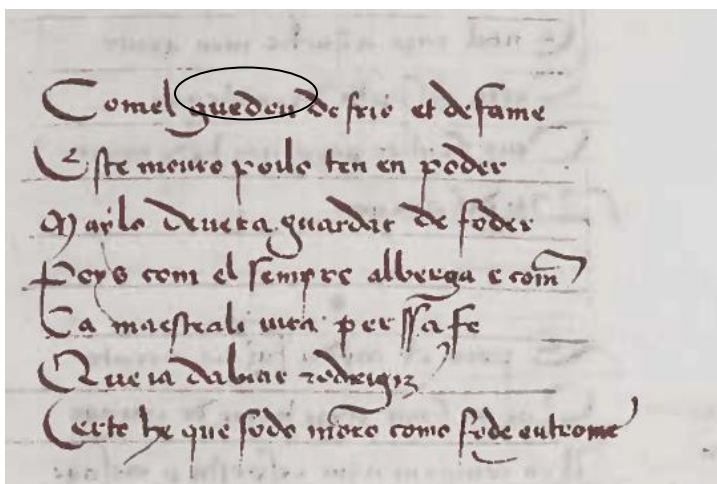


Figura 45 – Excerto da cantiga de nº 1318

8. Comel guedou de frio et de fame
9. Este mouro poilo ten en poder
10. Maylo deuera guardar de foder
11. Poys com el sempre alberga e come
12. Ca maestrals uira per ssa fe
13. Que ia daluar rodrigiz
14. Certe he que fode moro como fode outromẽ

Nesse sentido, destaca-se que, em algumas ocorrências, como a do verbo **faronejar**, citados acima, foi necessário um longo tempo para investigar a origem e a natureza das unidades identificadas em contextos obtusos.

No decorrer da investigação etimológica, observou-se que alguns verbos, como **apalpar**, **aprazer** oriundos dos étimos latinos *palpare*, *placere*, mantiveram o sentido original de ‘acariciar’, ‘agradar’, respectivamente, agregando, em seus usos, uma prótese, que, já no período do registro das cantigas ocorre no verbo **apalpar** e só posteriormente o **a-** não etimológico é inserido à unidade.

Muitos verbos, conforme previsto, caíram em total desuso e só puderam ser registrados por meio do trabalho de natureza histórica que tem sido elaborado há décadas e pela criteriosa leitura dos contextos disponíveis. Verbos como **chufar**, **maer**, com o sentido de ‘zombar’;



‘pernoitar’; respectivamente, presentes no *corpus* selecionado, caíram em total desuso e já não podem ser reconhecidos como unidades da língua pelo falante contemporâneo.

Dentre as “confusões” morfológicas dos verbos, assinala-se que Lopes, possivelmente, centrada na forma latina *pedere*, sugere que a forma *pea* seja a terceira pessoa do Indicativo Presente do verbo **peer**, o que parece um equívoco, visto que verbos com tema da segunda conjugação não faziam (nem fazem) formas finitas em –a, senão no Conjuntivo, não se podendo propor uma dissimilação ou um processo de dissimilação. Nesse sentido, revendo o posicionamento da autora, a pesquisa aqui realizada propõe que a unidade verbal seja originada de um processo morfológico, no qual a partir da junção do substantivo com o sufixo *-ar* tem-se o verbo, ou seja, **peio** que vai dar **peido** (*peditum*), por recuperação erudita.

A morfologia verbal do português arcaico relacionada aos verbos permite que ainda que se conheçam construções formulares como a apontada no verbete abaixo relacionada ao verbo **perdoar**:

Figura 46 – Excerto do Glossário

**perdoar** – v. (< lat. *perdonare*)<sup>E</sup> ‘remir de pena, de ofensa ou de dívida’. || IP3/CP3 [xvi/cbnp/106.27vc1.1-2]: Huã donzela quig eu muy gran bẽ | Meus Amigos Assy deus me **perdom** | eora ia este meu coraçõ | Anda **perduto** e fora **desem** | por hũa dona **sem** valha **deus** | que **depovs** uiro estes olhes **meus** | que **mha** **semelha** mui **mavs** **doutra** itẽ. [xvi/cbnp/886.187vc2.1-19]: De **profacar** as **gẽtes** **sandias** | nõ **auedes** **porquẽuos** **embargar** | nõ **por que** **filhardes** **ẽ** uos **pesar** | **cao** nõ **dizẽ** **senõ** **cõ** **perfia** **dizedemora** | se **deus** uos **perdom** **quanto** **nacestes** uos | Anta **sazon** **que** em **car** nõ **deus** **ẽ** **santa** | **Maria**. || CPI3 [xvi/cbnp/471.104vc1.1-1]: Por que **lhy** **rogaua** **que** **perdoasse** | Pero **danbroa** **que** o **non** **matasse** | **Nen** **fosse** **contra** **el** **desmesurada** | E **dissela** **por** **deus** nõ **me** **roguedes** | Ca **direyuos** **de** **min** o **que** y **entendo** | Se **hũa** **uez** **assanhar** **me** **fazedes** | **Saberedes** **quaes** **peras** eu **uendo**.

Para o leitor desavisado, ao observar a forma **perdom**, nas abonações registradas no verbete, a identificação imediata é de se tratar de um substantivo não encontrando uma lógica para justificar esse formato numa estrutura verbal. Ademais, essa forma não permite a identificação inequívoca a que tempo ou modo verbal se refere a forma **perdom** indicada, pois como tem indicado a história tanto pode ser indicativo ou conjuntivo, por essa razão, registrou-se as duas possibilidades no primeiro exemplo do verbo **perdoar**.

Verbos como **perdoar**, **perfazer**, provenientes dos verbos latinos *perdonare* e *perficere*, respectivamente, são formados com o prefixo *per-* que adiciona o sentido de ‘por completo’, muito produtivo no latim, mas que se tornou opaco, ao longo do tempo, deixando de ser reconhecido como afixo e passando a integrar o radical de algumas unidades.

A especialização semântica de alguns verbos também foi um dado importante observado na pesquisa de cunho lexicográfico, como verificou nas ocorrências do verbo **pesar** – forma divergente do verbo **pensar** –, embora ainda fosse possível empregar o sentido etimológico de ‘ponderar’, ‘refletir’, nas cantigas consta apenas o sentido de ‘causar sentimento de tristeza ou dor’, conforme ilustrado no excerto a seguir:

Figura 47 – Excerto da cantiga de nº 495

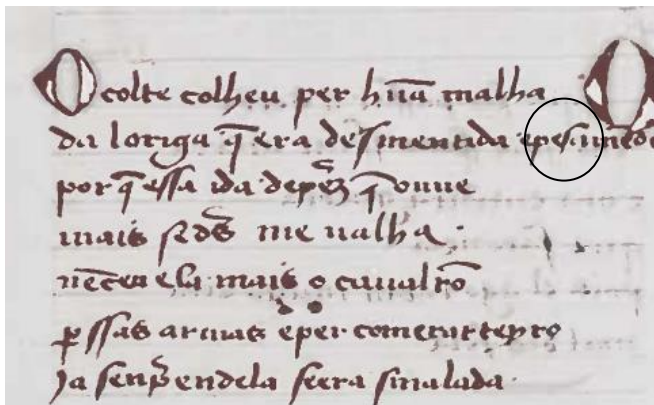


Figura 48 – Transcrição do excerto da cantiga de nº 495

8. Ocolte colheu per hũa malha
9. da loriga *que* era desuencida *epesamêde*
10. por *que* essa ida deprez *que* ouue
11. mais se *deus* me ualha
12. uêceu ela mais o caualeiro
13. per ssas armas e per comerarteyro
14. ja seprendela seera sinalada

Outro verbo que também teve seu uso especializado no decorrer do tempo foi **jazer**, o qual ainda nas cantigas permite o amplo traço significativo de ‘estar deitado’, apresentado diversas formas finitas como a terceira pessoa do Futuro do Conjuntivo, **iouuer (jouuer)**, identificada a partir do contraponto com a forma **trouuer**, do verbo **trazer**.

No testemunho escolhido se podem ratificar os caminhos da mudança linguística. A ocorrência da forma **madurgar**, por exemplo, sugere que houve uma metátese, fenômeno muito frequente na constituição histórica da língua portuguesa, na transmissão do verbo **madrugar**, conforme sinalizado na figura a seguir:

Figura 49 – Excerto da cantiga de n° 143

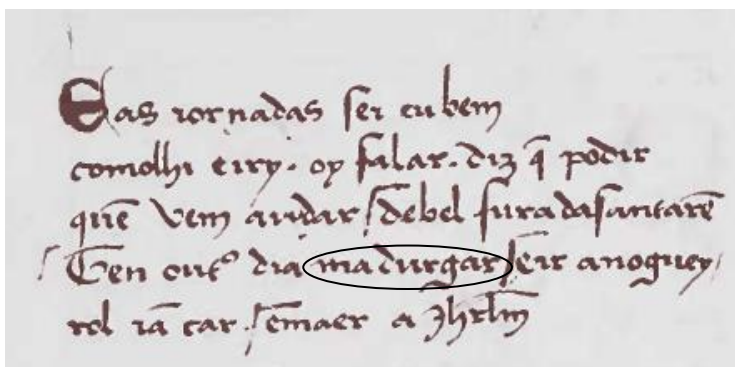


Figura 50 – Transcrição do excerto da cantiga de n° 143

8. E as iornadas sei eu bem
9. comolhi eiry oy falar diz *que* poder
10. quẽ bem andar de belfurada santarẽ
11. Sen outro dia madurgar eir anoguey
12. rol iã tar em aer a Jherusalem

No caso do verbo **preçar** esse parece testemunhar os caminhos da mudança em que o *-ti-* latino que, nesse período, apresenta-se provavelmente como sibilante surda, provavelmente como africada surda, a estilo de *palatium* > *paaço* > *paço*, que como se sabe vai na língua portuguesa se solidificar como uma pré-dorso-dental sonora, no formato ortográfico que se reconhece hoje como <prezar>.

A locução verbo-nominal *parar mentes* no sentido de ‘reparar’, ‘observar detidamente’, em clara exposição de um processo de gramaticalização em curso, bastante solidificado no final do século XIV, conforme registra Machado Filho (2018, a sair), tendo identificado a expressão, em seu trabalho, não só no Infinitivo, como no Indicativo e, sobretudo, no Conjuntivo e no Imperativo, não foi lematizada, optando-se por lematizar o verbo por não ter indícios de que era uma unidade lexical ainda em processo de gramaticalização, como é possível observar nas figuras abaixo, sobretudo, por exibir distribuição morfossintática diferente, com o elemento *mentes*, antecedendo o verbo.

Figura 51 – Excerto da cantiga de nº 488

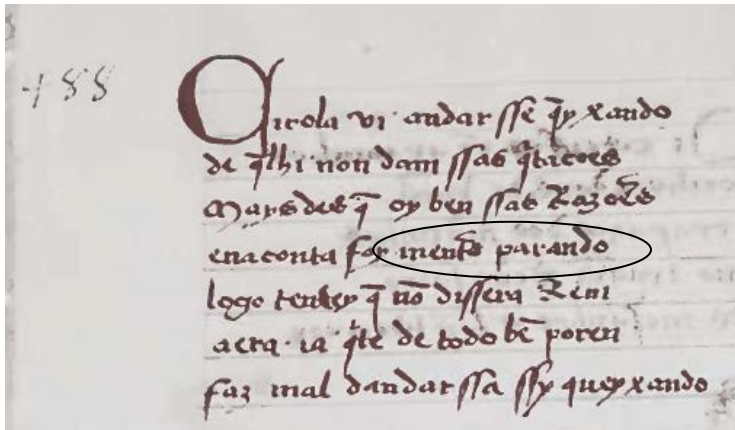


Figura 52 – Transcrição do excerto da cantiga de nº 488

1. Citola vi andar sse quey xando
2. de quelhi non dam ssas quitacoes
3. Mays des que oy ben ssas Razoes
4. enaconta foey mentes parando
5. logo tentey que nō dissera Rem
6. aera ia quite de todo bē poren
7. faz mal dandar ssa sse queyxando

Sobre a expressão paramentes, questiona-se se nessa altura já se poderia afirmar que, por se tratar de uma poesia, ter-se-ia optado por uma inversão sintática por questões de rima?

Interessante ainda notar que, como “não só de verbo faz-se a pesquisa”, parodiando o conhecido texto bíblico, assim, embora seja um trabalho de natureza verbal, outras importantes descobertas evidenciaram-se na pesquisa, como unidades latinas que não vingaram no português, caso do advérbio *eiry*, por exemplo, procedente do advérbio latino *heri*, que correspondia a ‘ontem’, como se pode constatar na figura a seguir:

Figura 53 – Excerto da cantiga de nº 143

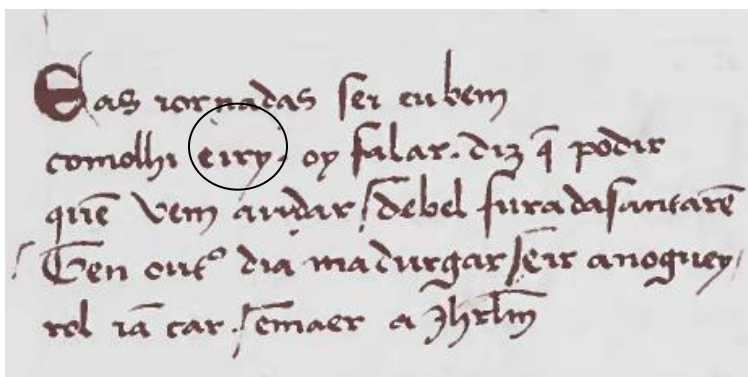


Figura 54 – Transcrição do excerto da cantiga de nº 143

8. E as iornadas sei eu bem
9. comolhi eiry oy falar diz que podir
10. quē bem andar de belfurada santarē
11. Sen outro dia madurgar eir anoguey
12. rol iã tar em aer a Jherusalem

Na cantiga de número 886, percebeu-se o seguinte trecho:

Figura 55 – Excerto da cantiga de nº 886

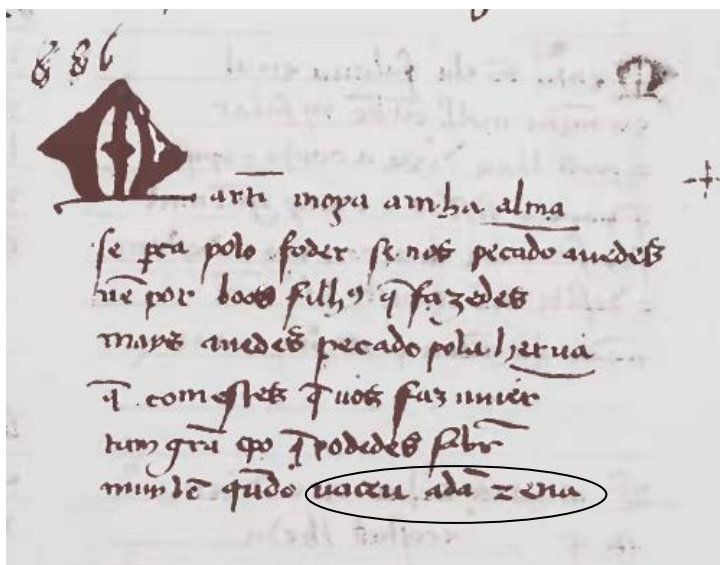


Figura 56 – Transcrição do excerto da cantiga de nº 886

1. Martī moya a mha alma
2. se perca polo foder se uos pecado auedes
3. nẽ por boos filhos *que* fazedes
4. mays auedes pecado pola herua
5. *que* comestes *que* uos faz uiuer
6. tam grã *tempo que* podedes saber
7. muy bẽ *quando* naceu adã e eua

Como se sabe, um dos fenômenos mais utilizados para demonstrar as diferenças as diferenças entre o PB e PE tem sido a questão da concordância, sobretudo, entre o sintagma nominal e o sintagma verbal. Toda bibliografia relacionada ao PB, traz esse dado como um fenômeno interessante, chegando mesmo a indicá-lo como prova para uma possível crioulização prévia do PB. Entretanto, Naro e Scherre, em diversos trabalhos, já haviam indicado ser a falta de concordância fruto de uma deriva secular de ordem mesmo pré-românica. Dito isso, comprova-se a leitura desse *corpus* elaborada realidades como: na cantiga 886. É claro que embora exista ai uma posposição de sujeito composto o que de certa forma favorece a falta de concordância ela não pode ser ignorada pela história<sup>738</sup>.

Nota-se, assim, que não só é proveitoso o caráter inusitado dos elementos lexicais e morfológicos patentes no *corpus*, mas o fato de haver nesses dados fenômenos interessantes para a discussão do Português Brasileiro.

<sup>738</sup> Para um amplo conhecimento da questão, cf. o trabalho elaborado por Lins (2009).

Mapeia-se também, entre os fenômenos observados, as abundantes ocorrências da expressão *el rey ~ al Rey*, uso linguístico que constituiu um dos aspectos que levantou suspeitas sobre a veracidade do *Testamento de Afonso II*, especificamente, do testemunho de Braga que se encontra em Lisboa, o que torna curioso ver que em um documento que possivelmente representa a língua do século XIII, há muitas ocorrências.

Por fim, vale registrar que sobre os étimos encontrados, como é comum a todas as línguas românicas, predominou o registro de itens oriundos de étimos latinos, como por exemplo, os verbos **abrir, acaecer, achar, acorrer, bater, batizar, caber, calar, castigar, dar, descer, deitar** etc. Também foram encontrados elementos de origem provençal, muito frequentes nas cantigas pela sua tradição, como apresentado no primeiro capítulo, tais como: **abergar, baratar, coitar, cousir, esgremir e pelejar**.

De acordo com os dicionários consultados, muitos verbos são provenientes de derivação morfológica, e, em apenas, alguns casos, são sinalizados os étimos de seus constituintes, como se pode observar nos verbos: **acomendar, agulhar, ajeitar, esfriar** etc.

Inscrita em uma reflexão maior acerca do léxico, sua unidade de comportamento e seus desdobramentos teóricos, tencionou-se também no desenvolvimento desta pesquisa, postular possibilidades teóricas e metodológicas para a Lexicografia Histórica.

Finalmente, com a seleção do *corpus* analisado, validam-se as contribuições para o estudo linguístico desses textos poéticos medievais, em perspectiva histórica, para a pesquisa sobre o passado da língua portuguesa.

## REFERÊNCIAS

AGUALUSA, *O vendedor de passados*. Portugal: Quetzal, 2017.

AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. Tradução José Paulo Paes. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

BREA, Mercedes (coord.). *Lírica Profana Galego-Portuguesa* (MedDB). Santiago de Compostela: Centro Ramón Piñeiro, Xunta de Galicia. Base de dados disponível online, 1996.

BELTRAN, Vicenç. “Lopo Liáns, em cas da Ifante”, in *Medievalismo en Extremadura - Estudios sobre Literatura y Cultura Hispánicas de la Edad Media*, Cáceres, Universidad de Extremadura, 2009.

\_\_\_\_\_. “La Leonoreta del Amadís”, in *Actas del I Congreso de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval*: Santiago de Compostela, 1985, Ed. Vicenç Beltrán. Barcelona: PUP, 1988, e “Temas e tipos trovadorescos. Leonoreta, fin roseta, la corte poetica de Alfonso X y el origen del Amadís”, in *Actas del X Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas*, Barcelona 1989. Barcelona: PPU, 1992, artigos retomados em *Poética, poesia y sociedad en la lírica medieval*, Verba, Anexo 59, Universidade de Santiago de Compostela, 2007, p. 119-142.

\_\_\_\_\_. *La corte de Babel. Lenguas, poética y política en la España del siglo XIII*. Madrid: Bredos, 2005.

\_\_\_\_\_. “El Rey Sábio y los nobles rebeldes”, in *Atas do III Encontro Internacional de Estudos Medievais da ABREM*. Rio de Janeiro: Ed. Ágora da Ilha, 2001, p. 31-58.

\_\_\_\_\_. “Tipos e temas trovadorescos, XV. Johan Soarez Coelho y el ama de don Denis”. *Bulletin of Hispanic Studies*, 1998, p. 75, 13-43.

\_\_\_\_\_. “A alba de Nuno Fernandez Torneol”. *Revista galega de ensino*, 17, 1997, p. 89-109.

\_\_\_\_\_. Tipos y temas trovadorescos. VIII. Datos para la biografía de Pero Mafaldo, in *Actas do IV Congresso da Associação Hispânica de Literatura Medieval*, IV. Lisboa: Cosmos, 1993, p. 345-352.

BORGES, Rosa; SANTOS, Risonete Batista; SOUZA, Arivaldo Sacramento. *Filologia e Edição de Texto*. Edição de Texto e Crítica Filológica. 1ed. Salvador: Quarteto, 2012, v. 1, p. 15-59.

CALUWE; Joan de; TAELEDMAN, Joan. *Morfology in dictionaries. Practical Guide to Lexicography*, 2003.

CAMBRAIA, César Nadelli. *Introdução à Crítica Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CANCIONEIRO da Ajuda (1994). Edição fac-similada do códice existente na Biblioteca da Ajuda. Lisboa: Távola Redonda/Instituto Português do Patrimônio Arquitetónico e Arqueológico/Biblioteca da Ajuda.

CANCIONEIRO, da Biblioteca Nacional (Colocci-Brancuti) Cód. 10991. Reprodução fac-similada com apresentação de Lindley F. Cintra. Lisboa: Biblioteca Nacional/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982.

CANCIONEIRO Português da Biblioteca Vaticana (Cód. 4803) (1973). Rep. fac-similada com introdução de Luís F. Lindley Cintra. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos/Instituto de Alta Cultura.

CARTER, Henry H. (Ed.) (1941). *Cancioneiro da Ajuda; a diplomatic edition*. New York: Modern Language Association of American.

CARVALHO, Maria José Simões Pereira de. (tese) *Documentação medieval do Mosteiro de Alcobaça (sécs. XIII – XVI). Edição e estudo linguístico*. 2006.

CASTRO, Ivo. *Curso de História da Língua portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

COSTA, Avelino de Jesus da. Os mais antigos documentos escritos em português; revisão de um problema histórico linguístico. *Revista Portuguesa de História*, Coimbra, 17: 263-340, 1979.

CUNHA, Celso. *O cancioneiro de Joan Zorro. Aspectos lingüísticos. Texto crítico. Glossário*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1949.

\_\_\_\_\_. *O cancioneiro de Paay Gómez Charinho*, in Gonçalves, Elsa (ed.), *Cancioneiros dos trovadores do mar*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1999 (1945).

D'HEUR, Jean-Marie. "L'Art de Trouver du chansonnier Colocci-Brancuti. Édition et analyse", in *Arquivos do Centro Cultural Português*, IX. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1975a, p. 321-398.

\_\_\_\_\_. *Recherches internes sur la lyrique amoureuse des troubadours Galiciens-Portugais (XIIIe-XIVe siècles)*. Liège: Faculté de Philosophie et Lettres, 1975b.

\_\_\_\_\_. *Troubadours d'oc et troubadours galicien-portugais*. Paris: Fundação Caloute Gulbenkian - Centro Cultural Português. 1973.

FARACO, Carlos Alberto. *História sociopolítica da língua portuguesa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.



FERRARI, Anna. “Formazione e struttura del Canzoniere Portoghese della Biblioteca Nazionale di Lisbona (Cod. 10991: Colocci-Brancuti)”, in *Arquivos do Centro Cultural Português*, XIV, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1979.

FERREIRO, Manuel (dir.) (2018-). *Universo Cantigas. Edición crítica da poesía medieval galego-portuguesa*. Universidade da Coruña <<http://universocantigas.gal>> ISSN 2605-1273 [acesso em 30 de agosto de 2018].

\_\_\_\_\_. *Glosario da poesía medieval profana galego-portuguesa*. Universidade da Coruña. <<http://glossa.gal>>, ISSN 2386-8309 [data da última revisión: 24/06/2017], 2014-

GONÇALVES, Elsa. *La Tavola Colocciana. Autori Portughesi*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, Arquivos do Centro Cultural Português X, 1976, p. 387-448.

GONÇALVES, Elsa; RAMOS, Maria Ana. *A lírica galego-portuguesa (textos escolhidos)*. Lisboa: Editorial Comunicação, 1985.

LAGARES, Xoán Carlos. *Sobre a noção de galego-português*. Cadernos de Letras da UFF, v. 35, p. 61-82, 2008.

\_\_\_\_\_. Uma aproximação à língua das cantigas. *Revista Galega de Filoloxía*, v. 7, p. 95-116, 2006.

\_\_\_\_\_; MONTEAGUDO, Henrique (Orgs.). *Galego e Português Brasileiro: história, variação e mudança*. 1 ed. Niterói-Santiago: Editora da UFF-Universidade de Santiago de Compostela, 2012, v. 1.

LANCIANI, Giulia; TAVANI, Giuseppe. *As cantigas de escárnio*. Edicións xerais de Galícia, 1995.

LANCIANI, Giulia; TAVANI, Giuseppe (orgs.). *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 1993.

LAPA, Manuel Rodrigues. *Cantigas d'Escarnho e de Maldizer dos Cancioneiros Medievais Galego-Portugueses*, 2ª Edição. Vigo: Editorial Galaxia, 1970.

\_\_\_\_\_. *Cantigas d'Escarnho e de Maldizer dos Cancioneiros Medievais Galego-Portugueses*, Coimbra: Editorial Galaxia. Ed. crítica, 1965.

LINDEZA DIOGO, Américo António. *Lírica Galego-Portuguesa: Antologia*. Braga-Coimbra: Angelus Novus, 1998.

LOPES, Graça Videira; Ferreira, Manuel Pedro et al. (2011-), *Cantigas Medievais Galego Portuguesas [base de dados online]*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, FCSH/NOVA. [Consulta em 18/08/2018] Disponível em: <<http://cantigas.fcsh.unl.pt>>.

LOPES, Graça Videira; Ferreira, Manuel Pedro et al. (2011-), *Cantigas Medievais Galego Portuguesas [base de dados online]*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais,

FCSH/NOVA. [Consulta em 18 de setembro de 2018] Disponível em: <<http://cantigas.fcsh.unl.pt>>.

LOPES, Célia Regina dos Santos; MARCOTULIO, Leonardo; BASTOS, Mário Jorge; OLIVEIRA, Thiago Laurentino. *Olhares sobre o Português Medieval: filologia, história e língua*. 1 ed. Rio de Janeiro: Vermelho Marinho, 2017. v. 1. 336 p.

LORENTE, M. A lexicologia como ponto de encontro entre a gramática e a semântica. In: Isquierdo A, Krieger MG. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. 2. Campo Grande: Editora UFMS; 2004. p. 19-30.

LORENZO, Ramón. *Normas para a edição de textos medievais galegos*. In: *Actes du XVII<sup>e</sup> Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes* (Trier, 1986). Publiès par Dieter Kremer. Tübingen, Max Niemeyer Verlag. Tome VI: Section IX (“Critique textuelle et édition de textes”), 1998, p. 76-85.

\_\_\_\_\_. “Consideracións sobre as vocais nasais e o ditongo –ão en português”, *Homenagem a Joseph M. Piel por ocasião do seu 85 aniversário*, Tübingen, Max Niemeyer, 1988.

MACHADO, Elza Paxeco; MACHADO, José Pedro. *Cancioneiro da Biblioteca Nacional, antigo Colocci-Brancuti*, Lisboa, 1949 – 1964.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. *Diálogos de São Gregório: Edição e estudo de um manuscrito medieval português*. Salvador: EDUFBA, 2008.

\_\_\_\_\_. *Um flos sanctorum trecentista em português*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.

\_\_\_\_\_. *Lexicografia Histórica e Questões de Método*. In: LOBO... [et al.] Organizadoras. *Rosae: linguística histórica história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012. p.381-390.

\_\_\_\_\_. *Dicionário etimológico do português arcaico*. 1. ed. Salvador: Edufba, 2013.

MAIA, Clarinda de Azevedo. *História do galego-português: estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII até ao século XVI (com referência à situação do galego moderno)*. Coimbra: INIC. 1986.

\_\_\_\_\_. *Linguística Histórica e Filologia*. In: LOBO... [et al.] Organizadoras. *Rosae: linguística histórica história das línguas e outras histórias*. Salvador:EDUFBA, 2012. p.381-390. p. 533 – 542.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Estruturas Trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Salvador: EDUFBA, 2010.

\_\_\_\_\_. *Caminhos da Linguística Histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola, 2008.

\_\_\_\_\_. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

MARTINS, Ana Maria 1999. “Ainda ‘os mais antigos textos escritos em português’: documentos de 1175 a 1252“. In Isabel Hub Faria, org. Lindley Cintra: Homenagem ao Homem ao Mestre e ao Cidadão. Lisboa: Cosmos & Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 491-534.

MATTOSO, José Tengarrinha [et al] (Org.). *História de Portugal*. Bauru, São Paulo, SP: UNESP; Portugal, PO: Instituto Camões, 2000.

MEIER, Harri. A formação da língua portuguesa. In: *Ensaio de Filologia Românica*. Lisboa: Edição da Revista de Portugal, 1948, pp. 5-30.

\_\_\_\_\_. *A evolução do português dentro do quadro das línguas iberoromânicas. Biblos XVIII*. T. II, 1943, pp. 497-515.

MEIRELLES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1989.

MIRANDA, José Carlos Ribeiro. O galego-português e os seus detentores ao longo do século XIII, *e-Spania*, jun. 2012. URL: <http://journals.openedition.org/e-spania/21084>; Consultado em 05 de agosto de 2017.

MONTEAGUDO, Henrique. A Galiza e o espaço linguístico-cultural de expressão portuguesa. In: LOBO, Tânia; CARNEIRO, Zenaide; SOLEDADE, Juliana; ALMEIDA, Ariadne; RIBEIRO, Silvana (orgs.). *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 51-64.

NUNES, Borges. *Abreviatura Paleográficas Portuguesas*. Edições Cosmos, 2009.

OLIVEIRA, Antonio Resende de. *O trovador galego-português e o seu mundo*. Lisboa: Editorial Notícias, 2001.

\_\_\_\_\_. *Trobadores e Xogares*. Contexto histórico, Vigo, Edicións Xerais de Galicia, 1995.

\_\_\_\_\_. *Depois do espetáculo trovadoresco: estrutura dos cancioneiros peninsulares e as recolhas dos séculos XIII e XIV*. Lisboa: Colibri, 1994  
PRIEGO, Miguel Ángel Pérez. *La edición de textos*. Madrid: Editorial Síntesis, 1997.

SAMPAIO, Lisana Rodrigues Trindade. *Edições e estudo do Livro dos usos da Ordem de Cister, de 1415*. 1. ed. São Paulo: NEHiLP/FFLCH/USP, 2014.

SCHOLBERG, Kenneth R. *Sátira y invectiva en la España medieval*. Madrid: Gredos, 1975.

SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1986.

\_\_\_\_\_. *História da Língua Portuguesa*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

SOUZA, Risonete Batista. Dos cancioneiros miscelâneos aos Liederbücher: *problemas de edição da lírica profana galego-portuguesa*. In: Tania Lobo et al.. (Org.). ROSAE: linguística histórica e outras histórias. 1ª ed. Salvador: EDUFBA, 2012, v., p. 567-577.

SPINA, Segismundo. *A lírica trovadoresca*. São Paulo: Edusp, 1996.

\_\_\_\_\_. Introdução à edótica: crítica textual. SP: Cultrix/Edusp, 1977.

STEGAGNO PICCHIO, Luciana. "Os alhos verdes (Uma cantiga de escarnho de Johan de Gaya)", in *A lição do texto. Filologia e Literatura*. Lisboa: Edições 70, 1979.

\_\_\_\_\_. *Martin Moya. Le Poesie*. Roma, 1968.

TAVANI, Giuseppe. *Introdução à poesia medieval galego-portuguesa*. Editorial Caminho, SA, 2002.

\_\_\_\_\_. *A poesía de Airas Nunez*. Vigo: Editorial Galaxia, 1992.

\_\_\_\_\_. "Ainda sobre a tradição manuscrita", in *Ensaio Portugueses (retomado de Medioevo romanzo, VI, 1979)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988, p. 171-174.

\_\_\_\_\_. "Lourenço" in Lanciani, Giulia e Tavani, Giuseppe (org.), *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, Lisboa, Editorial Caminho, 1993.

TELLES, Célia Marques. Mudanças linguísticas e crítica textual. In: ALMEIDA, A. Ariadne Domnigues; SOUZA, Arivaldo Sacramento de; ALMEIDA, Isabela Santos de; SANTOS, Rosa Borges dos; DUARTE, Rosinês de Jesus (Org.) *Estudos filológicos: linguística românica e crítica textual*. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2016, v. 1, p. 21-52.

\_\_\_\_\_. *A Poesía Lírica Galego-Portuguesa*. Vigo: Editorial Galaxia, 1986.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. 2. ed. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins, 2007.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. *Glosas Marginais ao Cancioneiro Medieval Português* (trad. do texto de 1905). Coimbra: Acta Universitatis Conimbricensis, 2004.

\_\_\_\_\_. *Cancioneiro da Ajuda*, vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda (reimpressão da edição de Halle, 1904), 1990.

\_\_\_\_\_. *Cancioneiro da Ajuda*, vol. II. Lisboa: Imprensa nacional - Casa da Moeda (reimpressão da edição de Halle, 1904), 1990.

VIEIRA, Yara Frateschi. "Pai Soarez de Taveirós e Peire Raimón de Tolosa", in *Atas del VIII Congresso Internacional de la Asociacion Hispánica de Literatura Medieval*, Vol. 1, Santander, 2001, p.751-761.

\_\_\_\_\_. *En cas dona Maior. Os trovadores e a corte senhorial galega no século XIII*, Noia, Edicións Laiovento, 1999.

VIARO, Mário Eduardo. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários: uma pequena introdução à Lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.

\_\_\_\_\_. Questões de lexicografia pedagógica. In: XATARA, C.; BEVILACQUA, C. R.; HUMBLÉ, P. R. M. (Orgs.) *Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos*. São Paulo: Parábola, 2011. p. 103-113.